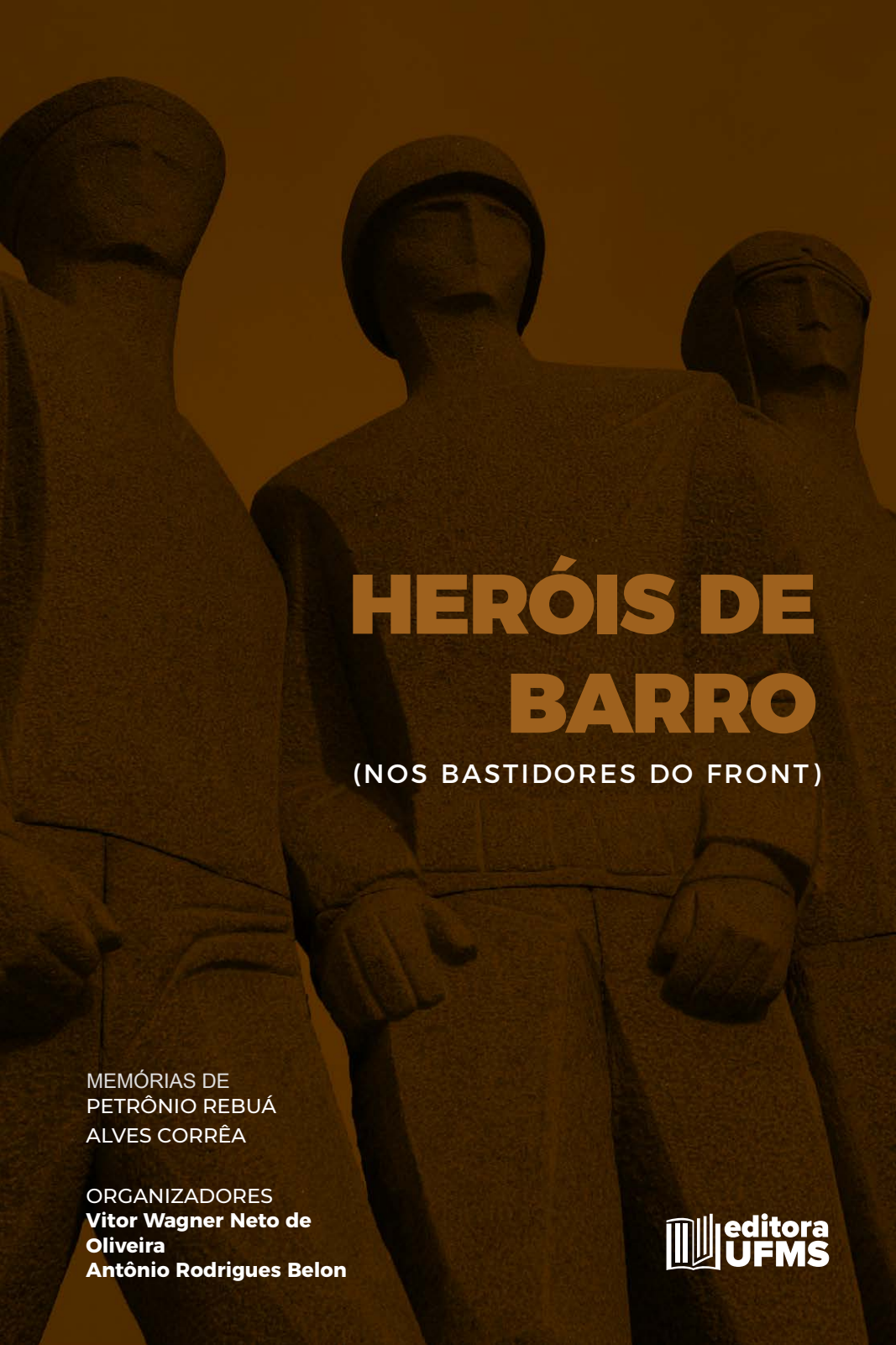

HERÓIS DE BARRO

(NOS BASTIDORES DO FRONT)

MEMÓRIAS DE
PETRÔNIO REBUÁ
ALVES CORRÊA

ORGANIZADORES
Vitor Wagner Neto de Oliveira
Antônio Rodrigues Belon

editora UFMS

HERÓIS DE BARRO

(NOS BASTIDORES DO FRONT)

editora UFMS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

Reitor
Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora
Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo
RESOLUÇÃO Nº 146-COED/AGECOM/UFMS,
DE 23 DE SETEMBRO DE 2022

Conselho Editorial
Rose Mara Pinheiro (presidente)
Adriane Angélica Farias Santos Lopes de Queiroz
Ana Rita Coimbra Mota-Castro
Andrés Batista Cheung
Alessandra Regina Borgo
Delasnieve Miranda Daspet de Souza
Elizabete Aparecida Marques
Geraldo Alves Damasceno Junior
Maria Lígia Rodrigues Macedo
William Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Diretoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Corrêa, Petrônio Rebuá Alves.
Heróis de barro [recurso eletrônico] : (nos bastidores do front) / [autor dos textos] Petrônio Rebuá Alves Corrêa ; organizadores, Vitor Wagner Neto de Oliveira, Antônio Rodrigues Belon. – Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2022.
796 p.

Dados de acesso: https://repositorio.ufms.br
Inclui bibliografias.
ISBN 978-65-89995-21-0

1. Guerra Mundial, 1939-1945 – Narrativas pessoais. 2. Ex-combatentes. 3. História militar. I. Corrêa, Petrônio Rebuá Alves. II. Oliveira, Vitor Wagner Neto de. III. Belon, Antônio Rodrigues.

CDD (23) 801.96

Bibliotecária responsável: Tânia Regina de Brito – CRB 1/2.395

ORGANIZADORES
Vitor Wagner Neto de Oliveira
Antônio Rodrigues Belon

HERÓIS DE BARRO
(NOS BASTIDORES DO FRONT)

Campo Grande - MS
2022

editora UFMS

© dos autores:

Vitor Wagner Neto de Oliveira
Antônio Rodrigues Belon

1ª edição: 2022

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica
TIS Publicidade e Propaganda

Revisão
A revisão linguística e ortográfica
é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

Direitos exclusivos para esta edição

Secretaria da Editora UFMS - SEDIT/AGECOM/UFMS
Av. Costa e Silva, s/n° - Bairro Universitário
Campo Grande - MS, 79070-900
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Fone: (67) 3345-7203
e-mail: sedit.agecom@ufms.br

Editora associada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

ISBN: 978-65-89995-21-0
Versão digital: setembro de 2022

Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais. br.creativecommons.org

Figura 1 – Petrônio Rebuá Alves Corrêa (sentado com as pernas alongadas e cigarro na boca) e amigos de guarnição, em momento de folga na Itália, 1945

Fonte: Acervo Rebuá - Núcleo de Documentação Histórica Honório de Souza Carneiro (NDH/UFMS/CPTL)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – Vitor Oliveira e Antônio Belon 9

VIVA! SALVE! HOSANAS A UM MASTODONTE 33

CAPÍTULO I
BOI DE BOTAS NA FEB 35

CAPÍTULO II
“E A COBRA VAI FUMAR” 69

CAPÍTULO III
A SUCURI 106

CAPÍTULO IV
COISAS DE AMERICANOS 121

CAPÍTULO V
ABANDONAR O NAVIO 160

CAPÍTULO VI
A GUERRA DOS ELEMENTOS 170

CAPÍTULO VII
DESEMBARQUE 189

CAPÍTULO VIII
NOS PRADOS DE CAÇA DO REI 218

CAPÍTULO IX
PARA SEMPRE SEJA MALDITA 239

CAPÍTULO X
A LOUCA DE PISA 255

CAPÍTULO XI
BILA, A MENINA DOS PINHEIRAIS 278

CAPÍTULO XII
O SOLAR DAS CASTANHEIRAS 299

CAPÍTULO XIII
UM ANJO DE TRANÇAS LOIRAS 343

CAPÍTULO XIV
RESTOS DE GUERRA 379

CAPÍTULO XV
A CORÇA DOS PIEMONTES 436

CAPÍTULO XVI
ANGELO DE BAMBINI 455

CAPÍTULO XVII
O TRIBUNAL DO SILÊNCIO 469

CAPÍTULO XVIII
MEA CULPA 493

CAPÍTULO XIX
A MENINA DO LEITE 551

CAPÍTULO XX
NO VALE DO PÓ 600

CAPÍTULO XXI
ZORRO, O SEGREDO DE GUERRA.....652

CAPÍTULO XXII
YÉLIS, A BELA NORMALISTA.....693

CAPÍTULO XXIII
FILHOS VALENTES DE TRIBOS TUPIS.....736

CAPÍTULO XXIV
FRANCOLISE, A MALDIÇÃO HUMANA.....756

AVULSOS.....785

APRESENTAÇÃO

Vitor Oliveira
Antônio Belon

> Assim, seu Cabo, tem que ser todas as guerras, de todos os tempos, o resto é farofa de historiador sem ter o que fazer[1].
>
> Experimentava uma sensação de imenso cansaço ao verificar que todo esse tempo tão longo não só fora, sem interrupção, vivido, pensado, segregado por mim, era minha vida, era eu mesmo, como ainda o devia incessantemente manter preso a mim, pois me sustentava, eu me via jungido a seu cimo vertiginoso, não me podia locomover sem comigo o deslocar (PROUST, 1992, p. 291).

Muitos livros de memória de ex-combatentes brasileiros na Segunda Grande Guerra foram publicados desde o fim do conflito em 1945 (CARVALHO, 2009)[2]. Diversos trabalhos acadêmicos e textos jornalísticos sobre o tema também foram produzidos (FERRAZ, 2003). Passados 76 anos do fim da Guerra é possível ainda aparecer relatos que tragam novidades e permitam ampliar e aprofundar a análise da história da participação do Brasil no conflito mundial?

Diríamos que a publicação de novas fontes ou a releitura de fontes já publicadas e a retomada do debate são sempre necessários e se justificam por questões relacionadas à macro-história (complexidade de um conflito internacional generalizado que foi a Segunda Guerra, a forma em que se deu o envolvimento do Brasil, a história militar e o contexto político nacional de ditadura do Estado Novo) e à micro-história (a história

[1] Ver texto integral no Capítulo X desta obra, p. 263.

[2] Consultar também o Portal da Força Expedicionária Brasileira, disponível em: http://www.portalfeb.com.br/category/bibliografia/. Acesso em: 16 maio 2021.

dos que participaram direta ou indiretamente do conflito, e as relações humanas construídas e destruídas pela Guerra).

A publicação dos escritos inéditos de Petrônio Rebuá Alves Corrêa se justifica ainda pela novidade que traz na forma e no conteúdo, quando comparados com as memórias de expedicionários já publicadas. Os relatos que já vieram a público, escritos por ex-combatentes, têm algumas características em comum: ressaltam aspectos heroicos, destacam a tomada de Monte Castelo (até mesmo nos relatos daqueles que não participaram diretamente da batalha, mas que compartilham a memória social da Força Expedicionária Brasileira – FEB), por vezes narram acontecimentos pitorescos, estabelecem comparações entre as tropas brasileiras e estadunidenses, quando escritos por praças por vezes até tecem alguma crítica a aspectos do oficialato (FERRAZ; LOCASTRE, 2008).

A singularidade dos escritos de Rebuá (assim denominado nas fileiras do Exército e entre aqueles que o conheceram) se explica pela sua história de vida anterior e posterior à participação na Força Expedicionária Brasileira, período em que registra suas memórias. Quando Rebuá embarcou para a Itália, em 22 de setembro de 1944, tinha 29 anos (nasceu em 15 de agosto de 1915), morava na capital federal, cidade do Rio de Janeiro, no Largo do Machado, trabalhava na Polícia Federal e era cabo da reserva formado no Exército em Campo Grande-MT no ano de 1936. Rebuá não havia concluído o ensino médio, mas possuía certa formação intelectual adquirida pelo hábito da leitura, inserido em um universo de referências eruditas. Neste sentido, ele se diferenciava da maioria dos expedicionários com idade entre 19 e 28 anos, grande parte provindos da zona rural, analfabetos ou de baixa formação intelectual (MENDES, 1994).

No *front* era conhecido como Cabo Rebuá 721, I/1º, R.O.Au.R (Regimento de Obuses Auto-Rebocados) da 1ª Bateria e como cabo apontador de peça de artilharia era responsável por um pelotão de três soldados. A guarnição comandada pelo sargento Zadir era composta, além

de Rebuá, pelo cabo atirador Mineirinho, apontadores Meia-Um (Banguense, Carioca) e Garotão, carregadores Polaco (Gaúcho) e Campista, e municiadores Turquinho e Babá.

Quando do retorno da Itália, voltou a morar na sua cidade natal, Miranda, no Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), onde trabalhou na cerâmica de um tio e iniciou o registro escrito de suas memórias. Na mesma cidade casou-se pela primeira vez, com Lívia Passini com quem teve uma filha e iniciou o trabalho em escolas públicas, a convite de políticos locais. Em 1954, já na cidade de Poconé-MT, casou-se com a segunda esposa, Maria Augusta Leite com quem teve um filho e uma filha. A partir de então até a década de 1970 morou em diversas cidades de Mato Grosso, ocupando cargos em escolas públicas, tendo um breve interregno em que voltou à função de policial federal no Rio de Janeiro. Foi eleito o vereador mais votado da cidade de Poconé-MT, em 1966, pela UDN, único cargo eletivo que ocupou. Em 1967 mudou-se para Três Lagoas, onde morou até sua morte em 18 de julho de 2002. Nesta cidade trabalhou em diversas escolas públicas, concluiu o ensino médio (madureza) por volta de 1974 e em dezembro de 1976 colou grau em História na então Universidade do Estado de Mato Grosso, atual Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas.

Os escritos de Rebuá que o leitor conhecerá a seguir foram produzidos no seu retorno ao Brasil, posterior aos acontecimentos narrados, e essas intermitências temporais levam à definição do gênero de discurso como *memórias*. Não se trata de um diário de guerra, em que pese em alguns poucos momentos o autor registra o dia dos acontecimentos narrados, em forma cronológica[3]. Não encontramos indícios de que houve anotações no teatro de guerra na Itália que poderiam ter sido utilizadas

[3] Acerca das diferentes formas de produção das impressões de guerra, ver Ferraz e Locastre (2008).

posteriormente pelo autor para a construção do texto. A intenção de publicizar suas impressões, todavia, já estava presente com ele na Itália, como comprova uma carta rascunho de duas folhas encontrada no acervo de correspondências que Rebuá encaminhou para o Brasil. Neste rascunho, sem data mas que pelo conteúdo e pela localização no acervo indica se tratar de um escrito de junho de 1945 quando se encontrava no acampamento em Francolise, Rebuá faz críticas contundentes à situação dos soldados na Itália. Por isso mesmo a carta deve ter sido interrompida na condição de rascunho e, provavelmente, não fora de fato remetida pelo correio pois havia censura que não deixava passar essas impressões:

> Não, está muito ERRADO. Quando eu voltar para o Brasil, terei muito o que FALAR. Então, já teremos a LIBERDADE DA PALAVRA E DA IMPRENSA. Falarei, dias e dias, semanas e semanas, meses e meses, até que alguém me ouça. FALAREI, FALAREI...[4]

No capítulo XXII dos escritos Rebuá também dá indícios da intencionalidade de publicar suas memórias. O narrador, em diálogo com Zé-Conselheiro, discursa sobre a necessidade de tornar públicas suas impressões

> [Zé-Conselheiro] — Sabe? Estou me lembrando daquela conversa da guerra de 18... [...] Dos veteranos que conheciam as vergonhas da guerra... (Hip!)... da guerra que os generais teimam em fabricar e não deixam os livros publicarem as verdades.... [...] Eu tenho bem aqui, onde estou mostrando, um livro preparado para ser publicado quando nós voltarmos... (Hip!)... Já escrevi, de memória, diversos capítulos... [...] Este livro, os generais não vão proibir... (E balançava o dedinho magriça)... Ah! Isso é que não....

[4] REBUÁ, manuscrito. Acervo Petrônio Rebuá Alves Corrêa, sob a guarda do NDH/UFMS, cuja página virtual está disponível em: http://www.ndh.ufms.br/.

> — É isso mesmo, Dom Conselheiro nós precisamos escrever alguma coisa sobre essa porcaria de guerra... [...] Precisamos derrubar, de uma vez por todas, essa xaropada de falsos heróis que rolam por aí...[5]

No diálogo entre o narrador (Rebuá) e a personagem Zé-Conselheiro (alter ego criado por Rebuá) está a preocupação em publicar um livro de memórias. Zé-Conselheiro afirma que já tinha escrito diversos capítulos "na memória", ou seja, não estava registrado fisicamente. E seria um livro que os "generais" não proibiriam, demonstração de ciência do autor sobre o risco de censura. É um diálogo interessante: de projeção para um passado e que se projeta para o futuro (o autor escrevendo após a Guerra um diálogo que teria ocorrido no contexto do *front* e que discute a realização de uma ação no futuro – a publicação de um livro). A iniciativa de escrever, de documentar e publicizar suas experiências vai, nos seus significados, muito além de sua trajetória existencial. A sua perseverança de anos e anos de anotações indica uma consciência da necessidade de preservar e oferecer fontes para pesquisas futuras.

Essa pretensão de Rebuá se realiza 76 anos depois com a publicação de suas memórias sobre a participação na Guerra. Uma visão de mundo, da sociedade e do papel da transposição das experiências humanas para a escrita. Essas memórias – como é próprio do exercício de rememorar, especialmente as vivências traumáticas – se alteraram no decorrer do tempo a cada relembrar, e foram guiadas pela experiência de ex-combatente na interação e reinserção social na vida cotidiana no Brasil. Ao menos até a década de 1980 o autor revisitou os registros de memória, perceptível nas marcas de rasuras e alterações em folhas manuscritas e datilografadas. Passou os originais para sua tia Coryna Ferreira Rebuá, poetisa no Rio de Janeiro, que fez leitura e correções. Entre 1981 e 1983 publicou os oito

[5] Ver texto integral no Capítulo XXII desta obra, p. 701.

primeiros capítulos em colunas no jornal *Tempo*, de Três Lagoas-MS, e após a publicação fez mais alterações. Enfim, nesse exercício deliberado de retorno aos escritos originais em diversos tempos, as marcas deixadas nesses manuscritos são do rememorar constante e a cada momento sob o crivo de perspectivas diferentes, o que imprime às memórias de Rebuá singularidades e riqueza. Não há um retorno de Rebuá ao passado (simplificadamente, ninguém volta ao passado), mas um retorno constante às suas memórias escritas e não escritas, a partir de um presente, com projeção ao futuro, em perspectiva, operando com tempos distintos sem linearidade. É uma memória reconstruída, evocada e em interação com a memória coletiva (HALBWACHS, 1990).

São memórias crivadas de análise crítica das decisões governamentais e militares que envolveram o Brasil diretamente na Guerra (refletida na frase "A maldita guerra dos gringos" que o autor imprime toda vez que se refere à "guerra"), da hierarquia militar e da organização/despreparo do Exército Brasileiro (o exército de "Caxias", nas palavras do narrador). Trazem também um olhar aguçado sobre as mazelas e traumas entre a população civil e os praças brasileiros. Lembranças traumáticas, como a miséria, a fome, as mutilações e mortes entre os civis, bem como a neurose, a espera, o confinamento, a mutilação e a morte entre os militares brasileiros, são a base tanto da narrativa de Rebuá, como de outros ex-combatentes que publicaram registros de memórias. Uma das diferenças notadas nos escritos de Rebuá está na forma com que o autor se coloca nos acontecimentos narrados. No geral, nas memórias da participação do Brasil na Segunda Guerra os ex-combatentes se colocam como observadores quando de acontecimentos não dignificantes. Rebuá se coloca como partícipe, por vezes como protagonista. Por outro lado, utiliza-se de recursos narrativos para não explicitar a identidade de outros praças que aparecem em situações não dignificantes.

Isso é perceptível em um dos temas mais abordados por Rebuá: o sexo. O desejo e a excitação sexual dos jovens pracinhas estão desde o capítulo IV, "Coisas de americanos", quando narra a penosa viajem de travessia oceânica do Rio de Janeiro a Nápoles, no navio *General Meigs*, até o último capítulo denominado "Francolise, a maldição humana", como no trecho a seguir do capítulo intitulado "Para sempre seja maldita...":

> Nem as penumbras das catedrais seculares em seu misticismo, eram respeitadas pela soldadesca sedenta de sexo e amor! Em qualquer recanto escuro, em qualquer beco sombrio, em qualquer desvão encontrado, lá estava o animal fardado (que a pátria um dia cantaria hinos de louvores), lá estava um soldado atracado nos balanços do coito, com um corpo frágil e esquálido, que os restos da guerra abandonara nos braços de um pracinha carregado de luxúria![6]

O sexo na narrativa de Rebuá está quase sempre na combinação repressão-explosão. Jovens colocados, a maioria involuntariamente[7], na condição de soldados – em uma situação de estresse, de disciplina rígida, de confinamento em instalações quase sempre precárias e superlotadas, distantes da família, dos amigos, das amigas, impossibilitados de desenvolverem relações amorosas e limitados na libido – encontram nos poucos momentos de liberdade – quase sempre conquistados ilegalmente nas fugas da disciplina ou no uso da autoridade instituída pela condição privilegiada de soldado estrangeiro – lugar para irromper o que estava reprimido, geralmente na forma de explosão de sentidos, não raro resultando em violência sexual contra mulheres, adolescentes e crianças. E aqui é importante alertarmos para este conteúdo sensível, central na narrativa.

---

[6] Ver texto integral no Capítulo IX desta obra, p. 251.

[7] A maioria dos expedicionários foi constituída por jovens civis convocados, como o caso de Rebuá. Poucos foram os voluntários (FERRAZ, 2005).

Na história das guerras modernas, para além ou mais do que os feitos militares, estão as histórias das pessoas, das populações civis, e nessas a história das mulheres, crianças e idosos é algo central para compreendermos as ações de indivíduos, mas também a política dos estados nacionais representados por forças de ocupação ou de "libertação". As violências contra as populações civis, singularmente descritas por Rebuá[8], são parte das guerras e, mesmo que, na segunda metade do século XX, tenha passado a ser considerado crimes contra a humanidade, não há direito internacional que proteja as mulheres e crianças contra as diversas formas de violência, especialmente a sexual. No caso de tropas brasileiras, a FEB não foi a única a cometer esse tipo de crime. Em pleno século XXI a MINUSTAH (Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti), liderada pelo Brasil entre 2004 e 2017, cometeu diversos delitos de exploração e violência sexual contra mulheres e meninas haitianas (TOLEDO; BRAGA, 2020).

A violação sexual é parte das estratégias bélicas de submissão do outro. Não se trata de um ato patológico individual, mas expressa uma sociedade machista e misógina. Em contexto de guerras, é uma arma de imposição do poder de uma força armada para domínio de território, seja ao inimigo ou aos cidadãos que se pretende "libertar" do jugo de outra força. Na Itália no contexto da Segunda Guerra, a violência sexual foi cometida pelas tropas de ocupação nazista, pelas forças de defesa do Estado italiano contra as mulheres da resistência ao fascismo e pelas forças de resistência italiana, como os *partigiani*, por exemplo, que violentavam física e moralmente raspando a cabeça de mulheres italianas suspeitas de se relacionarem com soldados inimigos (MARTINI, 2013). As tropas aliadas em solo italiano também cometeram essas violências, e a Força Expedicionária Brasileira não esteve isenta disso.

[8] Como no seguinte trecho do capítulo XII desta obra, p. 308: "Numa trepadeira que a arte feminina transformara em roupa, o corpo da velha revolvia-se em aflições. Era a revolta antecipada de tudo e de todos que a guerra maldita lhe ensinara. Sua figura, outrora de um porte imponente, de senhora bem nutrida, estava dissecada pelo bisturi das misérias que a guerra opera nas mulheres e nas crianças".

A tipificação dessas violações como "crime de guerra" só se deu em órgãos internacionais após o fim da Primeira Grande Guerra (1914-1918), todavia o Tribunal de Nuremberg, formado após a Segunda Guerra para investigar e julgar os crimes de guerra cometidos pelas forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), não tipificou explicitamente o estupro e a violência sexual como crimes contra a humanidade. Somente nos anos 1990, diante dos conflitos do leste europeu e pela histórica pressão dos movimentos de lutas das mulheres, é que se avançou nos tribunais internacionais a discussão e tipificação da violência sexual como crime contra a humanidade ou crime de guerra (PASSOS; LOSURDO, 2017).

Internamente as forças nacionais em guerra têm códigos disciplinares e jurídico-militares que investigam e punem crimes cometidos por membros de suas fileiras. No caso da FEB implantou-se na Itália a Justiça Expedicionária responsável pela investigação e julgamento das denúncias de crimes cometidos por soldados e oficiais brasileiros. Conforme Luiz Laport (2016), os estupros e violências contra mulheres e crianças, cometidos por soldados brasileiros na Itália, foram correntes, mas poucos casos chegaram a ser denunciados e ou investigados pela Justiça Militar (cerca de 15 investigados e levados a julgamento). Mesmo assim, o Decreto nº 20.082 de 3 de dezembro de 1945 do governo federal indultou todos os oficiais e praças da FEB que cometeram crimes perante os inimigos ou no contexto de Guerra, com exceção dos casos de homicídio doloso (BRASIL, 1945). Mesmo os dois únicos soldados sentenciados à morte por homicídio e estupro, que tiveram suas penas transformadas por Getúlio Vargas em 30 anos de prisão, foram colocados em liberdade após seis anos de prisão (LAPORT, 2016).

Nos relatos de ex-combatentes e de oficiais da FEB é comum a narrativa de que a miséria acometida à população italiana, levou a certa decadência dos princípios morais: pais que prostituíam filhas; esposas que se prostituíam; adolescentes e crianças que se prostituíam em troca

de comida, por uma carteira de cigarros ou por um pedaço de chocolate. Portanto, era um aproveitar-se da miséria e da condição de superioridade como a força militar estrangeira e de homens fardados, para "comprar" sexo. Existiu, ainda, a exploração sexual de mulheres e meninas na Itália por parte de soldados brasileiros para auferir lucro, conforme o leitor e a leitora poderão perceber no relato de Rebuá. De qualquer forma, era violência contra mulheres e crianças, bem como a toda uma comunidade porque o ato violento não submete somente a vítima imediata (a mulher ou a criança), mas é causador de traumas e do terror que controla as vidas de uma coletividade.

O sexo nem sempre era "consentido" na forma de troca (prostituição). Muitas vezes, era forçado física e psicologicamente. Laport (2016, p. 158) identifica um *modus operandi* praticado pelos soldados brasileiros nos casos de violência sexual (um *modus* que aparece também na narrativa de Rebuá): "grupos de dois ou mais pracinhas, iam a uma casa armados, acuavam os presentes, se trancavam no quarto com a vítima e, enquanto um satisfazia sua lascívia, os outros ficavam de guarda, revezando até todos se satisfazerem".

Esse tipo de violência pouco aparece nos relatos dos ex-pracinhas e quando descritos, o narrador não se relaciona diretamente com o acontecimento, com a violência. Rebuá narra em primeira pessoa e em vários momentos é protagonista de relações de dominação contra mulheres e adolescentes. Provavelmente, com o tempo, após a Guerra, o autor passou a ter consciência diferente dos seus atos, e isso é possível perceber no texto. A habilidade demonstrada por Rebuá na construção narrativa apresenta o ato sexual "consentido" ou não como algo romanceado e inevitável no contexto da Guerra, todavia ao rememorar ele tem uma visão crítica, o que não o isenta, mas o coloca no conjunto daqueles que se aproveitaram das condições de miséria das comunidades em território italiano. A constatação de que o tema da violência sexual é presença constante

nas memórias de Rebuá leva à formulação da hipótese de que isso marcou profundamente a vida deste cabo da FEB. O capítulo que encerra o livro é indício forte disso: "Francolise, a maldição humana" não é o retorno das tropas ao Brasil, a festa da chegada e o abraço da família. Antes, é uma denúncia contundente das condições em que se encontravam as tropas, da hierarquia rígida e ineficiente, das condecorações desonrosas e da violência sexual contra meninas:

> Assim, chafurdavam no sangue de meninas que foram virgens, os famosos Heróis que a pátria lançara no lodo da vida.Heróis de Barro!
>
> ... de barro imundo! De barro podre! De barro infame!
>
> Heróis de Barro!
>
> O pior dos barros: DE BARRO HUMANO![9]

DO MANUSCRITO AO LIVRO "HERÓIS DE BARRO"

Em linhas gerais, os escritos originais intitulados "Heróis de Barro – nos bastidores do *front*" se apresentam de duas maneiras: em 323 folhas, organizadas em 24 capítulos, datilografadas e revistas por Rebuá quando do seu retorno do *front* de batalha (entre o final da década de 1940 e início da década 1980), e em colunas no jornal *Tempo* de Três Lagoas-MS entre os anos de 1981 e 1983. A publicação no jornal ocorreu somente até parte do capítulo oito.

O autor no interior de concepções e práticas individuais utiliza-se de diversos recursos textuais na construção da narrativa. Escrito em primeira pessoa, o texto estabelece um movimento constitutivo: transita entre o narrador-autor ou autor-narrador na primeira pessoa, por óbvio,

[9] Ver texto integral no Capítulo XXIV desta obra, p. 782.

e o deslocamento desta figura, desenhada em terceira pessoa, como uma personagem separada de quem narra. O narrador é marcado por apelidos diversos: Cabo Rebuá, Pantaneiro, Cabo-Capitão, Caporale, Castanha Seca, Cabo Namby e Boróro. Mostra tendências e inclinações literárias na criação da personagem ficcional Zé-Conselheiro: uma espécie de seu alter ego, ou seja, uma outra personificação do autor. Essa figura ficcional está presente em todos os capítulos e é bastante recorrente nos diálogos. Outra entidade a funcionar como uma personagem, configurando a consciência e os pensamentos de Rebuá, aparece menos constantemente no texto: os "botões" do narrador. As duas personagens (especialmente a primeira) configuram interiormente um conjunto de juízos de valor e compreensões de temas diversos, especialmente críticas à hierarquia militar e à Guerra. Os diálogos são travados entre o narrador, essas personagens ficcionais e os companheiros de Rebuá no front.

Nos diálogos o autor recorre a citações bíblicas e literárias, estas últimas com menos frequência. Além do diálogo entre personagens, tem poemas inéditos no meio ou ao final dos capítulos. Isso indica a tentativa de expressar e compreender, poeticamente, os temas e os assuntos, sempre vinculados aos estragos bélicos na vida humana em geral, maximamente na vida do povo italiano e dos soldados brasileiros. São 37 poemas, alguns com título, mas a maior parte sem título, e ainda uma cantiga.

Na concretização das concepções e práticas de linguagem, textuais e literárias de Rebuá, as ocorrências de metáforas, de analogias, de repetições de expressões e frases estilísticas, de usos individualizados são recursos bastante utilizados pelo autor. O uso da ficção como meio para narrar vivências reais chega ao ápice no capítulo XXI "Zorro, o segredo da guerra", quando o autor descreve o encontro com um jovem *partigiano* que o leva para conhecer um castelo medieval. Só ao final do capítulo percebe-se que se trata de um sonho de Rebuá, mesmo aí permanecendo para o autor a dúvida se foi real ou sonho. Com isso, Rebuá chama atenção para a neurose de guerra, assunto que se torna corrente a partir do capítulo XIV "Restos de guerra".

Conteúdo geral

Desde o primeiro capítulo, em que o autor aborda o momento em que fora convocado para a Guerra, quando morava no Rio de Janeiro, percebe-se uma crítica contumaz ao Exército brasileiro, especialmente em vista da hierarquia rígida e do despreparo dos oficiais. Evidentemente, a guerra em sua belicosidade mortífera predomina nas lembranças da personagem-narrador; no entanto, como já dito anteriormente nesta apresentação, o sexo, o desejo sexual do soldado no *front*, domina a consciência da aberração específica da violência contra as mulheres, as adolescentes e as crianças. A dimensão militar extrapola na semeadura do horror entre civis, particularmente, entre as civis. Famílias inteiras infelicitam-se, mas a porta de entrada da opressão, da violência e do horror é a presença feminina. A tragédia da mulher no teatro da guerra escancara-se. A narrativa desmonta o lugar comum de que a guerra afeta somente os homens: ela não é masculina. De fato, é um peso, uma opressão na realidade da vida feminina. Uma brutalidade e uma insensatez combinadas na tessitura da narrativa. A violência sexual retorna, na condição de parte do cotidiano degradado dos combatentes. Ganha uma cara medonha quando o autor relata o estupro de uma adolescente, por ele praticado. Posto no horizonte da família não é algo para festas, mas é humano, muito humano: de uma humanidade deformada pela experiência militar e guerreira. Sem algum mal-estar não se pode publicar *Heróis de barro*.

A horrenda situação do soldado em guerra – sem tomar decisões, mas peça de uma hierarquia militar – e a carência sexual a se expressar em violência, basicamente, mas não só, contra a mulher, faz da consciência do narrador-autor um ponto de tensões e dilaceramentos a se corporificar sempre de maneira crítica, nunca apologética, embora falte a ele instrumentos para uma análise pertinente, uma caracterização e o delineamento de um programa de intervenção na realidade de horror em reprodução passo a passo.

A centralidade do sexo e da hierarquia militar na narrativa é explicitada no último capítulo como as "maldições humanas" e parece ter deixado marcas na personalidade de Rebuá que ascendem à sua consciência e atormentam os seus pensamentos quando postos no terreno da reflexão, o que ele denomina, em diversos capítulos, de "neurose da guerra" ou "neuróticos de guerra".

Comentários de capítulos

Alguns temas aparecem explicitamente, como a obsessão pela virgindade, no capítulo II; mas implícitos ao longo de todos os demais capítulos, subjacentemente, contribuem no estabelecimento de uma visão de mundo predominante. A virgindade explica as características da narração e da abordagem das vivências sexuais de modo geral. A última linha do capítulo II é emblemática da expressão de uma consciência nascente quanto ao processo de alienação, embora não ganhe forma acabada. Rebuá demonstra uma compreensão de que participa da "guerra dos gringos", sem decidir nada, somente executando ordens provenientes de decisões alheias, de um plano inacessível ao combate nos campos de batalha. Essa consciência crítica aparecerá em diversos momentos, como no uso de uma fantasia no lugar das roupas reais da existência: "Assim fantasiado, embarquei pra guerra. A guerra dos gringos!"[10].

No capítulo VII, onde o título, "Desembarque", anuncia o tema, o encontro do imaginário e do real cru, a desilusão ocupa o primeiro plano: "Aqui, mastros espetavam a superfície da água suja, como fantásticos braços desnudos, implorando misericórdia aos céus em guerra. Misericórdia dos homens que não tinham alma". O real entra pelas fantasias adentro – essa cidade não é aquela do imaginário:

[10] Ver texto integral no Capítulo II desta obra, p. 105.

> Quando comecei a penosa descida, meu estômago embrulhou, por causa da fedentina. As águas eram pegajosas, esverdeadas, onde flutuavam frutas podres, óleo, carvão, fios de cabelo humano, restos em decomposição de marinheiros esfacelados. Era uma salada diabólica, temperada com pedaços de flâmulas e bandeiras famosas, de batalhas passadas[11].

Preconceitos de gênero, racial e étnico aparecem em estereótipos comuns na narrativa, porque estão firmemente consolidados na cultura brasileira. Como no capítulo IX, "Para sempre maldita": "Conselheiro caminhava ao meu lado, resmungando que só uma sogra"[12]. Estereótipo preconceituoso muito comum na narrativa assimilando a cultura brasileira de características patriarcais.

O racismo é escancarado no capítulo XV, "A corça dos Piemontes", quando narra a desilusão que teve com a garota Pits que o preteriu ao se relacionar com um soldado estadunidense: "Não podia admitir, nos borbotões dos ciúmes que se formavam dentro do peito, que um negro qualquer, pior ainda! Um preto americano (um gringo nojento), fosse toldar-lhe as recordações tão gratas às suas sádicas ruminações"[13].

"A louca de Pisa", capítulo X, descreve e tematiza ao longo de suas linhas, as ruínas humanas componentes do cenário de guerra e a prostituição a ocupar um lugar central na vida daquela gente dos locais por onde passam os combatentes, dando sentido à expressão incorporada ao título destas memórias: são *heróis de barro*. Não o barro das referências bíblicas, mas o barro da podridão humana, social e histórica.

---

[11] Ver texto integral no Capítulo VII desta obra, p. 190.

[12] Ver texto integral no Capítulo IX desta obra, p. 241.

[13] Ver texto integral no Capítulo XV desta obra, p. 450.

A fome é onipresente e escandalosa a ponto de causar engulhos nos soldados. "Eu também não posso comer... Essa fome que essa gente traz, é uma fome que corrompe... uma fome que mata... uma fome que afoga todos os sentimentos que a civilização aperfeiçoou com o passar dos séculos..."[14], documenta um trecho do capítulo XI, "Bila, a menina dos pinheirais".

Aqui reescritos sem a disposição gráfica original, com a finalidade de explorar aspectos semânticos, os versos do poema do capítulo XII, "O solar das castanheiras", exigem um exame com certo vagar. "A jovem gemia. / O monstro fungava. / A cama rangia. / O sexo urrava"[15], no primeiro trecho destacado. E sequência do poema: "A jovem BELA gemia / o cabo MONSTRO fungava / a noite NEGRA encobria / a guerra MULTA cobrava / a cama VELHA rangia / o cabo MACHO urrava!"[16]. A gradação dos verbos e as conotações das sonoridades articulam-se aos aspectos semânticos, retratando contundentemente a regressão redutiva do humano a uma sexualidade animal e primária: sem afetos e aspectos relacionais, mas somente alívio imediatista dos apetites. Os substantivos em maiúsculas conectam-se firmemente aos verbos gemer, fungar, ranger, urrar. A cama, um simples móvel caseiro, parece participar da degradação do ambiente de guerra.

As mulheres, a loira e a morena, não importam as tonalidades, tornavam-se objetos. Nem a tuberculose afastava por inteiro a luxúria rebaixada, assustava um pouco somente, como se lê no capítulo XIV, "Restos de guerra": "– Que pena!... Tão jovem, tão linda e... (Num sussurro que sumia, ainda ouvi)... tão linda e tuberculosa..."[17]. E nas últimas linhas do capítulo, como se um momento de poesia trouxesse alguma amenidade

[14] Ver texto integral no Capítulo XI desta obra, p. 284.

[15] Ver texto integral no Capítulo XII desta obra, p. 337.

[16] Ver texto integral no Capítulo XII desta obra, p. 338.

[17] Ver texto integral no Capítulo XIV desta obra, p. 428.

ao desfile de horrores da narrativa: "E o vento continuou zunindo, cantarolando em outros ouvidos, indiferente aos suplícios das mulheres honestas que se prostituíam por motivos honestos..."[18].

A descrição do hospital de Pistoia, onde se internavam as crianças mutiladas no ambiente da guerra, é um dos momentos mais horrorosos. A tradução livre do nome do hospital, que dá título ao capítulo XVI, seria "O anjo das crianças" para o original "Angelo de bambini". Neste hospital infantil Rebuá se encontra com crianças mutiladas quando do ataque das tropas brasileiras em Pistoia. No capítulo XVII, "O tribunal do silêncio", o narrador-personagem dá continuidade à narrativa da busca de Gino, garoto "adotado" pelos soldados brasileiros, com o amigo Pim-Pim, mutilado e em uma cadeira de rodas. O menino exibe desprezo e lágrimas nas atitudes de rejeição ao brasileiro e por extensão à guerra personalizada, naquele momento, no combatente em presença: "Gino era uma convulsão humana. Seu corpinho raquítico, tremia todo, como num ataque de febre pestilenta. Os olhos do menino, embaciados pelas lágrimas, queimavam, no fulgor do ódio"[19].

Um dos capítulos mais longos é o XIX, "A menina do leite". A brancura do líquido figurativamente, em belo recurso de linguagem, se estende ao ambiente ao redor do soldado: "A brutalidade da guerra era suavizada, melancolicamente, por um lençol de neve. Mais puro que as lágrimas de uma virgem. Mais puro que os soluços da menina da garrafa de leite"[20]. Uma concepção de mundo se delineia nas imagens da cor do leite e da virgindade em associação ao ideário da pureza, enquanto, implicitamente, a cor preta, do negro estadunidense ou brasileiro, simboliza o impuro, o obscuro. Um universo simbólico subjaz ao texto neste passo.

---

[18] Ver texto integral no Capítulo XIV desta obra, p. 435.

[19] Ver texto integral no Capítulo XVII desta obra, p. 484.

[20] Ver texto integral no Capítulo XIX desta obra, p. 551.

Tudo parece inspirar o narrador-personagem por um momento, afinal nem só de guerra vive um soldado; ninguém é combatente em tempo integral: "A noite não tinha lua. Pudera! Lua é madrinha de namorado. Que iria fazer a lua na guerra?"[21].

Um momento de respiração poética, inspiração na transpiração bélica de quem participa de uma luta que não é sua, segundo as suas palavras tantas vezes repetidas.

E se a guerra fosse um crime, nada mais? A consciência do combate se pergunta, ainda no capítulo XIX: "Quem o criminoso?"[22] E responde: "De um que fora HOMEM!"[23] – uma pergunta, simultaneamente, resposta, a amalgamar o criminoso de agora, desumanizado ao homem de ontem. Por que o homem se transforma no arremedo do homem?

O capítulo XX, "No vale do Pó", termina com um poema falando da sujeira da(s) guerra(s). A alusão ao pó serve para indicar a hostilidade do ambiente e caracterizar uma visita a um cabaré e a farra dos militares.

Em "Zorro, o segredo de guerra", capítulo XXI, além da estranheza dos desdobramentos do encontro com o Zorro, uma personagem assim denominada por Rebuá, descreve os estupros de uma noiva pelos alemães e estabelece, para desdouro dos brasileiros, similitudes de posturas entre as duas nacionalidades combatentes. Independente da origem dos militares, esses adotam práticas criminosas semelhantes, sempre em prejuízo da população italiana.

Uma aparição, na acepção mais larga e conotativa do termo, ocorre no capítulo XXII, denominado "Yélis, a bela normalista". O texto assu-

[21] Ver texto integral no Capítulo XIX desta obra, p. 557.

[22] Ver texto integral no Capítulo XIX desta obra, p. 599.

[23] Ver texto integral no Capítulo XIX desta obra, p. 599.

me uma voz explícita: "Na porta que dava para um quarto, um cortinado encardido balançava na aragem que vinha da janela. Pela cortina transparente, via-se, como sombra, a indecisa figura de uma *giovanata*. Estava lendo, deitada numa cama"[24]. De normalista, uma figura bastante significativa no imaginário brasileiro de meados do século XX, agora, aparece Yélis, a virgem. E o tecido narrativo centralmente vale-se da mitologia da virgindade tão forte no mundo patriarcal do ocidente.

No capítulo XXIII, "Filhos valentes de tribos tupis", retornam os temas centrais: a crítica à hierarquia militar e à violência sexual contra as mulheres. Esses assuntos fazem parte do último capítulo como as "maldições humanas". A personalidade de Rebuá parece marcada pelos horrores presenciados e cometidos, por ele designados de "neurose da guerra".

No encerramento da narrativa, o texto, do ponto de vista temático e de sua coerência, fica internamente articulado, estabelece uma lógica discursiva forte. O capítulo XXIV, "Francolise, a maldição humana", junta em seu título o nome de uma comunidade italiana, metonímia da Itália, ao tomar uma parte pelo todo, e uma consideração da guerra como uma maldição humana. Outra vez aparece o horror: a cena da menina prostituída e estuprada coletivamente em uma tenda. A beleza (da jovem) bestializada; antinomias do humano. A colocação frente a frente dos heróis sempre questionados ao longo da narrativa e da menina degradada – encerramento da narrativa –, travamento irremovível do edifício textual.

O acervo Rebuá e o trabalho de edição

Em outubro do ano de 2016, o acervo pessoal de Petrônio Rebuá Alves Corrêa, contendo cartas e cartões postais, fotos e os originais do "Heróis de barro", foi doado pela família ao Núcleo de Documentação

[24] Ver texto integral no Capítulo XXII desta obra, p. 718.

Histórica Honório de Souza Carneiro do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas. Além dos escritos "Heróis de barro", o acervo é composto de 52 cartas e 63 cartões postais enviados da Itália por Rebuá a membros de sua família, mais 48 fotos tiradas na Itália e no Brasil nas quais aparecem o autor, seus amigos do *front*, familiares e amigos no Brasil, entre as décadas de 1940 e 1970.

Inicialmente, os manuscritos datilografados e as edições do jornal *Tempo*, em que foram publicados alguns capítulos em forma de coluna, estavam distribuídos dentro de uma caixa polionda. As páginas datilografadas estavam razoavelmente organizadas, das quais, os três primeiros capítulos já se encontravam divididos por folhas de papel neutro, de maneira a contribuir para a sua conservação. Algumas folhas de outros capítulos estavam "soltas", embora na ordem de um possível sumário; os demais capítulos estavam unidos por barbante. As mais de 50 edições do jornal encontravam-se todas juntas e dobradas.

O ponto de partida foi o trabalho de análise dos originais feito por Alessandro Braz (2009) na Especialização em História, quando apresentou o autor e a obra. Após a organização inicial, alunos da graduação, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica[25], iniciaram o processo de digitalização do material para poder trabalhar com as imagens e preservar os originais. Em seguida, passaram à digitação, um procedimento técnico que envolveu atenção por parte do executor da ação, pois ao longo da narrativa há diversas correções, algumas sobrepostas, feitas por Rebuá e/ou com a ajuda de terceiros. Assim, na medida do possível, considerou-se sempre a última versão do autor.

[25] O projeto de Iniciação Científica "O diário de um expedicionário brasileiro na segunda guerra", financiado pelo CNPq, foi desenvolvido pelos bolsistas da Graduação em História da UFMS/CPTL, Eduardo Matheus de Souza Dianna e Guilherme Ferreira Taroni, entre os anos de 2017 e 2018.

Na revisão feita pelos autores desta apresentação, respeitou-se ao máximo a escrita original, com intervenções sempre mínimas, no entanto, nunca isentas. O propósito sempre foi não mexer muito na estrutura discursiva. Corrigir somente o necessário, como casos de erros ortográficos ou de datilografia, bem como atualizar a ortografia da língua portuguesa. Nos escritos originais os termos em idiomas diferentes do português (italiano, inglês, espanhol e guarani) o autor coloca eventualmente entre aspas, em caixa-alta (maiúscula) ou sem marcação. Aqui optamos por apresentar em itálico e sempre que necessário e possível fizemos a correção respeitando o idioma e a originalidade do autor. A utilização do guarani e do espanhol mesclados com o português, por vezes aportuguesado (*portunhol*) é comum aos habitantes do Mato Grosso do Sul, especialmente da fronteira com o Paraguai, configurando-se em uma corruptela de fronteira. Nesses casos preservamos a forma original, todavia, quando possível, colocamos em nota de rodapé a escrita correta e a tradução. Mantivemos as gírias, expressões regionalistas e neologismos conforme aparecem no texto, ocasionalmente tivemos que padronizar quando apareciam de diferentes formas no original. O autor faz uso corrente de reticências, dando a ideia de subentendido, forma de assegurar o travamento lógico do texto, a coerência. A lógica textual originária e a lógica editorial colocam-se em antítese, é certo, mas encaminham uma síntese, e nela, uma leitura, uma apreensão de um conteúdo da mais alta relevância.

NOTAS PARA LEITURA

No corpo do texto, trecho entre colchetes significa inclusão dos organizadores. Exemplo: "problema do sexo [para os] soldados" (Capítulo VIII).

[N/O] = Nota dos organizadores.

[N/A] = Nota do autor.

[N/L] = Não legível.

BIBLIOGRAFIA CITADA NA APRESENTAÇÃO

BRASIL. Decreto nº 20.082, de 03 de dezembro de 1945. Concede indulto a oficiais, praças e civis, que fizeram parte integrante da F.E.B., ou a ela prestaram serviços, quando em operações na Itália, já condenados ou não, cujos crimes não são de natureza infamante. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: Brasília, DF, 03 dez. 1945. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-20082-3-dezembro-1945-327308-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 02 fev. 2022.

BRAZ, Alessandro Meneghetti. **Memórias de um soldado**: o diário de Rebuá. 2009. Monografia (Especialização em História e Sociedade) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2009.

CARVALHO, Virgínia Mercês Guimarães. **Ex-combatentes do Brasil** – Entre a história e a memória (1945-2009). 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou**: a reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945-2000). 2003. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Zahar, 2005.

FERRAZ, Francisco César Alves; LOCASTRE, Aline Vanessa. O ceticismo da memória: considerações sobre narrativas de dois veteranos da Força Expedicionária Brasileira. **Militares e Política**, n. 2, p. 81-98, jan./jun. 2008. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/mp/article/view/33796. Acesso em: 02 fev. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LAPORT, William Pereira. **A atuação da Justiça Expedicionária brasileira no teatro de guerra da Itália (1944-1945)**. 2016. 230 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MARTINI, Andrea. Guerra alle donne. Partigiane, vittime di stupro, "amanti del nemico". **Diacronie**, n. 15, v. 3, p. 01-07, out. 2013. Disponível em: https://journals.openedition.org/diacronie/628#quotation. Acesso em: 01 dez. 2020.

MENDES, Lourival Jorge. **A luta de um caiçara**. Jundiaí: Literarte, 1994.

PASSOS, Kannya Regyna Mesquita; LOSURDO, Federico. Estupro de guerra: o sentido da violação dos corpos para o direito penal internacional. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, Maranhão, v. 3, n. 2, p. 153-169, jul./dez. 2017. Disponível em: https://www.indexlaw.org/index.php/revistagsd/article/view/2535. Acesso em: 02 fev. 2022.

PROUST, Marcel. **O Tempo Redescoberto.** São Paulo: Globo, 1992.

TOLEDO, Aureo; BRAGA, Lorraine Morais. Abuso e exploração sexual em operações de paz: o caso da MINUSTAH. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, p. 1-14, nov. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/RDnBBGSDCQHczJ4XRzpx9nL/?lang=pt. Acesso em: 02 fev. 2022.

HERÓIS DE BARRO
(NOS BASTIDORES DO FRONT)

Dedicado aos camaradas que arrastam, pela vida, as amarguras de um passado *glorioso*.

À querida tia Coryna Rebuá, minha estrela-guia, incentivando-me nesta árdua tarefa.

VIVA! SALVE!
HOSANAS A UM MASTODONTE

(Maldigo o infeliz idiota que o idealizou...
E mil pragas, ao estúpido que o realizou...)

Um mastodonte, avacalhado!
gerado em crânio aparvalhado,
ele sugere, ao bom pracinha...
a recompensa, da Pátria minha!

Um monumento, acanalhado!
muito concreto, argamassado,
ele nos lembra, bem retumbante...
VELHA MULETA DE ELEFANTE!

Pobre povinho, bem tapeado!
dos seus impostos, um bom morgado,
esse MONSTRENGO, de vil muleta...
foi esculpido, por um maneta!

Heróis taxados, nesse monstrengo!
ninguém entende, o REALENGO...
um obelisco, abobalhado!
Linhas insanas, atoleimado!

Vidro *ray-ban*, estrangeirado!
deu de comer, ao carneirado,
"Milhões" em massa, desvirtuados...
Nossos pracinhas? ABANDONADOS!

Muitos CANALHAS, aproveitados!
no MASTODONTE, acarneirados...
história negra, do monumento!
desmoraliza, um JURAMENTO!

Heróis perdidos, espoliados!
são exibidos!... são explorados!...
não têm descanso, pobres coitados!
no MASTODONTE, são deturpados!

Heróis na tumba, engarrafados!
jovens soldados, acomodados...
no MASTODONTE, cimento armado!
heróis fichados, bem ROTULADOS!

Pobre PRACINHA!... nenhuma vela!
mãezinha chora, numa capela...
no CAMPO-SANTO, não teve enterro!
sua alma sofre, nesse DESTERRO!

Lutou!... sofreu!... com mil bravuras!
tombou!... morreu!... numa loucura...
— Meus camaradas, descansem em PAZ!
as honras deles, é bem falaz!

CAPÍTULO I
BOI DE BOTAS NA FEB

Rio – "Cidade Maravilhosa"

Corria o ano de 1.942... e o bonde da Light corria pela rua do Catete.

O mundo enlouquecia!... e o bonde gemia, rangia, corria...

Um passageiro ruminava seus problemas, sempre acompanhado pelo inseparável companheiro: Zé-Conselheiro.

Corria o ano de 1943... e o bonde corria, gemia, rangia...

Zé-Conselheiro ruminava sua filosofia barata, como de costume. Deixou escapar um suspiro, voltou os olhos embaciados para seu amigo e falou:

— Uma nova Babel está sendo construída...

Não pode continuar. Seu amigo deu-lhe uma cotovelada e cochichou no ouvido do "filósofo de botequim":

— Já lhe pedi que não viesse com suas filosofias baratas no bonde... (Deu-lhe um outro safanão e rosnou)... — TÁ?...

Meu velho companheiro nem ligou. Passado o susto, continuou, como se pensasse alto:

— É... (E soltou um suspiro)... uma nova Babel foi construída, sobre argamassa de egoísmo e loucura, de orgulho e prepotência, de ganância e miséria.

Olhei em volta, envergonhado. Meu velho amigo sempre me fazia dessas. Não escolhia lugar para vomitar sua infeliz filosofia. Ensaiei um gesto de reprovação, mas nada consegui. Ele já começou:

— A presença assustadora da guerra... (E meteu o dedo encardido de nicotina no meu nariz, como se eu fosse o culpado de tudo)... a guerra é um monstro com centenas de bocas insaciáveis. Deixa os povos sobressaltados com a horrível balança da opção...

Deu uma tragada profunda no Continental. Soltou espirais de fumo azulado, com um biquinho matreiro de fumante inveterado. Bateu a cinza com o minguinho seco e encardido. Me olhou e a voz continuou, como se eu não existisse:

— ... A horrível balança da opção: entrar ou não entrar... (E afivelou na cara murcha e macilenta, a máscara da tragédia)... Eis a questão.

Dei-lhe uma nova cotovelada. Os passageiros já começavam a me olhar com desconfiança. Minha velha sombra: conselheiro, confidente, juiz e algoz. Falava muito alto... Ou melhor: pensava alto.

Como se eu não existisse, continuou:

— Num infinito retrocesso em fuga, a humanidade doidivana chora e sofre... (Lançou um olhar perdido para a paisagem que corria, coçou o cavanhaque ralo, fez uma careta e prosseguiu)... a humanidade se debate na inútil conservação da espécie...

E o ano de 1943 corria, acompanhando o bonde pela rua do Catete. No ar, na terra, nos trilhos luminosos, nos gestos e nas fisionomias desesperadas dos que passavam, escorria um fio enlameado de lembranças fantasmagóricas de tragédia grega.

E o bonde corria, rangia, gemia... no ritmo de 1943.

Zé-Conselheiro continuou:

— O homem, esse animal desconhecido, enfrenta um futuro negro, incerto e triste, esmagado num horizonte esmaecido, nos confins do nada que se espera...

E nova tragada no Continental, obrigou meu companheiro a fazer uma pausa. Aspirou com volúpia o fumo aromático, rodopiou o cigarro nos dedos e continuou nas divagações, misturando fumaça com palavras: - O começo do fim se aproxima...

Eu não sabia o que era mais enervante: as citações do velho filósofo, o ranger estridente do velho bonde, ou a paisagem monótona da velha rua do Catete. Num azedume de ideias e suor, exclamei imolado:

— Ora, Seu Zé! Para com essa filosofia de porta de botequim...

E amarrei a cara, procurando encerrar o assunto, com medo que os passageiros ouvissem, novamente, as citações do velho amigo.

Zé-Conselheiro deu uma olhada para meu lado e resmungou: — Vive-se uma das mais horrendas páginas históricas da destruição humana!

E quedou, pensativo, como era de seu feitio, ignorando os homens, o mundo a vida...

Zé-Conselheiro recolhia-se no seu mundo particular...

***

Rio – Cidade Maravilhosa.

Corria o ano de 1943... e o bonde corria pela rua do Catete.

Um sol, esmaecido e tímido, vaticinava os últimos momentos de

minha vida despreocupada de solteirão, sossegado e fútil.

Naquela tarde pachorrenta, fosca e abafada, o bonde corria pela rua da Realidade que eu não tinha interesse em conhecer: a vida que resfolega no seu ritmo de lutas sem fim.

Na cena morna da tarde quente, as árvores desfilavam despidas e sujas, exibindo um esqueleto maltratado pelo tempo mutilado pelos homens. Tudo, parecia que compactuava para um prenúncio de futuro miserável, mesquinho e desprezível! Futuro de guerreiro!

Era um dia estático, morno-ensolarado. As nuvens brincavam de esconde-esconde, no perfil esmaecido das montanhas próximas...

Meu companheiro continuava calado, viajando pelo seu mundo.

Tudo era meditação, calma e pausa, nos cansativos sonhos do impossível. Somente o caudal humano, inquieto a serpentear na vida das megalópoles não cessava seus movimentos etéreo e amorfo.

Como se adivinhasse meus pensamentos, Zé-Conselheiro deixou escapar, num sibilar inaudível:

— Esse caudal amorfo, é o povo que luta. O povo que sofre. O povo que chora... (Deixou escapar um suspiro, sacudiu a cabeça como se reprovasse o destino dos povos e prosseguiu, com olhar perdido na paisagem mormacenta)... É o mesmo povo que morre no front... Sem medalhas, sem glória, sem história...

E afundou seu corpo magricela no banco, procurando ajeitar melhor a sua carcaça cansada.

Eu nada podia falar. Uma saliva seca e quente lixou minha garganta, provocando um barulho nos gorgomilos...

E o bonde corria pela rua do Catete, acompanhando 1943.

****

Naquela tarde abafada, eu chegara em casa cansado. Esmagado pelo ambiente que tudo sufocava. Um reboliço nos familiares abalara a calma que sempre imperou em nossa casa.. A notícia tinha estourado:
— Veja mano... (Disse-me Pivara)... Você está na lista dos convocados de sua classe.

Meu irmão, emocionado, passou-me o jornal da tarde.

Estremeci. Um calafrio percorreu-me o espinhaço. Meus lábios tremeram, impossibilitados de articular as palavras que o cérebro comandava. Mais forte que a vontade, o subconsciente rodopiava numa vertiginosa visão do passado, em busca do quartel que o infeliz nunca mais recordara...

E lá veio, ferir meu ouvido, as insuportáveis alfinetadas do velho companheiro:

— Farda! Meu velho Cabo... (escorreu na face magricela, um sorriso amarelo)... Periquito para um solteirão... (deu uma piscadela brejeira)... Alface-humana... lembra-se? E o velho Conselheiro, minha sombra eterna, que o além me designara deixou escapar sua maldosa risadinha: "Quiá... quiá..."

— NÃO CHATEIE! ... (Gritei, desesperado, no ouvido de minha sombra)... Cale essa matraca... por favor...

Voltando-me para o mano, respondi com grosseria: — Vá pro inferno...

Agarrei o jornal, com raiva, e procurei meu nome. O pasquim estava encharcado de palavreado bonito. Em letras garrafais, incentivava a pobre mocidade, para se apresentar ao "grito de convocação".

A decantada "Mãe-Pátria", – hoje, MADRASTA dos pracinhas

de guerra – exigia os "FILHOS-AMADOS" que não os procriara e nem por eles sofrera. A fome insaciável da guerra exigia os filhos de Pátrias distantes, para a pira sangrenta dos sacrifícios do front... do outro lado do Atlântico.

Eu, com os descansados anos de solteiro, jamais pensara numa convocação. Cerrara os dentes e maldizia a situação...

Em casa, o alvoroço era generalizado. Numa família de oito filhos (quatro casais), não seria para menos. O filho mais velho, solteirão leviano, não devia ter qualidades para um bom soldado.

— É... Cabo Velho! Você vai mesmo pro Caxias ... (E o chato do Conselheiro, deixou escapar uma risadinha sarcástica).

Amarrei a cara e não respondi. Assunto encerrado.

***

Passei dias horrorosos, aguardando as explicações dos jornais. Numa tarde, ela veio: Os reservistas convocados, em dia com a 1ª C.R., receberiam em sua residência um cartão individual de convocação.

— Você está enquadrado no tal cartão, meu velho Cabo de Guerra. Não tem saída... (E Zé-Conselheiro deu uma piscadela matreira, continuando)... A cobra vai fumar e é só manter o cachimbo na boca...

Com carranca de laranja azeda, não respondi. O negócio não era para brincadeiras do Conselheiro e nem, também, para suas risotas.

***

Num dia morrinhento e sem vida, o cartão chegou.

— Está selado, com todos os "ff" e "rr", as suas aventuras de reservista-solteirão e matreiro... (Cochichou, o velho Conselheiro, no

ouvido do amigo)...

O companheiro deu de ombros e não respondeu. Estava amuado.

— Caserna pra um!... (Gritou Zé-Conselheiro, perfilando-se em continência ao cabo-artilheiro que não aceitava a farda).

Um turbilhão de revoltas entrou-me pelas entranhas. Eu era um revoltado com os homens e com a vida. Encarando o cartão-convocação, gritei entredentes:

— Vida nojenta... (Olhei em volta, como se procurasse um culpado de minhas desventuras e prossegui a vomitar impropérios)... Tudo está contra a gente... (Soltei entredentes, recordando as humilhações sofridas, quando servi em Mato Grosso, numa época de ditadura, em que predominava, nos quartéis, a mentalidade despótica dos prussianos).

Hoje, felizmente, a caserna é uma sólida escola de civismo, onde impera um espírito de cavalheiro, rico de humanismo.

Gesticulando furioso, avancei para a porta da rua e saí, dando pontapés pra todos os lados. Sempre resmungando, tomei o bonde para a repartição que trabalhava, vomitando, no ouvido do flegmático Zé-Conselheiro, um berro animalesco:

— VÁ PRO INFERNO!... (E continuei, sem tomar fôlego)... Vá pros quintos dos infernos, a guerra e o famigerado Eixo...

Umas cotoveladas insistentes chamaram-me à realidade. Era seu Zé, carrancudo e com vírgulas nas sobrancelhas, que me mostrava com gestos de cabeça, o assombro de alguns passageiros, com o meu monólogo adoidado.

Calei, envergonhado. Saltei no primeiro ponto, sem coragem de prosseguir. Eu fiz um papelão.

Não demorou o segundo bonde. Subi e comecei as ruminações, no incontrolável vício de pensar alto:

— Primeiro, vou arrumar a muamba... e dar o pira pras bandas do meu velho Mato Grosso, a minha querida terra do vale-tudo...

Não terminei meus devaneios. Zé-Conselheiro, sempre atento às minhas matreirices, soltou rebatidas certas:

— Quá, seu moço!... Duvi... de... o... dó!

— É... (Concordei, num muxoxo, numa confirmação descontrolada) — Pensando bem, como é que vou deixar tudo, para ser desertor?... (Olhei meu velho companheiro de través e continuei)... Tem razão, meu velho, isso não é muito fácil.

— Isso mesmo, seu pantaneiro burro! Essa maldita sociedade humana, nos prende num emaranhado tabu bestialógico... (Deu-me uma cutucada e prosseguiu)... É uma renda de burrices; Seu Cabo Nambi. Você vai ter que se apresentar. Tá?

Olhei, com azedume, para o meu velho amigo. Engoli um palavrão e calei. Meu íntimo gritava mais forte que a minha covardia.

Sem considerar as minhas reações, Conselheiro espetou-me o nariz com o minguinho encardido, sussurrando-me no ouvido:

— Que dirão eles?

Um grito escapou, lá do meu ego, sem que eu esperasse:

— Que vão pro inferno, tudo que tenho na vida!... (E, imitando o velho amigo, risquei o ar com o dedo em riste, cutucando-lhe o narigão

sempre vermelho)... E não me amole mais, seu filósofo de meia-tigela!

Cruzei os braços e amarrei a carranca para Conselheiro. O assunto ficara encerrado, com a certeira patada.

O bonde deslizava lerdo, pachorrento, rangendo nas velhas ferragens. No ponto de costume, saltei, matutando mil-e-uma asneiras.

Entrei na repartição com cara de poucos amigos. Não cumprimentei os colegas. (Eu que já tenho o tipo clássico de cara-que-chupa-limão)... E tão logo cheguei, fui chamado ao gabinete do chefão, onde recebi um ofício de apresentação do Ministro da Guerra, enquadrando-me em não sei em que lei, no direito de isenção de convocação.

Nessa época, era a Velha "Polaca" da ditadura Vargas, quem imperava em Pindorama dos Tupinambás. A bugrada sofria, na Nova Ordem Getuliana. Era um regime Neofascista.

— A tal lei não pega, seu moço... (Segredou-me, Zé-Conselheiro, ainda no gabinete do chefão)... Dizem que o tal Ministro é de sua terra. É durão e anda muito chateado com isenção e deserção.

Não dei ouvidos ao velho Conselheiro. Peguei o ofício e, aos resmungos, parti para o Ministério, esperançoso na cartada...

No Ministério, um burburinho enervante. Os reservistas acotovelavam-se no "apresente-se". Aquilo era um formigueiro de convocados. Parecia uma babilônia em ritmo guerreiro.

— Quá, seu Pascuá!... Parece que ninguém entende ninguém!

Era o velho companheiro, soltando das suas.

Dessa babilônia ministerial, mandaram-me apresentar na 1ª C. R., localizada noutro pavilhão, nos fundos do novo edifício. Lá, numa babel fardada, um tenentinho convocado C.P.O.R., metido a besta, de-

pois de receber minhas explicações, chamou um praça e ordenou com arrogância:

— Praça! Acompanhe esse paisano até o nono andar. Ele traz o célebre ofício de isenção... De cenho carregado e com ares de poucos amigos, o tenentinho correu os olhos em mim, de cima a baixo, examinando-me com pose de superioridade, arrematando as ordens: — Lá no 9º, apresente esse paisano ao Capitão!... (E foi atender outro caso "especial").

Voltamos ao edifício da babilônia ministerial. Entramos no saguão e aguardamos o elevador, depois de ter percorrido a maratona cansativa dos corredores quilométricos. Na caminhada, o soldado ficou sabendo da finalidade do ofício. Então, segredou-me, temendo ser ouvido:

— O "velho" anda zangado com tanto pistolão que dispensa de convocação. Não sei se você vai conseguir... (Fez uma pausa, olhou receoso para os lados e continuou) — O ministro anda uma cobra... (Novamente o cuidado nas informações) — A cobra está fumando e é só pena que voa dos pracebas... (Explicou em gíria da caserna, o atencioso praça).

Tomamos o elevador de "praças e civis", depois de esperar um tempão. Irritado, perguntei ao praça:

— Por que não tomamos o outro elevador que está vazio?

— Ora, Pantaneiro burro! Você, que já serviu uma vez, não sabe que oficial superior não pode ser "contaminado" com o cheiro asqueroso do paisano?... (Retrucou, galhofeiro, Zé-Conselheiro).

— Eles, por ventura, nasceram fardados? ... (Meti o indicador, com raiva, no narigão do companheiro e continuei com azedume)...

Por ventura, filósofo de botequim...

Não pude continuar. Zé-Conselheiro tomou-me a palavra: — A mãe deles, por ventura, não tem cheiro de paisano?

Deu-me um safanão, mostrando o pracebas assustado com o monólogo, soltando a famosa gargalhada: "Quiá... Quiá... Quiá..."

Meu velho amigo olhou para cima, com cara de nojo, franziu o narigão vermelho e arrematou:

— É o sangue azul dos milicos prussianos. É a prepotência nazista que afoga o mundo num mar de sangue... nesta infeliz e desprotegida Terra de Santa Cruz.

— E, por incrível que pareça, eles são dominados pela praga no pistolão, até em época de guerra... (Reforcei, já no elevador, com o sangue fervendo).

— Cabo, esta praga dominou o Brasil, até em época de convocação. É incrível, mas é a pura verdade...

O pracebas, admirado e zonzo, olhava-me assustado pensando, naturalmente, que eu fosse um biruta.

Nosso elevador parou no 9º andar, onde estava localizado o gabinete do Ministro. No saguão, fomos apresentados a um outro praça, que nos encaminhou a um sargento. Este, levou-me a um capitão, que, por sua vez, nos apresentou a um coronel...

Zé-Conselheiro, como sempre, soltou das suas:

— Cabo, a inana aqui é de amargurejar... (Deu uma piscadela e cofiou o cavanhaque imaginário)... O negócio aqui é por tabela...

— Também pudera, Conselheiro, o que é que eles teriam a fazer

neste mundo de babilônia?

O tal coronel, desconfiado com os meus resmungos, mandou que eu aguardasse e levou meu ofício ao Ministro.

Fiquei aguardando pelo quilométrico corredor.

— Aqui, lugar de paisano é no corredor... (Cochichou Conselheiro)... Sala de espera? É lugar de "gemadas". Morou?

Na gíria dos praças da época, "gemada" era a estrela dourada de major, tenente coronel e coronel.

— Alapinta! Que mundo, Conselheiro...

Quase no fim do expediente, o "gemada" que tinha cara de poucos amigos chamou-me para comunicar, arrogante:

— Seu ofício, meu rapaz, foi indeferido... (Olhou para o papel, olhou para mim, como se procurasse revirar meu corpo pelo avesso e continuou, sempre de sobrecenho carregado)... Seu pedido não pode ser atendido.

— Mas, Coronel, eu não pedi nada... (Contei até dez para não piorar a situação)... Nosso Chefe, Coronel Fulano quem determinou a minha apresentação com ofício de dispensa...

O tal "corona" não deu bola. Derramou um olhar bilioso em cima de mim. Carregou o semblante, e novamente, revirando-me pelo avesso, numa devassa sem cerimônia, cortou minhas explicações:

— Seu ofício não pode ser atendido. Sua Exa. o Ministro, disse que todo mundo vem com pedido dessa natureza... (Chamou o praceba que nos encaminhara, com gesto rápido e encerrou o assunto)... Moço! O mais certo é você se apresentar, logo, na 1ª C.R.

Olhei em volta, como se procurasse alguém para me socorrer.

Arrasado, deixei os braços caírem, aflito e desanimado.

O praceba, sem jeito, com o envelope de ofício na mão, indicou-me o elevador que chegava naquele momento. Corremos, para alcançá-lo e depois entrei, esparramando bílis por todo o corpo.

— Calma, Pantaneiro! O mundo é dos sonsos...

Sem dar ouvidos ao velho companheiro, lá fui, ruminando palavrões, para a 1ª C.R. sempre escoltado pelo praceba.

Apresentado a um tenente macega, fui incorporado para servir no Regimento Escola de Cavalaria – Regimento Andrade Neves, na Vila Militar.

— Eita! Brasil bom!... (Exclamou Conselheiro, que até aquele momento, tinha fechado a matraca)... Você, Pantaneiro velho, um cabo reservista de Artilharia, convocado para um Regimento de Cavalaria?... (Fez um muxoxo gaiato)... Quiá... Quiá... Quiá...

Nessa matutação fui despertado pelo Tenente-Macega que, todo afobado apresentou-me um cabo, comandante de escolta que nos conduziria para a famosa Vila Militar do Rio.

O pobre diabo, um cabinho de meio metro, portador de um espadão que arrastava pelo solo, era um nanico enfeitado com esporões amarelos, do tempo das velhas cavalarias.

— Cabo! Será que você vai ser escoltado, até a Viatura Militar, por essa figurinha difícil?... (E levou a mão à boca, para abafar a risadinha cafajeste)... Depois não acreditam em D. Quixote de la Mancha. Esse tampinha é a figura grotesca, do Cervantes, em carne e osso!...

O filósofo me deu-me uma cotovelada, mostrando o nanico com uma beiçola danada:

— Esse meio-quilo, Pantaneiro, é o tal do Dom Quixote de La Vila Militar.

A carcaça do velho filósofo balançava toda, dando a impressão que seu esqueleto ia desmontar. Parou, encarou-me sério e continuou:

— Você, um *playboy* do Flamengo, escoltado por um espadachim de romance mambembe... (Piscou um olho)... romance de doméstica suburbana.

— Ora, Conselheiro, não chateia!

— Meu velho, você me apresentou, no Ministério da Guerra com um ofício do seu Ministério... (Franziu o nariz, deu uma cuspidela entredentes, e continuou)... Veja que absurdo!

Para meu fígado azedo, bastou. Amarrei a cara, empertiguei o peito e respondi ao Tenente-Convocação:

— Tenente, não preciso de escolta. Conheço muito bem a Vila Militar. Sou funcionário e portador de um ofício...

Não pude continuar. Sua eminência deu um berro:

— LEVEM ESSE PAISANO ATREVIDO!

E saiu bufando, como a velha Maria Fumaça do Rio d'Ouro.

Imediatamente, os recrutas encarabinados, comandados pelo Dom Quixote do espadagão, cercaram-me.

Um pouco assustado com os aparatos aguerridos, Zé-Conselheiro sussurrou-me:

— Por que será, Pantaneiro morrinhento, que todo tenente tem mania de dar berros?

Não reagi. Segui, com um grupo de convocados, para o elevador dos paisanos, das praças e das cargas. Estávamos sendo escoltados pelo empertigado cabo nanico, de imagem quixotesca. Tampinha empertigado, prepotente e burro como a mãe.

Minha sombra-eterna, cochichou-me:

— Que é que você está matutando, seu Pantaneiro bagual? Pensa que eu não conheço o meu pauzinho de laranjeira?

— Nada seu Zé. Fique um pouco calado, por favor...

Zé-Conselheiro deixou escapar um sorriso matreiro prosseguiu:

— É isso aí, Pantaneiro das arábias...

— Tenho que dar um jeito nesta enrascada, Professor. Não vou me apresentar, lá na Vila Militar, escoltado por esse tampinha espadagão... (Mudando o tom de voz, cerrei os punhos e rosnei entredentes)... Aquele tenentinho picolé, vai ver com quantos paus se faz uma jangada no pantanal.

A porta do elevador abre-se... escancara-se...

— Só não rangeu nos velhos gonzos, porque está muito bem lubrificada... (Debochou o velho amigo)... E não tem gonzos... Quiá... Quiá... Quiá...

Ao sair do elevador, dei um tapa na testa e gritei entusiasmado:

— Eureka! Eureka! Achei a solução!

Zé-Conselheiro deu-me um beliscão e censurou-me:

— Fale baixo, seu imbecil! O tampinha D. Quixotesco pode ouvir...

E partimos, enquadrados pelo pelotão de escolta, para a Central.

— Eita mundo desgraçado!... (Soltou, num ranger de dentes, o velho amigo)... Esta nojeira até parece pelotão de fuzilamento!

As exclamações de Zé-Conselheiro foram abafadas pelo burburinho da rua. Na gare da Central, ao entrarmos em fila para a borboleta de nossa plataforma, fui engolido no redemoinho do povaréu, um turbilhão ensurdecedor. E, momento depois, partia um elétrico, de nossa esplanada para a Vila Militar, com menos um paisano escoltado pelo cabo quixotesco.

Olhando o monstro de aço que saracoteava na partida, perguntei:

— Seu Zé, por que a escolta?... (Fiz uma pausa, soltei a fumaça azulada do Continental que havia tragado com sofreguidão e prossegui nas matutações)... Pra que esse aparato todo?

Zé-Conselheiro, num resmungo respondeu:

— É isso mesmo, mato-grossense dos rasqueados... (Deu uma fungadela e continuou)... É muita besteira pra pouca coisa.

— É... (Soltei num suspiro inconformado). É isso mesmo, meu caro e douto Conselheiro.

Minutos depois, novo trem da Vila Militar dá os safanões de partida, sacolejando a mole humana. E lá fomos nós, empacotados, enlatados, embrulhados em seu bojo fedorento de suor humano. Fedor de macho.

No portão das Armas – como é conhecida a entrada de uma Unidade Militar, apresentei-me, como manda o figurino. O pracebas de guarda, chamou o sargento-comandante da guarda. Forma-se a confusão!

— Eita confusão dos diabos...

— Cale a boca, Conselheiro!

Um capitão musculoso e alterado nos gestos, pergunta:

— Quem é esse paisano que se apresenta escoteiro?

Escoteiro, na gíria de caserna, significa: sozinho.

O capitão fulminou um olhar raio-X em cima de mim e derramou nova carga de prepotência:

— Vamos, seu "dandy"! Vá formar no corpo da guarda, com os outros paisanos... (E mudando a voz)... Você parece ser bem folgado.

O velho Conselheiro não pode deixar de soltar das suas:

— Por que será que os "capitas" não gostam de convocados?

O chato do "capita", sempre gesticulando e aos berros, mandou-me formar num esquadrão de convocados. Lá, um sargento, de voz esganiçada, lia estropiando todos os nomes da carneirada em forma.

O tal capitão exaltado, musculoso e berrador, começou uma lenga-lenga, com o dedo em riste, pra o pobre pantaneiro convocado:

— Você aí!

Ele era baixote, retacado, barrigudinho e cheio de sestros e cacoetes, que dava dó.

— Você aí... (Repetiu)... seu paisano grandalhão! Que é que faz na vida civil?... (Apertou os lábios, exagerou nos cacoetes irritantes e prosseguiu no massacre) — Você é parente de ministro?... (Modificou a entonação da voz) — É parente de prefeito?... (Riscou o ar com uma pausa irritante) — Ou o grandalhão é um gostosão do Mangue?

Eu quis dar-lhe um contravapor bem merecido. Na hora "H" o bom Conselheiro deu-me uma cotovelada e cochichou baixinho:

— Cale! Seu afobado. O que ele quer, é que você altere... (Beliscou-me, como se procurasse tirar-me de um torpor)... Caluda, seu burrico do pantanal. O bicho atarracado, parece de briga.

— Qual nada, Conselheiro. Cachorro que late, não morde.

Dessa escaramuça com o "capita", fui escolhido para o Esquadrão Metralhadora.

— Quá... seu Pascuá!... De artilheiro, você passou a metralhador de cavalaria... (Deu-me um bruto safanão que atirou-me fora da formatura, soltando das suas gargalhadas)... Quiá... quiá... quiá...

Com alguns berros, o sargentão ordenou-me que voltasse à formatura, prevenindo que não gostava de paisano folgado.

***

No tal Esquadrão de Metralhado, de tão tristes memórias, eu nunca vi a tal metralhadora. Porém, de toda minha tragicomédia de convocado, a mais forte, foi quando "pagaram" a farda de recruta.

— Quá!... (Resmungou meu amigo)... Esse nosso jegue é horroroso... (Correu os olhos na muamba reunida e continuou)... Você vai ficar que é uma gracinha nesse jegue. Quiá... quiá... quiá...

Arremessei, com raiva, a muamba, numa cama do alojamento. Embrulhei tudo da melhor maneira possível e lá fui, dispensado pelo "Primeirão" (apelido carinhoso do 1º Sargento), para a minha querida Zona Sul.

— É, seu Pantaneiro mambembe. Você tem que lutar pela adaptação desse mostrengo apelido de farda.

Nada respondi, amuado e ruminando palavrões.

— Que tal, Mirandense, quando a brotolândia do Mengo encontrar com você, nesse jegue?... (Lançou um olhar galhofeiro e prosseguiu) — E quero ver, também, quando vier a ordem para você tosar essa cabeleira de Tarzan... Quiá... quiá... quiá... (Tomou fôlego, levou o dedo encardido no ar e prosseguiu, mudando de voz) — Lembra-se, Cabo da indireta do comandante do esquadrão?

E Zé-Conselheiro repetiu as advertências, com palavras bem espaçadas, para me chamar a atenção:

— Ele frisou, e bem frisado, que no esquadrão dele não seria incorporado nenhum "cafifa" do Mangue...

Meu bom companheiro não pôde terminar, porque eu o atalhei, soltando palavrões por todos os poros:

— Não chateie! E vá para a p... que te p...

E lá se foi o encardido pantaneiro, ruminando desaforos, engolindo vocabulários obscenos, misturados com saliva ressequida, que lixava a garganta do reservista convocado.

*****

Na gare da Central, no dia seguinte, um pantaneiro convocado, desajeitado no jegue horroroso, com uma túnica de bailarina de circo mambembe, tomou o do horário e lá se foi... amassado, enlatado, empacotado, pisoteado... remoendo vergonha do jegue que vestia.

Sempre com as largadas, Zé-Conselheiro falou:

— Por que será que as ferrovias gostam de horários quebrados?... (Deu uma cuspidela entredentes, fazendo esguichar cuspe para todos os lados) — Veja, por exemplo, o nosso horário para a Vila Militar: 6,58, 7,03... 7,12... e outras barbaridades.

E lá se foi o velho camarada, com suas divagações, nas críticas à velha Central do Brasil.

***

De todo o meu equipamento bélico, os dois maiores problemas que se me apresentaram: enquadrar meu capacete jegue, na vasta cabeleira de poeta e também o meu bigodinho meloso, numa época em que era proibido bigode e costeletas para os praças (soldados, cabos e sargentos).

O maior inimigo das cabeleiras e dos bigodinhos melosos, era um major esquelético, mirrado, seco, nervoso e estremilique.

— Eita! Mundo desgranhado... (E lá vinha Conselheiro com as suas ladainhas) — Este magriça decrépito e seco como bacalhau, vive dando gritinhos histéricos, agudos e estridentes, todo saltitante, atacando o primeiro pracebas que lhe cai nas garras... (Conselheiro passava a mão no bigodinho meloso e caprichado) — Eita! Magriça dos infernos...

Dias depois, assisti horrorizado, a rede do major-estremilique cair em cima de um pracebas, que ia entrando pelo corpo d'guarda:

— Venha cá, seu salafra!... (E, aos pulinhos histéricos, chamando um soldado da guarda) — Praça! Chame o comandante da guarda... (Com a mão ossuda, deu um safanão no pracinha, berrando com gritinhos estridentes) — Rápido, seu batráquio! Vamos seu filho do inferno...

O sargento, comandante da guarda, apressado (pois todos conheciam a fama do major esquálido), todo mesuras apresentou-me à sua eminência parda, com a mais atenta subordinação.

— Vamos, sargento! Leve esse batráquio para a barbearia e tire agora... (E meteu o polegar, de raspão, no bigodinho do pracebas que tremia)

— Agorinha mesmo esse bigodinho... (E pulava, e saltava, nas pontas dos pesinhos magrelas, gesticulando, babando, berrando) — Ouviu? Seu cafajeste da mãe do diabo!... (Fez uma pausa, encarou o infeliz com chispas nos olhos e arrematou) — De outra vez que o pegar, com esses fiapos horrorosos pela boca, dou-lhe quinze dias de sol-quadrado!

Sempre saltitante, o major-magricela afastou-me, cada vez mais endemoniado, soltando palavrões incoerentes, sem elas e nem por elas.

Era assim, na verdade, a farda daqueles tempos, dos pavorosos dias de ditadura getuliana. Por isso, Zé-Conselheiro, meu velho "cabo-de-guerra", não cansava de me aconselhar, quando eu aproximava dos portões da guarda:

— Cuidado! Cabinho Nambi. Aqui não é o velho Pantanal, o decantado "Paraíso Perdido"! Aqui a "cobra vai fumar nas suas costas"... e é "só pena que voa"!... (Dava-me umas palmadinhas amigas e prosseguia) — Você viu? O tal velhinho esquálido é de amarguejar. Repare, Cabo, que ele se repinica todo, quando fala, mesmo com calma. O tal major-sequélido é mesmo das arábias. Quiá... quiá... quiá...

— Afinal, seu Zé, porque é que esse infeliz bacalhau-fardado tem tanta aversão por bigodes?... (Fiz uma pausa) — Pelo meu bigode...

— Não posso afirmar, cabo de Guatambu... (Fez uma pausa. Inclinou a cabeça como se buscasse uma resposta e continuou) — Não posso afirmar, Cabo Nambi. Porém... andei escutando, lá pras bandas das baias dos "peixerões" (cavalo de tração), que foi um bigodudo que fez mal pra mãe dele...

— O quê?... Não diga, Conselheiro. Você, talvez...

Não pude continuar. Conselheiro, dando-me um safanão, mostrou-me com uma beiçola arreganhada, o saltitante major-inimigo-de-bigodes, que passava por perto.

— Caluda!... (E uma cotovelada riscou minhas costelas) — Lá vai passando o bicho estremelique... (Mudando o tom de voz) — O negócio da tara do major, seu Cabinho, dizem que não é somente o tal bigodudo ter feito mal pra mãe dele, não... (Fez uma cara de nojo, dando uma cuspidela pela brecha entre os incisivos, encardidos de nicotina) — Não é isso não, seu Pantaneiro estouvado! O negócio é mais feio. A tara anti-bigode-majorenga, é que o magriça-saltitante é o produto desse bigodudo. Ele é bastardo embigodado... (Sacudiu a ossada, na debochada gargalhada)... Quiá... quiá... quiá...

Sem responder ao bom companheiro, filosofei com os meus botões: "O soldado, quando sente que há qualquer coisa errada num oficial, logo procura uma causa, não descansando, enquanto não encontra uma resposta satisfatória..."

Continuando nas suas explicações, Conselheiro falou:

— É a ordem natural das coisas... (E lá veio o espeto indicador, furar o meu narigão esborrachado, num gesto peculiar do velho amigo quando queria confirmar alguma coisa) — E vou lhe dar uma citação que li não sei onde: "Ele é tudo o que foi, o que é o que será"...

— Ora, Conselheiro, pra quê tanta filosofia?

— Caluda, seu analfa de pai e mãe. Veja bem, já disse... (E lá veio, novamente, o indicador espetar meu narigão) — Não há causa sem efeito. (Franziu o nariz, deu nova cuspidela entredentes e continuou) — E nem efeito sem causa!... (Novamente muda o tom da voz) — Essa tara, meu chapa, sempre predominou nos filhos de contrabando. Eles descarregam a bílis, acumulada nessa psicose, no primeiro infeliz que aparecer.

Fez uma pausa, resmungou um palavrão, deu um chute numa lata velha e soltou uma praga, como se tudo isso valesse de alguma coisa.

***

Os dias iam correndo, amargos e pegajosos.

Tudo era rotineiro e cansativo. Tudo cheirava a estábulo, estrume, cavalaria. Era um ardume de farda-jegue, de jabá com chá-de-alfafa... cheiro de murrinha de cavalo.

O soldado convocado, na caserna, é a maior essência do faz nada e também o maior boateiro de todos os tempos.

Eu, "peixinho-direto" do Primeirão, como único funcionário federal no esquadrão, não fazia nada. Descaradamente, deitava, em pleno expediente, na primeira cama que se encontrava e lá ficava, numa discussão enfezada com o bondoso Conselheiro. O coitado queria que eu me adaptasse, novamente, à nobre vida militar, sem o conseguir. Pobre Conselheiro!

Um certo dia, depois do "rancho", eu estava esparramado na cama da primeira fila, fazendo a sesta, quando apareceu um pracebas todo afobado, gritando muito:

— Macacada! O major-magriça pegou a dele... (Pulava, dançava e sapateava) — Vão chupar o olho do majoreco... (Levou a mão nos olhos e fez o gesto característico de quem arranca um olho de alguém) — E a cobra vai fumar nas costas do major-magriça... (Fez, os braços, o rufar de um voo debochado) — E é só pena que voa, na cuca do major... (Tomou um fôlego e continuou, sempre dando uns pulinhos de contentamento) — Dizem que o Velhinho (Ministro da Guerra) vai chupar o olho do majoreco.

A turma cercou o vendedor de "peixes" do esquadrão.

Zé-Conselheiro, que até aquele momento permanecera calado, concertou a garganta, deu uma cuspinhada no ar, arreganhou uma careta medonha e soltou das suas:

— Quá, seu Pasquá! Eita mundo besta!... (E nova cuspidela, veio borrifar meu rosto) — O maior prazer de um desgraçado sem remédio é gozar da desgraça do remediado... (Apertou a queixada e a face resfolegou num ricto de asco. Arreganhou os lábios grossos, deixando à mostra uma dentuça encardida pelo fumo e fez jorrar, no vão dos incisos, um novo borrifo de saliva. Resmungou qualquer coisa e continuou) — Quá! Mundo desgraçado! O coitado do major ainda não ganhou "missa de sétimo dia" e os grilos já começaram a cantar na caveira dele...

E lá se foi, perdido nas divagações, o velho filósofo fardado.

Quanto ao vendedor, de "peixes", prosseguiu, não dando ouvido ao velho Conselheiro:

— Nego... (Deu um tapinha nas costas do soldado mais próximo, como se procurasse mais ênfase nas suas "peixadas") — Nego! O rapaz que perdeu a honra do bigode, era das elites, da tal "society". E, o pior, é que ele era rico mesmo!... (Mudou a entonação) — O pior de tudo, bugrada, é que o recruta apresentou-se ao Coronel comandante do nosso regimento, dizendo-se filho de oficial superior da Vila Militar...

Um convocado gaúcho, todo regionalista exclamou, no seu carregado linguajar dos pampas:

— Que barbaridade, tchê! É só pena que voa, nas costas do majorengo estremilique... (E confiou o bigodão imaginário, que o "bacalhau-fardado" mandou raspar, tão logo o guasca chegara do sul).

Dias depois, nosso Regimento ficou coalhado de "chapa-branca". Carros do Ministério e da Vila Militar.

— Hum!... (Rosnou Conselheiro) — Macacos me mordam, como nesse pau tem mel. Naturalmente, seu Cabo Pantaneiro, dessa escaramuça, o tal major-cobra-seca sumirá de nossa vida por algum tempo...

— Ora, Conselheiro, já vem você com as suas...

O velho companheiro não respondeu logo. Olhava, distraído, para o cigarro ordinário que brincava entre os dedos e continuou, como se eu não existisse ao seu lado:

— Naturalmente, foi promovido e transferido "por necessidade do serviço"... (Deu uma cuspidela, com a cara enferrujada e continuou) — Para não ser desmoralizado, é lógico!

— Ora, seu filósofo de meia patacada! Todas as críticas do pracebas tem fundamento. Todos os boatos, têm uma razão de ser... (Encarei o velho amigo com ares de sabichão e arrematei) — Lembre-se, Dom Conselheiro, as ordenanças do "Cobras", são pracebas de nossa Unidade. Tudo se passa entre eles ou na intimidade de suas famílias, "os brigadeiros" nos trazem, como "peixe" do dia... (E, encostando a boca no ouvido do pobre amigo, berrei) — NÉ?...

***

Infeliz tempo de convocado. Nós, os reservistas de 1ª Categoria, éramos tratados pela sargentada tipo "Sargento Tainha" do "Recruta Zero", como "convocado". Não tínhamos nome nem número. Éramos amorfos. Nossa turma era revoltada com os sargentões que queriam que fôssemos submetidos aos exercícios de ordem unida dos recrutas. Para nós, velhos pracebas de caserna, era um insulto. Empregávamos a reação passiva... que acabava sempre em cadeia.

Qual esquadrão? Perguntávamos com a cara mais salafra:

— "Quantos dias?".

Essa pergunta cretina, referia-se a quantos dias de prisão.

Assim sendo, aos poucos, foram abandonando os "convocados"

que não eram oriundos da arma de Cavalaria, como no meu caso. Na verdade, tínhamos, a nosso favor, a nossa arma de origem. Qualquer desentendimento com um "Sargentão Sardinha" agarrávamos aos nossos direitos de:

— Sargento, minha arma não é Cavalaria! Minha arma de origem é a Artilharia Mista. (Isto, no meu caso). Não entendo nada de cavalo.

Era muita cretinice de minha parte, afirmar que um bom pantaneiro não entendia de cavalo. Mas, naqueles belos tempos, ninguém conhecia o velho e maravilhoso Pantanal e nem as gauchadas de nossos "guaianos" jóquei.

Dos cento e poucos rapazes que comigo se apresentaram a 1ª C.R, no Ministério, naquela célebre tarde em que fomos escoltados pelo Cabo Tampinha do espadagão, nenhum de nós, incrível que pareça, pertencia a arma de Cavalaria. Diziam que ficaríamos no Regimento Escola, aguardando inclusão na arma de origem.

Um dia, nos devaneios das sestas gostosas, Zé-Conselheiro procurava explicar essa confusão de "Arma de origem":

— As "C.R." tem essas, meu chapa... (Passou as costas da mão no queixo pontiagudo e prosseguiu, derramando um olhar sonhador, pela janela do alojamento, procurando alcançar o azulão de um céu limpo, abafado e encardido pelo mormaço implacável) — É isso mesmo, meu Chapa Pantaneiro. A "C.R" tem dessas. Os "Tenentes-Convocados", fazem tanta balbúrdia, que no fim, nem o pobre Exército não sabe como vai delas... (Deu uma coçadela no cavanhaque imaginário, borrifou uma cuspidela pelo vão dos dentes encardidos na nicotina de um fumo barato e continuou) — Os entendidos... (Jogou o corpo magricela para outro lado, fincou o cotovelo no colchão vagabundo e fedorento. En-

carou-me sério e explicou, separando bem as sílabas). "EN-TEN-DI--DOS, entre as aspas seu burrego..." (E espetou meu narigão com o indicador cadavérico, como se procurasse fazer com que eu entendesse melhor as suas explicações) — Os entendidos em guerra, empurram paras as Unidades essa confusão toda, para que ganhem tempo, em busca de uma solução que não encontram... (Soltou um suspiro de sapiência e continuou a matraquear) — Isso tudo, parece que faz parte de uma trama... de uma trama diabólica...

***

Naturalmente, um dia, tiveram que dar uma solução para os problemas dos "convocados-de-origem".

Dizem que a coisa anda preta?

***

Numa bela manhã, o clarim do Regimento tocou formatura geral. Foi um corre-corre dos diabos.

O nosso Regimento Escola de Cavalaria, era tão grande, que tudo era transmitido por microfone. Até os toques de clarim.

Os alto-falantes berravam, sem parar, que os convocados seriam encaminhados às suas armas de origem. A alegria foi geral.

— Pula, bugrada!... Pula!... Agora, vamos ficar livres dos "Rabos-de-Couro" (cavalaria) e, cada macaco em seu galho. Nos canhões, os "Boi-de-Botas" e na infantaria, os "Pés-de-Poeira"... Quiá... quiá... quiá...

Eu fui transferido para o "R.A.M" – Regimento de Artilharia Montada, na mesma Vila Militar do Rio, com dezenas de companheiros.

Lá, a coisa não foi melhor do que no "Rabo-de-Couro". No Regimento Floriano, uma ordem exigia que os graduados convocados teriam que fazer um curso de "revalidação-de-divisas"...

Com a sua muamba militar, jogada às costas magricelas, Zé-Conselheiro bufava, fungava e reclamava, sob o peso da trouxa que levava:

— Eita, vida da peste! O pobre "Boi-de-Botas" virou carambola na "ordem do dia"... Chuta a gente de uma unidade pra outra, e ainda nos obriga a carregar toda essa tranqueira dos infernos... (Passou as costas da mão na testa suada e fez correr bagas de suor. Levantou a cabeça e olhou com raiva, para o céu limpo e mormacento. Deu uma cuspidela para o alto e alguns borrifos foram salpicar minha cara de limão-galego. Soltou uma praga que não entendi e continuou) — Você, Cabo da Peste, que é metido a literato... (Derramou um olhar congestionado pelo calor, pra cima de mim, como se eu fosse o culpado de todas as nossas desventuras e prosseguiu) — E que literatura essa "juba-leonina" entende?... (Fez uma cara de nojo) — Você já leu ou já viu um absurdo, como esse do Floriano? Quá, seu Pascuá!... (E mudou o tom de voz) – Revalidação de curso...

E Conselheiro soltou pragas por todos os poros.

Azedo, gritei para o companheiro:

— NUNCA!... (E para confirmar) — NUN-QUE-A-CÁ!... Não vai revalidar coisa alguma! Não ganhei minha "lagartixa" em revolução mambembe e nem em quarteladas de macacos... (Posso, batia com força na divisa de cabo que trazia na manga da túnica de jegue) — Isto aqui, é curso no duro! Não é "sardanita", não! Deste braço, ninguém tira esta lagartixa...

E desembestei, num palavreado sujo e sem nexo.

— Cabo Velho, tenha calma. Cuidado, a "cobra pode fumar"... e "é só pena que voa"... de sua cabeça.

Eu nada respondi ou não podia responder.

Esse dito: "A cobra vai fumar" nas armas montadas, de nossa época, era muito pouco conhecido nos meios civis. Dizem que os americanos, companheiros de front, gostaram demais dessa expressão dos pracebas e nos deram a ideia de ser o nosso símbolo.

– uma cobra: simbolizando a agressividade do brasileiro.

– um cachimbo: representando o cachimbo colocado no lábio superior do animal (equino ou muar), para que o infeliz não sentisse o trabalho de ferrar em seu casco...

E o símbolo pegou, ganhou fama e ficou respeitado nos "fronts" da Europa.

***

Os dias escorregavam pelas paredes das baias do Regimento, numa murrinha insuportável. Tudo cheirava a cavalo e estrume, pulverizado pelo mormaço malcheiroso da mijação em cascata. Os pobres convocados-de-origem, arrastavam-se no jegue fedendo a goma ordinária, lambuzados num suor de brim encardido.

Nós, na modorna da preguiça do veranico carioca, discutíamos os problemas dos pracebas "arranchados para efeito de etapa"...

Como sempre, o velho Conselheiro era o primeiro a falar:

— Cabo, cuidado com a sua divisa. Não esqueça que os "cobras" já arrancaram divisas de até "primeirão"... (E lançou um olhar perdido, no ambiente de modorna, em busca de uma sesta que não conseguia).

Engoli em seco, quando lembrei do caso e respondi:

— Bem!... (Fiz uma pequena pausa) — Curso mesmo, não tiro! A tal da revalidação, não faço... (Dei um chute no capacete de jegue, nos pés da cama). — O resto, veremos... (Levantei, enfiei o indicador sujo no nariz do velho companheiro e afirmei).

— Cadeia não foi feita pra cachorro. Meu destino, como você muito bem o sabe, é mesmo as grades, desde que aqui cheguei...

Se assim o afirmava, é que eu já tinha visitado as grades do Regimento, pelos mais fúteis motivos. E, o que era mais gozado, é que ficávamos presos dias e dias, sem que se fizesse publicação em boletim da Unidade. Ficávamos ao bel prazer dos "cobras", naquela infeliz época do Estado Novo.

Quando os sargentos passavam os serviços da guarda das cadeias, eles costumavam brincar com o substituto:

— Estes... (E indicavam o nosso grupo, de convocados, em formatura, dentro do xadrez) — Estes, estão encostados no xilindró, arranchados, sem carga e não fazem parte do esquadrão cadeia... (E piscava para o colega, num sorriso brejeiro).

E os dois sargentos-da-guarda (o que saía e o que entrava), soltavam gostosas gargalhadas.

— Pobre Exército querido de minha Terra... (Lamentava Conselheiro, sempre que aparecia barbaridades dessa natureza) — O meu querido e nobre Exército, afogado nessa autocracia de cor nazista, brincando e zombando de nossa História Militar que muito nos orgulha... (Deu um soco no travesseiro de morim ordinário, como se martelasse a cabeça da hidra estado-novista).

***

Hoje, passado tanto tempo não posso compreender como foi que me deixaram "encostado" no Regimento, com divisa e tudo, conservando o "posto" que a "lagartixa" impunha. Era mantido, nas escalas de serviço, no posto de Cabo. Porém, estava sempre ouvindo as advertências do Zé-Conselheiro:

— Aguente no "serigote" tigela! Sua "lagartixa" espirra do braço a qualquer momento... (Aspirou uma longa tragada no Continental, soltou aspirais de fumo azulado e continuou) — Vá tratando de se defender dos "cobras". Não durma no ponto, Mirandense de Bocaina! Quem dorme no ponto é chofer... (E deu uma das suas) — Quiá... quiá... quiá... Quem avisa, amigo é, seu "kadiwéu" mal-enjambrado. Cuidado, o "Capita" do Esquadrão-Metralhadora, é duro na parada!...

Eu, que atendia o velho camarada, somente no que me interessava, fazia ouvido mouco, e continuava no marasmo de convocado-sem-remédio. Para falar a verdade, eu era um deslocado, naquela efervescência dos preparos de embarque para a guerra na África. Eu era um robô, fantasiado de Verde-Oliva, o meu querido e imbatível Verde-Oliva de tantas tradições!... Eu gostava de imitar as malandragens do "Gegê": — "Deixa como está, pra ver como fica".

Um belo dia, para acabar com a minha folga escandalosa, eu fui transferido para a Moto Mecanizada, que embarcava para o Rio Grande do Sul.

Zé-Conselheiro vibrou:

— Oba!... (E abriu a boca, numa fornalha do tamanho da boca de um sapo Gia) — Agora, nós vamos conhecer a famosa coxilha, a terra dos entreveros... (Deu-me um tapinha nas costas, animando-me) — Cabo, pelo visto e pelos "peixes", parece que vamos conhecer "Orópa,

França e Bahia"... (Deu uns requebros, esticou uma beiçola debochada, e numa voz esganiçada, procurou imitar o linguajar nordestino) — Oxente! Cabra-da-peste também é homem...

Na Mecanizada, o Tenente que nos recebeu, explicou, com delicadeza:

— Cabo, você sobrou aqui. Toda tropa já está embarcando para o Sul. Você não faz parte do nosso efetivo. Tem uma circular ministerial que manda o "Depósito", os praças e graduados que sobrarem... (O tenente inclinou a cabeça para um lado, num gesto cismarento de quem não entendia nada. Coçou o cocuruto da cabeça, com cabelos cortados rentes – a Príncipe Danilo – e continuou, com frases indecisas) — Como foi que o jogaram do "R.A.M" para cá?... (Nova pausa) — Não é possível que o comando do "RAM" não soubesse de nosso embarque... (Franziu a testa, lançou um olhar para longe, como se buscasse uma resposta e me encarou com ares paternais) — Você parece ser um bom pracebas, Cabo. Não sei o que fazer...

O tenente resmungou qualquer coisa que não entendi. Levantou-se e ordenou que eu aguardasse. Virou-se, e novamente repetiu:

— Aguarde um momento, Cabo. Vou ver se dou um jeito na sua vida...

E lá se foi, o tenente bacana, interessado em solucionar os problemas de um infeliz cabo-convocado, que peregrinava à matroca, sem direção e sem objetivos.

— Você é um navio desgarrado, sem leme e sem rumo, navegando no mar encapelado dos milhares de convocados... (Zé-Conselheiro lançou um olhar perdido no além de suas divagações. Deu uma cusparada no piso de pedra encardida e continuou) —Você, Cabo das arábias, é um joguete nessa confusão... (Mudou o tom) — Cabo, que tenente bacana! Será que no Sul são todos assim?

Conselheiro não terminou. O bom "milico" voltara, dando as seguintes instruções.

— Cabo, você ficará encostado, não arranchado, no contingente que foi escalado para guardar esta Unidade... (Fez nova pausa, como se procurasse melhor os termos para que eu entendesse) — Será um contingente de um sargento, três cabos e 12 soldados... (Nova pausa) — Quanto ao rancho, você ficará adido na sua Unidade.

E o bom tenente mandou que eu fosse procurar o sargento.

— Velhinho, a inana está melhorando! Já encontramos, nesta peregrinação, um tenente delicado, camarada e calmo... (Explicou, vibrando, o seu velho camarada) — É o verdadeiro Exército, de tantas glórias, que está começando a nos cativar... Oxente!... Velho Exército de guerra! (Soltou uma gostosa gargalhada!) — Quá... quá... quá...

***

Os dias corriam, preguiçosos, acompanhando a malemolência do velho pantaneiro que não queria nada com a dureza. E, para melhor enquadrar a minha preguicite aguda, fui encostado no "R.A.M", para efeito de rancho. Meu serviço, na grande luta da Segunda Guerra Mundial, era o de comandar seis pracebas, minha guarda, numa folgadíssima escala de três em três dias... As folgas, eu as passava na praia do Flamengo, com a brotolândia. As noites, eu as consumia nas gafieiras do Catete. Eu nada fazia, como convocado, para merecer, da Nação, os vencimentos do funcionário federal, como optante.

— Sou um convocado! Pronto!... (E fazia continência ao bom filósofo) — Estou cumprindo meu dever...

— É isso aí, o que você chama de dever de cidadão? Toma jeito, Mirandense da Bocaina! Essa mamata ainda vai acabar... Pense no

futuro, Pantaneiro Nambi. Você já está se aproximando da casa dos trinta...

E o velho camarada me martelava com infinidades de conselhos. Eu sacudia os ombros e não respondia. Era um velho costume, quando eu perdia a parada para a minha sombra amiga.

Se eu achava que, em determinados debates, eu tinha razão, lá dentro, o velho gritava: "Ele é quem tem razão".

— Já sei... já sei... seu Pantaneiro degringolado! Você joga as culpas nas costas dos responsáveis pela convocação... (E, mudando o tom de voz, Conselheiro batia-me nas costas, num gesto amigável, encerrando o assunto que eu sempre fugia nas discussões). — Deixa estar, jacaré! Sua lagoa há de secar e seus peixinhos vão morrer...

CAPÍTULO II

"E A COBRA VAI FUMAR"

O dia amanhecera lindo. O Rio, cidade belíssima por excelência, estava radiosa, transpirando primavera por todos os quadrantes.

O velho Conselheiro, esquelético e azedo, sorveu uma golfada de ar primaveril, com gestos largos e espalhafatosos. Aproveitando meu espanto, o bom amigo justificou-se:

— É a Cidade-Menina que se enfeita, toda coquete, meu caro Bororo. É a nossa querida "Carioca" que sorri, em toda a sua plenitude, convidando todos ao sorriso dos que sabem gozar as delícias da vida... (E o velho casmurro, prolongou-se em cânticos, ao tempo que tudo fazia sorrir).

Eu, um triste pracebas da Vila Militar, desajustado de tudo e de todos, que levantara com fígado em pandarecos, no resultado de uma noitada na famosa Lapa, resmungava e blasfemava.

O bom Conselheiro cansou de chamar-me à realidade da maravilhosa manhã, nada conseguindo. Seu amigo, Cacique da Bodoquena, estava sorumbático, só descortinando nuvens negras. O pobre camarada cansou de falar comigo, tanto no bonde, como no trem. Tudo fora em vão. O infeliz Morubixaba dos Pantanais, só sentia as nuvens agourentas que passavam, distraídas, pelo céu de minha existência de convocado.

Zé-Conselheiro, desanimado, saiu com esta:

— Cabo, você está tão meditabundo... (E sacudiu a cabeça, com desânimo) — Com o fígado tão bilioso e carregado de xexéu, que até parece que um urubu pousou na sua sorte...

Não havia jeito. Minha vista congestionada de boêmio das gafieiras, tudo empanava, tudo azedava.

No contingente dos galpões da Mecanizada, que embarcara para o Sul, cabos e soldados, reunidos, aguardavam-me. A ordem que receberam do sargento que nos comandava, era de que nos apresentássemos no "R.A.M", para a formatura geral.

Desinteressado, como sempre, mais arrastando a carcaça fardada, do que caminhando, seguimos para o Regimento Floriano, onde eu estava adido, para efeito de rancho (refeição). Na unidade, todos estavam formados, em uniforme de física.

— Ora... ora... Seu Zé. Esta formatura geral, é uma célebre "Hora do Pato".

A temida "Hora do Pato", fora batizada pelos pracebas, as formaturas que nos obrigavam a ouvir "lenga-lenga" sem fim...

— Limpe os tímpanos, Sr. Cabo! Há muito que você está precisando de umas boas palmadas... (Meteu o indicador encardido de nicotina, em "riba" de meu narigão e continuou). — Às vezes, seu Nambi, a "Hora do Pato" vem a calhar. Morou? Seu Nambi Mirandeiro.

Azedo e mal dormido, nada respondi ao bom amigo. Com uma carranca de mil demônios, apresentei-me ao Sargenteante (Primeirão), da 6ª Bateria. Não me lembro mais de que Grupo, onde eu estava adido, para efeito de etapa.

O "R.A.M", era um regimento tão grande, que nunca pude aprender as subunidades (Grupos) do Floriano.

— Cabo, deram ordem para a bugrada tirar a farda e vestir o uniforme de física. Velhinho, agora é que a "cobra vai fumar"... e é só pena que voa!

Lá fui, gingando na malemolência dos bambas da Lapa, uma figurinha difícil, um verdadeiro Tarzan da gafieira, exemplo fiel de um faquir hindu. E, por causa de minha altura, lá estava o magricela pantaneiro, na cabeceira de uma fila formada por quatro.

Um coronel, se não me falha a memória, aproximou-se do microfone do Regimento e apresentou-se. Só então, minha apatia foi sacudida.

Aproveitando uma pausa do "gemada", Conselheiro segredou-me:

— Aquele que fala, o das "Três Gemadas", é da tal "F.E.B"... (Cofiou o cavanhaque imaginário e continuou) — Será que é verdade o que o "gemada" está falando?... (E, mudando o tom dos comentários) — A inana vai estourar e é só pena que voa na cabeça do pracebas...

Nesse monólogo, meu camarada divagou sobre diversos assuntos.

A maldita ditadura getuliana afogava os absurdos que os convocados praticavam, na velha Capital da República.

— Cabo, o "Corona" (coronel) está avançando o sinal. Está falando muita verdade que não deve ser dita... (Conselheiro balançou a cabeça, em desaprovação) — Ele pode cair nas garras do Tribunal de Segurança Nacional – tão famoso Tribunal Getuliano da Inquisição...

E o das "Três Gemadas", continuava, exaltado, a expor os problemas da "F.E.B." que nós ignorávamos.

Zé-Conselheiro, na sua filosofia amarga, completou:

— É tão fácil resolver os problemas deles... (Emoldurou o rosto com uma máscara cínica) — Um túmulo, uma cruz de ferro, uns papelórios, umas leizinhas mixurucas... Tudo ok!

E o homem das "gemadas" continuava, com gestos largos, no microfone. Lá pelas tantas, levei um safanão do velho camarada. Assustado, encarei o amigo, que me falou:

— Acorde, Mirandense! O falatório é para nós... (E, com o indicador enegrecido de tabaco, mostrou o coronel que falava revoltado). — O "gemada" está espumando de raiva. Veja só. Não disse a você que a "cobra ia fumar"?

Agucei as antenas. Ele expunha uma situação calamitosa na "F.E.B.", que eu e o Brasil todo ignorávamos:

— Um navio americano, de transportes de tropas, ancorado no porto do Rio, não podia zarpar, por falta de efetivo nas tropas brasileiras... (Gritava o "gemada" fungando e dando murros no parapeito do coreto) — Os claros, diariamente, nas deserções, tornaram-se alarmantes. Esse navio americano tinha que partir no dia predeterminado pelo Alto Comando Aliado, na Europa...

— Pantaneiro, o "gemada" está fulo e com razão! Ainda não conseguiram lotar o navio dos gringos, com carne para canhão... (Fez uma cara mais cínica, do que o de costume e arrematou) — Parece que o açougue está desfalcado de carne jovem...

Conselheiro não pôde continuar nas suas cretinices. Dei-lhe um safanão para valer e gritei:

— Não chateie, Conselheiro! Vamos ouvir o "gemada". Parece que a coisa está me interessando...

Quando a tropa tomou sentido do que se tratava, começou a surgir um zum-zum entre os homens, com fisionomia sonolenta e apática.

Uma das afirmações do "Corona das Gemadas" eu me lembro: "Quem der um passo à frente, neste momento, está colocando os pés no navio americano, que os transportará para as terras longínquas. Lembrem-se bem! Talvez nem dê tempo de despedir das famílias... (O Coronel fez uma pausa, como se consultasse as fisionomias cansadas e céticas, da soldadesca em formatura) — Precisamos, com urgência, de voluntários, para preenchimento das vagas dos desertores da "F.E.B."!... (Nova pausa. O "gemada", com olhar de angústia, percorria a tropa, como o náufrago em busca da tábua de salvação) — Sargento! Cabo! Soldado... enfim, quem der um passo à frente, só teria dissabores, lutas e sacrifícios! Compreendemos, muito bem, que vocês não estão preparados para o embarque".

"— Por isso, solicitamos voluntários. Pensem muito bem, antes de tomar uma atitude... (Nova pausa. Agora, emocionado, o coronel encerra sua explanação) — O Brasil espera que cada um saiba escolher o seu dever!".

Do meu lado, um cabo muito mais alto e mais forte do que eu, um atlético carioca, com vozeirão de barítono, perguntou-me:

— Você topa a parada, seu Jegue?... Ou vai correr da raia?...

E duas vírgulas, em sinal de interrogação, formaram-se nas sobrancelhas do camarada, como se ondulasse o vozeirão abaritonado.

Absorto, não respondi na hora. Zé-Conselheiro deu-me uma botinada e repetiu a pergunta do Trovão:

— Você topa a parada, seu Jegue?... Ou vai fugir da raia?... (Deu uma piscadela matreira, cutucou-me com o cotovelo magrela e persis-

tiu, com palavras arrogantes) — Esse grandalhão está perguntando se você topa ser voluntário da tal "F.E.B."...

— Não sei companheiro (Respondi, indeciso).

— Olha, Cabo Pantaneiro de uma figa, eu já ando cheio destas duas fitinhas no braço e não suporto mais a vida caserna... (Esparramou um olhar comprimido pelo Regimento e continuou) — Tão cedo, Cabo Velho, nós não sairemos desta casca verde. Dizem que esta maldita guerra vai durar muito... (Olhou dos lados, desconfiado, esguichou um chafariz de saliva para frente e prosseguiu, como se falasse sozinho) — E, para falar a verdade, pior do que esta geringonça de convocado, a guerra não pode ser... Não é mesmo?

Zé-Conselheiro não pôde terminar as suas arengas. Pois o Trovão Carioca deu uma fungada e avançou um passo à frente. Se assim tinha falado, o cabo carioca, muito melhor o fez, acompanhado de seus companheiros de cabeceira de formatura. Só eu fiquei... sem ação...

Dom Conselheiro puxou-me a orelha e disse:

— Você, pantaneiro de meia-tigela, não acompanha sua turma? Será que você tem coragem de desmoralizar a cabeceira dos cabos?... Olha...

O camarada não pôde continuar. Dei-lhe uma cotovelada, daquelas de quebra costelas e gritei:

— Não chateie, seu azarento! Não nasci para herói... (Dei-lhe uma botinada e das boas) — Vá cantar patriotadas noutra freguesia... (Meti o indicador no nariz do magriça) — Aqui no R.A.M., felizmente, você não entoa, tá?

— Que isso, homem! Onde está a sua tarimba de mato-grossense bagual? E a tão famosa glória dos guayacurus, das pradarias do Nham-

bileque mirandense?... Em que lugar fica?... (E, imitando um índio arremessando uma flecha) — Vamos, Cacique! Flecha em riste!... Avance um passo, pantaneiro... (Olhou-me com os sobrolhos carregados) — Avance um passo! Está tremendo? Caboclo das fronteiras, do tereré e do xiripá, não treme no entrevero... (Deu-me uma batidinha nas costas, como se me afagasse) — Ora, Velhinho. Morrer, por morrer, você morre atropelado por um bonde mixuruca da Light...

O cabo, da voz de barítono, olhou-me assustado e perguntou:

— Está falando sozinho?... Ou é coragem que esqueceu para as brandas do velho Mato Grosso?

Não tive tempo de responder. Aos empurrões de Zé-Conselheiro, dei um passo à frente, todo desengonçado e sem saber ao certo que estava fazendo.

Assim que um determinado número de soldados e graduados, deu para satisfazer o "gemada", formou-se o pelotão de voluntários e fomos encaminhados para o pavilhão da Enfermaria, para os exames médicos necessários.

Tudo fora previsto. Tudo fora preparado.

Um atrás do outro: sargentos, cabos e soldados, formaram uma enorme fila, que um sargento febiano, pachorramente, encaminhava o rebanho para o próximo sorvedouro humano.

— Cabo Najé, você notou como essa fila parece uma cobra?... (Coçou o queixo, deu uma cuspida) — Parece mesmo que a cobra vai fumar... é comprida, como esperança de pobre favelado...

— Cale a boca, Conselheiro! Ala pinta!...

O sargento febiano mandou que todos tirassem a roupa, conservando a fila.

Como sempre, Zé-Conselheiro não deixou para mais tarde:

— Que maravilha de formatura, Cabo Mirandense. Nunca pensei que existisse tanta imoralidade na nudez humana, quando em fila... (Deu uma cuspidela, com nojo) — Que imundície de formatura machista! Eu nunca pensei que o homem chegasse à tanta imoralidade "nudípede"...

Um gaúcho, atrás de mim, pensou alto:

— Puta barbaridade!... Vá ter chimangos feios, nos quintos dos infernos!... (Deu uma gargalhada e continuou) — Nunca vi tanto cabo de chibata se balançar entre duas boleadeiras...

E a carneirada despida, encabulada, ia sentando nas cadeiras, colocadas, também em filas intermináveis, no longo corredor do pavilhão da Enfermaria. Em frente de cada cadeira, um médico especialista num assunto. Na primeira cadeira, um dentista.

Sentei, na primeira cadeira. O dentista começou a bater nos meus dentes com um martelinho de metal. O som repercutia no cérebro, me deixando doido.

— Aguenta, Morubixaba! Na sua terra, para saber o valor de um cavalo, vocês também não examinam a dentadura?... (E lá veio a gargalhada) — Quiá... quiá... quiá...

De vez em quando ouvia-se um gemido. Era um médico mais exigente, escarafunchando um infeliz pracebas.

Ainda zonzo, do exame dentário, corri os olhos pela interminável varandinha do pavilhão e vi, amedrontado, médicos esgravatando, nos indefesos praças: olhos, ouvidos, nariz e garganta... peito, respiração... estômago, intestino, rins, fígado (onde levávamos pancadas, pancadinhas e pancadões) e baços... braços, mãos, pernas e pés (não faltando a infalível pancadinha nos joelhos).

— Xi! Cabo! O pior de tudo isso é que, para servir de carne de canhão, o pracebas tem que ser um verdadeiro modelo de saúde e de físico... (Deu uma cuspidela, com cara de nojo) — Quá, seu Pascuá!... É só pena que voa...

Olhei meu velho camarada, com raiva (a raiva era minha companheira inseparável) e respondi:

— Não me amole, filósofo de botequim zurrapa... (Ia continuar nas descargas biliosas e não pude... Zé-Conselheiro cutucou-me nas cotoveladas)...

— Eita, barba-de-bode!... (E prosseguiu nas cutucadelas) — Veja só, Cabo de Las Fronteiras... (E indicou-me, com a beiçola revirada, a última cadeira dos médicos) — O pior mesmo, seu Cabo de Guatambu, é o último médico. Veja! É uma barbaridade, "tchê"...

Olhei, assustado. Lá, no fim da fila, numa posição grotesca, um pracinha, de quatro, era examinado... no ânus...

E lá do fundo, em posição de quatro, o gaúcho soltou das suas:

— Puta, la mierda!... (Olhou para o médico que examinava seu "tutu" e soltou mais esta) — Até de quatro, doutor, a gente ganha uma guerra?... Fomos virados e revirados do avesso! Dos pés à cabeça! Isto é que é guerra! É a tal guerra dos gringos. E a guerra das boas. (Virou-se para o médico e, com o sobrecenho carregado, exclamou) — Barbaridade! Quase perdi a virgindade! Isto é guerra, e guerra das boas! Me faz lembrar as histórias do ximango degolando maragato... lá nas coxilhas...

E o destemido gaúcho saiu, no balançar das pernas cambaias, marca incontestável do vaqueiro destemido dos pampas.

Quando eu me aproximei do último médico, senti um calafrio. Um ligeiro rubor subiu-me às faces. O médico, muito atencioso, compreendeu

e foi rápido nos exames. Meu amigo filósofo, não deixou de dar das suas, em cada cadeira que sentei. E, em cada exame, uma Sentença:

— Viu, Cabo? até o "tutu" do pracebas tem quer ter calibre para guerra das európicas... (Deu uma cuspinhada com cara de nojo) — Eita! Mundo desgranhado... (Depois de uma pequena pausa, todo matreiro, piscou um olho e gracejou) — Bem diz um velho ditado que: "quem tem padrinho não morre pagão".

Não gostei da piada. Conselheiro tem dessas e outras. Solta cada uma...

Ainda vestindo o uniforme de física (calção, tênis e bibico), depois do último exame, recebemos ordens de apressar e entrar em forma, num pelotão comandado por um tenente-simpatia. No portão da guarda, um transporte nos esperava para o "H.C.E." (Hospital Geral do Exército).

Um nordestino, musculoso e alto, ao meu lado, resmungou em seu linguajar típico, arrastando o sotaque na sua pronúncia cadenciada:

— Oxente!... O cabra da peste é mais rápido do que eu esperava. A cobra vai fumar nas costas do pracebas e é só pena que voa...

Simpatizando com o musculoso cabra, respondi:

— É isso mesmo, pracinha! Vamos empacotados, de qualquer jeito, para o navio dos gringos...

Conselheiro, sem ser chamado, aproveitou a deixa:

— Vamos fazer turismo, com dólar do governo... (Piscou, com cara de galhofeiro) — Turismo pela "Orópa, França e Bahia"...

— É... Seu Zé... A cobra vai fumar mesmo...

E quedei, num cismar aprofundado.

E, enfrentei o cismar, para dar mais ênfase no dito dos praças:

— E é só pena que voa, seu Zé... Você vai ver...

Dessas expressões galhofeiras, de nossos pracebas, na Vila Militar de nossa época, é que surgiu, como uma pincelada de artista desconhecido, o célebre emblema em que representa o Brasil na guerra: uma cobra e um cachimbo fumegante.

Hoje, a "COBRA FUMANDO" é o nosso emblema sagrado! O símbolo dos pracinhas!

Dessas e de outras escaramuças e peripécias, fomos dar com os costados no "H.C.E.", para novas inspeções, diziam...

— Conversa fiada, Seu Cabo... (Alertou-me Conselheiro) — A cobra vai mesmo fumar para riba dos pracebas e só é pena que voa na bugrada! Vai ver...

Eu, já um pouco convencido com o inevitável embarque, respondi:

— Para riba de moá?... (Atarraxei uma máscara de valente e erudito e confirmei) — Para riba de moá?... Jamá!... (Espetei o narigão do velho amigo, com arrogância) — Lembre-se, Dom Conselheiro! Que o caminho de gente "feia" é de onde veio!... (Soltei um olhar de desprezo no velho amigo) — Porém, se a cobra vai fumar no lombo deste macaco velho, nem é bom pensar... (Mudei a entonação da voz) — Pantanal para uma, que já é tempo!... (E fiz os gestos característicos de quem corre) — Você se lembra do velho ditado de nossas fronteiras?... Se não me engano é assim: "enquanto corro, mi madre hay hijo!"... (Nova pausa. Escorreguei um olhar perdido para o nada e terminei, como se falasse sozinho) — Foi você mesmo, Conselheiro, quem me ensinou. Lembra-se?

O infeliz Conselheiro nada respondeu. Ficara bem embatucado.

***

Fora das mais horríveis, a nossa viagem para o "H.C.E.". Meteram-nos num "QT" (qualquer-terreno: caminhão), encapotado, rebuçado, fechado, tapado, amarrado, evitando os olhares curiosos, como se fossemos ser filmados por espiões nazistas.

— Quá, seu Pascuá!... Nossa guerra, tem cada palhaçada... (Arriscou, Conselheiro, já meio encabulado com os arroubos de heroísmo que tanto me macetou, no começo lá na formatura geral) — É, seu Pajé das arábias. Por causa de uns arianos tarados, temos que navegar nesta geringonça encapuçada? Até me falta o ar, meu bom camarada...

O comboio parou na frente do hospital militar. Saltamos, tontos e desorientados, na viagem "enlatada". No hospital, fomos tratados à galega. Levamos agulhadas de todos os tipos e de todos os tamanhos. Diziam os enfermeiros (verdadeiras bestas humanas) que eram vacinas para a viagem...

— Vacinas contra o que?... (Indagou, um pracinha assustado).

E lá veio a resposta do gaúcho brincalhão: — Vacina contra o medo, tchê!... Vacina para fabricar macho... Macho guapo!

E o guasca musculoso, tostado de sol das praias cariocas, tirava a camiseta exibindo um tórax hercúleo, num físico respeitável dos pampas. Olhou para os lados, em busca de uma resposta que não veio. Nova provocação saltou de seu sotaque sulino: — Isto é soro de colhão, de hombre macho, tchê!... Extraído dos turunas dos pampas, no choro do minuano cortando o rosto do guasca!... (Deu uma piscada de olhos e arrematou) — É soro macho, que chimango de sua espécie não conhece!... Tchê!

Quem não foi nessa conversa, foi um nordestino "ferrador" (que crava as ferragens duras nos cavalos), do Regimento de Cavalaria "Andrade Neves". Que num ímpeto de loucura e medo, esparramou-se todo, num canto do laboratório onde éramos espetados. Arrancou da "peixeira", espalhou-se nos bamboleios da capoeira e gritou, com os olhos injetados de sangue:

— "Ne mim", ninguém toca. Oxente... (E correu os olhos sanguíneos pela sala que rescendia a homem e suor de medo) — Apois, moço!... Comigo, a coisa não é assim não... É de outro jeito... Por Deus e por "Padim Ciço"... É de outro jeito mesmo. Cabra da peste não mete a mão "ne home"... (Mostrando o braço musculoso de "ferrador" e estufando o bíceps avantajado, o nordestino confirmava) — Oxente... braço de "home" ninguém fura!... (E pulava e gingava no ritmo da capoeira, enfurecido) — Ninguém fura. Só peixeira de cabra da peste... Não fura não...

E ninguém se meteu com ele. O colega nordestino foi levado de volta para a sua unidade, num "Jeep" que arrumaram às pressas.

Era o sangue quente do indomável nordestino, cantava nos mares bravios de nossa terra natal, revoltado com os primeiros horrores da guerra...

Nós, os míseros voluntários da "F.E.B", aguentávamos tudo, chocados com os últimos acontecimentos. E, para completar as agruras da macacada, meteram um agulhão (do tamanho de agulha de tricô), grosso e rombudo, com a mão do médico que espetava a bugrada.

Um enfermeiro, com cara de poucos amigos (todos, do "H.C.E.", daquela época, tinham cara de poucos amigos), colocou um copo de vidro, com graduação em centímetros, ao lado do besta convocado que, atoleimado, tudo enfrentava. Eu estava atoleimado ou apalermado?... apalermado ou acovardado?

E, começaram a tirar nosso sangue (para plasma), por um tubo de borracha, velho e encardido pelo tempo e pelo uso, tubo que o enfermeiro mal-encarado enfiou na agulha de tricô. Essa bárbara agulha, enfiada em nossa veia, jorrava o sangue desbotado pelo pavor. E o "mana" dos pracebas escorria, livremente, para a vasilha colocada no chão...

Era uma luta desigual. O velho e destemido praça, que tudo aguentava, tudo aceitava, ficara aparvalhado com tanta "picada" e tanto exame. Agora, não tinha coragem de controlar o jorrar de seu próprio sangue, pelo tubo encardido.

— Eita mundo desgranhado! Guerra de merda e de miséria!... (Era o velho Conselheiro, mais branco do que cal, cambaleando na tontura do esgotamento sanguíneo) — Eita! barbaridade. Que vá tudo para o inferno...

E caiu, desmaiado, mais branco que véu de noiva.

***

Uma vez satisfeitas as exigências, no "H.C.E.", a carneirada foi levada, por um "Q.T.", todo encapotado. Nas escaramuças do "QT" encapuzado, que nos levava, alguém rosnou, como se pensasse alto:

— Ah pracebas desgraçado! Onde mete a cara, é só pena que voa... (Deu um murro no ar, como se procurasse esbofetear as fuças de alguém) — Bem dizem que soldado é filho do diabo...

E o praça continuou, praguejando por todos os poros.

O tempo ia passando. O "Q.T." ia correndo. O silêncio ia abafando o peito da macacada. Nada mais se ouvia. Com dores por todos os lados, alfinetadas nos quatro membros... tudo azucrinava os pracebas. E a bugrada, encurralada no empacotado "Q.T."... seguia seu destino sem saber para onde e nem por onde...

— Aguente o tranco, bugrada! Não reclama. É segredo de guerra. Não ouviram as recomendações do "cobra"?... Eu, na velha filosofia, levo tudo no bico.

No "QT" encapotado, o jovem tenente retrucou para Conselheiro:

— Boca fechada! Estamos em guerra! Não dê broncas e nem solte "peixe" pra estranhos. É um perigo para a nossa segurança... A espionagem nazista é muito esperta. Somos presa fácil pra eles... (E levou o dedo no narigão do Zé-Conselheiro) — A sua vida, a minha vida, a nossa vida, depende da sua boca... (E, pela primeira vez, o jovem tenente gritou:) — EN... TEN... DI... DO...?

Coitado desse tenentinho, recém-formado na Escola de Guerra. Jovem, mal-enjambrado no "jegue" de front, era o nosso incansável instrutor de guerra.

Infeliz tenente daqueles dias horríveis. Muito mais perigoso, para o pracebas dos trópicos de 40 graus à sombra, foi o front que enfrentamos, nos Apeninos, a 20 graus abaixo de zero.

Isto sim! Foi perigo e grande! Isto foi guerra! A guerra dos gringos!

Cabo Basquete, alto e forte, carioca da velha guarda do Posto 6, um espírito de filósofo, com sólida cultura, de tradicional família da Marinha, depois de um profundo suspiro, exclamou: — Segredo, meu Deus!... Quem os guarda?...

— A sepultura, seu Cabo... (Respondeu Zé-Conselheiro, numa voz cavernosa) — O segredo fica com a megera da ceifadeira, as tumbas dos praças. Somente a dita-cuja, no sepulcro dos monumentos, guarda os segredos de guerra.

O comboio, silencioso e triste, fazendo curvas fechadas que jogavam uns contra outros, buzinando e pedindo passagem, parando aqui e ali (talvez algum sinaleiro fechado), encostou sua carga humana e massacrada, numa Unidade da Vila Militar.

Os pracebas, estontados como bêbados, arrastaram a carcaça para um pátio do quartel.

Minha sombra e companheira eterna, perguntou: — Que unidade é esta? Onde estamos? Para onde vamos?...

Dezenas e dezenas de perguntas, sem respostas, eram sussurradas entre os descontrolados "voluntários" da "FEB". Eu, que muito pouco conhecia a vida militar da Vila, nada dizia. Somente escutava e tirava minhas conclusões.

Por uma casualidade ou por uma força que não sabia de onde vinha, (por afinidade ou por atração pelas energias cósmicas?) ou coisa parecida, tornei-me, desde logo, inseparável colega do Cabo Trovão, o carioca de voz estrondeante.

Cabo Trovão, por si só, convidava à amizade. Era risonho, bochechudo e rosado, hercúleo e calmo, manso... como um cordeiro. Nos sorrisos largos, Cabo Trovão exibia uma enorme dentadura, bem "torneada", graúda e sadia. Sua bocarra se rasgava num franco sorriso de camaradagem. Sua conversa era rica de gíria carioca. Enfim, Trovão era a encarnação perfeita do velho Rio: do bonde, do tostão, do cafezinho em mesinhas de botequim, do jornal de 100 réis e da média com pão e manteiga...

Encarando Trovão, meu incrível camarada das futuras peripécias do front, Seu Zé saiu com essa:

— Ah, meu velho! Aquele é o Rio que não volta mais. A velha "Carica" dos "Cabarets" da Lapa, da Praia das Virtudes... (Deu uma piscadela de olhos e prosseguiu com ares galhofeiros) — Praias das Virtudes... Dizem que a virgindade dela foi perdida desde os tempos de Dom João Charuto.

— Conselheiro, o negócio não é assim tão preto, como pintam... (Puxei a orelha do companheiro e prossegui) — No velho Rio, de há pouco tempo, a gente sentava num botequim, tomava um gostoso cafezinho de tostão, com a infalível água gelada e servido por um garçom de jaqueta preta e gravata borboleta. Um garçom prestimoso, amável e sorridente... (um suspiro profundo, veio confirmar as saudades de meus velhos tempos de botequim) — Onde foi tudo isso, Conselheiro?... Para que pátria?...

E as comparações se perderam no tempo.

Quando, no hospital, perguntaram-me onde queria servir como FEBIANO, respondi que preferia o Grupo Escola de Artilharia, porque lá, também servia um primo de Miranda.

No Grupo Escola, o oficial que nos fichava para o embarque explicou-me que o primo tinha sido transferido para o Norte. Para fugir do embarque.

— Parece que seu primo conseguiu um pistolão e deu o fora... (Comentou "Torresmo", o cabo que tinha sido queimado num incêndio da rouparia).

As chacotas continuaram pra cima do velho pantaneiro.

Quase morri de vergonha.

— Essa não, seu Cabinho mentiroso...

Era outro cabo, o Silvestre, campeão Sul-Americano de saltos em trampolim. Um cabo que falava inglês, francês, espanhol e italiano.

A minha desgraça estava selada, porque, na viagem de volta, do "HECE", eu havia convidado uma turma de cabo para o Grupo Escola, contando com a proteção do primo- oficial...

Dos cabos, o Trovão era o único que tinha preferência, por uma unidade: o Grupo de campinho, onde servia sua "gang" de Marechal Hermes...

Tanta promessa que eu fizera, tanta maravilha eu cantara, sobre as qualidades do primo, que a maioria dos cabos, uns oito, resolveram seguir-me para o Grupo Escola. E tudo se desmoronara... Até petelecos eu levara dos colegas, acompanhado de muita vaia, que me valeram muitos dias de acanhamento.

Dessa brutal desilusão eu acabei cético e mais azedo do que já era, levando-me a responder, para o tenente que nos fichava para o embarque, tudo negativamente:

— Sabe nadar, remar, andar de bicicleta, montar a cavalo, andar de moto? É motorista? etc... etc... etc...

— Não... não... não... (Eu respondia, sem cessar).

Tudo eu sabia. Mas, indignado com a fuga do outro, resolvi voltar para o "Caxias", respondendo NÃO!... NÃO!...

— É datilógrafo?

— NÃO! ... (Sempre fui datilógrafo).

— Que curso tem? Até que ano estudou? Formado em que?

— Não tenho curso nenhum... (Respondia, com aspereza, ao

bom tenente que me fichava) — Estudei somente até o 2º primário... (Uma pequena pausa. Um rosnar desenxabido. E a carga do "não sei" continuava) — Não sou formado, em nada, tenente!

E assim, continuava na negativa sistemática, encarando o bom tenente, com raiva, como se fosse ele o culpado de minha decepção. Mesmo encabulado, eu procurava explicar, da melhor maneira possível, as mentiras deslambidas que eu vomitava em cima do bom oficial.

— Puxa vida! Você é descarado mesmo! (Condenou-me o Conselheiro, dando-me um empurrão, que quase caí) — Vá mentir no inferno...

— Que foi isso?... (Perguntou, assustado, o tenente bacana que nos qualificava para o embarque) — Será que o cabo está de medo?... (Deixou escapar um sorriso amigo e arrematou) — Ou será que você está cambaleando de fome?

O bondoso tenente sabia que, desde o toque de "Formatura Geral", lá no meu "R.A.M", às 7 da manhã, toda nossa turma de voluntários da "F.E.B." só tinha no estômago uma xícara de chá... (de "Chá-de--Alfafa").

E a nossa penosa peregrinação, já avançava pelas duas da tarde.

Um pouco atrapalhado e procurando equilibrar-me, respondi gaguejando:

— Na... nada, Te... nen... te... (E, procurando me safar da enrascada que o incorrigível Conselheiro me pregara, apanhei, no ar, a primeira desculpa esfarrapada que me ocorrera) — Ainda estou zonzo, Tenente, das voltas que o nosso "QT", todo encapuçado, dava nas disparadas pela rua da cidade... (Lancei um olhar de cão lambido e confirmei:) — Penso que deve ser o efeito das dezenas de vacinas que me

aplicaram, reforçada pela maldita fome... (Voltando-me para o velho e inseparável camarada, falei, num ranger de dentes:) — Outra dessas... (E cerrei o punho nas fuças do amigo) — Outra dessas, repito! E você não embarca comigo! Bolou?... (Fuzilei o pobre companheiro com saraivada de insultos e arrematei:) — Tá bom? Neris de pitibiribas com a sua filosofia barata!... Seu filho de uma...

***

No Grupo Escola de Artilharia sobramos, porque não éramos especialistas na arma.

Pura mentira! Eu tinha curso de "Cabo Apontador". O que houve é que, na minha revolta, eu convencera a maioria dos cabos de minha turma que negasse todas as perguntas que fizessem, sobre nossa especialidade.

Do resultado dessa baderna que provocáramos, fomos considerados excedentes e transferidos, como é natural, para uma outra Unidade que embarcava: o Grupo de S. Cristóvão.

— É pra lá que vocês vão. O grupo de S. Cristóvão está muito desfalcado, por causa das deserções... (Explicou o bom Tenente).

— Quá! Cabo Velho!... Pra carne de canhão tem que encontrar um açougue aberto de qualquer jeito... (Seu Zé deu uma cuspidela de nojo e arreganhou os dentes) — Xô! Nem é bom falar...

Partimos no mesmo "QT" e, no portão das armas do grupo, fomos despejados do "QT" para entrar em forma no pátio da Unidade.

Um "sargento Tainha" berrou:

— ENTRAR EM FORMA!... (Fuzilou a macacada com um olhar em fogo) — Entrar em forma! Aqui, é Grupo de guerra! E não é pensio-

nato de samaritanas! (Novos berros! Novos palavrões!) — Em coluna de quatro! Seus bonecos fardados...

E lá veio Conselheiro com as suas: — Por que será que, quase todos os sargentos tainhas não gostam de convocados?... (Carregou o cenho e arrematou:) — Será dor de corno?

Avançamos, acelerado, para o local indicado pelo sargentão. Começamos, com autômatos, a formatura por quatro.

— Por que, meu Deus, estou sempre de quatro?

— Cale, Zé! O tainha pode ouvir... E é só pena que voa... (Levei a mão num olho imitando arrancá-lo) — O "negão" chupa seu olho.

Do lado, um grupo de oficiais aguardava a nossa formatura.

— Pantaneiro, os "cobras" estão com a cara de poucos amigos... (Deu-me uma leve cotovelada e arrematou:) — Não adianta não...

Os oficiais se aproximaram e começaram a nos examinar, como se fôssemos aves raras fardadas.

O Grupo de S. Cristóvão era comandado por um "gemada" (Coronel), velhote, gorduchinho e simpático. Logo simpatizamos com ele. O bom "Corona" transpirava paternidade, em seus gestos e dava-nos confiança em seus modos.

Só muito mais tarde no front europeu, lá pras bandas dos Apeninos, é que fomos rever o bom "Corona" uma ou duas vezes. O bom Coronel, tinha pinta de Papai Noel.

Por que será que os comandantes são famosos na guerra? (Cochichou-me Conselheiro, puxando-me pela manga do Zé-Carioca).

Não respondi e não dei atenção ao bom amigo. Eu estava inte-

ressado, mesmo, era em saber do meu destino, naquele Grupo desconhecido.

Dos oficiais, em nossa frente, sobressaia um capitão ("capita"), alto, moreno, tostado de praia, físico avantajado, posudo e exibido. Avançando, com passos medidos, gestos estudados, o "capita" para em minha frente. Sempre aprumado, com se usasse colete de aço, falou, com gestos teatrais:

— Sr. Coronel, esses quatro grandalhões, são meus...

Quase caí.

Eu que já estava enojado com a cara do "capita" pernóstico, fora escolhido, por ele, para a 1ª Bateria.

— Aguente no serigote, ginete do Pantanal! O bagual de três estrelas é xucro e corcoveia como a mãe do demo... (Sapecou-me uma canelada e soltou a sua chatíssima gargalhada) — Quiá... quiá... quiá... (Balançou a cabeça e afirmou) — Com esse aí, não embarco não!.... É tipo de urubu faminto que, na primeira oportunidade, vai chupar seu olho.

— Cabra safado!... (Resmunguei, entredentes) — Capita presunçoso, empertigado como colarinho engomado, pernóstico como a... (Soltei um palavrão do tamanho da minha raiva e avancei nos maus tratos) — Eita, cabra do inferno! Até parece bagualaço das fronteiras, de xiripá e mutuca, nos entreveros da bagualada, em noite de lua cheia...

Foi, nessa formatura do Grupo de São Cristóvão que eu tomei contato, pela primeira vez, com os famosos "FEBIANOS".

Os comentários, os "peixes" e as informações, alastravam-se pelo quartel. Diziam, a meia voz: ontem à noite, desertaram mais três; na semana passada, foram dispensados nove, com gonorreia e dois com

cancro; no começo da semana, transferiram mais um, peixada de "Ramada" (General).

Os pracebas comentavam que, no Morro da Mangueira, onde morava uma rampeira, os pracebas faziam fila para pegar blenorragia... E, às vezes, quando não dava certo, colocavam alho no ânus, para provocar febre alta...

Dessas e de outras, os "peixes" rolavam pelo Grupo.

A farda da "F.E.B.", apelidada pelos pracebas de Zé-Carioca, era um conjunto horroroso. Dava pena, ver um febiano fardado.

— Enfim, seu serafim, assim é o fim. Uma farda de Pim-Pim.

— Cale a boca, Conselheiro! CA...A...A...LE!

Não sei explicar a repulsa que senti pelo "Zé-Carioca".

Mais tarde, lá pelas pirambeiras dos Apeninos, fomos obrigados a "recortar" o jegue. Eu tive a felicidade de encontrar uma velha italiana, em Scandiano, que recortou meu Zé-Carioca, a troca de "manjar" (ração).

***

Escolhidos pelo tal "Capita" pernóstico, fomos encaminhados para a sua sala de comando. Lá, recebemos instruções de embarque, que seria na madrugada. Tiveram a coragem de amarrar em nosso pescoço um fio flexível, de luz e de cor verde, com dois penduricalhos: as plaquetas de metal, de nossa identificação... e que um gaiato aproveitou para dar as explicações:

— Esta cavidade, aqui... (E mostrava a fenda nas plaquetas) — Esta cavidade, serve para encaixar na boca do defunto-morto... (Deu uma piscadela cínica, como se estivesse abafando seu nojento humor

negro) — Vamos, experimentem todos, pra ir se acostumando com elas... (Colocou uma plaqueta na boca e na outra, numa cruz improvisada com pedaços de tábuas). E uma saliva gosmenta, escorreu pelo canto da boca do praceba sádico.

O desgraçado, Pantaneiro, mesmo depois de morto, ainda ter que ser enterrado arreganhado... (Conselheiro sacudiu a cabeça, desconsolado). Sorrindo, para os bestas que ficaram...

Um sargentão de ébano (mais preto que o azeviche), exibiu a sua sábia eloquência, com pormenores que nos chocava:

— Na guerra, seus batráquios, ninguém tem tempo de chorar e nem de velar defunto... (Correu os olhos injetado de sangue, na carga diária da "Chica-Boa" – pinga famosa da época – e continuou na ladainha) — Nem de chorar e nem de procurar documentos... (Rodopiou as plaquetas em seu pescoço taurino) — Você aí... (Mostrou os cabos em forma) — Vocês aí, comandantes de pelotão, é que têm a obrigação de trabalhar pelo defunto... é a ordem do dia! Cumpra-as!... (Dando mais ênfase na voz, o sargentão de ébano arrematou sacudindo o indicador no ar, gestos prepotentes) — Quando um pracebas morre, no front, chapinha na boca do batráquio (E um sorriso escorreu pela beiçola do ébano fardado, no antegozo patético dos combatentes no front) — Chapinha na boca, já disse!... E o resto é com os vermes... Bolou?

Um suspiro longo, escapuliu do âmago de Zé-Conselheiro. Balbuciando qualquer coisa, ainda escutei suas últimas palavras:

— Ninguém chora os velhos tempos...

— Fique quieto, seu Zé. A hora não é para filosofar.

— Urbi et Orbi... (Continuou o velho amigo, completamente desligado do ambiente que nos cercava) – E me lembro, Cabo, daquela Cruz...

— Mas, Conselheiro, calma. O mundo não vai acabar. O momento não está para citações clássicas... (Roguei ao velho companheiro, antes que ele terminasse).

Mas, o incorrigível Conselheiro prosseguiu, sem me dar ouvidos:

— Bem que me lembro daquela Cruz, lá no Calvário... (E seu olhar embaciado, perdeu-se pelo espaço, não mais existindo em nosso meio) — Lembrando d'Ele, também posso repetir "ELI, ELI, lamma sabachtani"...

— Por favor, não piore a situação... Já estou apavorado...

E o nosso bom amigo continuou, como se pensasse alto, nas citações evangélicas que bem acentuavam os horrores da nossa época.

No alojamento, da 1ª Bateria, onde ficamos, cansados e famintos, começamos a fazer burburinhos... zanzonando baixinho, a forma que corria o nosso âmago. Um sargento magriça, "terceirão" e dos bons, ouviu nosso abafado zum-zum e levantou-se da tarimba improvisada. Amável e falando baixinho, perguntou se estávamos com fome.

— Claro!... (Trovejou Fernando, atlético carioca do sorriso rasgadão) — Tenho a barriga nas costas, Sargento!... (Escancarou a bocarra, numa imitação do "Boca Larga", bocarra enfeitada por um conjunto de dentes invejáveis) — Tenho a barriga nas costas, Sargento. Até já esqueci o gosto de uma boia bem "recortada" (caprichada).

E o risonho Trovão batia na barriga, para confirmar o que falava.

O sargento explicou qualquer coisa ao Fernando e saiu, prometendo que havia de quebrar o galho para os pracebas.

Se prometeu, melhor o fez.

Ao bom Sargento Zadir, nosso comandante da 2ª Peça da 1ª Bateria, na linha de front, devemos uma noite mais calma e menos faminta. Ele trouxe-nos uma farofa dos diabos... que encontrara, numa panela, no rancho. Mas, para uma gororoba infamérrima, o melhor tempero é a dona fome!

— Obrigado! Sgt. Zadir. Deus lhe pague. Saiu, lá do escuro, do alojamento, a voz murcha de um pracebas agradecido.

***

Toque de alvorada. A macacada esperneia, reclama, funga. Ninguém quer levantar. O corpo está moído, pelas peripécias da véspera. Nas vinte e poucas horas que nos separava, do Floriano, até o alojamento do Grupo São Cristóvão, não tivemos tempo e nem repouso necessários, às coordenações dos fatos que voavam...

E o clarim do São Cristóvão chorava, num toque lânguido e sofrido. O soldado soluçava, nas notas do clarim, o adeus à sua gente, como que prenunciando a sua sorte.

O tempo passou,
O front já chegou,
A guerra matou!
— Quem é que chorou?...

E o som dolorido, magoado, triste, do velho clarim, mexia com as entranhas dos pracebas.

— AL...VO...RA...DA!... Batráquios filhos de uma p... (Era o sargento de ébano, que berrava como um louco, no seu linguajar de favela) — ALVORADA! Vamos!

E o velho clarim continuou a tocar. Tocava, chorava, soluçava, como se quisesse gritar aos quatro cantos desses Brasis: "Zé-povinho vai partir".

O clarim tocava,
O praça chorava,
Bugrada clamava!
— Quem ficava?
— Quem ficava?

Alguns soldados, mais calmos e indiferentes do azar que os esperava, cantavam com o velho clarim do São Cristóvão:

Ai! Meu Deus, que vid'esta minha
Se deito, não durmo, plantão me aporrinha!
Acorda, putada! Tocou alvorada...
Percevejo me chupa, que filha da p...
Ai!... Ai!... Ai!... Ai!...

E no toque e no coro, minha turma gemia, coçava, rolava. Ninguém queria levantar. O corpo moído, do pracebas malcomido e maldormido, não quer obedecer ao toque de alvorada. A mente está embotada, confusa. As pernas não funcionam. Tudo é dor, e languidez, é relaxamento... é pavor! É medo!

— Ué!?... (Exclama, Zé-Conselheiro, saltando de uma tarimba do chão, esfregando os olhos sonolentos) — Ué!... Na guerra também tem alvorada?... (Olhou pra todos os lados, como se procurasse o efeito da frase) — Oxente! Será que, também aqui, com cheiro de guerra, com aroma de pólvora e com fedor de titica-medo, também tem clarim de alvorada?... (Olhou pra um praceba sonolento e continuou) — Será que o "rancho" do 1º também é chá de alfafa?

Ninguém deu ouvidos ao velho camarada. O ambiente era carregado de "suspense", de indecisão, de dúvida que mata...

Eu levantei, com má vontade, estonteado das andanças e nem

sabia pensar. Arrastava-me, como autômato, procurando fugir da realidade que me cercava... desde que dera um passo, no regimento Floriano, para cobrir claros de desertores.

Esse autômato que se arrastava, seria de arrependimento? De medo? De covardia pelo embarque? Ou tudo isso e mais alguma coisa?...

— Onde a resposta, Cabo de guatambu?... Onde... (Insistia, Conselheiro, procurando auxiliar-me) — A tal de "F.E.B.", que tantas glórias são contadas lá na Vila Militar, não é a mesma que estamos encontrando aqui... (Conselheiro correu os olhos em volta, numa implacável censura e continuou a martelar em meus ouvidos) — Veja! Cabo, são os mesmos "cobras" (oficiais), empavonadas, as mesmas caras fantasiadas com o famigerado "Zé-Carioca" na sua horripilante blusa-gravidez... (Esguichou um jato de saliva, para o lado, com cara de nojo e investiu) — Só vejo pracebas apalermados com o tal chapéu de "apanha-coco".

— Para! Conselheiro. Para! Pelo amor de Deus...

Não adiantou nada. O velho filósofo incorrigível continuou:

— Pobre e infeliz pracebas de meu Brasil. Quanto crime se comete em seu nome... (E o bom camarada arrematou) — Isso tudo, Cabo Velho, até parece uma linha imaginária que une pontos com a mesma temperatura média de confusão.

***

Entramos em formatura, coluna por um, em direção ao "rancho". Na frente, os praças, depois: cabos, sargentos e, por último, os oficiais.

O silêncio da fila indiana foi abalado pelo vozeirão do alegre Trovão:

— Pela primeira vez, macacada, nos séculos de caserna no Brasil, o tal "batráquio" é servido na frente dos "cobras"... (E soltou um gargalhar gostoso, imenso, retumbante, que abalou os alicerces do Grupo de São Cristóvão).

Eu aproveitei a deixa do carioca barítono:

— Será possível, Dom Conselheiro?... O pracebas conseguiu a vez! Está cheirando velório antecipado.

— Quá, seu Pascuá!... Pior que toda essa deferência? É fácil, meu Cabo. Isto não passa de civilidade forçada pela guerra... cheirando americanização!... (Deu-me uma botinada) — Igualdade de tratamento?... Qual nada! É medo!... Medo do front que se aproxima...

Trovão que ouvira os resmungos do Conselheiro, entrou na conversa:

— De todo esse angu-de-caroço, parece que a coisa não é nada boa "pra riba de moá"... (Novamente rasgou a bocarra num sorriso carregado de alvíssima dentadura) — Em que época já se viu pracebas ter vez no quartel? A inana está preta! Vamos agarrar nos fundilhos, que a cobra vai fumar...

— Desde que o mundo é mundo, seu Cabo Trovão, que o velho pracebas só tem dois direitos: serviço e cadeia... (E Conselheiro piscou um olho).

— Pelo jeito, vamos apertar a chincha que o pangaré está enfezado e pode corcovear... (Novas gargalhadas do Cabo Trovão, o carioca que esbanjava saúde e exibia um perfeito colar de pérolas, na sua alvíssima dentadura, confirmando o que falara) — E é só pena que voa na cabeça do pracebas.

***

Recebemos a etapa, no "rancho", ao ar livre e procuramos um cantinho escondido, para dar um "balanço" na etapa recebida.

— Ai, seu cabra da peste!... (Gritei, com uma carranca dos diabos, ao levar uma espetada do garfo-conjugado do Zé- Conselheiro) — Você...

Não deu para continuar. A boa sombra mostrou-me a marmita e falou:

— Veja! Seu Cabo Nambi de meia pataca... (E mostrava a marmita, carregada de boia "recortada") — Esta etapa, é digna de um ágape ministerial. Veja! Ovos, presunto, bife, queijo... (E Conselheiro soltou um grito de guerra) — Hip!... Hip!.... Hip!... Hurra!... Putada! Só mesmo para morrer na guerra, mestre praça come gororoba recortada... (Mudando o tom de voz, o velho filósofo prosseguiu) — Esta ração, Cabo de Guerra, me cheira a papa-defunto ... (Enrugou o narigão, com cara de nojo, deu uma esguichada de saliva entredentes e concluiu) — Até sinto catinga de vela e de flores...

— Ora Conselheiro, mude de assunto! Você sabe muito bem que tenho um nojo danado de velório... (Espetei o narigão do magriça e arrematei) — Assim, meus gorgomilos devolvem esta boia recortada...

O vasilhame, para o rancho, que o Sargento "Furriel" nos pagou, era incrivelmente bacanérrimo. A bugrada ficou encantada.

"Que é que houve com o nosso Exército?"... (Pensei, com meus botões).

— Tá pensando alto? Quá, seu Pascuá! Até esta figurinha fantasiada de Cabo, já resmunga em voz alta... (Deu uma piscada de olhos, com ar debochado) — Você, Cabo Mal-enjambrado, você está agindo como se eu não existisse, não é?... (Sacudiu a cabeça em sinal de re-

provação) — Não é, seu Pantaneiro pernóstico? Pois é bom que você fique sabendo que o Exército de MASCARENHAS, há muito, já pegou cadência e está mandando brasa no front. No duro!

Eu quis responder qualquer coisa. Não deu tempo. O clarim berrou a formatura geral. Todos saíram correndo. Todos, menos o folgazão do Zé-Conselheiro, que ainda rosnou, com a boca entupida da gororoba recortada:

— Puxa! Nem posso terminar o rancho-recortado. Bem que desconfiei. O povo está certo no seu ditado que: "esmola quando é muito, santo desconfia"...

E lá foi a minha sombra eterna, no gingar da preguicite, rosnando e soltando perdigotos pelos cantos da boca...

No pátio do Grupo de São Cristóvão, calçado de lajes enegrecidas pelo tempo, uns círculos de giz marcavam determinados pelotões de combate, em formatura, para o embarque.

Senti umas espetadelas nas costelas. Virei-me, contrariado. Era novamente Mestre Conselheiro, com o semblante carregado, apontando para os círculos de giz, riscados na laje enegrecida: — Você, Cabo de Las Fronteiras, agora é peru em círculo de giz, nas vésperas de Natal... (Franziu o narigão) — Vai representar, fardado e com esporas de cavalariano pinguço, a velha lenda de suas tribos Gaycurus.

Não respondi, porque os bofes engasgaram nos palavrões... que a catarreira de fumante inveterado teimava em remeter para fora a ostra amarelada de nicotina. Em represália, botei meio palmo de língua pra fora, acompanhado de uma horrível careta, soltando uma exclamação impublicável.

Meu bom camarada não retrucou. Mostrou, com uma beiçola, à maneira caipira, o que se passava na frente da formatura. A macacada estava enfastiada, ouvindo o matraquear do tal Capitão Engomado e pernóstico que, com o polegar retesado pra cima (teria copiado dos gestos de Churchill?), lá ia ele, vomitando uma lenga-lenga dos diabos. Como sempre, não prestei muita atenção na chatérrima "hora do pato". Com rabo d'olhos, fui escalpelando as figuras divergentes dos oficiais de nossa Bateria, empavonados em nossa frente.

Zé-Conselheiro, sempre arguto, avançou nas deduções:

— Mirandense, veja aquele tenente empertigado, baixote, magriça e bigodudo. É o tipo padrão do nordestino cabra da peste...

Logo adiante, um outro tenente sobressaiu da turma.

— Veja! Seu Zé! É um corote fardado.

O infeliz era um pipote de pernas curtas. Ensacado no medonho Zé-Carioca, baixote, gorducho, cara achatada e mongólica, cabelo de arame, espetado, cortado rente, furando um bibico que se equilibrava na cabeçorra oblonga. Ele era o tipo qualificado como aloprado (nossa gíria). Era um conjunto dantesco: mongólico, com olhar de criança em corpanzil de pipote. O pobre tenente, fazia uma força danada, chupando a barrigaça para dentro, numa posição caricata. Os braços para trás, pernas abertas e o abdômen cortado ao meio, por um cinto apertadíssimo. O tenentinho forçava as vísceras avantajadas de gordura. Era de ver. O homenzinho lutava. As poucas vezes que relaxava aquela incômoda posição, lá vinha, ribanceira a baixo, toda confusão de tripas, fígado, pâncreas, estômago, bofes, etc... devolvendo, à pança, o seu estado natural. Nesse instante de alívio momentâneo, o cinto (suplício militar para o corote fardado), o cinto cortava o abdômen em dois. O tenente tomava uma segunda forma: o de um OITO fardado.

— Por que será, velho Kadiwéu, que todo milico tem a mania de ser atleta? Seria uma psicose coletiva?...

Não respondi. Não estava preparado para a pergunta.

E o "capita" continuava no seu lero-lero, chato, cansativo, enfadonho. Com o famoso polegar Churchilliano, gestos estudados (no espelho?), frases pré-fabricadas, lá ia o homem, desarvorado, matraqueando e cansando.

— Que falta de autocrítica... (Pensou alto, o bom camarada).

O "capita" prosseguia...

Com o tempo, essas lengalengas nos perseguiram até no fronte espichado até o fim da guerra. A maldita guerra dos gringos. E, por incrível que pareça, esta praga da "Hora do Pato" estendeu-se no front de "Porretta Terme", nos Apeninos, no rigoroso inverno europeu, muitos graus abaixo de zero... onde o incansável comandante de nossa Bateria, desancava o pau, por dá cá, toma lá!...

— E nem nessa ladainha miserável, o praça perdeu o moral... (Lembrou, o velho Conselheiro, quando aqui chegamos) — Cabo, bem disse Euclides da Cunha que o sertanejo é, antes de tudo, um forte ... (Balançava a cabeça, rememorando a "Hora do Pato" e concluiu) — O brasileiro é pau pra toda obra!

E o chato do capitão prosseguia e a canseira nos matava.

— Isso é aula de burrice...

Não deu para eu terminar. Um gaúcho cortou minha ideia:

— Nada disso, meu Cabo Pantaneiro. Toda essa empáfia, é para quebrar o queixo no barbicacho do bagual, como nas Baterias dos "Queixinhos" (Artilharia de Montanha, Schineider-75mm). Aqui, seu

Cabo Terenos, a macacada está sendo amansada à velha maneira dos ferradores... (Fez o gesto de quem agarra um cavalo pela queixada e continuou) — Sou boi-de-botas, tchê! Comigo, lero-lero de "Capita" não tem valor. Isso é conversa pra dormir... (Deu uma risadinha e estufou o peito) — É conversa pra maragato engolir e eu sou chimango. E dos machos, tchê!

Somente no final da verborreia é que ficamos sabendo que estávamos formados para o embarque. Dizia nosso comandante que um trem da Central do Brasil nos aguardava, na estação em frente do nosso quartel. Dava pena. A tropa estava lambuzada na ladainha de nosso capitão. Ao meu lado, Cabo Basquete, morenão e alto, olhos esbugalhados em pálpebras com olheiras, sorriso matreiro, soltava piadas sem parar, como bom carioca. Tudo, para ele era motivo de críticas. Um camaradão, esse Basquete. Era o tipo do sujeito arejado, que nascera para levantar o moral da tropa, que o nosso infeliz capitão lutava para arrasar.

Cabo Basquete tinha os olhos acesos. Eram dois faróis excessivamente luminosos, que dançavam nas órbitas, num reboliço brejeiro. Diziam que o Basquete era um "peixinho" (protegido) do Coronel Comandante. Acreditei! Tudo nele, confirmava. Pois, comigo, sem mesmo ter qualquer ligação, já o considerava um meu "peixinho"...

Meus devaneios foram cortados pelos berros do sargentão: — PE-GAR... SA-CO... AAA...ACE-LE-RA-DO!

A bugrada saiu desembestada, aos trambolhões, sacudida tão animalescamente da sonolência dos lero-leros do "capita", pelos berros do sargento de ébano, em busca do Saco "A" – a nossa mala de front.

Nos porões do navio, conforme fiquei sabendo mais tarde, já estavam depositados o Saco "B" – nossa mala de reserva.

Por causa desses dois sacos, a tropa de guerra ficou assim batizada: Saco "A", pracinha do front, a nossa turma. Saco "B", os praças da retaguarda, que trabalhavam para nos manter no front: farda, alimento, barracões dos primeiros socorros aos feridos, cantina, serviço social, etc...

— Muito mais os "etc"... (Costumava afirmar, Zé-Conselheiro)... Essa turma, Cabo de Areia Manteiga, só foi ver "FRONT", no cinema, quando voltou para o Brasil... (E o Mestre continuava a analisá-los) — Veja o "batráquio" do Saco "B", até na farda eles são diferentes. São bem mais apresentáveis do que nós, um bando de cangaceiros...

Eu calava, porque o filósofo tinha razão.

***

Nesse corre-corre, fiquei aparvalhado, sem saber para onde correr, em busca do Saco "A" que eu não possuía. Como não fazia parte do efetivo de embarque, do Grupo de São Cristóvão, deram-me o Saco "A" que pertencera ao Cabo desertor que eu substituíra.

— Lembre-se, Cabo do "Furriel Pires", você é um mísero voluntário do "R.A.M.", para cobrir claros de desertores, no embarque do Segundo Escalão... (Arrastava-me, minha sombra eterna, aos trambolhões, para a reserva do "Primeirão", para receber minha carga).

A inana, para mim, começara na véspera. O Capitão comandante da 2ª Bateria, mandara que eu me apresentasse em sua sala de comando. Lá, o "capita" dissera:

— Não temos mais farda da "F.E.B." para o seu tamanho... (Fez uma pausa. Encarou-me com cara de poucos amigos).

Mediante essa confirmação, vibrei! Com os meus botões, sussurrei: "Se não há farda, não há embarque. Se não há embarque, não há guerra"...

— Vá ser frouxo nos colarinhos da Vó! É cagão e se fantasia de pantaneiro!... (Deu-me uma canelada que arrancou estrelas até o âmago).

— Não precisa resmungar, Cabo... (Voltou a falar o Capitão) — Parece que tenho o mesmo físico seu. Vamos, tire a roupa e experimente a minha farda... (Mediu-me com os olhos) — Acho que vai dar certo.

E o capitão sacudia, retirada do saco de viagem, um macacão verde-oliva, com as três estrelas, bordadas no peito, em linha de seda branca.

Eu tirei a farda do "R.A.M." – túnica, culote, cano-de-botas, esporas e o cinto de couro. Desenxabido, peguei o macacão e o vesti.

— Não é que ficou uma luva para você?... (Animou-se nosso capitão).

— É ... acho que sim... (Olhei para as três estrelas e olhei para o capitão, com um olhar remelento, como se procurasse socorro).

— Ah!... (E o comandante sorriu) — O problema das estrelas é fácil. Muito fácil... (Abriu uma gaveta de sua mesa) — Toma esta gilete. Vamos, rapaz, você não sabe descoser uma estrela bordada?

Todo sem jeito, comecei a desmanchar as três estrelas do macacão.

***

Novamente o clarim cortou o ar, comandando formatura geral, acelerado... acelerado... acelerado...

Foi nessa segunda formatura, naquela inesquecível manhã de meu para a Europa, que eu apareci com um macacão da "F.E.B.", com a

sombra de três estrelas no peito. Desse dia em diante, passei a ter mais um apelido de caserna: “Cabo-Capitão”.

Assim fantasiado, embarquei pra guerra. A guerra dos gringos!

CAPÍTULO III

A SUCURI

Em fila indiana, rumamos para a Estação de S. Cristóvão, da Central do Brasil. Novamente vieram as cansativas advertências, conselhos, recomendações, táticas, defesas, etc...

— Cabo, será que na guerra dos gringos, tem tantos etceteras?...

— Não amole, Conselheiro. Agora não é hora de filosofar, tá?!

E a fila indiana continuava, interminável, rumo à guerra. A famigerada guerra dos outros, a guerra dos gringos!

Um gaiato, com voz aflautada, cantarolava:

— "Avante! Camarada..."

Um segundo praceba, talvez mais compenetrado, respondia:

— *Nós somos da Pátria amada*

Fiéis soldados

Por ela amados...

Lá do fundo, um outro, mais cínico, contrabalançava nosso patriotismo:

— Covarde! Sei que me podem chamar... Pois trago dentro do peito esta dor...

O velho filósofo, arcado no peso do saco "A", cortou o silêncio, numa voz sumida e covarde: — Oh! Brasil... onde estás que não respondes?

A composição nos aguardava. Era um conjunto de vagões de segunda, velhos, com as janelas fechadas e lacradas com papel preto.

Quando me aproximei da porta, um arrepio percorreu o meu corpo. O comboio havia escancarado uma bocarra fedorenta, escura, lembrando uma cobra gigantesca.

— Cabo-Capitão, essa geringonça da Central, até parece uma sucuri do nosso velho pantanal... (Estalou os dedos, como se descobrisse a pólvora) — Eureka! Eureka!... Achei! É uma enorme sucuri pantaneira, engolindo centenas de praças, com equipamentos pra guerra.

A comparação embrulhou-me o estômago. Tive tonturas. Não sei se de nojo ou de medo. Acho que fora de tudo: do círculo de giz, da formatura, do macacão de três estrelas bordadas, do embarque... do medo!

— Muito mais do medo! (Gritava minha velha sombra).

— Olha aqui, seu Cabo do Vilas-Boas, você está esverdeado... (E o velho camarada cutucou-me com o cotovelo ossudo) — É de fome ou de medo?

Nada respondi. Dei um salto para as escadinhas do vagão e entrei. A garganta trancara, na angústia do embarque desconhecido. E, ao penetrar o último vagão (que era o início do embarque) senti um calafrio percorrer a minha espinha. Lá dentro, um bafo acre e morno, esbofeteou meu rosto descarnado. Tudo fechado, trancado, calafetado, pregado, amarrado. O ar era quente, num ambiente que exalava odor de sarcófago.

— Essa caranguejola, Cabo da Cachoeirinha, até parece que veio mesmo a calhar: é o perfeito trem de boiada, para matadouro.

O bom camarada não pôde continuar, porque dei-lhe uma boa botinada na canela ossuda, que saiu as chispas.

— Quá, seu Pascuá! Bem dizem que o soldado é filho do cão. O infeliz quando vai pra guerra, é igualzinho a boiada pra saladeiro... (Olhou para os camaradas encurralados no fedorento comboio e sacudiu a cabeça, em desaprovação) — Agora, a cobra está fumando... na barriga da sucuri.

— CAAA-LEEE- SE!... Seu chato de galocha!

E lá veio uma enxurrada de palavrões, adocicados pelo sarro de fumante inveterado.

***

Assim, a macacada foi empacotada com endereço certo, num fedorento trenzinho da Central. Embalados pra guerra. A guerra dos gringos.

— Está aqui, senhor Cabo de Guatambu... A fina flor da mocidade brasileira: oficiais, sargentos, cabos e praças, despachados, ingloriamente, para a insaciável carnificina do velho continente... (Conselheiro deu uma escarrada, com raiva) — Carnificina preparada pela tal raça ariana! Esta é a famosa bugrada especialista em samba, carnaval e futebol, que parte para enfrentar a super-raça alemã, o maior exército da época... (E o velho Filósofo completou) — E mais uma vez, Euclides da Cunha tinha razão: "O sertanejo é, antes de tudo, um FORTE!".

Num safanão o comboio estrebuchou. O maquinista, num arranco, liquidara com os conceitos do Conselheiro. Foi um pavoroso ranger de ferros, entrechoques de vagões, martelar de engrenagens, resfolegar de vapores, silvar estridente da velha maria fumaça. Nesse inferno barulhento, lá se foi a "sucuri-pantaneira", serpenteando no labirinto de trilhos e dormentes, para o Cais do Rio de Janeiro.

E o balançar gingado da caranguejola desconjuntada, mantinha, num ritmo cronométrico, os pracinhas entorpecidos naquele ambiente saturado de fumo, de suor e de cheiro de macho (o pior dos cheiros).

Ali, estava o início do inferno que os pracinhas começavam a viver. O cartão de visitas, desse purgatório dantesco, era aterrador.

O bom camarada de todos os momentos fumava nervosamente. Centenas de praças, também fumavam nervosamente. Baforadas e tragadas, dançavam em redemoinhos, no vagão saturado de fumo, de sarro, de suor, de medo.

— O bicho-homem, quando tem medo, fuma como um desgraçado... (Minha sombra eterna balançou a cabeça) — Fuma muito para esquentar o medo que gela as suas entranhas... (Fez outra pausa, lançou um olhar perdido no vazio das entranhas da sucuri) — Fuma... Fuma... E quanto mais fuma, mais nervoso fica.

As tragadas contínuas, em centenas de cigarros, tudo esfumaçava: corpos, fardas, ambiente. Contaminava até a alma e os pensamentos do pobre pracinha.

— É nesse curto trajeto, seu cabo de La Lima, que a maria fumaça coloca em jogo a sorte dos pracinhas do S. Cristóvão. Eu afirmo...

— CAAA-LEEE-SE... por favor! Não vá bancar o urubu em nossa sorte, seu filósofo agourento... (Dei um safanão na minha velha sombra e soltei um palavrão do tamanho do nosso medo).

Ao meu lado, um nordestino troncudo e atarracado, comentou:

— Oxente! Começamos mal. Muito mal... (Deu uma tragada no "Yolanda" de 500 réis e desabafou, falando entre fumaças azulas:) — Até parece que querem afogar a gente num inferno de fumaça e calor...

— É isso mesmo, pracebas! (Confirmou Trovão, lá do fundo, com seu vozeirão de arrebenta-tímpanos).

Lá vinha Mestre Conselheiro, com suas citações:

— Bendito e safado Nicot... o satânico francês que inventou este veneno fumegante aos europeus... (Zé-Conselheiro ficou fitando o "Yolanda" ordinário que rodopiava entre os dedos magriças e continuou) — Numa tragada, esse miserável veneno esquenta os peitos, sacudidos pela tremura da covardia e esconde, com o rodopiar da fumaça, o medo do pracebas que transparece nos olhos assustados...

Num estridente ranger de ferros, a locomotiva estremeceu o comboio, naquela freada estúpida, fazendo Mestre Conselheiro calar por um momento. A mole humana, impelida pela força da inércia, dobrou pra frente, como numa reverência ao imponderável, deixando pedaços de palavrões no ar. Os pobres pracinhas, assustados, olhos ansiosos, gestos nervosos, procuravam uma resposta que nunca receberam... Alguém, em qualquer lugar, nas entranhas da sucuri-de-ferro, deu as ordens para desembarcar. Era um berro, surdo e cavernoso, dado pelo gigante de ébano, que ressoou pelos intestinos fedorentos da nojenta sucuri. "Dee-seem-baar-caar"!

Impelida por uma força invisível, a tropa levantou-se. Como robôs fardados, os pracinhas iam formando, na fedorenta barriga da sucuri, em coluna, um por um, a marcha do desconhecido.

Iniciamos a descida, tropeçando aqui e ali, na escuridão fedorenta daquela inesquecível sucuri-de-ferro, que a Central nos transportou.

A escuridão era horrível. O inimigo não podia saber de nosso embarque (e todo o Rio sabia). Os quinta-colunas poderiam comunicar, aos alemães, o número de tropa embarcada e quantas unidades de guerra.

"Seria perigoso o Eixo ficar sabendo", (EIXO: Roma-Berlim-Tóquio), repetia, sempre, um tenente que nos comandava.

— Pobre Exército, de minha querida Terra Natal. Vai enfrentar

a mais terrível das guerras e ainda não acordou dos belos sonhos de Revoluções Políticas de nossos Brasis... (Conselheiro deu-me uma cotovelada) — Repare, meu bom Cabo Pajé. Tudo que os "cobras" (oficiais) fazem, é como se fôssemos dar uma voltinha em "Jericinó" (campo de manobras de tiro real, do Rio).

Não deixei o velho Conselheiro continuar. Com um berro, encerrei o assunto:

— CAAA...LEEE! Vá pro inferno, com suas divagações...

Olhando, ansioso, pra frente, com o pescoço espichado e nas pontas dos pés, eu procurava por uma claridade que me aliviasse o pavor do embarque e a insuportável claustrofobia que já me sufocava a garganta, ressequida de fumo, de sarro e de pavor.

Todos marchavam calados. Com medo do embarque para a guerra. A guerra dos outros. A guerra dos gringos.

Na frente, bem lá na frente do comboio, no primeiro vagão, logo após a locomotiva, divisava-se uma réstia de luz, mortiça, amarelenta e medrosa, como o Cabo Pantaneiro. Essa tênue claridade, mal distinguida, dava a impressão que fugia do comboio fedorento que nos massacrava.

— Qual o mais fedido dos dois, seu Cabo Cacique? Esta nojenta barriga da sucuri podre ou o suor do pracebas que exala medo, pavor, ansiedade?... (E lá veio a escarradela cinzenta, carregada de gotículas amareladas de sarro, produtos de fumante inveterado).

Não respondi. Não podia responder. Eu também estava transpirando sangue (de medo), suor (de pavor) e asfixia (de ansiedade).

A luz do sol que iluminava o cais do Porto, com exuberância de mulher carioca, cegou o velho praça, ao se aproximar da porta de saída.

E, ao pisar as pedras limosas do cais, soltei uma praga, baixinho, com medo de acordar o monstro da covardia que se afogara no meu íntimo.

Zé-Conselheiro soltou uma risadinha gostosa. Ele sabia o que eu afogara por dentro. Como se viesse ao meu socorro, virou-se para trás e mostrou-me, assustado: — Veja! Seu Bocoró. A bocarra da sucuri está vomitando um cordão comprido e esverdeado, como se estivesse sujo de bílis, pela indigestão que o pracinha provocou na bichona.

Voltei-me e, só então, notara que a locomotiva, para facilitar o desembarque da tropa, desengatara-se do comboio e avançara, deixando o primeiro vagão com a porta escancarada, dando a impressão de uma bocarra vomitando soldados aparvalhados

Mal acabara de refazer-se do estupor que o fétido intestino da sucuri me envenenara, ouvi um grito de admiração: — Olha o bicho! Macacada...

Era um pracinha raquítico e amarelo, vergado no peso do Saco "A", quem gritara, ao ver o navio-transporte americano que nos aguardava expelindo no ar dois rolos de fumaça negra, das duas chaminés gigantes.

Levantei os olhos congestionados da fumaceira que nos sufocara, lá nas entranhas da nojenta sucuri da Central. Eu procurava o que o pracinha minguado nos mostrara. Minhas pernas tremeram: o coração, desembestado, parecia que ia sair pela boca. Os músculos das mãos, imobilizados pelo imprevisto, relaxaram-se, deixando cair o saco "A", o saco que me massacrava as costas.

Lá estava, ancorado e majestoso, o monstro cinzento que vomitava fumaça, pelas enormes narinas...

— Pantaneiro, o monstro de aço cinzento, é diferente dos outros

bichos lá do nosso velho Pantanal. O desgraçado tem a bocaça do lado...

Vendo que eu continuava estarrecido, num silêncio acovardado, com o saco "A" caído no chão, entre minhas pernas trêmulas, Zé-Conselheiro deu-me uma canelada (e das boas), para me chamar à realidade e continuou:

— Veja! Seu bugre de Miranda Estância. O bicharroco cinzento aguarda, inquieto, faminto e fumegante, a tropa que chegou.

Nenhuma resposta. Conselheiro sacudiu-me. Tudo me assombrara. Eu começara a sentir a realidade dos fatos. Não era mais um gesto impensado de voluntário para a FEB ... Não mais comentários e "peixes" dos pracinhas e nem mais eram promessas de embarque. Era embarque. E no duro!

Era a guerra! A guerra dos gringos!

E a incrível Sombra, que não me desgrudava, com gestos largos, pernas abertas e respirando alegria, a minha Sombra ia exibindo atitudes que não eram de seu feitio. Ela queria levantar o ânimo dos pracinhas. Depois, com ares de doutor: — Ou decifras-me ou devoro-te!

E eu continuava calado, remoendo as incertezas do futuro.

Batendo no peito magro e ossudo, com gestos teatrais, o bondoso filósofo continuou, gesticulando à direita e à esquerda: — Ou decifras-me ou devoro-te! Peregrino infiel!... (Relanceou um olhar com sobrecenho carregado e, sempre com gestos exagerados, Conselheiro prosseguiu, atirando para trás, nos ombros magrelos, uma imaginária capa) — Peregrino infiel! Beduíno pagão! Ou decifras-me ou devoro-te!... (E meu bom amigo marchou, decidido, com passos cadenciados, imitando o famoso "passo-de-ganso" dos arianos, pata enfrentar a fumegante esfinge de aço cinzento).

Era sempre assim, a minha boa e incansável companheira Sombra quando eu fraquejava e "arreava-a-mochila", no desespero de uma luta, lá vinha a minha inseparável companheira, procurando, de todos os modos, levantar a minha moral aquebrantada, arrasada, desmoronada por emoções que eu não tinha coragem para enfrentá-las.

Sempre em fila indiana, marchamos para o navio, carregado ao máximo, como bestas-de-carga. Eu, magriça e subnutrido, cambaleava, fungava, blasfemava, desequilibrado na minha carga-de-guerra: era de ver!

O que mais nos massacrava era o maldito saco "A", muito mais pesado do que a mãe da peste. Tudo, para completar o nosso famoso "enxoval" de Expedicionário. Meus pés queimavam como fogo, nos borzeguins nº 38, do nosso Capitão, para a minha chalana 41, bico-largo.

— Também pudera, seu batráquio Majordomo! Como pode, um pezão do tamanho de Mato Grosso, caber na pequenina "bota" italiana? Quá, seu Pascuá!

— Ora, seu murrinha! Deixe-me sossegado, ao menos na hora do embarque. Cale a boca, por favor... (Dei uma botinada no pobre filósofo e continuei no lero-lero) — Não está vendo que estou procurando uma brecha para dar o fora deste embarque?... (Levei o indicador nos lábios, pedindo silêncio e falei baixinho) — Só estou aguardando uma brecha nesta fila mais comprida do que esperança de pobre... (Novo sinal de silêncio) — Vou dar o fora! Tá?... (Mudei o tom de voz) — Nas minhas plagas pantaneiras, tem um velho ditado que diz, muito certo, o que devo fazer: "enquanto eu corro, mi Madre hay hijo"...

Minha boa Sombra resolveu calar. Eu estava insuportável.

No sol matinal, meu pescoço ardia, queimado pelo fio flexível que sustentava as duas placas de identificação. Meus pés continuavam queimando nos borzeguins 38. Meu macacão verde-oliva, com as som-

bras de três estrelas de capitão, servia de chacota para os colegas. Enfim, eu estava sendo temperado para a guerra. A guerra dos gringos!

Assim, meu Deus! Era a querida "F.E.B." de meus dias... A gloriosa e imorredoura "F.E.B." que forjou heróis nos combates dos Apeninos!

***

E, para o nosso embarque, uma fila sinuosa e interminável, começava a mover-se, como se fosse uma enorme fita verde-oliva.

— Veja! Cabo... (E lá vieram os cutucões do amigo) — Veja, Cabo! Agora estamos vingados! Veja! É a sucuri verde que vai, aos poucos, sendo engolida pela bocarra do monstro-cinzento... (Soltou uma cuspidela no ar, borrifando a cara de muitos companheiros) — É isso aí. Uma fita verde-oliva, comprida como estrada dos pantanais, sumindo na boca do bicho que fumega como dragão chinês. Eita, mundo desgranhado!

Subi a rampa do navio, aos trambolhões, resfolegando como a velha Maria Fumaça que nos transportara. Entrei! A bocarra insaciável engoliu-me, jogando-me para o bojo do mastodonte que pegava fogo no verão carioca. Um cheiro de maresia, embaralhado com tempero de gringo e lambuzado com o cheiro de homem (o pior dos cheiros), vieram queimar as minhas narinas, dilatadas pelo esforço da subida na rampa do navio. Esse ar acre-doce, sapecou-me as traqueias e foi infectar os pulmões já saturados de nicotina e sarro dos cigarros zurrapas.

Tudo balançava em minha volta, acabando, para sempre, com os devaneios da deserção para as bandas do meu querido Pantanal... Tudo balançava. A realidade chocou-me! Não tive forças para suportar o ambiente da partida. Tive ímpetos de gritar, de chorar, de correr, de sumir...

Mais forte do que a vergonha, do que o medo de ter medo, do que a infame covardia, era o tremor que dominava todo o meu ser. E, com a garganta ressequida, eu ia engolindo com dificuldade. Uma saliva pegajosa e quente veio provocar um pigarro que me deixou irritado, trêmulo e passivo. Um forte arrepio percorreu-me o corpo magriça. A realidade se fizera presente. Eu ia partir.

— Para mares nunca d'antes navegados... (Completou Conselheiro).

Eu ia partir para a guerra! A guerra dos gringos.

— Isto é guerra, putada!...

Alguém soltou, dando nervosas gargalhadas, para afogar o pavor do embarque que nos sufocava.

— É guerra mesmo...

Completou, outro pracinha, com voz sumida pela emoção do ambiente.

Meu estômago, teimosamente, procurava lançar, para fora, os últimos resíduos do pequeno almoço lá do S. Cristóvão. Tudo trabalhava contra mim. Até a escada sinuosa, num caracol bem apertado, era um suplício para o cabo magricela, na subida para o nosso compartimento.

— Esta escada é uma verdadeira obra-prima da engenharia naval dos gringos... (Explicou, Cabo Basquete, o carioca ex-Cadete Naval).

Iniciamos a penosa subida, nos volteios estonteantes da penosa subida e no excesso de carga, nas costas dos pracebas expedicionários.

Suarento, resfolegando, abatido e desanimado, Zé-Conselheiro, com o seu enorme saco "A", avançava, lentamente, pela miserável

sucuri enroscada no mastro envernizado. No final da penosa jornada, no patamar o compartimento "A" (o 1º de cima). Mestre Conselheiro parou. Olhou para trás e falou, num resmungo entredentes, como se pensasse alto: — Novamente, *mon Dieu!* A maldita sucuri nos acompanha... (Balançou a cabeça, em desaprovação) — Desta vez a maldita está enroscada nesse escorregadio poste envernizado... (Deu-me uma leve cutucada, como se temesse que a maldita sucuri pudesse notar e continuou) — Cabo, a sucuri pantaneira está suportando, em seu lombo escamoso em escadas, uma centena de praças, arrebentados e zonzos, de tanto rodar em caracol...

Na maldita subida, pelas escadas da sucuri, não se ouvia um pio. Ninguém ouvia ninguém. Somente o arfar penoso do guerreiro mestiço, cortava o rodilhar da subida ao inferno. O infeliz febiano, numa cadência cronométrica marcado por um ritmo estafante, subia... subia...

Num resfolegar de narinas dilatadas pelo esforço. Cabo Ferrugem soltou das suas, espirrando saliva pelos dentes salientes:

— Eita, merda de guerra! Liquida o pracinha, antes de entrar em combate!

— Calma Ferrugem. A inana ainda não começou... (Respondeu Cabo Silvestre, o colega que falava uma imundície de língua).

Na porta do nosso compartimento um marujo americano, baixote (coisa rara), vermelho, gorducho, risonho e afável, ia abotoando, em nosso macacão verde-oliva, um cartão retangular, com números em volta e um grande "A" no centro, identificando o 1º compartimento do navio de transporte.

— Os Lords do navio, bugrada (Explicou Silvestre).

— Sorte das sortes, Pantaneiro! Fomos alojados no compartimento

de cima, seu Cabinho de pouca fala... (Deu-me uma cutucada, para acordar-me de torpor que a subida me provocara) — Veja que maravilha. Isso é que é "peixada" dos gringos... (E deu um estalido com a língua, fazendo o gesto característico de quem saboreia um pitéu) — Quá! É uma supimpa de alojamento... (Olhou para todos os lados, como se efetuasse uma inspeção e finalizou) — Só mesmo uma *suit and servisse* (séquito e serviço na lei Feudal) do famoso Copacabana Palace Hotel...

Avançamos para o corredor quilométrico, entre as camas-beliche. No começo, estava plantado um outro americano, em um lugar estratégico, indicando-nos os beliches para serem ocupados, num linguajar incompreensível espanhol, italiano, francês e inglês. Uma salada dos diabos.

— Oh! Brasil, d'onde estás que não respondes?

— Cale-se!... Filósofo de meia tigela. CA...LE...-SE!... (Gritei, desesperado, o bom camarada Conselheiro).

Lá pela metade do imenso corredor, um marujo, grandalhão e magriça, equilibrando na cabecinha de prego um gorro alvíssimo e muito bem engomado, mostrava a tarimba dos beliches, todo aloprado, para que tomássemos posse de uma cama.

— Vamos, seu Cacique Pantaneiro. Traduzia para os pracebas o que é que o gringo poste da Light está gringolando para nós... (Apertou os olhos brejeiros, procurou um lugar para dar a celebérrima cuspidela e, não o encontrando, teve que engolir, com cara de nojo, a saliva pegajosa) — Vamos, você não é o tal Cabo das Arábias?

Fuzilei o velho companheiro com um olhar de Morteiro-88. Era a única arma que eu conhecia, quando arrastado pelas críticas do velho camarada.

— O que é isso! Zangou? Você tem a obrigação de traduzir as baboseiras do gringo magrela... (Meteu o indicador no meu nariz) — Você não é um dos tais graduados de guerra?

Com má vontade procurei traduzir no meu "inglês de Cinelândia", as recomendações do afobado marujo magriça.

Um segundo sargento, prestimoso, do nosso corredor (o "Segundão", como ficou conhecido para o resto dos tempos de guerra), indicou-me uma tarimba bem de cima, na boca de uma tubulação de ar-condicionado, explicando-me: — Cabo, ocupe essa tarimba. Eu vou ocupar a da frente, em cima. Isto aqui vai fazer mais calor do que a terra de Belzebu... (Tirou o bibico com divisas de Segundão, coçou a cabeça, limpou as bagas de suor que escorriam pela testa, rasgou a boca num sorriso gostoso) — Sou nordestino, cabo. Oxente! E muito tarimbado em transporte militar. O nosso compartimento vai ficar que é só sardinha em lata. Você vai ver... (E mudando o tom da voz amiga, Segundão berrou uma voz de comando) — Vamos, avance! Jogue o saco "A" na tarimba de cima e tome conta do setor, enquanto o inimigo não avança... (Deu uma piscadela gaiata e arrematou as ordens) — Não esqueça da velha história do Brasil que aprendemos nos bancos escolares: "Pedro pegue a COROA do Brasil, antes que um aventureiro a tome"...

O bom Segundão tinha razão. Foi um verdadeiro paraíso, a minha tarimba do navio, naquele emaranhado de beliches. Desse dia em diante eu passei a ser um granfino, na longa viagem "por mares nunca dantes navegados". E, com o passar dos dias começaram a aparecer ofertas de compra de minha tarimba, do 6º andar, com ar condicionado *in loco*. Houve época em que até leilão apareceu...

O que muito maltratava, os soldados, era a posição incômoda, forçada pelo pequeno espaço entre as tarimbas, na hora do bate-papo. Com o tempo, o velho praça acabou descobrindo que, para um bate-

-papo recortado, só mesmo deitado, para não desmontar o espinhaço... E como era gostoso uma conversinha de papo pro ar...

— Bem que os entendidos afirmam que o bicho homem é o mais perfeito dos camelões... (Era o Cabo Trovão, escarrapachado na sua tarimba, com meia canela pra fora, por causa do tamanho família de seu corpanzil de carioca atlético) — O tal bicho homem, quando praça, adapta-se com facilidade em todas as situações que se apresentem...

Esfregando as mãos, rasgando a boca num sorriso satisfeito, Zé-Conselheiro meteu a colher de pau na conversa, todo lampeiro: — É isso aí, Trovão! Fica para a posteridade guerreira, mais uma das incríveis adaptações do famoso bicho homem... (Sacudiu o corpo esquelético, numa gostosa gargalhada) — Não há outra solução. Ou se bate um papo com a espinha em forma de "S"... (Lá veio um estalar de dedos) — ou se papeia deitado, de papo pro ar, nesta catre zurrapa.

E assim, partimos para a tal guerra. A guerra dos gringos.

CAPÍTULO IV

COISAS DE AMERICANOS

Zé-Conselheiro meteu a colher de pau na conversa:

— É isso aí, Trovão. Ou se bate um papo, com o espinhaço em forma de "S"... ou se papeia deitado, de papo pro ar, nesta catre zurrapa.

E assim, partimos pra guerra. A guerra dos gringos.

Parece que, na hora da confusão do salve-se quem puder... e agarre a sua tarimba, perdi por algum tempo, a presença do chatíssimo Conselheiro. Fui me lembrar, do coitado, quando, ao jogar a minha carcaça exaustada, moída e suarenta, na fedorenta lona da tarimba, senti uma coisa pegajosa que, fungando, resmungou:

— Puta la miérda, tchê!... (Deu-me um bom coice e continuou a resmungar nos palavrões regionais de nossas fronteiras do pantanal!) — Ca-ra-hô! Que usted é una biésta!

Era o bom Conselheiro, queimando de calor, empapado até a alma, pelo esforço sobre-humano que empreendera, na subida pelas escadas da sucuri envernizada e em caracol fechado. Minha boa sombra levantou-se com esforço, encarou-me com fisionomia de poucos amigos e continuou:

— Ala pinta, seu moço! Tomou ares de chefão? Quá! Só por causa dessas malditas estrelas do macacão?... (Levantou a cabeça e arrasou-me com um olhar debochado) — Pensa que não ri, às pampas, quando o marujo vermelhão mandou que a fila virasse à "*right*" (direita) e você, Cabo das querências da Cachoeirinha, com a maior pose do mundo, mandou que os pracinhas virassem à esquerda?... (Fez uma pausa, para

dar a famosa cuspida entredentes. Arreganhou uma tremenda careta. Nosso alojamento marítimo, tremendamente limpo, não o permitiu. Engoliu forçado, a saraivada de cuspe que pretendia esguichar, deixando escapar um ruído grosseiro, na garganta ressequida pelo calor) — É mesmo uma vergonha! Quando o gringalhão mandava seguir "*left*" (esquerda), você, Cabinho dos Forrós, traduzia para seguir à direita. Quá, seu Pascuá! Você traduzia tudo errado, com a cara mais lambida do mundo... (E Zé-Conselheiro balançava a cabeça, em desaprovação das minhas besteiras) — Quá, Pantaneiro burro. Você vai me dar muito trabalho na guerra... (Deixou escapar uma risadinha fininha, aflautada) — Acho que você é muito bom, na língua do "xiripá" e do nosso "tereré". De inglês mesmo, você só tem esse cabelo avermelhado. Quá, seu Pascuá...

E, resmungando mil-e-uma praguinhas, meu bom amigo acomodou-se num cantinho da tarimba fedorenta, ruminando minha falta de consideração para com o velho camarada.

— Oxente... (Ainda ouvi algum muxoxo) – o tal pantaneiro "bom vivant", americanizou-se, na entrada... (Novos resmungos) — Tô perdido...

E dormiu, como um justo, até o outro dia, sem dar um pio.

Pernoitamos, ancorados no cais do Rio. Muito cedo, o navio começou a mover-se, puxado por um rebocador. O dia surgia nublado. Netuno amanhecera irritado, de mau humor, ordenando a zéfiro que trouxesse, para a Baía da Guanabara, uma cortina púmblea, de cerração impertinente e agourenta.

O nosso mastodonte cinzento, vomitando fumaça negra, gemendo na surdina, começava a mover-se, lentamente como se tivesse medo de acordar as "criancinhas" da Terra de Pindorama, que se

aninhavam nos compartimentos fedorentos e superaquecidos – numa têmpera de fundição pra guerra. A guerra dos gringos.

Sentimos a trepidação das hélices enormes. O monstro de aço cinzento corcoveou, feito cavalo xucro. Sacolejou seu bojo, como garanhão espojando-se na areia quente dos meus pagos. Na luta contra a inércia, o "dragão chinês" trepidava e espumava por todos os lados.

— São espumas de monstro insaciável ou são babás fedorentas de epiléptico? ... (Filosofou, mais tarde, o bom conselheiro).

O monstro espargia espumas sujas, oleosas, pegajosas, fétidas, numa mistura de papéis sujos, trapos imundos, caixotes, frutas podres, etc. Muitos e muitos "eteceteras" humanos, lançados pelo esgoto da cidade-sorriso,

— Veja, Cabo! Como o monstro vomita imundices. Uma nojeira, esse Cais do Porto... (A velha sombra, já refeita do dia anterior, começava a filosofar com cara de poucos amigos) — Será que os gringos, quando aqui ancoraram não ficaram enjoados com tanta sujeira? ... (Deu uma cuspidela, entre os dentes, com cara de nojo e o esguicho andou borrifando a minha cara azeda e de poucos amigos) — Que gringada!... Puta merda!... Eles têm estômago de ema. Ala pinta!... (Fez uma pequena pausa, para tomar fôlego e continuou) — Também pudera! Eles comem bacalhau temperado com mel... (E lá se foi, pela segunda vez, uma nova saraivada de saliva, esguichada entre os dentes amarelos de nicotina. Passou a mão pelo queixo pontiagudo, esparramou um olhar ansioso, em busca de uma paisagem mais limpa. Não a encontrando, o velho companheiro desancou a lenha no ambiente pestilento). Se é isso aí, o que se chama de "Cidade Maravilhosa", minha avó é bonde elétrico... (Nova pausa. Novo esguicho de saliva. Virou-se para o tombadilho e, com ares de admiração, chamou a minha atenção com a beiçola arreganhada, para um marinheiro varapau que passava, na ginga característica dos marujos) — Cabo, a Light fardou um poste

de marinheiro e o engajou na Marinha Americana. Veja o braço dele. Até parece vara de bater feijão. Vôte, Chico delegado! Cabra da peste deste tamanho só mesmo no almoxarifado dos gringos "States"... (Minha sombra eterna deixou escapar um sorriso matreiro e completou as críticas) — Esse gringão, verdadeiro espanador da Lua, quando levar um tombo, na rasteira de um baiano-bamboleio, deve assobiar na queda, como pindó cortado por um bom machado "collins"... E é só pena que voa...

Segui o gringo com os olhos. O bicho, na verdade, era alto pacas! Era um varapau, com dois metros e lá vai pedradas. Ele parou logo adiante, levantou um braço e desatarraxou uma lâmpada do teto. Com outra mão, tirou do bolso enorme do macacão azul, outra lâmpada, para colocá-la no bocal vazio.

Como sempre, Zé-Conselheiro não podia deixar de dar das suas:

— Ele é um troca-lâmpadas!... (Balançou a cabeço) — Esses gringos têm cada uma... Quem diria? Oxente!

Assim, ficou o gigante fininho, apelidado de Troca-lâmpada para o resto da viagem de 15 dias. O magriça era alto mesmo. Para certificar melhor, fingi que passava por perto dele, despreocupadamente. Com os meus respeitados 1,78m, nem cheguei no sovaco do espanador-da-Lua. O gajo era mesmo feito de encomenda.

— Coisas de americanos, Seu Zé...

— É isso mesmo, Mirandense.

***

Mais tarde, conversando com sargentos e oficiais, ficamos sabendo que os americanos convocam e selecionam os rapazes de acordo com seu tipo. O famoso troca-lâmpadas era um exemplo típico.

O velho Mestre ajeitou o corpo, em busca de uma melhor posição, no parapeito de ferro galvanizado e largou o falatório, nas críticas ácidas:

— No Brasil, meu caro Bugre Terenos, a coisa é muito diferente. Diferente mesmo! ... (Correu os olhos, pelos camaradas que nos ouviam e largou a marreta, sem dó) — Quer um exemplo? Veja o nosso padioleiro: é um magricela, tampinha de metro-e-meio... (Coçou um bigodinho ralo) — Como pode carregar o Cabo Trovão, aquele carioca de um metro e noventa, com mais de 80 quilos?... Quá, seu Pascuá! É um descalabro, nossa turma de guerra!... (E lá veio o sorriso de superioridade, tão comum no chato do filósofo, quando sentia que tinha uma plateia atenta e interessada nos seus argumentos) — Viram o nosso motorista? É um pobre gabiru, raquítico como o cabra da peste. O infeliz para dirigir nosso "QT", tem que sentar num burro travesseiro, para ver melhor... (Uma nova pausa, para o suspense) — Nada mais brasileiro. Brasileiríssimo! Tá?

Os pracebas ficavam encantados com as tiradas de Zé-Conselheiro. E o sabichão muito bem o sabia. Por isso, exagerava no suspense, todas as vezes que a oportunidade aparecia.

Zé-Conselheiro balançava a cabeça, em desaprovação, muito satisfeito com as suas tiradas:

— Enquanto esses gringos bestas, andam catando postes para Troca-lâmpadas, nós, os sábios de Pindorama, os bambas desta guerra, levamos meses e meses, recompondo baixotes e nanicos, que despencaram das escadas, trocando lâmpadas no Alojamento ou no Corpo da Guarda...

E o velho Conselheiro desafivelou um sorriso matreiro, deixando transparecer sua dentadura forte, com dentes miúdos e mal colocados, encardidos de nicotina dos incontáveis anos de fumante.

O rancho (refeitório) do navio, para nós, foi outra novidade. Tudo era previsto, planejado e servido em série. Pela primeira vez o Brasileiro teve contato com o célebre bandejão. Nunca, em minha vida, eu presenciara tanta eficiência. Pelos alto-falantes, dos compartimentos da tropa, os pracinhas eram chamados para o rancho, localizado lá embaixo da linha da água, uns três andares, contando de cima para baixo.

— Cabo, eu não entendo esse negócio de contar de cima para baixo... (Era Rembosky, o gaúcho "de origem", filho de polonês).

No Rio Grande do Sul, os mestiços das colônias alemãs, polonesas ou italianas, são batizados pelos gaúchos, como "De Origem". Rembosky falava com o cabo Valverde, também "de origem", de Santa Catarina.

— Cabo Namby, quando essa gauchada começar a enrolar a língua, não há filho de Santa Cruz que possa entender.

— Deixe nossos pracinhas em paz, Conselheiro. Volte! Você não perdoa ninguém. Que é que há?

***

Sempre que nos reunimos, para os intermináveis bate-papos, o assunto preferido eram as incríveis façanhas dos americanos naquele monstruoso navio de transporte. Afirmavam que éramos uma tropa de 10 mil homens. Outros achavam que passávamos dos 12 mil... Nunca ficamos sabendo. A maldita ditadura estado-novista não permitia.

— Segredos de guerra, seu batráquio do Pantanal...

— Você vai acertar é no milhar de sua pesquisa no pescoço, quando a pregarem na sua cruz, lá no front dos gringos... (Espichou a beiçola, com macaquices) — E é só pena que voa de sua carcaça, com a boca cheia de formigas...

***

Desses longos bate-papos havia sempre um companheiro que lembrava dos pracinhas "afogados", nos compartimentos "E" e "F", abaixo da linha d'água.

Zé-Conselheiro nem esperou a resposta. Saiu, desarvorado, em rumo da escada-sucuri, depois de dar um safanão (e dos bons) num pracinha que tentava arrancar, da parede do rancho (refeitório) uma folhinha maravilhosa, de uma fotogravura belíssima, apresentando uma garota toda nua, mordiscando um botão de rosa.

Cabo Basquete, o incorrigível carioca das boas piadas, soltou:

— O capitão ficou aloprado com o brotinho vestido de Eva...

— E o velho Professor Pantaneiro arrepiou-se todo, como se, também ele, não fosse um caipira mirandense... (Completou, no seu vozeirão de barítono, o boca-larga Cabo Trovão).

Conselheiro não podeis ouvir as piadas, porque já começara a galgar as primeiras "escamas" da sucuri envernizada, enrolada no mastro roliço.

— Ninguém nos avisou que a tropa deixaria o navio-transporte superlotado... (Reclamou o nosso bom Segundão, Sgt. Baleeiro, o velho baiano de guerra) — Pelo jeito, há um excesso de carga fardada...

— Parece que tudo está além das expectativas de nosso comando... e de nossas posses... (Completou Cabo Xavier, o carioca campeão sul-americano de saltos em trampolim).

— Eu acho que, pra guerra qualquer transporte serve... (Dei a minha opinião, metendo a colher na conversa).

— Nada disso, Pantaneiro Mirandolino. Você é burro mesmo... (Cortou, minhas ponderações, o gozador Basquete).

— Este mastodonte, está transportando "BIF"... para as grelhas dos canhões arianos. É carne mestiça, para a guerra dos gringos... (Era o velho filósofo, que até agora tinha ficado fora da conversa, matutando uma boa comparação, como era de seu costume) — Eles, os ianques pernósticos, que estão convencidos de que não passamos de nativos em evolução rasteira, baldeados para a guerra dos supercivilizados...

— Você é muito ácido, Dom Conselheiro... (Criticou Cabo Gogol, o exibido "Fantasma" dos Gibis).

O Dom Conselheiro não pôde responder. Gogol avançou com a garra: — Nossos "Cobras-Estrelados" querem acomodar a situação, evitando pressionar os americanos, neste transporte de sardinha-em-lata... (Cabo Gogol era um carioca baixote, de físico heroico, bem careca e antipático, com bastante cultura, que vivia fantasiado de "Fantasma" do Gibi).

— Foram os "Cobras-Estrelados" que informaram os americanos que a nossa tropa era ordeira, pacata, acomodatícia e fácil ser levada para o matadouro... (Completou, com suas comparações biliosas, o envenenado Canca, um bom mineiro sofrido, vivendo a infância de peripécias em peripécias na orfandade desvalida).

— É isso aí, Canca... (Confirmou Basquete, o carioca de olhos esbulhados como bolitas. O velho Basquete da invencível Marinha, uma personificação do *gentleman* que poucos conhecem) — Nossos pracinhas são na verdade, antes de tudo, ordeiros e disciplinados... (Faz uma pausa. Olhou em volta, como se procurasse a reação nas faces dos colegas de bate-papo e continuou) — Porém, acomodatícia e fácil de ser levada, é uma ova! É conversa mole pra boi dormir. Isso eu tenho certeza. A História está aí, para provar.

— É isso mesmo, Basquete!... (Atalhou Gogol, seu amigo inseparável, desde os tempos das praias) — Nossos oficiais não têm culpa

nenhuma. Os gringos que não souberam ou fingiram não saber o número de nossa tropa.

Houve uma pausa. O debate deixara os pracinhas confusos. Parece que o velho Basquete procurava, dentro de sua natural simplicidade de tradição naval, os termos que melhor encaixassem para aquela plateia dominada por pracinhas semianalfabetos e subnutridos.

O pedantismo de Gogol não permitiu que o amigo prosseguisse:

— Por causa dos ianques, nossos oficiais estão levando ferro... (Correu um olhar de superioridade pela plateia exaltada no bate-papo. Dava a impressão que o exibido Gogol procurava aumentar o número de ouvintes, que já não era pouco) — Por causa dos gringos ianques estamos vivendo como sardinhas enlatadas... (Afirmou o cabinho pernóstico, todo encasulado na malha escura do "Fantasma". Estava na hora de exibir "sapiência").

Gogol devia ter um parafuso frouxo ou sofria de uma psicose de superioridade físico-intelectual. Fazia muito exercício e lia muito. Talvez o seu corpo de Tarzan, na estatura de metro-e-meio o deixasse muito inibido. Ele estava sempre vestido de um macacão de malha preta (tipo bailarino), bem agarrado ao corpo e usava um par de óculos de aviador 1920. Nunca soubemos onde foi que o Gogol achou aquela fantasia escandalosa.

— Isso não é nada, meus eruditos cabos... (Era o bom Segundão que, lá do seu girau do 6º andar, tudo escutava e ainda não tinha dado o seu palpite. Era muito cordato, risonho e bonachão. Uma verdadeira mãe dos pracinhas) — Isso não é nada. Nem porcos empilhados nos tombadilhos e nem sardinhas em lata... (Piscou um olho, com cara brejeira).

— O pior de tudo isso é que não temos nem o direito de dar

uma boa cagada particular... (E rasgou a boca, num sorriso simpático) — Temos que bostear nossas privadas em série, como estábulos de garanhões do Jockey Club, em que a intimidade da gente é devassa.

E os comentários, os mais absurdos, prosseguiam pelos dias infindáveis, na viagem de guerra. A guerra dos gringos...

Com o passar dos dias morosos, quentíssimos e chatos, chegáramos a conclusão que o tal Cabo-Casulo (o Cabo Gogol) tinha razão.

O danado do americano, na guerra, tudo planejava, media, passava, contava, calculava e, com mais intensidade, no que se referia ao transporte de tropas para o front. Era inacreditável. O que houve, nas surpresas do nosso Escalão (tropa de embarque), está ainda vivo, na memória de nossos camaradas.

— Os gringos não têm culpa, das besteiras que andamos fazendo neste navio... (Era Cabo Trovão, procurando defender os marujos americanos, sempre solícitos com os nossos pracinhas).

— Nós somos de samba, carnaval e futebol... (Bamboleava o corpanzil atlético, nos passos de samba-enredo, deixando escapar um riso largo, de lábios num exagerado vermelho-sangue, adornado pelo maravilhoso colar de pérolas dos dentes enormes e perfeitos).

— É isso mesmo, Trovão. Os *yanks*, tudo planejam, antes de agir... (Era o mesmo fleumático Cabo Basquete, com as boas tiradas) — Nós, pelo contrário, na velha escola portuguesa, agimos, para depois planejar.

— O que me chateia, Basquete, é que ninguém esperava que a tropa fosse superlotar este navio... (Arrisquei metendo o nariz na conversa).

— E quem é você, Guaycurus de uma figa? (Apertou, com a barriga roncando de fome, o velho Conselheiro) — Quem é você, pobre

mortal, para exigir, dos *yanks*, uma comunicação antecipada? (Fez uma pausa, olhou para os companheiros, bateu na barriga magrela e reclamou) — Já fui, umas três vezes, dar uma espiada, na maldita sucuri, enroscada no mastro envernizado e nada. Nada de esvaziar a descida. É só pracebas que desce... que desce (E fazia o gesto característico, com o indicador, imitando os volteios de quem está descendo em espiral) — Tem praceba, coitado, que é a cara escorrida do faminto... (Balançou a cabeça) — Dizem que estão sem comer...

— Também pudera, Conselheiro! Desde o embarque, é a primeira refeição de verdade que eles vão fazer... (Aparteou Trovão procurando abrandar a voz tonitruante, de barítono carioca).

— Os infelizes, lá embaixo da linha d'agua, estão pagando por uma dívida que não contraíram (completou o mestre). — Ala pinta! Quem mandou o filho da mãe ser batizado? Agora, é só pena que voa.

Com raiva, Zé-Conselheiro deu uns tabefes na trouxa de roupa que servia como travesseiro e jogou a carcaça suarenta na tarimba curta e incômoda.

Cabo Ferrugem, que até então, não emitira opinião, soltou esta:

— Será que os americanos empilharam estas tarimbas curtas, porque o navio tinha sido preparado para os nativos do Brasil?

— Você tem razão, Ferrugem. Com o seu metro e setenta e lá vai pedradas, ia ser muito fácil deitar nesta maldita tarimba... (Aprovou Trovão mal acomodado, no seu metro e oitenta e lá vai cacetadas, muito atrapalhado, com as canelas para fora).

***

Ainda me lembro (oh, se me lembro!) daquela primeira refeição que fizemos, no monstro de aço cinzento. Nós, do primeiro compar-

timento, caímos como patinhos. Ninguém nos avisou que o rancho, servido às 6 da manhã, só teria a segunda e última refeição às 2 da tarde. E os americanos estavam certos, nesse horário. O que houve é que alguém errou, não nos avisando. Quando o último pracinha, da primeira refeição, ia descendo as escadas, nós iniciávamos a descida para o rancho, para a segunda e a última refeição. O navio, na sua monstruosa lotação (10 ou 12 mil homens)[26], só tinha condições de fornecer duas refeições, num trabalho exaustivo e ininterrupto, que deixava os praças da cozinha, extenuados.

— Era só o que faltava, tchê (argumentou um gaúcho) — Esses maragatos, fardados de marujo americano, querem fazer a gente virar ruminante: comer bastante, até empanzinar o bucho e vir para esta tarimba nojenta, ruminar... ruminar... como cabra desguaritada.

Raivoso, o gauchão dava pancadas no estômago musculoso, com a manopla de sulista bem nutrido, para dar ênfase às suas expressões. Porém, não pôde continuar, porque Zé-Conselheiro tomou-lhe as cartas:

— É isso mesmo, seu batráquio "de origem"[27]. Os pracebas têm que empanturrar a pantufa na última refeição do meio-dia, o mais que puder, para cair na tarimba fedorenta, todo refestelado, onde irá ruminar o resto da tarde a sua última refeição do dia. (Sacudiu a cabeça, em desaprovação) — Até que chegue a sua vez de jantar... (Olhou em volta, procurando plateia admirada e, mudando o tom de voz, o velho camarada arrebatou, com humor negro) — Se, no entremeio de tudo isso, não aparecer um submarino ariano para nos mandar ao repouso eterno...

---

[26] Conforme descrição do Portal FEB, o navio tinha capacidade máxima de lotação de 6.800 pessoas, cabines para 363 oficiais e tripulação de 465 pessoas. Disponível em: http://www.portalfeb.com.br/o-destino-do-uss-gen-meigs/. Acesso em: 19 fev. 2021.

[27] Apelido regional, aos gaúchos mestiços, filhos de grandes colônias do Rio Grande: italianas, alemãs e polonesas [N/A].

As últimas palavras do velho filósofo explodiram, como um petardo, no círculo de bate-papos. Uma sombra negra, agourenta, parou no ar. A bugrada, desavisada não teve mais o que falar. O mestre dera, com um tiro de misericórdia, a deixa para que o grupo entrasse nos considerandos e nos talvez.

Quando chegou a nossa vez, na segunda refeição, o velho praça não se apertou. Na variedade das iguarias do rancho americano, os pracebas se preveniram para o que desse e viesse. Desconfiado, matreiro, arisco como sanhaço no terreiro, calejado nas balbúrdias da caserna, o caboclo tupiniquim não esqueceu do velho lema: "Praça velho, não rouba, desaperta!". Então, o pracinha achou por bem que devia desapertar umas rações, para se prevenir do amanhã, que se oferecia anuviado.

— Hei! *Xecambá* (Meu nego) [*che kamba* = meu moreno[28]]... (Era o praceba Phydelis, morenão das fronteiras mirandenses, um guapo ginete das canchas e dos entreveros das bagualadas em noite de lua-cheia) — *Xecambá*, os batráquios do nordeste gostam de afirmar que, praça quando afana nada mais está fazendo do que a obrigação de desapertar. (Deu um risinho gostoso e arrematou) — *Baê xapareicô*! (Eh... barbaridade!) [*Mba'éichapa reiko* = como você vai].

— Olha aqui, seu Phys das fronteiras de Ponta Porã. Não vem com esse Guarani arrevesado não. *Jô soi* [*yo soy* = eu sou] de Miranda, *pero que non sô paraguaito* [*pero no soy paraguayo* = mas não sou paraguaio], tchê!... (Para exibir que também conhecia um pouco de Guarani, Zé-Conselheiro sacou esta) — Você, soldadinho das metralhas, não passa de um *cavaju pôssi* (cavalo selvagem) [*kavaju pochy* = cavalo bravo] que foi plantado nas várzeas do pantanal!

[28] Agradecemos ao professor Elizeu Rodriguez Cristaldo pela contribuição na identificação e tradução dos termos em língua guarani [N/O].

O risonho Phydelis nada respondeu. Ele muito bem conhecia o companheiro que o desafiaria. A 1ª Bateria já estava ficando cabreira, com as tiradas do velho filósofo mirandense.

O nosso bondoso Segundão Baleeiro, que tudo escutava e sempre esperava uma deixa para as suas "colheradas", entrou na conversa, com aquela voz compassada, de velho "percevejo":

— Manje bem, seus pracebas mal informados. Na minha vida de caserna nunca vi, nem no 7 de setembro e nem no Dia do Soldado, tanta variedade no rancho... (Correu os olhos pelos pracinhas que formavam o grupo do bate-papo e arrematou) — Até dá para desconfiar... (Balançou a cabeça, dando mais ênfase nas comparações) — Rancho quando é muito, pracebas desconfia!

— Segundão, acho que a maioria não "afanou" a etapa de prevenção, com medo do "RISG" (Regulamentos Internos dos Serviços Gerais). Agora, o reco (recruta) vai amargar uma fome dos diabos. (Conselheiro apertou os lábios, como se sentisse o gosto amargo da fome) — Quá, seu Pascuá! É triste ser reco. E, o pior, é ser reco para guerra.

Eu não entrei na conversa, para não dar oportunidade ao filósofo que tinha satisfação em rebater minhas ideias. E como sabia rebatê-las. Isso me irritava muito e levava-me aos palavrões, como única saída.

Quando o estridente assobio dos alto-falantes feriu os ouvidos dos pracebas, alertando que estava na hora do 2° rancho, lá pelas duas da tarde a fome (a melhor estrada da vida) ensinara os pracinhas a serem mais prevenidos. O velho e calejado praça, artista de muitos entreveros e muitas batalhas, abarrotou o bandejão de comida. Encheu o cantil de café. Empanturrou os bolsos com ovos cozidos, laranja, pão, etc. Não contente, apertou bem o cinto do "Zé-Carioca" para afirmar o blusão e, dessa forma, improvisou um bornal para mais provisões: lata

de leite "vaporizado", saleiro, molho inglês, óleo de oliva "legítimo", sanduíche com um bife do tamanho de uma fome, etc.

— A vantagem, Cabo, são os eteceteras que nós afanamos no rancho. Geralmente, são os melhores. (E a minha inseparável sombra riscava o ar, com olhares matreiros, satisfeito da vida). Tem cada eteceterão...

Da primeira vez que o pracinha desceu para o 2° rancho, as mesas ficaram limpas. Mestre praça, tudo carregou. O assombro dos marujos americanos foi grande. Não era para menos.

— Bobo é sapo, Cabo velho! Já chega de cambalhotas no estômago. Tenho sentido tanto pinote no buxo que até parece que tenho um *cavadjú-possy* (cavalo-selvagem) [*kavaju pochy* = cavalo bravo] dando coices por dentro (E Phydelis apertou os olhos, numa tremenda careta).

— É isso aí, seu Phys das pradarias do Acôgo. Para que otário quer dinheiro e gringo quer condimentos? (E o filósofo aproveitou para tossir em inglês) — Bif... Bif... Bif... Quá, mundo desgranhado!

A cada "bif, bif, bif", Conselheiro ia passando a mão em tudo que ia encontrando em cima da mesa, jogando para a bocarra do alforje improvisado, no bojo do blusão "Zé-carioca", com ares teatrais.

Um marujo vermelhão, do tamanho de um poste da Light (ou da CESP), empertigado na sua farda bem engomada, ia acompanhando os gestos de Zé-Conselheiro, de boca aberta, com cara de assombro.

— Bico calado, seu gringão engomado! Mestre praça está desapertando, conforme manda o figurino do "RISG". Na minha caserna, seu bobalhão, praça não rouba: DE-SA-PER-TA... (Rodou em volta do gringo vermelhão e continuou, sempre com a cara lambida de quem leva a vantagem de não ser entendido do idioma pátrio) — Você não

conhece a nossa lei de caserna? Ora... (E o velho matreiro, girando em torno do marujo assombrado, continuava, na sua velha filosofia de caserna) — Aprenda, para a sua tropa: soldado não rouba, DE-SA--PER-TA. Soldado não morre: DE-SA-PA-RE-CE. Soldado não casa: A-JUN-TA. Soldado não senta: EN-CO-CÓ-RA... (E lá se foi Conselheiro, desfiando um rosário de sentenças absurdas, que o velho praça rezava para os recos em época de convocação).

Dava impressão que, nos gestos e na maneira debochada de falar, a minha velha sombra procurava estigmatizar nossos pracinhas, com olhares debochados, rodopiando em volta do marinheiro assombrado.

Nossos camaradas, preocupados com o abastecimento forçado das provisões afanadas, nem davam bola para o matreiro do velho filósofo.

E assim os dias iam passando... nos levando, devagarinho, para os caminhos da guerra. Da guerra dos gringos.

Era de ver, nas peripécias de Conselheiro, a admiração do gringalhão vermelho. Parecia que o marujo engomado, bestificado, estava hipnotizado pelos salamaleques exagerados do velho filósofo, estonteando o infeliz com o seu incompreensível "Bif! Bif! Bif!" num estalar de dedos magrelos, raquíticos e amarelados pelo sarro do fumo ordinário. Depois, a minha velha sombra, cantando uma musiquinha inventada na hora, saiu com a muamba, todo saltitante, num bailado grotesco, escapulindo pela porta estreita da escada em caracol.

***

Nos bate-papos das tarimbas, a minha velha sombra perguntou-me: — Mirandense, já notou como a bugrada dos compartimentos "D" e "E", anda tristonha, calada, desgringolada. Não sei se é porque estamos sempre tomando sol nos tombadilhos ou se é porque somos

mesmo mais sadios. (Fez uma pausa, carregou o semblante com duas vírgulas nas sobrancelhas, como se procurasse uma resposta a si mesmo) — A pele dos pracebas, Cabo, está sempre macilenta, esverdeada. Repare só, no andar arrasado deles. Veja os movimentos lerdos e os gestos de eterna fadiga que o pracinha lá de baixo apresenta. (Fez nova pausa. Mudou da incômoda posição no beliche que nos espremia. Revirou na cachola bestunta alguma coisa para se inspirar, como era de seu feitio. Deu uma fungadela e continuou) — Uma apatia contínua persegue a bugrada, lá da linha d'agua. O batráquio, lá de baixo, até parece *anham-memburé* (filho da ...) [*Aña membyre* = que foi filho do diabo] expatriado. Quá, Pantaneiro! É só pena que voa na cabeça do pracinha... (Novamente procurou uma outra posição, não satisfeito, sentou-se, enroscando as pernas na posição característica do yoga) — Será que os pracebas, da linha d'água, sabem que são apelidados de submarinos? Acho que eles são analfas de pai e mãe... (Zé-Conselheiro deixou escapar um longo suspiro, calou-se, numa profunda meditação).

Era verdade. Dava pena. Lástima, por que não dizer?

Foi no primeiro dia de rancho, no mastodonte de aço-cinzento, que o velho Conselheiro me faz esta pergunta e que me ficou gravada, para o resto de minha doidice de neurótico-guerreiro: — Esse praceba, Cabo Cicycó, na sua frente. (Mostrou, com a beiçola, um esquálido pracinha que partia para a guerra) — Veja! Esse aí, do submarino, lá do compartimento "E". Parece que vai pegar a gororoba agora, ao meio-dia, no seu primeiro rancho. (Balançava a cabeça, com a fisionomia carregada) — Será que ele cambaleia de fome ou do balanço do navio?

Não respondi. Não podia responder.

Hoje, ainda vejo, nitidamente os quadros horríveis que nos seguiram, pelos malditos caminhos da guerra. Na guerra dos gringos. Seriam esses caminhos imundos, no desenrolar constante das recor-

dações dantescas, de percalços que acumularam no subconsciente dos pracinhas desesperados, que os arrastam para o inferno da neurose sem cura e sem esperança? Seriam?

***

Numa dessas discussões, na volta para casa, nos tombadilhos do navio-transporte MARIPOSA-USA, Cabo Basquete, numa tarde ensolarada, quando tomávamos banho de sol, como sardinhas em lata, nos fez esta pergunta:

— Seriam os doutos e sábios em psicanálise, capazes de responder?

Depois dessa do Basquete, Cabo Casulo papagueou:

— O pracebas, antes de tudo, é um forte! (Deu umas palmadinhas nas costas do Cabo Naval, com ares de superioridade, sempre aguardando uma deixa para exibir o seu físico e a sua cultura pedante).

— Quá o quê! (Avançou Zé-Conselheiro, aproveitando para dar uma cacetada no Cabo Gogol, que com ele não simpatizava) — Quá o quê, seu Ocride da Cunha encasulado. Ele não previu o pracinha da guerra dos gringos, mas adivinhou o seu futuro heroico. (O filósofo piscou um olho para o Basquete e prosseguiu nas picardias) — Nosso pracinha segue à risca os conceitos do "RISG", sem perder uma vírgula. É um gabiru da roça e vive de teimoso. (Deixou escapar a chatérrima tosse em inglês, para acabar com a banca do Gogol) — Bif! Bif! Bif!

Assim, nós íamos arrastando os monótonos dias de regresso, num incrível papel carbono de nossa viagem de ida. Também sem ter o que fazer e nem para onde ir. Muito menos, onde ficar, a não ser nas imundas e fedidas tarimbas de lona, dos beliches que fediam macho, fediam macaco, fediam bode.

***

E o General MEIGS-USA, numa rota em zigue-zague, ia cortando o Atlântico, sem porto e sem descanso, arrastando em seu bojo o hálito insuportável de homem, de masturbação, de sexo reprimido. Para todo canto que a gente ia estava tudo entupido de soldado. Tudo era verde: a farda, os vômitos biliosos, as fisionomias, os pracinhas e até a nossa alma e nossos pensamentos eram verdes.

— É um verde *inamby* (erva daninha) [*ñana* = erva daninha/*ñanandy* = muitas ervas daninhas] cuiudo e bem macho, esse verde-oliva da nossa farda (Continuou Aoinagés, o índio atrevido, garanhão e matreiro, dos rincões dos pantanais).

O desolado pracinha, empilhado nos beliches, passava a maior parte do dia deitado, de papo pro ar, olhando para os fundilhos de seu compartimento lá de cima, devaneando as nádegas da garota apetitosa que o rancho exibia naquela folhinha, que o nordestino tentou arrancar da parede. Era ali, nas tarimbas dos corredores imensos, que os pracebas traziam os últimos peixes do dia e as façanhas dos marujos empolgados.

E assim, os dias iam passando, nos levando, devagarinho, para os caminhos da guerra. Da guerra dos gringos.

— Por que será, seu Pantaneiro reclamão, que os gringos, desde que embarcamos, andam sempre com a farda bem engomada? Será que neste mastodonte de aço tem o bicho-mulher para passar a farda dos marujos?

Não dei resposta. Eu estava muito preocupado com a bocarra do porão do navio. Sem que eu notasse, soltei a exclamação, pensado alto:

— "Puta *himderevy* (bumbum) [*nde revi* = tua bunda] tem esse navio! Que buracão! Até parece a boca do inferno" ...

Não terminei meus cismares. Conselheiro atalhou:

— O porão deste monstro de aço, Cabo *Xecaray* (meu amigão) [*Che karai* = meu senhor], é mesmo fabuloso. Calcule que, só de cigarros, os gringos fornecem diariamente mais de 12.000 carteiras. (Balançou a cabeça, como era de seu costume, quando não encontrava palavras) — É ou não é, uma barbaridade? Vá ser grande na vó! Ala pinta!

Fiz que não escutei. Havia momentos, em meus devaneios, que eu não permitia a intervenção de Zé-Conselheiro – minha sombra eterna companheira. O filósofo era muito arguto e eu muito lerdo. Aí, a desvantagem que eu levara. E isso me causava muita inveja.

Seria egoísmo? Ignorância? Egocentrismo?

A fados que respondam, porque a viagem prosseguia, sem ponto e sem descanso, em busca de uma guerra do outro lado do atlântico.

— Seguia para onde? (Perguntou Cabo Cincerro).

— Para guerra, seu batráquio das Alterosas! (Respondeu Conselheiro).

— Para guerra dos gringos (Completou Cabo Ferrugem o eterno caladão).

— Puta *la miérda*, Cabo! Que barbariedade, tchê! *Ca-ra-jo*...

Era o velho gaúcho queimado de sol, como sempre, falando alto, gesticulando e esgravatando fatos passados, nos sonhos e pesadelos. O gauchão era um vizinho abrutalhado, que eu fazia de tudo para evitá-lo.

Mal aconcheguei a carcaça dolorida e lá veio, pra me chatear, outra exclamação, com um bafo quente no meu rosto. Era a minha sombra eterna que, mesmo sonhando, também tinha o costume de irradiar a cena: Mas que buracão! Que bocarra! (Remexeu na tarimba

quente e lambuzada de suor, em busca da trouxa que servia de travesseiro) — Meu Deus! Deve ser o porão uma tranqueira desgrenhada.

A noite calorenta já ia alta. O incansável Conselheiro, mesmo dormindo, vivia tirando conclusões do monstro de aço-cinzento.

— Hum... Hum... (Resmunguei, sonolento) — Que diabo está você matutando, a estas horas da noite. Deixe os gringos sossegados e durma, companheiro. Você é chato, até dormindo. Puta *miérda*!

Zé-Conselheiro continuava na madorna de seus pesadelos.

Numa das exclamações, minha sombra deu um grito. Assustado, levantou-se de um salto. Só então, compreendeu que estava sonhando:

— Quá, seu Pascuá! Esta é a pior viagem de turismo, do mundo. E, para meu azar, tenho por derrancho um mirandense mal enfrenado, redomão, queixudo e metido a bagual. (Deu meia dúzia de socos, com raiva, no travesseiro-trouxa-de-roupas e arrematou) — Quá, seu Pascuá, é de amargurejar! (Descarregou o sobressendo em vírgula para guerra. Besta e metido, como todo pantaneiro do Nambileque, lá nas bandas do Fomento Argentino).

Como o sono tinha passado, minha sombra eterna deitou, cruzou as mãos, colocou-as em baixo da cabeça e partiu para as costumeiras divagações:

— Tanta maravilha em nossa volta, nesta viagem de turismo e, por azar, tenho por derrancho o beócio deste mordomo de pé-no-chão, fingindo civilidade e cultura. Ah! Mundo desgranhado! É um cabinho tão burro, que nem toma conhecimento do que se passa em volta. (Deu um estalo na boca, como se provasse um pitéu muito gostoso) — Quá, quem nasceu para dez réis, nunca chega a vintém! Eita! Mirandense *anhã-memburé* (filho da ...) [*aña membyre* = que foi filho do diabo].

E resmungando provérbios os mais díspares, acomodou-se da melhor maneira possível no beliche úmido e fedido de suor, em busca de um sono que sempre lhe fugia.

Também sem sono, comentei com os meus botões:

— "Zé-Conselheiro tem razão. O pior é que ele sempre tem razão. É isso mesmo. Dizem que o navio transporta perto de 12.000 homens entre pracinhas da F.E.B., da famosa SENTA A PÚA, como também médicos, enfermeiros, centenas de tripulantes.

Procurei o sono que não aparecia. Tantos números, com tantos pracebas. Era de endoidar o mais pacato dos homens. Vivíamos numa confusão de fardas, de estrelas, de galões, de divisas, de histórias de peixes, de medo, de terror.

— Muito mais de terror! (Gritou, lá de dentro, o meu ego sem-vergonha).

***

Nas intermináveis sestas, quando menos se esperava, lá vinha o assunto do rancho:

— Cabo, qual é o efetivo de nosso navio?

Dez ou doze mil, Segundão. Dizem. Não sei (Respondi, numa voz morrinhenta, cheirando a modorna de uma sesta interrompida).

Fora uma resposta sem interesse, de cabo para sargento, por obrigação. Nem ao menos demonstrei ao bom Segundão um pouco de delicadeza, levantando a cabeça.

A gostosa modorra, tomava conta do ambiente superaquecido, úmido, abafado, silencioso. A bugrada sonhava, despreparada para a guerra. A maldita guerra dos gringos.

Numa surdina de trombone gigantesco, o som das ondas chocava-se no costado do mastodonte de aço cinzento, ressoando como gemidos abafados, de almas penadas. De quando em quando, um pouco mais ousado, naquela sesta de pracinha saturado, cortava o silêncio, rançoso, pesado no ambiente. O ar era insuportável. Tudo cheirava a bicho-homem. Bicho fedido! Numa insuportável catinga de bodum... numa inhaca de "fiofó"... catinga do bode.

Uma saliva pesada, agridoce, enjoada, lixava a minha garganta ressequida, numa mistura com sabor de carne de macho. De carne que exalava sexo reprimido. De bumbum de macho. De macho que fede! Era um insuportável fedor de colhões sem fêmea. Cheiro de *hinderevy*. E o sexo *del hombre* macho gritava, rosnava, urrava, uivava, reprimido na imundícia do lixo-humano que partia para guerra. Para a guerra dos gringos. As narinas do infeliz praça queimavam no odor dos humanoides-fardados. E os espermas acumulados, na potência da mocidade sadia, gritavam e esperneavam, na loucura incontrolável da abstinência forçada.

E o odor de macho, polui o ar. Odor de macho. De macho fedorento.

O sexo gritava. O nariz queimava. O pracebas rolava. O ar empestava.

Era assim que se caldeavam, para a guerra, os filhos da Santa Cruz. Jovens das cidades, dos campos, dos cerrados, das caatingas, das montanhas, dos pampas, das fronteiras e dos pantanais. Caldeados fundidos, mesclados, forjados para a guerra. Para a maldita guerra dos gringos. A guerra que a bendita América do Sul não tinha culpa.

***

— Cabo, corre pela tropa, um peixe de que estamos rumando para a velha África. (Minha sombra eterna acomodou melhor a trou-

xa-travesseiro, soltou um gemido. O velho corpo moído, remexia na tarimba) — É verdade, Pantaneiro? É peixe dos estrelados? (Parou um instante de fazer perguntas, como se me desse um tempo para pensar e prosseguiu) — Cabo, você sabe de alguma coisa (O velho Conselheiro levantou-se um pouco, deu outras pancadas no travesseiro, deitou novamente, soltou outro suspiro de cansaço do nada e voltou à carga) — Se for verdade, Cabo, a África vai ficar... vai ficar bem longe de nossa rota.

— Como? (Perguntei, admirado, sem esperar que Zé-Conselheiro terminasse as explicações) — Como é que você sabe esse negócio de rota? Já virou marinheiro?

— Estive na popa do navio, assuntando as derivas do bicho-de-aço, pelo rumo do Sol, como a gente faz lá nos campos do Perdido, nas fronteiras do Paraguai. Se o navio continuar nessa marcha de zigue-zague, como vai indo, vamos levar de 10 a 12 dias, no mínimo, para alcançar a terra de Yemanjá.

— Marcha de zigue-zague? Que negócio é esse?

— Ora seu Cacique da Bodoquena, são segredos de guerra. (Levantou a cabeça, correu os olhos em volta, como se procurasse algum espião pelas vizinhanças e continuou baixinho) — Um marujo-engomado, que arranha um pouco de francês, explicou-me, numa língua arrevesada, que o zigue-zague é navegação de camuflagem, por causa dos submarinos nazistas. (Com gestos lentos e calculados para dar o efeito desejado, Conselheiro ajeitou o bibico na cabeça oblonga) — Pois é, seu Cabo Mirandense. O navio é muito grande e pesadão. Lerdo, como a mãe da peste. O bicho larga uma esteira de espuma e ondas, por quilômetros, na superfície lisa, deste maldito mar calmo. (Balançou a cabeça, procurou onde jorrar a cuspidela famosa, esguichada entredentes. Não encontrou. Tudo era limpo. Mais limpo que alma de anjinho) — Cabo,

o tal do Netuno é uma besta. Conserva essa calmaria em nossa rota, só para ver a cobra fumar em nossas carcaças. Isso é muito perigoso. Perigoso mesmo!

As últimas palavras morreram no ar, abafado e catinguento, palavras asfixiadas numa onda de pavor, que pairou no ar, por cima dos pracinhas modorrentos. Bem que conhecíamos, com excesso de pormenores, os torpedeamentos de navios de transporte de tropas, na fértil propaganda aliada no Brasil. Antes do embarque, acomodados nas luxuosas salas de projeção da Cinelândia, éramos espectadores folgados e indiferentes com a guerra, com os combates, com os torpedeamentos da invencível esquadra submarina dos nazistas.

— Agora, *Xecarai*, o disco virou. Na Cinelândia nós éramos indiferentes assistentes de uma maldita guerra. Aqui, nós somos personagens do filme. (Encarou-me com as sobrancelhas em vírgulas) — Quá, pantaneiro! Você não tem o tipo do mocinho de cinema. Sua pinta, de bagual mirandense, é mais para bandido de guerra... (E lá veio a maldita gargalhada) — Bif! Bif! Bif!...

— *Xecambá*, será verdade, o que que o chato desse *Anhã-memburé* está falando?

— Não sei, não, Phydelis. Se for verdade, nossa rota não será nada fácil. Isso eu tenho certeza.

— Cabo, eu não estou pensando nos nazistas, lá no fundo do mar. Eu penso é no abastecimento da tropa... (Cabo Güra, o meninão de Santa Catarina, mais alemão do que brasileiro, mais holandês do que ariano, mais forte do que Tarzan, de língua mais enrolada do que a do marujo engomado querendo falar nossa língua) — Eu penso, é no abastecimento da bugrrrada... com tantos prrraças prrra comerrr.

Foi só gargalhada que estourou, das tarimbas fedorentas.

Cabo Dias, o garoto dos cincerros pelo pescoço, que sempre estava caladão, entrou na conversa:

— Calma, pessoal, tenha dó! ... (Recriminou Dias, o cabo dos cincerros) — O Güra é um colega muito bacana. Vamos respeitá-lo. É pastor adventista e muito compenetrado.

Não dando importância às acusações do Cabo Cincerro, minha sombra eterna virou-se para o Segundão e matraqueou: — Pois é, Segundão. Eu fico embasbacado em pensar quantas laranjas os gringos distribuem, diariamente, para a tropa. Já pensou? (E lá veio as sobrancelhas em vírgulas) — Deve ser um porão, do tamanho da boca do mundo. (Remexeu o corpo magrela, na tarimba incômoda, deu umas fungadas e continuou nos cálculos) — O peixe dos pracebas afirmam que, neste mastodonte de aço, somos para mais de 10 mil. Aí que eu faço as minhas deduções: como é que os americanos conseguem pagar, todos os dias, duas laranjas, como etapa para cada pracinha? (Levantou o braço e mostrou, em forma de "V", os dedos estendidos, para dar maior realce nas duas laranjas que tanto o deixavam intrigado) — São duas laranjas, Segundão, que multiplicando por 10 mil... (Conselheiro bateu na testa, como se procurasse desemperrar a sua calculadora. Arreganhou os dentes, na luta pelo resultado que não vinha) — É Segundão, eu sou mesmo um burrico, destrambelhado e analfa de pai e mãe.

— Então peça ao Cabo que faça a conta para você.

— Pedir ao Pantaneiro? Tá louco, Segundão? Isso aí, fantasiado de cabo, é mais burro do que a mãe do diabo. (E soltou os nojentos espirros da FEB em inglês) — Bif... Bif... Bif...

— Pois é, seu Zé! A coisa não é muito fácil, não. (Confirmou Cabo Basquete, o simplório cadete-naval) — Eu já fiz a conta. Deve ser

de 20 a 25 mil laranjas, por dia... (Balançou a cabeça como não acreditando e continuou) — Como anda correndo o peixe de que, no mínimo, nossa viagem será de 10 a 15 dias, em zigue-zague, eu calculo para tudo... (Deu um piparote na testa e completou) — 200 a 250 mil laranjas.

— É laranja para burro!

— Não dê palpite, Meia-Um. Você é muito bacana, lá para as negas de Bangu. Tá? (E Conselheiro prosseguiu) — É muita laranja, Basquete.

— É laranja para burro Conselheiro! (Respondi, bocejando, meio tonto e sonolento) — Eita! Barba de bode. É laranja para empanturrar barriga de pracinha, até escapar pelo *hinderervy*...

— Esse aí, Segundão, é como porco: come-dorme, dorme-come. Às vezes, Sargento, eu desconfio que ele não é pantaneiro e nem mirandense... (Era Januário, mirandense de três costados, piscando os olhos de papagaio).

O mirandense Januário era apelidado de JANU – nome de guerra.

Conselheiro, que calara em busca de novas citações literárias, matutava, batendo piparotes na testa. Procurando arrumar uma cara de erudito, deu um pulo da tarimba fedorenta e gritou: — *Héreka! ... Héreka! ... Héreka*!

— Tá maluco, seu Zé? Que negócio é esse?

— É grego, Cabo Ferrugem. É grego e dos clássicos.

A turma parou. Todo mundo olhava espantado, para a minha sombra eterna. E ele, aproveitando a ignorância da bugrada, largou verborreia:

— Olha aqui, seus humanoides, capacidade é para quem estudou. Em grego, a palavra *Héreka*, significa: achei, descobri[29]. Entenderam? (Correu os olhos, em torno, todo orgulhoso com a vitória) — Diz a História, a Mestra da vida, que foi o grande Arquimedes que assim teria exclamado, quando descobriu o peso específico dos corpos, quando tomava banho numa banheira. (Zé-Conselheiro olhou em volta, todo orgulhoso da oportunidade da aula e prosseguiu, todo convencido) — Foi tamanha a alegria de Arquimedes que ele saiu correndo, pela casa, inteiramente nu, gritando: *Héreka! Héreka! Héreka!* (Piscou um olho, todo matreiro e continuou) — Agora, eu aproveito o Arquimedes e grito: *Euréca! Euréca! Euréca!* Descobri a pólvora! A chave fecha por dentro!

E os cálculos absurdos, escorregavam pela sesta modorrenta, nos intermináveis dias de viagem.

— Só por um dia, Segundão, nossos pracebas consomem mais de 20 mil laranjas, mais de 20 mil ovos, mais de 10 mil carteiras de cigarros, mais de 10 mil caixas de fósforos, mais de... (Não se pode continuar. Sufocou os cálculos, na tragédia gostosa do "Kamel-USA" e, com requintada volúpia, soltou em espirais caprichosas, a fumaça aromática do gostoso fumo de Virginia – USA) — Vai somando, Segundão. Vai somando, enquanto eu dou umas gostosas tragadas neste Kamel-USA... São 10 mil bifes, 10 mil etc... etc... etc...

— Nesses 10 mil etc., seu Arquimedes-Conselheiro, é que o pracinha faz o maior consumo por dia (Trovão fez uma cara debochada e prosseguiu). — Veja, por exemplo, só de papel higiênico, lá no corredor da estrebaria.

— É muito papel, para pouco *hinderevy*...

[29] βρηκα/vríka/eureca = achei, encontrei. Neste mesmo parágrafo, ao final, o autor escreve "Euréca" [N/O].

— Lá vem o mirandense com besteiras. Quando abre a boca é só porcaria que aparece. Pelo amor da madrugada, Janu, cale.

— É mesmo, Basquete. Esse Janu das Arábias não há quem aguente, é um legítimo gabiru dos pantanais mirandenses (Recriminou Conselheiro).

— Essa conta do papel higiênico, é que me deixou grilado (Era o Cabo Ferrugem, sempre na sua simplicidade).

— Não tem grilo, Ferrugem. É muito bumbum para limpar, toda a hora, neste inferno de aço. Quá, não dá não! (Zé-Conselheiro fez uma pausa e arrematou). — Quem não acreditar, que vá ficar nos corredores das estrebarias do Hipódromo da Gávea. Tá? (Completou o gaúcho "de origem").

— Não meta a sua colher de pau no mingau em que você não foi convidado, seu gaúcho "de origem" (Atalhou Mestre Conselheiro, que não gostava muito do gauchão espadaúdo e tostado de sol carioca. Parece que o físico hercúleo do pracinha dos pampas, fazia mal aos complexos do pantaneiro raquítico, magrelo e pilado, como arroz sem casca).

— É isso mesmo, seu filósofo de botequim zurrapa. O gaúcho tem razão! (Era Cabo Basquete, que sempre preferia ouvir as nossas discussões do que ter que aturar as exibições literárias do Cabo Casulo Gogol).

— Bem, Basquete. Só em pensar naquele corredor quilométrico, com privadas em fila indiana, uma ao lado da outra, numa imitação grotesca das baias da nossa Cavalaria... (Segundão rasgou a boca de lábios grossos e arroxeados, num sorriso do tamanho de sua bondade) — É o cúmulo! É coisa de gringo.

— Isso mesmo, Sargento! (Confirmou Cabo Ghura, o caladão teuto-brasileiro, sempre agarrado na sua bíblia) — Agora eu pôtes kakar com mais prrrazer. Vou no prrrivates de madrrrugantes (Um sorriso de satisfação cortou seus lábios tintos de sangue catarinense).

— Esse alemangues catarrines, é muito "vurro" ...

— Espera aí, Silvestre. Não ofenda o Cabo Ghura. Ele não tem culpa de ter sido criado numa colônia de alemães e poloneses, com professores alemães e sem nenhuma assistência de nosso governo (Cabo Casulo fez uma pausa, correu os olhos em volta, satisfeito da posição e continuou) — É muito fácil criticar um colega "de origem", principalmente, quando se é carioca (Casulo calou. Olhou com raiva para Silvestre e saiu, com o peito inchado, orgulhoso da vitória exibicionista de sapiência).

— É isso aí, bugrada! Eu também não topo esse negócio dos gringos fazendo a gente sentar naqueles vasos, que só protegem as popas, uai! (Cabo Cincerro, balançou o seu colar de medalhinhas de santinhos de alumínio, entrara na conversa).

— Para mim... (Arriscou o nobre naval, Cabo Basquete, meio encabulado. Ele não era de palavrões e nem de sacanagem) — Para mim, é degradante a gente não ter o necessário recato, nas necessidades fisiológicas...

— Fi... fisio... o que? (Perguntou o ingênuo nordestino, que nos acompanhava nas discussões sobre as "coisas de americanos").

Ninguém deu atenção ao pracinha.

— Estou com você, Basquete. Nós temos que usar aqueles vasos, numa fileira interminável, onde centenas de telegrafistas, emparelhando, um em frente ao outro, fazendo força para expelir excrementos

e exalando fedor para todos os lados. (Conselheiro fez uma careta de nojo, tapou o nariz para dar mais força ao que explicava e parou, procurando uma nova comparação).

— Nós já comentamos que isso é muita falta de consideração, para com os nossos pracebas (Afirmou Sargento Baleeiro).

— Isso é uma vergonha, mesmo! Acho que... (Não deu para eu continuar).

— Acha nada, seu Pantaneiro burro! (Zé-Conselheiro como sempre, com as suas marretas, em cima de minha cabeça) — Você não aprendeu na caserna que vergonha de pracebas é relativa? Vá ser burro nos quintos! Tá na cara! (Olhou para o Sargento, como se buscasse confirmação, com a cara mais lambida do mundo) — Então seu *xiripá* esfarrapado. Queria que nós bancássemos o tal do Bocage? (Piscou um olho para Basquete, o bacana que deixou a Escola Naval e deveria conhecer a famosa história de Bocage) — Você, seu Mirandense toupeira, queria sentar no vaso com o rosto virado para parede e deixar as popas para fora?

— É isso mesmo, seu filósofo mambembe (E o ambiente foi sacudido pelo vozeirão tonitruante do Cabo Trovão, o carioca das gargalhadas que abalavam o mundo) — Vergonha de pracebas, seu filósofo, está na cara. É igualzinho com o Bocage! Não está na bunda (E as gargalhadas de barítono, sacudiram o mundo em guerra e a tarimba fedida do carioca de Marechal Hermes).

— Tenha santa paciência, seu Trovão! Assim também não! (Rebateu Basquete, na sua indiscutível polidez de tradição naval).

Cabo Trovão não se perturbou. Virou-se para Segundão:

— Já pensou, Sargento? Como não seria um espetáculo ridículo, esse quilométrico corredor, dos malcheirosos telegrafistas?

— É isso mesmo! (Entrou no bate-papo, Cabo Ferrugem).

— Trovão, você encenou uma peça pornográfica, maravilhosa (Completou Conselheiro) — Centenas e centenas de nádegas: rosadas, amareladas, branquelas, morenas, pardas, azeitonadas, negras... (Franziu o nariz, arreganhando a beiçola, em sinal de nojo). — Nádegas peladas, magricelas, encardidas, cabeludas, pintadas, sardentas (Levou a mão à boca para não rir de suas próprias piadas). — Será uma fila grotesca, a soltar estrumes e gases enxofrados.

— Oxente, nem é bom pensar! Seria a vergonha do cabra da peste, do meu sertão, lá das caatingas do xique-xique (Completou o nordestino).

— Essas coisas de americanos, nem é bom pensar. O gringo calcula tudo. Bem certinho. Nos mínimos detalhes (Entrou, nas comparações, o mineiríssimo Cabo Dias — Cabo Cincerro, balançando o seu incrível colar de santinhos baratos, que os parentes exigiram que os usasse, para dar sorte. Cada santinho, um parente).

E o ferrete ficou, para o resto dos tempos. Cabo Cincerro.

***

— O gringo é mesmo o tal. Não podemos encontrar um erro de cálculo desses marujos engomados. Tudo é matematicamente previsto, medido, calculado...

— Lá vem você com besteiras, seu cabo de Agachy (Minha sombra eterna meteu o dedo magriça e amarelado de nicotina: em meu narigão e confirmou). — Se você meter o bedelho nos cálculos dos gringos, vai se estrepar. Ninguém é capaz de corrigir a gringada. O que esses fazem, é batata! E, se tentarem, vai acontecer igualzinho aquela história do caipira que queria corrigir a natureza, e levou uma cuspida de sanhaço, bem no nariz e exclamou: "Imagine se vaca avoasse!".

Zé-Conselheiro meteu o dedo magriça no meu narigão e confirmou:

— É isso mesmo, Pantaneiro! Eu me lembro da história do caipira que queria corrigir a natureza, achando que vaca devia voar. Nesse instante, passou uma andorinha voando e deu uma cuspida na cabeça do tabaréu. Assustado, ele gritou: "Nossa! Imagine se vaca avoasse"...

O bom Sargento que tudo escutava com atenção, concertou a garganta, para chamar a atenção da bugrada e falou:

— Me passe o baralho, moço (Ele gostava de piadas. Era um grande sujeito, o Segundão que o nordeste mandara para a guerra). — Os problemas, de cálculos, deste navio, dá muito o que pensar. Eu, por exemplo, que só viajei no Ita, pela Costeira do velho nordeste, não tenho condições de compará-los. O que mais chateia é que, ninguém, no Brasil, (E sacudiu o indicador, para dar mais força nas suas afirmações) — Jamais poderá bolar o que temos visto, neste mastodonte de aço (Nova pausa. O sargento pretendia mudar de assunto) — Vocês já pensaram no fim desta viagem? Dessa maneira vamos comendo, devorando tudo, como bando de gafanhotos, o bicho de aço vai ficar com os porões vazios (Parou, correu os olhos pela macacada. Sorriu e continuou) — Porão vazio? (Levantou o polegar, para que os pracinhas compreendessem bem as suas conclusões) — Porão vazio? É desequilíbrio de navio. Certo?

— Isso mesmo, Segundão. A pressão da água, de baixo para cima, forçará o bojo do navio e este gigante poderá emborcar.

— Cale, seu Dez-Pras-Duas! Ninguém pediu a sua opinião. Vá pro tombadilho, tostar essa pele enxofrenta, seu potiguar de Caicó.

— Não fale assim com o soldado Dias, Trovão. Pela primeira vez, ele deu um palpite em nossa conversa (Eu, como sempre, bancando o padreco).

— Bem que você acertou, Cabo Capitão! É um palpite infeliz, tá?

— Afinal, Trovão, porque é que você chama o Dias de Dez-Pras--Duas?

— Muito fácil, Basquete. Não notou que ele tem os pés no rumo dos ponteiros do relógio, quando marcam dez pras duas? (E Trovão soltou aquelas famosas gargalhadas, que estremeciam o possante navio, como verdadeiras trovoadas de verão).

— Bem, macacada, vamos ao assunto do porão do navio. Estou me interessando...

— Interessado, ou com medo de naufrágio?

— Eh! Puxa. Hoje você está de fufu azedo, Trovão (Repreendeu nosso sargento).

— O que? (Gritou, Conselheiro, do canto de minha tarimba fedorenta). — Como é mesmo essa conversa? (Espichou a beiçola, mostrando o fundo do navio, com cara de quem pede socorro). — Nossa! Que boça, que coça, que joça, que roça, que troça...

Como sempre, o velho filósofo vinha com os absurdos, nas suas doidas ruminações.

— Ora, seu Zé! O peso todo, deste navio, está no porão.

— Tá, dom Casulo! (Piscou um olho pra Segundão) E daí? Onde morreu o Neves? Na neve?

— Tá, seu sabichão das arábias. O peso passará pra fora da linha d'água e, como manda a lei da física, esta caranguejeira emborcará (Olhou os companheiros admirados e largou brasas): — E é só pena que voa dos pracinhas.

— O Cabo Gogol tem razão (Arrisquei, indeciso. Eu nada sabia de navios e nem entendia de navegação. Como pantaneiro de Miranda, só conhecia e era muito guapo, num remo em canoa de sabão-de-padre).

— Ora, lá vem o cabo de Areia Manteiga, com o seu cursinho zurrapa de artilheiro 75mm. Veja, bugrada! Ele quer dar uma de Pitágoras (O velho mestre olhou-me com desprezo e fulminou meu palpite, com esta de vaqueano de maus pagos). — Você não passa de um cabinho mal enfrenado.

— Tá bem, companheiro...

— Xô, seu xoxô! Tá besta? Companheiro é boi-de-carro. (Retrucou o Mestre).

— Tá bem! Tá bem... Mas, de uma coisa, você pode estar certo! O negócio vai ficar preto, quando chegar a hora de onça beber água.

— Onde, por Deus, você teria achado tanta barbaridade? Um infeliz crioulo dos pantanais, perdido nos confins do Bitione, botando banca de engenharia.

— Não atrapalhe, paspalhão! (Gritei, esquecendo que outros podiam nos ouvir).

O velho filósofo continuou a martelar:

— Você, cabinho Tereré, criado com xiripá, esporas de mutuca, tomando leite em guampa de bagual, que matava a fome com carne "ardida", vem dar uma de bonzão, pra riba-de-moá? Porquá? (Cutucou meu narigão, com o dedo amarelado de nicotina) — Quem não te conhece, que te compre! Bif... bif... bif...

— Vamos com mais calma, pessoal (Recomendou Basquete, em sua respeitada educação naval).

— É isso mesmo, bugrada. Com tapas não se consegue nada. (Concordou cabo Dias, o bom mineiro dos pinduricais de alumínio).

— Esse cabinho da Bocaina, só veio conhecer linha d'água nesta viagem (Zé-Conselheiro olhou-me com cara de desprezo). — Ele nem sabia que isso existia. É um pantaneiro burro, coitado. Está pensando que linha d'água é fuêro de carro-de-boi (E lá veio, outra vez, os espirros): — Bif... bif... bif. Isso aqui, Mirandense, não é aldeia de pantanal (Com um esguicho de saliva entre os dentes encardidos de nicotina que foi borrifar o teto bem em cima de minha cabeça, Conselheiro martelou na tecla). — O galo cantou longe de sua roça, seu Kadiwéu de uma figa.

Na verdade, Zé-Conselheiro tinha razão. Ele sempre tinha razão. Nós, marinheiros de primeira-viagem, repetíamos tudo que ouvíamos numa linguagem embaralhada com inglês, espanhol, francês e português. Foi sendo criada uma gíria bárbara, só empregada e compreendida pelos pracinhas de nosso escalão. Daí essa gíria servir hoje de identificação, no Brasil, quando queremos saber se o cara que se diz "Ex-Combatente", é mesmo pracinha da "Cobra Fumando".

Essa gíria bárbara era empregada diariamente nos bate-papos das sestas intermináveis, e eram sempre renovadas e enriquecidas com novos termos.

Nós, marinheiros de primeira viagem, repetíamos as gírias como papagaios, em tudo o que a marinhagem empregava, no linguajar embrutecido.

O pior dessa assimilação, tanto dos marujos quando as do front, foi quando regressamos para casa. Era uma luta tremenda controlar as bárbaras gírias que assimiláramos.

Ainda me lembro das troças do bom Zé-Conselheiro, quando o bate-papo esquentava nos intermináveis dias de viagem para a guerra.

A maldita guerra dos gringos!

E as troças do bom Mestre, às vezes, alentava o moral da tropa:

— É macacada. Temos que enfrentar a realidade. Parece que esta viagem vai nos levar para o fim do mundo (Corria os olhos pelos camaradas, como se procurasse uma confirmação). — Eu até pensei numas brincadeiras.

— Isso mesmo, seu Zé! Vamos, solte uma daquelas que você gosta de recitar.

— Visto, Trovão! Vamos ver se me lembro de uma que um velho domador gostava de recitar, nas pousadas dos galpões de vaquejada:

> Sou praça velho, pra guerra e pro mar
> e sou valente, sou pantaneiro
> e sou cabra-macho, pra que dar e vier
> e sou de briga, também sei lutar
> sou vaqueiro, sou matreiro
> e de bebida, orgi'e mulher.
> Nos pagos de minha terra
> Tem macho, tem fêmea, tem bagual
> de xiripá, tiradô e pyrain
> peão, tropeiro, ginete sem igual...

Assim, o bom filósofo divertia seus camaradas, nas longas horas do dia que não acabava nunca, naquela viagem que massacrava os pracinhas.

Às vezes um melhor repentista aparecia, para liquidar com o pobre do Zé-Conselheiro. Era só gozação em cima do bom Mestre.

***

Numa tarde quente, o bom Sargento fez esta pergunta:

— Cabo, você já notou na pilha de vigotas, naquele lado?

— Onde, Segundão?

— Ali, seu batráquio-fardado! (Retrucou Conselheiro).

— Veja, Cabo (Continuou o sargento) — São vigas de madeira que não encharcam. Leves e muito boas para flutuarem...

— Pra que servem?

— Eita! Cham'ocôoo burro. Bem se vê que você está completamente fora desta maldita guerra dos gringos.

Não dei atenção ao Conselheiro. Com os meus botões, fiz a pergunta: "Será Verdade?"

— Além de burro, ainda fala sozinho.

— Calma, seu Zé (Pediu Segundão). — Essas madeiras foram amarradas para ajudar os pracebas, em caso de naufrágio.

E a conversa se prolongou pelas horas intermináveis.

Com os meus botões, fiz nova pergunta: "Será verdade? Segundão tem razão?". Nunca procurei saber. Os anos tudo elimina.

Muito tempo depois, num combate medonho, lá pras bandas dos Apeninos, o incrível Zé-Conselheiro saiu com esta:

— Cabo, você está lembrando das explicações do velho Segundão, sobre as vigas que não encharcam e que serviriam pra jangada? Pra nos salvar?

— Anh!... Sei! E daí? (Eu estava enfiado no meu "foxhole"[30], tremendo).

— O Segundão esqueceu de nos dizer onde, diabos, ele encontraria as cordas para as amarras da tal jangada que ia nos salvar. Não foi?

— Foi, foi, seu rabugento. E daí? Se ele não se lembrou, nem eu. Tudo fica por conta do Zé-Bedeu.

E o diálogo foi afogado numa saraivada medonha que o gargalhar da temida "Lurdinha", dos tedescos, vomitavam em cima da gente. E eu, no meu "foxhole", tremia como vara verde.

***

Eu descobrira que a discussão com os meus botões era muito mais cômoda e muito mais fácil, do que com o velho Conselheiro. Este sim, era pesado na briga de palavras. Era duro nos conceitos. Minhas desculpas esfarrapadas, quando jogadas ao acaso, para me defender, eram pulverizadas pelos conceitos terríveis do velho Mestre.

Daí, a minha covarde agressão aos velhos botões.

[30] Buraco de raposa: "Foxhole: Significa buraco de raposa ou apenas buraco. Eram abrigos individuais cavados para se proteger e também demarcar aonde começa e acabava uma posição de guarda". Disponível em: https://jornalismodeguerra.wordpress.com/2018/03/16/confira-10-expressoes-que-os-pracinhas-falavam-na-2-guerra/. Acesso em: 02 fev. 2022.

CAPÍTULO V
ABANDONAR O NAVIO

E os dias monótonos, deslizavam na preguiça de uma viagem morrinhenta, repisando fatos, repetindo problemas, sestas, entorpecendo o corpo amolecido no marasmo do nada. A alma do velho praça (se é que ele a tinha), estava lambuzada na pastosa lentidão do dia sem horizonte. E o gigante de aço avançava, mais moroso que o pensamento do praceba cansado. A monstruosa lata de sardinhas rasgava o Atlântico, deixando, para trás, um enorme rastro de espumas em revoluções irisadas, colorindo o redemoinho de saudades da pátria que ficara.

— Cabo Velho, repare! (E o bom Conselheiro mostrou, para o camarada enfadado, o rastro do gigante americano que deixava um estradão de espumas, um maravilhoso roteiro para os insaciáveis submarinos alemães) — Veja, Pantaneiro da quiçaça, como a infame sucuri, sempre serpenteando, nos persegue em alto mar.

O velho filósofo deu uma gulosa tragada no perfumado fumo de Virginia, esparramou um olhar vago e saudoso para o horizonte que engolia o infinito. Um horizonte que debochava de nossa visão limitada.

Soltando fumaça em espirais diabólicas, Conselheiro continuou, cismarento, como se já falasse consigo mesmo.

Na popa do navio-transporte alguns pracinhas também olhavam o caminho de espumas borbulhantes, que esticava até os rumos do sem fim. Entre eles, estava o dentucinho Cabo Ferrugem, que monologou:

— Até parece um enorme garrafão, jogando espumas pelo bum-bum... (Dava a impressão que Ferrugem pensava alto).

E o Velho Conselheiro, também sorumbático, soltou pedaços de frases, sem ligar para os praças que estavam perto:

— "Quá, seu Pascuá! Pensei que já estivéssemos livres da maldita sucuri (Deu uma cuspidela pra cima e borrifou o meu rosto magrela). — Quá! e a desgranha sabe nadar". (Lançou com raiva, a fumaça do cigarro que rodopiou no ar e foi desfazer-se nas espumas revoltas das hélices possantes. Acordando de seus cismares, voltou-se para mim: — Veja, Cabo Pantaneiro, a beleza deste mar azulado! Quem sabe, será a última visão que você terá dos bravios de minha Terra Natal...

— Tá besta, seu Zé? Vire essa boca pra lá.

— Veja bem! Vai ficando um caminho comprido, como esperança de pobre. E os zigue-zagues deste mastodonte é pra dar maior realidade nos movimentos sinuosos da enorme sucuri que nos persegue (Nova cuspidela em esguichos. Novos borrifos em meu rosto, e nada mais).

Voltei-me para o velho camarada, procurando o significado de suas comparações. Seu rosto tristonho, encardido pelos anos e pelos sofrimentos, desbotando na pele amarelada e de ossos salientes, estava congestionando nas convulsões dos sentimentos que procurava esconder. Era uma fisionomia cansada, num rosto pensativo, amargurado, que deixara escapar uma lágrima que deslizou pela face embrutecida pelos anos de amarguras.

Respeitando a dor de meu querido e eterno companheiro, falei, emocionado, com os meus botões: "— Talvez, quem sabe? Pensando na Mãezinha que deixou sem se despedir. Nos irmãos que não viu. Ou na cabrocha que ficaria nas imensidões dos pantanais, sem que tivesse o direito de dar o último adeus?".

Não tive respostas, mas sentenciei alto, esquecendo do velho amigo que sofria: "Problemas da vida. Segredos do coração".

Conselheiro, como se tivesse acordado de um pesadelo, deu um estremeção na carcaça ossuda e soltou um longo suspiro. Depois, meteu a mão no seio do Zé-Carioca, tirou a carteira de cigarros Kamel e a caixa de fósforos. Com gestos lentos, pegou um cigarro, bateu no corrimão do tombadilho. Riscou um palito na sola do borzeguim, protegeu com as mãos em concha, a pequena chama que tremeluzia, nervosa e incerta, pelo vento de popa. Tirou uma baforada com sofreguidão, como se há muito não fumava. Soltou espirais azuladas e aproveitou a mão em concha para, com disfarçada indiferença, limpar o rastro úmido que a indiscreta lágrima havia marcado o seu rosto ressequido e macilento. Encarou-me, com certa dose de filosofia e falou:

— Éééé, seu Cabo. O mundo é mesmo uma bola. (E modificou o tom de voz) — Há muitos anos, lá nos confins de minha terra, quando eu ainda era rapazola, minha Tia Déca levou-me como companhia, para ver a sorte com uma danada de uma velha paraguaia. Um tipo perfeito da bruxa aposentada. Era molambenta, desdentada e caolha, como toda bruxa que se presa. (Parou, deu umas voltas no cigarro, entre os dedos encardidos de nicotina). — Era uma casa de mulheres. (Olhou para o nada) — Mulheres da chamada vida fácil. (Mudou o tom de voz) — Vida fácil? Pra besta que não a conheceu! Esses tais que são metidos a reformar o mundo. (Encarou-me, como se pedisse confirmação. Não obtendo resposta, prosseguiu) — Bem, essa bruxa vivia naquela casa, de esmolas das mariposas. Pagava, em troca, a leitura do futuro das bonecas.

Conselheiro parou. Não mais importava com a minha presença. Eu não mais estava ao seu lado. Ele vivia as suas angústias, sozinho. Deu uma outra gostosa tragada no virginia perfumado e, imitando o tom rouquenho da velha, falou baixinho, embaralhando português, castelhano e guarani:

— *Usted, meu niño, tenha mucho cuidad! Su vida é por demá perigossa. Usted, mi hijo, vai acer duas viagens.* (Encarou-me, como se tivesse pena

de mim) — *Una, bién pequeña, bem pequenita. Õtra, grande. Mui grande! Tã grande que llegará a atravessar los mares...* (A velha bruxa encarou-me com firmeza. Nas faces mais enrugadas que jenipapo murcho, seus olhinhos piscavam, com um medonho cacoete) — *Usted ri? Pêro que nó! Usted vai sofrer mucho!... mucho...*

O pobre Conselheiro enrolava a língua, numa miscelânea danada. Ele falava mais para si do que para o companheiro que o escutava calado.

— Não acreditei na paraguaia velha, seu Cabo. Na minha mocidade, eu teria a coragem de acreditar? Eu era filho do Centro-Oeste e nem conhecia o mar. (Deu uma outra tragada com sofreguidão) — Do mundo, eu só conhecia o meu velho e querido pantanal (Arremessou o Kamel no chão, esmagando-o com o borzeguim, com raiva. Suas mãos tremiam. Será que o velho camarada estava trêmulo, dominado por uma premonição negativa?).

Um pracinha que passava, encarou o velho Mestre e perguntou: — Cabo, ele está enjoado? (Balançando a cabeça, continuou, sem esperar resposta) — Esta maldita viagem, ainda vai acabar com a metade da tropa.

Não respondi. Não podia responder. Minha garganta estava seca. Eu sabia, muito bem, o que o velho camarada sentia.

— Quá, seu Pascuá! Nem é bom recordar! A danada da bruxa tinha razão...

E a pobre e saudosa sombra dos meus fados, lançando olhares vagos num horizonte indeciso, partiu para as paragens dos devaneios e perambulou nas brumas do passado, com retalhos de frases que eu não compreendia.

Emocionado, dei umas palmadinhas nas costas magrelas do velho amigo e convidei, baixinho, com medo de acordá-lo:

— Vamos entrar, Conselheiro. Está na hora do *black-out* e a "justa" dos gringos, não é sopa não. (Dei novas palmadinhas nas costas da velha sombra) — Deixe a bruxa pra lá. Ânimo, meu velho! (Arrematei, com um sorriso forçado. Eu também tinha medo do que a velha paraguaia tinha dito).

Abraçados, dois vultos magrelas, ensacados num "Zé-Carioca" maior do que a peste, foram engolidos pelo lusco-fusco do entardecer. O tombadilho, ainda abarrotado da soldadesca, dificultava a caminhada para o nosso compartimento "A".

Encarapitamos na tarimba quente, sebosa dos suores da viagem. Jogamos a carcaça moída, embotados num espírito amolecido pela rotina sem fim. Dei socos, com raiva, no travesseiro muamba. Ajeitei o corpo, da melhor maneira possível, na maca de lona que o transporte militar dos gringos me oferecera como cama de viagem.

O silêncio da noite atlântica, dava medo. Muito medo! O medo da guerra. Da guerra dos gringos!

Lá fora, num mar que não tinha princípio nem fim, a noite vinha chegando vagarosamente, cambaleando de preguiça e sono. A bocarra negra, do infinito azul-cinza, abriu-se num bocejo descomunal, engolindo o monstro de aço que sacolejava no balançar cadenciado das ondas.

O gigante dos mares puxou a negra coberta da noite e procurou acomodar-se, para mais uma noite incômoda. Tudo estava asfixiado na escuridão do *black-out*.

***

O dia amanhecera chato, como sempre. Um novo silvo dos alto-falantes chamava a atenção da tropa, transmitindo passagem de meridiano, o que vinha, mais uma vez, alterar o nosso fuso horário.

— O relógio, os meridianos, as horas, tudo nessa maldita sardinha, é mais rápido do que a morte.

— Puxa, Meia-Um! Você está mais azedo do que boca de sapo (Respondeu Trovão, o cabo do vozeirão de trombone).

Novos silvos nos alto-falantes. O comando determinara instruções para abandonar o navio, em caso de torpedeamento. Eram exercícios constantes, sempre repetidos e chatos.

Quando terminamos as instruções desse dia, o matreiro do Segundão, com gestos de cabeça, chamou-me para nossa tarimba. Era o único lugar no navio, reservado para nossas confabulações de bordo.

Antes do Sargento começar, Mestre Conselheiro falou:

— Aqui, as palavras perderam o seu significado. Veja, Segundão, o caso das privadas. É um estábulo com tabiques em linha, que só esconde os vasos. Não é mais possível chamar isso de privada (Arreganhou uma careta). — É muito mais certo batizar a bicha de confabulatório-sanitário...

Ninguém deu atenção ao velho camarada. Segundão fez sinal para que eu chegasse mais perto de sua tarimba e falou:

— Cabo, esse negócio de instruções de abandonar o navio, já está me enchendo os canecões. É uma papagaiada dos diabos. (Tirou o bibico diminuto, coçou o cocuruto bem aparado) — Estou no exército há vinte anos e nunca vi tanta besteira na vida. Não vá na esparrela dos cobras. Lembra de nosso trato?

— Sim, me lembro!

— Seu Zé, onde está o cassetete que você afanou dos gringos? Não vá perdê-lo. Ele será a nossa garantia em caso de torpedeamento. (Virou-se um pouco, em busca de melhor posição na tarimba suarenta) — Lembrem-se das vigas, ali na parede. Não se metam nessa história de barco. Ela é muito bacana no cinema...

— Eita, Segundão bom! (Exclamou Conselheiro) — Assim é que eu gosto de ouvir um superior.

E lá se foi, pelo tempo perdido, nossos bate-papos, no caso de "abandonar o navio".

***

Os dias se arrastavam, numa lentidão sufocante. Somente os alto-falantes do navio que, de vez em quando, quebravam a monotonia com aquela voz estridente, antipática, sibilante e odiosa: 'Estamos atravessando o Meridiano tal. Acertem os seus relógios"... Esses avisos remexiam com os nervos abalados do pracinha excitado, no afastar constante da pátria que se fazia distante.

As ordens esdrúxulas comandadas pelo insuportável alto-falante, os incríveis exercícios de "abandonar o navio", continuavam intoleráveis, cansativos, enervantes, massacrando o velho pracebas. Não mais comparecíamos nele. Ficávamos muito quietos: eu, Zé-Conselheiro e o Segundão, encarapitados na tarimba, com a cara mais lambida, gozando os sofrimentos dos colegas, massacrados nas absurdas repetições de "abandonar o navio", avançar, formar guarnição-de-barco, contar passos, preparar... e outras besteiras semelhantes.

Aboletados no silêncio das tarimbas vazias, continuávamos esquecidos, sem ser notada a nossa falta. Segundão era mesmo bacana!

***

A lata de sardinhas balançava o imenso corpanzil, no jogo ritmado das ondas. O silêncio da madrugada era esmagado e abafado. Um silvo cortou o ar pesado. Era o famigerado sinal de "abandonar o navio", um sinal que vivia, covardemente, afogado no íntimo do pracebas. A macacada dormia a sono solto. Um silêncio de túmulo-flutuante tudo envolvia. Somente o resfolegar das possantes máquinas, lá embaixo, cortava a noite com ou sem luar (Nunca soubemos, trancafiados, todos os dias, na boca-da-noite).

Novo silvo estridente! Agudo e muito nosso conhecido. Um silvo que foi rasgar, com golpes de tarado, o sono do pracinha, sempre desavisado e sempre cobaia. Alguns sonolentos e mal dormidos sentaram-se na tarimba, estremunhando-se, indecisos, ainda tontos do sono massacrado de pesadelos.

Uma voz cortou o ar, um grito de medo? De desespero?

— A-TA-QUE SUB-MA-RI-NOOOooo...

Estava selada a desordem! Correria, falatórios, discussões, gritos, palavrões, empurrões, quedas, algazarra, gemidos! Um pandemônio se formou! Era um crescendo retumbante, incontrolável, esmagador!

— Cabo! A boiada estourou! Bem que Segundão nos avisou...

A coisa foi horrível, indescritível.

O bom Sargento, tarimbado em sua longa vida de caserna, nem se mexeu. Colocou o indicador nos lábios, em sinal de silêncio e falou baixinho:

— Calma! Se for verdade, não adianta afobar! A confusão é geral e ninguém se entende. (Com a cabeça, mostrou a confusão) — Não falei?

Assustado, perguntei com voz trêmula:

— Que vamos fazer, se for verdade? Segundão acha...

Não pude continuar. Zé-Conselheiro, sempre imperturbável, avançou, com a sua velha filosofia bem falante: — *"Audaces Fortuna Juvat"...*

— Ora, seu filósofo chato! Traduza esta merda...

— Muito simples, seu cabo ranhento. É uma expressão que cabe certinho pra nós: "A fortuna ajuda os audazes". Tá vendo? É citação do famoso livro Eneida, de Virgílio. (Fez uma pausa, olhou para Segundão e piscou um olho. Depois, para mim, com ares de pouco caso) — É triste, mas é verdade. Esse pantaneiro, burro como um cabra da peste, só sabe o linguajar de fronteira. Quá, Seu Pascuá!

Não me contive com tanta crítica, expondo, ao ridículo, a minha ignorância. Dei um safanão no bondoso companheiro e gritei, como um possesso:

— Cala-te! Miserável. Agora, não é hora do maldito latinório.

— Ora, Cabo (Interpôs Segundão). — Cabo, justamente agora é que é o momento propício para as citações que fizeram época na História!

O velho filósofo, imperturbável, cofiou o queixo pontiagudo, coçando uma barba imaginária. Deu uma piscadela matreira para o Segundão!

— Se não estou enganado, o tal Virgílio sabia colocar uma expressão bem no devido lugar. (Nova piscadela para o Sargento, para me provocar mais) — Ele foi sempre um dos mestres que eu costumo citar, nas ocasiões dúbias, como esta. (E Conselheiro consertou a garganta, com ares arrogantes de superioridade e lançou, no espaço, os deva-

neios de um sonhador que abandona as ninharias da Terra, mesmo numa situação como a que enfrentávamos).

Sem dar mais atenção ao velho camarada que fugia para os reinos da fantasia, repeti a pergunta ao Sargento:

— Que faremos? (A voz tremeu, num falsete do medo).

— Nada! Não fique aloprado, Cabo. Se o navio aguentar o ataque...

— Se o navio não aguentar? Ennn... Ennn... tãooo... (Gaguejei).

— Não afobe, Pantaneiro! Ainda não aconteceu nada. Ou é "peixe" dos cobras ou estamos sendo seguidos por um submarino inimigo. (E com decisão, ordenou) — Vamos! Mais vale a pena prevenir, do que remediar! Tirem a farda! Fiquem só de cuecas. (Se bem mandava o Segundão, melhor obedecíamos) — Peguem o cantil com água! Não esqueçam da lata de provisões que afanamos da bolsa. Vamos esperar...

E continuou, nas instruções, com a maior calma, como se comandasse uma recuada estratégica.

Eram os imprevistos que forjavam o pracinha para a maldita guerra. Pra guerra dos gringos!

CAPÍTULO VI

A GUERRA DOS ELEMENTOS

Naquele ramerrão dos dias sem fim, nosso bate-papo não se apresentava melhor. Ou comentávamos – horas e horas – a incrível capacidade do navio-transporte, ou voltávamos nos fantasiosos cálculos dos golpes que daríamos, no provável naufrágio do navio. No segundo caso – como natural – levávamos sempre as vantagens: os três "heróis de tarimba", suando e fungando de calor, planejavam, calculavam, avançavam, recuavam e, por fim, depois de alguns dias perdidos em mar alto salvavam-se, numa ilha perdida, recolhidos pelas belas nativas, em tecnicolor...

— Ahn... Ahn... Ahn... (Suspirava Zé-Conselheiro). — Que bacana!

O dia tinha sido esmagado pela pressão atmosférica. Parecia que o mundo vinha abaixo. Netuno resolveu encerrar seu expediente mais cedo, ordenando aos sacis que arrastassem, sobre as águas do Atlântico, a escura cortina da noite. Tudo ficara em silêncio. Noite quente, borrifando sobre a calmaria do mar, uma paz que causava terror. Em tudo aqui e além, reinava a madorna de um corpo mal dormido, em busca da tranquilidade que não havia. Era a consciência do pracebas que morria. Nosso alojamento, coitado, estava sufocado no ar carregado de suor masculino e saturado do fedor de sexo. Tudo era asfixiado na insuportável catinga do macho. Do macho enjaulado.

Iniciava-se, naquele inferno que navegava, uma lenta agonia de nossa mocidade, que reprimia a potência de jovem, nos cubículos do navio ou nos espasmos dos sonhos em pesadelos. Mocidade apavorada no lusco-justo da realidade recém-nascida.

Lá fora as águas salinas estavam carregadas de um azul-negro que lambuzava um céu sem orações e sem fé. E o silêncio bocejava, enfastiado das misérias humanas.

O tempo, andarilho dos séculos, cansado e reumático, despejou sobre o mastodonte de aço sua velha e encardida cortina da noite, que os endiabrados sacis haviam abandonado no ar.

Os pracinhas suavam. Suavam e gemiam. Gemiam e resfolegavam, embriagados pelo ambiente saturado de nicotina e sarro.

Nos devaneios do ambiente malcheiroso eu sonhava com a minha chegada na ilha, depois do hipotético torpedeamento, todo lampeiro, deslizando calmamente na jangada salva-vidas do navio. No horizonte de um lindo azul-anil uma ilha surgia, embalada por um mar calmo e poético. Só o cabo pantaneiro salvara. No auge do devaneio, levei um susto, com os safanões do Zé-Conselheiro:

— Também assim, não vale. Seu! (Novos safanões) — Ilha do paraíso? Selvagens amigos? Nativas bonitas? Ninguém sofre? Ninguém passa sede? (Me deu um novo safanão) — Naufrágio desse jeito, eu topo!

E soltou as insuportáveis risadinhas que eu não suportava: Quiá... Quiá... Quiá...

E os corpos, cansados, resfolegavam na respiração difícil. Minhas narinas, de asas esparramadas, repeliam enojadas o insuportável cheiro de homem. Era uma combustão de chulé, de sovaco, de azedume curtido, de bodum e, muito pior que tudo: de espermas ejaculados nos sonhos paradisíacos ou nas masturbações noturnas. Minha mocidade sofria! O fauno das pracinhas do velho pantanal, convocado pra guerra, não deixara sua flauta afrodisíaca.

O ambiente carregado de nosso compartimento foi rasgado com um silvo estrídulo! O som agudo cortou o espaço morno. Na modorra da noite quente meu ser reagiu, na surpresa de um choque. Meus sentidos, narcotizados pelo ambiente, foram abalados pela força do instinto de sobrevivência.

Um pracinha do lado, gritou atônito:

— Tá maluco? Locomotiva no mar? Quá, seu Pascuá. É de amargurejá...

O primeiro assobio não conseguiu arrancar o pobre pantaneiro do terror que o assaltara. O infeliz cabo arrastava uma carcaça insone, enojada e sem vontade própria. Sua mente ainda não conseguiria desanuviar as sombras das mulheres que despira nos devaneios sensuais: brancas, morenas, mulatas, negras, índias, magras e gorduchas... O cabo também amava, nos devaneios das masturbações noturnas.

Fazia um calor de assar os miolos. O pracebas sofria nas primeiras lutas de além-mar. Era o batismo pagão de uma guerra mais pagã. Eram verdadeiros zumbis fardados, empacotados nos horríveis "Zé-Carioca".

Homens preparados pra guerra. Pra guerra dos gringos!

Um segundo silvo cortou o ar. Os devaneios dos pracinhas se desmoronaram.

De algum lugar, saíram estas exclamações:

— Vá pros quinto do inferno! *Gringo de las miérdas!* Vá acordar *su madre*, com esses assobios desgranhados!

O calmo Segundão fazia sinais, recomendando silêncio!

A visão era péssima. Numa química diabólica, a madrugada era

remexida no cadinha de Netuno, preparada numa dose de maresia, neblina e bafo de homem, cobrindo o nosso alojamento, com um cortinado opaco fedido.

Ainda estremunhando, esfreguei os olhos, procurando distinguir os vultos que se acotovelavam pelos corredores, num corre-corre de baratas tontas. Nossa iluminação era escassa, por medida de segurança: *black-out*. A cena era pavorosa: vultos corriam, sobraçando embrulhos, pacotes, trouxas. Figuras indistintas caíam, gritavam, pulavam, aqui e além. Uma praga mais forte cortava o ar. Um verdadeiro pandemônio. Ninguém obedecia ninguém. E, para criar mais confusão, ouvia-se ordens roucas, trêmulas, medrosas. Gritos, sibilos, gemidos. Falatórios, discussões, xingamentos.

O navio continuava balançando. A velha lata de sardinha sacudia-se toda, num bailado longitudinal, lembrando-me dos tempos de infância, nos folguedos das gangorras de taquaruçu.

O mastodonte de aço gemia e chorava.

O pânico era geral. Ninguém sabia se ficava no beliche ou se corria pros sanitários. As privadas ficaram escorregadias e fediam mais que a cabra da peste, na podridão dos vômitos, das gosmas, das bílis, das merdas esverdeadas. O homem – uma podridão ambulante e bípede – punha, para fora, o reverso de sua personalidade terrena: vômito, bílis e fezes.

E o monstro de aço estremecia na sua própria estrutura. Fungava nas focinhadas bárbaras. Gemia e se chocava contra as enormes ondas, em busca de socorro. Vagalhões gigantescos açoitavam o mastodonte ferido na sua potência em aço, aplicando-lhe lategadas e mais lategadas, de todos os lados e de todas as maneiras. Na crista dos vagalhões, as espumas endiabradas – numa pavorosa imitação de carneiros

gigantes – surravam o nosso navio-transporte com pancadas contínuas, lembrando ferozes marradas de carneiros ciclópicos. O focinho do monstro de aço, afilado e cortando as águas revoltas, levantava-se a muitos metros do nível do mar comum e caía, rangendo, para enfrentar um outro vagalhão, ainda maior e muito mais raivoso, com urros que sacudia as entranhas do mastodonte açoitado.

— Que espetáculo! (Gritou o velho Mestre, correndo para o tombadilho do navio que lutava) — Veja! Cabo. É a decantada ciência humana, em luta com as forças da velha natureza.

Quando a luta terminou, a primeira tinha vencido. Era a vitória do cérebro humano, contra os poderes da sábia natureza.

Alarmado com a luta desigual entre o navio e os vagalhões, meu estômago não suportou a cena. Comecei a sentir os primeiros sintomas do enjoo, depois de dois dias de lutas: eu, o vento e os vagalhões. O gigante de aço, enfrentando os elementos da natureza, numa batalha cruel, e eu, mísero humano, embaralhado nessa batalha dos elementos, comandada pelo Rei Netuno. O nosso gigante de aço, tão orgulhoso de sua potência, parecia uma casca de noz, jogada, empurrada, arrastada para todos os lados, sem rumo e sem rota.

Corri para o pavilhão sanitário, seis compartimentos abaixo, louco para descarregar o entulho azedo do estômago que pinoteava como garanhão redomão. À proporção que eu descia pela escada em caracol (a célebre sucuri enrodilhada), ia encontrando, por toda parte, desolação, miséria, dor, vômito e fezes. O ar estava borrifado por uma fedentina dos diabos, contaminando tudo e todos. O balançar cadenciado do navio não fazia tanto efeito, como o das figuras grotescas dos pracebas caídos, lambuzados pelo chão, semimortos, contorcendo-se num espasmo doloroso de tontura, de medo, de pavor, de ânsia e de imundice.

O pracinha estava sendo caldeado na siderúrgica da guerra. Na imunda e nojenta guerra dos gringos.

Um praça, todo besuntado, caído e atravessado em meu caminho, causou-me nojo. Sua farda estava toda empada de vômito esverdeado e pegajoso. Entre as pernas do infeliz, escorria um líquido viscoso, escuro, fedido e espumante, eram os resíduos de excrementos filtrados pela farda. Enfim, o infeliz praça estava nadando num mar de gosmas, catarro-esverdeado, urina e merda.

— Uni, duni, trê, tuti salamê! (Contava, num ritmo debochando, a minha incrível sombra que o destino me legara) — Que quadro dantesco...

Eu olhava, abobalhado, para o chão, sem escutar os gracejos do velho camarada. Petrificado, balançava a cabeça, incapaz de avançar, estatelado pelos espasmos do rapazola que regurgitava-se nos balanços do navio. Zé-Conselheiro pulou a massa empapada do jovem pracinha e enveredou-se pela primeira vaga que encontrara nas casinhas resmungando uma infinidade de coisas incompreensíveis. Ao voltar, encontrando-me na mesma posição, estático e bestificado, Mestre Conselheiro largou das suas:

— Dizem que homem goza no suplício do seu semelhante (Esparramou um olhar vago, pelo ambiente pestilento. Deu uma cuspidela, com cara de nojo, entre os dentes amarelecidos pela nicotina. Resmungou qualquer coisa para si mesmo).

Para meus botões, silenciosos confessores de minha desgraça, lancei a pergunta que não teve resposta: "Teria eu, sem o saber, cometido essa infâmia?". Meus velhos botões sorriam. Voltei à carga: "Por que, então, eu ficaria paralisado ali, com a cena brutal, olhando sem saber o porquê, sentindo sem saber o que, comparando sem saber o que?".

— Ei! Moço. Sai daí! (Gritou uma voz rouca) — Saia daí! Senão, você vai para o mesmo caminho. (Levei uns empurrões) — Vamos! Não ouve? Afasta-se! (A voz era decidida e autoritária).

Uma força maior do que a minha vontade impeliu-me para a frente. Com um salto fora de meu físico, voei por cima daquele monte de nojeiras. Meus ouvidos zumbiam. Minha garganta queimava. Minhas pernas tremiam. E, por mais incrível que pareça, qualquer coisa escorria de meu sexo, pelas minhas pernas tremulas, até os borzeguins sujos das gosmas do piso imundo.

Admirado, Conselheiro encarou-me e lançou-me no rosto:

— Seria por ventura, desta forma imunda, que o senhor deus das guerras caldeia os heróis das Histórias Pátrias? (E cuspiu, com cara de nojo).

Minha cabeça rodava. Era de tontura ou acompanhava o balanço ritmado do gigante que dançava a valsa da morte? A coisa quente continuava escorrendo em minhas pernas. O crime havia sido cometido!

— Oh! Deus dos aflitos, onde estás, que não respondes? (Sussurrou-me o incrível Zé-Conselheiro).

Horrorizado, blasfemei:

— Vá pro inferno todas as leis humanas e religiosas...

O navio continuava balançando... como gangorra enorme, de taquaruçu, balançando nos folguedos de crianças-fantasmas. A velha lata de sardinhas balançava, jogava, gemia e corcoveava.

Olhando o meu velho companheiro, continuei a vomitar heresias:

— Que vá pros infernos, todas as normas humanas e religiosas.

Que essa burrica de ferro, leve os pracebas maricas, que não aguentam o repuxo, que ficam espadanando no mijo, nos vômitos e nas fezes. (Encarando, com raiva, a minha velha sombra, continuei a esbravejar como se a minha eterna companheira fosse a culpada de tudo) — Isto aqui é tarefa pra homem! Pra el ombre macho, sim senhor!

E saí cambaleando em busca do vaso, para aliviar o estômago. Agarrei nos ferros da armação do gradil, querendo retorcê-los nas mãos crispadas na ânsia do vômito que não vinha. As vísceras contorciam-se. O estômago queimou em ácidos. Um arroto cavernoso jorrou da boca escancarada e o jato veio, aos borbotões, fétido e azedo, gosmento e verde. Era a fibra del ombre macho que se diluía em gosmas de covardia. O vaso, já lotado de cargas anteriores, transbordava de imundícies. Eu continuava agarrado nas ferragens. Não sei se, para não cair nos escorregões dos vômitos que inundavam o piso do sanitário, ou por causa da tontura que o balanço do gigante de aço me provocava. Em espasmos, minha alma saía pela boca. Eu fazia uma força de leão para expulsar as tripas para fora. Nas contorções e nos espasmos as vísceras acompanhavam o ritmo do vômito, que era jorrado pra fora.

— Vomita! Desgranhado! (Gritava, Zé-Conselheiro) — Vamos, vomite as valentias que você arrotava, de *xeripá*, lá na fronteira. Aguenta, pantaneiro de uma figa. Quem fala o que quer, vomita o que não quer. (E meteu o indicador, amarelo de nicotina, no meu narigão vermelho de ânsias) — Você não havia arrotado valentias, ameaçando todo mundo que a cobra ia fumar? (E o bom companheiro me sacudia, aos safanões, como se eu fora o único culpado de toda aquela imensa parafernália que infestava os corredores do navio). — Vamos, seu salafrário! Você não é o tal *valiente del Chaco?* Aguente nos reios, o corcovear desta besta de aço-cinzento. Quem foi que mandou você soltar essa língua suja? Andou gozando na desgraça alheia? Toma! O inferno é aqui mesmo. Vamos, pantaneiro redomão! Devolva, nessa privada

imunda, com os vômitos azedos do seu íntimo, todas as infâmias que já praticou na vida. Jogue fora essa podridão, da barriga e da alma... que você não tem mais salvação.

Num pequeno intervalo dos espasmos, senti novamente, a escorrer pelas pernas, o líquido pegajoso, quente, fedido. Barbaridade! Eu vomitava também por baixo, com um metralhar de trovoadas fedorentas.

— *Puta la mierda*... (Exclamou a minha sombra-eterna, tapando o nariz, numa careta horrorosa) — Vá feder nos quintos dos infernos! Você vomita por cima o que come hoje e, por baixo, o que pensou ontem... (Saiu resmungando, fugindo da cena que não podia mais suportar).

Quando regressei para o meu compartimento, o verde do meu Zé-Carioca estava muito mais verde, lambuzado com babas carregadas de bílis. Eu apresentava uma figura nojenta, num quadro repugnante. O velho pantaneiro estava sendo caldeado para a guerra.

Para a maldita guerra dos gringos!

***

Mais tarde, o Segundão dissera que, da minha turma do Compartimento "A", eu tinha sido o mais forte. Na tarimba debaixo um praceba jazia prostrado, muito quieto, faces encovadas e macilentas, boca-de-chupar-ovo entreaberta, por causa da chapa que havia sido lançada pra fora, num dos incontroláveis jatos de vômitos. O infeliz permanecia deitado, dois dias depois dos vendáveis. Ninguém tinha sido socorrido pelo serviço de saúde. Todos tinham sofrido o batismo da guerra dos elementos.

Boca-de-chupar-ovo continuava inerte na tarimba fedorenta.

Tive compaixão do pracinha. Pedi conselhos ao Segundão. Ele continuava na sua incrível posição de observador, calmo, bonachão e amigo.

— Isso aí? Não tem cura, Cabo. A pessoa tem que reagir por si mesmo. Não há remédio e nem vacina pra enjoo... (Ajeitou o bibico seboso que equilibrava-se no cocuruto da cabeça chata) — É a lei do mar...

— Então o que é que o Segundão aconselha?

— Muito fácil. Leve o praça no banheiro, dê-lhe uma boa ducha de salmoura e force esse caveirinha a comer, mesmo que seja preciso empurrar pela goela abaixo. É o único meio que a marinheirada conhece...

Nosso chuveiro era uma ducha de água do mar, tão forte que cortava a pele do praceba.

— E na enfermaria, Sargento? Não atendem? (Olhei para o camarada que permanecia calado, arfando num respirar difícil) — Ele pode morrer...

— Já expliquei, Cabo! O resto é com o pelotão dele. Eu já providenciei tudo que se fez necessário, para o meu pelotão. Os cabos já agiram...

Chamei o velho Mestre, que dormia num rosnar gostoso. Resmungando, o velho amigo escorregou da tarimba, em câmera lenta, com má vontade, espreguiçando-se. Chutou o primeiro objeto que encontrou na frente e praguejou:

— Eita mundo besta! Agora virei ama-seca. (Espichou a cabeça, procurando ver melhor o pracinha que nadava no melado das gosmas. Boca-de-chupar-ovo resfolegava) — Quá! Virei ama-seca e de um bicho mais feio que o cabra da peste. Oxente! Misericórdia... (Soltou um chafariz de saliva, para acabar de emporcalhar os vômitos do infeliz) — Nesta guerra miserável, até de sexo a gente muda.

Zé-Conselheiro tinha razão. Ele sempre tinha razão: "Nesta guerra, até de sexo a gente muda". É isso mesmo. Na maldita guerra dos gringos.

— Oh! Deus dos aflitos, onde estás que não respondes? (Sussurrou-me o incrível Zé-Conselheiro).

— Vá pro inferno, todas as leis humanas e religiosas... Deixe de bancar o papa-hóstia nesta miserável guerra dos engomados.

Agarramos o pracinha. Arrastamos o bicho pra fora da tarimba lambuzada, para os sanitários localizados seis andares, lá em baixo do nível das águas. O praceba não reagia. Era uma fedida posta de carne, ao deus-dará. Pela boca regurgitava gosmas pegajosas, esverdeadas. No banheiro, empurramos o coitado, com roupa e tudo, na ducha que jorrava água salgada, como chibata cortante.

A tropa, no enorme navio-transporte, não dispunha de chuveiro com água doce.

O pracinha escorregou nas gosmas, indo estatelar-se, inconsciente, no piso escorregadio do banheiro. O Mestre exclamou, assustado:

— O bichinho não fica em pé (Franziu o nariz), nem de muletas. Até parece um saco de massa mole e com esqueleto desmontável.

Com os meus botões, soltei a comparação:

— "É um saco de merdas e podridão". (Olhei, com o rabo dos olhos, para o velho filósofo, esperando uma rebatida), como ele não havia reagido, continuei para meus botões: "Quá! É só gosma pra todos os lados"...

— Xi, mirandense! Isso aí até parece uma enguia do pantanal.

Nessa gosmaria toda, ele escorrega mais do que cabra da peste! (Mostrou a boca-chupada por falta da chapa-dental) — E o batráquio é mais feio do que a peste.

— Cale! Conselheiro. Tenha dó...

A velha sombra não deu atenção. Continuou nos exames meticulosos. Ficou de cócoras, para ver melhor, e largou brasa:

— Veja essa horrível boca-de-chupar-ovo. Nossa! (Nova contração no rosto magricela) — Com esse bigodinho todo lambuzado de gosmas, até parece bunda de anu preto com diarreia. Quá! (Balançou a cabeça, deu um longo suspiro e mudou o tom de voz) — Mestre praça sofre mesmo. Até nesta maldita guerra dos gringos. Onde já se viu uma coisa destas? (Nova pausa) — Vai ver que o tutu do magricela está mais aberto do que garagem de FE-NE-MÊ.

Minha sombra ia continuar, quando eu dei um berro:

— BASTA!... Não chateie, Conselheiro! Você é de amargar. Tenha um pouco mais de consideração. Puxa! Você é mesmo um sujo. Arrolhe essa boca e ajude-me, seu crítico de botequim zurrapa.

A palmatória serviu. Num instante o praceba já estava nu, ensaboado e dando sinais de reação.

— Cabo, onde foi que esses miseráveis gringos engomados descobriam sabão que faz espumas com água do mar? (Mais animado, o filósofo ia marcando o compasso, naquela contagem sem nexo) — Uni, duni, tê... tatui, salamê... (E esfregava, esfregava, esfregava) — Uni, duni, tê... tatui, salamê...

Depois de bem limpo, dei uma corrida até o compartimento "A", no último andar de cima. Esbaforido, enveredei pelo corredor, numa disparada louca e pulei para a tarimba do Boca-de-chupar-ovo. Revirei

suas tralhas, em busca de roupa limpa. Regressei noutra disparada, com um zé-carioca do Boca.

Vestimos, com dificuldade, o Boca-de-chupar-ovo. Levamos, aos trancos e barrancos, o praceba desconjuntado para o compartimento, colocando-o no pino do corredor. A tarimba estava imunda.

— Agora, Mirandense, você tem que bancar o babá do Boca...

— Que devo fazer, Sargento?

— Ora, xentes! Lá vai o pantaneiro criar caso. Eita *xiripá* de cabeça dura. Nosso bom sargento não deu bola pro chato do filósofo.

— No convés, o Boca vai tomar ar fresco. Faça com que ele coma qualquer coisa. (Novamente ajeitou o bibico no cocuruto chato, de nordestino puro. Era um cacoete que repetia sempre, quando procurava palavras para uma recomendação) — Ele precisa comer, para ter o que vomitar. Entendeu?

Zé-Conselheiro encarou-me, com as sobrancelhas em vírgulas. Conhecendo bem o meu pauzinho de laranjeira, cortei:

— Não adianta nada, essas vírgulas na testa. Nós temos que recauchutar o Boca, de qualquer jeito. Nem que seja na marra. (Coloquei as mãos na cintura, com ares de mandão) — Vamos! Não temos outra saída.

— Cabo, você sabe muito bem que os pracebas dos submarinos "D" e "E", ficam estendidos, no convés, em escala de rodízio, com o seu derrancho. Quando um colega desce pra fazer xixi, outro o substitui...

Por causa desse rodízio, eu sofria pacas. Só conseguia tomar banho de sol, em pé, agarrando no corrimão de cano, olhando um mar que não tinha fim. Eu já andava mais branquelo do que barata descas-

cada. Não podia ficar muito tempo deitado na tarimba. Ela era uma verdadeira quitanda: laranja, legumes cozidos, saleiro, pão seco, ovos cozidos, lata de leite vaporizado, etc. Amigo de poucos amigos, eu só contava com a minha inseparável sombra, o Zé-Conselheiro. Vivia indiferente a tudo que me cercava na vida. Não procurava ninguém para compartilhar com meus revezes de caserna. E, no quartel, eu fazia questão de não os ter. Sempre fui assim. Desde menino...

— É isso aí! Um egocêntrico. (Conselheiro soltou a sua chatérrima golfada de saliva) — Um perfeito egocêntrico.

Fuzilei meu velho camarada, com um olhar de poucos amigos. Procurei os meus botões e perguntei: "Quem é que gosta de ver o seu avesso exposto à luz dos curiosos?". E soltei uma praga que não atingiu o meu velho amigo.

— Desculpe, Cabo, (Consertou o filósofo) — Seu caso, para os curiosos, é muito mais leve se dissermos: "Retraído por índole". (Tentou uma risadinha. Aquela tão nossa conhecida. Meteu a mão na boca, no gesto de quem manda calar).

Envergonhado, reconheci que, só mesmo a minha bondosa sombra tinha coragem para me aturar por tanto tempo. Eram coices, mordidas, palavrões, berros. O coitado do Zé-Conselheiro dependia de mim.

— Vamos, seu cabinho pensador. Tome jeito! Boca-de-chupar-ovo está aí, estirado no chão, que faz dó. Carregue o bichinho, pra riba, no tombadilho.

Sacudido dos meus devaneios, resolvi atender o camarada. A soldadesca dormia, a sono-solto. Fungadas, roncos, uivos, assobios, cortavam o ar pestilento de meu compartimento, naquela tarde super calorenta.

Arrastamos o Boca para o tombadilho.

— Ainda bem que ele é pequeno e magrela.

— Não fale, Conselheiro. Trabalhe!

Auxiliado por companheiros, deitamos o Boca no convés, para tomar ares e um pouco de sol. Deixei o Mestre cuidando dele e desci, em busca de alguma coisa para empurrar goela abaixo do infeliz pracinha.

***

A viagem continuava, enfrentando o jogo dos submarinos alemães. Nossa gigantesca lata de sardinhas balançava no marulhar das ondas. Às vezes levávamos um susto danado nas rondas dos incansáveis submarinos. Os exercícios de ataques simulados nos deixavam extasiados na murada do navio.

No céu azulado, os dirigíveis rasgavam os fiapos de nuvens que os enfrentavam. Pareciam com charutos de alumínio, com brilho de panela areada. As fortalezas voadoras, em formação sincronizada, mergulhavam na trilha do inimigo das profundezas, lançando do ventre rasgado os ovos da destruição. Nosso mastodonte de aço ressonava num ranger soturno e cronométrico. A quilha rasgava as águas azuladas, no infinito das horas que não corriam.

A vastidão desoladora do Atlântico engasgava no tédio que a tropa expelia pelos poros. Um suspiro morno, cansado e profundo, agigantado pelas distâncias de um horizonte simétrico, em círculo sem fim que passava em tudo, como o nada de um túmulo que ficara para trás...

— Estou sentindo, nesta quietude que enlouquece, um ritual diabólico e impregnado de misérias antecipadas. (Zé-Conselheiro soltou um suspiro, alisou um cavanhaque imaginário, que ninguém notou e

continuou) — Tudo isso está cheirando mistérios de uma novela barata. (Virando-se para o seu ouvinte silencioso, fez esta pergunta) — Quem seria o autor?

Eu fumava, escutava, pensava... somente o bailado da fumaça, em rodopios, fazia provocar movimentos lerdos na minha cabeça cismarenta. E a velha sombra não parou:

— Estamos atravessando o Atlântico em busca não sei de que. (E o velho companheiro derramou um olhar cismarento para dentro dele mesmo) — Estamos bancando um Cabral de marcha à ré? (Não esperou pela resposta) Talvez! A História, essa miserável mentirosa dos séculos, vai deturpar as verdades de nossa missão...

Acompanhando a dança sensual do fumo que rodopiava naquele ar sem graça, eu nada respondia. Eu não queria responder. Eu tinha preguiça de pensar ou de falar...

Subi, sorumbático e calado, intoxicado com tanta cética de meu velho companheiro. Esparramado no beliche, ouvi o Segundão chamando:

— Cabo velho, a cobra está fumando em cima do pracebas. Veja o burburinho, ali, naquele corredor. (E espichou a beiçola arroxeada).

Na confusão do zum-zum, distinguia-se pedaços de perguntas:

— Quem foi?... (E a resposta indecisa) — Não sei...

— Quem é esse pracinha?

O famoso "Fantasma", gesticulava, revoltado:

— Vejam, macacada. O Canca disse qualquer coisa pra um cobra e o bicho enfezou-se todo. Vocês sabem como esses cobras são metidos a machão. (Balançando a cabeça, perguntou) — Logo para os lados de quem? do Canca!

— Do Canca? (Perguntou outro pracinha),

— Sim! Do velho Canca!

— Como foi isso? (Perguntou outro praça).

— O coitado tinha voltado pra sua tarimba quando, inesperadamente, o cobra deu-lhe um soco na nuca, pelas costas, mandando-o por terra...

— Ah! Cachorro. (Rosnou Zé-Conselheiro).

— Coitado do Canca, tão bom. Logo com ele, que não faz mal a ninguém. (Suspirou um caboclo baixote, retesado, tipo característico do nosso bom sertanejo) — Logo com ele...

— Puta barbaridade, tchê! (Gritou o gauchão vermelho e espadaúdo) — E ainda dizem que esses maragatos são oficiais da FEB. (E completou, na sua exclamação de guasca) — Barbaridade, *chamigo*!

E o burburinho continuou... como dos galés, dos tempos passados. Assim era a FEB de meus tempos. Uma triste memória! Senti uma tremenda revolta e muita pena do Canca que eu nem conhecia.

— Já vem você, seu advogado das causas perdidas (E carregando nas vírgulas das sobrancelhas, atacou-me sem reservas) — Cabo, quando é que você vai deixar de defender os outros? (E descarregou uma infinidade de conselhos que eu não ouvia).

***

O tempo passou, velho Canca. Mas, a sua figura não apagou de minha memória. No front, você foi o meu grande amigo, em tudo e por tudo.

CANCA! Brasileiro sem nome. Velho retrato dos nascidos sem pai. Em seu modesto viver vegetativo e sem fé (fé em quem?), sem rumo, você não passava de uma sombra entre os companheiros do front. A sua figura mirrada, leve e inofensiva, forjada na grande fauna de um mundo em guerra, nada mais era do que a errata da criação. CANCA! Tipo engraçado, do brasileiro mestiço. Corpo anguloso, esquelético, produto de subalimentação dos nossos orfanatos. CANCA! Dos cabelos acarapinhados e vermelhos (albino?). Rosto oblongo, maçãs asiáticas, olhos mongólicos, com um bigodinho tipicamente chinês. CANCA! Dos olhos miúdos e buliçosos, brejeiros e infantis. CANCA! Que sorria exibindo um maravilhoso colar de pérolas na dentadura forte.

Canca! O mineiro órfão, de olhos miúdos e buliçosos, brejeiros e infantis. Você, Canca! O pracinha que não sabia por que estava naquela guerra. Naquela imunda guerra dos gringos. Canca! O puro, que não sabia matar... já nascera morto, na orfandade da vida.

O mundo é muito grande, meu bom Canca. E a vida, essa miserável bruxa dos tempos, serviu de têmpera, para você poder suportar o seu destino de homem que nasceu para sofrer nas garras de outros homens.

Ainda escuto, ressoando nos escaninhos dos tempos, a voz emocionada de minha velha sombra:

— *Homo homini lúpus*. (Sussurrou a minha velha companhia, com ares de filósofo milenar).

— Por favor! Seu chato. Traduza essa lengalenga...

— Fácil, fácil, seu Pantaneiro analfa! É uma citação clássica do dramaturgo Plauto e que significa: "O homem é um lobo do próprio homem". (Derramou um olhar de superioridade para a minha ignorân-

cia e deixou escapar um sorriso desbocado).

E as citações dos velhos clássicos estenderam-se por muito tempo, deixando esparsos, pelo ar carregado, alguns versos recitados pelo incorrigível mestre:

> Oh! Meu Deus!
> que maldita guerra,
> nojenta guerra dos gringos...
> dos gringos e dos "judeus"...
>
> Oh! Meu Deus!
> são jovens caldeados
> na lama e no escarro,
> são irmãos meus,
> fantasmas Heróis de Barro!

CAPÍTULO VII

DESEMBARQUE

A tropa estava preparada para o desembarque. Nápoles: "La belle Napole" era uma visão dantesca. Sua baía, tão bela, deixou de ser o cartão postal dos napolitanos para ser o inferno das ferragens retorcidas. Aqui, mastros espetavam a superfície da água suja, como fantásticos braços desnudos, implorando misericórdia aos céus em guerra. Misericórdia dos homens que não tinham alma. Ali, cascos bojudos, lambuzados de ferrugem, exibiam as enormes crateras provocadas pelos combates travados na baía das cançonetas famosas. Lá, bicos de cascos seminaufragados apontavam para um firmamento tristonho, chorando pelas brutalidades do homem-animal, apelidado na História de "Herói". Além, popas de velhas barcaças (rechonchudas como mulher grávida) exibiam suas lambuzadas nádegas de matronas esquartejadas, nas lutas da guerra.

A soldadesca vibrava, num êxtase mórbido, saciando os olhos, ainda virgens da guerra. Olhos imaculados, de pracinha latino-americano. A tropa pulsava, num êxtase doentio, embasbacada pelo espetáculo nunca imaginado.

— O praceba toma contado com a guerra... (Sussurrou o velho Zé-Conselheiro, para consigo mesmo).

— Lá vem *vosmecê* com a maldita filosofia de boteco zurrapa!

A minha sombra eterna nem ligou. Exibindo ares de superioridade, arrematou sua filosofia, sibilando este poemeto:

O praceba, ainda virgem
toma contato com a guerra!
Com a guerra dos gringos.

Pracinhas jovens, inocentes
que logo seriam forjados
na lama e no escarro
o modelo indiscutível
do famoso HERÓI DE BARRO!...

O nosso gigantesco navio-transporte não podia ancorar no cais da velha Nápoles. Tudo estava entupido com as carcaças de navios semidestruídos. A incrível engenharia de guerra improvisou uma grotesca ponte, aproveitando os cascos emborcados, até o cais. Da bocarra do mastodonte de aço lançaram um pranchão sobre o casco de um enorme navio emborcado.

Quando comecei a penosa descida, meu estômago embrulhou por causa da fedentina. As águas eram pegajosas, esverdeadas, onde flutuavam frutas podres, óleo, carvão, fios de cabelo humano, restos em decomposição de marinheiros esfacelados. Era uma salada diabólica, temperada com pedaços de flâmulas e bandeiras famosas de batalhas passadas.

Zé-Conselheiro pensou alto:

— Esta paisagem nojenta é a coroação da estupidez humana! (Salpicou o ar pestilento, com um chuveiro da saliva esguichada entredentes) — Nunca imaginei uma pintura tão bárbara, de podridão e cores. (Balançou a cabeça) — Quem vai acreditar no Brasil? Quá, seu Pascuá!

Conselheiro continuou nas divagações, que foram abafadas no reboliço da macacada que desembarcava, na cadência dos berros dos sargentões enfezados.

Espetando um horizonte enegrecido, o Vesúvio soltava rolos de fumaça, numa saudação funérea aos pracinhas que desembarcavam para guerra.

Para a maldita guerra dos gringos!

A bocarra do Vesúvio, manchada de lavas sanguíneas, postava-se humilde, estarrecida nas barbaridades que os exércitos consumavam. No seu rosnar surdo e constante (como se fora um gatarrão zangado), o Vesúvio era abafado pela degenerescência dos famigerados vulcões humanos: os canhões!

Olhei para o céu escuro, num instinto de defesa.

— Não adianta. Pantaneiro burro! Aqui, não há defesa, nos ataques dos caças "Stukas" dos *alemongues*...

— Já vem você com as suas. CALE! Pelo amor de Deus!

Nós já tínhamos ouvido as histórias dos famosos "Stukas" alemães. Dizem que eram terríveis e imbatíveis. Como recruta, eu tinha um pavor de ataque aéreo. (E quem não teria?). Minhas pernas tremiam. No balançar da ponte improvisada ou de medo? (Muito mais de medo!).

No céu vermelho e sujo, sem sol e agourento, estava pichado por uma grande mancha de ferrugem que borrava os confins de um horizonte estremecido, no ribombar da canhoneira distante, lá no front da guerra dos gringos.

Da maldita guerra dos gringos!

Com passos indecisos, dei início à descida. Do bojo adernado do primeiro navio, perto do nosso, uma outra prancha nos conduzia para uma barcaça-de-invasão (as famosas barcaças dos fuzileiros navais

americanos, que estamos acostumados a ver nos filmes de guerra). Um capitão, que eu não conhecia (no meu Grupo de S. Cristovão eu não conhecia ninguém), antes de nosso desembarque, dera-me o comando de um pelotão, com a missão de tomar posição para a minha 1ª Bateria, no futuro acampamento em terra. Meus soldados levaram tabuletas de papelão que indicavam: cozinha, banheiro, privada, comando, cruz vermelha, comunicações, etc. pegando uma das tabuletas, o chato do Conselheiro criticou:

— Eita, praça desgrenhado! Os cabras ainda conservam os mesmos costumes e táticas de nossa caserna cabocla. (Uma nova esguichada de saliva para as águas gosmentas da baía, com cara de nojo) — Quá, seu Pascuá! É de amargurejá...

E a velha sombra foi filosofando, como se somente ele existisse para a guerra. Para a maldita guerra dos gringos!

***

E o jovem pracinha
num caldeamento de três raças
escrevia a sua própria sina
(no tempo e no espaço)
as suas desditas, as suas desgraças...
Naquele desembarque
estava sendo forjado
o jovem de Pindorama
no escarro e na lama!
Moldavam o primogênito de um morgado
no vômito, na lama e no escarro o decantado HERÓI DE BARRO!

***

Dei um empurrão no velho camarada e pulamos para a barcaça-de-invasão. A bichinha era pequenina, enferrujada e fedida. Seu tombadilho de ferro sujo, era liso e escorregadio como lesma. Corri os olhos na barcaça num instinto de inspeção. Em sua volta, um frágil corrimão de cano galvanizado era a única coisa que servia para equilibrar o pracinha, que dançava no peso estúpido da muamba do saco "A", desiquilibrado no balanço da barcaça. Um marinheiro americano, com gestos e linguajar de marujo, indicava um buraco para descer ao nosso alojamento. Não sei se eu bamboleava na cadência da barcaça ou se meus passos, gingando incertos como bêbado, acompanhavam o balanço adquirido na longa viagem sem escalas.

Desci os primeiros degraus. Um cheiro de baú velho queimou minhas narinas. O alojamento exalava um bafo de porão sempre fechado e úmido. Fui puxado para trás, virei-me e olhei espantado.

— Cabo, eu conheço essa maldita catinga. (O bom filósofo apertou as narinas com os dedos, fazendo uma horrenda careta de nojo) — Essa miserável sepultura de ferro velho está fedendo vômito, maresia, ferrugem, óleo, gás, mijo e fezes. (Balançou a cabeça, com ares de repulsa) — Até me faz lembrar do infeliz pracinha Boca-de-Ovo...

Não deixei a minha inseparável sombra continuar filosofando. Agarrei-o pela manga de seu zé-carioca e arrastei o velho amigo pelo buraco-porta. Aos tropeções, o companheiro comentou: — Ééé... seu Cabo. Eu errei! (Fez uma cara cínica e arrematou) — Isto, para nós, é uma viagem de turismo.

— Não chateie! ... (Meti o dedo no narigão do camarada que conhecia todas as minhas fraquezas) — Tenha paciência, pelo amor das bruxas! Isto aqui, é guerra! E guerra de verdade, seu bosta!

Dialogando com seus botões, o velho praça sussurrou: "A coisa tá mal. O cabinho pantaneiro tá fulo de raiva. Tenho a impressão que essa maldita catinga vai nos acompanhar, para o resto da vida"...

Sem dar valor ao seu resmungar, empurrei a velha sombra escada abaixo. O conformado camarada, tropeçando nos degraus, mandou:

— Egoísta! Nesta lata de sardinhas fedorenta, você não vai encontrar o tal ar-condicionado do mastodonte de aço.

Dei um novo safanão na velha sombra, e com as sobrancelhas em vírgulas, resmunguei meia dúzia de palavrões, tão a meu gosto. Como um sonâmbulo, deslizei também pela escadinha em vertical.

Fui infeliz na descida. Um pracinha, todo aloprado, despinguelou pela escadinha enferrujada, de qualquer jeito, carregado como um burrico. Tomei na cara, como se fora um coice de mula, o saco "A" do pracebas, que bufava, no esforço sobre-humano da carga que o aniquilava. A pancada desequilibrou-me. Rodopiei no ar e fui projetado, com todo o peso de minha muamba, para estatelar-me no piso imundo da barcaça. O pracinha me acompanhou no tombo... aumentando o estrondo que rebombou dentro do cubículo de ferro.

Gargalhadas explodiram no ar. Quis levantar-me. Na precipitação, meus pés falsearam. Escorreguei na gosma do piso imundo. Novamente estatelei-me na sujeira. Novas gargalhadas. Uma voz debochada cortou o ar.

— Isso que é tombo. Caramba!... (Gargalhadas).

Do chão, esparramado com a muamba lambuzada, fulo de raiva, gritei:

— Vá pra puta que pariu! (Num salto rápido, levantei-me, vermelho de raiva, passando a mão pela cintura, em busca de uma arma. A força do hábito, de um bom pantaneiro).

Mais gargalhadas explodiram no ar. Ainda zonzo e chateado, coxeando, subi os degraus escorregadios da escadinha de ferro enferrujado. No tombadilho, agarrei-me nos canos da amurada. Zé-Conselheiro acompanhou-me, como sempre. Acendeu um cigarro, deu uma cuspida e exclamou:

— Xi, Cabo velho. Logo nesta espelunca é que nos meteram? (Com olhar de poucos amigos, fulminei o pobre camarada, como se fora ele o único culpado de minha desastrosa situação. A minha boa sombra, fingindo nada perceber, continuou) — Éééé... seu pantaneiro das arábias... (Esparramou um olhar perdido, num horizonte enferrujado) — Vamos ficar empacotados, nesta merda de lata de sardinhas. (Deu uma esguichada de salivas na imaginária cara de alguém que ele julgara culpado) — Quá, seu Pascuá! Nem sardinhas e nem lata. (Virando pra abertura do porão fedido, perguntou) — Cabo, será que vai caber aí, nesse buraco imundo, esse mundão de pracinha que está embarcando? (Deixou escapar um suspiro) — Oxente!

Eu, calado, enfezado como cabra da peste, nada respondia. Minha farda, lambuzada nas gosmas da barcaça, fedia que dava nojo. E, por falta de água, esse insuportável cheiro passou a acompanhar-me, até Livorno – nosso desembarque.

— Como você fede, cacique das anconhas. (Fez uma careta horrível e arrematou:) — Até dá ânsia de vômito...

E as reclamações do velho filósofo se perderam no espaço.

***

Os meses se passaram. A guerra fervia, no caldeirão do inferno. Lá pelos píncaros dos Apeninos, a neve cobria tudo, de uma imaculada brancura, como se procurasse encobrir as barbaridades do homem em fúria.

Um dia, sentados na conteira do canhão, pra um fôlego das canhoneiras (lá pras bandas do maldito front dos gringos), Conselheiro lembrou, com cara de nojo:

— Cabo, aquela praga de cheiro da barcaça de invasão, impregnada na sua farda jegue, era a mesma catinga das privadas do navio-transporte e também, a mesma catinga desta maldita Ração K, que os gringos mandam pra gente matar a fome.

Era verdade. Tudo o que o bom Conselheiro dizia caía como uma luva, nas comparações do velho amigo. Até hoje, passado tantos anos, ainda encontro alguma coisa queimando-me as narinas, repugnando-me, levando-me às recordações da indescritível miséria humana. Das misérias da guerra dos gringos, que o tempo não consegue apagar de nossas memórias...

E a neve continuava a cair, numa luta desesperada, como se tivesse vergonha das bandalheiras que cometíamos: com a natureza e com pessoas (homens, mulheres e crianças).

O velho filósofo arrematou as nossas divagações, numa das poucas pausas que o front nos permitia, improvisando um poema de protesto:

Agora eu sei
agora você sabe
agora nós sabemos:
assim se forjam HERÓIS!
Arrebanhados numa grei
com fuzil e com sabre
pela PÁTRIA morreremos
por MIM, por VOCÊ, por todos NÓS
na gosma, na lama e no escarro
os malucos "HERÓIS DE BARRO"!

***

O dia morria. Não havia importância. Tudo morria... Um sol esmaecido e tristonho, soluçava nos últimos raios desbotados, num horizonte sem esperanças. Nossa barcaça, pequenina e frágil, balançava no vai e vem das ondas revoltas. Nuvens carregadas e pardacentas arrastavam-se pesadonas, com preguiça de continuar viagem num céu enegrecido, agourento e parado. Gaivotas sujas, riscando o ar também sujo, esvoaçavam em busca de migalhas das barcaças em fila indiana.

E a viagem continuava em busca do Porto de Livorno, nosso ponto final das aventuras marítimas. Uma aragem carregada de podridão humana, ouriçava as águas da Baía de Nápoles, que fora requisitada pelos fados da maldade para cemitério de navios. Pelo imundo cais napolitano, papéis esvoaçavam, num adeus mórbido aos pracinhas latino-americanos. E pelas narinas do recruta guerreiro, ia penetrando uma podridão pelos brônquios, já envenenados pelo sarro da nicotina. Os infelizes pracinhas tinham passado a noite mal dormida no porão imundo das barcaças enferrujadas pela maresia. Não puderam dormir, sacudidos pelos pesadelos na escuridão daquele forno que os assava em vida.

Nossa tropa, trancafiada nos porões, ruminava o sono dos condenados.

***

Lá fora, o dia nascia com estigmas de pinceladas mórbidas. Não havia importância. Tudo morria no calendário da guerra. Da maldita guerra dos gringos.

Quando saímos daquela toca, ficamos extasiados com o carnaval de bandeirolas que esvoaçavam nos mastros das pequenas barcaças, que bamboleavam nas ondas brincalhonas da baía napolitana. O comboio estava em fila indiana, pronto para a grande viagem. O ar,

parado e quente, foi cortado por estridentes silvos de sirenes da barcaça-comando, anunciando a partida para a rota perigosa rondada por submarinos alemães.

Meu coração, desmantelado pelas emoções contínuas, deu pinotes no peito magriça. Os cambitos bambearam na tremedeira do medo que tudo apavora e aniquila. Quis falar e a voz faltou na garganta. Os gorgomilos regurgitavam um engolir de saliva ressequida pelo pavor, indo lixar as membranas da garganta, irritada de sarro, nicotina e medo.

Um marujo americano, varapau bamboleante, do tamanho de um poste, indicou-nos a porta do porão da barcaça, fazendo gestos para que descêssemos. Sempre gingando, ia gritando: *Come here! Come here! Come here!.*

A carneirada seguiu, sem mugir, acomodando-se nas tarimbas sujas. A porta foi trancada por fora. Ouvimos o trinco correr... e o mundo escureceu em nossa gaiola de ferro. Tudo era negro: nosso cubículo, nossa mente, nosso pavor. Ouvia-se o esvoaçar de uma mosca varejeira. O silêncio abafou os passos do marinheiro varapau. Ninguém piou. A carneirada aceitara o redil, sem uma reação. Às vezes, ouvia-se o bombardear de um coração, pinoteando no peito de um pracinha apavorado.

— Estão preparando a bugrada pra guerra (Sussurrou Conselheiro).

Não respondi. Não tinha voz pra responder. A tremedeira dominava tudo, no corpo que sofria.

***

As horas passaram. O tempo estava perdido na escuridão do cubículo. Aqui e ali um pracinha iluminava o porão escaldante, fe-

dendo macho com medo. Uma trêmula mão acendia um cigarro, com sofreguidão. Zé-Conselheiro sempre dizia que era o melhor amigo (o cigarro), para esconder o medo de um macho. Outro, também trêmulo, riscava um fósforo para consultar as horas no relógio de pulso. Depois, a escuridão tudo abafava.

Quanto tempo? Até hoje não sei!

Lá pelas tantas, uma voz possante, rouca de pavor, cortou o ar:

— VENHA UM CABO AQUI!... PRECISO DE AJUDA!... VAMOS...

Não pude entender os comandos do sargentão Sardinha. Um zumbido em meus tímpanos deixava-me surdo e bobo. Como resposta, um safanão tirou-me do êxtase e um dedo espetava-me o narigão vermelho:

— Cabo! Você está tremendo mais que geleia em mão de "bêbo"...

Nada respondi. Não podia responder. A garganta continuava queimando nas chamas do pavor. O velho camarada continuou mudando de tom:

— Tem um sargento chamando por um cabo (E deu-me outro safanão) — Afinal, você é cabo ou é merda entalada?

— Mas... Connn-seee-lheiii-rooo.

— Vamos! Seu pantaneiro cagão. Você é o nosso comandante da escolta. Onde está a sua fibra de bagual? (Encarou-me com raiva, os olhos chispando na escuridão). Vá ajudar o sargento. Abra aquela porta! Os gringos não podem nos manter prisioneiros neste chiqueiro, como ratos de porão. (Apertou mais o meu braço que segurava. Carregou nos "RR", puxando um pretenso sotaque gaúcho) — Vamos

morrer, tchê! Mas, peleando como macho! (Novamente, enfiou o dedo no meu nariz) — Você...

Não pôde continuar, interrompido por um grito de pavor que cortou o ar pestilento do cubículo. O urro percorreu o meu corpo, até o âmago de meu ser. Era um desesperado pracinha recebendo o maldito batismo pra guerra. Pra nojenta guerra dos gringos.

— Pai Nosso, o Senhor é que está no céu... (Rezava outro, gagueando).

E as orações amalucadas misturavam-se no ar pesado, com gritos, berros, uivos, urros e lamentações.

— Cabo, o pracinha está sendo batizado pra guerra...

Pra maldita guerra dos gringos. (Balançou a cabeça, com ares de pena, sem nada mais falar).

***

Um estrondo reboou no ar. Os pracinhas calaram. Um silêncio de túmulo pairou sobre o compartimento da barcaça.

— NOOOóóó...SAAA... Estamos sendo atacados. (Estourou, no silêncio que tudo afogava, o pavor de um pracinha).

— ME SOOOLLL...TEEEMMM... pelo amor de Deus!

Um segundo estrondo ecoou no túmulo fedorento. Lá de cima, uma réstia de luz cegou os pracinhas apavorados de retinas dilatadas. A porta de ferro, lá no topo da escadinha, se abriu.

A portinha fora estourada por um sargentão robusto, que suava por todos os poros reluzindo na pele de ébano (mais negra, do que a escuridão que nos sufocava). Com um safanão hercúleo, o sargento-

-de-ébano estourava o trinco de fora, escancarando a liberdade para os pracinhas.

Num gesto instintivo de salve-se quem puder, dei o arranco de uma fuga precipitada. Minha sombra agarrou-me pela manga do zé-carioca fedorento e gritou:

— PARE! Seu pantaneiro de merda. Se avançar, vai morrer pisoteado pela macacada apavorada...

Quando a onda desesperada deixou a escadinha livre, precipitei-me para cima, aos saltos de dois e três degraus, em busca de ar e de vida. Lá fora, uma rajada de vento frio, cortou-me o rosto, transfigurado de pavor. As pernas? Tremiam mais que vara-verde. Corri os olhos, em busca de terra. Nada! Nada! Tudo era água e céu. Céu e água. Os cais de Nápoles tinham desaparecido. Tudo era água, água, água! Não mais se via o nosso comboio de barcaças, em fila indiana. Estávamos sozinhos, num longínquo mar encapelado, na zona perigosa dos submarinos alemães.

Avancei, cambaleando, em direção a um marujo. Num italiano macarronado, explicou-me que estávamos sendo caçados por um submarino. Mais com gestos que falando, consegui compreender o marinheiro. As barcaças receberam ordens de debandarem, num "salve-se quem puder"...

Um novo grito cortou o ar:

— AGAAA...RE-SE! Cabo. O bicho vai voar...

Era Zé-Conselheiro, mais trêmulo que geleia, com a fisionomia transtornada, agarrado como carrapato no frágil corrimão de cano.

Cambaleando, avancei para o corrimão. Um ronco pavoroso fez a proa levantar-se, como se a barcaça fora arremessada de uma catapul-

ta. Era a potência da máquina, expelida na força dos motores, comandada pelo homem que não queria morrer.

Para completar o nosso suplício, o mar estava zangado. Netuno bufava como toro baguá. Ondas gigantescas arremessavam-se de encontro ao pequenino barco de invasão.

Todo trêmulo, meu inseparável companheiro ainda teve tempo para soltar pilhérias:

— Uma enferrujada latinha de sardinha, brigando com ondas gigantescas (e deixou escapar um sorriso amarelo, para esconder o medo que o massacrava).

Meus companheiros, apavorados e sem ação, permaneciam no porão imundo. Não havia moral na minha turma. Não havia comando. Não havia ordem.

— Cabo! Até o guarda voltou pro porão fedorento. Eu quis segurar o bicho pelo braço, mas quá! O danado tava doido. (Fez uma pausa. Apertou mais os dedos ossudos no corrimão) — Enganei-me, pensando que fosse medo. Não era não, seu cabo. O sargento maragato me deu um safanão e gritou: — Larga, tchê! Eu comando dois cabos e dez homens. Não vou abandonar meu pelotão naquele porão imundo!

— Mas, Sargento! Pense bem... Se a barcaça for a pique, você também vai com eles...

— CALE A BOCA! Seu batráquio. Eu vou junto com eles...

Encarei minha sombra. Que estava admirada com a atitude do guasca. Nada respondi. Não podia responder. A tremedeira transformara meu queixo numa metralha: no ritmo e no som.

— Eita mundo desgranhado! Homem como aquele guasca, não

devia de sair nunca do Brasil! (Encerrou suas últimas exaltações ao sargento gaúcho, com um sotaque carregado, dos velhos guerreiros dos pampas. Tomou um fôlego, olhou pra frente, vasculhando o mar que bufava enfurecido e continuou) — Ondas! Ventos! Velocidade! (Deu uma esguichada de saliva que retornou, borrifando minha cara de guerreiro trêmulo) — Quá! Uma tríplice maldição. Veja, Cabo (e mostrou uma enorme onda, na frente da barcaça, com as goelas escancaradas) — São ondas do tamanho do mundo. Ventos mais fortes do que a peste. Velocidade que faz as tripas colarem nas costas (Sacudiu a cabeça, com cara de pena) — Quá, seu Cabo! Tenho pena dos pracebas do porão... (Me deu uma cutucada e arrematou) — Lá, a cobra fuma de verdade.

Lá em baixo meus camaradas se retorciam, na agonia do enjoo que aniquilava. Vômitos, gritos, lamentos, pragas, escapavam pela portinhola do porão apelidado de alojamento. Nossa barcaça, balançava muito mais do que uma folha seca embaralhada nos rodamoinhos de um furacão.

Pernas abertas, dedos crispados no cano da amurada, face num rictos de angústia e medo, eu permanecia estatelando, lutando para não cair, contra o balanço endemoniado da barcaça que corcoveava, como besta desgovernada. Na cintura eu trazia enlaçada uma linguiça de borracha, com uma garrafinha presa, carregada de ar comprimido para encher a câmara que os americanos forneciam nas barcaças como salva-vidas. De vez em quando, eu acariciava, com os olhos, a minha esperança de borracha.

E o balanço, dos demônios de Netuno, continuava arrancando vômitos, gritos, berro e palavrões. O pracinha estava sendo batizado pra guerra. Pra maldita guerra dos gringos.

Não sei se a barcaça tinha comandante-oficial. Duvido! Nunca o vi. Também, o assunto ficou encerrado com esta do incrível Conse-

lheiro, muito tempo depois, lá nos gelados Apeninos:

— Nada disso, bugrada. As barcaças não eram comandadas por oficiais, por que os gringos não iam perder valores da marinha, com transportes de nativos subdesenvolvidos. (Deu uma esguichada de saliva, com nojo) — Nem pensem! Vocês não sabem que eles são "brancos" e nós somos raça da negrolândia e da indiolândia? (E soltou a chatérrima gargalhada) — Quiá... Quiá... Quiá...

***

Na fuga desesperada, a luta desigual continuava. Uma lata de sardinhas, enfrentando os imbatíveis elementos da natureza. E eu torcia, desesperadamente, pela vitória da primeira. A ferragem da barcaça rangia. O vento sibilava com sadismo. Lá embaixo, a soldadesca sofria, gemia, bufava.

Na minha luta, o enjoo não se fez esperar. Meus olhos turvaram-se na agonia. O estômago embrulhou um entulho, que a náusea encomendara para o lançamento em jorros. Uma contração retalhou os músculos do abdômen e, em borbotões, o organismo expeliu, num repelão, gosmas verdes: a famigerada Ração-K, encontrara a sua finalidade.

E Zé-Conselheiro, na divagação em êxtase, começou a recitar:

No convés.
a ferragem rangia.
No cordame,
o vento sibilava.
No pracebas,
a coragem fugia.
No rosto macilento,
o pavor desfigurava.
Era a guerra dos gringos
com gritos, vômitos, e escarro....

batizando, crismando, ungindo,
os futuros "HERÓIS DE BARRO"!

***

Cambaleando, amarelo e tonto, avancei pra porta do cubículo. Desci, escorregando. As pernas não obedeciam. No alojamento fedorento, joguei a carcaça, na primeira tarimba desocupada. O dia estava sendo sufocado pelas malhas negras da noite que chegava. Nosso cubículo era uma fornalha insuportável. O pantaneiro que lutara lá fora, no convés alagado, em busca das últimas esperanças de um guerreiro-recruta, entregara-se, sem reação, ao que desse e viesse. A carcaça vencida, espadanava na covardia dos vômitos.

Era medonho! A pequenina embarcação, quando levantada por uma onda maior, esguia a proa na crista enfurecida, para saltar muitos metros adiante, num baque surdo, dando-nos a impressão – lá no fundo do porão – que tudo ia se estraçalhar. Em cada vez que a barcaça levantava a proa, preparando-se para o salto fantástico, a soldadesca do porão soltava urros. Alguns, iniciavam pedaços de orações que a mamãe ensinara na infância:

— Santa Maria! (Exclamava um, com restilos de religião).

— Pros infernos, a guerra e o patriotismo! (Blasfemava outro, debatendo-se nas gosmas e nos vômitos).

— Eu queria ver os bambas, de medalhas no peito por tempo de serviço, nessa miserável lata de sardinhas... (Exclamava um terceiro, num grito de revolta e de piada, lambuzado nos espasmos e nos jorros de bílis).

Entre um berro, um grito e um soluço, uma voz sumida se fez ouvir:

— Matem-me... Matem-me... pelo amor de Deus! (Soluços entre

vômitos) — Matem-me... Não aguento mais... Oh! Minha Mãe! Que horror! Por que não desertei?

Alguma coisa, muito mais forte do que a minha vontade, fez-me levantar da tarimba lambuzada. Eu era uma vergonha fardada. E, com os olhos empapados, pude ver, no lusco-fusco do porão nojento, o segundo sargento que se retorcia na mais cruel das imundícies. O coitado era uma lástima. Ele espadanava num líquido gosmento. De seu cabelo aloirado, escorriam gosmas asquerosas. Da boca, num rictos de dor, a baba pegajosa era arrancada pelas mãos trêmulas.

— NOJENTO!... (Exclamou um pracinha que limpava as gosmas da boca do Segundão-loiro. E, num jorro esverdeado, o pracinha lançou para fora a comprovação de sua repulsa).

O Segundão-loiro era um rapazola imberbe, franzino, baixote, um recruta promovido por peixada, para a guerra dos gringos. Ele era o tipo característico do "catarina" de origem.

— Calma, Sargento! Já estamos chegando... (Animava o pracebas, um dos componentes de seu pelotão).

As pálpebras do catarina loiro tremeram... abrindo com dificuldade. Dois olhos verdes, embaciados, procuravam quem falava. Os lábios tremeram, no esforço da voz sumida. Um som quase inaudível, num hálito insuportável, cortou o silêncio do cubículo:

— Mate-me... pelo amor de Deus... Não aguento mais... (E, com as mãos trêmulas, levantou a blusa do zé-carioca fedorento, mostrando na cintura um parabélum num coldre militar) — Mate-me, pelo amor de Deus...

— Veja, Cabo! É a mocidade brasileira, caldeando-se nas gosmas, para as lutas da guerra...

— Tenha dó, Conselheiro...

— Esta, seu pantaneiro de meia-tigela, é a maldita fábrica dos Heróis de Barro... (Fez uma pausa, como se procurasse inspiração para as rimas, e prosseguiu, não mais tomando contato com a realidade) — É a maldita fábrica dos Heróis de Barro, na matéria-prima das fezes e do escarro...

Zé-Conselheiro tinha razão. Ele sempre tinha razão! E o filósofo, levantou voo, dedilhando as cordas da musa, não mais existindo na barcaça:

É a maldita fábrica
dos Heróis de Barro
de vil matéria-prima
de fezes, de gosma, de escarro.
Forjavam-se Heróis!
caldeavam-se bravos!
brancos, índios, negros,
restos de escravos.
Heróis de Barro!
iguais aos vômitos
Heróis do escarro
nas gosmas, indômitos!
Heróis de Barro!
de lama e gosma,
nicotina e sarro,
é sombra que rosna!

***

Sem vontade para socorrer o Sargento-loiro, voltei para a minha tarimba, jogando meu corpo moído no lamaçal das imundícies. Éramos apáticos à dor alheia. Cada qual, com a sua luta... bem particular. Ninguém conhecia ninguém. E o sono veio, cheio de pesadelos. O pantaneiro sofria.

Somente no dia seguinte, no raiar do dia, é que tive noção do que ainda vivia. Saltei da tarimba nojenta. Com o coração aos pulos, procurei de onde vinha a claridade. Não acreditava no que via: o buraco que servia de porta, estava aberto e o dia brilhava. Meu corpo magrela doía. Minha garganta pegava fogo. Meu estômago retorcia numa contração horrível. Procurando a coragem que fugira do velho mirandense, falei com os meus botões: "Calma, companheiros. Parece que a inana melhorou"... e galguei os degraus da escadinha, de dois em dois, todo serelepe. Na ânsia da liberdade, esqueci de acordar o velho companheiro.

Lá fora, uma rajada de ar puro, gostoso, leve e quase divino, aliviou os meus pulmões, envenenados no porão-chiqueiro. Agarrei no corrimão de cano e sorvi, com todas as forças que me restavam, uma golfada gulosa de ar, em busca de recuperação.

Corri os olhos, à procura de outras barcaças. NADA! Somente mar e céu. Nossa barcaça deslizava num balé garboso, pela face de um mar calmo e amigo. Éramos o centro de um universo azulado. Na gostosa aragem da brisa marinha, uma voz sussurrava:

Qual cisne branco
que em noite de lua
vai deslizando
num lago azul...
Minha barcaça
também flutua
nos verdes-mares
de norte a sul...

Não dei atenção ao velho camarada. Era ele, cantarolando, todo frajola, no meu ouvido.

E a barcaça deslizava, num balanço sensual, pela face de um mar

calmo e amigo. Acho que o Rei Netuno dormitava, extenuado das revoltas da noite.

Zé-Conselheiro cochichou:

— Veja, mirandense. Lá no centro do tombadilho, tem uma pilha de caixotes. Parece Ração-K (piscou um olho, com cara matreiro) — Vamos ver? Estou com uma fome dos diabos...

— Espere, professor. (Quando eu queria agradar a velha sombra, eu me agarrava no professor, que ele muito gostava) — Vamos devagar. Cuidado com os gringos...

E lá fomos nós, sorrateiros, antegozando as delícias de uma boa ração.

— Veja! Cabo Jegue. Um gringo esqueceu uma chave-de-fenda, nesta argola do mastro. (E soltou, baixinho, aquela risadinha chatérrima) — Quiá... Quiá... Quiá...

Foi a salvação da paróquia. Com a chave, arranquei uma tábua do caixote e tirei uma lata cheia de líquido. Indeciso, não sabia se furava a lata ou se lia o inglês em seu rótulo.

— Vá pros infernos! Mirandense burro. Quem meteu em sua cuca que você sabe ler inglês? Quá, seu Pascuá! Vire o sapicuá...

Encarei a velha sombra com cara de bobo. Meu camarada tinha razão. Eu não sabia nada de inglês. Mas, levado pela agonia da fome que me marava, meti a chave de fenda na lata e furei a bicha. Levei-a no nariz, procurando saber o que continha. Um gostoso cheiro de abacaxi, remexeu com a minha ganância de saciar a fome. Levei a lata na boca, experimentei o líquido. Era mesmo abacaxi. Com avidez, sorvi a calda perfumada. O suco gostoso escorregou goela abaixo. E lá se foi, mais de meia lata...

Não esperava pela reação. O cabo esquecera que o estômago estava vazio. Não se alimentara, desde que desembarcara em Nápoles, há mais de trinta horas. E o estômago, aos trambolhões e em jorros fedorentos, devolveu a calda de abacaxi tão avidamente sorvida pelo pantaneiro faminto.

— Eita! Merda de via, nem abacaxi para no bucho desgranhado do pracebas... (E Zé-Conselheiro desandou nas imprecações)...

Eu não desisti do suco de abacaxi. Sabia, por experiência própria, no navio-transporte "General Meigs", que o calouro das viagens marítimas, quando enjoado, tem que insistir na alimentação, para ter alguma coisa no estômago "para vomitar"... Tirei uma segunda lata de suco, da caixa que estava na pilha, furei a bicha com a ponta do sabre e chupei o líquido adocicado. Agarrei no cano da amurada, com as mãos crispadas e o velho estômago revirou-se em novas contorções. Os vômitos despejavam no mar toda a carga enlatada. Voltei ao caixote. Assim, sorvendo calda de abacaxi e vomitando tudo, fui suportando o enjoo, numa teimosia que não sei de onde partia tanta persistência.

— Você está perdendo o melhor da festa, seu pantaneiro vomitador. (E o velho filósofo indicou-me, para o horizonte sem fim) — Veja lá, no fim do disco, onde aquelas ondas barrigudas arrastam o peso da preguiça. Veja! Mirandense gabiru.

Procurei acompanhar o ponto que Conselheiro me indicava. Um céu rosado pelas pinceladas do sol, era cortado por uma negra mancha, afunilada, que rodopiava em caracóis diabólicos.

— Que é aquilo, Seu Zé?

— É a célebre tromba d'água, tão temida pelos marinheiros. Se ela nos pegar, estamos fritos. (Zé-Conselheiro coçou o cavanhaque imaginário, num gesto de meditação) — Se ela nos pegar, Cabo Velho, vamos virar

bagaço enrodilhado. Nem é bom pensar, seu cabo vomitador...

— Ora! Conselheiro...

Não deu para terminar. A coisa era feia mesmo. Aquela sombra, afunilada, sempre rodopiando, avançava para nossa direção, numa velocidade incrível.

Um grito cortou o ar:

— HÊeeiii... YOUuuu... HALLÔuuu...

Era um marujo americano, muito afobado, gesticulando como doido, mostrando a portinha do cubículo, mandando que entrássemos no forno fedorento.

Eu fiz menção de atender ao gringo vermelhão, que gingava mais do que a cabra-da-peste. O velho camarada agarrou-me pela manga do zé-carioca e reagiu, com palavras ásperas:

— Não vá! Seu boboca. Vamos fingir que não entendemos o linguajar desse gajo. (E deu uma piscada de olhos, com cara safada).

E, com a maior caradura do mundo, continuamos no convés, sem dar a menor importância aos desesperos do gringalhão que gesticulava. O marujo, por sua vez, desistiu das advertências e sumiu na torre de comando.

O maravilhoso cenário daquele dia estava ameaçado pela tromba d'água que avançava ameaçadora. Nossa barcaça arrancou, num ronco de medonha supervelocidade. A proa da lata de sardinhas levantou-se num golpe e o nosso corpo foi arremessado no tombadilho enferrujado.

— Aguenta! Mirandense cafurino, que a cobra vai fumar...

Com muita sorte, caí perto do corrimão. Agarrei-me no cano e, com esforço, consegui levantar-me. Refeito do susto, procurei o temido funil em caracol. Estarrecido, vi que o monstro bailarino avançava em nossa direção. A barcaça rasgava as águas revoltas. O motor roncava... bufava... Era, novamente, a luta do homem contra as forças da natureza. Vencera o primeiro, para felicidade nossa.

— Téééérraaa... Téééérraaa... Téééérraaa... (Era o velho mestre, numa excitação desesperada, mostrando as sombras de possíveis terras no horizonte enfumaçado) — Veja! Cabo. Lá no fim do mundo... É terra!

Era verdade! Num contorno indelével, que o horizonte procurava engolir, um contorno escuro aparecia na frente de nossa barcaça, que corria mais do que a mãe-da-peste.

— É terra, companheiro! Estamos salvos. (Respondi, mais animado).

Não esperei a resposta da velha sombra. Como um louco, disparei para o cubículo fedorento, aos berros de: "Terraaa!... Terraaa!... Bugrada!"

Os companheiros, nadando nas imundices do porão, não reagiram. Eram zumbis da travessia oceânica. Caldeados para a guerra.

Pra maldita guerra dos gringos!

— É terra! Bugrada. Venham ver... (Eu gritava, desesperado e sacudia os corpos inertes, encharcados no lodaçal da podridão humana).

Ninguém reagiu, ninguém falou... ninguém... ninguém... Assustado, procurei a tarimba do Segundão-Aloirado. Que quadro bárbaro!

Meu velho camarada puxou-me pela manga do zé-carioca e falou:

— Venha, Pantaneiro! Não adianta. (E balançava a cabeça, com

ares desanimados) — Não adianta! É caso perdido...

Eu quis responder e não encontrei as palavras. Acompanhei a minha velha sombra, sem dizer nada. Subimos a escadinha, com sofreguidão, fugindo da realidade que nos massacrava. Agarrei-me na amurada e levantei os olhos, em busca da esperança desenhada no horizonte sem-fim.

Era verdade! Nos contornos de um horizonte muito limpo, a silhueta de terras, aparecia nítida. Na velocidade desesperada de nossa barcaça de invasão, a gente tinha a impressão de que a terra vinha em nosso encontro. Logo se divisou montes, torre de igrejinha, casas. O cais estava coalhando de barcaças de nosso comboio. Atracamos, encostados na última barcaça em fila para o cais de Livorno, amarradas de lado, uma com as outras, a proporção que iam chegando para o desembarque. Foi um martírio. Saco "A" nas costas, bornal enorme, entupido de estacas com tabuletas lambuzadas de vômito. Na ginga dos marujos tivemos que atravessar a "ponte" de barcaças que balançavam mais do que bêbados. Em terra, a 1ª Bateria aguardava nossa chegada. Eu era a ovelha desgarrada do Grupo de São Cristóvão.

Jogando a carga na carcaça moída, olhei para trás, em busca dos infelizes que me acompanharam na longa viagem dos vômitos. Um preto americano, na sua ginga característica de marujo, trazia nas costas um fardo humano, todo lambuzado. Era o Segundão-Loiro.

Um praceba raquítico cambaleava e fungava no excesso de carga: sua bagagem e a do "Cobra" que ainda o mantinha como o seu bagageiro. Restos do prussianismo caboclo.

— Vamos! Seu burro de carga! Faça força, que eu gemo. (Disse um sargentão, com a faixa da Polícia Militar no braço. Deu um piparote no pobre bagageiro que tinha a farda e alma empapadas de gosmas).

Uma fila de centenas de caminhões (gigantescas lagartas verdes) aguardava a sua carga preciosa: carne para canhão.

— O açougue está montado, cabo.

— Não amole, seu Zé! Tenha dó! Ainda estou fedendo vômito e maresia...

— Venha, Pantaneiro mirandense. Outra vez, a velha sucuri...

Procurei, ansioso, o que a velha sombra me mostrava com o indicador magrela e encardido de nicotina.

— Até nesta merda de guerra, a maldita sucuri nos persegue!

O velho mestre tinha razão. A gigantesca sucuri verde, formada pela interminável fila de "Q-T", começou a "engolir" a fila de soldados, tontos da travessia e dos vômitos. Os motores roncaram. Subimos no último "Q-T".

— A inana vai começar seu Cabo.

E é só pena que voa nas costas do praceba (E a velha sombra pulou para nosso caminhão).

Em terra, o dia amanhecera morrinhento, pesado, velho e cansado. O comboio avançou por uma estrada asfaltada, bordada de buracos de obuses. A brisa italiana, fria e cortando nosso rosto como navalha, invadia o interior de nosso "Q-T", gelando nossos pracinhas fardados com "zé-carioca" – farda tropical. O inverno europeu, com toda a sua fúria, punha seu hálito de fora.

— Eh! Eh! Seu cabinho mixurucas. (Conselheiro esfregou as mãos geladas, levou-as em concha à boca e soltou bafos para aquecê-las. Olhou a turma de companheiros apáticos e brincou) — Mirandense! Estamos correndo muito. Né?... Orópa, França e Bahia... (Deu

um estalo com os dedos, cuspinhou um esguicho pra fora do "Q-T" e brincou) — Com esse ventinho dos diabos, vai todo mundo virar picolé verde-oliva. Quiá... Quiá... Quiá...

Eu estava cansado, enjoado, sem vontade de pensar, encapado num mutismo muito mais gelado do que o vento que nos cortava. Não respondia e procurava não dar atenção ao velho camarada. Os pracinhas, coitados, gelados na farda de brim, procuravam se aquecer melhor, encostando aos colegas.

— Eita, bugrada infeliz! Agora a inana melhorou. O pracinha vai ser transformado em sorvete napolitano, com essência de tarantela. (Deu uma nova cuspida entredentes, salpicando rostos macilentos) — Pra massacrar o batráquio, o velho Chaveiro mandou essa chuvinha rala e manhosa, preguiçosa e ranhenta, que gela até a alma da gente... (Deu um suspiro e se perdeu nos braços da musa, não mais existindo no "Q-T").

No trajeto do comboio as crianças (restos de guerra) raquíticas, amarelas, maltrapilhas, esfomeadas, corriam atrás dos "Q-T", implorando "mangiare". Nosso caminhão deu um safanão, pinoteando nos buracos de obuses.

— Guerra desgraçada! Povo miserável! Gente porcaria que vive parindo criança ao léu... (Nova cuspidela) — Pracinha teimoso que vá pros infernos. Primeiro, foi a fornalha de Pedro Botelho, naquela barcaça imunda. Depois, vômito e merda. Agora, buracos, solavancos e crianças famintas. (Balançou a cabeça e completou) — Quá, seu Pascuá! O praça é mesmo filho do cão.

Por todos os lados, o pracinha via e sentia a passagem da guerra, com quem tornava conhecimento, sem ser apresentado. "Seria o início do fim?" – pensei com os meus botões. O comboio que nos conduzia

parecia uma outra sucuri, molhada e friorenta. A velha sucuri que nos seguia sempre. Chata e fedorenta. Desta vez, era uma sucuri empanturrada de pracebas famintos, pálidos, tiritando de frio e sorumbáticos. Ela ia serpenteando por crateras e monturos, por crianças molambentas e velhos esfarrapados que botavam como cogumelos dos entulhos fedorentos. Eram restos de combates. Crianças desgrenhadas, sujas, esquálidas, seminuas, ranhetas, lembrando asco e podridão. Um praceba catarinense, admirado, exclamou:

— Meu Deus, que barbaridade! Isto é amostra do inferno ou o próprio inferno? (Balançou a cabeça, com a Bíblia debaixo do braço) — Deus me livre! Não compreendo nada...

Às vezes, seu barriga verde, por necessidade de sobrevivência, as crianças vivem como toupeiras. (Conselheiro soltou um suspiro. Dedilhou o perfumado cigarro USA. Esparramou um olhar perdido para o dia pardacento que o demônio tinha pintado, numa paisagem tétrica e continuou, desta vez, consigo mesmo) — É a encarnação do próprio inferno de Dante...

— Serão essas crianças, os adultos de amanhã? (Indagou Cabo Güra, o catarinense que não abandonava a sua bíblia).

O mestre encarou a bíblia do Cabo Güra, aspirou com sofreguidão o gostoso fumo de Virginia-USA, soltou uma longa baforada e nada disse. Só ficara, em seus pensamentos, pedaços de frases, restos de orações da bíblia. Sacudiu os ombros magrelas, com indiferenças, e monologou:

— "Que importa? Qual a diferença?" (E deixou escapar um sorriso de escárnio).

Um gaúcho vermelhão e grosseiro nos gestos exclamou:

— Eita barbaridade! Povo sem lei, terra sem caridade!

A sucuri-frigorífico, saracoteando no lamaçal, avançava apressada para entregar, à domicílio, sua encomenda: carne-para-canhão. Os pracinhas, indiferentes, olhavam para os restos de guerra, à beira da estrada, que tremiam de frio e chorando suplicavam "mangiare", num dialeto incompreensível de sua região.

Pensando alto, um chimango deixou escapar:

— Será que esses bacuris nos odeiam... tchê?

Indiferentes, surdos, também famintos, os pracinhas nada viam, nada ouviam. Eram os novos zumbis da mãe pátria, empacotados para a famosa indústria dos "Heróis de Barro".

E a sucuri-frigorífico avançava para nos despejar no acampamento de Pisa: campo de caça da família imperial italiana.

— Cabo, missão cumprida! (Apresentou-se, todo empertigado, o velho camarada) — Nosso batismo de fogo não foi de bala. Foi de gosma, urina, fezes, imundices... (Deu uma cuspidela, com cara de nojo e completou) — Caldeia-se os heróis no líquido imundo da podridão humana.

Era verdade! Conselheiro sempre tinha razão! Tocava-se fogo nas caldeiras do inferno, para a fundição dos neuróticos Heróis de Barro.

CAPÍTULO VIII

NOS PRADOS DE CAÇA DO REI

Nas cercanias de Pisa, ficamos acampados nos Prados de Caça, da família real italiana.

— Agora, sou nobre de zé-carioca (E o bom Conselheiro aspirou uma gostosa tragada, deixando transparecer nos olhos, os devaneios de um caboclo poeta):

Estamos acampados
nos prados reais
de Zé-Carioca
à sombra dos pinheirais.

A minha sombra eterna não mais existia nos prados de Pisa. Seu espírito, galgando a velha musa, viajava pelo além. Eu não tinha tempo para dar atenção ao camarada. Eu estava atrapalhadíssimo, com a muamba de acampamento.

Voltando à realidade, o filósofo exclamou:

— Veja, mirandense cafurino! Nós caímos na esparrela. Estamos encurralados numa cerca de arame farpado. (Deu uma forte esguichada de saliva, entre os incisivos) — Essa não!

— Dizem que é pra segurança da tropa, seu Zé. Um sargento americano explicou que há muita mina individual, deixada pelos alemães...

O velho camarada cortou:

— O tal de *tedesco* é duro na parada. Ele parece bicheiro: cercou o pracinha pelos cinco lados. (O amigo coçou a cabeça e prosseguiu) — Hum... É por isso que esses gringos bestas colocaram essas tabuletas?

— Foi, companheiro. Foi.

— Quá, seu Pascuá! "Num dianta não... O negócio é só estrangeirada *KEEP OFF DANGER BOB-TRIP*[31]. No portão da guarda tem um baita letreiro escalafobético: *"BRAZILIAN EXPEDITIONARY FORCE"*. (Conselheiro coçou o cavanhaque imaginário, fez uma careta horrível e prosseguiu nas críticas) — E o desgranhado do gringo escreveu esta sigla "BEF" e pronunciava, com a cara mais lavada: "bife". Quá! Não dá pra entender! Bife para o canhão nós somos.

— Isso não é nada, seu Zé. O infeliz do pracebas vive procurando os graduados, pra traduzirem uma nova tabuleta. (Mudando o tom de voz, perguntei, com cara infeliz) — Já pensou? Eu, um mirandense... (Não pude continuar. A velha sombra cortou a frase):

— Já sei... Já sei... Na maioria das vezes, o tal Cabinho gabiru, muito mais burro que o pracinha. (E lá veio a chatérrima risada) — Quiá, quiá, quiá... (Encarou-me, sério e perguntou:) — Será que o americano não está traduzindo, para que o tal *tedesco* não descubra que aqui está acampada a tropa brasileira? (E concluiu, numa voz muito grossa e cavernosa) — DEVE SER SEGREDO DE GUERRA... (Deu-me um safanão, pra valer, e afastou-se, com ares de vitória, numa ginga de gorila desnutrido. E lá se foi, a minha sombra, soltando as risadinhas cabulosas, esganiçadas, que acabavam com os meus nervos).

***

Os dias passavam, sem novidades maiores, no acampamento dos prados. Ao longe, num horizonte avermelhado, o céu estava manchado de vermelho. Um dia, indaguei aos meus botões: "O céu estaria manchado com o sangue da juventude?"

[31] A expressão é uma corruptela de "Ficar fora de perigo" [N/O].

E o nosso sossego, no acampamento, era sobressaltado pelo ribombar constante, fazendo tremer o recruta na farda jegue. De longe em longe, um gargalhar esdrúxulo e nervoso cortava o ar, convidando o pracinha virgem, aos acordes do ritmo fúnebre, dirigido pela megera da foice. Era a temível "lurdinha", num gargalhar macabro, ceifando nossos jovens do 1º Escalão.

— São os acordes sinistros da guerra, entoados pela sintonia das armas modernas, sob a batuta do maestro *Deux ex Machima...*

— CALA!... Pelo amor de Deus! Até aqui? Por favor... (E veio, embaralhada com o ribombar distante, a saraivada de palavrões, que eu vomitava em cima de minha velha sombra). — Cala! Por favor...

Lá no céu, deslizando num mar azulado e sereno, as nuvens passavam, empanturradas de verão, como imaculados veleiros, sem serem contaminadas pelos bafos pestilentos da Terra que soluçava e gemia.

O mundo agonizava
a Europa gemia
o poderoso gozava
e a mocidade morria...

Era Conselheiro, devaneando nos clarões que se perdiam num horizonte em chamas, abalando os nervos do virgem-pracinha, caldeando pra guerra. Pra maldita guerra dos gringos.

No acampamento dos Prados de Caça, recebemos, como barraca para dois homens, uma coisinha de lona verde-oliva, que só cabia um pedaço do praça.

— Quá, seu Pascuá! Este arremedo de barraca só cabe o pensamento do pracinha. (O filósofo coçou a cabeça, deu a chamuscada de saliva entredentes, fez uma cara de nojo e prosseguiu nas críticas:) — Essa coisinha, até parece de escoteiro-mirim. Eita, caxias besta! Nem

na guerra o pracebas não tem vez. Ala pinta!

— Calma, Conselheiro. Vamos dar um jeito nisso...

— Seu Cabo que calma? Não ouviu quando o sargento disse que é barraca pra dois homens? (O filósofo fez força pra abafar o azedume de palavrões que fermentavam no íntimo) — Só quero ver é a sua calma, quando o seu derrancho apresentar-se para a posse de seu direito de metro. (E soltou a sua risadinha aflautada) — Quiá! Quiá! Quiá!

— Ora, seu Zé! Tenha paciência. Você...

Não pude continuar. Minha sombra-eterna deu-me um safanão e matou a nossa discussão, com esta bomba:

— Você sabe quem é o seu derrancho? (Piscou um olho, com a cara mais safada do mundo) — É o Trovão, o tal carioca de dois metros e com 100 quilos de tutano...

Fiquei arrasado. Zé-Conselheiro tinha razão. Como cabo apontador da 2ª Peça, eu teria, como derrancho o cabo apontador da 1ª peça, conforme rezava o nosso RISG, lá no Brasil.

— Infelizmente, meu caro, é assim. Primeiro, o pracebas cumpre as ordens, para depois chiar. (Respondi, não com muita vontade).

— É isso mesmo, Pantaneiro. O pracinha só tem dois direitos: serviço e cadeia...

E lá se foi, pela manhã morrinhenta, as comparações dos dois "guerreiros" mamelucos, que atravessaram o Atlântico pra guerra dos gringos.

***

Depois do rancho, cada um procurou a sua barraca, para uma

sesta. Quando Trovão chegou, meus cabelos arrepiaram. Era um rapagão carioca, fardado num corpanzil de 1,90m e atarraxado no zé-carioca, com seus 80kg de músculos e saúde. E eu? Um magricela pantaneiro, com 1,75m, também atochado num jegue zé-carioca, com meus 54kg de osso e couro.

Quando o cabo Fernando (mais conhecido por Trovão, por causa de seu vozeirão) chegou, risonho e gesticulando, quase caí. Era um gigante. Apresentou-se numa voz forte, que tremeu a barraquinha. O danado do carioca tinha um peito dos diabos. Não perdemos tempo. Pegamos a muamba e começamos a montar nossa minúscula barraca.

— É barraca de meia etapa... (Sentenciou o velho filósofo) — O praça aborígine é, antes de tudo, um improvisador.

— Calma, seu Zé! Vamos trabalhar e largue de filosofar...

Depois de pronta, a barraquinha era uma gracinha, pequeninha, verdinha, estreitinha...

— Vamos experimentar o nosso Palácio das Laranjeiras? (Convidou o risonho Trovão, sempre com brincadeiras).

Se bem convidou – entrou. Eu entrei logo a seguir. Foi uma gracinha de comodidade. Nossos pezinhos (41 e 44), ficaram pra fora. Procuramos encolher as pernas, para protegê-los. A coisa piorou. Nossos joelhos se chocaram, na casa de joão-de-barro.

À noite, resolvemos a situação fazendo a escala: pés pra fora e pés pra dentro. Cada noite, era um que tinha o direito de dormir com as pernas encolhidas, para proteger os pés da fria madrugada italiana.

Alguns dias depois, o nosso bom Sargento Zadir, comandante da nossa Peça, conseguiria uma outra barraca e a entregara para Trovão.

— Pois é, Cabo Gabiru, o nosso Terceirão Zadir, como bom sargento Comandante de Peça, solucionou mais um problema da FEB. (Minha sombra enrugou o narigão vermelho) — Ainda dizem que os cobras foram na estranja fazer curso especializado de guerra. Oxente!

— Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, professor. Você...

Não terminei a defesa. Cabo Trovão, com sua voz estrondosa, interrompeu, rasgando a boca no largo sorriso:

— Lá vem o defensor das causas perdidas! (E maneirando a trovoada do vozeirão) — Seu Conselheiro, onde é que este bororo descobriu a Falida Faculdade das Causas Perdidas? (Piscou um olho para minha sombra e arrematou) — Será que foi na Borórolândia? (E sacudiu o corpanzil musculoso, numa gostosa gargalhada que ribombou pelo ar, talvez ressoando nas trincheiras dos soldados que, irritados, responderam com outro gargalhar, muito mais possante: a lurdinha).

— Nada disso, Trovão! Esse morubixaba tem a mania de pano quente, o melhor remédio das comadres. (Correu os olhos pelos companheiros que escutavam a discussão, prosseguiu, contente com as comparações bem encontradas) — Nos cursos de especialização, o soldado é uma sombra abstrata, vaga e irreal. O praceba é uma teoria remota e intangível. É um bando de bonecos fardados, sem personalidade, sem vontade e sem amor próprio. Bonecos fabricados pra obedecer! (Deu um pontapé num inimigo imaginário e rosnou uma praga inaudível. Salpicou o ar e nosso rosto, com uma saraivada de cuspe, esguichada com raiva) — É carne pra canhão!

Cabo Trovão apenas resmungou:

— É... é isso mesmo... huuummm...

— O progresso se especializa na arte de matar. O problema hu-

mano é desnecessário pela estratégia prussiana. Tudo gira em contraste dos Mandamentos Divinos: "NÃO MATARÁS". (O cabo Pantaneiro correu os olhos em volta dos companheiros, gostando das comparações) — Suas pesquisas, suas lutas, seus cálculos matemáticos, são produtos de uma úlcera nos cérebros doentios, que tudo corrói.

— Nossa! Seu Cabo. Onde aprendeu tudo isso?

— Na vida... na vida... colega Trovão.

E as discussões continuaram, até que o clarim chamou a bugrada pro rancho das onze.

***

Naquela corrutela de lona verde-oliva, os dias escorregavam com lentidão, arrastando seu marasmo na lambuzada alma do pracinha saudoso e triste. O pinheiral que cercava o nosso acampamento parecia um bosque de gigantescos cogumelos, pintados de verde. Nos fundos, lá em cima, num horizonte perdido, o mesmo vermelhão que nos perseguia borrava o céu, lembrando o pracinha do além-mar que os combates eram abalados na barragem dantesca da artilharia pesada... ritmada no gargalhar satânico da lurdinha miserável, que enlouquecia, estraçalhava e selava a ordem de matar.

E lá veio minha sombra, companheira eterna, com a sua filosofia:

— A infeliz mocidade de minha terra foi arrastada pela maré negra de sua geração enlouquecida pelo orgulho pátrio, afogando-se nos combates de horror e miséria, em holocausto a uma pátria que se tornara MADRASTA...

Zé-Conselheiro tinha razão. Ele sempre tinha razão.

O trovejar sem fim, dia e noite, noite e dia, ecoando nos pinheirais, abalava até a medula. Fazia tremer o velho pracebas, entorpecido no acampamento dos Prados do Rei. A natureza chorava e gemia, nas explosões diabólicas. Os jovens, animalizados, retalhavam, com fúria satânica, o seio carinhoso que um dia os acolheria com ternura.

Ainda consegui ouvir, dos lábios de Conselheiro, restos de poema:

O Velho Continente agonizava
O coração materno sofria
O adulto, em nossa pátria, gozava
E nossa mocidade morria.
E do outro lado do mar
Mamãe chorava... chorava... chorava...

A vida no acampamento dos prados fazia o mundo exterior parecer distante... muito distante, apresentando-se como nos sonhos em sobressaltos de negros pesadelos. Eram cenas de um palco longínquo... nossas vidas de brasileiros... recordadas nas imagens distantes, como se vista por uma luneta de lentes invertidas.

Arrastando na indolência dos dias repetitivos, o praceba vegetava nos suspiros das saudades de sua terra e de sua gente. Um sol esmaecido, preguiçoso e cansado de tanta desgraça, arrastava na sua trajetória a infeliz missão de iluminar um continente destroçado pela potência do seu próprio progresso bélico. Só a noite, eterna companheira dos esquecidos, tinha o direito de esconder na sua bocarra negra, as misérias que o homem lançava na cara da terra tão generosa! E no manto negro, as estrelas, envergonhadas, piscavam no firmamento, evitando iluminar as vergonhas de nossa infeliz geração. A própria natureza, compungida, chorava em respingos de garoas... salpicando a capa negra de luto e dor em que a tara dos mandões encobrira seus

semelhantes na ganância de poder!

...E os chuviscos dos dias tristes, pequeninos arroios nas lonas das barracas silenciosas.

Lá fora, no terreno úmido e lamacento, um praceba mais ousado enfrentava o tempo e a solidão do acampamento que ressonava na sonolência do tédio.

***

E o nosso acampamento vivia numa insuportável lassidão. Às vezes, a monotonia era cortada por uma ordem pra receber material de front: farda, agasalho, armamento... Enfim, tudo ia chegando aos poucos, para abarrotar nossa diminuta barraca de escoteiro mirim.

— Seu cabo, meu botequim não tem mais lugar. Requisite uma barraca pra depósito de guerra... (E lá se foi outra cuspinhada em esguicho)... Pra gente dormir neste quiosque que o caxias apelidou de barraca, preciso tirar toda a muamba pra fora! Ela é tão pequena seu Cabo, que não cabe nem sonho da gente... (Encarou-me com ar debochado e floreou na comparação)... Outro dia, seu Bororo, amanheci esmagado sob uma porção de pirâmides verdes... (Lançou-me um olhar inquietador e voltou a sorrir)... Sabe quais eram as pirâmides de meu sonho?... (Sacudi a cabeça)... Não?... Ora! Eram meus sonhos que saíram espremidos na forma desta porcaria que os cobras apelidavam de barraca.

— Tenha calma! Já estamos perto de ficarmos livres desta nojenta barraquinha de anão... Vá filosofando, seu Zé... Dizem que logo seremos destacados para o front... E....

Não pude continuar. Conselheiro atalhou:

— Calma! Calma!... Depois de uma miséria, uma desgraça?... Quá!...

E a discussão prosseguia pela tarde a fora no interminável assunto das acomodações na barraca dos anões.

A temperatura caía, gradativamente, em busca do rigoroso inverno europeu. Nossa física, pela manhã, teve que ser interrompida. Uma respiração mais forte, enchendo, repentinamente, os pulmões de ar gelado poderia matar um homem nos exercícios – como nos ensinaram mais tarde.

Nosso companheiro Canca, inimigo figadal da física, veio aos pulos, todo satisfeito, comunicar a boa-nova:

— Altos avisos, macacada! E é só pena que voa... Não vai mais haver física! Viva! Viva!

E saltitante, gesticulando a imoralidade dos que se saciavam na masturbação noturna com as mãos, continuava gritando o que tantas vezes repetira, de manhã, quando tocava a alvorada:

— Altas masturbações! A bugrada já pode masturbar a noite toda... não tem mais física...

Eu que já era um dos poucos amigos escolhidos pelo Canca procurei avisá-lo do perigo de ser ouvido por um cobra e ser chamado por isso. Chamando-o com sinais nervosos, falei:

— Calma, Canca! Os cobras podem ouvir e você leva um chupão nos olhos, e é só pena que voa das suas costas!

— Não liga, seu Cabo! Todo mundo neste acampamento masturba de noite... (Fechou os olhinhos mongólicos, num sorriso brejeiro, deixou ver duas fileiras de uma dentadura forte, branca e graúda) ... Ora, seu Cabo, até as irmãs tocam bronha nos mosteiros! (E, sacudindo o dedo em meu nariz, continuou, sempre risonho) — Eu li a história de uma irmã... bo...ni...ta... que de tanto tocar bronha, não aguentou

mais e rasgou a vagina num acesso de histeria... (E meteu a mão entre as pernas, num gesto indecente, para confirmar o que acabara de falar).

Eu quis falar qualquer coisa. Canca não esperou resposta alguma. Saiu saltitante, qual cabritinho novo, brincando com um e com outro, aqui e além, na sua característica alegria limpa de órfão dos homens e do mundo. Canca tinha mania de encampar a sua sensibilidade virgem, pura e honesta, nas bárbaras comparações de luxúria. Quem não o conhecesse, teria logo a impressão de enfrentar um devasso: puro engano!

Todo o acampamento começou a se preparar para os rigores do inverno. Adaptar-se as barraquinhas desenhadas para os trópicos brasileiros. Como era bisonho nosso exército! A que ponto chegamos...

Também eu saí em campo, com alguns companheiros, à procura de alguma coisa que aliviasse a friagem que a terra úmida transmitia na tarimba forrada no chão.

— Cabo velho, eu não aguento mais o frio da barraca... A lona amanhece dura na geada, como papelão! E eu duro como picolé! Vamos forrar o chão da barraca? (E numa advertência ao velho amigo, eu fiz com que ele recordasse das tabuletas que eu tanto temia) — Lembre-se dos avisos: *tedesco* espalhou minas por toda parte...

— Ora! Tenha paciência! Será que você está pensando que vai voltar com vida? Já esqueceu que isto é guerra? (Fez uma pausa, tirou uma boa tragada do inseparável Virginia e fez a pergunta que não gostei) — Será que você prefere morrer congelado? (Mudou o tom enfezado da voz e continuou nas comparações) — Também, seu Cabo, é esta chuvinha que deixava a gente morrinhenta, igualzinho criança de bairro pobre em barraco sem porta (Passou a mão no queixo, olhou para cima em busca de inspiração, consultou o barômetro do céu, cus-

pinhou um escarro no ar ranhento). Nesta maldita terra, nem o tempo a gente conhece [N/L] que aqui, São Pedro também faz tempo explicado nas tabuletas dos gringos...

E continuou nas comparações do tempo, enquanto procurávamos o que amenizar a friagem de nossa tarimba no chão da barraquinha.

O termômetro descia com rapidez incrível... em obediência ao rigoroso inverno italiano. A tropa sofria, sem defesa. Os ataques contínuos do famoso general inverno... nosso mais temido inimigo!

Qual animal selvagem que sai em busca de ciscos, fiapos, raminhos, pra formar a sua toca de hibernação? O pracinha tiritante enfrenta os perigos dos campos minados pelos alemães, em volta de nosso acampamento, à procura de algo que lhe mitigasse um pouco as agruras de uma noite mal dormida, e o aliviasse do insuportável frio que lhe penetrava até as medulas!

Com pedações de tábuas, com farrapos de pano velho, com ramos e folhas secas, o incrível soldado de Pindorama conseguia tornar, um pouco mais suportável, a tarimba desumana que o exército teimava em chamar de cama de acampamento.

— É porque os burros planejaram material para os trópicos...

— Chega, professor! Vamos trabalhar... depois nós xingamos até a quinta geração deles... Tá? ...

E os dois infelizes, remoendo maldições aos responsáveis pelas agruras da tropa, descarregavam bílis nos ascendentes dos cobras. Abaixando aqui... ciscando ali... vasculhando além... os dois iam procurando os restos esquecidos por outros pracebas que lá também já andaram procurando.

Entre uma busca e outra, Zé-Conselheiro ia soltando das suas:

— O homem, seu Cabo, esse animal com um pequeno verniz de civilização, é a pior das espécies da fauna terrestre. Ele...

Cortei as palavras do bom amigo, evitando uma torrente de comparações que já conhecia. Carregando no cenho, perguntei:

— Ora! O que é isso, seu Zé? Você...

— É isso mesmo! O homem, meu amigo, se aclimata ao mais vil dos ambientes, regredindo, em sã consciência, na sua escala animal. Se não vejamos... (Espichou a beiçola para a direção de nossas barracas e continuou), essa nojenta arapuca de lona verde-oliva que o caxias apelidou de barraca... é a prova incontestável de tudo o que acabei de falar! (Deu umas palmadinhas consoladoras em minhas costas vergadas nas amarguras dos dias mal vividos) — Desminta, se for capaz! Vamos! ...

Fiquei aniquilado. Não sei se com as verdades do velho camarada ou se com a realidade dos fatos.

Revirei a caixa encefálica em busca de uma resposta e nada encontrei. Conselheiro tinha razão! Eu sempre dizia para meus botões: "Em tudo, Zé-Conselheiro tem razão!". O filósofo era amargo nas comparações, às vezes cansativo! Estava sempre estribando até a sapituca de exemplos reais e vivos! Pra que teimar?

Calar, para não errar, era o mais acertado. Calei!

***

Em nossa miserável vida de acamados, tudo era rotina, tudo era cansativo e chato! Tudo era enervante e insuportável! O maldito cheiro de homem, que tanto nos perseguira no navio, continuava queimando nossas narinas, em todos os cantos, em todos os lugares, em todos os momentos!

Numa tarde manhosa de garoa, Canca – o maior inimigo de batinas – veio correndo para dar uma de suas notícias. O bom Camarada, em tudo, ou quase tudo, me procurava para descarregar suas queixas, ou desabafar suas mágoas. Outras vezes, em busca de explicações, na maioria para traduzir alguma expressão em italiano ou inglês, pois já tínhamos contato com o povo da terra Garibaldi.

— Cabo, sabe da nova? (E aguardou, uma fração de mundo, para dar maior ênfase à sua pergunta, todo esbaforido)... O santo padre foi de jipe até Firenze. Veja! Seu Cabo... Até o bicho de saia tem o direito de procurar cheiro de mulher.

— Nada disso, Canca! Ele...

— Não venha com defesa de mau jeito, seu Cabo! (Era o velho Conselheiro, correndo em auxílio ao Canca).

— Eu não estou procurando defender...

— Espere! Espere... (Gritou o Canca)... Quem está contando a história sou eu. (E bateu no peito seco, com pose de narrador hindu) Em Firenze, mulher é mato!... Assim!... (E fez com os dedos, o gesto de grande quantidade). Lá, a gente consegue mulher até por um maço de cigarros. E nós, desgraçados, aqui na maldita... tendo que masturbar como tarados... E o Santo Padre nas bacanais de Firenze!

E o inconsolável camarada, com gestos e desabafos, ia revirando as histórias contadas pelos motoristas que tinham a felicidade de conduzir os oficiais para suas missões guerreiras!

— Missões de guerra, é conversa pra besta... Eles vão é fazer a descarga do sexo. (Cortava, de vez em vez, o velho Conselheiro, não deixando de irritar o bom camarada que nos explicava as peripécias de nossos camaradas).

Nosso acampamento, localizado a alguns quilômetros da cidade de Pisa, fervilhava na expectativa de uma licença que não vinha.

— É a tara da prepotência e do mando... (Reclamava, sempre que o assunto surgia, o velho professor).

Uns, reclamavam com o espírito de aventura fácil. Outros, ainda enlevados em sonhos de arte, mantinham palestras sobre a tão decantada Torre Inclinada de Pisa. Alguns poucos religiosos no duro, com fé inda cheirando virgindade, trocavam ideias das possíveis maravilhas de sua catedral, do famoso batistério, a tão poucos quilômetros dali.

— Essa praga dos cobras, seu Cabo, traz num suplício chinês (Coçou a cabeça, num gesto conhecido de quem procura a expressão apropriada). — Ah! Lembrei... suplício de Tântalo...

Eu, naturalmente, tinha meus devaneios sobre Pisa. Com meus botões, com medo que o Conselheiro ouvisse, indagava: "Como seria Pisa? Seu povo... costumes... ruas...".

O que era mais intolerável, nesses devaneios, era suportar os comentários dos pracinhas revoltados, angustiados, acabrunhados, contando fatos e casos de conquistas dos felizes que acompanhavam os cobras, nas folgas para a cidade encantada!

— Lá... (Dizia um motorista sofisticado), mulher é mato! Compra-se até com cigarros. (E deixava transparecer um olhar gaiato, cobrindo de inveja seus atentos companheiros que o rodeavam). — Chi! Nem é bom falar! Tem cada broto!

E lá vinha uma carrada de informações que deixava o pobre coitado na desdita, com minúcias de fatos vividos por ele! Os mais fracos, como é natural e humano, não podiam suportar as cenas descritas e

(animal ou homem?), num recôndito lugar, nas imediações do acampamento, extravasava a força de sua mocidade recalcada e de seu sexo enjaulado, no silêncio que tudo encobre! A mocidade encurralada de minha terra, sofria no sexo e na carne, as misérias de uma guerra que ela não tinha o dever de alimentar e nem a obrigação de por ela lutar! Era uma guerra de gringos... entre gringos!

Morria-se na podridão do ambiente sexual, antes dos combates miseráveis que o front nos aguardava.

Nos momentos de lazer, deitados na sombra dos pinheiros que o praceba já vasculhara em todas as direções, sem mais respeitar as tabuletas escritas em inglês, "as minas são feitas para quem sabe gringo", eram as arengas que o infame pracinha resmungava, quando advertido dos perigos que os bosques de pinheiros nos apresentava. Era nas sestas dos pinheiros que o velho Conselheiro sempre tocava no assunto do sexo que minava a tropa:

— Cabo, por que será... (E rodopiava, diante dos olhos sonhadores, um fiapo de capim), por que só os oficiais têm o direito de dar umas voltinhas? Será que no exército somente os cobras é que têm cunhão?...

— Ora, Conselheiro, que pergunta!

Zé-Conselheiro já estava viajando. Não adiantava continuar. Sempre rodopiando o fiapo de grama nos dedos encardidos de nicotina, continuou, como se falasse para si mesmo:

— Quando eu era criança, ouvi muitas histórias da grande guerra, de revolução brasileira... (Parou de rodopiar o fiapo, encarou o tubinho verde, cheirou, fez uma careta e continuou, sempre aéreo). Lembro-me perfeitamente, ter ouvido de um camarada barbudo, num almoço lá de casa, contando ao papai, que os soldados de seu regimento recebiam ração temperada com salitre, para não terem tesão.

Eu, deitado de papo pro ar, escutava, sem nada responder, os devaneios do bom camarada. Mastigava um canudinho de capim... cismarento. O bom Conselheiro virou-se de barriga na grama, balançou os pés no ar, e largou esta verdade que eu ainda não havia notado:

— Sabe de uma coisa, Pantaneiro? Eu sou macho que acorda com o mastro em posição de sentido. Macho sim senhor, (Deu um soco no gramado ressequido pelas geadas intermitentes, como se esbofeteasse a cara de um cobra) mulher, para mim, seu Cabo, passava na cara, às pampas. Quantas apareciam, quantas queriam, em qualquer lugar (Soltou uma cuspinhada numa formiguinha teimosa que não convencia em ficar presa entre dois raminhos de grama). Estou começando a ficar desconfiado com a nossa boia. Às vezes, nem me lembro que tenho pinto. O bicho anda murcho, como coró de coco (Deu um repelão no corpo magricela e ágil, voltou na posição antiga: papo pro ar, apontou qualquer coisa lá em cima, com o tubinho de grama como fuzil, sorriu para sua figura imaginária trepada no pinheiro secular e matraqueou). Todo mundo anda procurando as meninas que vivem escondidas nas moitas dos pinheirais, para que elas saciem seus tesões atrasados nas mãozinhas sujas e magras de garotas esfomeadas (atirou o fiapo de grama que rodopiou num chuvisco de saliva arremessada entredentes. Cruzou as mãos e as colocou, como travesseiro, embaixo da cabeça. Deu um suspiro – de alívio ou de saudade? – continuou em suas divagações, como se eu não existisse ao seu lado). Quá, mundo besta! Eu é que não tinha essa coragem. Prefiro masturbar na barraca (Cuspiu com cara de nojo e me encarou, como se eu fosse o único culpado de tanta miséria). Gente tarada!

Zé-Conselheiro tinha razão. Pelo acampamento corria a notícia de que pelos pinheirais em volta, encontravam-se escondidas, nas poucas ralas moitas que as metralha dos combates deixara escapar, algumas garotinhas de Pisa, que andavam saciando os soldados aliados com as mãozinhas esqueléticas, em troca de comida.

— O caso é muito perigoso, seu Cabo! (Afirmou um pracinha que tinha dado sua "tocha"). Não esqueça que o *tedesco* encheu esta porcaria dos pinheirais com mina individual. Tenha muito cuidado! Veja lá... uma bronha tocada por uma garotinha italiana não merece a vida de um pracinha. Masturbar na barraca, é muito mais seguro. (E lá vinha a risada debochada, boçal e acafajestada, que a maldita guerra colocara nos lábios de meus camaradas).

Tanto os problemas do sexo, como o termo masturbou, eram coisas tão corriqueiras, como entrar em forma para o rancho. Discutia-se o assunto de fome do sexo, como se discutiria o assunto de fome do estômago, vergonhosamente evitado pelos responsáveis de nossas tropas...

— Lógico, sua comadre dos panos quentes! Os cobras evitam o problema do sexo [para os] soldados, porque eles já resolveram os deles... Não são eles os donos do jogo?... (E fez a comparação que me aniquilou)... Enquanto eles gozam nas biondas[32] italianas as saudades das esposas distantes, o praceba geme na solidão da barraca, saciando com as mãos a força de sua mocidade que grita... (Conselheiro deu uma piscadela e continuou)... Não é muito mais cômodo para eles... Mateus, primeiro os teus!... e o pracinha que se dane! Soldado foi feito pra carne de canhão... O que já é uma glória na história!.. (Olhou para a sombra que lhe causara tanta polêmica e continuou com cara de poucos amigos)... Não fiquei chocado, chô!... Você quer maior glória pra uma pobre mãe do que receber um telegrama de um general com os dizeres: "SEU FILHO TOMBOU EM COMBATE! É UM HERÓI QUE A PÁTRIA VENERA!".

— É... (Soltei, com certo receio de apagar os devaneios tão bonitos do meu velho camarada com a sombra do pinheiro que somente ele

[32] Loiras [N/O].

via)... É... seu Conselheiro, são verdadeiros Heróis de Barro que tanto você fala.

O bondoso mestre que não esperava por esta, arregalou os olhos e virou-se de bruços, num só golpe de corpo, como se quisesse fugir da realidade que tudo embrutecia, e quedou-se no silêncio que foi cortado pelo chamado do rancho...

Os avisos, as tabuletas de alerta, os guardas destacados nos lugares mais perigosos e para deter os pracinhas mais ousados... tudo enfim que os americanos colocaram para salvaguardar a segurança da tropa, nos pinheirais de Pisa, tão infestados de minas, não adiantou para conter o grito de sexo, muito mais forte do que a própria sobrevivência. Os prados do rei, como era conhecido, foram sendo desbravados pela desmedida indiferença do pracinha ou (quem sabe?) pelo espírito aventureiro dos avoengos bandeirantes que gritavam no sangue jovem da mocidade brasileira, lançada, nos prados do rei, em busca da presa que lhe saciasse o instinto que a nojenta guerra procurava sufocar...

Talvez, muito mais forte do que a segurança e a vida, a lei da sobrevivência da espécie (gritando no sexo) dominava a maioria de nossos soldados. Que falem os doutos e entendidos no assunto. Eu, como tantos outros milhares de soldados, dava meus passeios pelas redondezas do acampamento, com relativa cautela e cuidados. Um pouco acovardado no instinto de defesa. Com o passar dos tempos, a rotina de cautelas acaba por se tornar muito cansativa. O perigo, quando constante, torna-se um complemento do dia a dia e passa a ser desprezado pelo homem. Assim, o front nos ensinou...

Nos passeios diários, embrenhava-me por todos os quadrantes dos pinheirais, procurando fugir da realidade cansativa e intolerável de nosso famigerado acampamento das cercanias de Pisa.

Um dia, um pracinha gaúcho, mais ousado nas suas andanças, saiu com o novo fuzil a tiracolo, com desculpas de exercícios.

— Esta porcaria eu não conheço, tchê!... Parece arma dos maragatos!... Barbaridade!... Vou fazer umas experiências, tchê!...

Ainda que pareça incrível, o "de origem" voltou, horas depois, todo orgulhoso, com um maravilhoso cervo que caçara nos prados da vizinhança, em plena guerra.

— Sim senhor, seu Cabo!... Oxente!... Até parece conto de fadas! Quem havia de pensar que um praceba "de origem" havia de caçar um galheiro nos prados do rei?... E o pior de tudo, seu Cabo, é que o tal batráquio da caçada, é um gaúcho "de origem".

E o bom Conselheiro, sempre sorrindo, completou seus pensamentos, dando-me palmadinhas nas costas doloridas pela miserável tarimba da barraca.

Muitos dias passados, o pobre Conselheiro não podendo esquecer o gostoso churrasco do cervo dos prados, que fora devorado em espetos, comentava, com azedume, o belo pitéu:

— Quá, mundo desgranhado! Comida é churrasco dos guascas.

Acocorado, mastigando e resmungando, resmungando e mastigando, Zé-Conselheiro, com a marmita na mão, ia massacrando, com raiva, a boia com o garfo conjugado. Com uma cara que metia medo, ia mastigando a gororoba e, num resmunado às vezes incompreensível, ia soltando comparações das mais absurdas. Num suspiro mais profundo, dos muitos que já havia soltado, nosso bom filósofo convocado continuou:

— Quá, mundo desgranhado!... Que churrasco!... E que farra minha barriga fez!... E tem ignorante que afirma que barriga não tem saudades!

Olhou em volta, como se esperasse um revide. Não o encontrando, encarou o espaço vazio... deu uma cuspidela com respingos da gororoba e prosseguiu.

— Barriga tem saudades, sim senhor! Tem sim! E é a mais doida das saudades... (Virando-se para um colega que era companheiro inseparável do gaúcho caçador, perguntou-lhe com a boca entupida de gororoba reúna, espirrando fagulhas para todos os lados)... Por onde andará a peste do guasca que é bom caçador?... Já era tempo desse maragato de origem nos convidar para um novo churrasco à moda da casa. Tá?... (Balançando a cabeça, o velho filósofo encerrou a conversa que não teve resposta)... Vai ver que esse sulista é um racista "de-origem" e não gosta de dar banquetes pra nativos sul-americanos...

CAPÍTULO IX

PARA SEMPRE SEJA MALDITA...

Nosso acampamento fervilhava na expectativa de um passeio na cidade famosa de Pisa. Os peixinhos dos cobras tramavam os pauzinhos e queimavam pistolões, para que seus nomes fossem arrolados na lista dos felizardos. Quanto a um deslocado praceba da 1ª Bateria, o dia, tão ansiosamente aguardado, chegara!

Com a bugrada em forma, nosso "querido" capitão lia, todo empavonado e pedante, os nomes dos contemplados com o passeio. Era de se ver: o bicho, carregando nos "RR" e nos "SS", sibilava uma insuportável lenga-lenga de milico, que não terminava:

— Vocês estão escalados para dar um passeio na cidade de Pisa, como prêmio de repouso...

Com o polegar em riste (gesto que o acompanharia, para infelicidade nossa, para o resto da campanha), o antipático CAPITA ia discorrendo balelas, como se ministrasse aulas num jardim de infância. Os nomes eram cantados e, um de cada vez, avançava, jubiloso, para receber do empavonado comandante, sua licença por escrito e muito mal redigido.

— Veja, Cabo!... Ele é o dono da situação!... Note só, o jeitão do nojento: orgulhoso, pedante e posudo na sua farda bem engomada... (E mudando o tom de voz)... Onde será que esse infeliz encontrou tintureiro na guerra?... Quá, seu Pascuá!.. (E metendo o indicador amarelo de nicotina no meu nariz, arrematou com entonação de voz bem grossa)... É uma figura bem grotesca de janota guerreiro, capitão antipático, completei com expressões entredentes:

— É uma caricata imitação de líder prussiano!... (E, depois, meio envergonhado, continuei, como se pedisse desculpas)... Isto, seu Zé, parece que li numa publicação americana...

Em dado momento, a imitação de homem encarou-me, todo arrogância... e leu meu nome, com imponência marcial, como se fosse lambuzar meu peito com uma condecoração guerreira. Meu corpo tremeu, na reação natural dos contemplados com a sorte grande. Na leva dos peixinhos, lá estava eu, um felizardo, todo trêmulo, recebendo das mãos do afeminado comandante, a licença que tanto eu sonhara...

Passei o dia cantarolando.

Tudo era alegria em minha volta...

Qual um garoto que vai, pela primeira vez, conhecer os lugares tão sonhados para suas diabruras, eu, um desconhecido cabo daquela bateria, andava eufórico, num vai e vem desnorteado, em busca de TOCHA emprestada para o passeio.

TOCHA = Para visitar uma cidade, o soldado preparava seu bornal com: chocolate, cigarros, manteiga, sabonete, pentes, giletes, latas de conservas de nossas etapas, etc., que o incrível pracinha de minha terra batizou de "tocha", não sei qual a razão. Enfim, tudo que servisse ao italiano, para o seu famigerado mercado negro. A "tocha" tinha muito mais valor para as "borboletas" do que as liras que recheavam nossos bolsos. Enfim, um praceba que se presava, só enfrentava suas andanças em busca de sexo, com o embornal repleto de "tochas"...

A jornada para Pisa, era longa e cansativa. Nosso mui digno comandante da unidade, dava-nos a licença por escrito e não nos dava o transporte. A condução era somente para eles, os senhores da guerra e de outras barbaridades congêneres!

— O praceba que se dane! Soldado vive de teimoso... (Era Zé-Conselheiro, todo enfezado, marchando em círculos, em volta da barraca, como peru embriagado).

Fiquei calado, porque já conhecia o bom amigo nessas situações de revoltado que não admite um diálogo.

Numa distância de muitos quilômetros, suei a cântaros, nesse primeiro passeio de guerreiro premiado.

Eu era um recruta em tudo! Um ingênuo... Um soldado virgem...

A longa estrada que ligava os prados de caça com a cidade de Pisa, era asfaltada, com arborização lateral, dando a impressão de uma avenida muito comprida e sem fim... Em outros tempos, devia ter sido muito bonita.

Conselheiro caminhava ao meu lado, resmungando que só uma sogra. De tempo em tempo um jipe, com o emblema do Cruzeiro do Sul (que para nossos pracinhas era o emblema da desgraça, pois só carregava os cobras que, em sua maioria só nos dava desgosto), passava sibilando, em louca disparada.

— Lá vinha sua eminência verde!... O famigerado periquito real do pobre Brasil!... Em busca de repouso para sua sacrificada vida de pai da pátria!... (E Conselheiro soltou uma cusparada no redemoinho de pó que o jipe nos lançou na cara).

Foi a última graça: os borrifos, misturados com o pó, lambuzaram meu rosto e provocaram uma praga:

—Vá pros quintos dos infernos, seu....

Não pude continuar. Conselheiro aproveitou e começou:

— É, seu Cabo! Essa nojeira toda me fez lembrar da bela Frinéia...

(Passou as costas da mão pelo queixo, como se acariciasse um cavanhaque hipotético)... Ah! A bela Frinéia....

Assustado com a comparação, perguntei:

— Quem é essa Frinéia?... Alguma...

Conselheiro não mais existia na terra. Não deu ouvidos ao companheiro ignorante e prosseguiu:

— ...É o triunfo imoral da carne e da beleza!... (Fez uma pausa, deixou escapar um sorriso de escárnio, lançou um olhar vago para o céu que debochava da mocidade que morria e continuou a divagação tão a seu agrado)... Frinéia... Frinéia... Se não me engano, era a famosa cortesã grega, dos belos tempos de D. João Charuto!... Frinéia... Frinéia... (Balançando a cabeça, Conselheiro ia soltando frases entrecortadas de suspiros profundos, como se sentisse saudades da cortesã grega. Conversava com alguém que eu não conseguia ver)... Frinéia... Quantas virgens Frinéias nesta guerra?... Ah, mundo desgraçado das Frinéias impúberes!

E lá iam, arrastando no cansaço da jornada, um cabo azedo e uma sombra revoltada!

Em sua maioria, o jipe conduzia um senhor oficial, dirigido por um praça. Não dava carona pra ninguém!

— Também, como poderia sua eminência promiscuir-se, num pequeno jipe, com um mísero praça do acampamento?... (Nova golfada de saliva no redemoinho de pó. Nova saraivada na minha cara. Novas pragas do cabo)... Isso de dar carona a um batráquio, são coisas de americano!.. (E mudando o tom de voz, falou com tonalidade prepotente)... Ora, os gringos não têm tradição militar!...

Uma nova onda cobriu os infelizes, cansados e suarentos. Conselheiro deu uma banana, com uma força dos diabos, para o jipe que passara em disparada. Parou, soltou um suspiro ensolarado, passou o indicador em arco pela testa suarenta e atirou, longe, a gosma de suor e pó. Falou, sem que esperasse resposta:

— Calcule, seu Cabo, que até a leviandade de dançar na mesma sala dos soldados, os americanos cometem... (Levou as mãos em concha para melhor divisar as distâncias e exclamou, como se o caso dos americanos estivesse encerrado)... Barbaridade, povo sem lei, terra sem caridade!... Como está longa essa desgraça de torre inclinada!... Quá, seu Pascuá!... Soldado é mesmo filho do demo!... Bem falou cha-Mariquinha!

E continuou a marcha, gingando no desengonçado sacolejar do corpo esquelético.

Ao longe, na reta interminável castigada por um sol ingrato, divisamos, no horizonte lambuzado pelos clarões da canhoneira enfurecida, a tão famosa Torre Inclinada, num desafio da perspectiva retilínea da estrada e à vertical das árvores laterais. Ao lado da Torre Inclinada, a cúpula da Catedral imponente formava contraste em forma e equilíbrio de linhas.

Marchando e suando... suando e marchando, o praceba avançava, impaciente, contando os passos, medindo distâncias, consultando minutos, praguejando raivoso. A reta maldita que sumia no horizonte, engolia as distâncias, o tempo, os passos e a paciência do infeliz guerreiro das terras distantes.

— Miserável reta dos confins!... Quanto mais a gente anda, mais longe fica essa maldita torre que balança mas não cai.... (Era o velho Conselheiro, suarento, que resmungava e praguejava).... Quá, seu Cabo!... Bem dizem que descanso de praça é ver o sol nascer quadrado...

Suarento na marcha forçada e com a boca seca, apenas deixei escapar um sorriso amarelo, balançando a cabeça, para aprovar o que resmungava o bom camarada.

— Esta peste de reta, seu Cabo, até parece esperança de pobre: comprida e sem fim... (Soltou um esguicho de cuspe que borrifou outra vez o meu rosto suarento e pegajoso, limpou a boca com as costas da mão, tirou um cigarro americano do "seio" do zé-carioca e resmungou qualquer coisa. Bateu, com raiva, o cigarro na costa da mão. Buscou um palito. Acendeu o gostoso fumo de Virginia e soltou fumaça misturada com palavrões endereçados aos cobras que passaram nos jipes em disparadas)... Bem dizem que soldado é filho de satanás e nasceu órfão o desgraçado! Quá, não tem jeito!... (Pegando-me pelo braço, parou e, com seu indicador magriço e encardido de fumo e as sobrancelhas em vírgula, falou)... Cabo, vai ver que até mulher de praceba, nesta guerra, são as velhas corocas que cataram no lixo pra nós... (Deu-me um empurrão, correu os olhos de cima para baixo minha figura jegue e, com um sorriso debochado, começou a crítica)... Com essa farda de palhaço... (E balançou a cabeça, desconsolado)... Com essa farda, você mais parece um judas de aldeia com blusa de mulher grávida... Quiá!... Quiá!... Quiá!... (Abaixou, retorcendo-se todo, nas gostosas gargalhadas).

Só então tive a infelicidade de cair na chocante realidade. Construíra tantos castelos, sonhara tanto com esse passeio, com idílios e romances, tendo sempre, como companheira, uma bela loira, apaixonada e sorridente, nos braços de um guapo soldado do Novo Mundo!

Alguma coisa sacudiu o meu íntimo, fazendo zumbir os ouvidos.

O infeliz praceba não tinha medido a grotesca imitação de militar que o Brasil mandara, vergonhosamente, empacotado em sua farda jegue, grotesca, mal talhada, num medonho brim zurrapa! No turbilhão dos castelos em ruínas, o cabo ainda pôde falar:

— É isso mesmo, Conselheiro! Tenho até vergonha deste distintivo BRASIL que trago no braço... Deste jegue mal enjambrado!...

— Tem vergonha do que?... (E, batendo no distintivo retangular de brim zurrapa, Zé-Conselheiro falou arrogante)... Neste retalho de pano ordinário, fique sabendo que gringo de espécie alguma é homem de bater as patas nele... (Empertigando-se todo, com o peito esquelético inflando num patriotismo verde-amarelo ainda virgem do front miserável, Conselheiro continuou enfezado)... Cabo, fale de tudo!... Desanque o pau nos milicos de uma figa!... Mas não toque no distintivo de nossa Terra! Ah! Isso não!... Eu posso estranhar você, Cabo!... Cuidado!... (Moderando um pouco, Conselheiro continuou)... Nossa Terra, seu Pantaneiro de uma figa, não tem culpa das misérias do exército de Caxias... Tá?...

Notando que o velho camarada já estava mais calmo, arrisquei:

— É... você tem razão!... Você sempre tem razão!...

— Não é bem isso....

— Ora! Seu Filósofo!... Veja a farda dos oficiais e a compara com a nosso jegue... Até dá vergonha, não é?...

Conselheiro não esperou que eu terminasse:

— Certo. Eles são uns bonequinhos engomados, farda de gabardine, sapatos de verniz, botões dourados, cabeleira englostorada, motorista e jipe à sua disposição!... (Parou, puxando-me pela manga do zé-carioca para melhor ouvi-lo e mudou o tom de voz)... Cabo, eles estão pensando que estão na guerra do Caxias, no tempo do D. João Charuto, em que levavam concubinas, lacaios, champanha...

— Isso mesmo, seu Professor! Pois até o distintivo deles é diferente dos nossos... (Meti o dedo no nariz aquilino do velho camarada

e gritei, como se ele fosse o único culpado)... Não é o mesmo BRASIL que defendemos nesta guerra?... (E tomei um fôlego, na respiração ofegante da raiva que me cansara).

Zé-Conselheiro não respondeu. Puxou-me pelo braço e, mostrando a Torre Inclinada que sobressaia no horizonte lambuzado, convidou-me:

— Vamos embora. Nossa licença é curta e acabaremos dando com os burros n'água, enquadrados nas fanfarronadas de RISG e de outras besteiras semelhantes que o Caxias inventou contra o soldado.

Silenciosos, remoendo confusas comparações, os dois guerreiros jegues seguiram, suarentos e raivosos, pela reta sem fim.

***

Foi pela primeira vez que o pracinha de meu escalão tomou conhecimento da verdadeira arte que Pisa oferece aos forasteiros.

Zé-Conselheiro, todo empolgado, ia soltando exclamações pela famosa praça da secular cidade, à proporção que tomávamos contato com suas maravilhas de arte. Como não podia deixar de ser, fui à porta da Catedral esfregar a mão esquerda no lagarto esculpido no gigantesco portal de bronze. Esse ritual já era de nosso conhecimento, no acampamento. Diziam que era um costume de séculos, tão velho quanto a sua Catedral, e que vinham mantendo, em busca de uma graça divina. O lagarto de bronze já estava gasto, aparecendo, somente, a metade do seu corpo.

Foi o professor Conselheiro quem me explicou:

— Pois é isso mesmo, seu Cabo! Dizem que o lagarto de bronze foi gasto nas carícias dos visitantes...

— Estou vendo e não estou acreditando...

— Ora!... Vocês bororos são de amargurejar!.. Vê e não crê... Quá, seu Pascuá!... E o que é que você diria da imagem de S. Pedro, na Catedral de Roma?... (Conselheiro fez uma pausa para melhor efeito. Meteu a mão no "seio" do zé-carioca, tirou a carteira do saboroso cigarro americano. Tirou um e, com gestos estudados, bateu-o na unha do polegar esquerdo. Guardou a carteira e procurou, meio assustado, a caixa de fósforos – também americana. Foi encontrá-la quase nas costas. Tirou um palito, riscou e ascendeu o cigarro que trazia no canto da boca. Deu uma longa tragada, como se há muito tempo não fumava e soltou no ar, como louca bailarina, uma tempestade de fumaça. Encarou-me e prosseguiu, como era de seu costume quando começava a discorrer sobre assunto de muita importância)... Pois é, seu cabo. Na Catedral de S. Pedro, em Roma, os pés da imagem do santo, fundida em bronze maciço, está gasto até quase a metade... (Abaixou e riscou, com o indicador, o peito da bota, para confirmar o que dizia, até a metade)... dizem que foi por causa dos lábios dos fiéis que visitavam a Catedral, por esses tempos em fora...

Ao aproximarmos na Catedral de Pisa, Conselheiro calou e ficou todo pensativo, contemplando o fabuloso portal de bronze esculpido.

Avancei cauteloso, como se temesse devassar um segredo. Quanto ao pedido que fiz, não me lembro se foi realizado.

Conselheiro, que não era de superstições, animou-me:

— Vamos, pantaneiro! Você não ia cumprir uma promessa?... Passe logo a mão nessa metade de lagarto que estou com pressa.

Olhei, com raiva, para o velho camarada, como se fora ele o culpado das minhas crendices. Avancei e, com gestos indecisos, acariciei o lombo do lagarto horroroso e fiz o pedido, à proporção que passava a mão esquerda pelo monstrinho centenário.

Parei, deixei escapar um longo suspiro, como se voltasse de um transe. Encabulado, encarei meu companheiro, como se eu cometera um crime.

Conselheiro atacou, compreendendo minha embaraçosa confusão:

— Deixe de bobagens, Bororo! Você também acredita em conversa de padre?... (Bateu-me nas costas, como se pedisse desculpas e mudou de tom)... Vamos, Cabo! Entre!... Quero ver o tal pêndulo daquele velho doido, o tal de Galileu, que quis provar que a Terra gira... e os padrecos ameaçavam queimá-lo vivo na fogueira, se ele não desmentisse a teoria de que nosso mundo é uma bola que gira no espaço...

Meu companheiro não terminou. Cortei suas explicações:

— Ué, seu Zé!... Você também é entendido em geografia?... Galileu, seu burro, é aquele padeiro, nosso vizinho, que roubou a filha do carroceiro.... Não se lembra?...

Recebi um palavrão, em resposta às minhas ferinas perguntas. Conselheiro subiu os degraus da escadaria de mármore, sem me responder. Caladão, entrou na velha catedral que era uma verdadeira maravilha de arte. E, como se conhecesse o ambiente, encaminhou-se diretamente para a parede que confirmava, com uma pintura maravilhosa, o que o velho Conselheiro contara sobre o sábio Galileu.

— Veja, Bororo ignorante!... Nessa pintura que os séculos não conseguiram apagar, está a confirmação das ignomínias do clero!... (Cruzou os braços, correu os olhos de alto a baixo no enorme mural, balançou a cabeça como se discordasse do tribunal da inquisição e continuou)... Pobre Galileu, ajoelhando-se humilde e submisso, perante uma corja de ignorantes e prepotentes!

Rodopiou nos calcanhares e convidou-me, com os olhos em fogo:

— Vamos, Cabo! Senão eu ainda acabo fazendo besteiras...

Acompanhei meu companheiro que abandonou a igreja como se tivesse encontrado o capeta.

Lá fora, o sol muito forte queimou nosso rosto e sua luz faiscante cegou-nos momentaneamente. Com as mãos em concha, Zé-Conselheiro procurou o batistério, à sua direita, franziu a testa, não sei se ofuscado pelo sol ou se irritado com os últimos acontecimentos no interior da igreja, me encarando o Mestre Conselheiro falou:

— Só vamos olhar de longe, estas maravilhas. Quando os cobras permitirem, voltamos com mais tempo para visitar essas obras de arte com mais calma. Agora, nosso problema é mulher... mulher... (Virou-se e confirmou com raiva, como se fosse eu o culpado de tudo que se passava na FEB)... Nosso problema é mulher! Bicho de saia!... Tá?...

Não respondi. Não adiantava responder. Conselheiro já estava longe, deixando-me estatelado com as suas últimas palavras. Deixamos a praça e rumamos pra cidade que tanto eu sonhara, sem notar com mais interesse, para a Torre que desafiava a lei dos equilíbrios e dos tempos...

Logo ao deixar a praça, único lugar respeitado pelos bombardeios, via-se que tudo mostrava os efeitos de uma guerra desumana.

— Isso tudo, seu Cabinho trouxeba, é uma demonstração, chocante, das maldades humanas...

Corri os olhos em nossa volta. Que coisa horrível! Aqui e ali, uma ou outra casa, toda desmantelada, restava nos montões e ruínas da cidade.

— É... tantos sonhos com romance ao luar... naquela barraquinha nojenta, para vir conhecer este inferno de buracos e destroços!...

(Era Zé-Conselheiro, que pensava alto, praguejando e resmungando. Lançando um olhar em volta, continuou)... Nem Tântalo, coitado! Tão famoso, sofreu tanto quanto os milhares de pracinhas, encurralados naquela desgraçada corrutela, acampados à pouca distância desta porcaria tão famosa e tão sonhada...

— Interessante a sua comparação, Professor! Os americanos, democratas por instinto e por educação, soltam seus soldados, à vontade, enquanto podem!...

Não pude continuar nas comparações. Conselheiro completou:

— No caxias, seu Cabo, os brasileiros, prussianos por instinto e por escola, prendem seu soldados, sempre!... O mais que podem!... (E mudando a tonalidade da voz) ... Não é isso que você ia dizer?...

Sorri, confirmando. Conselheiro, como sempre, tinha razão! Depois, inclinando a cabeça, assim falei:

— Não compreendo, seu Zé... a diferença de mentalidade é muito grande para tropas no mesmo front... (Deixei escapar um suspiro de mágoa)... Seria eu, Conselheiro, tão burro assim?...

Batendo amigavelmente em meus ombros ossudos, o amigo respondeu:

— Sou muito educado, Pantaneiro, para desmentir os bons amigos.

E soltou uma risada explosiva, própria da guerra, avançando, em passos largos, na ginga de suas pernas magriças.

***

Em sua maioria, em nossos passeios tão aguardados, a ordem geral era o sexo! A maldição da espécie, transmitida de soldado de todas as raças, religiões, tipos, cores, para corpos de molambos-femininos,

magros, feridentos, malcheirosos!... Era gritante, em todos os lugares, em todas as oportunidades!

Mulher!... Mulher!... Mulher!...

Era a nossa eterna preocupação.

Era o centro de todos os assuntos.

Nem as penumbras das catedrais seculares em seu misticismo, eram respeitadas pela soldadesca sedenta de sexo e amor! Em qualquer recanto escuro, em qualquer beco sombrio, em qualquer desvão encontrado, lá estava o animal fardado (que a pátria um dia cantaria hinos de louvores), lá estava um soldado atracado nos balanços do coito, com um corpo frágil e esquálido, que os restos da guerra abandonara nos braços de um pracinha carregado de luxúria!

Um, na força de sua mocidade com ânsias no grito do sexo, saciava a fome dos instintos em convulsões! E outra, infeliz espectro do cenário macabro, saciava a fome do estômago que gritava em revoluções e dores.

Entre a primeira e a segunda, a última era a mais horrível.

Dias, semanas, meses, anos... de fome e misérias, é demais para que tudo, num ser que já fora humano, esvaísse na ânsia da sobrevivência! Só quem viu você de perto: FOME!... poderá avaliar os resultados em que poderá chegar, todo um povo faminto, toda uma civilização massacrada, todo um passado de uma raça desmantelada. Nas realidades cruentas da guerra, assistíamos, horrorizados, os mais incríveis atos que leva uma jovem faminta praticar, para matar a fome que a consome e a corrompe. No começo, infelizmente, confundíamos FOME com sem-vergonhice. O tempo, o maior de todos os mestres, incumbiu-se de apagar as críticas desairosas de nossos pracinhas, o conceito desu-

mano que faziam das mulheres mercenárias que iam conhecendo na Itália arrasada!

Um dia, todo cismarento, Conselheiro divagava:

— Elas... as infelizes restos de guerra, vendiam seu corpo jovem em troca de alimentos para sua família... (Suspirava, lançava um olhar escorregadio pelo espaço morno e pardacento, para continuar pensando alto)... Elas... pobres bonecas dos homens-guerreiros, eram sombras errantes, no lodaçal da guerra! (Balançava a cabeça e continuava sempre absorto, sem notar a minha presença)... Elas.... receptáculos virgens das imundices dos homens, eram jogadas no chão... (Soltou uma praga que não entendi. Cuspinhou um borrifo de saliva e prosseguiu com raiva)... Até as vovozinhas coitadas! Enrugadas e trêmulas, submeteram-se às mais torpes sevícias do guerreiro mais tarado!

Eu quis dizer alguma coisa, mas a voz afogou na garganta. Parece que o bom Conselheiro compreendeu minha luta interna. Encarou-me com um ar de revolta e falou-me com mais calma:

— Cabo, há dias que venho matutando uns versos... (Passou o polegar no queixo pontiagudo, como se coçasse um cavanhaque e prosseguiu) — Uns versos dedicados a toda porcaria da guerra. Não sei se presta, quer escutar?...

— Ora, Conselheiro, você sabe que eu sempre acato os seus pensamentos, quanto mais uns versinhos. Vamos, homem, desembuche!

O amigo fez um gesto de assentimento, franziu os olhos e coçou a cabeça, como se lutasse em busca de inspiração e recitou:

Meu Deus!... Meu Deus!... Meu Deus!...
Oh! Deus das guerras e dos homens!
Pra sempre sejam malditos

os exércitos que fabricam heróis!1
Nas forjas das boçalidades,
arrasando templos!
Ensanguentando lençóis...
Deflorando meninas!
Devassando velhas!
Beijando bocas em ruínas,
Profanando lares,
ROTULANDO HERÓIS!...

Meu Deus!... Meu Deus!... Meu Deus!...
Oh! Deus das guerras e dos homens!...
Das rezas, dos terços, dos santos.4
Pra sempre seja maldito!
com sangue, com dor, e com grito,
o século das armas possantes!
E, à sombra das hecatombes:
Heróis de Terra Distante,
Heróis de Terra Gigante,
Heróis que a pátria esqueceu...
Heróis que a terra comeu!
Rastejam no barro e no pó
Neuróticos... ninguém tem dó!
Com mágoas, chagas e dores,
NA TERRA DOS MIL-AMORES!...

Meu Deus!... Meu Deus!... Meu Deus!...
Oh! Deus das guerras e dos homens!...
Pra sempre seja maldita!2
No pó, na lama, no escarro,
a forja dos heróis de barro!
Romance, comédia ou drama
são filhos de Pindorama:
caboclos, tupis ou tapuias!
Bagaço de front, nas cuias!
Neuróticos, descrentes, cretinos,
cumprindo amargo destino,
do front só trazem desejo,

amargam no infame desprezo,
mil quadras por outros rimadas
AS GLÓRIAS, POR "OUTROS" CANTADAS!...

Meu Deus!... Meu Deus!... Meu Deus!...
Oh! Deus das guerras e dos homens!...
Pra sempre seja maldito,
presente, passado, finito!3
É fumo! É cinza! É sarro!
A indústria dos Heróis de Barro!...
Rapazes imberbes, medrosos,
fardados, armados, garbosos!
Heróis de Vera Cruz
Heróis de Santa Cruz,
trazendo, no peito escaldante,
medalha de ferro candente...
Chorando, gemendo, lutando,
DA PÁTRIA-MADASTRA – PUNGENTE!8

Meu Deus!... Meu Deus!... Meu Deus!...
Oh! Deus das guerras e dos homens!...
Pra sempre seja maldita!
Que a voz da verdade se diga:
Por tudo!... Por todos!... Por nós!...5
Soldados malditos, infames,
fardados, armados, grilados!
Amando, matando, ceifando!
Rapazes confusos, saudosos
Matando, chorando, medrosos!
Por tudo!... Por todos!... Por nós!...
Pra sempre seja maldita,
no pó... na lama... no escarro!
A INDÚSTRIA DOS HERÓIS DE BARRO!...
Pra sempre seja maldita!
As velas... as preces... as feras...
Da pátria dos "mil amores"
Pra sempre seja maldita,
com dor... soluço... e grito...
A indústria do homem maldito!

CAPÍTULO X

A LOUCA DE PISA

A milenária Pisa, das histórias famosas, agonizava nas ruínas e na desolação.

O velho Conselheiro estava arrasado. Seu olhar, triste e chocado com o ambiente desolador, procurou-me, como se confirmasse o que divagava, pensando alto e que pude catar alguns pedações:

— Qual a força que arrasta homens, que encoraja mulheres, que levanta crianças, que fortalece velhos encarquilhados e decrépitos, como numa corrente infinda, a incendiarem, desordenadamente, casas, fábricas, depósitos, igrejas?... (Balançando a cabeça, o bom Conselheiro continuava, soltando frases em pedaços)... Onde encontrar a explicação dessa força que arrasa templos, que destrói preconceitos, que afoga sentimentos?... (Chutou uma pedra com raiva, soltou uma praga que não ouvi e terminou, sempre falando como se eu não estivesse presente)... Onde encontrar a explicação dessa força destruidora?...

Tudo era silêncio!... Tudo era miséria!... Levanta-me, Senhor!

O silêncio e a miséria não ouviam Zé-Conselheiro que delirava.

Emaranhado na maré negra do ambiente maldito, o velho praça de alma limpa e coração moço, perambulava, sem rumo, pelas ruas desertas de Pisa arrasada, tendo o corpo em ebulição de nervos e emoções. Porém, sacudido pelo comichão frenético dos instintos lascivos, fez a pergunta que o empolgava e que feriu o ar parado das ruínas:

— Como serão, nesta miséria, as mulheres de Pisa?...

E a pergunta que não teve resposta ecoou de ruína em ruína, sufocada no silêncio do dia quente, que uma brisa preguiçosa arrastou para os confins de nada...

Tudo era silêncio!... Tudo era miséria!...

Com as ideias em trambolhões, o pracinha embrenhou-se na floresta medonha e fantástica das ruínas, queimando as narinas na fedentina insuportável dos corpos que apodreciam nos monturos, esbagaçados na violência das explosões.

A velha e lendária cidade, estava agonizando nos odores da guerra.

Tudo era desolação, silêncio, miséria.

O velho Mestre Conselheiro, sempre absorto, ia soltando as ideias em confusão... como tudo que o cercava:

— É... dona Calamidade... você é a imperatriz absoluta que reina com fausto de podridão e orgia de misérias, nesta cidade desgraçada que o bicho-homem arrasou... É... dona Calamidade... você impera...

E assim, ia divagando nosso bondoso praça filósofo.

Por todos os lados, crianças avançavam. De todos os tipos e de todas as idades. Avançavam aos magotes, com propostas indecorosas e indecentes:

— *Paizzano!... Una fique-fique...*

— *Paizzano!... Una signorina bionda...*

De bando diminuto sempre aparecia uma garota mais corajosa (ou mais cínica?) que fazia uma proposta mais ousada (pois sua idade e seu corpo raquítico não permitiam relações sexuais), proposta para "una fique-fique com al mano".

Algumas meninas (mais felizes?), ofereciam sua irmã:

— *Paizzano, venire, sorella buona... buona... bambina...*

E, fazendo com os dedos, gestos indecentes para confirmar o que falava, a infeliz convidava incentivando o pracinha, explicando que não havia perigo, que sua irmã era bela, com doze anos e que não era mais "virgina".

E puxava... e rogava... e insistia... com olhares gaiatos, gestos os mais obscenos, insistia nas ofertas torpes que a guerra lhe ensinara. Se o praceba resistia, enxota ela voltava à carga, mais agressiva nos gestos e nos trejeitos, tamborilando as mãozinhas magricelas e sujas nas pernas do infeliz, em busca do sexo que a farda encobria. Persistindo sempre, a pobre menina fazia, com as mãos, o contorno imaginário de um corpo em violão: "Vamos, paizzano, é uma bela garota... venha! Ela é uma bela menina e não dá cadeia, porque não é mais virgem!"

Seus olhinhos remelentos e diminutos, cercavam, na face, os trejeitos maliciosos e safados.

Zé-Conselheiro não suportou e resmungou:

— Veja, seu Cabo... é um corpo de criança em alma de prostituta...

E cuspiu no ar, uma golfada de borrifos esguichada entredentes.

Zé-Conselheiro estava chocado. Olhava, aparvalhado, tudo que as passava. O bom Mestre amargava, numa chocante brutalidade, as primeiras realidades que a guerra lançava-lhe no rosto macilento e tostado de sol. Olhava, pensava e sofria... O calor amargo das desgraças alheias, queimava-lhe a boca, escorregando pela goela abaixo, num vai-e-vem de saliva ressequida e pegajosa.

Olhei para o velho camarada que a vida me legara como sombra.

Uma pasta escorria-lhe pelo rosto, numa nojenta mistura de poeira e suor que não deixava transparecer, na face macilenta, o rictos da revolta que o torturava. Num esforço que a face não deixou transparecer, soltou frases que o bando ainda mirim não entendia:

— Garotada nojenta!... Cabrinhas da peste!... Quá! Mundo desgraçado com essa guerra maldita!... (E cuspinhou, de uma banda, um jato fino de saliva ressequida, espremida entredentes).

Encarei, compadecido, o bom companheiro das horas amargas. Nele, tudo era revolta e indignação. Procurei aliviá-lo, perguntando:

— Conselheiro, qual foi...

— Quá, seu Pascuá!... Pestinha desavergonhada, assim... já é demais!... (Encarou-me, com raiva, como se eu fora o culpado, completou suas amargas queixas)... Cabo, nem nos bordéis mais zurrapas a gente encontra cenas como estas pestinhas estão praticando...

Com nojo estampado na cara, Conselheiro fez uma pausa, pensando no que havia soltado no desabafo, impelido na corrente do desespero que aniquila e acaba desarvorado. Ficou indeciso, cercado pelo bando pequerrucho, estonteado nas ofertas estapafúrdias e indecorosas.

Porém, dentro do cabo, um demônio soltou uma bruta gargalhada e perguntou, cutucando-o com seu tridente maligno:

— Ânimo, seu bobão!... Tanta menina bonita e você "atrasado" ainda fazendo luxo?... Veja, seu besta!... (E nova risadinha safada roubou nas entranhas do cabo, percorrendo todo seu corpo, num arrepio erótico)... Veja! São garotinhas de carne tenra, gostosa, macia!... (O demônio lascivo passava rápidas pinceladas nas sujas meninas, colorindo-as com um rosado jamais conhecido pelo infeliz cabo)... Veja,

seu bobão!... Como são tão gostosas para uma bolina... que mais você quer?... Virou puritano?... Logo você?... (E nova risadinha lambuzada de sadismo, percorreu as medulas do indefeso pracinha).

Dei um pulo assustado com a voz cínica que me arrepiara, procurando de onde ela tinha vindo.

— Tá maluco, Cabo?... (Era Conselheiro quem perguntava).

Encabulado, nada respondi. Com um sorriso amarelo, dei uma desculpa que não convenceu o velho camarada.

Nova cutucada do tridente e a voz cínica lambuzada de luxúria:

— Sou eu, Cabo!... O senhor das farras gostosas...

Um calor percorreu a minha espinha, indo localizar sua temperatura no meu sexo que, até aquele momento, permanecia adormecido.

E a voz pastosa e carregada de libidinagem continuou:

— Está sentindo agora?... Veja! Elas estão convidando você, seu bobão!... Não esqueça que você está em jejum desde que embarcou... (E lá veio, numa torrente de gargalhadas, um frenético cutucar de erotismo).

Foi então que o sangue ferveu nas veias. A carne vibrou. O espírito que já era fraco, dobrou-se... rendeu-se... dominado pelos desejos sufocados em longas noites de vigílias!

Eu não era HOMEM! Eu era um soldado, preparado e diplomado, com pinta de herói, licenciado para MATAR...

Naqueles períodos, naquelas antevésperas de combate, eu estava sendo caldeado na lama que a maldita guerra nos prepara, cuidadosamente... calculadamente... asquerosamente...

Eu estava sendo preparado na sarjeta das imundícies humanas, na velha e histórica Pisa, onde os caminhos da glória se bifurcavam, em busca do front maldito que nos aguardava com avidez...

Como se lesse meus pensamentos, Conselheiro atalhou:

— Caminhos da glória!... Tá louco?... Quá, seu Cabo besta!... Isso são baboseiras de milico... (Expeliu uma cuspinhada que borrifou minha cara encardida, olhou em volta, como se procurasse o culpado de tanta miséria e continuou, sempre zangado)... Caminhos nojentos, malditos, pestilentos... É bom que você saiba que esses caminhos, seu Pantaneiro burro, terminam em suor e lágrimas, gemidos e sexo, sangue e lama...

— A lama é tão má como dizem?... (Soltei, num suspiro, sem saber bem o que falava, como se pensasse alto).

Zé-Conselheiro encarou-me. As sobrancelhas em vírgulas, cobriram-lhe os olhos embaciados na mágoa que o afogava. Era um curiango paralisado, no meio da jornada, por um farol possante, em noite de tempestade. Com voz rouquenha, o bom amigo continuou:

— Não é lama, seu Cabo!... É a luxúria e a tara... Ninguém pode conter as misérias do homem... Nós, quando fardados, somos animais indecifráveis. Não me lembro quem disse que um soldado em guerra é uma esfinge fardada!... Não sei!... (Percorreu os olhos cansados de tanta miséria, no ambiente carregado de desolação e falou, já sem muita convicção)... Nem você, nem eu, nem a mãe da mãe dos generais.... (Fez uma pausa. Encheu o peito de ar, como se lhe faltasse o fôlego. Apertou os olhos num tique todo seu. Procurou o bando tagarela dos passarinhos esfarrapados e famintos e, com um olhar mormacento de quem sofre, o velho camarada prosseguiu nas comparações que me martelavam os sentidos)... Não é lama não, seu Cabo!... É a fome e o desespero

da sobrevivência... Ninguém pode descrevê-los. Eu, infelizmente, nem tentarei. E o Velho Mundo precisava tanto... tanto mesmo... (Com a guimba que trazia no dedo, tirou uma última tragada e acompanhou com o olhar absorto, as evoluções de fumo que se diluía no ar abafado e silencioso)... Cabo! Estamos vivendo páginas de fogo que os livros das estantes empoeiradas não contarão... nunca... para não acabar com as maldições das guerras e dos generais....

Zé-Conselheiro já estava falando sozinho. Não mais estava em companhia do velho cabo. Seus pensamentos voavam, em busca da liberdade dos tempos. Correu a magricela mão pelo queixo pontiagudo, como se afogasse um cavanhaque, arranhou o ar pestilento de Pisa com uma cuspidela entredentes, que foi esguichar num chuveiro de saliva ressequida. Sacudiu a cabeça, em desaprovação à resposta que não veio. Conselheiro falava sozinho!

O cabo, num fremir de luxúria represada, tudo ouvia, nada podendo responder, absorto nos conselhos atiçados pelo tridente. Também o cabo, naquele momento, entrara, sem o saber, para o rol dos desqualificados sociais.

Sem medir bem o que falava, o cabo soltou:

— Ora, Conselheiro... Agora não é momento de filosofar. Estou cansado de masturbações na barraca. Veja quantas garotas se oferecendo. Não é para isso que viemos passear em Pisa?... (Arrisquei um olhar sem-vergonha para o bom companheiro)... Dizem, Professor, no acampamento, que o soldado, para ser soldado de verdade, tem que perder a sua condição humana...

Não pude continuar. Zé-Conselheiro deu-me um safanão e gritou:

— BASTA!... Sua filosofia militar, é cínica e canalha!... Ela reza pela cartilha dos crápulas e dos tarados... (Fez uma pequena pausa para

tomar um pouco de fôlego e continuou, sempre zangado)... Já sei o resto.... (E modificou o tom de voz, porque o assunto deixara uma vasa para seus devaneios calçados nas filosofias tão a seu gosto)... Já sei... Depois de aprovado nas aulas das baixezas humanas, adquirirá a necessária fibra que enfurece e animaliza o homem para o front, glorificando-o nas lutas das trincheiras... (Parou, brincou com uma pedrinha que estava perto das botas, correu os olhos para o nada. Deu-me palmadinhas amigas, nas costas magricelas e continuou em tom carinhoso, como se arrependesse das afirmações anteriores)... Jogue essa cartilha fora, Pantaneiro... Você não nasceu para essas bandeirinhas... Seu sangue não combina com bandalhos dos gringos...

Nesse ínterim, não tínhamos notado que o bando tagarela das crianças famintas, já tinha ido em busca de outros soldados, mais afoitos e menos carinhosos...

Voltando ao assunto, tentei uma pergunta:

— Mas, doutor Conselheiro...

— Nada mais, seu trouxebas! Nada mais!... Infelizmente, os generais conseguem o que planejam com tanta dedicação e com tantos números.....

Agora, sorridente, Conselheiro pegou o amigo pelo braço e convidou para sair daquele ambiente. Com passos cadenciados, saíram pelas esburacadas ruas da cidade fantasma. Já não eram mais os sofredores. Marchavam garbosos...

— Cabo, estive pensando uma coisa... (Meteu a mão no "seio" do zé-carioca e retirou uma carteira de cigarros, tirou um e pediu fósforos para o amigo. Acendeu o gostoso fumo e, com a ponta da língua, expulsou um fiapo de fumo que teimava em ficar agarrado no lábio superior)... Cabo, nós estamos passando por um pré-exame que a guer-

ra exige de todo combatente... Agora, por exemplo, com esse bando de garotas sem-vergonha, estamos sendo condecorados com o estigma dos tarados do século das armas possantes... Nesta maldita cidade, os combatentes conquistam os mais famosos redutos das misérias humana, em gloriosos combates corpo-a-corpo, na cama ou no chão... e vão colecionando vitórias das safadezas que a época impõe ao inimigo derrotado e sem esperanças... (Cofiou o cavanhaque imaginário. Lançou um olhar embaciado para o ambiente miserável e continuou)... Os pracinhas, seu Cabo, levarão para casa, escondidos no mais profundo escaninho da consciência, as podridões de uma história que os professores não podem contar!... (Deixou escapar um longo suspiro, como se fora ele o único culpado de tanta miséria e de tanta desgraça)... São os amargos louros, cravados em fogo em nossa frente, caldeado no imundo sangue que foi arrancado das pústulas de meninas-moças...

— Conselheiro... (Comecei, com voz rouca)...

O amigo não me ouvia. Estava rodopiando nas ondas das divagações:

— E o terrível Deus Marte, impávido e viril, cruel e sanguinário, domina seu império, nos campinhos lamacentos de sangue e prostituição... (Apertou mais meu braço que já doía no torniquete de seus dedos ossudos, virou-se pra mim, como se eu fora o culpado de todas as desgraças do mundo e prosseguiu)... Assim, seu Cabo, tem que ser todas as guerras... de todos os tempos... o resto é farofa de historiador sem ter o que fazer... (Fez nova pausa. Esparramou, novamente, o olhar cismarento para os confins do nada, passando pelo vácuo do silêncio que imperava na cidade-túmulo. Tirou nova tragada do saboroso Virginia e martelou meu ouvido)... Assim, seu trouxebas, tem que ser forjado o homem da guerra!... O tal herói de uma luta... melhor falando, o ídolo das histórias de quadrinhos...

Num suspiro profundo, exclamei, como se o mundo desabasse em minha cabeça de praça arrependido:

— É... ééé... ééé... Conselheiro..., você sempre tem razão...

Sem dar a menor atenção à minha resposta, o bom camarada continuou:

— É assim mesmo, seu cabo, que colocam, no pedestal dos grandes, o famoso Herói de Barro!... que, nada mais é, do que um herói esculpido com cinzel de lágrimas, dor e mortes... heróis talhados na massa pútrida das baixezas humanas... e que os séculos eternizavam nos bronzes das praças públicas, celebrando com cânticos e bandas marciais!... (Cerrou os dentes enegrecidos de nicotina, fez uma careta e soltou um borrifo de cuspe que foi salpicar o ar pesadão e morrinhento, chuviscando meu rosto afogueado pelas emoções do momento).

Longe, muito longe, para os lados dos confins, uma voz do nada sibilando versos estraçalhados, entoou os estribilhos que encerrou nossas divagações, deixando-nos aparvalhados.

Conselheiro que tinha uma audição apurada, chamou-me a atenção e fez sinal com o indicador nos lábios, para que eu me conservasse calado. E, com voz trêmula de emoção, foi repetindo o que seu apurado ouvido captava:

HERÓI DE BARRO
de barro imundo
HERÓI DE BARRO
pobres calungos...
Herói de Barro
e escarro sujo
no fim da guerra
só tem sabujo...

Herói forjado
nas glórias falsas
com cem misérias...
com mil desgraças.
Herói perdido
na dura guerra
Herói caído
na própria Terra...
Herói de Barro
vivendo só
rasteja em vida
no imundo pó...
Herói de barro
condecorado...
sangrando em chagas
amargurado...
Herói de Barro
bem rabugento
o seu destino?...
É BEM NOJENTO!...
Herói de Barro
brasão cerose
um monumento
todo neurose
Herói de Barro
com tanta glória!
FICOU NA "HISTÓRIA"
Herói de Barro
sua medalha?...
ENFEITA PEITOS
DE VIS CANALHAS!...
Herói de Barro
de mães queridas
condecorados,
com mil feridas
Herói de Barro
desfeito em pó...
no campo santo
ninguém tem dó!

Herói de Barro
—Vocês têm mães?...
— SOLDADO RASO,
FILHO DE CÃES!...
Herói de Barro
você tem alma?...
— NO FRONT PERDI,
ENVOLTA EM LAMA!...
Herói de Barro
Quanta miséria!...
— E sua pátria?...
—A VIL MEGERA?...
Herói de Barro
— Pra onde vais?...
— VOU PRO INFERNO,
NÃO VOLTO MAIS!...

Na confusão dos versos, Zé-Conselheiro saiu perambulando... sem importar com a minha pessoa. O velho Professor ia repetindo, inteirinho, como se conhecesse decor as estrofes do além... que ainda martelava meus ouvidos...

Sozinho, ainda indeciso, avancei pelas ruas esburacadas da cidade que estrebuchava nos escombros de uma guerra maldita. Com a garganta ressequida, resmungando e com gestos de um possesso, dei gritos rouquenhos, procurando afugentar outro bando de crianças fedorentas, que teimavam, descaradamente, em arrastar um pacato soldado que passava.

Afastei-me rápido e sempre gesticulando.

Numa viela em montões e ruínas, estaquei diante de uma visão fantasmagórica e que sacudiu-me na brutalidade da cena. Parei, estarrecido!

Eu vira, saindo de um montão de tijolos, caliça e ferragens retorcidas, uma cabeleira de mulher, balançando ao sopro da brisa pestilenta... espanando o chão imundo, numa dança macabra que arrepiava ao próprio satanás. Ao lado da cabeleira, pontas de dedos apareciam, apodrecidos, desfazendo-se em gosmas, fiapos e vermes...

Instintivamente, levei a mão às narinas. O estômago revirou-se nos espasmos do nojo. Os restos da infeliz estavam por toda parte: gosmentos e fétidos! Os trapos que cobriam pedaços de corpo esfacelado, estavam borrifados de sangue e terra, numa grotesca pincelada de pintos psicopata. Mesmo que pareça inacreditável, ali pertinho dos restos da mulher de cabeleira negra, estava uma mão agarrada numa imagem toda riscada de balas.

Sapatos, dedos, restos, pedaços, pontas, unhas, jaziam, inermes, riscados, estraçalhados, na voragem indiscriminada das balas assassinas, num labirinto de abandono macabro!

Uma saliva pegajosa e amarga, extravasou minhas entranhas, provocando um vômito esverdeado, que explodiu pela minha boca, lambuzando o ambiente já saturado, com um fedor insuportável e borrifado de imundícies humanas!

O cabo, amarfanhado no horrendo zé-carioca (numa caricata fantasia de herói), não suportou os primeiros testes das bestialidades dos homens e falou, como se jogasse as frases na cara dos culpados:

— Não sei se sinto nojo... (Escarrou uma baba gosmenta)... não sei se tenho asco dos homens ou se me revolto com tanta barbaridade... (Correu os olhos embaciados em volta, passou as costas da mão pelo queixo e retirou um fio de catarro amarelo que balançava e limpou a mão na "blusa-gravidez" do jegue verde-oliva)... Eita, guerra miserável!... Até parece...

E o cabo não pôde continuar. Alguém bateu, de leve, nas costas curvadas pelas emoções do infeliz cabo. Levei um susto tão grande, que o coração deu pinotes como se procurasse sair pela boca. Virei-me, apavorado, convencido que iria enfrentar os espectros da mulher da cabeleira negra que espanava o chão imundo. Que alívio! Era o velho Conselheiro que voltara, cansado de ser perseguido pelos bandos desavergonhados das crianças indecentes. Com olhar cansado e uma voz de quem já não tem mais força para continuar enfrentando tanta desgraça e tanta canalhice, o bom Conselheiro falou:

— Cabo, se eu soubesse que isso tudo é que se chama guerra, eu teria desertado...

Eu quis responder qualquer coisa. Meu camarada não permitiu. Antes de continuar suas amargas assertivas, Conselheiro apertou os lábios finos, fez uma careta e soltou um borrifo de cuspe que salpicou o chão emplastado. Colocou a mão ossuda no meu ombro, falou de mansinho, derramando os olhos bondosos e cismarentos pelas cenas que comoviam e enojavam ao mesmo tempo:

— Cabo... se eu fosse poeta, teria, nesta miserável guerra, um farnel abarrotado com dezenas de versos e milhares de rimas... (Tirou a mão do meu ombro, com os dedos encardidos acariciou o queixo pontiagudo, apertou os olhos e começou a piscar miúdo como se um forte jato de luz o cegasse)... Cabo, para nós, os Heróis de Barro, o inferno escancarou suas portas pestilentas....

— Já sei, Professor!... (Respondi, sem permitir que ele reagisse)... Você já me recitou isso uma vez, lembra-se?... (E aproveitei o espanto do meu camarada para repetir um versinho, sem pé nem cabeça, que o velho amigo tinha iniciado, deixando num rascunho, lá na barraquinha diminuta):

— O inferno abriu suas portas
num ranger esdrúxulo, infernal!
escancarando sua boca pestilenta
de melodrama satânico, imoral!...

Zé-Conselheiro encarou-me assustado. Piscou repetidas vezes, como era de hábito, quando sentia dificuldades em articular algumas palavras. Cuspinhou, com raiva, procurando preencher o tempo. Uma saraivada de cuspe foi esparramar no ar carregado de imundície e peste.

— É... seu abelhudo de uma figa... Então, anda bisbilhotando minhas traias, hein?... É bom que eu saiba disso...

Deu uma gargalhada gostosa, esquecendo dos azares do momento que muito os chocara. Passou a mão nas costas magricelas do cabo e convidou-o para saírem daquele lugar empestado e tétrico.

***

Em Pisa, o povo, sem rumo e sem esperanças, perambulava pelas ruas desmanteladas da cidade-fantasma.

Um rumo o guiava: VIVER!

Um dilema o martirizava: COMER!

E, para matar a fome de muitos anos de guerra, esse mesmo povo empregava a maior arma: SEXO... vendendo, trocando, barganhando... a filha, a sobrinha, a neta ou a própria esposa (triste verdade!). Na luta pela sobrevivência, elas serviam de repasto ao guerreiro lascivo: soldado, tenente, capitão ou general... tão ricos em provisões e cigarros para o câmbio negro.

Assombrado, eu observava um velhote gesticulando nervoso, procurando fazer-se compreender por um negro americano. O vovô

oferecia-se como cafetão de sua própria neta. Revoltando-me com a cena, explodi:

— Carcamano de uma figa!... Gringo desgraçado que vende a sua própria neta para um negro beiçudo...

Um chiado de passos leves, um tapinha nas costas, fez-me virar assustado. Era o velho Professor, saído não sei de que montão de escombros, todo sorridente, dando a resposta que procurava:

— A luta pela conservação da espécie, seu Cabo, é bárbara, quando chega neste ponto!... (Um sorriso forçado mostrou seus dentes enegrecidos de nicotina)... Veja, trouxebas, aquela garotinha... (E mostrou uma pequerrucha, de seus oito a nove anos, magricela, cabeleira solta e emaranhada)... Aquela sirigaitinha, tão cedo, já aprendeu requebrar o corpinho magricela, na ginga de um andar malicioso e safado, para acordar o sexo do guerreiro, adormecido nas barbaridades do front... (Apertou os olhos e piscou miúdo. Borrifou o ar com um esguicho de cuspe que a brisa pestilenta salpicou meu rosto afogueado com o chuvisco seringado)... É isso mesmo, seu Cabo, é a célebre luta pela sobrevivência da espécie ou pela conservação da raça...

Encorajado, arrisquei pedaços de filosofia barata:

— Seu Zé, será que vamos sair dos prados maravilhosos dos pinheirais de Pisa, como verdadeiros combatentes?... (Encarei o velho camarada, procurando descobrir e reação das palavras e continuei nas baboseiras)... Será que conseguiremos, neste inferno de crianças, as mais famosas vitórias da segunda guerra?...

Não pude continuar. Tanta besteira numa só rajada, massacrara meu velho companheiro que respondeu:

— É... seu trouxebas, vamos levar, para casa, os louros que a história não conta e que os monumentos não revelam... (Deu-me um safanão nas costas magricelas e continuou)... Tudo isso, é muito bonito, seu Cabo, muito bonito pra inglês ver e os bestas baterem palmas... Vamos, nada de sonetos improvisados para que, mais tarde, sejam declamados por rapazes macilentos, esquálidos e maricas, nos serões das famílias abastadas...

Novo empurrão e uma gostosa gargalhada do velho amigo, deixou-me com o rabo entre as pernas. Encabulado, compreendi as indiretas e acompanhei o camarada, sem ter o que responder, arrasado pelas verdades que não admitiam controvérsia...

E a brisa pestilenta, soprando vapores das desgraças, sussurrava cantigas que a guerra acompanhava com rimas de horror...

Tudo era silêncio!... Tudo era miséria!

***

Prossegui no passeio malsinado, sem rumo certo, trazendo, ainda, na boca pegajosa, a saliva amarga das realidades que eu não estava preparado para enfrentá-las. Logo adiante, numa casa caindo aos pedaços, notei que alguém me fazia sinais, com desespero. Desconfiado, corri os olhos em volta, procurando a pessoa que era chamada com gestos desesperados. Nada! Ninguém!

Quem me chamava, com sinais insistentes, era uma pobre mulher, maltrapilha e suja, mais parecendo um fantasma dos contos de horror. Descabelada, magricela e pálida, mostrava-me qualquer coisa para cima, numa casa de três pavimentos, em ruínas... aos pedaços...

Aproximei-me da figura horrorosa, sempre desconfiado.

Um nojo percorreu-me o corpo, quando reparei, de perto, quem era. Sua boca desdentada, num sorriso boçal de gengivas purulentas, pronunciava um emaranhado de frases incompreensíveis... Ela fez um gesto de tocar-me com as mãos sujas. Num instinto de defesa, recuei-me, apavorado.

Do emaranhado de palavras que ela soltava, consegui distinguir algumas:

— Paisano... sobe... no segundo andar...

E gesticulava... e falava... e rogava...

Depois de muito esforço, consegui compreender que ela queria que eu subisse naquele montão de ruínas, até o segundo andar, que ainda conservava pedações de seu piso. Mais admirado fiquei, quando a infeliz começou a embalar, nos braços mirrados, escalavrados e feridentos, uma criancinha imaginária. Só então, notei que ela devia ser louca.

Nos braços esqueléticos e sujos, embalava uma criança-fantasma, cantando cantigas de ninar...

Embalava e cantava... Cantava cantigas de ninar...

Zé-Conselheiro soltou uma praga em latim. Puxou-me pela manga do zé-carioca e filosofou:

— Existe no mundo de nossa guerrinha particular, um grande desespero... tão grande, seu Cabo... tão profundo... que avança nos escaninhos da alma humana, indo além das lágrimas!... (Fez uma pausa, como era de seu costume nas filosofias tão nossas conhecidas, encarou-me com ares distraídos e continuou, apontando a infeliz que a guerra moldara nos bombardeios de Pisa)... É uma dor tão profunda, que transforma nossa fisionomia numa terrível e imutável máscara de granito... num semblante impenetrável, como o dessa louca... onde, à

primeira vista, até parece ter evaporado os mais comezinhos vestígios da sensibilidade humana!...

Como sempre, não pude responder. Fiquei aturdido.

Dirigi os olhos, estupefatos, para a alucinada que me chamara com gestos nervosos. A cantiga de ninar, como que, por milagre, fizera desaparecer a figura grotesca da mulherzinha em trapos, fazendo-me esquecer das gengivas purulentas e desdentadas.

Levei um empurrão do velho camarada e a voz imperiosa de Conselheiro, me tirou do estupor que me estacara:

— Vamos!... Seja homem!... Suba!... (E, com novos empurrões, o camarada impelia-me para a frente, encorajando-me com insistência)... Você não é um pracinha de guerra?... Não é um dos tais herói pré-fabricado?... Vamos, rapaz, tenha coragem e suba de uma vez!... Veja o que é que está lá em cima... A louca não está pedindo socorro pra você, Pantaneiro corajoso?...

Uma força que não sei dizer de onde veio, impeliu-me pelas escadas em ruínas. E lá se foi o cabo, em busca do segundo andar que ela apontava com ansiedade. Levei uns tombos nos degraus desmantelados, até alcançar o piso que se equilibrava nos destroços dos bombardeios. Lá em baixo, Zé-Conselheiro falava, por gestos, com a louca esfarrapada.

No patamar do segundo andar, parei, para tomar fôlego. O quadro que não se pode descrever, apresentou-se-me, com toda sua crueza.

Num monturo de quarto que a maldita granada não conseguira destruir por completo, encontrava-se um arremedo de berço. Nele, um enxame de moscas zumbia em sua volta. Um horrível bafo de podridão, afogou-me os pulmões saturados de nicotina... e na forçada subida dos degraus bombardeados.

Abaixei e peguei um pedaço de sarrafo a meus pés.

Com muito cuidado, levantei o pano imundo que cobria o berço. Eu sempre tinha medo e não esquecia dos famigerados *Booby-Trap* (bomba conhecida como pega-bobo), que os ardilosos *tedescos* preparavam para os incautos pracinhas... *Booby-Trap* de tão amargas recordações.

— Meu Deus! Que coisa horrível!...

Petrificado com o que via, não notei que o velho camarada tinha subido também e ficara estacado com a cena bárbara!

Virei-me, sem saber porque, e ouvi do velho Conselheiro, como numa oração que o bom camarada deixou escapar baixinho:

— *Caro data vermibus...*

Voltei os olhos, em busca da cena horrorosa, como que hipnotizado pela frase do amigo.

Conselheiro deu-me umas palmadinhas amistosas nas minhas costas encurvadas pelo choque do quadro e continuou:

— *Caro data vermibus...*

— Ora, Conselheiro, deixe disso, por favor... (Supliquei, com voz rouca e quase inaudível).

— Não me leve a mal, Cabo!... É uma velha expressão latina: "Carne dada aos vermes"... tão apropriada ao sabor desta maldição humana...

— Oh! Coisa horrível...

— Veja, Pantaneiro, que barbaridade...

E o velho amigo apontou, com assombro e nojo, a confusão dos restos: era uma criança, com meses de idade, desfazendo-se em podridão, na confusão dos vermes... de larvas, fezes, gosmas..., misturados nos musgos do colchão de lã.

O zumbido das moscas marcava o compasso da sinfonia diabólica.

A mesma brisa, morna e pestilenta, que passeava pelos desvãos de Pisa arrasada, trazia os acordes de uma canção dolente e triste:

Dorme... dorme filhinho
anjinho inocente
dorme queridinho
que a mamãe
está contente...

Era a louca de Pisa, lá embaixo, cantarolando e embalando em sonho a criança querida... na cadência da cantiga de ninar.

Passado o estado de choque, o cabo estremeceu na realidade do quadro que não esperara encontrar. Um soluço afogou o urro que teria dado.

Era demais!

A besta-humana, fantasiada de guerreiro, rendeu-se à recordação do amor materno. Um turbilhão de lágrimas jorrou pelas faces do cabo, sacudindo seu corpo impotente, elevando a alma suja do praça, aos píncaros do amor que redime e enobrece.

Foi pela vez primeira que o cabo pensou em sua mãe!

E chorou... e soluçou... agarrado nos escombros da parede que balançava no equilíbrio das ruínas que apresentavam uma geometria maluca e bárbara.

Era o homem que voltava à terra.
Era o monstro que retornava ao homem.
Era o filho que lembrava sua mãe.

Sentindo umas palmadinhas nas costas que sacudia em soluços, o cabo ouvia, sem mais ter noção de tudo e do tempo, as palavras de consolo do seu velho companheiro:

— Coragem, Cabo!... Você ainda não viu nada!... (E novas palmadinhas nas costas, procuravam acalmar o amigo que sofria e que não estava amoldado para as realidades da guerra)... Cabo, você ainda não viu nada... Estamos ainda começando a guerra dos gringos desgraçados...

Com gestos grosseiros, empurrei a mão de Conselheiro e respondi:

— Não!... Não é possível!... Isto não pode ser um começo... (Balançava a cabeça, desesperado, com olhar esbugalhado para o berço enxameado de moscas) deve ser o fim... o fim de tudo...

Empurrei meu amigo que se encontrava no patamar da escada em ruína e desci, como um louco, os degraus em pedaços.

Desci, como um louco, as escadas em ruínas... mais louco do que a louca que cantava cantigas de ninar:

Dorme... dorme filhinho
anjinho inocente
dorme queridinho
que a mamãe
está contente...

Quem seria mais louco?...

A louca de Pisa que cantava cantigas de ninar, numa boca feridenta de gengivas purulentas?... Ou os célebres Heróis de Barro que marcavam, com fogo e sangue, a jornada pelos lares dos Apeninos seculares?...

Quem seria mais louco?...

A louca que cantava ou o soldado que chorava?...

Quem?... Quem?...

Quem seria mais louco?...

A louca de Pisa, esfarrapada e faminta, que cantava para um filho na putrefação e desfazendo-se em gosmas?... Ou o homem que não tinha natureza para violar donzelas, para assaltar lares, para matar irmãos?...

Quem seria mais louco?...

****

Tudo era silêncio!... Tudo era miséria!...

E a brisa, morna e pestilenta, arrastava, para os confins do nada, os embalos de uma canção... de uma cantiga de ninar...

Dorme... dorme filhinho...

[N/O] Dois parágrafos anotados em folha separada, manuscritos, sem indicação de onde inserir:

1) "Levanta-me, Senhor! Salva-me, Deus meu, pois feri no queixo a todos os meus inimigos e, aos ímpios, quebramos os dentes".

Deixou escapar mais um suspiro e pensou alto: "SALMOS de DAVI CAP/3, VC/7"[33].

2) "Quanto aos inimigos, estão consumados. Suas ruínas são perpétuas; arrasaram suas cidades; até a sua memória pereceu" .

[33] Este trecho na bíblia diz: "Vem, ó Senhor! Salva-me, meu Deus! Tu atacas os meus inimigos; tu humilhas os maus e acabas com o seu poder" [N/O].

CAPÍTULO XI

BILA, A MENINA DOS PINHEIRAIS

[N/O] Folha, em separado, traz, manuscritos, dois trechos bíblicos.

1) "Olhai as avezinhas do céu! Elas não semeiam nem ceifam; não têm depósitos nem celeiro. Todavia, Vosso pai do céu as alimenta! (Lucas, 12:24)".

2) "Afundam-se as nações, na cova que elas fizeram! E no laço que elas prepararam e esconderam, já rendem-se-lhes os países (David, 9:15)".

"Eis aqui Bila, minha serva" (Gênesis, 30:3)[34].

Nosso famigerado acampamento nos prados de caça do rei, nas cercanias da centenária Pisa, era um amontoado de insatisfações e revoltas. Os dias corriam morosos, pegajosos e pardos. As horas escorregavam pelo bivaque de nanicas tendas verdes, indo dormitar, com preguiça e volúpia, nos pinheirais sombrios que os circundavam, em busca do esquecimento...

Marcado, talvez, pelas circunstâncias, também eu entrei no rol dos que perambulavam pelos pinheirais das redondezas, em busca de uma *bionda*[35] que me descarregasse o sexo que gritava e gemia, no silêncio da barraquinha que nos afogava... o incontrolável sexo que se estrangulava, enforcado na jaula da abstinência da guerra que tudo devora.

[34] Este início está manuscrito. O trecho bíblico diz: "Aqui está Bila, minha serva. Deite-se com ela, para que tenha filhos em meu lugar e por meio dela eu também..." [N/O].

[35] Loira [N/O].

Há muito o cabo mantinha uma luta interna, desigual e constante, com a mais possante das vontades: o sexo!

O velho Conselheiro, sempre onipresente, repetia as duras verdades que eu, ignorante ou ingenuamente, procurava escondê-las:

— Cabo, você terá que ser envolvido, forçosamente, na lista dos que saciam as loucuras do sexo nas mãos sujas e nojentas dessas meninas dos pinheirais...

— Ora, seu Zé, tenho que lambuzar-me na lama do gozo de uma "bronha" da menina faminta?... Tenha dó... (Arrisquei um olhar desconfiado ao companheiro que me assuntava e continuei, procurando convicção no que dizia)... Você que é tão metido a puritano... (E encarei o camarada, em busca de uma reação que não veio)... Você teria tesão nas mãos sujas de uma garotinha magricela, raquítica, amarela, ranhenta e fedida?...

— É o que tenho perguntado, seu Cabo, para mim mesmo... nestes últimos dias... (Balançou a cabeça e lançando um olhar vago em volta do nada que procurava, avançou nas divagações tão nossas conhecidas)... Onde, Cabo, teria ficado o HOMEM em toda a sua plenitude e grandeza?...

Preparei-me para ouvir meu companheiro nas explanações que eu tanto admirava e que eram sempre oportunas. No seu modo costumeiro, Zé-Conselheiro, o filósofo da guerra e minha sombra eterna, passou as costas da mão no queixo ossudo, soltou um suspiro indiscreto, contraiu os olhinhos miúdos no vácuo das exclamações que não têm ressonâncias, e prosseguiu, como se falasse sozinho. O êxtase dominara meu bom companheiro:

— Onde teria ficado o berço-natal daqueles que conheciam, tempos atrás, os sentimentos mais nobres da pureza humana?...

Sem sentir, deixei escapar a confirmação ingênua:

— Onde, meu Deus... teriam meus camaradas, neste maldito acampamento, jogado o farnel das belas qualidades humanas?...

Zé-Conselheiro encarou-me admirado. Levando o dedo encardido de nicotina no meu nariz, afirmou:

— Cabo, os nobres sentimentos não conhecem fronteiras mas podem ser afogados nas trilhas encharcadas do ambiente... (Deu de ombros, soltou uma esguichada de cuspe e lançou, no mormacento do dia agonizante, as comparações que me calaram fundo)... Você é ainda muito ingênuo, seu pantaneiro boboca!... Não notou ainda que, brasileiros, americanos, ingleses, canadenses, filipinos... enfim, a fina flor da mocidade contemporânea, o que havia de melhor, está sendo esculpida no lamaçal das infâmias, as mais vis e nojentas... estão sendo caldeadas no barro fétido e imundo, de um lodo de luxúria e asco!...

Nesse instante, um som estridente e familiar, cortou o ar morrinhento, interrompendo os anátemas do camarada filósofo e cínico.

Era o clarim que nos chamava para o rancho.

Zé-Conselheiro, sem mais nada a dizer, encaminhou-se para nossa barraca, em busca de marmita para a gororoba. Continuei imóvel, calado e cismarento, com as últimas palavras do Professor, ressoando no ar pardacento e morto.

Indeciso, encaminhei-me para a barraca, como um sonâmbulo, ouvindo, em confusões de vozes longínquas, os complementos da nossa conversa, pinicados em meus ouvidos, por uma voz aflautada, debochada e cínica, acompanhada de uma risadinha sarcástica:

— Essa mesma mocidade, formará os Heróis de Barro que a pátria-madrasta receberá, num dia não muito longe... com flores, com

festas e que, depois, lançara os infelizes nas sarjetas do abandono e das misérias...

Assustado, procurei, na volta, quem me acompanhara, sabendo que nada encontraria. E, novamente, como num sopro gelado, a voz ressoou com esguichos de som malcheirosos:

— Heróis de Barro!... De barro humano... de barro podre...

Escutei um assobio ou zumbido?

Não sei!...

Sei apenas que, numa salada confusa de assobios e zumbidos, de vozes esganiçadas, uma canção desentoada ainda acompanhou o cabo até o rancho, lembrando, somente, destes versos:

> Heróis de guerra! De lama e barro...
> figuras falsas, no pó do escarro.
> Heróis famosos! Condecorados,
> por sua pátria?.... abandonados...

Sem mais compreender o que se passava, o cabo entrou na diminuta barraca, resmungando. Apanhou sua marmita e partiu em busca da boia infame, soltando pragas e resmungando.

***

De boca-em-boca corria o nome da menina que a guerra batizara de Bila. Era uma pequena órfã, abandonada nos monturos de Pisa. Por onde aparecia, Bila era logo escorraçada por todos, como um traste indesejável. Daí, a sua vida desregrada nos pinheirais de Pisa.

Nosso acampamento era um formigueiro contínuo de fardas, numa promiscuidade de andrajos da população que sobrara dos bombardeios. Eram as cenas mais comuns, nos escaninhos do front.

O contraste era de estarrecer!

Rapazes bem nutridos, das forças aliadas, fortes e corados, escorraçavam molambos de gente... que apareciam nos acampamentos, em busca de migalhas pelo chão ou revolvendo as latas de lixo, nas imediações das cozinhas.

Os andrajos (homens, mulheres, velhos e crianças) nos atormentavam na hora do rancho. Era uma fila interminável de máscaras famintas, devorando-nos com olhares esgazeados pela fome. Um cortejo de farrapos e restos.

Zé-Conselheiro, sempre sensível, afastava-se do lugar e ia remoer seu desgosto na barraquinha abafada, para não ver a miserável cena das brutalidades humanas!

Um dia, com a boca cheia de comida, ele assim falou, encarando-me com raiva, como se fosse eu o culpado de tudo:

— A guerra, seu Cabo, apresenta aos recrutas de nosso acampamento, o nojento galardão das vitórias de nossos exércitos...

Eu comia e não podia responder. Não sei se porque estava afogando nas emoções ou na gororoba reúna.

Ninguém conhecia ninguém:

Afundam-se as nações...

Ninguém respeitava ninguém!

Houve ocasião, no acampamento de caça do rei, em que a boia era defendida por soldados com fuzil e baioneta-calada. Mesmo assim, a fome suplantou o medo. Alguns mais afoitos, tiveram que ser detidos com cutucadas de baionetas...

Zé-Conselheiro ia dar uma garfada na comida, mas parou. Olhou pela pequena abertura da barraca e falou:

— A guerra, dom Pantaneiro, torna o homem num besta do apocalipse, na defesa de sua ração ou na luta pela conquista dessa mesma ração... (Com o garfo que estancara no ar, mostrou a interminável fila dos esfarrapados)... Veja! Esta praga de gringo... (Falava com a boca ainda cheia de farofa de farinha de ovos, salpicando o ar com fagulhas de comida)... Veja, que revoltante que é, a gente ter que aturar esta praga de gringo faminto, devorando nossa marmita, com olhos de caveira...

E o séquito da fome, com faces malvadas, expressões bestializadas, ia percorrendo as imediações, em busca de migalhas que aliviasse o estômago que gritava e gemia em estertores de fome.

— Isso que você está vendo, Cabo, não é nada, comparado com o resto da Europa!... (Deu uma cuspinhada com rasgos de educação, carregou o garfo na gororoba e empanturrou a boca. Virando-se para mim, parou de mastigar, cutucou-me com o mesmo garfo e continuou)... Coma, seu besta!... Nós vamos morrer por causa dessas pestes!... Não foram eles que começaram a guerra?... O praceba do Brasil não é culpado disso... (Apontou uma menina, de seus três anos, ranhenta e seminua, ciscando o chão em busca de restos que levava à boca, lambuzando o rosto. Balançando no ar, o garfo lambuzado, Conselheiro voltou às comparações que o atormentavam)... Essa fome, seu Cabo... Essa fome... (Correu os olhos em volta, revirou a comida que não rodava pela garganta, deixou a marmita no chão... e, soltando um profundo suspiro, falou com amargura)... Quá!... Não posso comer esta porcaria, com tanta fome em volta... (Encarou-me com reprovação e queixou)... Também você não ajuda... (Mostrou minha marmita ainda cheia de comida e gritou para o cabo que não podia comer, emocionado com as comparações do amigo)... Vamos!... Seu molenga!...

Vá dar sua boia para os gringos que querem ver sua caveira com grilo cantando dentro!... (Mudando a entonação da voz, o velho amigo continuou, como que arrependido das palavras ásperas que descarregara sobre o companheiro)... Pantaneiro, desculpe!... Eu também não posso comer... Essa fome que essa gente traz, é uma fome que corrompe... uma fome que mata... uma fome que afoga todos os sentimentos que a civilização aperfeiçoou com o passar dos séculos...

Calado, eu riscava o chão da barraca, com um palito de fósforos, consciente de minha culpa.

Apontando para uma velhinha que arrastava os anos nos tropeços da idade, Conselheiro continuou:

— Aquela desgraçada podia ser minha avó... (Deu uma cuspidela. Riscou o chão com a ponta do borzeguim, num gesto de raiva e tornou a mostrar a infeliz velhinha que ciscava o gramado queimado de geada)... Aquela velhinha, com jeito de vovozinha bondosa, tem tanta fome... tanta fome... que ela se jogara no chão, com fingida luxúria, para conseguir qualquer coisa para comer... (Soltou nova esguichada de cuspe que foi borrifar o ar quente de nossa barraca e foi sobrar uns respingos para minha cara em fogo. Jogou a carcaça magrela na tarimba dura e continuou nas comparações)... Eita guerra de merda!... A gente vê uma fome que obriga uma criança pura como nossa irmãzinha de oito anos, a se oferecer, descaradamente, para tocar uma maricota ao praceba... (Apertou os olhos como se sentisse nojo do que falava)... elas tocam bronha porque a babaca não cabe a piroca do batráquio fardado e mais tarado que a fome mata... a mesma fome que ceifa caráter, vergonha, honra, dignidade...

Deu um pulo, pegou a marmita e foi entregá-la, quase intacta, para uma criança que vasculhava o chão ressecado pela geada.

Passou a mão pela cabecinha loira, encaracolada e suja, desculpando-se, como se fora ele o culpado de sua desgraça:

— Toma!... Nós não somos culpados... Deus te abençoe...

E sumiu, nos pinheirais, em busca de silêncio e paz...

***

Bila, o pequeno anjo dos pinheirais, também fora arrasada no vendaval da guerra... abandonada e faminta.

Bila compreendeu, muito cedo, que teria no sexo dos soldados descarados, a mais forte arma para a defesa de sua sobrevivência.

Bila, uma sombra recém-vinda ao mundo de nossas misérias, encontrou, nos pinheirais do acampamento, a sua moradia e a sua defesa.

Auxiliada por algum soldado mais humano (ou mais crápula?) construiu com restos de lona de barraca, pedaços de caixotes de ração "K", um pequeno abrigo, numa ressequida moita de arbustos estraçalhados pela metralha. Sua toca, com o passar dos tempos, ficou sendo conhecida como "Toca-Bila", que muito bem servia para designar duas expressões:

1 – O nome verdadeiro de sua cabana minúscula;

2 – O ato de friccionar, com suas mãozinhas imundas, o membro do pracinha que a procurava para descarregar o sexo.

Ela, senhora absoluta das redondezas, defendia seus domínios, com aguerridas batalhas... muitas vezes auxiliada pelo seu descarado cafetão, um nordestino que o demônio fantasiara de soldado.

Houve casos de incursão de outras meninas, de sua idade, em

busca de um pouco de alimento, oferecendo-se para a mesma cena degradante. Bila, enfurecida, punha suas concorrentes para correr, auxiliado pelo cafetão descarado e sem entranhas.

***

— Cabo, ontem andei dando umas voltas pelos prados... e conheci a famosa "Toca-Bila"... (Como que envergonhado, Zé-Conselheiro baixou os olhos, ciscou qualquer coisa com um pé e continuou, com voz sumida, quase num sopro)... Vou separar um pouco de minha ração, todos os dias, para levar àquela infeliz criança... (Parou de falar, passou as costas da mão no queixo pontiagudo, fez menção de dar uma cuspinhada – como era de seu hábito quando demonstrava nojo ou revolta – não pôde, os músculos de seu magro pescoço contraíram-se, engoliu um nó amargo que lhe queimava a garganta e continuou)... Será que não temos um meio de acabar com isso?... (Depois de soltar um profundo suspiro, Conselheiro levantou os olhos, encarando-me, como se fora eu o fabricante de toda aquela desgraça. Com cara de poucos amigos, perguntou-me, como se esperasse uma resposta negativa)... Cabo, você tem irmãs?...

— Lógico, que tenho!... (Respondi em seco, sem saber onde o meu velho amigo queria chegar).

— Será que você, também, deixaria um pouco da gororoba para a infeliz Bila?... Quem sabe... (Falou titubeante)... Quem sabe, com isso Bila acabaria com as sem-vergonhices da moita dos pinheirais... (Mordeu os lábios, como se procurasse afogar as últimas palavras proferidas. Suas faces contraíram-se num ranger de dentes)... A gente tem até vergonha de ser brasileiro, soldado... Oh, gente tarada! Praceba miserável! Soldado de barro! De barro com bosta, e bem fedorenta!...

E saiu, como louco, sem completar o que queria, deixando-me estonteado, como se fora, eu, o único homem no mundo, responsável por tudo isso.

***

Ao longe, muito longe, onde parece que o mundo ainda existia para os homens de bem... num desbotado fiapo de nuvem, o contorno de uma figura é arrastado com os retalhos de saudade, na indolência do dia mormacento que tudo afoga. Os pinheirais do acampamento, no ranger estridente da ramagem e triste, cantavam e gemiam, nas chagas que os estilhaços rasgaram em seus galhos. Esse hino da natureza que sofria, era marcado pelos baques surdos das pinhas que caíam, em compassos lamentosos. Abandonado pelo amigo que me acusara tão maldosamente, saí para dar umas voltas, em busca de alívio e descanso. No pinheiral sombrio e acolhedor, eu andava sem rumo, mascando um ramo que arrancara por acaso, dando chute aqui e além, na primeira pinha que encontrava, como se fora ela, também, a culpada de tudo.

Numa sombra mais acolhedora, parei e sentei na relva. Descalcei os borzeguins, tirei o blusão do zé-carioca desengonçado e com ela forrei a grama, ressequida e tostada pelas últimas geadas do outono italiano. Deitando-me de costas, cruzei as mãos e as levei em baixo da cabeça, na falta de um melhor travesseiro.

O dia, como outro qualquer morrinhava na lentidão das horas que não passavam. Lá em cima, num vão aberto na ramagem entre dois braços de pinheiro, divisava-se um céu que não era o nosso: era um céu estrangeiro. As nuvens, pesadonas e rechonchudas, arrastavam-se no caminho do nada, encabeçadas por uma bem mais escura, grávida e mal-encarada.

Minha cabeça latejava, querendo estourar no ritmo da pulsação descontrolada pelos últimos acontecimentos. Minhas faces estavam em fogo, emanando um calor fora do comum. As fibras da garganta seca, retesavam-se e queimavam na saliva que teimava em descer, soltando um som áspero que era provocado pela lixa das membranas ressequi-

das. O pensamento, senhor absoluto da liberdade, começou a dar seus passeios costumeiros...

Sem que o notasse, comecei uma discussão comigo mesmo. Sabendo que não seria interrompido pelo velho Conselheiro, indaguei de meus botões:

— Não são os soldados aliados, os mais ricos em provisões e agasalhos, que servem para mitigar um pouco as desgraças desses infelizes?

— Desculpa de mau pagador... (Veio lá de dentro, a resposta que não se fez esperar).

— Nós, os soldados latinos, não somos os mais ousados nas incursões perigosas em busca da fêmea?... (Continuei, com cara de anjo).

— Pergunta miserável e cretina... (Gritou, lá de dentro, a voz que não concordava com o cabo).

— Então você não concorda que, melhor do que qualquer outro lugar na cidade arrasada e atravancada de monturos, Bila não está certa de vir construir sua toca nestes pinheirais?...

— Ainda não serve!... (Rugiu a voz do íntimo).

— Você não vê que ali mesmo, na cidade que fora arrasada... (Ensaiei uns gestos teatrais e cretinos)... na cidade que fora o berço de seus avós...

E a voz do nada (dos botões ou da consciência?) cortou o que eu pretendia apresentar como teses guerreiras:

— Romance vagabundo!... Com palavreado rebuscado nas estantes empoeiradas, próprio para folhetins distribuídos em portas de cozinhas...

— Ora ... onde Bila teria encontrado o caminho mais seguro para a sua sobrevivência de resto de guerra? ... Por acaso...

Não pude terminar. Zé-Conselheiro, que andara à minha procura, cortou meus pensamentos proferidos em voz alta, martelando-me em cheio:

— Não... seu cínico!... Não! Seu cabo de uma figa!... Em que mala, seu capachildo, você trancou os restos de sentimentos que trazia das plagas dos pantanais?...

Assustado, dei um pulo, ficando em pé e encarando meu inseparável companheiro. Ele estava encostado num velho pinheiro, com as pernas cruzadas e os braços nos quadris, encarando-me com olhares de mofa. Num sorriso com tiques de cinismo, Conselheiro continuou:

— Escutei suas fanfarronadas... (Foi tirando o "blusão-gravidez" e, passando o borzeguim no chão, amaciava a grama, para agitar melhor a sua cama. Num suspiro de preguiça, sentou-se e começou a descalçar, falando como se eu não estivesse presente)... Maldito professor que a guerra deu para Bila conhecer... miserável mestre que deu instruções para Bila sobre a sobrevivência da espécie... (Com raiva, arremessou o borzeguim que arrancara, com força, dos pés doloridos, no tronco mais próximo e, rangendo os dentes, continuou nas comparações)... Maldito homem-fardado que arrasa cidades!... Que invade templos!... Que devassa meninas!... (Com a fisionomia de poucos amigos, arremessou, com mais raiva, o segundo borzeguim no mesmo tronco – seria o pinheiro, também culpado de tudo? –, como se castigasse um criminoso e jogou a carcaça moída no chão embatumado de gramínea ressequida, rosnando mais do que falando)... Maldito animal que vestiu a farda, pra vir profanar meninas da retaguarda!... (Com fúria, arrancou um bocado de grama seca, escolheu um fiapo que levou a boca e, virando-se para mim)... Cabo! Maldito o homem que profana o mais sagrado altar de nossa espécie! A INFÂNCIA!...

Tomou um fôlego. Aproveitei a relativa calma do meu bom camarada e arrisquei, um pouco trêmulo:

— Mas, Conselheiro... os brasileiros não são todos iguais...

Não pude terminar. A navalha cortou o fio das possíveis defesas, num golpe inesperado:

— A besta-humana, seu Pantaneiro ingênuo, a besta-humana que sacia seus instintos na podridão do gozo, também era pura e trazia pedaços de nobreza, antes de conhecer a guerra e suas leis miseráveis...

— Então, seu Zé... também nós... estamos enquadrados na miserável lei?

— Todos! Seu animal!... (Gritou, com voz rouca, o amigo que se revoltava com a minha ignorância. Mudando a entonação da voz, Conselheiro continuou, já com mais controle)... Pense bem, seu advogado das causas perdidas!... Bila, essa menina-monstro dos prados de Pisa, também, como você, foi caldeada na monstruosa usina do opróbrio humano, para representar o papel de humilde coadjuvante, nas belas páginas dos compêndios das histórias da humanidade...

Com olhar vago, Zé-Conselheiro voltava ao seu estado eufórico, dono absoluto da conversa, senhor das comparações bem-apanhadas. Meteu a mão no bolso da calça, tirou cigarros e fósforos. Com requintado capricho, bateu o cigarro na unha encardida do polegar sujo, levou-o à boca. Acendeu um fósforo. Tirou uma tragada do "virginia" e, no rodopio da fumaça em espirais, acompanhou o bailado com um olhar vago, em busca de novas comparações, tão natural em sua pessoa:

— Como se ainda restasse um fio de respeito humano, os cobras que se saciam nas mãos sujas de Bila... (Fez uma pausa. Seus olhos contraíram-se num rictos de nojo. Soltou uma cuspinhada entre os dentes e um suspiro fugiu de seu peito magricela)... Como se ainda...

Não pôde terminar, porque o cabo cortou com esta:

— Eu não sabia nada disso, bom Conselheiro...

O velho camarada engoliu em seco uma saliva grossa que provocara um estranho ruído nos gorgomilos do mestre. Encarou seu companheiro e falou:

— Os pracebas ainda respeitavam a pureza infantil de Bila... (Nova pausa e um olhar cismarento cortou o espaço abafado)... Até onde e até quando, não sei...

— Mas Conselheiro... em tudo isso há o perigo de um praceba mais tarado brutalizar a menina...

Não terminei o que iniciara. O Professor, indiferente às minhas palavras, continuou, sempre olhando para cima, como se não escutasse o que eu falava com certa dose de emoção:

— Até o negro americano, tão famoso nas histórias de estupro, tem respeitado Bila, na sua toca dos prazeres... (Fez uma outra pausa, consultou o relógio como se alguém tivesse pedido as horas, sentou-se com suspiros de moleza... espreguiçou-se... e, encarando-me, rasgou o silêncio do bosque dos pinheirais, com esta sentença) ... E se Bila for brutalizada por um praceba, que se dane!... Quem inventou esta maldita guerra foi o desgraçado do italiano!

Levantou-se, foi buscar os borzeguins que tinham sido arremessados no tronco do velho pinheiro. Calçou-os, sempre resmungando. Mantinha uma carranca dos que não admitem contestação e levantou-se, saiu, na sua ginga de magricela, deixando-me arrasado. Antes de sumir, num emaranhado de velhos pinheiros, virou-se e gritou:

— Cabo! Está na hora do rancho!... Levante-se, homem!... Praceba não vem na guerra pra defender o cabaço da menina nem pra fi-

losofar problemas de honras alheias!... (Fez continência com um gesto gaiato e arrematou)... Praceba vem na guerra pra MATAR!...

E sua figura, esguia e seca, sumiu na confusão dos troncos.

***

Com a cabeça girando, continuei deitado, chocado, perambulando no vácuo do silêncio que me fazia companhia.

— É verdade... (Soltei, num suspiro).

Lembro-me de um versículo bíblico que fala sobre um nome como Bila. Parece-me que Gênesis... Vou perguntar ao professor.

Mesmo aquele monumental soldado de cor, das tropas americanas, não pôde rasgar o fino véu que preservara, inviolável, a esquálida figura da menina faminta que morava nos pinheirais. E o quadro doloroso voltou-me na memória embotada, com as tintas rubras das baixezas humanas!

Foi numa tarde sem graça (como a maioria delas), tarde enfadonha, seca e sem vida... Resolvi dar um giro pelos pinheirais, em busca de uma presa feminina. Sem que eu menos esperasse, aproximei-me da Toca-Bila.

A cena imunda que se apresentou, era infame: Na frente de Bila, que estava ajoelhada, um herói de ébano, com as calças arreadas, balançava no ritmo da maricota... que a pobre menina executava ao gigante magro dos cortiços americanos.

Era nojento!... Bárbaro!...

Em pé, dentuça arreganhada num sorriso bestial, beiçola caída e deixando escorrer uma baba pegajosa, lasciva e vil... o negro dos "stêites", de olhar esbugalhado no prazer sádico, suspirava num gingar erótico e animalesco...

Horrorizado, eu via o herói do ébano com as mãos escuras, enormes, de gigante negro, acariciar, na menina faminta, a cabecinha suja de cabeleira embatumada...

O Hércules de azeviche, emblema de uma guerra humilhante, fazia revoltar o mais empedernido dos homens!

E Bila... coitada! Na sua ignóbil missão de menina-monstro, mantinha suas mãozinhas esqueléticas, num vai-e-vem constante, friccionando o volumoso pênis do negro americano que se fizera soldado da liberdade!

Estarrecido, eu permanecia estático, sem forças para fugir.

O brutamontes aumentava a cadência do ritmo, à proporção que o gozo se aproximava do fim. E, na ânsia do prazer bestial que tudo arrasta, do prazer que se esvai em lances de gozos e jorros de pus... a besta negra soltou um longo suspiro e soluçou, abraçado na cabecinha suja... lambuzando os trapos que a menina vestia, na baba nojenta que seu membro vomitava, em pruridos e ânsia do sexo!

O quadro era nojento! ... Bárbaro! ...

Saí tonto... cambaleando...

Os ouvidos zumbiam. A garganta queimava nos gorgotões de saliva asquerosa do nojo que sentira. O coração deu pinotes, procurando arrebentar o peito que arfava na febre da náusea e do asco. Meu estômago fraco, revirou em convulsões. Saí como um doido... espavorido, fugindo do quadro dantesco que me descontrolara. Aos trambolhões, esqueci das cautelas para com as malditas minas pessoais que infestavam o bosque dos pinheirais.

Logo além, um estrondo ressoou.

O cabo, no cambalear das alucinações, pisara num "caixa-de--manteiga" dos *tedescos*. Por sorte, a espoleta funcionara com tempo retardado. Passara somente o susto dos recrutas de guerra. No instinto de defesa, jogara-se no chão. Minutos depois, ainda atordoado com o estrondo e com o que vira na Toca-Bila, o cabo permanecia deitado. Passava a mão pelo corpo, em busca de possíveis ferimentos. Estava ileso.

Assustou-se, ao ouvir uma gargalhada e, logo a seguir uma voz debochada que não atinou de onde viera:

— Ileso!... Perfeitinho da silva...

E o praceba ainda tonto de susto e de nojo, saiu cambaleando, procurando assustado, a voz que não sabia de quem era:

— Perfeitinho da silva!... A carne de canhão que o Brasil despachou com endereço certo... para o front da Itália...

A boca ressequida e amarga do cabo enojado, arreganhou ao ricto de agonia... escancarou, deixando sair, aos jorros, os vômitos da vergonha e do medo! Os vômitos da repulsa de tudo que acabara de assistir na Toca-Bila, misturando com a baba esverdeada do pavor que aniquila!

A cena degradante fora muito forte, para o pracinha ingênuo das terras do pantanal. Nem todo herói caldeado na lama em fogo das misérias humanas, pode ser submetido a um teste dessa natureza!

***

Tempos depois, quando eu contava, envergonhado, as minhas peripécias na Toca-Bila, naquela tarde, o velho Professor saiu-se com esta:

— Cabo, lembro-me do velho amigo Schweitzer, que pregava, num cínico desprezo à guerra: "Eu sou vida que quer viver, no meio de vidas que querem viver"... (Soltou um suspiro saudoso, procurou algo no infinito azulado e gritou com raiva)... Será que aquela besta do Schweitzer não conhecia a guerra?...

Eu não podia responder. Meu amigo estava fora de si. Nesses casos, eu costumava respeitá-lo, permanecendo-me calado e atento...

Notando meu silêncio, o bom camarada procurou desculpar-se, avançando nas comparações horrorosas que a guerra nos lançava no rosto:

— Não se amofine tanto, seu cabo!... (Levantou as sobrancelhas em vírgulas, num gesto de enfado e soltou uma baforada de fumo que rodopiou em loucas espirais pelo céu dos prados imperiais)... Não se amofine tanto ...

Interrompi meu companheiro:

— Não é questão de mofina ou de morfina, não ...

Conselheiro não gostou da tirada e respondeu, com rispidez:

— Com o passar dos tempos, toda essa imundície que anda por aí, ficará esquecida pelos tempos e pelos homens... (Levou o indicador no meu nariz, num gesto de quem está procurando os conceitos certos e continuou nas definições)... Nem os livros didáticos contarão, nas páginas das histórias, os bárbaros crimes que a soldadesca pratica nos escaninhos do front...

— É mesmo, Conselheiro! Eu nunca li um negócio desse nos livros escolares...

O bom camarada não deixou que eu terminasse:

— Quá, seu moço!... Com o passar dos tempos, esse negócio de herói de ébano com a faminta Bila, que arrasou com a sua sensibilidade, desfilará em sua memória como um medonho pesadelo e que nem você poderá confirmar que foi verdade...

— Será possível, Professor?... Será que os serviços sociais desta guerra de libertação...

— Já vem você com literatura judaica!... (Deu-me um safanão e continuou noutro tom)... Pode anotar o que vou dizer: esse tal herói de ébano da Toca-Bila, desfilará na terra dele, ovacionado pela multidão histérica, ululante, amorfa e boçalizada de patriotismo barato!... (Deu uma das famosas cuspidelas que foi borrifar minha cara e continuou nos ataques)... Esse mesmo herói de ébano, um dia, será ovacionado pelo populacho enfrenado na cadência militar, num fremir de aplausos e vivas, para homenagear o negro que retornara herói... Sem saber que homenageavam canalhas acobertados pela auréola dos que tombaram para a felicidade dos que ficaram...

— Então os pontos de história que estudamos, não são verdadeiras?... (E mudando a entonação da voz, procurei expressar melhor)... Eu pensava que a história...

— Você não pensou nada, seu Pantaneiro ignorante!... (Atalhou o velho ranzinza, sem dar tempo ao cabo)... As histórias dos livros escolares não ensinam as verdades dos fatos, porque aos generais não interessa...

Aproveitando uma fração de tempo, avancei nas réplicas:

— Não posso concordar, Conselheiro...

Meu amigo fuzilou-me com um olhar carregado nas sobrancelhas em vírgulas. Apertou os olhos e, na contração dos lábios, lançou

um esguicho de saliva que foi borrifar a copa de um pinheiro novo. Com firmeza, prosseguiu:

— Por favor! Seja um pouco mais realista!... Não notou ainda o ambiente nojento desta guerra miserável?... (Fez uma pequena pausa, como se aguardasse os efeitos das últimas palavras e continuou)... Você pergunta por que nossos professores não citam, nos livros didáticos, as bestialidades praticadas nos escaninhos do front?... Ora!... (Exclamou, mudando o tom da voz)... Porque o senhor deus das guerras, os generais, não o permitem!... Tá?!!!... (Virando-se para mim, falou, com voz grave)... Teria eu, oh, rei dos fados! O estigma da ingrata missão de revelar ao mundo a vergonha que afoga os heróis de guerra?...

Olhou em volta, como se procurasse auxílio. Suas últimas palavras, atiradas com tanta realidade, deixaram-me embasbacado. Zé-Conselheiro ainda deixou escapar pedaços de sentenças que não mais entendia:

— Por que, meus camaradas... trago no peito em chamas, a medalha... dos Heróis de Barro...

Meu velho amigo deixou escapar um profundo suspiro e continuou sempre cortado pelas reticencias das pausas:

— Por quê?... Meus Deus!... Por quê?...

E recitou, como se balbuciasse em preces, os versículos que eu não lembrava naquele dia:

— "Eis aqui a Bila, minha serva"; coabita.

A medalha dos Heróis de Barro

Heróis de Barro, de barro humano,
brancos e pretos, do mesmo "pano"!
Filhos queridos, de mãezinhas puras,
soldados podres, de mãos impuras!

Heróis fardados, um mau soldado,
no verde-oliva, empacotados!
Esperançados, da Pátria Amada,
receberão, muita pancada!

Heróis de guerra, de mil feridas,
figuras falsas, no pó da vida!
Heróis famosos, elogiados,
por sua pátria, são renegados!

Heróis de Barro, pobres coitados,
soldados-rasos, bem revoltados!
Descontrolados, fantasmas-vivos,
vivem chorando, com mil motivos!

Heróis cantados! Heróis rimados!
na retaguarda, encurralados...
Antes do front, por que será?
vivem pensando! "Não voltará"!

Heróis palhaços, de pantomina,
vivem chorando, numa surdina!
Quando no front, a vil metralha,
num gargalhar, os estraçalha!

Herói demente, pra onde vais?
— VOU PRO INFINITO ENCONTRAR MEUS PAIS!
Herói famoso, estais com medo?
— NÓS TEMOS MEDO, É DE TER MEDO!

CAPÍTULO XII

O SOLAR DAS CASTANHEIRAS

Front de Gaggio Montano... Inverno rigoroso!

O famoso e tão discutido general-inverno iniciara a sua carga progressiva, massacrando as tropas dos Apeninos. A velha e ensanguentada natureza, cansada e exangue, chorava, em chuviscos de neve, sobre a mortalha que assolava os contrafortes dos Apeninos convulsionados.

Tudo era desolação!... Miséria!... Ruínas!...

A presença desse monstro que sacode as fibras do soldado até suas entranhas: O MEDO! Comichava os nervos do cabo pantaneiro, com milhares de braços invisíveis e traiçoeiros.

Numa gélida cortina de flocos, o Grande Artífice cerrou a claridade do dia embaciado e frio. Acocorado sob o peso do nada que antecipa aos grandes segundos, os pracinhas mastigavam sua mocidade, nos fragmentos dos poucos dias de calma, acorrentados à uma carnificina: teatro real de suas desilusões primeiras... E, pela vida amargurada dos tempos, havia de acompanhá-los, como um tétrico e ignóbil espectro de seus atos! Era a sombra rastejante do remorso, iniciado nas primeiras escaramuças do front, acorrentando-os, pouco a pouco, para conservá-los eternamente presos aos grilhões de torturas alucinantes.

A velha natureza chorava, nas gotículas geladas de chuviscos e flocos. Minha peça 105, localizada atrás de um morrote, vomitava morte sem descanso nem piedade. Duas guarnições: a que eu comandava e a do Cabo Mineiro, trabalhavam, incansáveis, na máquina de fabricar defuntos.

Para aliviar os ouvidos arrebentados nas medonhas explosões, os aliados nos mandaram protetores para os tímpanos. Era um estojo, semelhante ao batom feminino, que se encaixava nos ouvidos dos artilheiros, aliviando um pouco. Dias havia em que nossa peça 105 vomitava fogo com tanta rapidez, num ritmo de metralhadora descomunal, que levava nossa guarnição até o aniquilamento por exaustão. Numa das poucas folgas do front, Zé-Conselheiro contou-me:

— Cabo, lá na frente... (E apontou para a linha de fogo entre as duas raças que se matavam numa luta sem trégua)... lá na frente, uns dois quilômetros da zona perigosa, descobri uma casa escondida entre as castanheiras. Parece que tem gente... Vamos ver?... Estamos de folga...

— É... precisamos conhecer o terreno...

Recruta de front, medroso e desconfiado, eu tinha a mania, quando de folga da guarnição (entrava de serviço, 24 horas corridas, descansando outras 24 horas, consideradas sagradas para o soldado do front), tinha a mania de sair pelas vizinhanças, para reconhecimento do terreno... Orientando-me para uma possível fuga inesperada. Meu companheiro, como sempre, não podia deixar de ser o bom Conselheiro, que não parava de falar nessas caminhadas a esmo:

— Pantaneiro, a cobra vai fumar de verdade!... *Tedesco* não é sopa... O bicho tem tarimba e já é praça velha nos combates! Tá?...

Mais adiante, parou, segurou meu braço e apontou em direção de um casarão antigo, sujo, velho, abandonado e caindo aos pedaços, lembrando os velhos contos de terror.

— Veja, Bororo, até parece o solar das almas perdidas... Nossa!... Que casarão mais feio...

Era um vetusto casarão, assobradado, lembrando romance medieval. Uma enorme porta dava entrada ao antigo solar. Janelões fechados, de veneziana esburacadas. Nas persianas apodrecidas, os caixilhos exibiam cacos de vidraças partidas nas explosões dos combates e que estavam vedadas com velhos pedaços de papelão... Tudo era silêncio!

O velho Professor tinha-me na conta de um bandeirante experimentado e hábil, nessas andanças de reconhecimentos. O inseparável camarada acompanhava-me, sempre, mantendo seu matraquear constante, seguindo meus conselhos à risca, sem discutir.

Meu tipo caladão, casmurro e sempre mal-humorado, mantinha as papagaiadas do velho amigo, com respostas em monossílabas, às vezes em impropérios ou palavrões descabidos, descarregando todo o azedo [N/L] do fígado envenenado, em cima do amigo calmo e [N/L].

Daí, talvez, nossa indissolúvel camaradagem. Ele, sempre superior, aceitando o mau hálito de minha bílis pegajosa. Eu, suportando-o no matraquear constante das filosofias baratas, às vezes cínicas e chocantes.

Dois tipos, duas mentalidades, dois amigos, dois camaradas "fora de feixo" que o front unificara...

O casarão avoengo, melancólico e silencioso, parecia crescer em nossa frente. Estacamos a alguns passos da porta e Conselheiro falou:

— Vamos, seu moço! Bata!... Você é o graduado e é quem tem as ordens de comando... (Fazendo mesuras exageradas, dobrou a espinha, num gesto de vassalagem que não possuía)... Sirva-se, excelência, o prato de curiosidades é vosso...

Fulminei o amigo com um olhar. Nada respondi. Com a coronha do fuzil, bati, com raiva, na porta enorme, como se ela fosse culpada.

O som cavo da coronha na velha porta, sacudiu meus nervos até a medula do esqueleto que tremeu no abalo do susto.

— Oxente!... Essa trovoada que estou escutando... (colocou a mão em concha no ouvido e lançou um olhar gaiato pro meu lado)... Será que são as batidas do seu coração?... Puxa, Cabo!... Até parece que você é mineiro: peito de ferro onde pulsa um coração com medo.

— Pisss... isss... isss... (Sibilei, de mansinho, levando o dedo nos lábios).

Zé-Conselheiro inclinou a cabeça, como se procurasse ouvir algo.

Nas primeiras pancadas, não ouvimos nada. Só meu coração, teimoso e sem-vergonha, cortava o ar com meu retumbar escandaloso e humilhante.

Insisti, todo trêmulo, com novas pancadas de coronha, na portarra do solar mal-assombrado. O fuzil, em minhas mãos trêmulas, pesava uma tonelada. Ouvimos passos, arrastando chinelas.

Zé-Conselheiro cortou o silêncio que nos afogava:

— É... custou um pouco, mas o bicho já vem... (Mudando de tom, virou o rosto, como se procurasse alguém do outro lado e perguntou)... Cabo, e se for *tedesco*?... Que faremos?...

Meu sangue gelou. Quis correr, mas as pernas faltaram, balançando no compasso do medo que disparara o coração. O frio dos Apeninos, com a garoa gelada navalhando meu rosto, encobria a tremedeira de minhas pernas. Um som áspero e estridente cortou o silêncio que se fizera no momento. O trinco rangeu na ferrugem... A velha e carcomida porta gemeu e soluçou nos gonzos seculares. O imprevisto era um fantasma estarrecedor.

— Será que há muito mais sensação nervosa em quem espera numa porta do que em quem abre essa porta?...

— Quieto, seu Zé! Prepare-se para o que der e vier, homem!... (E procurando dar um tom marcial em minhas palavras, recomendei)... Lembre-se! O perigo vive em nossas vidas de front...

Na porta entreaberta um rosto de mulher envelhecida, arriscou uma espiadela. Uns olhinhos enrugados, trêmulos e embaciados, fitou-nos assustados. Uma voz cortou o ar gelado, sibilando nos SSS da boca sem dentes:

— Quem está aí?... (Uma pequena pausa. O piscar incessante dos olhos embaciados. Nova pergunta de boca desdentada)... *Brasiliani*?...

— *Ècco! Brasiliani...* (Trovejei, todo valente, procurando esconder meus receios de poucos minutos)... Vamos! Abra logo!... (Gritei, engrossando a voz na garganta ressequida pelas emoções do momento, esquecido que há poucos minutos eu tremia de frio e de pavor)... ABRA!... Temos que fazer revista na casa... Aqui é terra de ninguém!...

Eram golpes que dávamos na população civil, ignorantes dos assuntos militares e das ordens que recebíamos do Alto Comando Aliado.

Levando a mão em concha em meu ouvido, Conselheiro cochichou:

— Puxa... vosmecê virou besouro de um momento pra outro!... Que voz grossa. Nossa!

Dei uma cotovelada nas costelas do amigo, que foi só pena que voou. Conselheiro deixou escapar um gemido e saltou de um lado, encarando-me com azedume.

A pobre velha nos espreitava, apavorada, na porta entreaberta, não sabia se fechava ou se abria a porta. Por fim, com a cara mais des-

consolada que a guerra podia oferecer, a velha não teve outro remédio: abriu a porta que gemeu na ferrugem dos velhos gonzos... e escancarou-se numa gargalhada de gengivas desdentadas.

Entramos!

Tudo era limpeza e asseio.

Um cheiro de lar tomou conta de nossas narinas embrutecidas no front dos Apeninos, pelos nojentos odores de pólvora, sangue, imundície...

Percorrendo os olhos no ambiente gostoso, Zé-Conselheiro respirou fundo, soltando uma exclamação de prazer, esparramando contentamento nos gestos largos e sem cerimônias:

— Hum... Hum... Quá, seu Pascuá!... É aqui que se inverte o ditado popular: "por dentro bela viola, por fora pão bolorento"... (E deixou escapar outra exclamação de prazer)... Hum! Hum!... Eita mundo pequeno!... Tudo cheira minha casa, meu rancho, minha vida...

Depois de percorrer a sala com avidez, olhei para a dona da casa. Uma pergunta, para meus botões, pairou no ar:

— Que faria, na terra de ninguém, uma senhora daquela idade?... Todos fugiam da guerra, abandonando casa, haveres, família, tudo...

— Pensando alto, seu Cabo?...

— É... é isso mesmo...

— Tá maluco?... (E mudando o tom de voz)... É isso mesmo! Por que será que essa vovó continua aqui?...

— Professor, não acha que tem a ver com uma razão?... (Levei a mão no queixo e dirigi um olhar interrogador para a velha que nos escutava sem nada compreender)... Isto parece um mistério... Que será?...

— Cuidado, Pantaneiro besta!... (E o velho camarada levou o dedo no meu nariz)... Bem que pode ser uma espiã... (Partiu para a velha com ares inquiridores, examinando-a de cima a baixo, como se procurasse ler os pensamentos da mulher que nos encarava apalermada)... Ela pode estar escondendo *tedesco* nesta espelunca secular e bolorenta por fora...

O enigma foi decifrado. Uma voz adocicada, como há muito não ouvíamos, cortou o ar carregado de suspeitas, ressoando em nossos ouvidos, como um canto de fada:

— Mama!... Quem é?...

A fisionomia da velha transfigurou-se. O sangue fugiu-lhe das faces magras e rugosas, num calendário dramático dos anos de fome e de misérias que rolavam pelas suas faces cansadas.

A realidade da guerra que tanto ela evitara nas fugas contínuas, viu chegar de mansinho, envolvendo sua família com infame véu que tudo cobre e tudo desgraça... um véu que envolvia todos num abismo de infâmias, na vala comum dos desejos sufocados no front... um véu que naquele momento, empastava o olhar sádico do *caporale* que ouvira a voz do anjinho.

O corpo enfraquecido da velha, bambaleou nas pernas fracas, avisando um desmaio iminente.

— Seja cavalheiro, ao menos uma vez na vida, seu Bororo!...

E Zé-Conselheiro deu-me um safanão, chamando-me à realidade. Eu andara devaneando, embevecido na voz angelical que soara no alto da escada do sobrado em ruínas. Solícito, corri para atender a velha encarangada nos trapos. Abraçando-a pela cintura frágil, pedi ao amigo que trouxesse uma cadeira. Sentamos a pobre velha, toda trêmula, balbuciando um dialeto incompreensível.

Um pouco mais calma, depois de tomar um copo d'água que Zé-Conselheiro lhe dera, a velha começou a narrar, numa salada de italiano e dialeto, a tragédia de sua família. Não tinha para onde ir. Tudo era guerra e destruição. Ali, escondida no próprio front, tinha conseguido um pouco de paz e sossego...

— Agora, *brasiliani* tinha descoberto seu refúgio... *Tuti perduti... Tuti perduti... Mama mia... Per Dio*!... (E com as mãos postas em prece, gotas de lágrimas escaldando-lhe as faces rugosas, a velha exclamava entre soluços)... *Mama mia!... Santa Mama!... Tuti perduti...*

A infeliz clamava aos céus e aos santos.

No emaranhado linguajar que eu pouco entendi, chegava-se à conclusão de que a velha implorava e blasfemava... rezava e praguejava... sorria e chorava... rogava e excomungava...

ERA A GUERRA! A GUERRA DOS GRINGOS!

Era o estigma da guerra que eu ainda pouco conhecia e que, com o passar dos tempos, teria o meu diploma com médias altas... altíssimas!...

Num relance de filosofia esfarrapada, Conselheiro encarou-me e balbuciou com cara de condenado:

— Tarde de garoa e de neblina gelada... não é chuva que cai nesta sala tão mansa, tão quente... são lágrimas de dor... são lágrimas de mãe... (E deixou escapar um suspiro que sacudiu a alma das pedras encharcadas de musgo, do casarão silencioso).

Com carinhos, afagos e atenções, conseguimos acalmar a pobre vovó, arranhando um pouco de italiano macarrônico que eu sabia. Quanto ao velho Conselheiro, simpático e risonho, logo conquistou a velha enrugada que, num arremedo de sorriso, papagaiou, entre soluços convulsos:

— *Uguali bambino mio... Tombati Monte Catini... Uguali bambino de nona...*

E levantando os olhos para a escada, chamou, numa voz rouquenha e confusa, entrecortada de soluços:

— *Ragazza... Venire! Brasiliani buone cuore... venire!*

Maravilhados, assistimos o mais belo quadro que a guerra poderia nos oferecer: das escadas em ruínas, começaram a descer três figurinhas graciosas, tímidas, trêmulas e assustadas.

— São três corças indefesas... (Sussurrou Conselheiro, como em prece contrita)... Pequenas corças atiradas às garras da fera que os exércitos fantasiaram de soldados!...

Eu não sabia se estava extasiado com as descrições do velho camarada ou se por causa das garotas.

Havia um cálido rubor nas faces da primeira gazela.

No rosto ressequido do homem que se fizera fera-fardada, passou uma aragem que cantava rimas da vida devassa, num ritmo de velhas canções de amor pecaminoso.

Com passos indecisos, a primeira moça, a mais velha das três, avançou, trêmula e assustada. Era clara, de cabelos soltos que lhe acariciavam a cintura fina, aparentava seus vinte anos. O seu vestido, esgarçado pelo uso e pelo tempo, tinha mais remendos que o mapa da Europa. Seu corpo jovem e rosado, transparecia, em toda força de sua mocidade, através do pano ralo e transparente.

Meus olhos estatelaram-se! Meu sangue escaldava nas veias! Um zumbir de abelhas nervosas, soara nos ouvidos, martelando-me a têmporas em fogo...

O sexo, muito mais forte do que homem, gritou, berrou, rugiu.

Conselheiro, senhor da situação, arriscou filosofar:

— Seria um novo amor, mais forte e mais humano?... Ou seria uma nova Fênix revivida das cinzas do front?... Ou é somente um fremir de sexo e desejos de animal enjaulado?...

Encabulado, olhei para a velha, com medo que ela compreendesse as maliciosas palavras do velho Professor.

Numa trepadeira que a arte feminina transformara em roupa, o corpo da velha revolvia-se em aflições. Era a revolta antecipada de tudo e de todos que a guerra maldita lhe ensinara. Sua figura, outrora de um porte imponente, de senhora bem nutrida, estava dissecada pelo bisturi das misérias que a guerra opera nas mulheres e nas crianças. Seus olhos sem expressão, percorriam a sala, como se procurasse um porto de salvação. Nona deixava transparecer as incertezas que, dentro do peito carcomido, revolviam seu infeliz semblante de sexagenária. Seus lábios balbuciavam frases esparsas e confusas, num frêmito de dor e revolta que o próprio silêncio devorava. Sua pobre alma, enegrecida nos sofrimentos prematuros, era uma fera enjaulada nos grilhões da guerra, prisioneira impotente de um corpo esquelético e depauperado.

Um versículo bíblico recordou a luta que liquidava as últimas esperanças da velha:

"... Olhai os lírios dos brejos...".

Foi aí que o velho Professor fez a comparação que estarreceu:

— Cabo, agora me lembro de um pedaço de velhas histórias... lá para os confins da Rússia... (Percorreu a sala com olhar vago, estudou cada uma das moças e continuou, como se estivesse dando aula num jardim de infância)... É isso mesmo... lembro-me da história de

ASHUR, uma velha mulher de tutano que se revoltou contra a escravidão feminina de suas plagas... (Fez um gesto de quem ia soltar uma cusparada e, notando que não havia lugar para os borrifos, deu última forma na cuspida, engoliu num ruído caraterístico)... Bem que essa velha me faz lembrar de Ashur, a mulher de coragem!... (Olhou para as filhas da velha e continuou, convencido que as garotas estavam entendendo)... Foi numa das celebrações populares ao deus Buda. Ashur levantou-se, depois de algum tempo de persignações e gritou, desesperada, para o imenso Buda: "Meu Bisavô!... Meu avô!... Meu pai... adoraram sua imobilidade!". E com olhar de desafio, percorreu a praça apinhada de fiéis. Suas faces pegavam fogo. Levantando a cabeça, com altivez, Ashur encarou o chefe dos monges e: "Nós, as mulheres, continuamos a viver nas trevas... na dor... na ignorância... tratadas e mantidas como animais selvagens!...". E, voltando-se para o enorme e bojudo Buda, prosseguiu: "Agora, senhor deus da imobilidade – cuspo três vezes em sua cara gorducha e pachorrenta! Se você é deus, como o adoram, há séculos, PUNE-ME!"...

Na sala, o silêncio era insuportável. Onde queria chegar o velho amigo, com essa comparação?

Conselheiro encarou-me com ares de juiz. Deu uma sacudidela no corpo esquelético, num tique nervoso, e arrematou sua história:

— Não preciso dizer que a mataram a pancadas... (E dirigiu-se para a velhinha que resmungava qualquer coisa em seu incompreensível dialeto).

Nada respondi ao bom camarada. Nada podia responder. Estava tonto.

As meninas estacaram, sem compreender as tagarelices do Conselheiro, indecisas e medrosas.

Enojado com tanta realidade, levantei os olhos para a escada, em busca da jovem que se fizera anjo. Na escada, a segunda filha descia, toda trêmula, na indecisão que o pavor procura. Era uma jovem de seus dezessete anos, bem sofridos. Deslizava pelos degraus esburacados e equilibrados na podridão dos anos. Era outra gazela fugidia, maravilhosa, com tranças douradas e reluzentes, olhos rasgados, que lembravam figurinha oriental em leta de amor. Ela mais parecia uma pequena deusa da mitologia. Saiote para cima dos joelhos, demonstrando que ainda era sobra de seus tempos de menina-moça, exibia acintosamente! Provocadoramente! Um par de pernas esculturais. Seu corpo, bem modelado pela pródiga natureza, era perfeito e harmonioso.

Umas cutucadas me fizeram voltar. Era Zé-Conselheiro:

— Não come a garota com os olhos, seu besta fardado!... Ela está tão envergonhada que nem tem jeito de descer... (E foi atender a velha).

Quando levantei os olhos para o busto da garota, uma golfada seca sufocou-me a garganta!

Uma voz, lá de dentro, fritou para o cabo: "Oh! Maldição!"...

Meus lábios tremeram, ressequidos e febris, tornando-se impotentes para conter o jorro de saliva libidinosa que escorria pelos cantos da boca entreaberta.

O animal dominara o homem! O sexo fora mais forte! Tateando na escuridão dos tempos remotos, eu tinha a sensação de voltar às cavernas de meus antepassados, escutando, abobalhado e incrédulo, as ruínas próximas de minha própria alma de combatente.

— O que é isso, Cabo!?... Você está ficando amarelo... Está sentindo alguma coisa?

— Não tenho nada, estou bem!... Ora!...

E procurei, com sofreguidão, o anjo que descia as escadas.

Nita, como a tratavam, carinhosamente, em família, ficou mais rosada de vergonha, sentindo-se despida pelo olhar gosmento do *caporale* sádico.

Nita tinha as faces pegando fogo.

Como que hipnotizada pelo lascivo olhar daquele *caporale* indecente, a jovem descia, lentamente, trêmula e indecisa nos passos, olhando assustada para a Nona inerme... para a irmã mais velha... e para o animal que a acossava com avidez e ganância.

Ao descer, no ritmo compassado dos degraus da velha escada, seus maravilhosos seios (dois pomos adoráveis) balançavam num berço de amor e juventude... firmes, retesados e provocantes, libertos de tecidos para escondê-los. Eram dois pomos rosados, bem feitos e puros...

Os pomos verdolengos me fascinavam!

Dois bicos escuros e atrevidos, tentavam perfurar o tecido ralo, em busca da liberdade que o recato não permitia.

Dona Rosa, a velha mãe, tudo presenciava e nada dizia.

Conhecedora profunda das baixezas humanas, vinha fugindo de front em front, para ver se conseguia manter, intocável, a pureza de suas filhas. Agora, chegara, como podia sentir, o dia maldito.

Nos respingos da garoa que caía, a noite ia descendo a cortina do silêncio que tudo encobre e aconchega. Numa encardida mesa, num canto da sala, um velho candeeiro de latão iluminava, com azeite, o pequeno cômodo do antigo solar. A luz indecisa, sombreava figuras na parede esburacada, bruxuleando sombras esgazeadas no ambiente desfigurado e triste.

Sentia-se que um apagado vulto, tomava conta de tudo, destacando-se na penumbra que a todos envolvia: era a sombra do passado! De um passado que não mais voltaria.

Os degraus rangeram lá em cima.

A terceira filha de D. Rosa apareceu no alto da escada. Era uma figurinha esquálida, esguia, macilenta e triste.

Tremia... soluçava...

Teria, por acaso, D. Rosa (Nona e mulher) transmitido, por telepatia, às suas filhas queridas, o destino ingrato que as aguardava naquele dia?... Ou teria, por acaso, a bela Yóli (a infante) a menina de treze anos, conhecido, em seu instinto feminino recém-desabrochado, toda a desgraça daquele momento?... Quem poderia responder?...

Uma pobre vovozinha, velha e carcomida, balançava, desanimadamente, a cabeça encanecida na mágoa sem alívio, como que acenando um último adeus de amargura, às netas que tanto amava!

Um forte cheiro de fumaça oleosa, espargia no ar arregrado, queimando as narinas do cabo descontrolado. Tudo era melancolia e dor, exibido num momento de nostalgia e morte.

A menina Yóli tremia, choramingava...

Vagarosamente, descia os degraus, como se procurasse afastar os minutos de suas desgraças, a tanto tempo protelada.

***

Não foi nesse dia, menina Yóli, que você pagou com o preço da virgindade, as bestialidades de nossa geração. Também não foi por culpa de um moreno risonho, um bom filho da Terra do Bom-Fim, que você, menina-moça, foi forçada a dilacerar sua carne jovem, nos braços

possantes do moreno-baiano. Todos nós, menina Yóli, pagamos, bem caro, pela loucura de nossa famosa expedição armada!

Todos nós...

Você, Nita, Rosinha, eu, Baiano-Moreno, Canca, Trovão...

Nada mais somos, Yóli, do que os infelizes Heróis de Barro! De barro humano! Arrancado das entranhas fétidas de um charco da natureza humana!

Heróis de Barro... Neuróticos e abandonados... Palhaços da glória... escamoteados nos escondidos bastidores da guerra!

***

Fiz a vistoria no prédio, procurando esconder, da melhor maneira possível, o meu interesse pela desprotegida Nita.

Refeita dos primeiros abalos, D. Rosa acompanhava nossos passos pela casa solarenga em ruínas. Tudo revistamos. Tudo vasculhamos, como era nosso costume. Na saída, ao despedirmos, a velha pediu que voltássemos à noite, para tomar "una ministra" de "castagne" (sopa de castanha).

— *Especialli brasiliani... Venire...*

Foi daí, naturalmente, que surgiu o nosso romance.

— Romance?... Você tem cara, cabo?....

— Ora, não chateia, professor!... Tenha dó...

Zé-Conselheiro encarou-me com um ar debochado e continuou:

— Isso foi tragédia!... TRAGÉDIA!... E das bem vagabundas... (Deu-me uns tapinhas nas costas magricelas e martelou sem dó)...

Descaradamente, você comprou a bela Nita, com chocolates, manteiga, carne enlatada, sabão, agasalhos...

O cabo nada podia fazer. Tudo era a pura verdade. O velho não perdoava o amigo quando este cometia libertinagens no front.

Nita só não foi comprada por lira, porque o dinheiro nada valia. Não havia o que comprar. Só um mercado dominava tudo: o sexo!

Vendia-se no leilão asqueroso das ofertas obscenas, lançadas pelas bocas asquerosas das cafetinas, a mais valiosa mercadoria que a guerra conhecia: o SEXO! Com uma *escatola* de *cigarrete*, com uma barra de *cioccolato*, os melhores presentes para uma garota, elas tinham a gazua de muitas portas. Isso, só fomos compreender, depois de veteranos nas lutas do front e do sexo!

— Será que todas as italianas são assim?... Vendem-se por nada?...

— Não, não é assim como você pensa... (Respondeu Zé-Conselheiro).

Meti a mão no bolso para me aquecer melhor, e voltei a perguntar:

— Então por quê?...

— É a guerra, seu moço... a guerra... a fome... (E lá se foi em divagações, o bom companheiro das horas amargas).

E os dois amigos, calados e encharcados na garoa gelada do outono, caminhavam entanguidos, em busca de sua posição. O Cabo, caladão e sorumbático, revivia o quadro maravilhoso da escada do solar das castanheiras...

Em volta, uma sombra, abandonada e triste, assomava no entardecer gelado, tornando a desaparecer na neblina persistente dos

Apeninos convulsionados, como um nevoeiro do passado tão distante. Era o insuportável fantasma da saudade, perseguido, no front que o luto iguala, pelos restos do nada que enterra!

E nos desiguais respingos da garoa, uma aragem penugenta e fria, ia riscando as faces dos dois encorujados pracinhas. Num passo incerto e pesado, com os pés congelados, os dois arrastavam a carcaça de caminhantes silenciosos.

Um céu cinzento e agourento, persistia na paisagem monótona e vazia de sentimentos humanos!

Tudo era morte! Tudo era desolação!

O mundo estremecia, enlouquecido nos bastidores da guerra!...

***

A aparente calma no front de Gaggio Montano, era insuportável. O Clima dos Apeninos convulsionado é amargo, o ressoar dos minutos do front é duro, áspero e bolorento! A brisa que vem de lá de cima, dos píncaros das geleiras eternas, é uma aragem estropiada pelo ribombar da canhoneira que endoidece! A enlameada alma do pracinha, rasteja no chão que se escarra! E, no fremir do nervosismo que enlouquece, uma réstia de lucidez mantém a fera que se diz homem!...

— Como os *brasiliani* padecem nesta geleira!... Eita mundo desgraçado! (E Zé-Conselheiro soltou um longo suspiro, tão dolorido, como se por ele evolasse toda sua infeliz alma de filósofo de guerra)... Cabo, a guerra é uma nojeira muita suja! Aos homens que comandam as tropas, competem a tarefa de tornar menos dramático o pior momento... e não o do ataque em si!... (Passou as costas da mão suja no queixo pontiagudo, depois acariciou o rosto de barbicha rala e ruivacenta. Procurou, no vácuo do ambiente desbotado, a palavra que tei-

mava em não aparecer. Franziu a testa, apertou os olhos como se fosse rasgado por um clarão fabuloso e derramou um olhar embaciado pelas colinas distantes)... Às vezes, seu cabo de guatambu, é preciso brincar um pouco com os seus pracebas. Com essa cara enferrujada, você não auxilia em nada os seus homens... principalmente, nestes insuportáveis momentos de expectativas... (Deu-me palmadinhas amigas nas costas encurvadas pelos desesperos e arrematou:)... Lembre-se, Bororo sem cocar... que, de minuto a minuto, estamos sujeitos a transformar nosso jegue numa nojenta mortalha militar, convertida em farrapos lambuzados e borrados de sangue e lama... e nada mais... sangue e lama!

Zé-Conselheiro calou-se, assustado com as últimas afirmações.

Ao longe, muito longe, o velho e bombardeado horizonte, cansado e caduco, jorrava pinceladas de sangue, aos gorgotões purpurinos, imitando as loucuras dos homens que se matavam.

— Veja, seu Bororo!... Até o céu está em guerra... (Mostrando o céu vermelho e o horizonte ensanguentado, Conselheiro filosofava)... O homem suja a terra com sangue de teus irmãos... e Deus, lá de cima, revoltado com tanta miséria, derrama o sangue generoso de seu Filho Unigênito, num horizonte que é o limite dos confins do nada!... (Acariciando a barbicha rala que sujava sua cara de ruivo, continuou nas comparações que tanto gostava)... Onde foi, diabo, que eu li isso?...

E Conselheiro balançava a cabeça, num gesto desiludido.

O dia morria lentamente, arrastando os Apeninos para a bocarra da noite fria e agourenta. Da terra úmida e gelada, levantava um aroma queimando os pulmões da soldadesca intoxicada de nicotina e sarro. Os pracinhas, encharcados e tiritantes, demonstravam um nervosismo incomum.

Deitados aqui, sentados ali, acocorados além... a mocidade de minha terra sofria os rigores do inverno europeu.

— Só o tempo, esse mestre rabugento e safado, podia ensinar o praceba que, no front, quando a coisa é muito calma... é um aviso agourento de combate!... Mais um tempinho neste inferno de silêncio, seu Cabo... e o velho amigo vira douto nas brigas dos gringos... Tá?...

Zé-Conselheiro tinha razão. A coisa não demorou muito.

No entardecer do dia seguinte, uma tarde tristonha, fria e martirizada por uma garoa persistente, o urro dos "290" dos *tedescos* se fez ouvir... abalando a terra, o céu, a vida. Do perfil fabuloso dos Apeninos gelados, ecoavam urros agonizantes da canhoneira alemã, assustando a descuidada noite que se aproximava de mansinho...

E, num crescente acumular de ecos, o maciço estremecia, revolvido do sono de séculos gelados, pela brutalidade científica do animal que vestira farda para arrasar sua geração.

A garoa chorava, desiludida dos últimos raios de um dia que agonizava com a tropa desbaratada. Em nossas cabeças, o sibilar enlouquecedor das granadas possantes, zunia no ar pardacento em rimas de morte e de destruição. Por todos os lados, explosões rasgavam a terra generosa, em busca de seu ventre milenar, abrindo crateras num rolo de fumaça, de barro e sangue!

Era a força do homem civilizado, no seu orgulho militar.

Era a louca mocidade, se destruindo num patriotismo vesgo, na vingança que cobria de opróbrio a humanidade enlutada.

Os famosos Heróis de Barro choravam...

Heróis enlameados, sujos, imundos, ranhentos...

Choravam, gemiam, rezavam, tremiam...

E o medo escorria frio, das geleiras eternas, lambuzando o in-

feliz pracinha que tremia de frio e de pavor... Muito mais de pavor!...

Se as glórias são construídas com dor e lágrimas, os Heróis são caldeados no fogo do sangue, do barro, do medo, do pavor!...

Sem eles, as fardas seriam inúteis para os generais!...

***

— Corra, Cabo!... A cobra está fumando e só pena que voa na cabeça do pracinha!... Venha! Vamos procurar um abrigo...

Desorientado pela primeira barragem de fogo inimigo, corri atrás do velho amigo, mergulhando na primeira fenda que o terreno me oferecia. Praticamente, ficamos abrigados num sopé do montículo em frente a nossa peça, silenciosa no abandono provocado pelo medo!

A retaguarda, completamente desguarnecida, não oferecia guarida. Nos primeiros dias de front, procuráramos furar o chão, para os recomendados abrigos individuais. Como o terreno era muito pedregoso e duro, difícil de escavar, desistimos da missão, não acreditando na realidade da guerra.

— É... seu Pantaneiro besta!... Nós estamos bancando urubu malandro, que de malandro, só tem fama... (Ia reclamando Zé-Conselheiro, maldizendo nossa preguicite, quando as cargas eram mais assustadoras)... Quá, seu Pascuá!... Bem dizem que urubu só lembra de construir abrigo quando chove... Hum... Soldado é mesmo filho do cão!...

Nessa escaramuça que os *tedescos* nos pregaram, consegui encobrir o maldito medo que tomou conta de mim, brincando de tremer junto com a terra – sacudida nas explosões. Na afobação do mergulho, em busca de qualquer reentrância que me salvasse, não havia notado que me jogara entre Meia-Um e o bondoso Segundão.

O chão tremia, sacudido nas explosões satânicas do bombardeio alemão. Eram tão constantes, que minha tremedeira confundia-se com o tremor da terra sacudida nas explosões.

— Cabo... Não se iluda... Você foi promovido, porque sabia decor e salteado os famigerados regulamentos dos milicos... (Deu-me um piparote no capacete de aço e fez uma pequena pausa, aguardando a reação de suas palavras irônicas. Não recebendo respostas, continuou)... Agora, seu jerico, a coisa é muito diferente do seu caxias que ficou pra trás... (Soltou uma esguichada de cuspe entredentes que borrifou minha cara contorcida pelo pavor da canhoneira e continuou nos resmungos)... Isto é guerra! E é guerra pra valer!... Tá?... Trate de recordar o pouco de artigos e parágrafos que você ainda guarda do tal curso de cabo...

E deu-me um safanão, como se eu fora culpado dos bombardeios apavorantes que os tedescos nos impingiam. Agarrou o capacete de aço com as duas mãos, como se tivesse medo de que ele voasse com as explosões contínuas, e mergulhou, como doido, na pequena fenda empedrada, em busca da salvação que a vida exigia.

E a tremedeira do cabo, irmanava-se com o tremor da terra.

Qual dos dois tremia mais? A terra dilacerada ou o cabo apavorado?

— "Fará chover, sobre os perversos, brasas de fogo. E de enxofre. E um vento abrasador, será o vinho amargo de cálice"...

Numa fração de raciocínio, escutei meus dois companheiros rosnando frases ao acaso. Apurei os ouvidos.

Meia-Um praguejava, amaldiçoando os *tedescos* e suas granadas certeiras. Soltava palavrões em português, em italiano, em dialeto...

Segundão, transformado numa geleia-humana, desfiava um ro-

sário de preces, como se fosse um disco quebrado, martelando sempre as mesmas orações: "Ave Maria, cheia de graça... Bendita sois Vós... Ave Maria, cheia de graça... Bendita sois Vós..."

E a mesma reza, num diapasão cronométrico, continuava cortando o ar: "Ave Maria, cheia de graça... Bendita sois Vós...".

Tudo cheira morte!

Lá em cima, o roncar dos motores das potentes fortalezas voadoras, acrescentava, com persistência, mais uma nota diabólica no macabro e sórdido concerto de uma sinfonia de explosões... acompanhada pelos gritos de agonia que os pracebas embaralhavam nos estertores da morte! Jorros de terra e sangue, qual chafarizes enfeitiçados, com os quais voavam restos de corpos, empanavam o olhar bestificado dos pracinhas em combate... No front inimigo, a terra também era sacudida num tremor sísmico artificial, provocado por uma chuva de granadas que caiam como bonecas desengonçadas, do ventre metálico das fortalezas voadoras...

Os gigantescos pássaros metálicos mergulhavam em formação, enviando mensagens de morte! Não sei se eu e o bondoso Zé-Conselheiro tremíamos abalados pelas explosões contínuas... ou se a tremedeira era de medo!

Eu tremia... Ele tremia! Nós tremíamos!

Eu tremia como vara verde, em dia de temporal, muito mais do que o bom Zé-Conselheiro. Não podia conter o medo e desabei a carcaça numa convulsão de choro e gargalhadas... num compasso ritmado de loucura e histerismo.

Pelas pernas trêmulas, comecei a sentir qualquer coisa quente, pegajosa, escorrendo de meu ser.

A besta fardada, na podridão do medo, esvaía-se inerme... em gosmentos e sujos espermas de sua natureza podre!

O sexo do pracinha apavorado, era expelido do corpo regurgitante de pavor, com vergonha dos soluços que o mesmo sexo condenava! Pelos olhos esgazeados, o pracinha via, esvoaçando, as figuras seminuas das gazelas assustadas que desciam uma escada em ruínas...

Era o amanhã amargo dos que não têm amor... dos que se debatem na loucura da sobrevivência... dos que lutam em torno de uma vida com minutos contados.

O amanhã sussurrava-lhe em volta. O amanhã incerto, dos infelizes pracinhas apavorados. O amanhã que a madrasta pátria usou de mais!

Nada mais era, do que o amanhã do combatente...

E as lavas mornas da imundície fardada, continuava seu caminhar infame e asqueroso, vomitando pelo sexo as podridões em convulsões histéricas.

Um busto jovem, rosado e virgem, queimou os olhos esbugalhados do cabo que tremia e chorava... do cabo que gargalhava...

A visão era alucinante, maravilhosa, bela.

Dois pombos atrevidos, tentavam furar o vestido ralo e esgazeado pelo uso dos tempos... Dois pombos entumecidos e rosados...

Uma nova golfada de vermes machos, foi expelida pelo monstro em convulsões de pavor, indo sujar a farda do pracinha. O sexo gritou, mais forte do que o homem que perde a sua parte humana, dominando as fibras fragmentadas pelo medo que tudo aniquila e arrasa!

Esse medo do pracinha, numa sensibilidade recalcada no mais íntimo de seu ser, extravasou na reação fisiológica do gozo... expelindo, pelo sexo, a podridão imunda da covardia humana!

Estava consumado o destino de Nita – a gazela de pele rosada.

***

Um vil monólogo misturou-se com os estrondos das granadas que caíam perto:

— Não teria eu, jovem brasileiro, atravessado os mares, para libertar terras e povos estranhos?...

Perguntava, transtornado, com dentes cerrados:

— Não estava com os dias contados no front de Gaggio Montano?...

Repetia, nas perguntas do homem para o animal encarcerado pelos séculos, sem receber resposta:

— Por que, senhores da guerra... irei deixar uma deusa apetitosa pra ser devorada, profanada, violentada por um outro animal fardado, mais lascivo do que eu?... Por quê?...

E o monólogo animalizado pela guerra, não tinha resposta.

— Saíra vencedor, como não podia deixar de ser, o animal que dominava o homem que trincara o verniz de civilizado, na bombarda dos *tedescos*? Seria, por ventura, o grito do sexo, extravasando espermas naqueles horrorosos momentos de combatente?... Ou seria imperativo de conservação da espécie?...

— Que respondam os doutos e eruditos, nos bolorentos volumes da ciência que não mais respeito... (Foi a resposta de Zé-Conselheiro, quando o assunto tomou conta de nossas divagações, nas "tochas" e "arrasamentos")...

***

— O fuzuê passou, seu Cabo... Parece que, entre mortos e feridos, salvaram-se todos de nossa peça... Quá, Seu moço!... Carne ruim de nossa turma, nunca vi... Carne que não serve nem pra churrasco de canhão de tedesco... (E Conselheiro soltou uma gargalhada gostosa)...

Espadanando lama, Segundão foi o primeiro a se levantar. Meia-Um, ainda de cócoras, procurava entrar no capacete de aço, forçando-o na cabeça, com as duas mãos crispadas. Atrapalhado na atitude grotesca, não notara que o fogo de barragem tinha passado. Perguntou-me num tom de revolta:

— Cabo, não acha que os burros dos americanos deviam inventar um capacete que a gente pudesse entrar nele?... Ah... gringo burro...

Eu e o Segundão, em pé, à sua volta, não pudemos conter o riso e desatamos numa gargalhada nervosa e histérica. Só então, Meia-Um notou a comicidade de sua atitude. Deu um salto ágil e, todo sem jeito, soltou algumas piadas sobre o nosso susto que não fora pequeno.

***

Ainda um pouco aloprado com a carga dos ataques *tedescos*, dirigi-me para minha cama, entoada numa meda de trigo, bem em frente à nossa peça... que dormitava, esquecida e abandonada, na vergonha do salve-se quem puder.

Minha toca era uma verdadeira cova de coelho.

Rembosky, meu carregador na peça, me ensinara que, no Rio Grande do Sul, na colônia polonesa, conhecia as delícias de uma quentinha meda das palhas de trigo de sua terrinha...

Foi nessa época dos ataques *tedescos* que um tenentinho abelhudo, do serviço de abastecimentos (munição e víveres), visitando o nosso front, veio dar com os costados no meu setor. Meio encabulado, começou a fazer perguntas chatas:

— Como está sua turma, Cabo?...

Baixinho, quase inaudível, respondi com má vontade, carregando na carranca de poucos amigos:

— Vai bem, tenente!... Vai bem...

E as perguntas e as respostas, prosseguiam, sempre em voz baixa. Por fim, o tenentinho abelhudo, talvez cansado de ficar de cócoras... e de só falar em sibilos, perguntou bem baixinho, sussurrando no ouvido do cabo rabugento:

— Qual a distância que estamos da posição inimiga, cabo?...

O cabo pensou, coçou o narigão chato e vermelho de frio, deu uma tragada com gestos indiferentes e respondeu com má vontade, em tom baixinho:

— Bem, tenente... mais ou menos... (Balançou a mão, confirmando o cálculo que procurava pra terminar a conversa)... Bem, tenente... uns três ou quatro quilômetros...

O tenente, indignado, levantou-se de um salto, como se uma forte mola o projetasse e gritou, com dedo em riste:

— Então! Por que estamos falando tão baixo?...

Indiferente, o cabo rabugento respondeu:

— Quanto ao tenente, eu não sei... (Deu uma gostosa tragada no perfumado fumo de Virgínia e encarou o infeliz tenente com olhar debochado, para encerrar com esta marretada)... Eu estou rouco...

E lá se foi, fula da vida, o tenentinho abelhudo, ruminando a peça que a rouquidão do cabo lhe pregara e expusera seus temores do front...

Assim era nossa vida de guerreiro.

***

Quando nossa peça fora localizada no sopé daquele montículo em nossa frente, os cobras determinaram que nossas guarnições da primeira e da segunda peça, composta de quatro cabos e doze soldados, dois sargentos comandantes de peça, seriam alojadas numa grande barraca de lona, logo atrás de minha peça, no terreno em declive. Eu fui o único que nunca entrei na tal barraca, como cabo, responsável por três soldados.

Dias depois, quando os Apeninos nos descarregou a primeira nevasca, nas vésperas do Natal, numa noite clara, o mundo em nossa volta amanhecera coberto por um maravilhoso lençol branco... tão alvo e tão puro... que os corações esqueceram que pulsavam para matar. Meia-Um, sempre brincalhão, soltou a exclamação:

— Cabo! A barraca de guarnições foi soterrada na neve... Veja!... (E apontou, assustado, para um montão de neve que sobressaia a paisagem ondulante).

Corremos, como loucos, para desenterrar nossos companheiros. A barraca ruíra quando dormiam, no peso da neve acumulada em cima. No cansaço das escaramuças do front, os infelizes pracinhas nada sentiram e foram soterrados na mortalha alvíssima dos Apeninos em chamas... Felizmente, só passaram pelo susto. Por ser muito grande, a barraca permitira a respiração normal dos pracebas. Foi um pânico sem precedentes.

— Você é largo, Pantaneiro... (E Meia-Um deu-me um safanão que atirou-me por cima de um montão de neve onde rodopiei em gargalhadas)... Bem que você nos avisou que a tal barraca de guarnição não era segura e que os soldados, no front, tinham que dormir separados, por segurança da própria turma...

Pantaneiro matreiro que sempre fui, notei que a barraca, onde fora armada, ficaria completamente desabrigada dos ataques *tedescos* e sempre achara que minha guarnição de cinco homens não devia repousar junto com outra guarnição, por motivos de segurança.

Depois que a barraca de guarnição ficou pronta (um monstrengo de lona verde-oliva), Sargento Zadir, meu comandante, perguntou-me, sorrindo:

— Como é cabo, você não vai alojar-se na barraca de guarnição?...

— Não quero morrer dormindo, meu Sargento... Os cobras ainda pensam que estão fazendo manobras no Brasil...

— Isso mesmo, seu Cabo... (Confirmou o velho Conselheiro, sem ser chamado na conversa)... Os bichos estrelados estão muito enganados. Aqui, não é como eles querem. Tem que ser como nós necessitamos... Oxente!... Quem tem amor à minha velha carcaça sou eu... o velho reumático... (E puxou uma tosse forçada, com cara de infeliz e mártir).

Sem dar muita atenção ao professor, dirigi-me para o comandante da minha peça:

— Sargento, a melhor toca de um cabo artilheiro é a conteira do seu velho canhão... Tá?...

O bom sargento não disse nada. Apenas deixou escapar um sorriso, como era de seu costume, quando não queria contrariar os seus pracinhas.

Ele era a bondade que se fizera sargento.

Quando estávamos descansando, no setor de tiro, sempre fazíamos comparações com os que lutavam na mesma linha. Assim, não faltavam elogios ao bondoso e sempre compreensivo Sargento Zadir:

— Quanta diferença, seu Cabo, deste esquelético Sargento Zadir... Tão amigo... Tão compreensivo... Comparado com a estupidez quadrangular dos oficiais de nossa terra... (E o incrível Meia-Um divagava nas comparações de bom crítico carioca de Bangu)... Enquanto nosso bom Sargento veio convocado do famoso cais do porto, onde trabalhava num guindaste... dando um murro dos diabos, nossos cobras vieram de uma tal Academia AMAN...

— Isso não é nada, Meia-Um... (Atalhou Zé-Conselheiro)... O nosso bom sargento não é tão fracote assim em matéria de universidade... (E soltou um sorriso brejeiro)... Se vamos comparar diferença de instrução, é melhor não esquecer que ele cursou a famosa academia de Saúde, com catedráticos da malandragem, num currículo de capoeiras, "pacos", etc... e não se contaminou!

— É... Professor... (confirmou Meia-Um)... É a pura verdade...

— Nossos competentes cobras... (Falei, procurando um ar de sabichão)... Nossos "estrelas" foram preparados na academia prussiana do OBEDEÇA E NÃO DISCUTA!... Esquecendo o principal ponto de seu currículo: a parte HUMANA do pracebas que um dia comandará...

— Não é bem assim, seu Pantaneiro besta... (Interviu Conselheiro)... Os cobras, quando estudam, apenas aprendem a matar! Destruir... (Correu os olhos pelos arredores, como se procurasse uma assistência maior que o escutasse e prosseguiu)... Em poucos anos de Escola, eles só podem estudar destruição e morte!... Não podem perder o precioso tempo com a parte da psicologia humana. Eles acham que são idiotices dos compêndios embolorados...

— Bem que eu falo Sargento... (Arriscou Meia-Um)... Academia de verdade, no duro, é somente no velho bairro da Saúde...

E os companheiros de front que a guerra unira, prosseguiram nas comparações de um sargento com um oficial das "Agulhas"...

— Veja, Bororo, nos apelidos que os pracebas aplicam nos sargentos: o "bom sargento"... "meu sargento"... "nosso primeirão"... alcunhas carinhosas nas gírias grotescas dos soldados.

— Então como é que são chamados os oficiais?... (Arriscou Meia-Um)...

— Nem é bom falar, meu bom Cabo... (Soltou um suspiro de desilusão, como se o mundo viesse abaixo)... Triste verdade! É sempre um apelido no pejorativo: o "cobra"... o "capita"... o "parasita"... o "das gemadas"... Tudo isso, vem dar uma prova inconteste de seus atos desumanos para com os infelizes que caem em suas garras que só sabem descer o cutelo das punições... As estrelas, para o pracinha, são medonhas manoplas de pancadas e prisões!

— É verdade, Conselheiro... (Confirmei).

— Por isso, meu bom cabo, no Brasil, só se faz revolução quando apoiada pelos sargentos. Porém, só os generais recebem os louvores, as condecorações e as glórias dos combates... Veja o nosso cabo: onde os oficiais... (Conselheiro soltou suas últimas palavras com um olhar de ódio e desprezo nos gestos largos)... A história do praceba no front, seria a mais grotesca das pantominas, se não custasse oceanos de lágrimas... das mãezinhas santas, que choram seu filho morto... e mares de sangue dessa mocidade iludida nas regras de um jogo que interessa aos militares profissionais...

Zé-Conselheiro emudeceu, pensativo, como se divisasse nos escaninhos da memória, o quadro que acabara de narrar, esfarrapados nas derradeiras sílabas das comparações chocantes.

Lembrando um trecho lido, não sei onde nem quando, rebusquei nos escaninhos da memória enfraquecida e soltei, com ares de professor aposentado:

— Os camaradas que tombam na luta são um punhado glorioso de titãs da geração tresloucada... (Parei, procurando no velho camarada, a reação que eu provocara)... São verdadeiros hércules da civilização que se alicerça na argamassa de seus corpos... (Fiz nova pausa e procurei, com os olhos apertados, o velho camarada que me ouvia. Conselheiro deixou escapar um filete de fumaça pelos lábios apertadas na contração dos recalques e nada respondeu. Animado pelo silêncio do camarada, prossegui)... Estão construindo um edifício falso, de paz ilusória, num alicerce de dor, gemido, lágrimas, medo, pavor e sangue!...

Zé-Conselheiro olhou-me assustado. Parece que ele saíra de um longo sonho. Acostumado a ouvir, de minha boca suja, somente palavrões, o bom amigo derrubou o queixo de admiração e exclamou:

— Ué... seu moço... (Cofiou o queixo pontiagudo e continuou)... Onde você aprendeu tanta besteira?... Já virou advogado de porta de xadrez?... Nossa! Quanta barbaridade!...

Não me dando por satisfeito, continuei nas comparações:

— Zé... pense bem!... As moças que se vendem por uma *escatola* de cigarro ou por um *cioccolato*, são almas corrompidas nos lares de gente honesta, em busca de alimentos para sua sobrevivência... (E apontei o indicador no nariz de Conselheiro, prosseguindo)... Lembre-se disso! Porém, meu bom amigo, quantas almas bondosas, puras e limpas, elevam-se na podridão do charco dos lupanares de guerra... (Nova pausa em busca de uma reação que não veio)... Quantas mulheres honestas que se prostituíram por motivos honestos...

Zé-Conselheiro, cada vez mais espantado, esbulhava os olhos, acompanhando com a cabeça as comparações que o amigo fazia. E eu, compenetrado na função de regente das comparações, continuei:

— Você que é um bom filósofo, pode muito bem comparar a voz de uma bela *ragazza* que pede uma *cigarrete*... com a voz rouquenha do canhão que mata!... A primeira voz, nada mais é, do que uma devassa de alma virgem, impelida nas encruzilhadas da guerra que não provocou! A segunda voz, muito mais triste, é a voz de um velho sino de capelinha distante, forjado nas maquiavélicas usinas do progresso humano!... Entre a primeira e a segunda, meu bom amigo Conselheiro, a segunda é muito mais bárbara!...

Ao procurar meu camarada, fiquei chateado. Eu tinha falado com a cabeça baixa riscando a neve com a ponta da bota... Não tendo notado que o bom Conselheiro já se mandara para outras plagas menos infestadas de comparações estropiadas. Lancei um olhar desiludido para os confins da terra de ninguém e soltei uma praga que foi morrer no ar congelado de nosso front.

A vida continuava... A morte a procurava...

***

Os atropelos das escaramuças de front, tinham passado. Dirigi-me para a toca da meda de trigo. Troquei de roupas, já com ideia de dar um pulo até à casa das castanheiras, onde Dona Rosa escondera suas filhas. Não disse nada a ninguém. Equipado com fuzil e baioneta calada, bornal repleto de "tocha", encaminhei-me para as bandas da terra de ninguém, onde se localizava o solar das castanheiras.

Foi nessa noite (maldita noite) que pratiquei, pela primeira vez, um dos atos mais vis que um soldado pratica no front...

Ao aproximar-me do velho casarão em ruínas, meu coração bateu mais forte, descompassado. A mão, protegida com grossas luvas, fez ressoar no espaço gelado umas batidas secas na portarra carcomida pelos tempos. Dona Rosa atendeu-me. Parecia que já me aguardava...

Todo friorento, farda úmida e com as botas enlameadas, dirigi-me para a estufa da sala, em busca de calor.

Meu ser, enegrecido nas fumaças dos combates, explodia em convulsões de ânsias e desejos.

Sentada ao pé da lareira, a bela Nita cumprimentou-me com um leve aceno de cabeça, deixando transparecer um sorriso amargo. Era a corça encurralada, como fácil e dócil presa, emaranhada na rede da fera que se fizera pracinha...

Seu olhar era um fio de medo...

Nita estava sentada num banco tosco e mantinha os olhos no chão, toda recato, pureza e vergonha.

Com o atiçador da lareira, riscava arabescos na pedra pardacenta e limosa, como se descarregasse nos desenhos de traços infantis, melodramas de sua existência sem horizonte...

A fera fardada, confiante na vitória do lance apregoado ao preço das misérias que a família enfrentava, devorava sua vítima com olhares lascivos e impudicos, antecipando o gozo que tudo devora.

A pureza de Nita, resplandecia no olhar, nos gestos, no falar... Era estampada em sua personalidade forte e simples.

Sentia-se que a jovem estava acossada no mais sagrado ninho de sua castidade...

Dona Rosa compreendera...

Sua neta querida, tão jovem e tão desamparada, vítima de uma guerra que não inventara, era um joguete nas mãos imundas do primeiro soldado que a encontrara naquele refúgio.

Dona Rosa tudo adivinhara...

Sua neta chegara ao limite que a própria guerra lhe concedera...

A velha estremeceu nos seus janeiros esfomeados. Levantou com dificuldade. Levantou com dificuldade, pegou o bornal do cabo, carregado de "tochas"... resmungou qualquer coisa em dialeto e convidou, com voz trêmula, as outras duas filhas pra se recolherem.

Nos primeiros degraus da escada estropiada, parou. Virou-se com dificuldade. Lançou um olhar carinhoso pra Nita. Os olhos tremeram. Num esforço acima de suas forças, repuxou seus lábios enrugados e balbuciou numa mistura de italiano e dialeto:

— *Bambina*, arrume uma cama no sótão, pro *Caporale* passar a noite... (Lançou um olhar de fria indiferença, como se o cabo fosse um traste que a incomodasse e prosseguiu)... Parece que a chuva não vai passar e lá fora está tão frio... (Ainda deixou escapar palavras esfarrapadas de emoção. Um suspiro profundo e tão dorido foi bulir com a chama do encardido candeeiro que trazia na mão trêmula).

Já subindo os degraus carcomidos, a velha fez uma ligeira mesura, como se desse um boa noite ao *caporale*. Sem a menor reação no rosto chupado, Dona Rosa avançou mais alguns degraus. Depois, parou e novamente virou-se, como que indecisa e falou numa voz que não demonstrava nem emoção e nem revolta:

— *Caporale, mangiare minestra. Buono. Sentire.* (Encarou o cabo com um olhar seco, que um arrepio percorreu as veias do praça desfibrado. Voltando-se para a filha que permanecia nos cismares do medo, falou com ligeiro tremor na voz). — *Andare... Andare bambina... Minestra per caporale...*

Voltou o rosto com um certo ar de nojo e prosseguiu na subida que os séculos marcaram a história da humanidade.

Uma voz sussurrou nos confins, retalhando os ouvidos do cabo animalizado, nas fibras dos nervos em disparada:

— ..."e a subida desta escada vem, mais uma vez, repetir os degraus do Calvário que elevou o filho aos céus..."

O cabo estremeceu. Procurou em volta quem lhe falava. Quis falar qualquer coisa, mas a voz, muito mais imperiosa, voltou à carga:

— ..."e a subida se repete, cada vez mais dorida, mais pungente, mais cruciante"...

E a velha sumiu, na penumbra da chama indecisa do velho candeeiro.

Sua figura lambuzou a parede suja com uma sombra fantasmagórica, como se imitasse uma alma penada do casarão gelado, silencioso e bolorento.

A bela *giovanata* levantou-se e foi buscar um prato de folha, todo amassado pelo uso dos anos.

Na sala mal aquecida pela lareira em ruínas, uma semiclaridade era mantida pelas chamas que crepitavam nos galhos de velha castanheira.

A garota veio com um prato fumegante, transbordando *minestra especiale* para o monstro fardado que a guerra fabricara.

Entre uma colherada e outra, o cabo mantinha um diálogo com a infeliz *signorina* dos Apeninos gelados.

Acossada e sem reação, ela respondia, com monossílabos, o que o seu algoz ia indagando.

Às vezes, num sorriso forçado, sem graça e desbotado, a pequena ia arrastando os diálogos sem sabor. Seu rosto fervia na febre da vergonha!

Terminada a *finestra*, Nita pegou o prato e foi colocá-lo na mesa encardida. Levantou o candeeiro fedorento e escorrido de óleo, que permanecia apagado por medida de economia. Dirigiu-se para a lareira e acendeu o candeeiro.

Voltou-se e, com um gesto de cabeça, convidou o cabo para segui-la, encaminhando-se para a escada.

O candeeiro tremia na mão de Nita, provocando sombras que dançavam na parede encardida.

Subimos a escada em silêncio. No patamar, por uma segunda escada, quase em vertical, subimos para o sótão.

Lá em cima, o silêncio era aterrador.

Nita empurrou a pequena porta.

A voz dos confins, sibilando não sei de onde, sussurrou novamente nos ouvidos do cabo que fremia em gozo antecipado:

— "... a porta range nos velhos gonzos
Ri-se, escancara-se,
E ele vê, na sala,
Dona Rosa como doida
E Nita morta..."

Uma gargalhada satânica reboou nos ouvidos do cabo.

Num instintivo costume antigo, o cabo deu uma cotovelada na figura que não existia. O braço sibilou no ar. Não havendo ninguém, foi bater no batente da pequena porta do sótão.

Um estrondo cortou o ar.

— *Mama mia!...* (Exclamou Nita, toda trêmula de susto).

— *Niente paúra, Nita...* (Falou o cabo, com voz rouca e forçando um sorriso, todo encabulado, amaldiçoando a figura invisível que não tinha culpa das barbaridades da guerra).

A luz vacilante do candeeiro, iluminou o pequeno quarto.

Uma cama de casal, bem arrumada, estava à nossa espera.

Novamente a voz cortou o ar pesado e morrinhento, do sótão abafado e cheio de trastes velhos:

— "... Dona Rosa preparou o leito nupcial de sua querida filha..."

O cabo quis resmungar qualquer coisa mas sua língua trancou no pavor do ambiente carregado. Virou-se mas nada viu. Os sussurros voltaram:

— "... ela não quis entregar sua neta num terreno baldio e lamacento, como tantas outras vítimas da guerra...".

Ainda espantado, o cabo procurou a voz que martelava com tanta insistência. Nada! E os sussurros do nada continuaram:

— "... veja! como está bem forrada... é o carinho da vovozinha que chora o opróbrio da honra e da vergonha, que a guerra exige...".

— Cale-se! Filósofo desgraçado!... (Cerrando os dentes e os punhos, o cabo continuou)... Isso tudo, seu missionário invisível, é o preço que a guerra cobra!... (E cuspiu com raiva).

Nita virou-se assustada e perguntou:

— Malato de testa?...

E rodopiava o dedo indicador em volta da fronte, no gesto internacional de quem indica a loucura.

Eu desmoronei arrasado.

O cabo soltou farrapos de desculpas e começou a inspecionar o pequeno sótão da encantada "lua de mel"...

No chão, maçãs e castanhas, nozes e avelãs, amontoadas aqui e ali, eram os suprimentos que mantinham a família viva.

Novamente os sussurros perpassaram os ouvidos do *caporale* lascivo:

— "... essa é a guerra!... Esse o herói!... Herói de Barro!... De barro podre e nojento!... Herói do escarro..."

O cabo não mais conteve seus instintos.

Como que incentivado pela voz dos confins, o animal selvagem salta sobre a presa frágil e indefesa. Agarrou a pobre Nita com ânsias febris, frontes latejantes, lábios famintos de desejos, todo sexo e lascívia...

Nita, coitada, não reagia.

Impotente, acovardada nos anos de fuga, sofrimentos, privações, ela não mais conhecia a força da reação.

De menina para moça, aprendeu somente fugir... fugir... fugir... que era a única defesa dos derrotados.

Fez-se moça acovardada, passiva, incapaz de reagir.

Em seu pobre vocábulo que só sabia conjugar o verbo pedir, não mais sabia empregar, desde menina, o advérbio de negação. Não tinham esse direito! A sobrevivência assim exigia!

O monstro criado pelas "glórias" do front que embrutece, não pôde ou não quis poupar a bela *giovanata* do solar das Castanheiras. Com as mãos trêmulas e luxuriantes, rasgou-lhe o vestido remendado que tanto trabalho impusera à sua paciência. Avançou de mandíbulas ferozes, dilacerando-lhe a carne virgem, com dentadas de animal faminto de amor.

A rosada e jovem pele da moça, convidava a infeliz besta à loucura do sexo que não conhece barreiras.

Gotículas de sangue, deslizavam na pele imaculada.

O homem, envergonhado da cena brutal, afastou-se do pracinha... para dar lugar ao animal enjaulado no verniz dos tempos e dos séculos. A finíssima camada de civilização, trincou-se, deixando extravasar o âmago do brutamontes que habitava nas cavernas.

O selvagem troglodita voltara!
A jovem gemia.
O monstro fungava.
A cama rangia.
O sexo urrava.

Um grito agudo, lancinante e dorido, cortou o silêncio do sótão mal iluminado.

A chama indecisa do candeeiro imundo, estremeceu de revolta, como testemunha do crime praticado em nome da civilização em guerra!

O monstro-fardado, transpirando suor e sexo, resfolegava febril, no ritmo bestial do homem que a guerra produzira.

Era o bárbaro troglodita do século XX, revivido pelas possantes máquinas de guerra!

Qual o criminoso?

***

O candeeiro fumegava no pavio imundo.

Sua luz trêmula, lançava sombras horripilantes, em bárbaras pinceladas... que dançavam como loucas bailarinas, na parede encardida.

O ritmo dos corpos se debatendo na luta imunda do amor estuprado, era acompanhado com o ranger dos ferros da cama e nos compassos do bruxulear enegrecido do fumo oleoso de um candeeiro imundo!

O tempo estancou, aterrado!

O tempo parara, o selvagem voltara.

— ... o sótão estremecia,
na cena tétrica!
O candeeiro imundo
bruxuleava, enegrecia,
num fumo fétido...
lambuzando o mundo!
A jovem BELA gemia
o cabo MONSTRO fungava
a noite NEGRA encobria
a guerra MULTA cobrava
a cama VELHA rangia
o cabo MACHO urrava!

O candeeiro fumegava,
no pavio imundo,
sacudindo a cena
um grito horrível,
convulso em dor...
explodiu no sótão
infeliz horror!

O sótão estremecia,
o cabo resfolegava...
a jovem gemia,
o sexo urrava,
a cama rangia a maldita GUERRA cobrava
a pobre HONRA estuprada.

E um grito agudo.
cortou o tempo:
lancinante!... dorido!...
dum lábio ferido.
Candeeiro tremeu,
luz e fumaça
de muita vergonha
no ar escondeu!...

Um grito horrível,
em pranto e dor...
rasgou a cena,
infeliz horror!...
Candeeiro imundo,
num fumo fétido,
em cena tétrica...
lambuzando o mundo!

Era o preço da mocidade apavorada, enlouquecida no turbilhão do cataclismo que demolira os últimos restos de sentimento humano.

Era o Herói de Barro, na podridão do meio!

***

D. Rosa, perdão!

Lígia, a escrava procurada por Vinícius, também sofreu o crime de ser bela, jovem e virgem!

No palácio de Nero (o maldito), Lígia também pensou que do céu cairiam raios para castigar a luxúria dos homens.

... Lígia esperou, na sua fé cristã, que um raio vingador descesse da abóboda do palácio de César, para castigar a impudica festa que assistia escandalizada.

Mas, do teto dourado do palácio, só caíram rosas... rosas. E todos dormiam, ébrios e inconscientes, na bacanal de Nero!

E por sobre Roma grandiosa, a rolar por uma vastidão abismal, caíram, sem sessar, pétalas de... rosa vermelha... pétalas de sangue dos inocentes!

Passaram-se os anos... cicatrizaram-se feridas...

Tudo é silêncio... tudo é paz...

Dona Rosa, perdão!

O monstro que violentou sua filha, naquela maldita noite de inverno dos Apeninos, não era um homem...

ERA UM SOLDADO!...

Dona Rosa, perdão!

Perdão eu peço, em nome dos Heróis de Barro, à todas as "Mães-de-Guerra" que assistiram suas filhas serem estupradas!

Perdão, Dona Rosa!

Mil vezes perdão, eu peço, em busca da remissão que não tenho o direito de procurar...

Perdão, Dona Rosa! De todas as partes devastadas pela guerra!

Perdão... para suas filhas desgraçadas, maltratadas, defloradas, abandonadas, brutalizadas!

Se um dia, porém, nova guerra ameaçar o mundo, imploro! À todas as mãezinhas do mundo:

— MATE SEU FILHO!... MATE-O... pelo amor de Deus!... Pelo amor do que há de mais sagrado em seu ser de MÃE!... Não deixe, mãezinha, não deixe o seu idolatrado filho vestir a farda enlameada dos Heróis de Barro... dos Heróis de Lama!...

Dona Rosa, as famosas neuroses de guerra, em sua grande maioria, estão localizadas no sentimento de nojo, culpa e vergonha... de ódio e remorso... que o pobre pracinha arrasta, para o resto dos tempos, ao recordar seus atos desumanos, seus crimes sexuais, sua bandalheiras lascivas, suas bacanais repugnantes...

E, como se não bastasse ao cabo neurótico, tantos espectros lhe acompanhando na vida em fora, ele vive escutando o sibilar de um poema que somente Zé-Conselheiro recitava no front:

... e tenho pena dos motivos funestos
Que desencadearam lutas selvagens.
como tenho pena das mulheres honestas,
que se prostituíram por motivos honestos!...

como tenho pena das mocinhas defloradas,
das velhas forçadas e violadas...
como tenho pena das mãezinhas honestas
que prostituíram suas filhas por motivos honestos!...

Esta é, Dona Rosa de todos os fronts, a verdadeira medalha que os Heróis de Barro carregam em fogo, dentro do peito sufocado no remorso!

Medalha imunda, que a orgulhosa civilização do Velho Mundo cravou, com requintes de perversidades, no peito do soldado do Novo Mundo.

Assim, Donas Rosas da Europa, foram premiados os combatentes da ingênua América:

Assim vivem os Heróis de Guerra!
Heróis de Barro!
Heróis Mulambos!
Heróis Neuróticos!
Heróis Humanos...

CAPÍTULO XIII

UM ANJO DE TRANÇAS LOIRAS

O general inverno preparou sua ofensiva, arrasando o infeliz pracinha de Pindorama.

O termômetro caía. A temperatura caía. A neve caía... e o tiritante pracinha também caía de frio, caía estraçalhado nas rajadas mortíferas da "lurdinha" que gargalhava num debochado metralhar.

Não mais existia, no sentimento da soldadesca, a tão decantada saudade. Tudo era tristeza, desolação, morte e frio... Muito frio!...

Foi numa dessas tardes friorentas que o velho Conselheiro começou a descrever os sofrimentos das crianças que restam na guerra:

— Como podem sobreviver nesse frio horroroso?... Tão pequenas e tão fracas... Não sei, seu Cabo, como pode!... (E o bom amigo lançou um olhar vago para o horizonte gelado)... Às vezes, um bando de pequerruchos famintos, num alarido de revolta e sofrimento, passa, indiferente à guerra, sem pensar nos mortos apodrecendo nas crateras das explosões... como se os mortos fossem os únicos culpados de suas desgraças... (Balançando a cabeça, Zé-Conselheiro continuou nas divagações)... E os corpos esfacelados sempre ficaram, brutalmente humilhados na indiferença infantil... diabolicamente ofendidos, numa promiscuidade irreverente de abjeta prostituição infantil... (Encarou-me com um olhar perdido)... A guerra, seu Cabo sem entranhas, vai cinzelando nos sobreviventes, não o medo que degrada, nem o espanto que mortifica, nem o ressentimento que eleva... nem a dor que purifica! A guerra, nesta miséria de frio e fome, vai esculpindo no espírito infantil, o malsinado tédio da morte... (Soltou uma golfada de saliva

que borrifou o ar em gélidas gotículas, sobrando alguns respingos para o cabo)... Veja como parece que tudo isso veio pela mão de um demônio. Ou será que satanás fantasiou-se de criança? (Nisso um ribombar ecoou no espaço. Logo a seguir, um sibilar veio arrepiar os nervos dos pracebas. Conselheiro soltou, sem querer, as exclamações que o encabularam mais tarde)... Meu Deus!... De que igreja teria saído essa música que estamos ouvindo, misturada com as algazarras das metralhas famintas?... (Mudando o tom de voz, Conselheiro prosseguiu)... Veja! Seu Cabo, as preces silenciaram... será que acordaram com os gritos debochados das gargalhadas das lurdinhas?... Ou as preces estão morrendo nos monturos de uma fé agonizante e de uma divindade também amortalhada?... (Fez outra pequena pausa. Conselheiro estava arrasado. Encarou-me com enfadonho. A cara estava lambuzada de nojo que lhe escorria numa sombra pegajosa. Passou a mão trêmula pelo rosto cansado, como se procurasse sentir a hediondez de suas últimas comparações. Balançou a cabeça e suspirou, desiludido)... Assim é a vida, meu bom Cabo!...

Zé-Conselheiro calou-se. Bateu as mãos no rosto encardido e magro, procurando aquecê-lo. Seu nariz estava roxo de frio.

Os Apeninos castigavam a ousadia do homem tropical.

O mundo, em nossa volta, era um alvíssimo lençol, que cegava, que congelava, que irritava, que maltratava.

Aqui e ali, um amontoado de verde-oliva tombado na estúpida exterminação da mocidade de minha terra... manchava o imaculado lençol do inverno, com o vermelho berrante do seu sangue jovem!

Era o sacrifício de minha gente, em holocausto à pátria orgulhosa que lá deixamos...

Os Apeninos castigavam a ousadia de nossos caboclos...

E o lençol alvíssimo, depois dos combates, ficava qual uma fantasmagórica colcha de retalhos, rasgada pelas crateras das explosões que irisavam a paisagem dos Apeninos.

Minha peça, incansável como seus homens, vomitava fogo e morte!

Todas as manhãs, com as mãos endurecidas de frio, tínhamos que limpá-la. Detergente, óleo, estopa, etc... entravam na comunhão dos berros... dos palavrões, das blasfêmias...

Para que o tubo-arma da peça, durante a noite que nevava, não ficasse entupido de neve, tínhamos que conservá-lo sempre tapado.

— Não esqueçam do tubo-arma... (Recomendava sempre, o nosso bom Sargento Zadir)... Dizem que houve caso de guerras passadas que o canhão rachou quando a neve solidificou no tubo-arma...

Mas, como tudo na vida, a guerra também tem seus "mas"...

Quanta coifa fora colocada na boca do canhão, quantas foram pro inferno, na loucura dos ataques inesperados. Minha guarnição, esgotada e tiritante de frio, quando corria para entrar em fogo, não lembrava que teria uma coifa para ser retirada da boca do canhão...

E, quando a voz de comando, lá do "P.O", gritava:

— FOGO!...

O inferno descia sobre nossas cabeças. Tudo era endemoniado... Que não lembrávamos que havia uma coifa na bocarra de nosso monstro. E tantas coisas estraçalhamos, que não nos deram mais substitutas.

Diz um velho ditado que praça-velha não se aperta: desaperta!

— Quebre o galho, Cabo... (Lembrou Zé-Conselheiro)... com latas de gororoba dos gringos...

A ideia foi boa. Também, quanta lata foi colocada, quantas foram esfaceladas no ronco da peça 105.

As coifas acabaram... as latas escassearam...

A neve caía... A neve caía... Dia e noite... noite e dia...

O canhão tinha que ser protegido. Como?...

— Seu capacete, moço... é uma coifa sob medida... (Era Zé-Conselheiro, dando piparotes na minha cabeça)... Experimente. Dá certinho na boca do bichinho... (E seu olhar matreiro, formigava mil diabruras de praça velha e trampolineiro).

Como um patinho, caí na esparrela do velho camarada. Antes de abrigar-me, no entardecer daquele dia, coloquei meu capacete de aço na boca do monstro silencioso.

Lá pelas tantas da madrugada, o aviso soou:

— Segunda peça, preparar para entrar em fogo...

Com o laringofone agarrado na garganta, respondi, ainda deitado:

— Pronto segunda peça!...

E pulei, sacudindo meus soldados, dando ordens na repetição dos comandos que recebia pelo laringofone:

— Fumígena 58... Carga 5... Deriva tanto... Alça tanto... Sítio tanto... Carregar!

Sonolento e tiritando de frio, eu ia repetindo os comandos, qual um robô do inferno humano:

— Fumígena... Deriva... Alça... Sítio... Carregar...

O taciturno Polaco, meu possante carregador, balançava o corpanzil de caboclo "de origem", escorregando na neve, procurando a bocarra da peça para arremessar, de um só golpe, a granada 105 que seria endereçada para alguém que eu nunca tinha visto e nunca me tinha feito mal...

A voz do "P.O" veio, firme e rascante:

— FOGO!...

E o monstro explodiu, num salto endiabrado, como se quisesse pular em cima do inimigo oculto. Era a morte endereçada. Era a besta humana fardada de herói, ceifando vidas... destruindo lares... arrasando igrejas... profanando cemitérios...

"... E vim para lançar fogo sobre a terra, e bem quisera que já estivesse tudo a arder" (Lucas, 12:49).

E lá se foi o capacete de aço... desintegrado na possante explosão do 105 obus que os gringos nos confiara.

Foram 2?... 3, 4, 5?... Não sei quantos capacetes desapertamos de outros setores. O autômato que puxava o gatilho da morte, não lembrava, na hora do estouro, que na boca de sua peça estava um capacete de aço...

E por que haveria de lembrar?...

— Não precisa lembrar, seu Cabo... (Sentenciava Zé-Conselheiro)... Soldado não pensa: OBEDECE!... Praceba tem cabeça pra dum-dum de *tedesco*... (Deu uma piscadela maliciosa, cofiou o cavanhaque imaginário e soltou uma exclamação)... Puxa! Tudo isso me faz lembrar do meu velho amigo Shevchenko...

Num gesto de impaciência, cortei as explanações do velho camarada:

— Já vem você com sua filosofia de última hora!

Zé-Conselheiro deu uma salivada entredentes, olhou o cabo com desdém, resmungou qualquer praga que não entendi... balançou a cabeça, penalizado com a minha santa ignorância e prosseguiu, com cara de nojo:

— Cabo, os "papa-hóstia" combatem meu velho Shevchenko. E, pensando bem... o meu amigo Shevchenko dá no que pensar... Veja o que fazemos nesta guerra infeliz?... Estamos matando e morrendo, para cumprir o lema dos sociólogos: "LIQUIDAR OS SENHORES DOS EXÉRCITOS, PARA QUE NÃO HAJA MAIS ESCRAVOS!"... (Com raiva, deu uma pelada numa pedra, como se fosse ela a culpada dessa guerra maldita, e continuou)... No entanto, Cabo, os versos desse "renegado" cantam rimas assim: "UM DIA NÃO HAVERÁ SENHORES DE EXÉRCITOS E NEM ESCRAVOS DE PREPOTENTES"... (E com uma cara cínica, soltou um grunhido, na imitação de uma risada, sacudindo o esqueleto uniformizado, como se procurasse dar mais ênfase às suas últimas palavras).

Assim passávamos as horas... os dias, as semanas, sem termos noção do tempo e da vida. Nosso problema era MATAR ou MORRER! O resto...

Ora, o resto! Depois pensaríamos nele...

***

Quando a temperatura estava insuportável, chegou o limite de nossa saturação! Não mais respeitávamos as ordens de segurança. Fazíamos fogo em qualquer lugar, em qualquer hora... para esquentar uma bebida. O problema, então, tornou-se mais forte: ESQUENTAR! Nas botas de neve, o pracinha usava, por dentro, pedaços de madeira, palha de trigo, enfim, qualquer coisa que minorasse a friagem. O bravo

guerreiro de Pindorama, procurava qualquer coisa que viesse livrar o medonho frio do inferno branco.

Nossa farda, jegue e horrível, era adaptada de todos os feitios, conforme os desapertos que as italianas proporcionavam.

Cobertores americanos foram recortados em blusões de praça. O roubo dos objetos de lã, imperava na macacada friorenta!

— Desaperto de praça, seu Cabo... Desaperto...

Também o povo sofria com o rigoroso inverno. Moças, crianças, velhos, quando encontravam um pracinha iam em cima do coitado, com súplicas que comoviam os mais empedernidos corações:

— *Brasiliani... Bizogna tanti robba...*

Com rogos e lágrimas, procuravam reavivar o âmago do infeliz praça, abobalhado no gargalhar das batalhas sem fim...

O problema dos infelizes era a sobrevivência, sem regatear preço, sem medir sacrifício, sem aquilatar vergonha, honra, caráter, família...

Sua casa: seu prostíbulo!

Sua mãe: sua cafetina!

Seu leito, antes perfumado nos odores da juventude sadia e pura, andava amarfanhado, depravado, violado, no suor de soldados aliados: brasileiros, americanos, ingleses, filipinos...

A velha Europa pagava com ferro e fogo o preço de seu orgulho. Caldeava, em lama da infâmia e das misérias, o jovem tudo pra trás...

Assim se mantém a mocidade em guerra!

Assim se prepara o herói que retorna!

***

E a neve caía... caía...

No dia morrinhento e frio, os flocos pequeninos empanavam de véu branco a visão dos soldados. Lá na frente, duas figuras cambaleavam num andar indeciso e trôpego.

O dia morria com a vida!

Meu companheiro de quarto de hora, o velho Polaco, todo trêmulo, sussurrou-me:

— Cabo... pa... pare... parece te... *tedesco*!... Veja!... (E apontou-me, assustado, duas figuras no lusco-fusco do dia que morria empanado pela nevasca)... Pegue... o... o fuzil...

E, se bem o avisou, melhor o fez!

Um tiro ecoou no ar gelado...

Um grito de criança, cortou o ar!

Num gesto rápido, meti a mão no cano da arma, abaixando o fuzil de Polaco, fazendo neve esparramar em nossa volta.

A arma tinha dado sua segunda detonação.

— Calma! Polaco!... São crianças... (Gritei, sacudindo o grandalhão gaúcho das colônias).

Com gritos e soluços, as duas crianças aproximavam-se de nossa posição, geladas de frio e de pavor.

— Quá, seu cabo!... (Atalhou Conselheiro que acordou com os estampidos)... Esses diabinhos mais parecem fantasma de além-túmulo... Os bichinhos estão transparentes de medo ou de frio?...

E foi correndo, ao encontro das duas crianças apavoradas.

Na balbúrdia dos trapos que as cobriam, ainda pude distinguir um menino e uma menina. Não sei se foi a figura repugnante dos que exalam morte, fome, miséria... ou se foi o mau cheiro dos corpinhos fedorentos e sujos que revirou meu estômago de combatente...

A menina, mais ousada, correu, de braços abertos, gritando esganiçada, num fremir de dentes e gestos:

— *Brasiliano... Brasiliano... Per Dio... Per Mama... Brasiliano...*

Agarrando-se pelas minhas pernas, foi caindo, trêmula, apertando-me com toda força que ainda lhe restava, extravasando-se em gritos e prantos, numa contorção que abalava:

— *Per Dio... Per Dio... Per mama...*

Foi então que notei, bestificado, a beleza de seus cabelos dourados, caindo-lhe pelos ombros magros, mal protegidos pelos imundos trapos que o cobriam!

O velho Conselheiro não suportando a situação, exclamou:

— Deus está morto!...

E benzendo-se, fez sinal da cruz.

Do estupor em que me encontrava, com a menina agarrada nas minhas pernas, encarei meu camarada, com assombro.

Zé-Conselheiro arrebitou o nariz com o polegar enluvado, num muxoxo e voltou à carga:

— Deus está morto!... A Sua piedade pelos homens, matou-O... (Como se desculpando, deu um chute na neve, completando)... Nietzs-

che, meu velho amigo dos bons tempos... (Passou a mão pelas tranças loiras da menina e acrescentou)... O meu velho amigo Nietzsche, infelizmente, tinha razão... tinha razão... (E suspirou, para não chorar).

A menina, toda trêmula, levantou a cabeça.

Seus olhos verdes...

— Verdes como os mares bravios de minha terra natal... (Falou, por mim, meus velhos botões).

Seus olhos verdes, esbugalhados, saltavam das órbitas esmaecidas, purulentas, arroxeadas... num rosto macilento e cadavérico.

Num ímpeto de nojo e repulsa, o cabo atirou a menina na neve.

Aquele ser não era humano!

Maior que o sentimento cristão, o nojo, o asco, a repulsa falou mais alto e gritou mais forte dentro do peito de guerreiro.

Enroscada, trêmula de medo e de frio, a infeliz menina esperava o tiro de misericórdia a tanto protelado.

Eu ainda trazia, na mão direita, a arma com o metal reluzente da baioneta assassina.

O menino, petrificado, estacara... sem voz, sem ação!

Tudo assistia, no mais cruel silêncio que a infância conserva na estupefação da morte... da morte que tardava!

Nós éramos inimigos! Eles sabiam!... Nós matávamos!

— Calma! Seu Cabo!... (Falou Zé-Conselheiro)... Desse jeito, você acaba mal... Não respeita mais nem criança?... O que houve com você?...

Uma luz relampejou pelo olhar lacrimoso da menina remelenta. Uma luz que refletia toda a sua dor... e sua miséria.

O coração do carrasco fardado que o front animalizara, amoleceu.

Mais forte do que sua ira, algo pedia clemência e misericórdia...

— Vamos, Cabo velho!... (Gritou Zé-Conselheiro, dando safanões pelas castas do cabo)... Vamos, homem!... Levante a *bambina*! Seja mais humano!...

Ainda tentei um gesto de repulsa.

— Deixai vir a mim as criancinhas... (Sussurrou Conselheiro em meus ouvidos)... Deixar vir a mim as criancinhas... Lembra-se?...

Então, abaixei e peguei, nos braços, aquele amontoado de sujeira e podridão em vida...

Seu hálito era horroroso. Quando a carreguei, suas mãozinhas, magras e secas, queimaram-me o pescoço, de tão frias que eram.

Com um gesto de cabeça, convidei o garoto para seguir-me.

Até aquele momento, o bondoso Polaco tinha ficado sem ação e assombrado, contemplando o quadro estarrecedor.

Refeito do espanto, o gaúcho "de origem" correu para carregar o garoto que cambaleava na neve, de fome e de frio.

— Zé-Conselheiro tem razão, seu Cabo!... Meu pai, lá na colônia, todas as tardes, lia um trecho da bíblia para nós...

E saiu cambaleando, com o peso do menino, atolado na neve até os joelhos de gigante gaúcho.

E os dois "heróis" dos Apeninos, enojados, traziam nos braços o galardão de suas gloriosas batalhas pelos campos da Itália.

Assim é a guerra! Assim são os heróis!...

Na lama e no barro, na neve e no gelo, ela ensina os caminhos da destruição que glorifica! São os capítulos da hipocrisia humana, encobrindo a podridão das batalhas, nas páginas falsas da história que tudo omite e nada revela!

Esta foi a guerra que sepultou meus camaradas!...

Esta foi a guerra que me devolveu aos vivos, sepultando-me a alma!...

Muito pior, a de meus camaradas que tombaram, pois não tiveram o direito de um repouso eterno... colocados num mausoléu de linhas, acomodados, emparelhados, acamados, exibidos no "mastodonte" de cimento e ferro.

Pobres camaradas! Nem o direito do repouso modesto, no silêncio de uma tumba, lá no cemitério de sua aldeia que tanto amava!...

***

Vic era seu nome.

Ela vinha dos escombros de Pietracolora, que nós arrasáramos, como mais tarde ela nos contou. Sua família, casa, parentes, amigos e vizinhos...

— *Tuti... Tuti... Finito...* (Explicava, em dialeto difícil, mais com gestos do que com palavras, a pobre criança loira).

Quanto ao garoto Gino, estava na mesma situação.

A desgraça dos bombardeios unira as duas crianças...

O front, propriamente dito, não existia para o povo.

As duas crianças não sabiam pra onde ir. Qualquer soldado, pra elas, era o invasor de sua pátria.

Aquele front maldito era o cenário real de um mundo em destruição. Quantos camaradas, em plena força dos anos, morreram ignorados?... Quantos jovens sacrificados e quantos heróis esvaíram-se em sangue?... Esse mesmo sangue da mocidade de hoje: que ri, que canta, que vive! Esse mesmo sangue de uma rapaziada trucidada por ideal nem sempre compreendido e que nós, pracinhas, não sabemos explicar.

— Era assim que, nos Apeninos... (Comentava, muitos anos depois, o velho Conselheiro, nos serões de família, quando o assunto vinha à tona)... Era assim que a fina flor de nossa geração se diluía nas explosões e se estraçalhava no gargalhar satânico das metralhas que endoidece... (E o bom Zé-Conselheiro, num olhar vago, deixava escapar um suspiro de melancolia que revirava as páginas de um passado amargo)... Isso tudo, para desalojar os valentes e aguerridos defensores de Monte Castelo... (E o bondoso camarada continuava nas explanações, entrecortadas de suspiros)... Assim, nossas tropas foram fabricando as Vic, os Gino, os Pim-Pim... (E seu olhar cansado, procurava no vácuo as feições que o tempo deturpara e que o coração teimava em conservá-la nas sombras das saudades)... Milhares e milhares de crianças sem rumo, sem agasalho, sem pão... produtos errantes de uma geração em guerra... (E não deixava de reforçar suas descrições, com a sua interminável coleção de citações)... Oh, Deus! Onde estais que não respondes?...

E o velho professor aprofundava nas comparações que chocavam!

***

Vic e Gino foram melhorando de aparência.

Foi uma luta desigual para as crianças convencerem os pracebas de nossa guarnição para que elas ficassem ali.

— Não é possível, seu Cabo... (Afirmava Turquinho, o brincalhão carioca do morro do Querosene).

— Eu tenho irmãos... (Comentava Cabo Dias, meu substituto na linha de tiro)... e não vou carregar os arrependimentos e nem arcar com as responsabilidades! Isso não é possível!...

— Não dou opinião... (Era o amigão Meia-Um, procurando apaziguar a situação que já começava a esquentar)... O que o velho Cabo resolver, eu topo!...

— Sargento, o que é que o senhor revolve?... (Era o Dias-Sapateiro, soldado da guarnição do cabo Dias).

— O que vocês resolverem, eu apoio... (Respondeu o bom Sargento Zadir, sempre solícito e amável).

— Então, vamos fazer uma votação!... É o mais certo!... (Opinei, procurando uma saída para minhas objeções).

— Ora, Sargento, isso é um golpe do Pantaneiro... (Replicou cabo Dias, sabendo que eu era o líder da peça).

— É a única saída, Dias... O Pantaneiro tem razão... (E revirando os bolsos, tirou uma caderneta de apontamentos e um toco de lápis que o bom Sargento sempre tinha ao alcance, para seus apontamentos)... Vou ficar ali atrás e anotando cada voto que derem... (Dando uma piscadela marota, o bom sargento mostrou-me que era favorável aos meus argumentos).

— Também, com um coração do tamanho de um bonde, o velho Sargento só podia ter apoiado nossa sugestão... (Explicara-me, mais tarde, Zé-Conselheiro, quando foi apurado o resultado, para nós favorável).

Assim, ficou resolvido que as duas crianças ficariam na nossa guarnição.

— Um momento, Cabo... (Era Zé-Conselheiro que me chamara, para um lugar mais afastado das discussões e cochichara)... Agora, temos que escolher quem será o responsável para cada uma delas...

— E como vamos fazer?... Nova votação?...

— Nada disso, seu boboca! Elas vão escolher seu protetor!.. Tá?...

— Hum... Hum... Vamos ver...

E assim foi opinado e logo aceito por todos.

Chamamos as crianças e expliquei, mais com gestos do que por palavras, o que tínhamos resolvido. Quando as crianças compreenderam, deram pulinhos de alegria e batiam palmas, cantando em dialeto.

Primeiro foi a vez de Vic.

— A mulher é sempre a primeira... (Sentenciou Zé-Conselheiro).

Vic encarou um de cada vez. Para cada fisionomia ansiosa, a garota respondia com um sorriso que somente a infância sabe oferecer.

A sensação era geral.

Homens barbados, carrancudos, sujos... Homens que destruíam, que matavam... Homens afogados no ódio e nas misérias, estavam ansiosos, com cara de criança que espera um presente a tanto sonhado... Aguardavam a escolha da menina com tranças de ouro.

Os mais afeiçoados à bela criança, não escondiam suas convicções.

Vic continuava indecisa.

— Vamos, Vic! Coragem... (Incentivou o velho Conselheiro).

A menina encarou um por um e, sorridente, foi em direção do bom Sargento, o Zadir do coração de ouro... abraçando-o pela cintura.

— A escolha foi feita... (Falou Meia-Um, num tom comovido).

Houve um murmúrio geral. Parece que ninguém havia lembrado que o bom Sargento era a encarnação da bondade.

Uma voz aflautada (gripe ou emoção?) rompeu o silêncio que se fizera:

— Vamos, bugrada!... Agora é a vez do garoto.

Gino compreendera. Sem um momento de indecisão, correu para minha direção e atarracou-me pela cintura, gritando com alegria:

— *Caporale mio... Capo buono... Caporale mio...*

E fez uma salada de exclamações que somente a bondade que imperava em nossa guarnição, naqueles rápidos momentos de humanidade, fizera com que os pracinhas de minha peça compreendessem o menino que irradiava felicidade.

E assim ficaram resolvidos os problemas iniciais com as crianças que a guerra nos mandara como presente de grego.

****

Vic e Gino foram melhorando de aparência.

Numa tarde calma, quando as bocas da morte estavam em silêncio, meu velho amigo Conselheiro falou:

— Cabo, descobri uma velha italiana, com cara de vovó bondosa, lá pros lados da terra-de-ninguém... (Encarou-me, como se aguardasse uma reação. Como não veio, continuou, calmo e moderado)... Sempre levo um pouco de ração "K" para a vovozinha abandonada...

— Onde você quer chegar?... Vamos! Fale logo, seu....

— Como as crianças estão sob nossa proteção, surgiram, com elas, diversos problemas, tais como: abrigo, roupa, calçado... Não é mesmo?...

— Tem razão, Professor, é isso mesmo...

— Pois é, seu Cabo. Deixe o caso da roupa que vou falar com a vovozinha. Ela sempre conserta minha roupa...

E assim, conseguimos resolver um dos inúmeros problemas que as crianças criaram para nossa guarnição.

Depois de tudo pronto, foi uma graça!

Vic e Gino, ficaram reformados por completo.

Da farda: calça e blusa de lã, mandamos que a velha recortasse. De duas cuecas, a vozinha fabricou as tão almejadas *mutandini* que Vic pedia com frequência. A menina não tinha calcinhas.

Meias e luvas, foram recortadas para as pobres crianças.

Só um problema não fora resolvido: sapatos.

Mesmo assim, Vic e Gino andavam calçados com borzeguins 35, os menores que conseguíramos encontrar e que foram comprados a peso de muitas carteiras de cigarros americanos (a maior fortuna das "tochas").

Assim, conseguimos fantasiar Vic e Gino de soldados brasileiros.

— Que belo!... Que belo, *brasiliani*... (Repetia, irradiando felicidade, a infeliz menina, num sorriso angelical que a maldita guerra não conseguira destruir).

— Até um bibico com as divisas de sargento, ela pediu que eu lhe arrumasse... (Explicou, mais tarde, Zé-Conselheiro, como se procurasse desculpar-se do gorrinho que Vic trazia na cabeça, num trejeito gaiato).

Eu quis responder qualquer coisa, mas uma voz dos botões falou muito mais forte: "E quem, neste mundo de homens maus, poderia negar um pedido ingênuo, numa época tão animalizada?".

Também Gino, o inseparável companheiro de Vic, fora preparado para o frio que nos massacrava.

Numa das andanças do Zé-Conselheiro, Gino fora em sua companhia, de tanto insistir.

Nós tínhamos muito medo de mina individual, que empestava as redondezas de nossa posição. Porém, o menino nos convencera.

Estava de golpe preparado: desde que Vic aparecera de bibico bordado com divisa de sargento, Gino não mais sossegara. Também queria sua divisa de guerreiro mirim: *caporale*, como seu protetor.

Na volta, Zé-Conselheiro chamou-me:

— Veja, Cabo, o que o garoto nos preparou. Foi comigo até a casa da vovozinha e convenceu a velha a fabricar essa divisa de cabo que ele trás no braço esquerdo...

E mostrou, todo sorridente, a divisa que o garoto trazia.

***

Foi assim, a princípio, com a finalidade de prepararmos as duas crianças para a longa caminhada dos sem-rumo no front de Porretta Terme.

Foi assim: hoje, uma coisinha; amanhã, outra melhor; que Vic e Gino passaram a fazer parte de nossas atenções, de nossas conversas, de nossas preocupações.

Passaram-se os dias. As desculpas, as mais esfarrapadas, serviam para conservá-las em nosso front. Somente quando o ribombar dos canhões, estremeciam a neve mal acamada, rasgando a terra com crateras monstruosas... e o gargalhar mortífero da metralha nos apavorava, é que temíamos pela segurança de Vic e Gino.

Quantas vezes, no desleixo natural do front, um praceba jogava-se em cima de uma das crianças desabrigadas, ao perpassar de zumbidos da granada que vem com endereço certo.

Quantas vezes, Vic, você deixou nossos camaradas trêmulos de medo, vendo-a correr, na graça infantil de seus folguedos no front, indiferente aos estrondos da canhoneira que abalava o mundo.

Você Vic, a santinha loira de Porretta Terme, jamais saberá compreender os sentimentos dos praças que a protegeram com o próprio corpo.

***

Começara o degelo.

Os pracinhas sofriam de frio e viviam lambuzados de lama gelada.

A paisagem mudara. Os Apeninos, antes cobertos de um lençol de neve, alvo e puro, era, agora, a encarnação do desespero que a lama gelada provoca. A maldita lama do degelo...

As explosões das granadas não se limitavam a espalhar a destruição, o pavor e a morte. Também, numa apoteose macabra, as explosões dos 290 levantavam retalhos de corpos esfacelados, em medonhas colunas de lama ensanguentada.

Era de se ver, o chafariz da morte, numa louca homenagem ao deus Marte, encobrindo a carnificina e sepultando restos de corpos num chuveiro de lama.

Os dois pracinhas, amigos inseparáveis, tiritando de frio e de medo, praguejavam e rezavam...

Foi numa pausa dos 290 inimigos que o cabo falou:

— Conselheiro, cheguei à conclusão que...

— Você só conclui besteiras...

— Espera, professor! Ainda não comecei. Eu cheguei à conclusão que...

O cabo não pôde terminar. Uma granada 290, mais atrevida, passou baixinho, rosnando num sopro mortífero, obrigando os dois amigos a se jogarem no barro gelado... lambuzando cara, farda, mãos e até a própria alma.

Passado o susto dos primeiros minutos, o cabo levantou-se, limpou a lama do rosto e procurou, ansioso, o velho companheiro. Conselheiro tinha se levantado, espadanando-se, soltando pragas e palavrões.

Refeito do susto, continuei:

— Como eu ia falando, cheguei à conclusão que...

— É melhor você não chegar à conclusão alguma. Veja o que você arranjou há pouco. Suas conclusões custaram-nos uma granada

290, e das bem perto! Até parece que tedesco está escutando suas conclusões...

— Me dê uma colher de chá, ao menos por uns segundos. Será que somente você tem o direito de tirar conclusões?... Tenha paciência! Eu também...

— Não precisa chorar. Pode soltar suas conclusões...

E o velho Conselheiro deixou escapar um olhar de condescendência para o cabo, como se ele fosse uma criança que teimasse em pedir um brinquedo perigoso.

— Como eu ia falando, cheguei à conclusão que o homem é feito de barro... (E o cabo olhou para o amigo, perguntando)... Não tenho razão? O homem é feito de barro, vivendo num mundo de barro...

— Tem razão, Pantaneiro!

— Já sei! Você quer me tomar o baralho e continuar nas comparações... (Dei uma risadinha amarela e fingi que passava um baralho para o velho camarada)... Toma, sirva-se à vontade...

Zé-Conselheiro nem deu valor às minhas últimas palavras. Embevecido, pegou nas minhas comparações e largou suas comparações pelo raciocínio de sua filosofia particular:

— O homem é um pote de barro... (Levou o indicador nos lábios, num gesto de concentração. Apertou os olhos, franziu a testa. Seus lábios contraíram-se, deixando escapar um esguicho de cuspe que borrifou o ar lambuzado de barro e prosseguiu)... Não sei onde li. A verdade é que quem o escreveu, naturalmente, também lutou numa guerra desgraçada como a nossa: guerra de barro, de lama, guerra de merda!... (Soltou um suspiro e continuou) O homem é um pote de barro fedorento, bem vertical, resfolegando pela vida as imundícies de

seus gestos, os vermes de suas atitudes, a maldade dos seus sentimentos... (Conselheiro, sentado na conteira do 105, alisava a lama gelada com a bota lambuzada, sem levantar o rosto)... O homem é um pote de barro fedorento, com muita água suja em seu bojo...

— Tem razão, meu velho...

— É um pote de lama bem suja. Repare como são formados em nossa língua [as palavras] ALMA e LAMA!... (Fez uma pausa, como se aguardasse minhas conclusões e prosseguiu)... das mesmas letras! Veja CORPO e PORCO, como são, também, das mesmas letras... (E cuspinhou um borrifo de saliva amarelada de nicotina).

— Até já tenho cheiro de lama com essas comparações...

— É isso mesmo, seu moço! O homem é lama e volta à lama...

— Como nos ensina o catecismo?...

— Ora, Cabo! Seja um pouco mais realista! Só [na palavra] HOMEM, já podemos tirar uma conclusão...

— Não entendi.

— Senão vejamos: HOMEM é igualzinho a HOMO; e, por sua vez, HOMO é igual a HUMUS; como também, HUMUS é igual a TERRA... (Fez uma pausa, como se aguardasse um suspense e continuou)... Logo, meu velho amigo, HOMEM e TERRA são sinônimos! Tanto na grafia, como na matéria. Tá?...

— Sua filosofia não foi lá muito feliz... (Encarei o companheiro, com medo de reação. Como não recebi o que aguardava, continuei)... A comparação pode estar muito boa. Porém, a terra é pura, virgem e generosa, enquanto o bicho-homem é...

— Já sei! Já sei... onde você quer chegar...

— Não sabe não! O homem é um animal bruto, um materialista, um grosseiro sensual...

— Ora, Cabo!... Lembre-se que já afirmaram que o homem é uma espécie rara da natureza que sempre está fornecendo convertidos, sábios e santos... (Encarou-me como se eu fosse uma sombra na sua vida e continuou)... Cabo, você deve muito bem saber que, depois de uma lágrima salgada, quente e pura, o homem vê muito melhor pelos olhos da alma... (Deixou escapar um suspiro que estremeceu seu corpo esquelético e soltou uma citação)... "GNOTI SAUTON", é um lema do meu velho amigo Sócrates...

— O que você citou?

— Mas você é burro! Puxa!... Não sabe que isso significa: "CONHECE-TE A TI MESMO"?...

— Não adianta defender a espécie humana, Professor. O homem é, das espécies terrenas, a pior praga que pisou em nosso planeta.

Fiz uma pausa, pra sentir a reação do camarada.

Por um capricho do destino, a bomba que eu preparara para explodir em cima dos argumentos de meu amigo, vinha acompanhada de uma outra, muito pior e muito mais potente: o maldito 290 dos *tedescos*, arrotara na explosão dos tiros... e a granada vinha, com endereço certo.

Zé-Conselheiro não tivera tempo de responder. Mais rápido do que o pensamento, a força da sobrevivência lançara-o no chão, fazendo espirrar lama pra todos os lados, no impacto de seu corpo com barro gelado.

Felizmente fora somente uns minutos.

Quando levantamos, a lama escorria pela capa impermeável, de plástico verde, mais gelada do que o barro que nos martirizava.

Conselheiro encarou o cabo e falou com certo ar debochado:

— Você quis me soltar uma bomba de palavras e o maldito *tedesco*, seu aliado, mandou uma de 290 para seu auxílio.... (Deu uma cuspida com ares de desprezo e continuou)... Vamos ao nosso assunto! Você afirma que o homem é a pior espécie da natureza, não é?... Eu li, não sei onde, que o homem é, nos três reinos da natureza, um ser à parte, um ser superior. Não é animal, nem vegetal e nem mineral...

— Não concordo, Professor!

— Deixe-me terminar... (E levou o indicador amarelo de nicotina, no meu nariz)... O homem, na escala ascensional, pelos séculos de história, foi troglodita e hoje é aeronauta! O seu destino é subir na escala terrestre, subir sempre... sempre... (Girou a mão no ar, imitando uma rota aérea em bamboleio suave e continuou, cada vez mais convicto)... O homem, meu bom Cabo, é o único ser da natureza que construiu: escola, hospital e igreja!... Tá bom?...

— Mas, Professor, esse mesmo homem também ensinou cálculos militares nas ESCOLAS; estudou, preparou e empregou produtos químicos dos HOSPITAIS, para destruição nas guerras; derreteu os sinos das IGREJAS, para construir canhões...

— Ora, Cabo! Assim, também já é demais...

— Demais?... O homem, seu Zé, é tão mau que, já no ventre materno, não para de dar coices no anjo que lhe deu o ser!

— Também não é tanto assim... (Deu umas palmadinhas nas costas do cabo e continuou)... Repare como o homem é o único ser que anda em VERTICAL, a linha traçada para se chegar ao alto...

— É... você tem razão! Mas, não se esqueça que o homem, já em

criança, depois de mamar, saciando sua fome, o homem morde o bico do seio da mãe... Que tal?...

Zé-Conselheiro encarou o cabo, fez um gesto que não chegou a ser completado e, sacudindo a cabeça, procurou a resposta que não demorou:

— O mundo, meu amigo, não é somente matéria e máquina! A humanidade não é um muro construído só de tijolos ou só de pedras: tem também argamassa! Lembre-se que o sustentáculo da vida humana, neste vale de lágrimas, é uma argamassa de FÉ que eleva o homem a Deus!... (Cofiou o cavanhaque imaginário, esparramou um olhar no ar pesado, gelado e lambuzado de lama. Cerrou os dentes e apertou os lábios para dar uma das suas famosas cuspidelas. Encarou-me com certo ar de indiferença, como se eu fora um pobre ignorante, e falou com voz pousada)... NATURA NON FACIT SALTUS...

— Eu quis falar qualquer coisa mas Zé-Conselheiro não permitiu, fazendo-me um sinal para que calasse.

— Isso quer dizer, meu bom Cabo, que: "A natureza não dá saltos"... Entendeu? Ou quer que eu explique melhor?...

— Professor, eu pensei que...

— Não precisa falar! Lembre-se que: "há mais coisas entre o céu e a terra, que jamais pudera sonhar a nossa pobre filosofia de front"...

— Eu conheço essa citação. Se não me engano...

— Você não a conhece, tenho certeza! Essa é a do famoso Shakespeare... (Encarou o companheiro, com certo ar de pena e prosseguiu)... O fatalismo, meu bom Cabo, leva o homem à indolência, carrega-o à resignação e arrasta-o ao já famoso MAKTUB dos mulçumanos ressequidos nos desertos.

— Puxa, Professor!... Você está hoje traumatizado?... Onde conseguiu tanta filosofia?... Não tenho o direito de dar uma opinião e lá vem você com dezenas de citações, debulhando, uma por uma, as teorias que procuro explicar. Assim, é duro... (E fiz uma pausa, em busca de uma comparação que convencesse meu velho amigo Conselheiro, que calara, aguardando minha argumentação)... O homem, meu velho, às vezes apresenta-se atraído por dois polos...

— Lá vem você, novamente, com teoria que eu posso derrubar.

— Mas, Professor...

— Não tem nada de mas! Você deve muito bem saber que, em física, nós aprendemos que a corrente elétrica vai sempre de polo negativo (que é o gênio do MAL) para o polo positivo (que o gênio do BEM)... E você ficou sabendo que é assim que há luz!...

— Mas, para tudo isso, existe uma lei. Você não pode negar que o homem, dominado pelas vaidades, derruba fronteiras e leis, em busca de...

— Ora, Cabo! É muito fácil. Se a ciência afirma que há uma lei que rege o universo, logo, deve haver um LEGISLADOR!... Se o acaso fosse lei, não poderia haver ciência na face da terra...

— Você mesmo, Conselheiro, explicou, há poucos instantes, que há muita igualdade no homem e na lama, lembra-se?...

— Tem razão. O homem é lama!... (Uma pequena pausa levou o tempo necessário para que o amigo se refizesse e atacou de cheio, no assunto)... O homem é lama, mas é lama que se fez barro endurecido. Para que esse mesmo barro endurecido possa se tornar flexível, maleável e leve, o homem tem que fazer brotar, dos olhos em fogo, o pingo quente de uma lágrima!... (E com o indicador magriça e encar-

dido de sarro, apontou meu nariz abatatado, como se eu fosse o único responsável pelas mazelas dos homens)... Lembre-se, Cabo velho, que o homem é pó... é barro... é lama... e caminha sobre o mesmo barro!... (Mudando o tom de voz, prosseguiu)... Já dizia meu velho amigo Vieira que: "O homem vivo é pó levantado; o homem morto é pó caído". Um anátema que os séculos não derrubarão...

— Assim, você me faz lembrar dos versículos de S. Lucas: "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?!"...

— Ué... Será que você já virou "bíblia"?... Não creio que o cabo conseguiu converter o tal Pantaneiro... Quá, seu Pascuá!... Isso tudo é um sapicuá!... Quiá... Quiá...

Zé-Conselheiro encerrou suas piadas, jogando-se no chão, quando ouviu o zunido das 290 que se aproximavam, com vontade de mandar mais alguém pros infernos!

O barro gelado, pegajoso e fedido, escangalhava com os nervos da gente. Quando o pracinha levantava, sempre havia uma piada:

— Você treme de frio ou de medo?...

E as gargalhadas, nervosas, cortavam o ar pestilento dos Apeninos convulsionados.

Depois desses ataques, os praças reuniram-se em volta do canhão e começaram a descrever as recordações de casa.

Um gaiato havia repetido a pergunta:

— Você treme de frio ou de medo?

Zé-Conselheiro não gostava dessa piada. Por diversas vezes, já havia avisado. Por isso, com os olhos lançando chispas, respondeu:

— Eu tenho medo de ter medo!

— Vejam só, pessoal, o Professor também tem medo!

Conselheiro não se amofinou. Naquele jeitão simplório, voltando ao natural, continuou, com voz pausada, como se falasse sozinho:

— Eu tenho medo de ter medo de morrer aqui... entenderam?... (E lançou um olhar inquiridor, na macacada que o encarava assustada)... É isso mesmo! Morrer, sem ter quem vele por mim... sem ter quem lave meu corpo... (Fez uma pausa e o suspense rasgou o ar carregado de morte e miséria. Com as mãos trêmulas de emoção acendeu um cigarro e soltou uma longa baforada. Um pracinha de outra peça, com cara de fuinha, deixou escapar uma risadinha em falsete, como violino desafinado. Conselheiro não ouviu. Sua atenção estava naquela pergunta do praceba: "Você treme de frio ou de medo?". E, como se falasse para si mesmo, continuou, com voz mansinha)... Quero morrer em casa, juntinho de mamãe...

Quando Zé-Conselheiro falou em morrer em casa, imaginei minha própria morte, atolado na lama gelada, de olhos esbugalhados, sem velas e sem lágrimas. Qualquer coisa fritou dentro de mim e a pergunta explodiu:

— Isso é patriotismo?...

Todos olharam assustados. Envergonhado, engoli em seco, sem saber o que fazer. Encolhia-me todo, procurando esconder-me no capacete de aço, já que não encontrava um buraco onde pudesse meter a cara.

Zé-Conselheiro continuou:

— Quero morrer em casa!... Juntinho de mamãe... velado na mesa... chorado por mamãe e por minhas irmãs...

Novamente as imagens queridas dominaram minha mente duvidosa de pracinha carregado de neurose. Novamente eu pensei alto:

— Isso é patriotismo? O combatente não espera nada desta vida de front, nem de ninguém! É um obstinado... (E seu olhar percorreu os companheiros, como se procurasse o culpado)... O pracinha embarca patriota! Mas, de repente, o seu patriotismo torna-se homicida, cuspindo fogo, escarrando sangue, vomitando morte!... (Novamente a pergunta para o grupo assustado que nos cercava)... Isso é patriotismo? Não!... É um patriotismo genocida!... Nós somos uns obstinados pracinhas que aguardam, numa luta desigual e fatalista, o abraço da morte que se aproxima... (Nova pausa. Ninguém fala. Ouve-se até o respirar da morte que nos cercava)... Quando o pracinha morre, não tem mãe pra entrelaçar as mãos geladas do filho que tombou estraçalhado! Tudo é silêncio!... Tudo acabou!...

Zé-Conselheiro encarou o cabo com um olhar de pena. Percorreu os companheiros, um por um, num olhar estático e sem expressão. Abaixou a cabeça, olhou para as botas barrentas e atirou a guimba do cigarro em qualquer coisa que os olhos marcaram na lama. Cerrou os dentes, como se fosse explodir numa exclamação. Conteve-se. Procurou com olhar ansioso, o companheiro que fizera a pergunta maldita e falou:

— A verdade, companheiro, é que o medo engrandece o homem... (Suspense de uma pausa que aniquila; de uma pausa que esmaga. E uma sentença final, uma sentença que é definitiva, foi lançada na roda dos pracebas)... Você, companheiro, às vezes até nos ofende com esse maldito cheiro de medo!

O pracinha das perguntas graciosas, abaixou a cabeça, riscou a lama com a ponta da bota imunda e resmungou qualquer coisa que ninguém entendeu.

Zé-Conselheiro compreendeu a situação do pracinha e exclamou:

— PER CRUCEM ITUR AD LUCEM!... (Suspirou e continuou)... Isso, trocado em miúdos, quer dizer: "Pela cruz vai-se à luz"... É assim que o homem redime os seus erros... (E mudando o tom de voz, gritou)... Você aí... (E apontou o pracinha gaiato)... Nunca mais faça pouco do medo de um homem! Lembre-se que, há 2.000 anos, num monte maldito, deram-Lhe fel por alimento e... na Sua sede, Lhe deram a beber vinagre... (Sempre encarando o companheiro gracioso, Conselheiro continuou nos provérbios)... "Como um cordeiro, o Nazareno foi levado ao matadouro"... Assim também, fizeram com os nossos pracinhas, ao perguntarem se havia consentimento das mãezinhas...

Ninguém respondia.

Havia no ar, qualquer coisa de imaterial. Os pracinhas, esgotados, sujeitavam-se a qualquer palestra, argumento, conceito ou prelação. A mente emperrada do infeliz combatente, não funcionava normalmente. Eram autômatos fardados, de arma em punho! Só sabiam matar. MATAR!

Zé-Conselheiro continuava nas comparações:

— Tudo o que existe, meus amigos, tem uma razão de ser. Por exemplo: esta maldita guerra! Ela é o resultado de um mundo que foi abalado por três alavancas materialistas de nossa época: AMBIÇÃO, EMULAÇÃO e GLÓRIA... (Fez uma pausa. Encarou um por um e foi taxativo)... das três maldições, a que me parece não ser a pior, é a terceira, a que nós representamos: GLÓRIA! E, para confirmar o quanto a tal glória é imunda e trôpega, vamos à esta comparação... (Nova pausa. O respirar ofegante da soldadesca nervosa, cortava o ar gelado dos Apeninos. Conselheiro correu os olhos em cada face suja, onde os

olhos encovados não mais refletiam o brilho da mocidade e só exprimiam cansaço, esgotamento, pavor)... Nós, o front, somos o enigma da Esfinge: Um animal que anda de quatro, nas trincheiras imundas; depois, cansado de tanto rastejar, tonto, surdo, neurótico e indiferente, tenta levantar-se e anda de dois, fingindo uma coragem que não mais encontra!.... (Encarou, de novo, cada fisionomia em busca da reação que não veio. Com mais calma, continuou)... Finalmente, volta pra casa, coberto de GLÓRIAS, arrastando-se nas três pernas de incapacitado. Tanto faz que seja as três pernas de um mutilado ou de um tripé neurótico!... Tudo vem a ser a mesma coisa: GLÓRIA!...

Não pôde continuar, porque uma nova rajada dos *tedescos* obrigou os pracebas a procurarem abrigo. Mas, esse abrigo não durou muito. Uma ordem do comando chamou-os ao posto de combate e a carnificina começou a funcionar, no debochado gargalhar das metralhas.

— Mata-se por lei!... (Resmungava Zé-Conselheiro).

Entre uma rajada e uma pausa, Conselheiro ia ruminando sua filosofia, para si mesmo, não importando com as explosões que lhe cercavam:

— Os povos, como os indivíduos, quando perdem a moral, caem... (E soltava um chuvisco de saliva carregada de sarro)... Veja o caso de Vic e de Gino. Que mal fizeram na vida?.. Duas crianças ingênuas, maltrapilhas e apavoradas, são produtos desta guerra maldita que o homem preparou em anos de técnica e reparos.... (Um longo suspiro cortou as comparações do velho Professor. Depois de uma longa tragada, continuou)... O homem perdeu o equilíbrio, natural e lógico, entre o cérebro, o estômago e o coração. Tudo morreu nesta guerra, ficando somente o estômago em comando! E que comando!... (Nova rajada de saliva corta o ar gelado, sobrando alguns borrifos pra meu lado. Como se quisesse convencer um auditório invisível, Conselheiro repetia com

insistência)... Tudo morreu, ficando somente o estômago em comando... E que comando!...

Numa das vezes em que houve uma pausa, nos tiros e nas explanações do velho amigo (ele era um atirador respeitado), aproveitei para fazer uma pergunta que me coçava a garganta:

— Afinal, o que é que há, Professor?

— É isso mesmo, seu Cabo! Essas duas crianças, que agora vivem em nossa companhia, nada mais são do que o resultado de uma época em que o estômago comanda as leis humanas! Tudo, naturalmente, resultando dos famosos condutores de povos, que hoje manobram a alavanca que sacode o mundo.

— Condutores de povos?... (Encarei o amigo com uma certa dúvida e nova pergunta arrisquei)... Será que você já virou um sócio-político?

— Quá, seu Cabo! Você só abre a boca pra soltar besteiras...

— Nem tanto, Conselheiro...

— Cabo, esses tais de condutores de povos, nada mais são do que grandes esquizofrênicos que moldam os generais para uma guerra que preparam com carinho maquiavélico... (Deu uma banana para alguém que não vi. Soltou um palavrão que me arrepiou e prosseguiu)... Esses condutores de povos são homúnculos que deveriam ser operados por um psiquiatra frenológico. Assim, o mundo ficaria livre dessas pestes, que são pequenos monstros!

— Mas, Conselheiro... Que ciência é essa de psiquiatria frenológica?

— Sei lá, moço!.. (E o velho professor deu de ombros, indife-

rente à minha ignorância. Ele era muito livre para se fazer prender por qualquer teoria. Piscou os olhinhos miúdos, como se procurasse uma resposta condizente e falou com voz mais pausada)... Parece que essa palavra difícil é uma nova teoria da divisão do cérebro em várias zonas, como o centro de nossas atividades físicas e psíquicas...

— Hum... (Resmunguei, sem saber o que fazia)... Hum...

— A ciência, meu bom Cabo, é tão vasta e tão dispersiva que o homem, no front, cria eunucos que se castram a si mesmo, na continência das batalhas e dos combates. A castidade forçada que levamos, é uma contingência momentânea e que nos arrasta para futuros e bárbaros assaltos às mulheres que encontraremos pelos caminhos da guerra... (Fez nova pausa. Olhou ao redor, como se pressentisse passos inimigos. Não achando nada, prosseguiu nas comparações que tanto gostava)... Nossa fábrica de eunucos do front, não é o caminho mais curto para a purificação do pracinha, para a elevação da moral ou para a encarnação do verdadeiro milico de trincheira. Não... (Deu uma cuspidela com cara de nojo, soltou um palavrão e continuou com mais fel nas sentenças)... A nossa fábrica de eunucos é a preparação de homens revoltados, praças com coragem bestificada e que são manietados na contenção aos desejos e resultam na expansão dos restos de neuróticos que o front devolve à pátria madrasta!...

E o bom camarada, com olhar perdido num firmamento enlouquecido no turbilhão dos combates, continuou num blá-blá sem fim, deixando seus companheiros boquiabertos com tanta ciência...

***

Um dia, os pracinhas tiveram que avançar, chapinhando no lamaçal do degelo. Escorrega aqui, levanta ali, atola além...

Nesse dia, Vic, você ficou!

Você ficou chorando, abobalhada, sem nada entender!

Vic, quando o *caporale* seu amigo levantou o fuzil e descarregou a coronhada em sua nuca, foi para que você não mais corresse os riscos em nossa companhia.

Mais forte do que todas as minhas forças de amigo, algo apossou-se de minhas mãos e brandiu o coice que a adormeceu por algumas horas... enquanto nossa turma avançava para Monte Castello...

Vic, o seu *caporale* foi obrigado a deixá-la porque você, um anjo de tranças loiras, havia revivido na turma, a parte humana que o front afogara.

E, amassando lama, um cabo limpava das faces em fogo, com a manga do zé-carioca lambuzado de barro e graxa de canhão, algumas lágrimas que ainda restavam em seu coração ressequido de pracinha.

Ao longe, na sua frente, a sinfonia bárbara da metralha chamava-o à realidade de uma missão que não terminara.

E o infeliz cabo, acariciando seu fuzil, ia repetindo pedações de versos que decorara em italiano:

— *"Tu che sei da vita, imagem pura e bela"*[36].

E o cabo marchava, pesadão, dolente e cabisbaixo... afundado na lama e na inconsciência.

Embaralhava, sem lucidez, as palavras que soltava a esmo, tropeçando na moral e nos restos de corpos dos camaradas esfacelados, semeados pelas explosões malditas que a lama dos Apeninos ia tragando na voragem dos vermes... E, nesse turbilhão, o cabo pensava em Vic e em Gino.

---

[36] *Tu che sei di vita, pura e bella imagine* = Você que é a imagem pura e bela da vida [N/O].

O pobre cabo estava sozinho, aparvalhado nos delírios do front, escorregando na lama e na morte!

A uma explosão mais perto e mais forte, o infeliz praça deixou escapar pedaços de poema:

— *"Tu che sei di vita, immagine più pura e più bella".*

Uma outra granada explodiu mais próximo.

No inferno de lama, de fumaça, de sangue e de gemidos, alguém soltou seu último grito. A morte escorregava no ar... no barro... na lama...

Zé-Conselheiro soltou uma praga e acrescentou:

— Mais um herói em holocausto à glória... (Cuspiu. Soltou novo palavrão. Encarou o nada que a lama lambuzava e balbuciou num ranger de dentes)... Mais um aviso lacônico: "Seu filho tombou em combate! Foi um herói"... (Nova cuspinhada)... E manda merda pros infernos.

E no cadenciar das metralhas que enlouquece, uma voz cantarolava ao cabo que avançava no lodaçal do front:

— "Vic, você foi uma lenda na podridão de nossa missão... De nossa infame missão: MATAR!... MATAR!... MATAR!..."

E a voz cantarolava em versos:

Uma lenda na podridão

Um soldado pra lutar
numa guerra que endoidava.
Um soldado pra avançar
numa guerra que castrava!

Era puro, era forte,
numa luta desigual.
Era moço, rumo norte,
numa luta infernal.
Um pracinha bem-querer,
mamãezinha soluçou.
Um pracinha pra morrer,
sua pátria não chorou.
Era moço, era jovem,
numa terra varonil.
Era macho, era homem,
numa vila do Brasil.
Um eunuco fabricado
lá no front de mil canalhas.
Um guerreiro massacrado
nas bombardas, nas metralhas.

Assim morrem nossos filhos
numa guerra sem quartel!
Tapeados! Embromados!
Utilizados! Dor e fel.

CAPÍTULO XIV

RESTOS DE GUERRA

Porretta Terme era um lugarejo afastado dos grandes centros. Era um paizze pequeno, pobre, velho e esquecido da civilização. Estava situado numa garganta dos Apeninos, onde rolava, cristalino e cantarolante riacho que gargalhava em borbotões nas corredeiras.

Das pequenas colinas, onde nossas tropas firmaram posição a peso de fogo e muita morte, os pracinhas podiam descortinar, em volta, uma paisagem que, talvez, antes da guerra, fosse maravilhosa. Era uma vista em que se descortinavam pequenas elevações onduladas, com os lavores dedicados ao cultivo de vinhas, de oliveiras e de castanheiras. Seria, talvez, antes deste apocalipse, um *paizze* de terra rica, de uma coloração bronzeada, tendo, às vezes, manchas avermelhadas. Seus campônios pendurados pelas encostas dos montes arrasados, eram lutadores incansáveis dos invencíveis Apeninos. Eram velhos agricultores, herdeiros de gerações centenárias, que muito se orgulhavam de sua generosa região...

E o famoso general-inverno atacava, sem piedade, o pracinha dos trópicos. O infeliz vivia congelado, roxo, tiritante, mumificado.

Nossa posição de Porretta Terme era insuportável.

Tínhamos por barraca, um monstrengo malcheiroso, úmido e sempre gelado. Era um cubículo que podia acomodar, com muito sacrifício, uns três homens... e, no entanto, era o refúgio das hibernações dos Apeninos congelados, para uma guarnição de nove pracinhas, assim constituído:

1 sargento-comandante de peça: Zadir;

2 cabos-atiradores: eu e o Mineirinho;

2 apontadores: Meia-Um e Garotão;

2 carregadores: Polaco e Campista;

2 municiadores: Turquinho e Babá.

Era assim que, no front geladíssimo de Porretta Terme, a nossa guarnição ficou acampada. Éramos nove pracinhas friorentos, num cubículo diminuto, imundo e fedido.

O praça, na guerra, é um verdadeiro rato, que tudo carrega pra sua toca imunda e gelada. Com o passar dos tempos, a balbúrdia predomina. Pedaços de tábua, de toco, de panos, de palha, de latas, de vidros, etc...

As granadas que os gringos despachavam dos "stêits", eram acondicionadas em cilindros de papelão, reforçados com discos de aço. Com esses cilindros, forrávamos o chão lamacento e gelado, colocando em cima do piso, chumaços de palha de trigo, numa cama improvisada.

Nessa confusão de habitat, mantínhamos os rodízios para dormir ou para descansar.

Nossa guarnição de combate, na linha de tiro, formada de quatro homens, tirava o "serviço" em 24 horas completas, sem interrupção. A outra guarnição, é lógico, aproveitava as 24 horas para descansar, alojando-se na barraquinha fedida e imunda... onde passavam os dias e as noites, sem quase sair, massacrados pelas vigílias dos combates extenuantes. Quando o velho praça arremessava a carcaça exangue, na tarimba improvisada, era um robô desmantelado que queria somente repouso... repouso... repouso...

Nosso bom camarada Meia-Um, numa das madornas do front, gostava de repetir esta explicação de cansaço:

— Cabo, você sabe que se aparecesse, neste momento, a melhor mulher do mundo... (E fazia com as duas mãos lambuzadas de barro e graxa, a silhueta, em violão de uma hipotética maravilha feminina)... Sim, a melhor mulher do mundo, não me arrancaria desta madorna...

Assim era nossa vida no front.

Frio, cansaço, nervosismo, medo, terror... eram os predicados que mantinham o velho pracinha apto para a luta que enlouquece.

Lá na frente, um inimigo preparadíssimo, milico desde a infância e um verdadeiro prussiano no sangue, senhor absoluto do terreno, das intempéries (era o seu clima) e das regiões, não deixava o infeliz praceba descansar um só instante.

Dois ferrenhos inimigos massacravam o infeliz pracinha de Pindorama: a técnica militar dos boches e o rigoroso inverno dos Apeninos! E, para completar a perfeição da boçalidade indígena, os brasileiros envergavam a berrante farda verde-oliva, num mundo coberto de um lençol branco: a neve!

— Nós somos o melhor alvo que os *tedescos* exercitam suas pontarias... (Era o velho Professor, numa das poucas folgas dos combates, amaldiçoando a técnica cabocla, no front que os alemães preparavam para nós, como e quando queriam)... Nós somos bucha de canhão de boche!... Nesta merda-verde de zé-carioca.

E os comentários surgiam, os mais desencontrados:

— Como se arrumam os pé-de-poeira, lá na frente?... (Era Meia-Um, o incorrigível, sempre glosando nossos camaradas da infantaria).

— Ora, seu burro... (Respondeu Turquinho, com o fígado azedo)... Os pé-de-poeira são maravilhosos alvos de longa distância...

Não terminou e já o Polaco entrou com sua colher empapada de "rr" e "zz" de sotaque "de origem":

— Serrá que os alemongues uzzam lunetas nas fuzzzil?...

— Eita, gaúcho burrrrro!... (Exclamou Meia-Um, dando um piparote no capacete do "de origem". Voltou-se para Turquinho e falou com certo desprezo)... Vocês, cruzados com gringo, não deviam ter embarcado. Só dizem besteiras e só falam burradas!...

— Deixe disso, Meia-Um... (Falou o cabo, procurando amenizar a situação que já se apresentava carregada)... Nós somos todos iguais...

— Isso mesmo, seu Cabo. Nós estamos comentando as besteiras do nosso caxias e não o sangue de nossos colegas... (Afirmou, Turquinho, num trejeito de despeito e amargura).

Zé-Conselheiro que tinha permanecido calado até aquele momento, entrou no bate-papo:

— Tem razão, macacada!... (E fez uma pausa, consciente do suspense que costumava provocar entre os colegas, quando seu aparte se fazia ouvir numa discussão)... Tem razão! A técnica de nossos maiores, não consegue ver, ou, se vê não liga?... O contraste que nos emperra os movimentos nesta maldição de lençol de neve...

— Até pra andar, a gente tem que ter o cuidado de pisar no rastro do parceiro que vai na frente, para não dar na vista que ali passou muitos soldados... (Era novamente o Meia-Um, sempre gozado nas comparações).

Conselheiro não deu ouvidos ao camarada e prosseguiu:

— Nós somos os destemidos latinos do Novo Mundo que tanto os gringos temiam... (Largou uma cuspidela entredentes que foi dar uma saraivada de gotículas no meu rosto crestado pelo frio)... No entanto, agora somos a encarnação das boçalidades e do desprezo pela vida humana, neste inferno desencontrado de lençol branco e farda verde!... (Parou, correu os olhos congestionados pelos companheiros, apertou os lábios e soltou um palavrão que reboou pelo ambiente carregado de pólvora, neve, gemido e morte)... Vá pros quintos dos infernos, inverno! Neve! *Tedesco*! E mãe-pátria!...

Ninguém falou. Meia-Um acariciava qualquer coisa que trazia na mão enluvada. Polaco, o gaúcho "de origem", olhava o bico da bota de neve, magnetizado com o contraste do negro do calçado com a brancura imaculada da neve. Turquinho, mais arredio, mascava um chiclete, com olhar cravado no professor, como se ruminasse uma pergunta. Um silêncio sufocava o ambiente, mancomunado com os boches que calaram no estupor do descanso.

O cabo quis falar qualquer coisa mas não pôde, impedido pelo sinal do Zé-Conselheiro que, com o indicador nos lábios, pedia silêncio e aproveitou a deixa para continuar:

— Nós, os pracinhas do Novo Mundo, infelizmente, estamos escrevendo uma nova página na história das hecatombes, sem que, no entanto, houvesse uma ordem cronológica na encadeação dos fatos... (Uma pausa, uma tragada no gostoso fumo de Virgínia e as comparações continuam)... É uma pena que não haja uniformidade nos fatos, para que a mesma história não fosse deturpada, como são deturpadas todas as histórias de guerra...

— Cuidado!... Lá vem ela com endereço certo!...

Era Meia-Um, sempre gozador, que se jogara na neve, com as

duas mãos agarradas no capacete de aço, abrigando-se da 290 que os boches vomitavam em cima de nossa linha de frente.

E a conversa não pôde ter fim, porque a troca de insultos pelas bocas das armas, iniciara sem prévio aviso.

O mundo chorava na convulsão dos estrondos!

A mocidade gemia na convulsão do medo!

O front soluçava na convulsão do ódio que massacra!...

***

Muitas vezes, o velho Conselheiro recomendava ao cabo:

— Não facilita, seu moço!... *Tedesco* tem boa pontaria na luneta... Não facilite tanto nas andanças... (E fazia gesto característico do soldado com um fuzil no punho, acompanhando, na mira da luneta, um possível alvo para o gatilho assassino).

Também o bondoso Canca era sempre avisado.

Canca gostava de dar as "tochas" em longas caminhadas, sozinho, pelas encostas da terra-de-ninguém.

Com seu fuzil a tiracolo, um bornal carregado de previsões, saía o bom Canca, cabisbaixo e olhar perdido, pelas retas do sem-fim...

Passava dois, três e até quatro dias, sem dar notícias. Todos o compreendiam. Em sua guarnição, os colegas tiravam o seu plantão e o substituíam nos combates.

— Ele é um revoltado... (Procurava explicá-lo, certa vez, Zé-Conselheiro, quando alguns colegas tentaram massacrá-lo com acintes maldosos)... Nosso bom Canca é uma criança que não pode crescer, senão o mundo acaba com o coitado...

Polaco, sempre sensível para com os padecimentos do próximo, balançou sua carcaça de 1,90m e arriscou no linguajar "de origem":

— Eu gosssta de Cancasss... Muito boa camarrradas... Muito Boasss...

E as descrições do Velho Canca, um valente com alma de criança, avançavam pela tarde em fora.

***

Na desumana convivência do front, os dois garotos também compartilhavam com a turma de guarnição da Segunda Peça do Primeiro Grupo de São Cristóvão.

Gino e Vic, acostumados às tocas dos escombros de Pietracolora, sem agasalhos e sem cobertas para enfrentar o rigoroso inverno dos Apeninos, achavam que a nossa barraca era um verdadeiro paraíso de conforto e bem-estar.

Cada criança seria entregue sob a responsabilidade de um dos componentes da guarnição, à escolha e critério delas.

O cabo ficou responsável por Gino e o Zadir ficou responsável pela angélica Vic.

Na barraca imunda, cada criança escolheu sua cama.

— O problema surgiu, seu Cabo!... (Chamou-me a atenção, Zé-Conselheiro, quando Gino enroscou-se numa tarimba e Vic aboletou-se noutra, com ares de proprietários absolutos)... Como alojar as crianças, se as camas são contadas?...

— É isso mesmo, Conselheiro...

— Cabo, tive uma ideia! Na cama que os bambinos escolheram,

ficarão alojados os responsáveis deles... Entendeu?... (E derramou um olhar de vitória sobre as crianças, enquanto meu rosto era sufocado na baforada que o bom Conselheiro soltava).

— Tem razão... (Respondi, não muito convencido da ideia).

Assim, ficaram alojados os restos que a guerra nos mandara.

****

Tudo, na vida, torna-se rotineiro, cansativo.

O front, também, por repetição de fatos, torna-se rotineiro.

Assim sendo, Gino passou a fazer parte da guarnição, como um soldado. Nos combates menos perigosos, ele tomava parte nas lides da peça. Abria cartucho de granadas; colocava carga de pólvora nos estojos de metal; puxava o gatilho do monstro que vomitava morte nos roncos dantescos...

No começo, sua face rosada pelo frio, abria-se num sorriso de contentamento. Um sorriso feliz, das travessuras infantis...

Com passar dos tempos, a rotina apoderou-se do garoto e ele já fazia determinadas tarefas por obrigação... sob gritos e descomposturas dos gorilas que o apressavam.

— É isso mesmo, seu *bambino* preguiçoso!... (Gritava, descontrolado, um praça mais afoito, quando a carga exigia mais rapidez e mais capacidade do praceba).

— Não liga não, Gino!... (Incentivava Conselheiro)... Vamos, você tem sangue quente de guerreiro *brasilliani*... (E o velho Professor dava uns tapinhas amorosos nos ombros daquela figurinha frágil, que os fados nos remetera como gesto de guerra).

O Garotinho nada respondia.

Fungando no esforço além de seu físico mirrado, ia arrumando, como podia, as granadas 105, na pilha da morte.

Talvez, quem sabe? Gino estaria, com algumas granadas, preparando a destruição de sua própria família...

Talvez, quem responde? Gino estaria preparando a destruição da igrejinha em que fora batizado...

Depois de um dos inúmeros combates, Zé-conselheiro chamou-me à parte e segredou-me:

— Cabo, não acho muito legal esse garoto nos ajudar nos combates... (Passou a mão pelo queixo. Inclinou a cabeça para um lado e lançou um olhar vago para o horizonte besuntado de cor púrpura e continuou)... Cabo, pensando bem, isso é um banditismo dos diabos... Nós acolhemos o garoto, não foi pra tomar parte dos combates e nem subjugá-lo com gritos e impropérios... Tá bom?...

— Mas Conselheiro, eu estava pensando que...

— Você sempre está pensando errado... (E lá veio o dedo indicador, amarelo de nicotina, espetar meu narigão, num gesto de reprovação)... Lembre-se que arrasamos a capelinha do montículo de Pietracolora?... Pois bem, você pode provar que não foi lá que batizaram Gino ou Vic?... Pode?... (E o velho Professor agarrou-me pela gola, sacudindo-me com frenesi, como um alucinado. Depois, largando-me, sibilou qualquer coisa que não entendi e afastou-se, rapidamente, praguejando palavrões que se misturavam com o ar pestilento e assassino).

— Como é ingrato o destino dos homens... (Falei, descontrolado, com meus botões).

— Como é horroroso os restos que a guerra atira na cara da gente, qual um anátema dos nossos odientos atos... (Respondeu-me Zé-Conselheiro, que voltara, mais calmo, como se desculpasse do descontrole há pouco praticado com seu velho camarada).

Procurando o garoto, com um olhar cansado e tristonho, meu velho companheiro filosofou:

— Este mundo é um penico sem fundo.... (Tentou um sorriso que não veio. Passou as costas da mão ossuda no queixo pontiagudo e prosseguiu nas comparações)... Este mundo é belo, para os que ficaram no Brasil, brincando de carnaval e de futebol... (Soltou um suspiro acovardado, profundo e predestinado. Cuspinhou em alguma coisa invisível com raiva. Passou a manga imunda do zé-carioca pelos lábios, para limpar os respingos de saliva carregada de sarro e continuou, encarando-me, sem me ver)... Este mesmo mundo, para nós, é horrendo e funesto... embalado na sinfonia de explosões homéricas!... (Com raiva, deu um soco num inimigo imaginário e gritou)... Que mundo é esse, meu Deus?!... Que nos porões das igrejas, as crianças rezam, enquanto, nas torres, as metralhas gargalham o vômito da morte?... Que mundo é esse?!... Que mundo é esse?!...

E saiu, dando chute no inimigo invisível, repetindo, desordenadamente, as frases que há pouco soltara com tanta revolta.

Pobre Zé-Conselheiro!

Nós éramos o produto de uma época!

***

Sempre que havia uma pausa nas lutas, Gino procurava-me para pedir que o levasse até Pistoia, onde os aliados instalaram o célebre hospital das crianças deformadas pelos bombardeios. Era um hospital de tão trágicas recordações!

— *Caporale, tenere paisano*... (Cabo, tenho amigo em Pistoia...)

— Mas é difícil, Gino. Como vou levá-lo pra Pistoia?...

— *Caporale, Pim-Pim ugualle Gino*... (E o infeliz garoto procurava explicar, com gestos, o que não conseguia com palavras)... *Pim-Pim buóno... Pim-Pim ugualle Gino... Pícollo de Pietracolora...*

— A polícia de "americanne" não deixa você passar... *Capite?*...

— *Bizogna vedere Pim-Pim... Bomba cagnone brasilliani cortare gamba Pim-Pim...*

E o garoto, com sua voz aflautada, procurava explicar, no seu dialeto montanhês, a tragédia de sua terra arrasada pelas bombas brasileiras.

Só com o passar dos tempos, é que fiquei sabendo que, nas primeiras ofensivas que empregáramos para desalojar os alemães, a vilazinha de Gino, Pietracolora, tinha sido arrasada por nós. Quando cheguei a essa conclusão minha cabeça deu um estalo. O coração disparou. Com a garganta seca, a voz emudeceu de vergonha e pena...

Olhando para o corpo minguado de Gino, uma lágrima tentou estourar o vulcão de sentimentos que se apossara do cabo: o Herói de Barro!

— *Piangere... Piangere... Per che?*... (E o pobre garoto, vítima de nossa bestial agressão, começou a acariciar as mãos lambuzadas do cabo, sem nunca imaginar que eram as mesmas mãos assassinas que arrasara sua terra querida)... *Caporale piangere... piangere... Per che?*... (E Gino encarava, na pureza de sua infância, a face embrutecida do pracinha que não mais conhecia os carinhos do passado).

Num safanão, o cabo foi despertado por Zé-Conselheiro:

— Fale com o *bambino*, seu *caporale* empedernido!... (E apontou para baixo, indicando o pequerrucho que se agarrara na mão do cabo)... Veja, seu bruto! O garoto está chorando...

Só então, pude notar que Gino, infeliz resto de uma guerra monstruosa, ainda podia chorar pela lágrima de um cabo que arrasara sua aldeia e estraçalhara sua gente.

Usando de todas as forças que me foram possíveis, arranquei do peito convulsionado de ódio, de vergonha, de culpa, a covarde mentira do homem que não tem a coragem de enfrentar sua vítima: uma CRIANÇA!... E balbuciei:

— Mama... (E, sentindo que a voz procurava trair-me, esforcei nas desculpas)... *Io tenere mama, Gino... Ricordare mama...* (E batia no peito, em busca do coração que não mais existia).

— Um herói acovarda-se, para aceitar a verdade!

Olhei aparvalhado para meu velho camarada. Olhei, com as faces em fogo, para o peito que batia descompassado. E, oh! Meu Deus!... Lá estava, entronizada, mais uma MEDALHA em fogo, das muitas que havíamos de receber, no galardão imundo que a infância apelidou de bravura no front!

E nesse dia, Gino, você foi escolhido pelos fados da guerra, para engastar, no peito do cabo, a MEDALHA em fogo que a sua infância cravou no *caporale bandit* que arrasou sua terra natal.

Como se adivinhasse os meus pensamentos, Zé-Conselheiro encerrou a maldição do momento, com esta frase:

— Nem os séculos... nem os magos... poderão retirá-la!

***

Um dia, quando os combates amenizaram suas façanhas, a ordem veio como por encanto:

— Missão para Pistoia. Comboio para munição e víveres... (E a voz de comando continuava a ressoar no meu laringofone)... Precisamos de um cabo e de dois praças. Comunique ao Sargento urgente!

— Sargento!... (Gritei, gaguejando de nervoso)... O comando pede um cabo e dois pracebas pra Pistoia... (E comecei a dar gargalhadas nervosas, sem me importar com as perguntas do bom sargento).

Fiz um sinal, pedindo silêncio, ao ouvir novas instruções:

— O comboio sairá às 5 horas, de Porretta. Preparem-se!... (E o "tic" da tecla que desligou o fone do comando, fez-se ouvir, sem esperar resposta).

Só então expliquei ao Sargento Zadir o que o comando pedia.

Eu não me continha de contentamento.

Numa rapidez de pensamentos, via Gino, felicíssimo, embarcando comigo, no comboio militar, para Pistoia, em busca de seu amigo Pim-Pim...

Expliquei ao Sargento, as ordens recebidas:

— O comando pede um cabo e dois praças para "tochas" em Pistoia...

Fiz uma pausa para tomar fôlego e encarei o bom Sargento, para ver se ele compreenderia minha felicidade. Não demorou muito. Ele também sorriu e falou, com certa dose de malícia:

— Você quer levar o Gino pra encontrar com o Pim-Pim... ou quer dar umas *tochas* com as *biondas* de Pistoia?... (Sempre sorrindo, Za-

dir deu umas palmadas nas minhas costas encurvadas pelos remorsos dos banditismos que praticara e finalizou)... Apronte-se e leve Gino!... (Afastou-se logo e, lá adiante, virando-se, recomendou-me)... Cuidado com a polícia militar. Lembre-se que os pretos americanos são muito caxias... (E sumiu na barraquinha de lona verde-oliva, sua casa, seu lar, seu posto de comando, sua vida).

— Gino!... Gino!... *Venire, venire*!... Pistoia!... (E eu gritava, com certo espalhafato, para dar maior ênfase aos berros que eu soltava).

Quando o garoto escutou meu berreiro e compreendeu os motivos de meus gritos, disparou para meu lado, também gritando, numa mistura de italiano, dialeto e português. Gino já estava iniciando a falar português, como também, a nossa querida Vic. Com os olhos arregalados, Gino perguntava:

— *Caporale, Pistoia?... Vedere Pim-Pim?... Oh! Dio mio!...* Que bello que bello... (E pulava numa alegria selvagem, que só as crianças sabem demonstrar, nos excessos de sua felicidade).

— É isso mesmo, Gino! Nós vamos a Pistoia...

— *Bello... Bello...*

E o garoto gesticulava, e falava... e gritava, e pulava... agarrado às minhas pernas. Era um fremir de emoções, naquele corpinho mirrado de resto-de-guerra, que os fados enviaram para nosso setor.

— Onde esse bichinho encontrou tanta força?... (Trovejou Meia-Um, encostado na couraça do 105, tirando suas gostosas tragadas do inseparável Kamel dos "stêitis").

Polaco, que se encontrava sentado na conteira do canhão, falou em defesa do garoto, no seu linguajar carregado de gaúcho de colônia:

— Esse danadinhas crrriou tutanasss, depoisss que checou aqui... (Esfregou as manoplas para aquecer do frio e, com um sorriso, acariciou o garoto num olhar bondoso de gaúcho de alma limpa)... Esse gabiraru, tchê, vai mostrarrr que fffocê não potttes irrr ontttes querrr... (E, com sua manopla de gigante loiro, agarrou o pequenino Gino, levantando-o no ar, como se fosse um bonequinho de palha)... Eu vai chocarrr você na chêlo...

Gino, que tinha verdadeira adoração pelo Polaco, começou a espernear, fingindo que estava com medo, brincadeira essa, tão ao gosto do gauchão de alma de criança. Sempre rindo, Gino gritava:

— *Caporale, socorro!... Socorro, Caporale!... Venire, Caporale, Polaque bandit... bandit...* (E dava gostosas gargalhadas, na felicidade que somente a infância sabe existir).

O garoto foi deixado no chão, coberto de neve e de gelo escorregadio. Ele deu um pulo em falso, tentando pegar-me pelas pernas, como era de seu costume, quando brincava com Polaco e procurava fugir do gauchão.

Foi infeliz.

Seu borzeguim, muito grande e pesado pra seu tamanho, falseou no gelo e o corpo deslizou no ar, indo estatelar-se na camada de gelo petrificado.

A cabeça do menino bateu no chão, com um som surdo e fofo.

O corpo de Gino deu um estremeção e imobilizou-se no choque.

— *Mama mia!...* (Gritou Vic, com as mãos em prece, apavorada com o baque seco do corpo estatelado).

Até aquele momento, Vic estava sentada na conteira do 105, roendo uma barra de cacau, endurecida pela baixa temperatura, que Meia-Um havia lhe dado.

Zé-Conselheiro, que se achava por perto, soltou a exclamação:

— Nossa mãe!... (E levou a mão na boca, como se tivesse medo de repetir a exclamação, apavorado com a queda).

Vic deu um pulo da conteira onde se encontrava sentada e correu, em soluços, para o garoto que continuava deitado e imóvel. Na confusão do nervosismo, a menina enrolava italiano com dialeto:

— *Dio mio...* (E seus lábios, desbotados pelo susto, balbuciavam palavras incompreensíveis)... *Mama mia... Per mama...*

Polaco não titubeou. Como era o que estava mais perto de Gino, correu e agarrou o garoto nos braços possantes e carregou-o, embasbacado, olhando um por um dos companheiros, também trespassados pelo susto.

— Vamos, Polaco, carregue-o para a barraca... (Gritou Turquinho, que tudo presenciara, afastado da turma, repousando num monte de granadas, como era de seu costume)... Vamos, gaúcho burro, você não estava massacrando o garoto?... Aguente as consequências...

— Não fale assim, Turquinho! Isso era uma brincadeira e o Polaco não tem culpa de nada... (Era Meia-Um, sempre compassivo, encostado na couraça do canhão, indiferente ao que se passava. Tinha abusado um pouco da "grappe" que os roceiros fabricavam, escondidos e que trocávamos por rações de nossa "tocha").

— *Caporale... Caporale... Per Dio...*

E Vic olhava sem compreender, para o cabo que também não sabia o que fazer. Tudo se passara tão rápido.

Polaco refez-se dos primeiros sustos e avançou, com passos firmes, para a barraca da guarnição, onde Zadir repousava com a turma de Mineirinho, cansada das refregas da véspera.

Foi um Deus nos acuda, quando Polaco entrou com Gino.

Ao deitar o garoto na tarimba de Zadir, que tinha dado um pulo de susto quando nos viu entrar, o sargento indagou:

— O que é que foi?... Estilhaço de granada?...

Era, geralmente, o caso mais banal que enfrentávamos: estilhaço de granada, sem ser mortal.

Zé-Conselheiro, sempre solícito, auxiliara Polaco a deitar o garoto e, vendo que o mesmo começava a se mexer, soltou a exclamação e alívio:

— Puxa!... Foi somente um susto, graças a Deus...

Gino já se tinha refeito da pancada e sorria, todo feliz, ainda com a cabeça repousada nos braços de aço do gaúcho "de origem".

Agarrada nas mãos de Mineirinho que se tinha levantado, Vic olhava assustada para seu amiguinho com cara de quem nada compreende. Com uma timidez que lhe era tão peculiar, Vic dirigiu-se, toda trêmula, para tarimba onde se encontrava Gino e perguntou:

— *Tutte bene?...* (E acariciou os cabelos úmidos de neve).

Com um sorriso que iluminou toda a barraca, Gino encarou sua irmã de desventuras e respondeu:

— *Bene... Bene...* (Era uma voz saída lá do fundo, com certo esforço procurando fingir tranquilidade. Depois, procurando seu amigo caporale, fez a pergunta que tanto o martirizara nos últimos tempos)... *Caporale, io partire com te?... Vedere Pim-Pim?... Èccole?...*

Olhou em redor, como se procurasse uma resposta confirmatória e rasgou o ar carregado da barraquinha gelada, com um sorriso

iluminado de felicidade infantil, aflorado nos lábios rubros de sua boca bem-feita.

Vic olhou para Mineirinho que era o seu maior amigo e falou:

— *Tutte bene...* (E balançava a cabecinha de cabelos loiros, fazendo sua trança dourada dar rabanadas de contentamento)... *Per Dio, tutte bene...*

Como se fora sacudido por um raio, veio-me à cabeça fantasiar Gino de soldado brasileiro, com capacete de aço e um capote de lã. Minha ideia embotada de guerreiro neurótico, tinha sido iluminada talvez, pelo susto que levara com o tombo de Gino.

— Vamos, Gino... Levanta-se... (Convidei, puxando o menino da tarimba do Zadir).

No front, quase não há lugar para sentimentalismos, principalmente, no que se refere à dor alheia: de colega, ou de mulher, ou de criança, ou de velho. Tudo, para o combatente, no front, é de menos importância. Somente a vida do praceba tem seu devido valor.

Peguei Gino pelo braço e convidei novamente:

— Vamos, Gino!... Vamos experimentar uma farda em você...

Zé-Conselheiro, que nos acompanhara na corrida à barraca, não entendendo meu convite, perguntou, demonstrando certa admiração:

— Vamos experimentar o que?...

Não dando ouvidos ao velho camarada, arrastei Gino pra fora e fui até o canhão, de onde tirei meu capacete de aço da boca do tubo-arma, que servia para proteger das nevascas, já que não mais existia coifa de lona. Coloquei o capacete na cabeça de Gino e perguntei:

— Serve?...

— *Buono, Caporale... Buono...* (E seu sorriso de satisfação cobriu a face do garoto que só sabia sorrir).

Mais satisfeito do que Gino, vendo que eu achara uma fantasia para tapear a polícia militar e levar Gino à Pistoia, disparei, aos trambolhões, para a barraca e fui em busca de um capote de lã que se achasse "desocupado".

Agarrando o primeiro que encontrei, saí correndo para fora e gritei, todo esbaforido:

— Vamos, Gino! Venha vestir este capote... Vamos ver como é que fica um soldado anão do Brasil... (E eu dava gargalhadas de satisfação, só em lembrar que já podia levar Gino comigo, sem os riscos da prisão da polícia militar que tanto nos preocupava).

E eu, arrastando na euforia das primeiras vitórias, repetia:

— Vamos, Gino! Vista!...

Na rapidez da pronúncia, o menino nada entendia do que o cabo falava. Tínhamos que falar com calma, quando nos dirigíamos aos garotos (Gino ou Vic). Falávamos compassado, com muitos gestos, para que as crianças nos compreendessem melhor.

Gino me olhava estupefato.

Tentava falar qualquer coisa. Porém, as frases morriam em seus lábios trêmulos. Era um balbuciar incompreensível, num sopro de voz...

O garoto estava acostumado com um *caporale* carrancudo, sorumbático, grosseirão, solitário e cismarento, não podendo, portanto, compreender a súbita transformação do cabo.

Zé-Conselheiro que tudo presenciara, ia ruminando suas piadas, sempre mordazes quando necessárias. Numa pausa verificada, o velho professor lançou a seta em objetivo certo:

— É, seu *caporale* sem coração... (Piscou um olho, num ar de molecagem, cuspinhou num estrondo dos lábios e lançou pra cima do cabo um olhar zombeteiro, martelando com maldade)... Alguém "rezara" em busca de uma remissão que não pôde encontrar... (E sua carcaça esquelética, sacudiu numa gostosa gargalhada)... Quiá! Quiá! Quiá!...

Num olhar de fera enjaulada, fuzilei meu velho camarada. Tive ânsias de esganar o companheiro que nunca me abandonava. A verdade, rasgada num véu de sarcasmo, fora lançada de supetão, na cara do cabo sorumbático.

Contendo as explosões que se reviravam no gorgomilo, moderei os gestos e dirigi-me, com ar de indiferença, ao garoto que não entendera os gracejos do Conselheiro:

— Vamos, Gino! Vista!... (E passei o capotão de lã em cima do corpinho raquítico)... Vamos ver se serve para você.

O menino encarava-me, como que petrificado, não entendo mais nada do que se passava em sua volta. Pelos gestos de Conselheiro, ele notara que devia haver qualquer coisa errada comigo.

Procurando não complicar a situação, animei-o:

— Vamos, Gino! Vamos ver Pim-Pim em Pistoia...

Gino estremeceu. Seu corpo sacudiu todo, como se fora abalado por um possante corrente elétrica. As palavras PISTOIA e PIM-PIM, acordaram-no da pasmeira que ficara, repetindo, como se fora um sonho:

— Pim-Pim... Pistoia... Pim-Pim... (Repetia, com olhar vago, enquanto vestia o enorme capote de lã que eu ia enfiando pelo seu corpo magriça, que tremia na sensação da viagem).

Depois de vestido, o capote arrastava no chão.

Ainda encostado na couraça do canhão, Meia-Um dava risinhos de satisfação. Com os olhos embaciados pela "grappa", encarou o menino, inclinou a cabeça num gesto gaiato e falou, numa voz pastosa de língua arrastada:

— Gino... (E um soluço indiscreto escapou-lhe)... Você está parecendo... (Levou o indicador no ar, balançou o braço, deixou escapar uma rajada de gases alcoólicos entre os lábios apertados e prosseguiu, sempre com meias palavras)... Você parece um padreco... Hip!... (Um novo soluço escapou-lhe).

Eu fingia não ouvir Meia-Um. Era meu amigo do peito e nunca passara em minha mente, como cabo, chamar-lhe a atenção em qualquer assunto. Para mim, Meia-Um era o verdadeiro amigo do peito, na expressão mais sincera da palavra. E de fato, ele sabia ser amigo!

Afastei um pouco o menino, para tirar uma linha de sua figura impagável e não pude deixar de sorrir. Ele estava uma graça. Gino era, de fato, um garoto muito bonito e muito simpático. Faces rosadas, olhos grandes castanhos e brincalhões. Boca bem-feita, com um colar de pérolas na dentadura perfeita. Lábios carnudos e vermelhos. Enfim, sempre nós comentávamos a prodigalidade da natureza, quando preparou os traços fisionômicos de Gino. Era de se ver!

Depois, coloquei, na cabeça do garoto, dois gorros de lã (que nos servia, para proteção da cabeça, contra a friagem do capacete de aço).

— São dois gorros, porque você tem a cabeça muito pequena para o capacete de aço.

Quando terminei de preparar Gino, a algazarra não se fez esperar. O menino ficou uma pândega.

— Sargento!... Sargento!... (Gritava, Turquinho, deitado na pilha de granadas. Tinha apoiado a cabeça numa das mãos, deitado de lado, inclinando o corpo para a direita, numa posição cômoda de quem quer apreciar alguma coisa sem se levantar)... Sargento!... Venha ver como Gino ficou gozado... Parece um padreco... (E dava gargalhadas, às pampas, retorcendo-se na pilha de granadas).

A macacada acorrera, ouvindo os gritos de Turquinho. Somente Meia-Um no seu bamboleio "engrappado", permanecia fora do burburinho.

O espetáculo era empolgante!

A bugrada desatou num gargalhar frenético, como há muito não o faziam. Desopilavam o fígado aguerrido e fermentado.

Piadas, as mais variadas, surgiam, uma em cima da outra:

— Vamos, Gino!... Avante à *dextra*!...

E novas risadas espocavam no ar carregado do cheiro de dona morte. O pobre Gino, sem saber porque, era forçado a desfilar na neve escorregadia, obedecendo as ordens militarizadas:

— Marcha, Gino!... Avante à *sinistra*!... Marche!...

O pobre menino, sempre obediente, ia bamboleando seu corpinho raquítico na neve que escorregava mais do que sabão, para satisfação dos motejos e das piadas.

Zé-Conselheiro que permanecera calado, sibilou nos meus ouvidos:

— É o gargalhar da morte que se aproxima... (Deu-me um cutucão com o cotovelo e finalizou)... A megera da foice não gosta de piadas...

Não respondi nada. Eu estava muito satisfeito com a minha obra. Conseguira fazer Gino uma figura que imitava perfeitamente um soldado brasileiro.

Caindo na realidade, corri para Gino, compadecido dos motes que ele era obrigado a ouvir. Agarrei, com força, a sua mãozinha gelada e arrastei o coitadinho para um lado, dizendo:

— Venha, vamos nos preparar para embarcar amanhã...

E com gestos, ia explicando ao garoto que nossa partida seria no dia seguinte, no raiar da aurora, como era nosso costume.

Levei o menino para a barraca e lá apanhei o embornal e fomos colocando nossas provisões para a viagem que deveria durar uns dois ou três dias.

Gino ia ajudando, feliz da vida. Cantarolava, em dialeto, as canções que se tornaram célebres e revelaram famosos cantores do mundo. Era uma graça, naquele front maldito, ouvir a voz maviosa de Gino (numa tonalidade altíssima de tenor infantil), acompanhado pela sua inseparável Vic, das tranças douradas.

Em noites de lua, quando os dois ficavam até tarde na linha de tiro, os soldados não conseguiam ficar atentos nas vigílias. Os dois cantavam, numa maviosidade maravilhosa, que deixava-nos embevecidos. Muitas vezes, o bom Sargento nos avisara:

— Cuidado!... (E ele olhava com ternura para as duas crianças, como se fossem os anjos de sua capelinha do bairro da "saúde" que ficara tão distante, lá do Rio de seus sonhos)... Cuidado, Cabo!... Vocês

ficam muito distraídos com as crianças. É perigoso na linha de tiro. Tenham cuidado... Não facilitem...

E as crianças continuavam a cantar, embalados nas saudades que a guerra maldita não conseguira destruir...

Uma noite, Zé-Conselheiro que estava protegido na sombra de uma centenária castanheira, explicava os sentimentos dos praças que escutavam as crianças:

— O soldado no front, que houve uma cançoneta em dialeto, eleva seus pensamentos em busca do que não sabe... (Inclinou a cabeça, lançou o olhar cismarento para uma lua escandalosa no brilho. Soltou um suspiro que veio rolando lá do fundo e prosseguiu)... Em busca do que não sabe, porque não sabe mais ter sentimentos... Bem que nós tínhamos vontade de deixar correr uma lágrima de saudade... Mas, quem há de?... Quá!... Combatente não tem sentimento, não tem alma, não tem coração!

Levantou de um salto. Deu um chute num montículo de neve ao seu lado. Olhou para as crianças e gritou:

— CALEM-SE!... Vá pros quintos dos infernos com esse dialeto!...

E caiu, como um louco, balançando sua carcaça ossuda.

— É a dor de não ter dor... (Sibilei para meus botões, adormecidos no calor de minha farda de lã).

***

Como eu estava de "guarnição" na linha de tiro, pedi ao Cabo Dias que me substituísse, o que não era muito fácil. Nós tínhamos uma norma no front, desde que a prática nos habilitava nas substituições: o

cabo não abandonaria sua turma (três soldados). Em caso de substituir outro cabo, ele teria que levar, também, a sua turma, e a outra turma folgaria com seu cabo.

Mantínhamos o lema tão conhecido e tão desvalorizado nas descrições: "um por todos e todos por um"...

Aproveitando essa folga, Meia-Um avisou-me:

— Vou fazer umas tochas com o Canca.

— E quando pretende voltar?... (Indaguei).

— Não dou certeza, Cabo... (E Meia-Um fez uma pausa. Apertou os lábios grossos, coçou a barba de três dias, sempre por fazer e respondeu)... Talvez uns dois ou três dias. Depende do Canca.

— Tá!... (E encaminhei-me para a barraca. Depois, voltando-me, gritei ao meu apontador)... Vá avisar o Sargento.

Era assim, a nossa vida no front. Por qualquer coisa, sem o menor motivo, lá ia um pracinha fazer sua "tocha".

Esse nome "TOCHA", nunca ficamos sabendo bem o porquê desse nome. "Tocha" significava tudo ou quase tudo que não se queria explicar: procurar mulher; procurar alguma novidade pra comer, pra fugir do insuportável gosto de "óleo-de-rícino" da ração "k"; procurar quem ajeitasse uma farda; procurar, enfim, o que não havia perdido, o que era o mais das vezes!

Tudo isso, e mais alguma, era a célebre "tocha".

E o pracinha que saísse para a "tocha", jamais teria preocupações quanto à sua escala na linha de tiro. O seu colega das mesmas funções, da outra guarnição, o substituía, por tantos dias, quanto fossem necessários.

No front, os dias não se contavam. Para nós, tanto fazia estar de folga, estar descansando, estar em combate, estar em vigília, etc... era sempre a mesma coisa. Os nervos não repousavam. NUNCA!

— Daí, talvez, a célebre neurose que tanto falam... (Dissera-me, uma vez, o velho Conselheiro, quando descansávamos de um combate, à sombra da rede de camuflagem que os gringos nos mandara)... Já notou, Cabo, como nós só descansamos um pouco o corpo?... A cabeça nunca está de folga... (Encarou-me, como se me visse pela primeira vez e martelou-me com esta bomba).... Cabo! Você precisa de uns dias de "tocha". Eu tenho notado que você anda meio esquisito nos últimos tempos... (Mudando o tom de voz)... Até já conversei sobre isso, com o velho Zadir.

— O que foi que ele disse?... (Perguntei, com fingida indiferença, procurando esconder minha curiosidade).

— Ele também acha que você não anda lá muito bem das bolas...

— O Zadir disse isso?...

— Bem, ele disse... (Fez uma pausa que me massacrou).

— Disse o que?

— Ele disse que não falava nada pra você, com medo de que você se sentisse ofendido. Tá?...

Minha cabeça começou a trabalhar com rapidez, atordoado, procurava os motivos que teriam levado nosso bom Sargento às mesmas conclusões que tinha chegado Zé-Conselheiro.

Melhor do que ninguém, os dois me conheciam como a palma da mão. E eu sabia disso.

Sem dar mais atenção ao bom camarada, levantei-me e saí, sem rumo, para ver se chegava a uma conclusão mais realista. As últimas

palavras de Conselheiro ressoavam na minha cabeça, deixando-me atordoado.

Uma voz dos botões sussurrou perto:

— Um cabo pantaneiro também fica neurótico...

O sangue ferveu na minha cabeça. Dei um chute em qualquer coisa, entesei os punhos como se fosse bater em alguém, apertei os lábios e soltei uma blasfêmia que teria corado o mais duro dos ateus.

O cabo mato-grossense não queria aceitar as verdades dos fatos. A neurose, como uma serpente nojenta, ia apertando seu círculo, pouco a pouco, procurando inutilizar o infeliz cabo dos pantanais...

***

Ainda era madrugadão, quando Gino me chamou:

— *Caporale... Caporale... acordare...* (E o garoto sacudia-me, falando baixinho, com medo de acordar a guerra que rosnava nos cantos do inferno).

Enrodilhado nos meus cinco cobertores de pura lã, de fabricação americana, eu resmungava na preguiça do aconchego:

— Hum... Hum...

— *Tchique hora, Caporale... Acordare... Venire...*

E Gino me sacudia, numa insistência frenética, com medo de perder o comboio que nos aguardava no vilarejo de Porretta Terme.

Com má vontade dos diabos, espreguicei-me debaixo dos cobertores mornos e gostosos. Levantei-me, sempre resmungando. Calcei a "combat-but" e, por cima, as galochas de neve... (As únicas peças que tirávamos para dormir).

Ainda sonolento, convidei Gino para sair.

Lá fora, um dia maravilhoso raiava nos recortes dos Apeninos pincelados na alvura das geleiras eternas. Os raios de sol mal dormido, espargiam fitas coloridas de luz, cegando momentaneamente a vista, num capricho irisado dos prismas de gelo que os gênios maldosos da guerra não conseguiam destruir. A natureza, lá de cima, vingava dos homúnculos cá de baixo.

Ainda com Gino pela mão, peguei o enorme embornal que estava abarrotado até não poder fechar e saí, pela pequena abertura da barraca, arrastando o volume pela neve.

De véspera, Gino fizera uma limpeza em regra nos pertences dos pracinhas da guarnição:

— *Bizogna ciocollata, chiclet, sapône* (sabonete), *burro* (manteiga), *escarpe* (sapato), pra Pim-Pim... (E o garoto ia recebendo dos pracinhas sorridentes, tudo que pedia).

Vic, também, na sua graça, ia auxiliando Gino na arrecadação dos presentes para Pim-Pim que ela também conhecia.

— Pim-Pim?... *Paisando de paizze mio...* (E batia no peito magro, para confirmar, com gestos, que Pim-Pim era seu amigo, do vilarejo de Pietracolora).

Como "pagavam" umas cuecas de cor verde-oliva, de um tecido muito fino e delicado, costumávamos reservar essas cuecas para dar de "tocha" às pequenas das redondezas. Também Gino, nesse dia, pediu que arranjássemos dois "mutandíni" pra seu amigo, o que lhe foi satisfeito.

Meninão, que estava num canto, ruminando seus problemas, chamou o menino:

— Gino, vem cá... (E mostrou, pendurado num dos esteios grosseiros da barraca, o seu bornal entulhado de "tochas")... Venha. Pegue aquele bornal e traga aqui.

O garoto levou-lhe o bornal. Meninão tirou de dentro duas cuecas e, balançando a cabeça como se censurasse a si próprio, falou:

— Era coisa boa pra uma "tocha" bem gostosa... (Passou as duas cuecas para o menino e continuou, como se pensasse alto)... Quem nasceu pra otário, não chega a malandro... (E soltou uma risadinha, dando palmadinhas carinhosas no menino que resplandecia de felicidade).

Foi assim, conseguindo um pouco de cada um, que Gino abarrotou meu embornal com "rôbba" pra seu amiguinho hospitalizado em Pistoia.

Foi assim, sobrecarregado no peso, que parti em direção do vilarejo, escorregando aqui, levantando acolá, que saí, puxando o pequeno Gino pela mão, mais arrastando do que conduzido.

O cabo pantaneiro era, de natureza, ríspido, grosseiro nos gestos e caladão. Falava pouco e resmungava muito.

Gino que já compreendia o seu protetor, não dizia nada. Ia, aos sacolejões, acompanhando o cabo apressado que não lembrava que as pernas do garoto eram muito curtas para acompanhar os meus passos de gigante de sete léguas. O seu fígado, sempre em pandarecos, não permitia premissas...

Assim, o inverno dos Apeninos foi tragado, pouco a pouco, as esperanças de um menino que sonhava em rever o seu amigo de folguedos, hospitalizado numa cidade estranha para dois.

E as duas figuras apressadas, sumiram na primeira ondulação, aureolados pela fumaça que suas narinas exalavam no resfolegar da marcha forçada.

***

Zé-Conselheiro, minha sombra eterna, aparecera, esbaforido, logo que o comboio dera início à partida.

Afogado no resfolegar da respiração ofegante, Conselheiro ainda teve forças para gritar:

— Ajude-me, seu Pantaneiro besta!... Tá pensando que eu não vinha?... (Tomou um fôlego e, com o pouco de força que ainda lhe restava, lançou o bornal carregado de "rôbba" pra dentro do caminhão QT)... Eu quase perdi a hora...

Com má vontade, levantei do banco em que me aboletava e, estendendo a mão gritei ao velho amigo:

— Agarre na minha mão, seu velho maluco!... Anda, senão você fica!...

Sem mais esperar, o Professor agarrou-se na minha mão com toda força que ainda lhe restava e, de um salto, pulou pra dentro da carroceria do QT que já tomava velocidade.

— Puxa!... *Mama mia!...* (Exclamou Conselheiro, estatelado no piso da carroceria).

Gino deu uma gargalhada, aliviado com os apuros do velho Professor.

O cabo rabugento, pinicou o velho amigo:

— Quem encomendou sermão?... Geme, meu nego!... Quem não aguenta tempo, não inventa moda... Tá?...

Conselheiro não respondeu.

Não adiantava responder. Ele muito bem conhecia seu velho amigo pantaneiro, principalmente quando o fel era derramado do fígado azedo.

Nosso comboio seguia, pela estrada esburacada, no sinuoso itinerário dos Apeninos congelados.

Aqui e ali, uma cratera no meio da estrada obrigava nosso comboio a diminuir a marcha. Era um repouso para meu coração, que pulava e dava pinotes de medo.

A neve acumulava no leito da estrada asfaltada, escorregava mais do que sabão em boca de velha desdentada. A estrada, toda traçada nos contrafortes da penedia íngreme, riscava sinuosidades pela serra, em curvas fechadas... exibindo abismos horripilantes.

Eu, que já conhecia esse percurso, tinha verdadeiro pavor do lugarejo conhecido por Colina. Era o lugar mais elevado de todo o trajeto para Pistoia. Em Colina, a turma costumava desmaiar nos suplícios da atmosfera de ar rarefeito.

Os primeiros sintomas de tonturas, vinha nos olhos: formava-se uma enorme olheira em volta de cada olho.

— Chi, Pantaneiro, você já está com olheiras. Pode deitar.

E nós tínhamos que deitar no piso do QT, à espera da vertigem que não se fazia demorar.

Assim, eram avisados os companheiros que desmaiavam.

Eu ia ajeitando um lugar no assoalho imundo do QT, em busca de uma vertigem mais amena.

Gino não sentiu nada. Assustado, perguntava:

— *Perche brasilliane tuti môro* (roxo)?...

Quando o comboio chegou no vilarejo de Colina, meu coração começou a bater mais forte. Procurando meu velho Conselheiro, falei, atemorizado:

— Aqui, é o primeiro posto de fiscalização. Será que Gino passa despercebido?... (Passei as mãos trêmulas pelo rosto, não escondendo o nervosismo que se apossara de mim).

— Eu tenho visto, em todos os postos, somente crioulo como fiscal... (Encarou-me com ar de superioridade e falou com certa entonação de voz)... Negro é negro! Tome cuidado!... (Levou o dedo no nariz de Gino)... Bambino, não se mexa. Quem vai nos revistar, são soldados negros, do "Stêits". Lembre-se que, negro quando não suja na entrada, suja na saída.

E Zé-Conselheiro encostou mais em Gino, espremendo o menino contra meu corpo, num sanduíche bem apertado, para evitar que a polícia militar do corpo de fiscalização, desse pelo garoto.

Gino nem respirava de medo. Seus olhos, esbugalhados de terror, brilhavam em chispas, na semiescuridão do QT toldado.

Um praça todo pernóstico no seu uniforme de polícia militar, aproximou-se de nosso QT.

— Esse palhaço amacacado, que não se meta comigo... (Resmungou, Zé-Conselheiro, quando o soldado, ficando nas pontas dos pés, procurava melhor ângulo para ver por dentro do QT obscurecido).

Eu compreendera a ameaça do Zé. Nós, do front, tínhamos por costume não dar bola pra ninguém, quando deixávamos a posição pra trás.

Havia uma certa rivalidade entre a tropa de front e a tropa de abastecimento, que ficava na retaguarda: saco "A", a primeira; saco "B", a segunda.

— Somos saco "A"... Não tenha receio, Cabo velho. O degas aqui não engole conversa de saco "B", ainda mais de preto do "Stêits"... (E cuspinhou pra fora, fazendo a golfada de saliva passar raspando a cara luzidia do negro pernóstico)... Veja a cara dele, Pantaneiro, até parece panela que nunca foi areada. Além de ser negro, é negro-tifu... (E soltou uma praga que ressoou o compartimento escuro do QT encapotado).

Olhei pra Gino que tremia como vara verde.

O garoto estava rebuçado no capotão, com a metade do rosto encoberto com um cachenê que o Turquinho lhe emprestara, feito de tira de cobertor. As mãos, enluvadas, não davam ideia do tamanho. Nossas luvas eram grandes revestidas na palma da mão com um couro, para proteção nos serviços pesados: pá, picareta, ferramentas, fuzil, etc.

Por fim, foi dado permissão para seguir. A polícia era de uma exigência sem limites. Estava, nas tropas aliadas, acima de qualquer autoridade. Uma desconfiança, por menor que fosse, era imediatamente comunicada ao escalão superior e, como era natural, tudo ficava impedido.

Com alívio, nosso comboio recomeçou a viagem. Zé-Conselheiro, que sempre procurava aparentar uma indiferença em tudo, não pode segurar a tensão e soltou um longo alívio, comentando:

— Arre!... Desta nós escapamos... (Batendo palmadinhas nos joelhos de Gino, comentou com alegria)... Será que conseguiremos passar pelos outros postos?...

Para a felicidade nossa, outros postos, avisados pelo primeiro, por telefone, mandavam que prosseguíssemos viagem, sem que fosse preciso parar.

Na descida da serra, uma exclamação aliviou a turma:

— Pistoia, macacada!...Vejam!...

Era um pracinha que tinha desabotoado a tampa da frente da capota de lona e enfiado a cabeça para fora, aguentando um frio dos diabos que a velocidade do QT provocava.

Alguém, no fundo do caminhão, exclamou, como se pensasse alto:

— Pistoia, macacada!... (E soltou o ar que trazia nos pulmões, num longo sopro de alívio)... Mulheres! Bicho de saia!... *Ragazza! Bambina!...*

— Cheiro de mulher!... Cheiro de mulher!... (Soltou alguém, num suspiro longo, depois de aspirar um perfume imaginário, com um ruído exagerado das narinas, para que todos ouvissem)... Hum!... Cheiro de mulher!... (E num gesto gaiato, atirou uma carteira vazia de cigarro, para fora do QT, acrescentando)... Não preciso mais de "babaca" em pó... (E soltou uma gargalhada que ressoou com estrondo no recinto fechado).

Os praças, silenciosos e pensativos, balançavam o corpo adormecido pela longa viagem, num ritmo mantido pela velocidade que aumentava na descida da serra perigosa.

Gino, ainda inviolado na pureza da infância, nada compreendia. Sua face desfigurada nos ossos salientes, emanavam sorrisos forçados para soldadesca imbecilizada.

— Sorrisos forçados, que a guerra lhe ensinara... (Comentara, certa vez, o inseparável Conselheiro).

No começo, dificilmente podíamos saber quando ele falava com sinceridade, ou quando mentia. Suas expressões, quando chegara

para nós, não modificavam, nem apresentavam reação, tão natural nas crianças. Zé-Conselheiro sempre costumava dizer, em tom de brincadeira:

— Venha cá, seu cara de pau...

Ficava assim demonstrado, o que a guerra fabricava nas crianças que eram os restos dessa guerra.

***

Nosso comboio foi estacionar na base dos brasileiros, para se abastecer: tanto de combustível, para a volta, como para carregar.

As escalas que cumpríamos, nessas viagens, só nos interessava como passeio. Os caminhões eram carregados de munição, ou de víveres, ou de provisões?... Nada disso nos interessava. Que carregassem!

Era aí que a turma do saco "B" levava suas vantagens. Tiravam um pouco de cada carregamento, para que sobrasse, nos depósitos, as "rôbbas" de que necessitavam para suas "conquistas".

Logo que saltamos, Gino agarrou no meu capote e procurou explicar:

— *Trovare Pim-Pim... Doppo retornare Quá...* (E mostrou o caminhão de nossa bateria, para confirmar o que dizia).

Ele iria em busca de informações sobre o amigo e, depois de descoberto seu paradeiro, voltaria para esperar-me no local combinado.

— *Capito*, Gino... (respondi, empurrando o menino, para que ele fosse logo em busca das informações. E, mostrando meu relógio, exigi o tempo de espera)... *Due hore! Capito?... Due Hore!... Quá!...*

Gino não teve tempo de responder. Saiu disparado, pelas vielas de Pistoia, uma cidade centenária de traçado antiquado. Só tive tempo, quando saltamos do caminhão, de tirar-lhe o monstruoso capote de lã e o ridículo capacete de aço.

Foi então que um pracinha nordestino soltou essa exclamação:

— Oxente!... Quem haverá de dizer que esta peste não era um cabra da peste anão?... (Coçou a cabeça, apertou bem os olhos como se procurasse certificar-se da verdade e continuou nos resmungos regionalistas)... Esta pestinha me tapeou. Pensei que fosse jerico fardado, e dos bem pequenininhos... Oxente!...

Não dei ouvidos ao nordestino atarracado. Ainda tonto da viagem, fui tratar de minha vida. Com o motorista, velho camarada de fugas famosas, combinei hora e local para uma "tocha" bem recortada.

Eu conhecia bem as necessidades da população de Pistoia: chocolate, cigarro, sabonete, gilete, etc, podia-se comprar uma garota bem recortada.

Esse era o preço da guerra. Esse era o prêmio aos heróis!

Heróis de Barro! Heróis nojentos!

***

Na praça principal de Pistoia, ficamos aguardando o motorista. Eu e Conselheiro sabíamos, de há muito, que Loí era um dos melhores cicerones da turma do comboio.

De longe, seu vulto esguia despontou no meio do populacho que enxameava na praça, a sede comunal do câmbio-negro.

Zé-Conselheiro, sempre exigente, começou a reclamar do ambiente:

— Essa gente cheira mal... (Percorria as fisionomias com um olhar inquiridor e continuava)... É uma plebe coberta de farrapos imundos. E o pior de tudo, é que são cobertos de farrapos externos e internos...

— Ora, Conselheiro, deixe sua filosofia pra lá! Aqui não é lugar pra filosofar... (Agarrei o amigo pelo braço e sussurrei no ouvido do velho Professor)... Nós queremos é "arrasar"! Compreendeu?... Queremos "tocha"!... (E, desesperado, gritei)... TOCHA!...

Conselheiro não respondeu nada. Indiferente às minhas histerias, mostrou-me Loí que se aproximava, todo sorridente. Sua dentuça maravilhosa de marfim puro, sobressaía, atrevida, no contraste da pele de um bronzeado negro, coloração particular de mestiço brasileiro.

Atarracado, tórax hercúleo, pernas pequenas e cambetas, andava num gingar leve e quase vaporoso, no balançar atrevido dos capoeiras famosos.

Loí tinha plena convicção de sua superioridade física, principalmente no que se tocava em capoeira.

— Você é sabido, seu mato-grossense besta... (Sempre me jogava na cara, o velho companheiro, quando nos encontrávamos em "tochas" famosas)... Você pensa que não sei por que é que você sempre escolhe o Loí para seu companheiro?... (Dava-me umas cotoveladas e martelava)... Loí é um bom cicerone e, muito melhor, é um ótimo capanga. Tá?...

— Lógico... lógico... Professor! Você sempre tem razão... (E eu deixava escapar um certo ar de superioridade, convencido de meu domínio sobre o respeitadíssimo Loí das capoeiras famosas, tão propaladas na velha Bota dos Apeninos em fogo).

Em retribuição de sua fidelidade canina, eu escrevia à sua noiva, lá pras bandas do Bonfim. Eram cartas melosas, açucaradas, perfumosas, que tanta felicidade trazia ao mulato da terra do acarajé.

— Eita cabo bão!... Oxente!.... (Dizia, num arreganho de dentuça possante, o escuro filho da terra das cocadas)... O cabra da peste sabe mesmo lambuzar boca de mulher!... Víge!... Isso que é falório!... (E o baiano se balançava todo, na ginga ritmada do capoeira no batuque. O pracinha sorria e babava, na bocarra que a natureza apelidara de boca)... Oxente! Minha cabrocha vai fica se babando toda... Víge! Eu sô caboco de sorte!... Nem é bão pensa!...

E o baiano balançava, gingava, sapateava, babava no gozo da felicidade. Era um espetáculo, o moreno de Abaeté. E pulava, dançava, gingava, esparramando pernadas pra todos os lados, gritando para um inimigo imaginário:

— Eu já disse, seu moço... (E uma gingada e um sorriso)... Neste cabo da peste, ninguém bota a mão, enquanto eu gingar por dentro... Víge! Se bota!... Nossa!...

E soltava gargalhadas gostosas. E dizia comparações chistosas, ainda mais saborosas, porque traziam o sotaque carregado da Terra-Boa que lá ficara e que não saía do coração do baiano cor de cobre enriquecido.

***

O baiano bronzeado foi logo dando o "serviço" pra nós:

— Venha bugrada! A coisa é das boas...

E avançou no bamboleio característico, trombando nos importunos que o interpelava em busca de *rôbba pra paisano* (amigo).

Se o bom Loí era de uma simpatia contagiante, não demonstrava, no entanto, muita delicadeza para com o populacho que o cercava, tanto no que se referia a velhos, mulheres ou crianças.

Foi o professor quem me explicou:

— Veja, Pantaneiro, as atitudes do Baiano, para com a plebe nojenta que nos persegue. Às vezes, por muita consideração à sua própria pessoa, ele acaricia uma cabecinha de criança esfarrapada... (Deu uma cuspida que foi esparramar no ar pestilento de odor humano. Franziu o nariz, para expulsar, das fossas nasais, o cheiro insuportável que exalava no ambiente imundo. Mostrou, com a beiçola espichada, uma criança que passava, toda encolhida, embrulhada na própria imundície que o corpo exibia)... preste atenção naquela infeliz. Ela fede tanto... tanto... que não tem nem coragem de vir choramingar um pedação de cioccolato pra matar a fome que a devora... (Deixou escapar um suspiro covarde, com medo da garotinha ouvir e sibilou, como se temesse os ouvidos das figuras que passavam, numa imitação grotesca de povo)... Quá, seu Pascuá!... São nesses momentos que penso no Brasil!... (E virando-se para o cabo que tudo escutava, sem nada responder, o velho filósofo fez a pergunta que morreu no ar)... Cabo! E se isso viesse acontecer no velho Brasil... qual seria a reação de nosso povo?...

Deu-me um empurrão, resmungou um palavrão que eu não conhecia e avançou, com passos de gigante, empurrando aqui e ali os passantes que dele se aproximavam, sem se importar com o companheiro que ficara para trás.

Entramos por vielas e becos imundos, sombrios cheirando a mofo centenário, que só os tempos sabem depositar nos lugares úmidos.

Num desvão mais escuro, espremidos entre duas paredes descascadas pelo tempo, o baiano empurrou uma porta que rangeu nas dobradiças enferrujadas. Com dedo nos lábios, o cicerone exigiu silêncio.

Avançamos. Meu coração batia com estrondo, procurando sair pela boca.

Uma escada, caindo aos pedaços, apareceu na entrada mal iluminada por uma claraboia de vidros partidos.

Os degraus rangeram...

Os três mosqueteiros do século, as armas possantes, avançaram, cautelosos, como se fossem em busca da hidra famigérrima.

Nossas galochas de neve, com grosso solado de borracha, não podiam amortecer o som de passos nos degraus decrépitos. As tábuas rangiam, num gemido fúnebre, como se chorassem nossas intenções abomináveis.

Na força do hábito, ainda mantínhamos o tacão de madeira, dentro da galocha, para servir de isolante. O praceba aborígene não suportava, por muito tempo, a friagem que subia pelas solas dos pés enregelados. Acharam, como isolante dessa friagem horrível, um tacão de madeira que colocavam dentro da bota de neve que apelidáramos de "galocha".

O baiano, lá de cima, fazia sinais com o indicador nos lábios e recomendava baixinho:

— Silêncio!... Não façam barulho, senão a cobra vai fumar... (E mostrava nossas botas pesadonas).

A escada estava em mísero estado. Mal protegida por traves despedaçadas, sem corrimão, subíamos às apalpadelas, correndo a mão na parede úmida e gelada (que mais arrepio nos provocava).

Os degraus rangiam no estalo da velhice carcomida.

Zé-Conselheiro que ia na minha frente, parou, olhou pra trás e falou, com tonalidade de censura:

— Faça menos barulho, xô!... Veja se bate com menos força esse coração descompassado!... (Virou pra frente, deu os primeiros passos cuidadosos nos degraus apodrecidos e resmungou)... Até parece desfile de fuzileiro naval... Vá bater bombo com tanta força, nos quintos dos infernos....

Meus ouvidos estalaram, provocado pelo rubor das faces, na vergonha das verdades que o velho Professor lançara-me na cara.

Sempre na frente, Loí subia, cuidadoso acenando-nos para que o acompanhasse.

Todo esse cuidado era necessário? Por quê? Guerrilheiros gostavam de colocar armadilhas (Boob-Trap), quando descobriam que determinadas moças recebiam soldados. Tanto fazia fossem soldados aliados ou os boches. O que os guerrilheiros não permitiam, eram os encontros com os estrangeiros, viessem de onde viessem.

— Está certo... (Dizia Conselheiro, sempre que tocávamos no assunto das "tochas")... Os guerrilheiros têm razão! É uma questão de nacionalismo...

E as discussões se prolongavam, sem se chegar à uma conclusão.

Lá em cima, no segundo patamar, baiano virou e mostrou, com três dedos em riste, que nossa tocha estava no terceiro andar. E indicou, para cima, o último lance de escadas em ruínas.

Zé-Conselheiro virou, novamente para trás e resmungou:

— Seu coração bate tão forte por causa do esforço da subida ou por causa da medorréia?...

Saturado com tanta censura, fuzilei meu velho camarada com um olhar feroz e vomitei, num ranger de dentes, os palavrões que minha santa ignorância catalogara nos anos de vagabundagem.

Conselheiro não se abalou. Apenas sacudira a cabeça, num sinal de desaprovação e de reprimenda. Era seu gesto natural, quando queria contradizer minhas barbaras blasfêmias.

Ao chegar no patamar do terceiro andar, o baiano colocou o ouvido numa porta encardida e de cor suspeita. Depois, virou-se, encurvado para nossa direção e novo sinal fez para que não fizéssemos barulho.

Voltou a encostar o ouvido na porta e deu três pancadinhas com o nó do dedo médio. Fez uma pequena pausa e, novas pancadas, desta vez, em número de duas, ressoou no ambiente saturado de suspense.

Minhas narinas dilatavam-se na respiração ofegante da subida forçada. Meu coração dava pinotes, afogando no rufar descompassado do nervosismo que aniquila. O cheiro de mofo e umidade era insuportável, rasgando as narinas e intoxicando os pulmões envenenados de nicotina.

Sempre com o ouvido colado na porta, Loí deu mais cinco pancadinhas, num ritmo previamente combinado.

Zé-Conselheiro não pôde deixar de dar o ar de sua graça, soltando a comparação que não gostei:

— Até parece filme de espionagem... (E, com o dedo médio dobrado, batia no ar, imitando as pancadas que o baiano dava na porta encardida, repetindo, com estalidos secos provocados pelos lábios, os sons das pancadinhas)... Tic... Tic!... Tic!...

Escutando passos, do outro lado, arrastando chinelas...

Um ferrolho arrancou a ferrugem do trinco e dos tempos.

A porta foi abrindo de mansinho, de mansinho, de mansinho.

Para o cabo arrasado nos tic-tacs do nervosismo, parecia um século. O corpo do pantaneiro tremia do alto a baixo, sacudido na ânsia do inesperado que aniquila. O sexo, afogado nas selvagerias do front, despontara, atrevido e descarado, no grotesco da apresentação de um mastro ereto e viril.

Deusas, as mais lindas, começaram a desfilar pela mente doentia do cabo mato-grossense. Um verdadeiro harém de mulheres lindas, dançavam na minha imaginação. Eram mulheres orientais, adornadas de sedas, rendas...

Eram mulheres!... Mulheres!... Mulheres!... Bicho de saia!

O ranger de velhos ferrolhos, chamou o cabo à realidade. Um rosto assustado, cadavérico e rugoso, apareceu na fresta da porta. Dois olhinhos miúdos, piscando na semiobscuridade, procuravam distinguir as figuras fardadas que tanto pavor causava à velhice.

O baiano que conhecia tudo, foi logo dando a ficha:

— Baiano, *nonna*!... Baiano Cantor!... (Falava, sorrindo na bocarra de dentadura cavalar. Falava e gesticulava mostrando o ritmo conhecido das batidas de um pandeiro)... Baiano de pandeiro, *nonna*!... *Eccole*?...

E o baiano ia explicando à vovozinha, mais com gestos do que com palavras, quem eram seus companheiros. Gesticulava e sorria. Nosso bom cicerone a todos conquistava, com seu sorriso de propaganda dental.

A porta foi aberta.

Uma sala fétida, despiu-se na minha vista fuzilada pelos raios da luz que jorrava, em profusão, pelo compartimento que recebia um sol claro, forte e luminoso, pelas janelas do fundo.

— O seu harém sumiu, *Dom Caporale* das arábias... (E Conselheiro deu-me uma cotovelada que me aniquilou).

Corri os olhos pela sala pobre. No centro, uma velha e encardida mesa, com duas cadeiras caindo aos pedaços. Na parede, um caixão encostado servia de armário. Eram as únicas peças do cômodo. Duas portas laterais davam entrada para os dois quartos do prostíbulo camuflado. Uma das portas estava entreaberta, deixando entrever, num desmazelo proposital, a cama amarfanhada de uso constante. Olhando com mais atenção (enquanto Baiano explicava quem eram os companheiros que o acompanhavam), ainda pude ver, no lençol encardido, a marca de um corpo que teria levantado a poucos instantes.

O encanto do harém colorido trincou-se. O emblema do sexo ruiu, no desalento das desilusões chocantes.

Enojado, voltei o corpo para a direita, num gesto nervoso de repugnância reprimida.

— Barbaridade!... (Exclamei, sem querer).

Zé-Conselheiro apertou meu braço, advertindo-me:

— Cale, seu bestalhão! Não está vendo que ele é um doente entrevado por muito tempo?... (E novo apertão no meu braço, obrigou-me a conter o gesto que eu tentara, ao levar a mão à boca para sufocar outra exclamação leviana).

Eu não tinha reparado ao entrar que, num canto, atrás de nós, estava um catre desengonçado. Nele, um espectro de homem dormitava, arfando peito cadavérico num resfolegar de pulmões arquejantes.

Quando procurei o baiano para uma explicação, já ele tinha nos braços possantes, a "bionda" que era o seu sonho de guerreiro. Num gesto rápido, nosso cicerone carregou a loira, com a maior facilidade,

e sumiu com ela, no quarto à direita, batendo, com os calcanhares da bota lambuzada de barro, a porta que fechou num estrondo.

Do segundo quarto, onde se divisava a cama amarfanhada, saiu uma moçoila de seus 14 anos, enroscando-se numa imunda camisola transparente. O tecido ralo, na consistência e no uso, exibia, atrevidamente, o seu corpo jovem ainda colorido de mocidade. Os bicos dos seios, de um corpo moreno, procuravam furar o tecido ralo que os sufocavam. As linhas da silhueta em violão, sobressaiam na transparência do tecido pouco espesso.

A garota morena tinha atendido, com displicência, o chamado da loira de Loí.

Lá do quarto fechado, a loira fazia recomendações à sua apaniguada, em dialeto de sua região. Baiano, que também já "arranhava" esse dialeto, dava suas deixas, como que nos auxiliando no ataque.

Depois, quando se fez uma pequena pausa, entre os gritos lá de dentro e as respostas gritadas aqui na sala (os italianos gostam muito de falar gritando), Loí dirigiu-se pra mim:

— Cabo, essa moreninha bacana... é uma cabra da peste que dá gosto... (Soltou uma risadinha gostosa. Naturalmente, pensei, sua bocarra abriu-se tanto que a dentuça cavalar foi morder as orelhas miúdas lembranças dos antepassados de "Nêga-Ninha")... Essa bambina môra é pra o Professor. Sua "financiata" não demora! Ela foi fazer umas comprinhas de rôbbas e já vem....

Fiquei sozinho na sala pobre. Puxei uma cadeira descadeirada e sentei, correndo o olho pela saleta imunda, fria e sem graça.

De propósito, dei as costas para o homem que ressonava no catre. Seu ressonar forçado, era o único sinal de vida que se sentia.

Passos na escada, como se pulassem de dois em dois, os degraus da velha e desengonçada escadaria.

Os ruídos aproximaram-se da porta.

Do quarto Loí recomendara que não abrisse. Era perigoso. Os famigerados *partigiani*[37] andavam pelas redondezas e tinham o costume de arrastarem pelos cabelos, as mulheres que fossem encontradas com soldados. E depois, raspavam-lhe a cabeça. E todas, tinham um pavor de cabeça raspada!

Os passos aproximaram-se da porta.

— Não dê nenhum pio, seu cabo... (Sussurrou, baixinho, o cicerone).

Onde eu estava somente escutava os ruídos da cama, sacudida nos rítmicos movimentos de dois corpos que se debatem na luta do gozo.

Assustado, saltei-me da cadeira (costume do front) e preguei-me na parede gelada, ao lado da porta, mão crispada no sabre que eu nunca abandonava. Ouvidos atentos, narinas dilatadas pelo medo, respiração ofegante no descontrole dos nervos, aguardei um provável inimigo que se aproximava com ruídos.

Um som que me recordava não sei que, fez-se ouvir:

"... Tic!... Tic!... Tic!...".

Eram sons cadenciados, provocados pelo nó de dedos, no mesmo ritmo que o baiano batera.

---

[37] *Partigiani* = grupos irregulares da resistência italiana ao fascismo e ao nazismo quando da ocupação alemã na Itália [N/O].

Levei a mão esquerda no ferrolho, conservando a direito no punho da baioneta com meia lâmina pra fora da bainha.

— Espere, Cabo, não abre!... (Gritou, sempre deitado, o folgazão do baiano cor de bronze)... Minha *bionda* vai falar com ela. Deve ser a sua "*financiatta*"... Tá com sorte, cabra da peste!... (E uma risadinha escapou pelas frestas da porta descorada. Lá dentro, a dentadura brilhava).

Uma voz de mulher fez-se ouvir, arrastada no dialeto incompreensível de sua região.

Com o coração aos pinotes, não suportei a resposta e num arrancão, abri o ferrolho e escancarei a porta que gargalhou, numa risada esdrúxula e ferrugenta das dobradiças carcomidas.

Em pé, toda assustada, estava plantada uma figura feminina. Com os olhos esbugalhados, encarava o cabo que, numa grotesca posição de defesa, empunhava o sabre assassino.

— *Brasiliane*!... (Exclamou, levando a mão à boca, como se tivesse arrependido da exclamação).

Houve apenas, uma pequena pausa. Logo a seguir, um emaranhado de dialeto jorrou por cima do cabo estatelado.

— *Nessu capiche niente*... (Falei, num dialeto improvisado).

Ela soltou uma gargalhada. Seu corpo bem feito, balançou no ritmo das convulsões nervosas que o riso descarregara. Depois, encarando-me com ar sério, falou:

— *Escuse-me*...

E foi entrando, com passos macios, bamboleando na flexão de um corpo escultural.

Voltei-me, assombrado, boquiaberto, sem mais nada para falar.

Como um raio de sol invade os domínios mais escusos, aquela figura de sonhos iluminou a sala imunda, dos amores comprados com "rôbba".

Depois de atirar sobre a mesa, com displicência, a bolsa encardida, carregada de "rôbbas", ela se jogou na outra cadeira e deixou escapar um suspiro de alívio, como se viesse de longa e penosa viagem.

Meu embornal, também carregado de *rôbba*, permanecia jogado na mesa, onde eu o atirara, desde que ali chegara. Avancei para a mesinha e sentei-me, com certo esforço, na cadeira desancada e renga. A bela morena encarou-me, mediu-me com certo olhar de grande conhecedora dos bichos-homens e falou, com voz cadenciada:

— *Tanti rôbba... Que bello!...* (Percorria os olhos para o cabo e para o embornal, como que hipnotizada. Tudo, na vida da população, girava em torno da "rôbba". Era quase uma obsessão... E, num olhar vago, como se falasse consigo mesma, foi expressando frases entrecortadas por suspiros)... *Tedesco tutti porttati via... Tutti!...* (Suspiros)... *Tutti*!...

E a infeliz boneca (Por que será que as guerras produzem bonecas maravilhosas, para serem jogadas nas mãos lambuzadas de tarados guerreiros?), e a boneca no seu suspirar tristonho, balançava a cabeça, num gesto de desolação.

Começamos nossa conversa, à espera de um quarto vago.

Havia um pouco de dificuldade, porque eu nada conhecia do dialeto de seu *paízze*. Ela, por sua vez, também pouco falava em italiano, a tão gostosa madre-língua de Garibaldi.

Nos vícios do dia a dia das conversas em família do dialeto regional, as italianas nos pregavam cada situação que era de amargar.

Lá pelas tantas, chegamos ao assunto do homem no catre.

— Quem é?... (Perguntei, embaralhando italiano e dialeto).

— *Mio sposato...* (Respondeu, com um timbre de voz amorosa, a bela morena que a indomável ilha de Cicília mandara pra Pistoia).

— *Suo sposatto...* (Indaguei, horrorizado, mostrando o monstrengo esquelético que estava jogado no catre desengonçado).

— *Poverino... Poverino! Malato de peito...*[38] (E a boneca morena batia nos seios intumescidos, procurando explicar melhor o que falava).

Fez uma pausa, encarou-me com olhar mortiço e, esforço de quem se sente sufocada, tossiu!... Tossiu!... Tossiu!...

Ela também, estava *malata de peito!...*

— Está tuberculosa!... (Gritou, lá de dentro, meus botões indiscretos e apavorados).

Nessa hora, o esqueleto do catre abriu os olhos.

Com cara de nojo, encarei o homem que resfolegava nos estertores da respiração forçada.

Seus olhos abriram-se e duas bolas negras, esbugalhadas e embaciadas, saltaram-se das órbitas encovadas. Suas faces esverdeadas e translúcidas, eram a máscara esgazeada da vida que fugia. O homem era uma caveira com pele enferrujada.

Ele quis falar qualquer coisa e não pôde. Um sussurro rouquenho, cavernoso e fúnebre, evaporou-se pela sala carregada de bacilos. A tosse, aos borbotões, deflagrara a temida hemoptise que sufoca e arrasa.

[38] *Talvez seja: Poverina! Malato de peito...* = pobrezinho! Está mal do peito... [N/O].

O infeliz quis levantar-se. Não pôde.

Virou a cabeça para meu lado... e seus olhos, esbugalhados, como se pedissem socorro, desnudou-me até o fundo de meu ser. Um arrepio percorreu-me o corpo, gelando-me até a medula.

Olhei, assombrado, para os verdes anos da morena bonita.

Lá de dentro, a indiscrição dos botões abalou-me novamente:

— Que pena!... Tão jovem, tão linda e... (Num sussurro que sumia, ainda ouvi)... tão linda e tuberculosa...

Encarei a morena siciliana, como se não acreditasse.

Ela, coitada, dissecada nas misérias que a guerra martiriza, encarava seu querido esposo que retorcia na voragem dos bacilos que devoram.

Pensando alto, o cabo soltou os pensamentos miseráveis:

— Os bacilos vão devorando os pulmões e a alma desse infeliz... (O cabo fez uma pausa. Virou para o lado da morena e perguntou-lhe, como se ela entendesse sua língua)... Será que ele ainda tem alma?...

Foi então que o cabo notou na mulher, o carinho, a dedicação, o amor, a luz quase divina que ela deixava transparecer para o moribundo tísico.

No olhar amoroso da jovem, ela não enxergava, naquele trapo humano, o amontoado de imundície, escarro, sangue e micróbios... Ela somente via o marido. O homem amado.

— Herói de Guerra!... (Disse ela, em português, tão claro, quanto a luz de seus olhos negros).

— O que?... (Perguntei, apavorado).

— Herói de Guerra!.... (Tornou a repetir a bela siciliana, com a maior clareza possível. Depois, voltando-se para o cabo, explicou)... Herói de Montecatini Terme!... Tem medalhas... (E com o indicador, mostrava no seu busto rosado, as medalhas que trazia penduradas num cordel de ouro).

Abaixei, assombrado, para mais perto do peito da morena e encarei, admirando, as medalhas de ferro, de bronze e de ouro, que seu marido, agora tuberculoso, recebera da pátria que ele tanto amava.

Levantei a cabeça, com gestos estapafúrdios, encarei a bela morena que sabia um pouco de português. Seus olhos brilhavam no orgulho de seu sangue indomável de siciliana. Ela também, apesar de tuberculosa, tinha o galardão dos bravos! Era a maldição humana arrebanhada, satisfazendo os sonhos mirabolantes de homúnculos que conduziam povos!

Pulei da cadeira. Qualquer coisa mais forte do que o cabo, apoderou-se dos seus músculos, atirando-o para um lado, como uma poderosa mola.

Com sofreguidão, esvaziei meu embornal de "tochas".

Na mesa encardida e velha, começaram a cair, numa profusão de pacotes: chocolate, manteiga, cigarros, gilete, leite condensado, fósforos, sabonetes, etc... etc..

A moça espantada, olhava o cabo e os objetos, sem nada compreender. Repetia, assustada, com as duas mãos, em concha, na boca:

— *Mama mia!... Tanti rôbba!...*

E olhava para o cabo e repetia as exclamações.

Não suportando tanta emoção, a garota contorceu-se aos soluços que desabaram, numa nervosa mistura com os sorrisos. A jovem chorava e ria... ria e chorava, sempre repetindo:

— *Mama mia!... Mama mia!...* (Com as mãos em concha, na boca).

— Com as mãos em concha ou em prece?... (Indagou-me, sarcasticamente meus botões indiscretos).

Sem que o cabo esperasse, a morena dos olhos de mel arrojou-se no chão e, num gesto de gratidão humilde, beijou minhas botas enlameadas de porcarias do front.

O cabo levou um choque tão grande que sua carcaça esborrachou-se na cadeira capenga.

Para escapar daquela cena humilhante, o cabo agarrou no pulso da jovem que chorava e tremia, com força, tentou levantá-la. A infeliz estava abraçada nas pernas do pantaneiro, chorando e rindo.

Entre um soluço e um sorriso, ela falava:

— *Mama mia!... Mama mia!...*

Num repelão que toda minha força conseguira, agarrei a infeliz pelos cabelos e arremessei a italiana no chão, indignado com tanta humildade. Levantei e dei-lhe um pontapé nas cadeiras, revoltado com tanta beleza desperdiçada numa tuberculosa.

— *Bandit!...* (Rosnara, no catre imundo, o herói ex-medalhado que a guerra liquidara nos bacilos de Koc).

Avancei para a mesa, possesso e gesticulando. Agarrei meu embornal vazio e saí, como um louco, escancarando a porta. Desci as escadas de dois em dois degraus, qual um endiabrado vendaval que fugisse de sua própria sombra, hedionda, sórdida e rastejante.

No patamar do último lance para baixo, o cabo tomou fôlego, estacando de repente. Crispou a mão direita e deu um soco nos restos carcomidos de um corrimão que fora envernizado. Chutou um fiapo de tábua que aparecia na greta e rosnou:

— Foi muito forte!... Muito de repente!... (Novo soco nos restos do corrimão. Na batida firme, os pedaços despencaram-se, fazendo ruído dos diabos. O cabo nem se abalou. Novamente rosnou para si)... Estrondo não mexem com os nervos de combatentes... (Olhou em volta, com medo que alguém ouvisse falando sozinho e continuou mais calmo)... Somente mexe com nossos nervos, um beijo de mulher bonita, nas galochas imundas desta guerra maldita!...

E soltou um palavrão, pulando escada abaixo, de dois em dois degraus.

Sem que o infeliz pantaneiro esperasse, a bela siciliana colocara também, em seu peito mato-grossense, já bastante ferido pelas imundícies de seus semelhantes, a MEDALHA EM FOGO, em memória de seu marido-herói, sacrificado pelos bacilos de tísica.

E o cabo traz sempre, por mais que os anos passem, as medalhas em brasa, engasgadas no peito ferido.

São galardões em fogo! Condecoraram-me, por ter tomado parte nas imundas e nojentas ações de além-front.

Lembro-me ainda, oh! Se me lembro: naquela sala imunda, fria e sem graça, a bela viúva de marido vivo condecorou-me, também, ao arrojar-se, em prantos, para beijar minha bota imunda.

Assim é a guerra! Todas as guerras!...
Assim é o Herói! Todos os Heróis!...
Heróis de Barro, de barro em fogo!...
Heróis de Barro, medalhas em jogo!...

***

Lá fora, o ar gelado, menos saturado de dramas íntimos, lambuzou a cara do cabo pantaneiro... estonteado com a cena da sala.

Um sol acovardado pelas explosões satânicas, procurava aquecer um grupo que discutia pela posse de umas *rôbbas*, nas mãos de gorilas americanos.

O cabo mato-grossense avançou, colérico, para o grupo que gesticulava, gritava e blasfemava palavrões em dialeto. Numa fúria em gestos, os homens esparramavam palavrões a cada lance maior de um seu contendor.

Os negros americanos gozavam da cena depravante.

Eu sabia que os pretos dos "Stêits" tinham pavor da "raça" dos brasileiros. Abusando dessa vantagem, aproximei-me, sem fazer ruídos e, num repelão, arranquei a muamba das mãos de um italiano barrigudo e gritei:

— *Vá via!... Andare via!... Presto!...* (E dava empurrões, aqui e além, num linguajar misturado com português, italiano e inglês).

Os negros sabiam que era crime, punido pelas leis dos aliados, a incentivação do mercado negro.

Numa voz quase inaudível, ainda pude ouvir meus pobres botões que perguntavam, sabendo que não teriam resposta:

— Os infelizes têm culpa, por acaso, do que houve na sala imunda, lá no sobradão das escadas em ruína?... (Uma risadinha sarcástica arrepiou-me até as medulas)... Será que você tem coragem de bater nos crioulos dos "Stêits", como teve coragem de dar pontapés na morena siciliana?...

Estaquei, por uma fração de segundos, pensando que fosse algum dos companheiros que tivesse chegado.

Ninguém! Ninguém dera um pio.

Dei novos berros, mais para fazer calar os meus botões, do que para assustar os infelizes que saíam às tontas com tanto grito.

Cada um procurou o seu rumo... (Se é que alguém poderia encontrar um rumo certo, naquela babel de misérias).

Os crioulos americanos, de farda engomada e cheirosa (prova de que eram do saco "B", meus concorrentes desleais), escafederam-se, de beiçola caída, evitando serem vistos por uma patrulha militar: o pavor do mercado negro!

Meu tipo era inconfundível: botas imundas, capacete de aço com barbela sempre balançando pelo pescoço, cara com barba por fazer... bem como, nossa farda amarfanhada, encardida e rota, era o cartão de visitas que nos apresentava em qualquer lugar.

Era uma gazua que abria todas as portas da velha Itália.

Todos, sem exceção alguma, tinham um certo respeito pelo combatente. Fosse de que raça! Somente a polícia militar, manobrada por uma lei férrea, podia pôr as mãos num soldado do front.

Era a ordem! Era a lei!

As instruções especiais, que recebíamos no front, quando saíamos da linha de fogo, para qualquer missão, na retaguarda: "Ninguém pode pôr as mãos num pracinha do front!"

E não se comentava!

— Também pudera!... (Explicava, para os mais burros, o incansável defensor das causas perdidas, o bom Conselheiro)... Quem é besta de se meter com um homem que vive brincando de esconde-esconde com a dona morte?... Só mesmo um taradinho, muito mais doido e muito mais neurótico do que nós.

Com o embrulho embaixo do braço, o cabo pantaneiro seguiu, assobiando, para o local marcado por Gino.

O combatente, naquela época, era assim mesmo. Qualquer coisa servia de pretexto para esquecer suas últimas alucinações.

Também eram tão raros os casos de sentimentalismos, para o bem do velho praça, já massacrado com seus problemas do front.

Uma rajada de vento sibilou no ar.

Instintivamente, o cabo tentou jogar-se no chão, pensando tratar-se do ruído de uma granada.

O vento sibilou mais forte. O cabo ouviu, nos gemidos da aragem, uns versos que não conhecia:

O mundo chorava,
na convulsão dos estrondos.
A mocidade gemia,
na convulsão do pavor.
O front massacrava,
na convulsão do ódio.
A soldadesca soluçava,
na convulsão do terror.

Minha pátria gozava,
no calor da vitória.
Nossa gente cansava,
no calor de uma glória.
Minha mãezinha chorava,
no calor da saudade.
Nosso pracinha matava,
no calor da vaidade.

Uma guerra maldita,
na Europa estourou.
Muita gente acredita,
no herói que tombou.
Uma causa inglória,
aos pracinhas forçara.
Muita falsa vitória,
aos pracinhas culpara!

E o cabo continuou sua marcha, indiferente aos versos que ouvia.

A vida era assim mesmo. O mundo?... Ora, o mundo! Que fossem todos pros quintos dos infernos. O cabo estava vivo... VIVO!... O resto que se danasse!

E o vento continuou zunindo, cantarolando em outros ouvidos, indiferente aos suplícios das mulheres honestas que se prostituíam por motivos honestos...

CAPÍTULO XV

A CORÇA DOS PIEMONTES

A tarde morria em agonias de ar refrigerado.

O cabo dos pantanais prosseguiu a caminhada em passadas nervosas, exalando pragas por todos os poros.

Uma aragem desenxabida e sem ser chamada, espadanou uma poça d'água. Sua superfície, imunda e gelada, arrepiou-se em mil arabescos, como se pressentisse o arfar pestilento da velha ceifadeira. Um cheiro de bodum retalhou as narinas dilatadas do cabo excitado.

Eram pinceladas da guerra imunda! Uma guerra porca de ambiente; suja de cenário; devassa de sentimentos. Pinceladas, tintas, cores e tons, criados pela mente doentia dos gorilas fardados com pinta de artista.

Pela viela imunda, enveredei apressado. Fugia, espavorido, do sobradão antigo onde vegetava um tísico que prostituíra sua esposa.

Fui desembocar na principal praça de Pistoia. Ela regurgitava no burburinho dos lances díspares do mercado negro. Ali, tudo tinha o seu valor relativo: mercadorias, alimentos e mulheres. Estas últimas, eram avaliadas pela idade. Quanto mais nova, quanto mais cara. Era a miserável lei da oferta e da procura: uma bambina de 13, 14 ou 15 anos?... Idades pagas a peso de ouro. Até *vírgenas* ofereciam!

Para nós, na Itália, OURO significava muita *rôbba* – gasolina, pneus, agasalhos, etc.

O sol desfalecido nos embalos das "Ave-Marias", continuava, sonolento, em sua trajetória imutável. O astro-rei ia sendo engolido num horizonte de tédio, lambuzando de amarelo, as caras da gentalha ululante.

Aos magotes, as crianças cercavam os soldados. Os bandos pequerruchos atacavam em alaridos, na voragem das ofertas obscenas, dos gestos impudicos, dos sorrisos imorais:

— *Paisano, venire!*... (E o pequeno mercado de carne humana, que aprendera numa escola abjeta, oferecia a jovem que caíra por causa da fome).

Dinheiro não valia nada no mercado negro das *giovanati*.

A bolsa de valores imposta pela mocidade que morria, era apregoada nas ofertas da carne jovem que sobrava nos bombardeios.

— Mercado imoral... (Resmungava Zé-Conselheiro, todas as vezes em que saíamos nas "tochas")... Vende-se a esposa, depois a filha púbere... (Balançava a cabeça e prosseguia)... Esses miseráveis não colocam a mão no lance, porque babaca de velha não tem mais valor... (E soltava uma cuspidela de nojo, esparramando saliva pra todos os lados).

Aos empurrões, safanões e pescoções, fui atravessando, com dificuldade, os grupos que me atacavam em busca de *rôbba*. Eu trazia o embrulho que tomara do negro americano. Era presente para o amiguinho de Gino.

Meu rosto, com barba por fazer, não deixava transparecer o nojo que esse conglomerado estapafúrdio me provocava. Estava saturado pela cena brutalizante do sobrado imundo... do maldito tísico que me xingara.

Uma criança de voz em falsete cortou o espaço:

— *Caporale!... Venire, caporale!...* (Era uma garotinha de seus oito anos. Raquítica, famélica, ranheta e desgrenhada, balbuciava palavras sopradas pela boca desdentada. A voz falseava num corpo franzino.)... *Venire, caporale...* (Era resmungo ou soluço?) *Andiemo... io tenere bambina piccola...* (E os gestos imorais, infalíveis nessas ofertas, acompanhavam as lamúrias da menina desgrenhada e suja. Convidava e fugia... para mais adiante acenar e choramingar)... *Venire... Venire...*

Os restos de sentimentos ainda vegetavam no cabo, deu-lhe alfinetadas no coração de guerreiro. Olhou para o embrulho. Encarou a figura imbecilizada pelas necessidades. Num repente, atirou o pacote e gritou:

— Toma! Infeliz!... Vá pros quintos e leve sua gente também!...

E a figurinha transparente, seca e malcheirosa, agarrou o embrulho do chão e saiu, numa disparada, drapejando os trapos na brisa que a tarde procurava sufocar nas misérias da humanidade.

O *caporale* continuou sua marcha.

Como se pensasse alto, ainda praguejou:

— Vá pros quintos, todas as crianças do mundo...

Passou por um velho desdentado. Deu um safanão no infeliz, acompanhado de outra praga que o coitado não entendeu:

— Não foram vocês, desgraçados, que inventaram esta merda de guerra?... Dane-se!... (E quando o velho esparramou-se na lama gelada, o cabo continuou)... Coma o barro que vocês preparam pra enterrar nossos pracebas lá no Monte Castello!... (E soltou um escarro, nas proximidades do infeliz).

Continuando sua marcha em direção ao local que marcara encontro com Gino, o irascível pantaneiro mascava pragas por todos os

lados... onde fervilhava gente imunda, fedida, maltrapilha, boçalizada, canalha, vilipendiosa, amoral. Figuras escorridas nos escaninhos da guerra, conhecendo somente uma lei: SOBREVIVÊNCIA!

Mais correndo do que andando, o cabo procurava sair daquela praça regurgitante de imoralidade. Ao enveredar numa viela escura, com calçamento de pedras centenárias, o cabo divisou, na passagem de uma galeria, uma pequena que já era sua conhecida.

A ragazza quando avistou o cabo, partiu em disparada no seu encontro, dando gritinhos de alegria:

— *Che bello!... Che bello!... Caporale mio!...* (E, de braços abertos, jogou-se pra cima do cabo. Na corrida que vinha, o choque foi grande. O cabo deu um balanço e foi estatelar-se nas pedras enlameadas de gelo e lama. Foi um senhor tombo. Sempre rindo, a bela giovanata continuava)... *Caporale buono e bello!... Bello e buono...*

Estirado de todo o comprimento, o cabo amparou a pequena no tombo.

O baque fora surdo.

Felizmente, as toneladas de roupas de frio que vestia, amorteceram o tombo do caporale.

Eram três pulôveres, duas ceroulas de lã, farda de lã, capote pesadíssimo de lã, capa impermeável, etc... etc...

Quando começamos a usar tudo isso, Zé-Conselheiro tinha dito esta piada:

— Cabo, como é que os danados dos *tedescos* irão nos matar?... (E mostrava, uma por uma, as inúmeras peças que íamos vestindo)... Com tanta roupa no corpo, isto até vira uma couraça...

Assim defendido por uma verdadeira armadura de roupas, o choque foi amortecido e eu, na felicidade do encontro, ali mesmo, deitado no barro gelado, beijei a boca da garota que o piemonte jogara-me nos braços.

Meses antes, numa das aldeolas que tomáramos dos boches, eu encontrara Pits (a menina-moça) faminta, caída nuns montões de ruínas do vilarejo. Estava desfalecida, seminua, exangue e toda marcada de equimoses. Era uma vítima recente dos estupros tão comuns nesses ataques.

Como o paspalhão do cabo era um molenga (apelido dado por seus soldados), carregara a garota para seu setor. Lá, exigiu do "Dr. Paúra" (nosso enfermeiro medroso) que cuidasse da menina.

A infeliz estava num estado lastimável. Coberta somente com uns restos de vestido em frangalhos, seu corpo estava completamente desnudo. Era uma exibição revoltante das baixezas da guerra. Da cintura para baixo o sangue lambuzava sua pele marcada pelas lutas. Era o timbre dos soldados (que atacavam ou que recuavam?) que lutavam.

Numa dessas cenas, Conselheiro havia me dito:

— Cabo velho, parece que há um instinto de vingança, nas fúrias desses estupros... Parece que o soldado, de todas as raças, vomita seu ódio à guerra, nas carnes inocentes dessas moças sem defesa...

— Você tem razão, meu velho...

Conselheiro sempre tinha razão!

Assim é a guerra!

Esses são os Heróis!

Heróis de Barro!... De barro gelado e nojento!...

E os acordes de um soluço, cortavam o ar pestilento, em rimas que a poesia não canta:

Numa bolsa de valores, de opróbrios que doía,
Comprava-se carne jovem, pela fome que roía!...
Criança pura, martirizada pelo frio que sentia
Num abjeto comércio, irmã oferecia, mãe vendia!
Em troca da mocidade que morria,
Deflorava-se meninas, pela vida que sumia!
E quantos heróis, em sangue se esvaía,
No barro, na lama, em gemidos retorcia!
Assim nas guerras, o milico história,
Compêndios retratos, monumentos de agonia!
São falsos! São podres! São mestres na covardia,
Conservados! Engomados! No museu da histeria!

***

Do tombo, para a residência da garota, foi um pulo.

Zé-Conselheiro sempre me chamava a atenção, quando eu me referia ao nome de RESIDÊNCIA das pequenas:

— Que residência, que nada! Seu boboca!... (E lá vinha uma cotovelada, e das boas, nas costelas do cabo magriça. Como era natural, sempre o desprevenido cabo dava um salto e deixava escapar um gemido. Num arzinho de mofa, o velho continuava)... Onde já se viu rampeira ter residência?... Aquilo é lupanar e dos mais vagabundos, seu moço! Deixa de familiarização nesta merda de guerra... (Mudava o tom de voz e prosseguia)... Também, esta desgraça de terra não é nossa e nem fomos nós que inventamos esta guerra miserável... (Dava uma cuspidela entredentes, soltava uma praga ou um palavrão e saía, no seu gingar característico, sem se importar com as prováveis respostas que o velho amigo estaria ruminando).

Conselheiro nunca esperava resposta.

De um salto ágil, Pits desprendeu-se do cabo e, abaixando-se numa curva graciosa, agarrou-o pelas mãos e puxou-o. Fazia uma força danada, procurando levantar aquele monte de roupas de lã, que pesava mais do que as misérias da guerra.

O cabo gostou de ver a força que a moça fazia. Continuou deitado, como se repousasse numa cama.

Das poucas vezes que entrara de licença, essa era uma que ele conseguira dar risadas. Deu um pulo atlético. E o cabo serelepe ficou de pé, num repente, abraçou com toda força o corpinho delgado da garota que a bela região dos piemontes deportara para a baixa Itália.

Não suportando as tenções dos braços do cabo, Pits deu um grito. Logo depois, uma gargalhada gostosa estourou. Empurrando o *caporale*, com todas as forças de que ainda dispunha, a menina ria e fungava, nos estertores da luta de carinhos.

O cabo beijava, dava mordidelas, fungava.

A menina arrepiava-se toda. Ria e gritava.

Novo empurrão de Pits e, desta vez, com mais sorte, a piemontesa conseguiu desprender-se do alicate do cabo. Correu, dando risadas, chamando-o com gestos dengosos, sem olhar para trás.

O cabo tinha ficado estático.

Ébrio de felicidade, acompanhava, com o olhar extasiado, o bambolear daquela figurinha irrequieta. Voltando a si, deu os primeiros passos e, com um grito de "Hip!..." correu em perseguição de Pits.

A velha galeria dava para uma ruela, atopetada de cordas estendidas com roupas a secar. Parecia uma praça engalanada, com bandeira de todas as nações, tremulando ao vento... em feriado nacional.

O cabo alcançou a pequena. Puxou-a por um braço e estancou, num supetão. Ainda ofegante, perguntou à bela *giovanata*:

— Onde é sua casa?...

E a menina indicou, toda sorridente, uma porta encardida, num bequinho sujo, que ficava ao lado. Era perto de um chafariz em ruínas.

— *Vedere*... (Indicou, rasgando o ar úmido de roupas estendidas, com um timbre de voz que só a dona felicidade é capaz de afinar. Num ambiente tão miserável como aquele, a garotinha era um raio de luz. Sempre feliz, continuou)... *Venire!.. Tutte bene...*

Por felicidade minha, os retirantes do Piemonte só falavam italiano. Eles tinham orgulho de sua língua pura e evitavam o dialeto. Era, de fato, uma gracinha, quando as garotas piemontesas falavam, num trejeito dengoso, a sua língua com ligeiro sotaque francês. Essa arma elas tinham certeza de que possuíam.

Ébrio de felicidade, o *caporale* acompanhou Pits, calado, ia ouvindo com atenção as descrições que a menina ia fazendo. Passara peripécias, desde que seu querido *caporale* partira, avançando em busca de novas posições. Já um pouco viciada com o dialeto, Pits, embaralhava, nas descrições, as palavras da gíria local.

A garota tomou um fôlego. Parou, olhou o seu "amore" com sofreguidão. Agarrou a cabeça do *caporale* com as duas mãos e, na sofreguidão do contentamento que não escondia, cobriu-o de beijos. Na testa, no rosto, no queixo... Resmungando e rosnando, como uma gatinha endiabrada.

Ali estava, para Pits, o homem que a salvara. Ali estava, para Pits, uma figura *double-face:* soldado para matar! Mocidade para amar!

Naquela guerra miserável, o Brasil também mandara, por um descuido de seus selecionadores, uma porção de "figuras" em "double--face"... que se matavam, para salvar os restos que sobravam nos escaninhos do front.

Eram figuras esparsas, no burburinho dos entreveros. Na sua neurose, o pracinha ainda encontrava restos de humanidade! Umas vezes: forçando moças, violando templos, estuprando meninas!... Outras vezes: em poucos momentos, protegendo moças, defendendo velhos, acariciando crianças, curando feridas, saciando fome!...

— Quem compreende o homem na guerra?... (Eram perguntas que o velho Conselheiro gostava de fazer. Nunca tiveram respostas.)... Quem poderia explicar os meandros da consciência humana?... Um filósofo?... Um guerreiro neurótico?...

E saía resmungando, como era seu costume, porque as perguntas não teriam resposta.

Em frente, da velha porta, Pits convidou o cabo:

— *Entrare, caporale bello...* (E acariciava, sorridente, o rosto de barba por fazer).

Era uma criança de alma limpa, num corpo de mulher sensual.

Os dois entraram. No vestíbulo, a escuridão obrigou o cabo a tatear com os pés, em busca do equilíbrio que a vista negara.

Um ruído seco, logo que entraram, fez surgir uma claridade. Pits empurrara a porta de seu quarto modesto, naquele labirinto de por-

tas encardidas. Seu quarto estava numa fileira interminável de outros, também escuros, num corredor mofento, úmido e gelado.

Entraram. A porta estalou nas costas do cabo. Ele virou-se num repente, como se tivesse levado um soco. Num salto de gato, agarrou a pequena pela garganta, no instinto natural de sua neurose de front.

Pits, que conhecia muito bem o seu *caporale* nervoso, deu uma gargalhada e abraçou-o, acariciando a nuca do companheiro. Olhando-o com doçura, falou com voz dolente:

— *Caporale mio... buono... mio....* (E depois de um suspiro, deu-lhe um beijo na testa, encarou-o com olhar embevecido e exclamou extasiada)... *Dio, come ti amo...*

Pendurou no pescoço do *caporalle* e beijou-lhe a boca com sofreguidão.

O coração da garota batia tão forte, de encontro ao peito do cabo, dando a impressão que ressoava pelo quarto úmido e gelado.

Ela afastou um pouco e falou, colocando a mão do cabo em seu peito:

— *Sentire... sentire bambina no cuóre...*

O coração batia, descompassado, parecendo que queria sair pela boca.

O rapaz sussurrou no ouvido da bambina:

— O que é que você faz aqui?... (Deu um aperto maior na cintura fina e continuou, sempre com voz suave, com medo de assustar as saudades que o afogavam)... Como é que você veio parar em Pistoia, tão longe de Yóle?...

Puxando o cabo para a cama, onde sentaram-se, a moça começou a descrição de suas peripécias: "Eu estava sozinha, em Yóle, quando chegou um comboio americano. Chegou e ficou acampado por uns dias. Era motorista de um caminhão, um negro muito magro e muito alto... (Parou, pensou um pouco e continuou)... Amedrontada, fui me aproximando do caminhão do motorista preto. Uma força me impelia, mais forte do que minha vontade. Era a fome que me alucinava... (Encarou-me e falou com uma convicção chocante, sempre com voz pausada, cansada, como se viesse de uma longa jornada)... Nós temos pavor dos negros. Os alemães diziam que eles comiam gente espetada num pau... (Arregalou os olhos. Numa voz de criança assustada, falou nervosa, como se tivesse medo que o negro escutasse)... Todo mundo dizia que os pretos comem criança... (Fez outra pausa. Acariciou minhas mãos enluvadas, como se acariciasse uma boneca felpuda. Levantou meu braço e passou, no rosto pálido, a manga do meu capote de lã. Era uma carícia que lembrava uma gatinha manhosa e cheia de meiguice. Sempre com voz calma, sumida e pausada, continuou nas explicações que se tornaram quase uma obsessão)... Falei com o preto. Ele não entendia italiano e nem eu entendia a língua dele. Sorridente, mostrou-me uma caixa de ração "K", daquelas que você sempre me trazia no front de Yóle. Como uma esganada, avancei na mão do *nero* e arranquei, num golpe, a caixa que era minha alucinação... (Uma nova pausa, levou o cabo ao suspense de uma respiração mais alterada. Nova carícia no rosto de barba por fazer, ruiva e áspera. As carícias deviam pedir perdão do crime de se vender para não morrer de fome. Um ligeiro tremor na voz de Pits a sua história prosseguiu nos fios da adversidade)... O *nero* não zangou, não! Sorriu e mostrou uma outra caixa, falando na língua que eu não entendia. Fez sinais para que eu me aproximasse mais. (Encarou-me com olhos vazios. Olhos de saudades de seu *nero*? Não sei. Jamais saberei)... Ele sorriu e mostrou, sorridente, uma fotografia. Era de uma moça bonita, escura, sem ser negra como

ele... (Lá dentro, atentos nas descrições de Pits convictos na condição de confessor, meus botões indiscretos resmungaram: "Será que ela não conhece a cor das mulatas?". Eu quis resmungar qualquer coisa mas Pits tomou a iniciativa, continuando)... Tinha mais ou menos a minha idade e o meu tipo. O *nero* mostrava a fotografia e indicava uma aliança que trazia no anular direito... (Pits levantou o rosto e encarou-me com um olhar perdido. Procurava amparo? Buscava remissão? E, como se não me visse com os olhos do rosto, falava para meu interior, com os olhos da alma que sofria)... Ele era noivo de uma bela *ragazza*... (Um suspiro brotou lá no fundo, revolvendo seu ser que sofria. Numa explosão de lágrimas, o soluço desabou. As comportas abriram-se, não mais suportando a pressão da represa interna. Depois, outro suspiro cortou o silêncio do quarto que dormitava na gélida escuridão. A menina dos piemontes encarou-me com olhar esgazeado. Seus olhos sofridos, escancararam-se como se as imagens de um passado recente a apavorasse. Fazendo uma força além de suas posses, Pits prosseguiu na descrição que a magoava)... Ele me deu tudo!... Tudo!... E me trouxe para Pistoia, em sua companhia... (Novas convulsões no corpinho frágil. As lágrimas, aos borbotões, rolavam dos olhos, umedecendo as luvas de minhas mãos, que ela conservava presa em seu rosto pálido)".

Lágrimas que procuravam remissão!

Minhas mãos, dentro das luvas, tremiam e queimavam, nas explosões do ciúme.

A corça do Piemonte soluçava baixinho. Com uma das mãos, cobriu o rosto crispado. Escondeu-se. Acovardada, por trás de si mesma, como se os seus olhos pudessem revelar-se seus bárbaros segredos. E, ao mesmo tempo, a infeliz ia retalhando, nos dentes miúdos e brilhantes, as frases entrecortadas de soluços. Ao seu lado, eu apoiara-me num braço estendido, fincado na cama, à guisa de estaca. Havia uma sensação de prazer, no sofrimento da giovanata. Levantei os

olhos, num êxtase masoquista. Vi, lá em cima, numa fresta da janela carcomida, numa nesga de céu cinzento-estrangeiro, uma estrela que brincava de piscar. Compreendendo meus sentimentos, os indiscretos botões sussurraram: "No céu de nossas vidas, também há sempre uma estrela brincando de piscar pra gente". E o cabo deixou escapar uma imprecação.

Na pequena pausa que Pits deixara em suspense, o silêncio aproveitara para cobrir-se com o manto roto de lusco-fusco que dormitava no quarto gelado. A bela *giovanata* tinha calado um pouco. Mascou as últimas palavras reveladas com soluço. Não era mais a moça canalha que se vende pra sobreviver. Não era mais a nojenta bambina das *rôbbas*, solicitadas nas provocações do erotismo africano de seu *nero* motorista. Ela respirava, num arfar melancólico, a sofrida humildade dos párias de sua própria desventura.

Olhei para cima. O céu estrangeiro continuava cinzento. Nas pinceladas da imaginação, tudo também era cinzento. Meus botões chatíssimos, que não tinham capacidade para julgar cores, foram desfiando as minhas qualidades: "Está ai, lançado na cara da gente, um pulha que o front fantasiou de homem!".

— Pobrezinha!... Pobre *ragazza*!... (Ia soltando o cabo, de misturas com os afagos eróticos, procurando matar as saudades que o sexo teimava em relembrar).

Sempre agarrada ao cabo, Pits conservava a cabeça inclinada, continuando na descrição de suas peripécias pelos famigerados escaninhos do front:

— Agora estou sozinha... (Repetia em soluços)... Sozinha, sem ninguém que me ampare... Meu *nero* morreu outro dia, de viagem para Nápoles, quando ia buscar munição pra linha de frente... (Apertou

mais suas mãos trêmulas. Novas convulsões sacudiram seu corpo franzino e a menina dos belos piemontes continuou na descrição que não a deixava em paz)... Meu *poverino nero* foi atacado por uma formação de "stukas" alemães num trecho de estrada sem proteção... *Poverino*... Tão negro e tão bom!...

Meus botões aproveitaram a deixa e expressaram com voz soturna:

"Ele era um negro de alma branca".

O cabo não dizia nada. Não podia falar.

Pits queria ser a única testemunha de sua própria desgraça. Tinha parado, novamente, sem esperar minha reação. Apertei os lábios e limpei, num som áspero, um pigarro que me incomodava a garganta seca.

Um ligeiro tremor das mãos finas, passou pela minha cara deslavada. Encarei-a com repugnância. Um calor subiu no meu rosto com barba por fazer. Barba ruiva, agressiva e áspera, como seu dono. Meus botões insuportáveis, sempre indiscretos, rosnaram da janela de suas casas: "Passa a mão suja na cara debochada e nem sente o hediondo reflexo de seus pensamentos! É porco de ações e de sentimentos".

O sexo, mais forte do que os sentimentos humanos afogados na linha de combate, gritava, numa revolta de sobrevivência! Penso, outra vez, nos momentos de felicidade que passáramos juntos em Yóla. Penso numa alucinante nudez. É um nu real, cru e sensual. As gotas brilhantes, rolam pela pele jovem, no vale dos seios entumecidos. Uma sensação cruel, percorre meu cérebro amolecido pelo erotismo da cena...

O cabo sacudiu a cabeça, procurando jogar fora aquela imagem que o queimava em sonhos.

Um urro interior, jorrou pela boca entreaberta.

Não podia admitir, nos borbotões dos ciúmes que se formavam dentro do peito, que um negro qualquer, pior ainda! Um preto americano (um gringo nojento), fosse toldar-lhe as recordações tão gratas às suas sádicas ruminações.

E, sem esperar, saltou da cama, dando um uivo:

— NÃO!...

Assustou-se com o próprio grito.

A pequena nem notou. Estava em soluços, trespassada pelas angústias que a afogavam. Prosseguiu na sua narração, como se nada houvesse acontecido:

— Meu *nero* fazia tudo por mim... e nada pedia. Era uma alma de criança... (Depois, como se retornasse de um sono hipnótico, ela fez a pergunta que ninguém podia responder)... Negro, quando morre, vai para o céu?...

O cabo sentiu que o mundo explodira debaixo dos pés. O chão faltava-lhe nas botas. Não podia, jamais, responder àquelas perguntas, porque o demônio do ciúme liquidara com os últimos vestígios de humanidade que ainda rastejavam no coração do *caporale*. As emoções eram demasiadas, jorradas no acúmulo de um ciúme que afogava.

... "Negro, quando morre, vai para o céu?"

Deu um salto de felino. Empertigou-se na potência da sua neurose que sempre andava de prontidão. Trovejou, num extravasamento, fulminando a garota desesperada:

— *MAIALLE* (porca)!... Imunda!... Você não passa de uma venal piemontesa que se troca pela primeira ração "K", com qualquer negro que

encontra!... (Dando um empurrão na infeliz menina, o cabo continuou nos gritos selvagens)... Vá! Infeliz!... Vá! Que a rua está cheia de garotas do Piemonte, vendendo-se para os negros americanos... (E, numa pequena pausa, para tomar o fôlego que faltara na exaltação das palavras, o cabo deu um safanão no corpinho indefeso, prosseguindo, sempre aos berros)... Vá procurar os negros, sua cadelinha!... Eles estão ricos de ração "K" que roubam dos pracinhas que morrem na linha de frente... (Pegou a menina pelos cabelos, levantou-a um pouco e gritou-lhe no rosto de feições cansadas)... Você não passa de uma repetição nojenta de todas as italianas que tenho conhecido nesta merda de guerra!... (Arremessei a coitadinha na cama imunda e continuei)... Fui um idiota, quando acreditei numa pequena diferente das outras. Todas são iguais!... Todas!... Todas!... (O cabo fez uma nova pausa. Olhou, encolerizado, para a moça que nem respirava de medo. Levantou a mão e, cego de raiva e de ciúmes, BRANDIU um tapa. O som ecoou soturno, no rosto escorrido de lágrimas... lágrimas da pequena que chorava a morte de seu negro bondoso. E um som cavo, seco e choco, perambulou pelas paredes encardidas, rolou no chão imundo e perdeu-se, diluído na fumaça do aquecedor ordinário, que fumegava num canto do quarto).

Um grito abafado escapou da boca que soluçava.

Com mãos trêmulas, a jovem acariciou as marcas do tapa que queimavam seu rosto macilento.

Como um possesso, o cabo abandonou o quarto frio, ao bater a porta de cor suspeita, ainda ouviu, soluçando mansinho, a menina que os belos Piemontes desterrara para os escaninhos do front.

Ainda tonto com tanta barbaridade, o cabo pôde ouvir, sussurrando também temerosos, seus botões indiscretos: "Ela está soluçando baixinho... baixinho... como se tivesse medo de acordar o seu *nero* que dormia nos tapetes da eternidade".

O cabo deu um tapa no ouvido, como se procurasse espantar um pernilongo da consciência.

No vestíbulo fedorento, o cabo ainda ouviu palavras com restos de soluços:

— *Poverino*... Tão negro e tão bom... (Reclamação baixinha, acovardada como se fossem pedaços de oração, cortadas de soluções abafados).

A menina dos Piemontes tinha medo de acordar seu *nero*.

No escuro, o cabo tropeçou em alguma coisa. Um ruído de lata ressoou no ar pestilento. Soltou um palavrão e avançou, como um doido, em busca da saída almejada.

Precisava de ar. Precisava de ar puro, para aliviar os pulmões sufocados de emoção e da catinga de fumaça dos aquecedores mambembes.

Na calçada, ouviu uma voz num ranger de dentes:

— "Você não passa de um canalha!..." (Meus botões, lá do fundo, afogados nas roupas de lã e no calor das emoções, explodiam no peito magriça)... "Além de ser um animal lascivo, ainda é ciumento e covarde!...".

Resmungando, o cabo atravessou a ruazinha embandeirada nos cordéis de panos coloridos. Os trapos drapejavam ao vento. Exibiam intimidades femininas, que nossos olhos adivinhavam seus segredos.

Lá no front, numa de nossas famosas discussões sobre os problemas do praceba em combate, eu, certa vez, perguntara ao velho Conselheiro:

— Professor, será que essa voz que escutamos aqui dentro... (E batia no peito, para melhor confirmar o que eu dizia)... Será que elas vêm da consciência do praceba?... Eu sempre ouvi falar que a voz da consciência fala mais alto e é gritada do fundo do ser... Comigo é aqui que a coisa fala... (E eu batia no peito, mostrando o local dos botões que sempre estão me amolando)... E a voz não grita, não! Ela fala bem baixinho!...

— Você nunca tinha escutado essa voz, antes?...

— Não! Professor!... Não tinha não!... (E olhei o camarada com desconfiança. Notei que ele deixara transparecer um fulgor estranho e malicioso. Voltei à carga, desta vez, procurando ler suas reações nas entrelinhas das respostas)... Por que é que você me perguntou isso?...

— Ora, xô!... (Um gesto de desprezo, pairou no ar saturado de fumaça das explosões das famigeradas 290 dos boches)... Se você não havia escutado essa voz antes, é porque não passa de um insensível... (Passou a mão cadavérica pelo queixo pontudo, como se rebuscasse uma explicação melhor. Esparramou um olhar vago para os limites de sem-fim e prosseguiu, numa voz cansada)... Naturalmente, sabemos que você não é lá muito de autocrítica.

Não esperei que o velho camarada continuasse. A pergunta, num tom imperioso, cortou o ar:

— Autocrítica?... Explique-se melhor, homem!... (E franzi o nariz, na expressão característica de admiração e desprezo. Voltei à carga, com entonações de incertezas)... Que negócio é esse "pra riba de moá"?...

— Oh! Meu Deus!... Qua santa ignorância!...

E Zé-Conselheiro afastou-se, resmungando qualquer coisa. O velho estava penalizado com as burrices de seu camarada. Era uma estupidez que o arrastava às vias da loucura, conforme sempre se queixava.

Às vezes, ele reclamava que já se sentia muito cansado para ter que dar, sempre, mais explicações. No caso dos "porquês", então, o velho reclamava que já eram demais.

Era assim, nas lacunas dos entreveros do front, que os pracinhas de Pindorama discutiam, com os colegas, seus problemas íntimos. Eles não notavam que as patas da guerra iam devorando, lentamente... um por um... aos poucos, numa satânica voragem de gulosa insaciável.

"E a guerra tudo devora!... Tudo!"... (Ruminava, meus botões, encarcerados nas janelas das casas esburacadas de minha farda de lã ordinária).

E uma aragem, trazida não sei de onde, sussurrava retalhos de versos que os poetas não conhecem:

Um negro de alma branca,
amara minha doce bambina.
Com jeito, carinho e ração "K",
comprara seu corpo-menina!
— *"Mio Nero! Mio Nero!..."* gritava,
chorando, minha bela *giovanata*!
O *caporale*, possesso, urrava:
— "Nojenta! *Maiale*! ingrata!... "
E a guerra, que tudo devora,
maldita! Canalha! De sádicas termas!
Impudicamente, lambendo corpinhos,
Babando salivas, gosmando lanternas.
E o negroide magriça, fardado,
de terra distante, de gente racista!
Tombou, coitadinho, num sujo valado,
sorriso nos lábios, de lei pacifista!
E o branco bacana, de gente garbosa,
sujou na retranca! Borrou na história!
Mas o negro humilde, de gente umbrosa,
honrou sua raça! E tombou com a glória!

CAPÍTULO XVI

ANGELO DE BAMBINI

O sol amarelo escorria pelas colinas de Pistoia, lambuzando o chão gelado de um colorido de enxofre velho...

Um pássaro cortou o ar, com um ruflar de ave ferida. Longe, num horizonte desconhecido, a silhueta das colinas cutucava um céu narcotizado pelo entardecer.

O cabo esbaforido, para por uns momentos, em busca de um rumo que não encontrara.

Para e pensa. Pensa e sonha...

Os pensamentos voam, livres das cadeias terrenas, em busca de uma paisagem mais amena... Mais humana.

O cabo devaneia numa alucinante nudez. É o mesmo nu molhado, gotejante, de um corpo jovem que sai de um regato. Nu molhado, cru e sensual. As gotículas deslizam pela pele morena, enfeitando o corpo de pérolas brilhantes. As gotas relam pela carne jovem, espreguiçando-se no vale arfante. Uma sensação cruel, de ciúme e revolta, percorre o corpo do cabo que devaneia... num cérebro latejante de sensualismo.

E o sol amarelo, preguiçoso e lânguido, vai escorregando, lentamente, com medo de escurecer a guerra que os homens iluminavam com os clarões de suas bombardas.

De algum desvão sombrio, um piar sibilou no ar parado.

O cabo voltou à realidade.

O piar sibilou no interior, trincando as sombras de seus devaneios.

Com passos rápidos, atravessou a galeria sombria, de colunas delineadas em linhas góticas. Alcançou o beco que escondia as arapucas dos prostíbulos. Quando entrou na praça, o formigueiro humano continuava ululante: dando lances, soltando blasfêmias, jogando palavrões. Uma nova chusma de criança acercou-se do cabo, implorando chocolate. A maldita barra de cacau, abria, muitas vezes, as maiores portas do câmbio negro.

— Nunca procuramos saber o "porquê" desse valor... (Falara, certa vez, o velho Conselheiro, numa das viagens de "tocha" que fizéramos em Livorno).

— É mesmo, Professor... (Respondia, com ar pensativo, cansado da paisagem repetida que o QT ia engolindo, de volta para nossa posição).

— Coisas da guerra... Coisas da guerra, *caporale* abelhudo... (Com uma tragada, o velho camarada encerrou o assunto, derramando um olhar extasiado lá no fundo, bem onde o céu estava brincando de esconder atrás de um montículo gorducho).

E o QT, numa disparada louca, ia engolindo o asfalto esburacado que os ataques bordavam em seu leito. Era uma serpente negra, ondulante, subindo e descendo, jogada com displicência, sobre a ondulação do terreno acidentado.

Sempre com passos ligeiros, o cabo ia afundando nos seus cismares.

Ouviu uma voz esganiçada. Era Gino que o chamava pelo apelido:

— Castanha seca!... *Caporale castagne sêque!... Spetta-me um pô...*

Eu tinha o apelido de castanha seca, porque meu nome de guerra, Cabo Rebuá, fazia lembrar um dialeto da Lombardia. O povo dera o nome de "rebuá" à castanha seca. A turma achou muita graça e logo me batizou de "*Caporalle* Castanha Seca".

Intrigado, procurava quem me chamava com tanta insistência, pelo apelido lá no front. Eu sabia que, da guarnição, somente Zé-Conselheiro e Gino me acompanhara à Pistoia. O primeiro, tinha ficado lá no sobrado nojento, escarafunchando na loira sinuosa, os espasmos do sexo há muito reprimido. O segundo, tinha ido em busca de informações de seu amiguinho e deveria encontrar-se, comigo, na base do comboio.

Parei e olhei, desconfiado, para a direção dos gritos.

Quase nas minhas costas, o garoto gritou novamente:

— *Caporale Castagne Sêcca!... Presto!...*

Virei, num repente, reconhecendo a voz de Gino.

Mais calmo, o garoto começou a me explicar:

— Cabo, achei Pim-Pim... ele está internado no hospital das crianças... (Um fôlego para continuar. Seu coração batia tão forte, que o cabo podia escutar. Deu um sorriso amarelo, engoliu em seco e continuou)... É lá no hospital que os aliados chamam de "Anjo das Crianças"... (Fez outra pausa. A corrida fora forçada e as emoções o sufocavam. Agarrou meu braço, numa sofreguidão, e rogava, quase chorando)... Vamos... Quero ver Pim-Pim.

O garoto estava ofegante. Com todas as forças que a sua figurinha podia recrutar, Gino puxava o *caporale* pesadão. Empurrando, esbaforido as pessoas que lhe tolhiam a passagem, o menino arrastava o cabo pela mão, sempre falando:

— Vamos, Castanha Seca...

Na luta contra o populacho malcheiroso, Gino soltava impropérios, rangia blasfêmias, largava empurrões...

O cabo sorria, esquecido dos azares que o seguiam.

Saíram numa outra ruela em penumbra. No trajeto, Gino ia explicando as notícias sobre seu amiguinho de Pietracolora:

— *Pim-Pim malato de gamba* (Pim-Pim está doente da perna)... *Repousare in "Angelo de Bambini"... Tanti pícolli ragazza* (Repousa no "Anjo das Crianças", com outras tantas crianças).

Eu sabia que as tropas aliadas mantinham, em Pistoia, um hospital especializado para crianças mutiladas. Diziam que nesse hospital as cenas eram horrorosas. Os restos de guerra que nele se asilavam, eram verdadeiros monstrengos da infância sacrificada.

Já Conselheiro nos dizia:

— Em Angelo de Bambini, os médicos fazem milagres: arrumando, ajeitando, empilhando, os restos das crianças, como se brincassem com um intrincado quebra-cabeças.

Zé-Conselheiro tinha razão. Só quem visitou aquele "asilo de monstrengos", poderia calcular as suas comparações.

O Professor sempre tinha razão!

Segurando com mais força a mão do garoto, arrastei-o pelos labirintos de ruelas tortuosas. Perguntando aqui, informando ali, eu ia puxando meu amiguinho que não parava de falar.

O desenrolar abrupto dos últimos acontecimentos: o sobrado do tísico no catre imundo; o quartinho fedorento de Pits, minha flor devassada nas mãos de um crioulo americano; os gritos angustiados de Gino, numa fúria de felicidade; levavam-me ao desatino, fazendo-me arrastar o coitadinho. Eu nem me lembrava que ele ainda trazia, agarrado como quê, o embornal com suas *rôbbas* para Pim-Pim.

Era o peso além de suas forças.

Logo adiante, o garoto estacou. Olhou para o cabo, olhou para o meio-fio... e soltou um suspiro de alívio. Com voz sumida de cansaço, falou, quase num sussurro:

— Pare! *Caporale*... não aguento mais... (E deixou cair seu corpinho exangue, num outro suspiro de alívio, como se descarregasse todos os pesos que sobrecarregavam a humanidade ferida pela guerra).

O cabo olhou o garoto, como se não concordasse com o gesto do menino.

Gino deixou cair o embornal no chão e, levantando a cabeça enfeitada com o gorrinho de lã, falou para o cabo, numa reprimenda ingênua:

— *Malatto de testa?* (Doente de cabeça? Doido?)... *Capisco*?... (E fazia o sinal característico, com o indicador dando voltas na fronte, indicando o gesto universal de quem está doido)... *Malatto de testa?*... (Repetiu, com um sorriso que iluminou até a ruazinha imunda e lamacenta).

O cabo sorriu, gostando da piada do garoto. Gino era muito inteligente. Gostava de piadas. Estava aprendendo, com facilidade, a falar nossa língua, com o velho professor.

— Vamos, Gino! Vamos!... Não tenha receio! Nós encontraremos seu amiguinho no hospital... (Eu tinha a certeza do que falava, porque o soldado brasileiro era bem recebido em qualquer lugar. Nos restaurantes, nos clubes, nos cabarés... lá se via a farda indecente do zé-carioca, misturada com a farda dos aliados).

Foi Meia-Um quem primeiro excomungou nossa farda horrorosa:

— Você sabe, Cabo Velho, que eu tenho uma vergonha dos diabos, quando vou fazer umas "tochas"?... (Fazia um gesto largo, com as mãos espalmadas, mostrando a medonha farda que os brasileiros vestiam na velha Europa. Corria os olhos no monstrengo verde-oliva e continuava)... Nossa farda é muito mais feia do que a dos crioulos americanos!... (Encarava-me e lançava na cara da gente, a pergunta que doía)... Você tem vergonha da farda que veste?... Ela é jegue, de pano zurrapa, modelo grávida e escrota... (Mudando a voz, perguntava)... Por que a farda dos oficiais é de gabardina?... Será que eles têm medo de nossa concorrência com as *biondas*?...

Meia-Um também tinha razão, como o velho Conselheiro! Todo mundo, no meu setor, tinha razão!

Tudo era contra o pracinha, quando se tratava de oficial brasileiro. Zé-Conselheiro sempre nos aconselhava:

— Cuidado, bugrada!... Quando vocês saírem nas "tochas", fujam do jipe com o "Cruzeiro do Sul"... (Uma cuspidela de nojo. Um levantar de sobrancelhas em vírgulas. Uma praga e novos conselhos)... Jipe com "Cruzeiro" no capô, é pior que cobra-cruzeiro... (O indicador furando o nariz da gente, e as recomendações continuavam para o praça desprevenido)... No bicho de quatro rodas, com pintas de estrelas, foge dele! A cobra vai fumar no praceba e é só pena que voa... (Dava uma risadinha e terminava os conselhos com esta afirmação)... É cobra cascavel, das bem peçonhentas e com um CRUZEIRO pintado na cabeça.

Essa recomendação sempre foi respeitada pelo pracinha em "tocha": Fugir do jipe com o CRUZEIRO DO SUL, como o diabo foge da cruz.

Sentindo que eu tinha sido muito ríspido com o garoto, sentei-me perto dele, esperando que tomasse mais um fôlego.

Compreendendo meu gesto, Gino derramou um sorriso de gratidão. Estava muito cansado para que pudesse falar.

Abaixei, desenxabido. Peguei um pauzinho e comecei a riscar arabescos no chão lamacento. Distraído, Gino ia acompanhando as linhas que eu traçava no barro gelado.

Quanto tempo passara?

Somente a guerra poderia contar.

Com os olhos piscando, Gino encarou o amigo e falou:

— Vamos, *Caporale* Castanha... Já é tarde e eu quero ver Pim-Pim...

Levantei, não muito convencido da missão. Dei os primeiros passos, arrastando Gino num andar de sete-léguas.

— Calma, seu Castanha Seca!... (Reclamou o menino)... Assim eu não aguento chegar até lá...

— Desculpe, Gino... (E não falei mais nada).

Logo adiante, um casarão de três andares, velho e enorme, sobressaía na paisagem de casas centenárias. Numa arcada de granito cinzelado, uma tabuleta aparecia, em cima, com letras enormes: ANGELO DI BAMBINI.

Gino gritou, alvoroçado:

— Veja, *Caporale!... Eccole!...* (E, na confusão das exclamações, ele ia misturando português, italiano, dialeto e quejandos. Era uma salada de exclamações, que só a satisfação pode motivar)... *Ecco!...* (Exclamou de novo)... Bem que eu falava... Pim-Pim, meu velho amigo de Pietracolore... *Oh! Dio Mio... Que belo... que belo...*

Entramos pela bocarra da porta escancarada. Fomos engolidos pelos portais de granito, como se fôssemos dois pigmeus fardados de *brasiliano*.

Um formigueiro de farda, uniforme de enfermagem, batinas, hábitos de freiras, entupiam os corredores mal iluminados. Salas, escadas, compartimentos, tudo estava numa balbúrdia do vai-e-vem apressado, como se ninguém entendesse ninguém.

— Do que é que esse pessoal corre?... (Perguntou meus botões).

Ninguém deu resposta. Não havia tempo.

Procurei um enfermeiro italiano e indaguei:

— *Paizá*, onde está a enfermeira das crianças recuadas de Pietracolore?... (Falei, num sanduíche de italiano, dialeto e gestos).

— *Terzo piano...* (E levantou a mão, com três dedos bem esticados, contando, um-por-um, para que eu melhor o entendesse)... *Uno, due, tre...*

— *Gratias...* (Rosnei, já distanciado, tendo Gino seguro nas mãos).

Subindo as escadas, de degraus largos demais, construída em madeira que o tempo não conseguira destruir, fui arrastando o menino.

Devia ter sido um palácio de nobreza carcomida... (Sussurrou, meus botões, fazendo-me cócegas no gorgomilo).

— Cale a boca!... (Gritei, sem notar que outros ouviram).

Quase morri de vergonha, quando o som ecoou pelo vestíbulo do segundo andar. Gino assustou, levantou a cabeça e olhou para seu amigo encabulado, sem nada compreender. Na ingenuidade que a guerra ainda não conseguira destruir, ele perguntou assustado:

— O que foi, *Caporale*?...

— Nada!... (Rosnei, com um rabo de olhos)... Não ligue pra isso... (E passei a mão na barba por fazer, num gesto instintivo de defesa. Eu não encontrara argumentos para a resposta).

Nos últimos degraus do terceiro lance, o menino reclamou:

— *Capo*... (Ele gostava de me chamar assim: CAPO – em italiano: chefe, cabeça, caudilho, etc. – quando necessitava de uma expressão mais carinhosa que me fizesse atendê-lo)... *Capo, io atanco*... (E respirava com dificuldades, provocada pela subida forçada).

Parei e olhei penalizado para o garoto.

Não havia lembrado que Gino tinha as pernas curtas para os degraus excessivamente largos. Também, coitadinho, ele ainda trazia, a tiracolo, o embornal de "rôbbas" para seu amigo. Um farnel que o massacrava no peso e no tamanho.

Num gesto delicado, tomei o embornal do menino e atirei-o no ombro. Com mais calma, continuamos a subida. Estacamos no imenso patamar. Havia corredor para a direita, para a esquerda, para frente e para trás.

Qual deles tomar? Eis a questão!

Um enfermeiro, de uniforme engomadíssimo, rosado e todo serelepe, ia passando por nós. Meti-lhe a mão no peito engomado e fiz a pergunta, como se ele fosse culpado de Pim-Pim estar hospitalizado:

— Ei, cafajeste!... (Nós gostávamos de empregar termos pejorativos, a torto e a direita, sabendo que ninguém compreendia português)... Ei, cafajeste engomado! Onde é a enfermaria dos meninos de Pietracolore?... (E corri os olhos, de cima a baixo, num exame minucioso, como se eu fosse um general passando revista na sua tropa em farda de gala. Eu recebera um choque ao ver a limpeza exposta, tão despudoramente, na frente de um pracinha que só conhecia imundície, fedentina e barro. Depois, empurrando meu assustado enfermeiro, falei com ar de arrogância)... Vamos, seu capadócio, onde é a enfermeira?...

O camarada olhou pra minha cara e fuzilou-me. Seus olhos eram mais verdes do que os verdes mares de minha terra natal. Tirou uma linha da minha arrogância. Deixou escapar um sorriso de mofa e respondeu numa voz compassada, clara e fulminante:

— Em primeiro lugar, sou médico! E não enfermeiro como você pensou. Em segundo, eu falo corretamente a sua língua, como está vendo, porque fui professor adido de nossa embaixada, em sua terra... (Correu os olhos de cima a baixo. Olhos verdes, penetrantes, inquiridores. Depois, dando-me tapinhas nas costas, prosseguiu)... Em terceiro, estou aqui, porque fui inutilizado em Ânzio, quando minha barcaça de invasão explodiu na praia...

E saiu manquitolando, num gingar desengonçado.

O homem engomado fazia uma força dos diabos, para se equilibrar nas duas pernas mecânicas que a ciência lhe colocara.

Gino olhou pra mim, depois para o homem engomado. Nada podia falar, porque nada compreendera.

— Ainda bem que o garoto não compreende nossa língua... (Cochichou nas minhas orelhas em fogo, os meus botões que tudo escutava).

— Vá merda!...

E avancei para outro enfermeiro engomadíssimo, que estava lendo uma papeleta que trazia nas mãos brancas como cera.

Bati no ombro do engomado e falei:

— Ei, velhinho!... (Desta vez a covardia não permitiu um pejorativo)... Onde posso encontrar um menino de Pietracolore?...

Era médico, virou-se pra mim e respondeu:

— *What? I don't speak portuguese. Find an italian one* (O que? Eu não falo português. Procure um enfermeiro italiano)...

E entrou numa sala atapetada, batendo com a porta na minha cara espantada.

"Quem seria o boneco atrevido?", pensei alto.

Meus botões, que nunca se faziam de rogados, massacrou-me com esta:

— Você é burro, seu *caporale* convencido. Aquele bonequinho engomadíssimo, como você disse, era o médico-chefe do hospital. Tá?... (E um risinho mofa estalou dentro da farda de lã).

Larguei um palavrão e não respondi. Não havia o que responder.

Ainda tonto com as palavras do médico, peguei Gino e voltei para o patamar, em busca de direção.

Em sentido contrário, vinha uma freira, franzina, de passinhos miúdos como sua figura. Estava aureolada nos hábitos de uma alvura imaculada. Seus olhos eram meigos e seus gestos eram delicados. Tudo lembrava a mãezinha que ficara tão longe...

Avancei em direção da freira e rasguei um italiano macarronado:

— *Sorella, per gentileza...* (Uma pequena pausa. Remexi a memória em busca de um vocabulário acertado. Nada! A desgraçada da cachola sempre falhava na hora "H").

A freira encarando-me com ar de assombro, perguntou:

— *Parla italiane?...*

— Si... si... (Respondi, satisfeito da vida, vendo que ela me auxiliava. Mais desafogado, arrisquei nas perguntas)... *Sorelle, per gentileza, bambino de Pietracolore... Dove?...*

A freira arregalou os olhos. Inclinou a cabeça para confirmar o que vira em meu braço: o escudo "BRASIL".

"Sim"... pensara consigo mesma. Esse é brasileiro de front.

Eu ainda não atinara com as reações que iam se despontando na fisionomia estarrecida da freira pequenina.

Ela recuou um pouco, como se vacilasse. Encarou-me com olhar frio. Balbuciou qualquer coisa que não pude entender.

Virei à procura de Gino, como se pedisse socorro para ele. Também o garoto nada entendia, notava-se, na sua fisionomia.

Ansioso, voltei a encarar a freira miudinha. Ela, então, senhora de sua descoberta, fuzilou-me, de cima a baixo, com um olhar que me gelou até a raiz da alma.

Gino nada compreendia. Ele quis articular qualquer coisa, mas as palavras morreram no nascedouro, estarrecido com a atitude da freira para com seu amigo *caporale*.

Apertando os lábios macerados, a freira miudinha indicou-me o corredor com um movimento de cabeça.

Só então, é que notei a transformação que se fizera no rosto e nas atitudes da irmãzinha de hábito imaculado. Seu olhar fuzilara-me com asco, enquanto sua mãozinha esbranquiçada, mirrada e transparente, percorreu o ar, em sinal da cruz.

A religiosa benzia-se, para não ser contaminada no hálito pestilento do *caporale* que arrasara Pietracolore e ia visitar suas vítimas!

Era demais! Ela não suportara!

A freira se benzera, para não ser contaminada pelo bicho que fora homem, que destruía cidades, que arrasava escolas, que profanava templos, mutilava crianças e ainda vinha visitá-las...

A religiosa não suportara encarar o carrasco que, depois da execução, ia visitar os corpos mutilados de suas vítimas inocentes!

Era demais!

E lá do fundo, os botões falaram:

— A freira miudinha tinha razão!... (E um suspiro escapou)... Essa é nossa guerra!...

E os botões indiscretos, começaram a declarar uns versos que eu nunca fiquei sabendo onde foi que eles aprenderam:

Herói de Barro,
que arrasava.
Verme do escarro,
que dizimava.

Herói de Barro,
que mutilava.
Animal-guerreiro,
que massacrava.

Herói de Barro,
não tem vergonha?
Duma freirinha,
levou carona!

Herói de Barro,
que bela história!
Com lixo e lama,
medalha e glória!

CAPÍTULO XVII

O TRIBUNAL DO SILÊNCIO[39]

Ao longe, de muito longe mesmo, vinham acordes de uma cançoneta napolitana. Um estremeção percorreu o corpo esgotado do *caporale* insensível. O tremor desceu pela espinha, eriçando a pele crestada pelo inverno.

Lá fora, o sol teimava em prolongar sua agonia do entardecer, sujando tudo, com um tom de enxofre encardido. Num horizonte picado pelos espetos das serras pontiagudas, os raios solares pincelavam o céu em revolução.

Num capricho de megera sanguinária, a natureza procurava imitar os homens que se matavam. Se as cidades consumiam-se em chamas, o céu também, nos caprichos da bruxa ceifadeira, afogava-se nas tintas de sangue.

Meus botões, hipnotizados pelo ambiente sórdido, perguntaram, com voz acovardada: "Qual das duas seria a mais abjeta?".

O cabo tentou responder. Seus lábios tremeram, engoliu em seco uma saliva que foi lixar a garganta em fogo. Sua boca repuxou na resposta que não veio. Balbuciou uma imprecação qualquer e calou-se. Ressoando pelas paredes carcomidas do casarão que fora nobre, a pergunta insistia: "Qual das duas seria a mais abjeta?".

No silêncio que sufocava o peito abafado nas emoções, os botões voltaram à carga, como se a própria voz do infinito os libertasse em

[39] Este esboço foi datilografado em Poconé, MT, quando diretor do Ginásio Estadual "Bel Ribeiro de Arruda" em junho/1965, nas férias [N/A].

gritos: "QUAL SERIA A MAIS ABJETA? A GUERRA IMUNDA QUE LAMBUZAVA OS CAMPOS DE SANGUE, OU A MEGERA DESPREZÍVEL QUE SUJA O CÉU DE TONALIDADES VERMELHAS?".

Estarrecido com as últimas palavras, o *caporale* estancou, dando um safanão em Gino, que o encarou assustado.

Virando-se para todos os lados, como se procurasse alguém, o cabo demonstrava nervosismo e angústia.

Num tom debochado, meus botões voltaram, com voz sarcástica: "O CRIMINOSO VOLTA À CENA DO CRIME!"... (Uma risadinha de arrepiar a medula)... "SACIA SUA TARA INFANTICÍDA, PROCURANDO SUAS VÍTIMAS NOS RESTOS QUE SOBRARAM!"... (Novas risadinhas debochadas. E a voz fininha, ranhenta, manhosa, voltou à carga, massacrando os nervos do cabo que explodia nas emoções superpostas)... "E O CRÁPULA FARTA-SE NO QUADRO IMUNDO DE SUA BOÇALIDADE FARDADA!".

Um grito ecoou no corredor abafado.

Não era bem um grito: era mais um urro. Um urro de animal ferido:

— CALEM-SE!... CALEM-SE, PELO AMOR DE DEUS!...

E o cabo levou as mãos no ouvido. Olhou, apavorado, para o menino que nada entendia.

O pantaneiro pegou o garoto pela mão e avançou, sem muita convicção do que fazia, para o corredor mal iluminado. Lá no fundo, em cima do portal, havia uma tabuleta.

Gino soletrou alto e deu um grito de contentamento:

— Pietracolore!... Veja, *caporale* Castanha...

O homem levantou os olhos e leu. Seu corpo magricelo, balançava na indecisão, narcotizado pelas esmagadoras acusações de seus botões maldosos.

Gino largou das mãos suadas de seu amigo que transpirava, como um louco, o garoto disparou para a enfermaria.

A figura fardada, indecisa e acovardada, estacou na porta. Era o emblema das maldades humanas. Ela sintetizava, no uniforme, o matador oficial despachado pela pátria orgulhosa. Ela simbolizava o direito às glórias de assassino aquartelado, na Itália que chorava.

Um cheiro de sofrimento, escorreu pela pele do cabo apavorado. Lambuzou as narinas dilatadas nas emoções. Passou pelo peito esquelético e foi descontar as pancadas do coração genocida.

O salão da enfermaria fervilhava dos odores dos sofrimentos.

As amarguras soluçavam em cada canto. As angústias rolavam pela parede encardida. As tristezas sufocavam as fisionomias que foram humanas.

Um bafo azedo, de melancolia infantil, veio saldar o cabo. Ele era o artista incomparável de tantas estatuetas mutiladas em Pietracolore. O *capo* também esculpira, com cinzel do ódio, as obras dantescas que lotavam aquele hospital.

A melancolia escorria de bocas sem lábios... gotejava de olhos sem lágrimas... exalava de gestos sem braços.

Era uma melancolia que matava mais do que a guerra!

E novamente, os botões miseráveis, num sarcástico risinho, foi desfiando, sadicamente, os versos que nunca mais o cabo pôde esquecer:

Um cheiro sofrido,
parede escorreu...
Lambuza tormento,
menino gemeu...

A sombra soluça,
cantinho da sala,
Exala, tristonho,
suspiros senzala...

Artista zureta,
burila corpinhos:
caolhos, manetas!
Cinzela monstrinhos...

São filhos perdidos,
de guerra cruenta.
Meninos banidos,
de vida nojenta!

Babando, chorando,
num triste caminho.
Rastejam na vida,
ingrato destino!

Maldito soldado,
matando, roubando!
Bandido fardado...
No sangue nadando!

Dei mais alguns passos. As cenas eram jogadas na cara da gente, sem consideração... sem um preparo cênico... de uma chocante hediondez!

Meus tímpanos gritavam, ressoavam, zuniam, estalavam!

Meu coração (se é que eu ainda tinha) saltava descompassado.

Zé-Conselheiro ia desfiando nas comparações, cada um dos mutilados que ia sendo exibido na passagem pelas camas imundas. Lembro-me de umas comparações que ele fazia:

— A guerra vai exibindo, com delícias de sadismo vingativo, numa crua realidade, nossa abjeta missão nos campos da velha Itália.

Como se não tivesse mais voz, Zé-Conselheiro apontou o chão. Antes, olhei para seu rosto seco e tostado de geada. Seus olhos estavam esbugalhados e brilhavam, estranhamente, nas órbitas encovadas de vigílias no front. Voltei a vista, para onde o Professor indicara. Estatelado, o braço do velho camarada continuava a indicar a coisinha que rastejava no chão.

— Não é possível... (Resmunguei).

Rastejando como verme, um mutiladinho passava. Suas pernas tinham sido amputadas, rentes, bem nas virilhas. Era impelido por dois braços, nuns pulinhos de sapo perereca... firmava as mãos no chão e dava um pulo com o pitoco do tronco. Era pavoroso!

Novamente Zé-Conselheiro aproximou-se e cochichou, com medo que o "sapo-perereca" ouvisse:

— Nossa Senhora!... Para completar a obra, o coitadinho não tem nem orelhas... (Fez um gesto conhecido de quem ia cuspir no vão dos dentes. Trancou os lábios. Não encontrava onde jorrar a golfada dos esguichos. Engoliu em seco, fazendo um ruído escandaloso. O gorgomilo subiu e desceu, lixando a garganta seca).

Zé-Conselheiro tinha engolido o próprio pensamento.

Mais adiante, embaixo de uma janela que dava para um oitão ajardinado, dois monstrinhos liam.

Cutuquei o Professor, mostrando o catre sujo em que se aboletavam.

Um garotinho mirrado, compenetrado, soletrava num livrinho seboso. O mirrado monstrengo não tinha pernas... e estava encarapitado, feito macaco, nas costas de um mais forte e mais velho. O segundo não tinha braços: só tinha pernas.

Meus botões exclamavam: "VEJA!... O QUE NÃO TEM BRAÇOS, SEGURA O LIVRO E LÊ PARA O QUE TEM SÓ PERNAS".

Rasguei o pigarro seco. Estava com medo que os meninos escutassem uma tosse incômoda que me fuxicava a garganta.

Virei a cabeça, procurando meu velho amigo, receoso de que ele me cutucasse, como era de seu costume, com suas famosas cotoveladas.

— A desgraça unira os dois meninos... (Era Conselheiro quem falava, com um olhar absorto, vago, sem brilho e murcho. Pensara alto!).

Um garotinho sem as duas mãos, todo saltitante, aproximou-se e começou a descrever a vida dos xifópagos da guerra:

— O mais forte aceitou o magrinho, porque precisava das mãos dele para comer... (E o garotinho maneta ia fazendo gestos com os braços pitocos, dando uma sensação horrível aos dois praças que o escutavam de boca aberta. Sempre risonho, continuou em sua voz aflautada)... precisa das mãos dele pra lavar o rosto, para tomar banho e até para limpar a bunda... (olhou intrigado para os dois estarrecidos pracebas e afirmou)... Sim! O magrinho não larga o outro nem quando ele senta na privada... (Deixou escapar uma risadinha de escárnio e saiu, todo serelepe, como quando veio).

Eu quis falar qualquer coisa. Conselheiro levou o dedo nos lábios e indicou silêncio, à velha maneira de me mandar calar, quando se sentia o senhor das conclusões:

— Esse diabinho é tão despeitado pela situação do outro que não tem braços, que até goza com a desgraça do seu similar sem mão... (Olhou para o garoto que se afastava, dando pulinhos, e prosseguiu, mastigando as palavras com raiava)... Como ele é muito fraco e pequeno, para carregar um colega nas costas, vai contando a todo mundo o que seu "sinônimo" padece... (Uma nova tentativa de cuspinhada. Uma engolida em seco. E terminou o que sentia)... Quá! Tão pequeno e tão vingativo... É a velha psicose dos despeitos humanos, não respeitando nem as crianças mutiladas....

Depois, deu-me novo empurrão. Com mais calma, como se impelisse uma criança para frente, com medo de derrubá-la.

Ainda impulsionado pelas emoções do pequeno despeitado, falou, baixinho, como se pensasse alto:

— Nem um casal de rãs, no agarramento do sexo, é tão asqueroso... (E nova tentativa de um esguicho entre os dentes amarelos. Procurou, com a cabeça, onde seringar a saliva que o incomodava. Reprimiu o gosto e tratou de engolir, num ruído, o líquido que a situação não permitia que fosse expelido em borrifos. Continuou, com cara seca, sua descrição masoquista)... A obra divina foi mais generosa... (Passou a mão trêmula pelo queixo pontudo. Piscou miúdo e prosseguiu, compassadamente, como se estudasse as palavras que ia falando)... O garoto que só tem braços, é pequerrucho, magro e indócil... (franziu o nariz, repuxou um tique nervoso, escorreu os pensamentos em busca de uma comparação feliz e prosseguiu, mais calmo)... O menino que só tem pernas, é retacado, forte e caladão... (deu um suspiro bem fundo e prosseguiu)... Deus escreve certo por linhas tortas...

Parou e encarou-me, como se acordasse de um sono hipnótico.

Zé-Conselheiro falara todo aquele tempo, sem notar que estava falando. Pensara alto.

Como se procurasse desculpar-se prosseguiu:

— Cabo, a infância, em seus restos de guerra, aplica o que os homens só conhecem na teoria: A UNIÃO FAZ A FORÇA...

— Nem tanto... (Respondi, sem muita convicção).

Respondi, ou foram meus botões?... Não sei!

— Ora, Cabo! Até agora, nós, os americanos do Norte e do Sul, só conhecemos a UNIÃO para destruir...

Eu respondi qualquer coisa que o velho amigo não gostou. Depois, com cara de cachorro lambido, derramei um olhar lambuzado de sabujice, para o bom amigo, como se temesse as suas reprimendas, pelas batatadas que eu soltara sem pensar.

Sempre eu soltava batatadas sem pensar!

E o velho Zé-Conselheiro tinha muito estômago para me aturar.

Uma voz aflita, cortada por soluços reprimidos, cortou o ar carregado de fungadas. Era Gino!

O garoto quando me viu, disparou para meu lado, gritando:

— *Capo*!... (Fungadas e soluços)... *Capo*!... (fungadelas e soluços)... *Venire, Capo, venire...*

Algo de terrível tinha acontecido. Gino me chamava de Capo e com soluços!

Avancei ao encontro do garoto que corria de braços abertos.

Olhares assustados, medrosos, inquiridores, acompanhavam-me. De todos os lados. De todos os cantos. Olhos esbugalhados, na

semiloucura dos bombardeios malditos: olhos rasgados, de pálpebras retalhadas em operações de campanha: olhos vazados: olhos da alma!... Olhos que seguiam o cabo.

Meu sangue fervia. Eu tinha vergonha, pela primeira vez, da missão que cumpria! Eu tinha vergonha de ser BRASILEIRO! Eu tinha vergonha da FARDA que vestia!

Naqueles instantes, quando os olhares rasgaram minha alma, eu senti que era um monstro fardado, também mutilado! MUTILADO NOS SENTIMENTOS!

Eu simbolizava, naquela enfermaria de monstrinhos de guerra, o nojo da mocidade canalha, que enverga uma farda para mutilar crianças!

Pobre BRASIL!

Minhas botas sujas, emporcalhavam a enfermaria dos meninos mutilados!

Minha baba militar, emporcalhava o sossego das crianças que eram monstros fabricados por nós!

Minha farda, emporcalhava o ar respirado por nariz decepado pelos estilhaços de nossas granadas assassinas!

Pobre BRASIL de meus antepassados!

Infeliz Terra de Santa Cruz!

Meu sangue fervia de vergonha.

Minhas faces pegavam fogo.

Nervoso, tirei um cigarro e risquei um fósforo. A chama tremia mais do que a mão do cabo.

Sorvi uma tragada com sofreguidão, procurando esconder minhas emoções, na fumaça que rodopiava no ar pesado.

Eu não suportava o "Tribunal do Silêncio"!

Eu estava sendo analisado. O bisturi dos olhos dos mutilados, lancetavam meu corpo, em busca de uma alma que não podiam encontrar: ELA FICARA NO BRASIL! O tribunal da infância que eu jamais pensara que existisse. E, mais doído de todos, era a cabeça de órbitas vazadas que me seguia, "olhando-me" com os olhos da alma.

Uma terrível atração conservava meus olhos fitos naquelas cavidades murchas: órbitas sem olhos!

E os buracos do rosto cego me fitavam, como se me julgasse no "Tribunal do Silêncio".

Não sei onde encontrei tanta força para conseguir acompanhar Gino.

No fundo do salão, havia uma escada grande, que dava para um jardim. Nela, uma grade de ferro batido. Eram reminiscências do velho solar de nobreza italiana.

Perto da sacada, para tomar sol, estava o amigo de Gino, numa cadeira de rodas.

Gino correu e, pegando na cadeira, deu-lhe um empurrão, arremessando-a para minha direção.

— Aguenta, Cabo!... Essa é uma das suas obras de heroísmo!... (Sussurrou, Zé-Conselheiro, no meu ouvido, com a mão em concha, com medo do amigo de Gino ouvir).

Soltei um palavrão, rasgado no vão dos dentes cerrados, procurando a defesa que não havia.

Na cadeira de rodas, um garoto encarava-me abobalhado.

Estava amarrado pelo tronco, no espaldar.

A "coisa" não tinha pernas e nem braços! Somente tronco.

— Que troço é esse... (Sibilaram, lá nas profundezas no peito, meus velhos botões de osso).

De fato, o menino, sem membros, era um troço!

Era apenas, um toco e uma cabeça.

Refeito do susto, comecei a estudar aquela "coisa" que me encarava: tinha cabelos loiros, encaracolados; face redonda, de pele rosada; uma boca perfeita, não deixava esconder um rictos de dor... e o olhar...

Oh!... Se me lembro!... O olhar era de fogo! De ódio! De nojo!...

O rosto do garoto crispou-se. Cerrou os dentes e sibilou:

— *Bandit!...* (Esmigalhava o insulto nos dentes)... *Bandit!...*

Na alucinação, o cabo ainda pôde ver um par de tocos dos braços do menino, dando-lhe uma banana, com tanta força que o estalo tirou-lhe do torpor em que se encontrava.

Teria sido sonho?... Alucinação?...

O ruído do gesto, morreu, aos poucos, no ar carregado de misérias.

Virei os olhos, em busca de socorro.

Gino estava mais vermelho que o amigo enfurecido. Gino sofria mais do que Pim-Pim...

Desci os olhos, procurando auxílio.

Na cadeira... (Oh! Cadeira que não apresentava pernas!...), na cadeira de rodas, um amontoado de pacotinhos, embrulhados com tanto carinho por Gino... lá no front...

Os pacotinhos estavam abandonados, no vazio da cadeira de rodas, que devia ser ocupado pelas pernas de PIM-PIM.

Desesperado, sem nada compreender, levantei os olhos, em busca de uma explicação de Gino.

— *BANDIT!...* (Repetiu o monstrengo amarrado pelo peito).

O ódio na imobilidade dos gestos! O ódio fuzilado nos olhos de criança!...

Gino encarava o *caporale*. Seus olhos faiscavam!

Depois, lentamente... como se tivesse medo de olhar, escorregou seus olhos para o amigo que era um toco.

Seus olhos, agora, eram mansos... mansos... meigos... meigos...

— Parece a estampa do Menino Jesus que tem lá em casa... (sussurrou, lá no fundo, uma voz que eu não conhecia).

Ninguém falava nada. Ninguém tinha coragem de falar.

Gino passou as mãos pela cabeça do amigo. Parou um pouco. Depois, levantando os olhos, encarou o cabo.

Ah! Aquele olhar!

Quem me dera, meu Deus, nunca o ter enfrentado!

[Zé-Conselheiro encarou o monstrengo e pensou alto: "Bonita tarefa nossa, hein?"

O cabo respondeu:

— É... Uma tarefa impossível que o mundo não acreditava que podia ser exercitada!

Conselheiro franziu a testa e perguntou:

— Como assim?

— Algemar, fará sempre, a revolta de uma infância mutilada][40].

Gino continuava fitando seu amigo e protetor. Parecia que procurava julgá-lo. Estudava seus gestos... Depois, como se sacudisse o corpo de uma dormência, empertigou-se e gritou:

— *BANDIT!...* (Bem compassado, como se mastigasse, cada letra, no ódio que o devorava. Fez uma pequena pausa. Não permitiu que o cabo se refizesse do assombro e prosseguiu)... Todos os *brasiliani* são *bandit!...* BANDIT!...

E começou a dar gritos e chorar ao mesmo tempo.

O "toquinho" amarrado na cadeira sacudiu o tronco. Arregalou bem os olhos e gritou:

— *VA VIA!... VA VIA, BANDIT!...*

Os gestos de ódio, na explosão do tronco, balançavam a cadeira de rodas. A falta dos braços era compensada nos pinotes do tronco amarrado no espaldar da cadeira.

[40] Este trecho foi encontrado em folha avulsa, junto ao capítulo XVII, identificado com o algarismo (1). Como na folha sete – na linha entre as frases "Quem me dera, meu Deus, nunca o ter enfrentado!" e "Gino continuava fitando seu amigo e protetor." – tem a marcação manuscrita de uma seta indicando o algarismo (1), conclui-se que o trecho deveria entrar aí [N/O].

O cabo ainda pôde ouvir os soluços de Gino.

Depois, tudo foi sufocado numa bombarda de impropérios, gritos, soluços. O "toquinho" insultava em dialeto.

Gino avançou, com punhos cerrados e gritou:

— *BANDIT!...*

Pim-Pim continuou nos gritos. Sempre em dialeto.

Gino parou. Foi soltando os punhos cerrados, aos poucos, como que dominado pelos gritos do companheiro. Abaixou-se um pouco e inclinou a cabeça, fazendo esforços pra compreender o que Pim-Pim gritava.

Havia muitos meses que Gino estava conosco e já não tinha muita facilidade para entender o dialeto de Pim-Pim.

Quando viu que já sabia o que seu amigo aleijado queria, Gino empertigou-se. Prendeu a respiração, na emoção da cena.

Pim-Pim fez uma pausa. Notara que Gino entendera o que ele queria. Com os olhos e meneios de cabeça, Pim-Pim começou a falar, mais calmo, entre soluços:

— *Gino, mio buono paisá...* diga ao *brasiliano* para levar tudo... Diga, Gino... Diga para brasiliano que nós não queremos nada deles... (E fazia um esforço tremendo como se procurasse pelos braços que não tinha, para jogar tudo! Tudo! Na cara do bandido que o mutilara. Os gritos voltaram e as palavras jorravam, incompreensíveis, no seu dialeto montanhês)... *Vá via, bandit... Vá via...*

Zé-Conselheiro, que até aquele momento, ficara estarrecido com a cena! Começou balbuciar palavras esparsas, como fios de oração...

Depois, levantou a cabeça como se procurasse o céu. Seu olhar estarrecido só encontrou um forro velho, sujo e carcomido. Balançou a cabeça e murmurou baixinho:

— Deus está morto... (deixou escapar um suspiro que cortou o pesado silêncio de uma pausa. Atirou, com raiva, o toco de cigarro que trazia na mão, como se ele também fosse um dos culpados. Cuspinhou no assoalho, não mais importando coisa alguma. Passou a galocha de neve, escorrida de barro, no cuspe borrifado e continuou, sempre em voz baixa, como num fio de prece em soluços)... Deus está morto... a Sua piedade pelos homens matou-o... (Na boca ressequida, passou a manga encardida de sua farda jegue. Pigarreou, como se tivesse soltado uma heresia. Depois, correndo os olhos injetados de sangue, pelos companheiros presentes, encerrou suas divagações, como se tivesse vergonha do que dissera)... Nietzsche... Nietzsche... (E balançava a cabeça, desconsolado)... Nietzsche tinha razão...

— Deus está morto!... (E um soluço escapou de seu peito magro).

Gino não suportou mais.

A carga nervosa extravasou as represas!

Seu corpo franzino estremeceu. Lágrimas jorravam, abundantes, correndo pelas faces chupadas pela fome antiga.

Conselheiro voltou a falar, desta vez, como assistente:

— Veja, Cabo!... Como Gino está arrasando você com os olhos... (Deu uns cutucões no amigo e continuou, com um leve tremor na voz)... Até parece que o menino está falando: "DESDENHO VOCÊ E SUA CANALHA FARDADA"...

Procurei, ansioso, meu amiguinho dos bons tempos de front.

Gino era uma convulsão humana. Seu corpinho raquítico, tremia todo, como num ataque de febre pestilenta. Os olhos do menino, embaciados pelas lágrimas, queimavam, no fulgor do ódio.

Meus botões, com voz covarde, sibilaram baixinho: "A INFÂNCIA DE NOSSA GERAÇÃO CALDEIA-SE NAS FORJAS DAS BESTIALIDADES HUMANAS"... e, também acovardadas, umas risadinhas escapuliram. Fininhas... fininhas...

Eu, numa revolta, protestei: "FILOSOFIA DE BUTEQUIM ZURRAPA".

Como Zé-Conselheiro lesse os meus pensamentos, ele retrucou, dando-me cotoveladas:

— Não, Cabo!... Não é desdém, não!... O que o garoto da cadeira está gritando, é revolta da infância... (Depois de outra pequena pausa que deixou um leve suspense no ar, Conselheiro voltou à carga)... Esse olhar de Gino, é um olhar de ódio... de ódio e desprezo!... (Levou o dedo no meu nariz, como era seu costume, e sentenciou)... Muito mais de desprezo!... É isso mesmo, Cabo! O ódio se paga com ódio!... Mas, o maldito DES-PRE-ZO... (E separou bem calmo, cada sílaba)... O maldito desprezo é só dele... Nós temos as armas que tudo destrói... (E o bom amigo indicou, com uma beiçola reganhada, o monstrengo atado na cadeira de rodas)... As armas que fabricam monstros, monstrinhos e monstrões... (Balançando a cabeça, num ar desiludido, Zé-Conselheiro arrematou)... O desprezo dele, sem o saber, é a força dos injustiçados!... (Novo suspiro e finalizou)... Pobre menino que a guerra transformou em desilusão prematura... (E deu um longo suspiro, como se jorrasse pela boca, todas as imundícies do mundo e dos homens).

Parece que essa explanação de Zé-Conselheiro, chamou Gino à realidade. O menino encarou, com asco, seu amigo *caporale*. Agora

compreendia que seu capo era um dos monstros que haviam mutilado seu amigo Pim-Pim, arrasado sua aldeia, exterminado sua família.

Zé-Conselheiro voltou a falar. Desta vez, com voz trêmula:

— Cabo!... (Uma pausa)... O tribunal infantil julga o seu carrasco...

Um arrepio percorreu meu corpo. Um soluço foi sufocado e lágrimas tentaram anuviar os olhos do *caporale* que só sabia MATAR!

Gino avançou, como doido, para os embrulhos da cadeira e, um por um foi arremessando no peito do cabo, com gritos entrecortados por soluços:

— Toma, *bandit!*... Leva tudo de volta para sua guerra!...

E no peito do cabo, ia estourando: chocolate, chicletes, doce seco, sabonetes, etc... etc...

As pancadas eram secas. Mais secas do que os soluços abafados no peito magricela do caporale que não sabia chorar.

Depois, terminada a munição, Gino partiu para o amigo descarregou, com toda força que seu corpinho permitia, uma enxurrada de socos no peito de seu *capo* Castanha Seca!

Eu tinha perdido um amigo!

Os gritos e soluços de Gino, haviam estarrecido seus amiguinhos mutilados.

Corri os olhos pela enfermaria pobre.

Faces, as mais horripilantes, fulminavam-me com olhares de ódio.

Até as faces de órbitas murchas, estavam cravadas nos olhos do cabo, arrasando-o com os olhos da alma.

O cabo estremeceu.

Fez meia-volta e partiu!

Tonto, sem o direito da defesa, partiu para a saída, sem olhar para trás.

Nas camas imundas, os olhos comiam *caporale* que fora bom... e o bravo guerreiro fugia... fugia...

Como um louco, precipitou-se pela escada, em busca do ar que lhe faltava. Os soluços, mais fortes do que a vontade, saltaram-se pela boca, indo jorrar, aos gorgotões, pelos degraus carcomidos pelo tempo.

Zé-Conselheiro ficara. Atônito, não tinha ainda se refeito dos choques a que seu amigo sucumbira. Encarou Gino e falou, como se desculpando do amigo:

— O bravo guerreiro não suportou o Tribunal do Silêncio...

Encarou os monstrinhos, com ar de superioridade e partiu, em passos marciais, para a porta de saída.

O velho ganhara mais de uma batalha de vida!

Descendo as escadas, de dois em dois degraus, Zé-Conselheiro alcançara seu velho amigo, no vestíbulo. Agarrou o companheiro pelo braço e falou:

Calma, seu moço!... O "serviço" já está feito... (Deu uma cuspidela, mascou um fumo hipotético, com exageros marcado. Cuspinhou,

novamente, provocando um ruído, como se quisesse fazer o cabo rir. Bateu nas costas do amigo, com ritmo suave e foi desfiando uma porção de conselhos que o cabo ouvia e não assimilava).

Não sei de onde, os acordes de um tango, nostálgico e chorado, cortaram o ar da tarde que já tinha dado seus últimos suspiros de despedida.

Automaticamente, o cabo soltou:

— Tango?... Tango em Pistoia? ...

Seu velho camarada não disse nada.

Deu mais algumas palmadinhas nas costas do amigo e continuou a seu lado, com medo que ele acordasse dos devaneios que o tango trazia, Zé-Conselheiro calara.

Dias depois, voltamos para nossa posição de Porretta Terme.

Gino, já não mais fazia parte de nossas preocupações... de nossos carinhos recalcados na lei que dá o direito de MATAR!

Na viagem de volta, o peito do cabo explodia em soluços refreados. Os camaradas, companheiros de viagem, nada diziam. Sabiam da história.

Entre os homens que viviam nas tocas fétidas do front, nada significava: uma lágrima, um pranto, um soluço, um grito, uma gargalhada mais neurótica... eram coisas sem importância. A vida valia mais!

— Mais forte do que a vergonha que faz chorar... (Dissera, uma vez, Zé-Conselheiro, a um pracinha que chorava, agarrado no corpo do gatinho morto pela 290 dos boches)... Muito mais forte do que chorar, é o medo de ter medo... que apavora, que aniquila... o medo que faz avançar... (E uma tragada longa, comprida e sensual, fazia o velho Conselheiro esgazear os olhos, numa contemplação do nada que é o infinito. Dava uma cuspida e volta nas explanações que tanto prendiam seus companheiros)... O medo que faz avançar, resistir, recuar... o medo de ter medo!

O caminhão sacolejava nos buracos da estrada. O asfalto negro, está, aqui, ali, além, todo bordado de crateras de granadas.

Uma carícia afagou-me as costas vergadas no peso da consciência. A carícia doía muito mais do que o desprezo de Gino. Era a mão ossuda de Zé-Conselheiro, que ainda podia compartilhar com o velho amigo das suas mágoas e dos seus sofrimentos.

Pensando alto, o cabo ia desfiando uma porção de queixas:

— Eu perdi Gino... Pim-Pim me acusava...

Uma dor profunda, estalou no peito do cabo. As misérias da guerra, em formatura de gala, rufava tambores de glória, para cravar, no peito dorido do cabo que chorava, mais uma medalha em fogo!... Das muitas que já recebera naquela guerra maldita.

— Perdão, Gino... (choramingou, o cabo que sofria)... Perdão Pim-Pim.

E meus botões, miseráveis, recitavam uma quadrinha:

As causas de sua reprovação
são dores de sua imolação !
Os prantos de sua acusação
são gritos de sua mutilação!

O cabo resmungou um xingamento.

Zé-Conselheiro não disse nada. Ele sabia compreender seu velho amigo que sofria em silêncio.

E hoje, tanto tempo passado, meu velho Conselheiro ainda me segreda baixinho, quando passamos pela Praça Paris:

— Não desespere, seu Cabo!... (Sussurra no meu ouvido, evitando que indiscretos tomem conhecimento de nosso segredo de guerra)... Não desespere, que Deus está conosco... (Uma pausa que alivia e prossegue, sempre sibilando as palavras)... Ele escreve certo, por linhas tortas... Veja esse monstrengo... (E aponta, com uma beiçola debochada, o "monumento" de linhas insanas)... Veja o monstro! Ele bem simboliza o que restou de nossa turma!

E eu vou sacudindo a cabeça, conformado com o que vamos assistindo, no desfile diário pela Praça Paris: "Um fantástico par de muletas, exibe, para a nação narcotizada pelos gorilas, o grilhão que rasteja com os Heróis de Barro"!

O velho tinha razão.

Zé-Conselheiro sempre teve razão!

Lá estava, altaneiro no montão de cimento, o monstrengo entronizado.

— O dedo divino, tocara, levemente, o sonho do projetista... (Continuava explicando, meu velho amigo Conselheiro)... Eles, os bucéfalos de nossa terra, conservam as promessas nos lábios trapaceiros e negam, vergonhosamente, o que realizam com as patas imundas...

— Você tem razão, Conselheiro... (E suspirei recordando sacrifícios inúteis)... Você sempre tem razão!

Como um tapa jogado na cara do pracinha, lá está, silenciosamente exposto, um par de muletas gigantes. Elas simbolizam o abandono que os mutilados (de corpo e alma), incapazes e neuróticos, arrastam pela vida.

Zé-Conselheiro volta à carga:

— Os meus respeitos pelos camaradas tombados... (Um suspiro)... Meu desprezo ao monstrengo de aço e cimento...

— É verdade, Conselheiro!... (E, desta vez, não deixei o companheiro tomar a sua palavra)... Um monstrengo de ferro e cimento... Milhões de cruzeiros!... Um punhado de pracinhas abandonados... famintos... neuróticos...

Zé-Conselheiro não suportou e deixou escapar um suspiro. Encarou o velho companheiro e falou:

— É, meu velho... Assim é a guerra!... Esses os Heróis... Heróis de Barro!...

E o ônibus vai avançando, indiferente às "muletas" gigantescas que furam o céu, emporcalhando nossos olhos de pracinha.

***

Nas bocas, sem lábios

Sou glória, assassina:
DE VIL QUARTELADA
Soldado, carrasco:
MATANÇA OFICIAL
Meu lema maldito:
PRA GUERRA TALHADO
Matando, saqueando:
SADISMO GENIAL

Atacou, avanços:
BATALHA SUICIDA
Um sino, gemendo:
BADALA TEMORES
Soluça, plangente:
NA TORRE PALPITA
Escombros, monturos:
EXALAM ODORES

No canto, dolente:
AMARGO SOLUÇO
No piso, imundo:
TORMENTO ROLAVA
Dum pranto, mil vozes:
ANGÚSTIA DEBRUÇO
Num bafo, bem leve:
TRISTEZA CHORAVA

Nos lares, saqueados :
SOLDADOS MATAVAM
Nas ruas, caídas:
MOCINHAS DONZELAS
Nos seios, comprados:
SOLDADOS MAMAVAM
Nos bares, imundos:
MULHERES CADELAS

Nas bocas, sem lábios:
LAMENTO BABAVA
Nas covas, sem olhos :
SOLUÇO PINGAVA
Nos gestos, sem braços:
TORMENTO BRADAVA
Nas preces, sem terço:
VINGANÇA CHORAVA

CAPÍTULO XVIII

MEA CULPA

Janeiro, 7.

O inverno castigava nossa tropa.

Os fados dos Apeninos convulsionados, zangaram e descarregaram, sobre os pracebas dos trópicos, toda a fúria de seu inverno rigoroso.

A neve não esperou pela noite preguiçosa. Lá pelas seis horas, novamente a nevasca descarregava sua fúria. Grandes flocos de neve rodopiavam no ar parado. Flocos leves, brancos, caprichosos nos arabescos dos desenhos mil.

Meia-Um espalmou a mão enluvada para apanhar alguns flocos. O bom carioca tinha alma de criança, em corpo de atleta grego. Gostava de admirar os flocos em sua mão e ficava com cara triste, quando o calor de suas luvas fazia os flocos desaparecerem, desintegrando-se no ar. Depois, com olhar sonhador, de quem acordou assustado, perguntava:

— Conselheiro, quem é que desenha com tanto capricho nesses flocos de neve? Cada pedacinho tem um formato... (Uma pausa para melhor admirar um floco que ia sumindo na sua mão e continuou, sempre olhando para o pequenino pedaço de algodão)... Será por que, eles nunca repetem o desenho... O professor já notou isso?

— Aí é que a ciência tem que inventar umas mentirinhas... (Zé-Conselheiro passou a mão no queixo de barba por fazer, ruiva e áspera. Estava em busca de inspiração, como era de seu costume nessas si-

tuações. Esparramou um olhar pelas geleiras silenciosas e continuou)... Umas mentirinhas bem urdidas, para que se faça lei, teoria, etc.

E as perguntas e as respostas se sucediam, pelo dia gelado.

***

Sobre nossa posição, pesava um negrume de noite que prenuncia defunto. Uma escuridão mais pesada do que a morte. O céu estava invisível, com vergonha das crueldades humanas. Num misto de melancolia crescente, o urro de nossa peça cortava o ar, na maldita vigília dos tiros de inquietação.

A neve caía com ruído velado de som espectral. Ao bater no chão, os flocos sussurravam gemidos do além.

No silêncio da nevasca, parecia que havia milhares de olhos espreitando a gente, por trás da cortina gelada que o tempo derramara sobre nós. Eram os olhos de remorso, velando seus carrascos no front.

Quando saíamos em patrulha, nas noites de lua, os olhos nos seguiam, frios e soturnos acompanhantes, num arrepiar que enlouquece.

Eram os olhos de remorso, velando seus carrascos no front.

***

Janeiro, 12

Eu andava tristonho, caladão, sorumbático, esquisito, biruta.

As sombras da neurose rondavam o cabo dos pantanais.

Nossa alma estava mais gelada do que o tempo. Não recebíamos carta de casa, há muito tempo. Todo mundo andava irritadiço, nervoso, explodindo por qualquer motivo.

Uma coisa esquisita pairava no ar.

Um quê muito incômodo.

Ninguém falava nele mas todos sentiam.

Campista veio se aproximando. Sua guarnição estava de folga mas o soldado não conseguia dormir. Aquele "que" incômodo não o deixava sossegado. Aproximou-se e me perguntou:

— Cabo, você tem recebido cartas de casa?... (A cara era tristonha. Mas a pele mulata, sempre andava esbranquiçada de DDT, talco de soldado no front)... Tem recebido carta?

— Tenho recebido algumas, por quê?

— Parece que andam censurando as minhas. Faz tempo que não recebo cartas de casa. É o diabo... (E foi sentando na conteira do canhão, nosso banco e confidente).

Começamos a falar sobre a falta de notícias de casa, que era a maior preocupação de nossos pracinhas.

Era um dos maiores problemas que nós enfrentávamos no front.

Quando eu digo "NÓS", estou me referindo aos graduados: CABOS e SARGENTOS. Os cobras, aboletados nas casas das vizinhanças, apareciam, algumas vezes por mês. Não conheciam e nunca sentiram nossas necessidades. Eram "banalidades" que não os interessavam.

E quando o praça começava a comentar "casos lá de casa", era um problema perigoso. No mínimo, a melancolia o abatia, prostrando-o aos perigos da indiferença.

Nós dávamos um jeito de afastá-lo das funções, na peça. Sua posição, na guarnição, tinha que ser substituída. E lá vinha, outro colega, mais arrebentado do que ele, assumir um encargo que estava além de suas forças.

— E os cobras?... (Sempre perguntava um pracinha).

— E os cobras não ligam pra nada... (Respondia Zé-Conselheiro).

E as reclamações da falta de notícias continuavam:

— Lá em sua casa, vai indo tudo bem?... (Era o tristonho Campista, sempre com o rosto borrado de talco DDT. Não se conformava com o silêncio da família).

— Tudo bem, felizmente... (Mentia o cabo, sem ter notícias de sua família).

Era preciso dar alguma notícia do Brasil, para que nossa turma ficasse um pouco mais tranquila.

Notícias, nem que fossem mentirosas.

***

Janeiro, 8

E os assuntos se sucediam, numa tela embaralhada.

Acho que o pracinha tinha necessidade de falar, de falar muito, para esquecer que era pracinha.

— E, como vai indo nossa guerrinha particular?... (Perguntou Mineirinho, o cabo que comandava a guarnição que me substituía.

Aproximava-se, deixando ouvir o tilintar de sua penca de santinhos pendurados no pescoço).

Meia-Um sempre brincava com o cabo Mineirinho: "VOCÊ AINDA SE DÁ MAL COM ESSES CINCERROS NO PESCOÇO"...

Eu fingi que não entendi a maldade da pergunta e respondi:

— Vai bem, cabo... (E completei, para aliviar a tensão que cobria os olhos do colega que perguntara)... Dizem que os aliados avançam por todos os lados.

— E os ingleses, como vão em Parma?

— Parece que não consegue, avançar. Os *tedescos* estão duros na parada. Jhon Bull está comendo fogo.

Era claro que Mineirinho fazia picuinha com as perguntas. Queria um pretexto para a briga. Eu sabia e fingia que não entendia.

— E os "stuckas"?

Todo mundo tinha um pavor danado da aviação alemã.

— Deixaram de atacar nosso front... (Abaixei, peguei um palito e comecei a riscar na neve petrificada. Procurava fugir dos olhos do cabo que me deixavam irritadiço)... Dizem que estão fazendo só uns reides aéreos, de vez em quando.

— E os russos?... (Voltou à carga, com seu alvo na mira).

— Estão arrasando com os *tedescos*, é só pena que voa dos boches.

— Nesse caso, Xavante, estamos prestes a ganhar nossa guerrinha?... (Mineirinho gostava de citar "GUERRINHA" porque sabia que eu não gostava desse termo. Tinha deixado escapar um ar debochado, nas últimas palavras, com a finalidade exclusiva de me irritar).

Meia-Um olhou para o cabo da outra guarnição, olhou para o cabo seu comandante e fez um gesto de impaciência. Todos os meus comandados sabiam que Mineirinho vivia me provocando com perguntas ferinas.

"ELE PROCURA TODAS AS MANEIRAS PRA BRIGAR COM VOCÊ."... Já tinha me dito, Zé-Conselheiro. E eu, no meu dever de compreender meus camaradas de front, fingia que não entendia as provocações que a neurose acendia no bom cabo das alterosas.

Na verdade, o cabo pantaneiro corria o risco de passar por covarde, na opinião de seus companheiros. Quem sabe pensaram?

Na pequena pausa que houve, Mineirinho aproveitou e voltou à carga:

— Então, Xavante, estamos mesmo ganhando esta guerrinha?

— Assim creio... (E balancei o ombro, como se tudo fosse natural).

Mineirinho encarou-me com um olhar atrevido, e perguntou, num desafio que todos notaram:

— Cabo, você acredita nisso?

Turquinho, que se sentara na tarimba de munições, aparteou:

— Não deixe que ele comece tudo de novo, seu Cabo.

Mineirinho encarou Turquinho com raiva e respondeu:

— Não sei o que é que você quer dizer com isso!

— O que eu quero dizer é isso... (E, num pulo de gato, avançou, de punhos cerrados, para o cabo sarcástico).

Como Zé-Conselheiro estava mais perto, agarrou Turquinho pela cintura, evitando o choque de uma briga.

— Pelo visto, daqui a pouco vamos voltar para casa... (Mineirinho deu uma risadinha debochada e continuou)... Ou, talvez, a gente até morra antes de tudo?...

Saiu, arrastando a galocha na neve endurecida, numa provocação ao seu colega com pinta de inglês fleumático.

— Não deixe ele começar essa história de sempre... (Gritava Turquinho, agarrado pelo Conselheiro).

Meia-Um que estava encostado na sua couraça predileta, avançou e disse, de cara a cara, para o garotão dos penduricalhos de santinhos tilintantes:

— Cabo, não gosto do jeito das suas perguntas.

Até aquele momento, eu me encontrava sentado na conteira do canhão. Aparentava displicência que só eu sabia. Os vulcões rosnavam lá dentro.

Levantei e corri para Meia-Um. Agarrei-o e disse:

— Não seja precipitado. Todo mundo tem direito de fazer perguntas... (E puxei meu amigo banguense para trás, encostando-o no escudo do canhão, seu lugar favorito).

— Ora, Cabo... (Reclamou, mais consolado)... Eu também já estou cansado dessas perguntas provocadoras.

Mineirinho já estava longe. A paz voltou a reinar no meu setor. Era uma das piores missões: suportar as explosões de meus camaradas, como eles suportaram as minhas!

Santo Deus! Quantas delas enfrentamos!

***

Janeiro, 9

Foi no front gelado de Porretta Terme que eu fiquei sabendo, depois de muito tempo, que eu já era um dos componentes do grande exército dos neuróticos.

Nas horas calmas, quando as 290 nos deixava repousar um pouco, lá vinham, despachadas, as comparações incríveis do professor:

— Cabo... (E falava, cortando um pedaço de madeira, com um canivete que conseguira numa das "tochas" com o Canca)... A dificuldade de enfrentar o medo, não está na razão direta do medo! Entendeu?... (Uma pausa e o suspense que aniquila. As lascas da madeira, escorriam pela capa, indo sujar a brancura da neve em nossos pés)... A dificuldade, Cabo, está, isto sim! Em fazê-la compreendida pelos covardes.

— Professor, é verdade que tem havido muitos atentados contra nossos pracinhas?

— Não tenho certeza, Cabo. Dizem que os há, os mais horríveis... (Um olhar esgazeado que lançou no horizonte gelado, fez parar a cascata de lascas que sujava a neve. Balançou a cabeça e suspirou)... O povo sempre dá caça aos soldados desgarrados, sejam de que lado for. Para o povo, são sempre os invasores de sua terra... (Deu uma longa tragada. Esparramou um cismar que quase esmagou a fumaça do cigarro. Soltou outro suspiro)... Dizem que já encontraram pracinha queimando...

Eu apavorei. Pracinha queimando. Puxei pela cabeça e fui desenterrar, lá dos tempos da infância, o corpo queimado do negro velho que fora veterano da guerra do Paraguai. Nhonhô Simplício, como era conhecido, morrera queimado na lamparina de querosene, em sua tapera de herói. Quando lá chegamos, o quadro gravou-se na minha memória. Um corpo jazia no chão imundo, o chão estava lambuzado

por uma negra mancha oleosa. Era a gordura do defunto. Gordura que escorria pelo chão, lambuzando a carcaça da cama de ferro, enferrujada e sapecada pelas chamas. Era gordura humana pela cama, pelo chão, pelo ar. Tudo fedia gordura humana. Também eu via, pendurado na corda, o corpo de um pracinha queimado. Com a gordura escorrendo, besuntando a neve pelo chão.

E Zé-Conselheiro continuava nas descrições:

— Dizem que já encontraram pracinha queimado, pendurado pelas pernas. Outros comentam, à boca pequena, que já encontraram soldado inglês com os olhos arrancados... É proibida a divulgação de tudo isso, para não abalar a moral da tropa.

Turquinho que estava deitado na tarimba das granadas, exclamou:

— Isso não é possível. Não acredito!

— E você pensa que nós gostamos de acreditar?... (Perguntou Conselheiro, continuando a tirar lascas da madeira).

— Se você tem medo de tudo isso, não devia ter saído de Del Castilho... (Era Meia-Um, sempre achando um jeito de dar uma puadinha no companheiro).

Ouviu-se, na neve, um ruído cauteloso de passos.

Era Polaco. Vinha fungando, remoendo palavras nos resmungos. Não sei se resmungava em português ou em polonês.

Tanto faz. Polaco falava três línguas: polonês, alemão e italiano. Não só falava, como escrevia. E, de português, não sabia necas de pitibiribas. Era fichado no grande exército de caxias como analfabeto.

Turquinho continuou reclamando:

— Isso não é coisa que se conte. Já temos bastante complicação...

***

Janeiro, 11

A tarde ia morrinhenta, gelada e preguiçosa.

O dia morria mais gelado do que defunto afogado. Um morteiro urrou, pelas bandas do poente, num gemido abafado. O som expandiu-se pelas colinas nevadas. Não fora um eco propriamente. Lembrava, muito mais, um urro de animal ferido, agonizante.

Também o eco tinha medo da noite gelada que engolia tudo, na bocarra de negra desdentada.

Zé-Conselheiro estava pensativo, sentado na conteira do 105. Fumava, cismarento, soltando tragadas de fumo azulado que se misturavam com os bafos que jorravam, quentes, das narinas queimadas de geada.

Sem levantar os olhos, o Professor dirigiu-se ao cabo:

— Diz uma velha filosofia hindu que cada um carrega o seu próprio cadáver... (nova tragada)... Será onde que li isso... (E, soltando fumaça com palavras, continuou, como se falasse consigo mesmo)... Cada um carrega o seu próprio cadáver.

O Cabo sentiu um arrepio e reclamou:

— Que filosofia tétrica, Professor!

— É que lembrei-me do Vadico... (E chupou o cigarro, com tanta gula, de que dava a impressão que ele ia tragar tudo, de um só fôlego).

— Ora, Conselheiro, o Vadico já morreu...

— Por isso mesmo é que me lembrei dele, no caso da filosofia hindu... (Deixou escapar um suspiro que veio lá do fundo e veio explodir no peito magricela. Fez um trejeito para se desculpar e continuou)... Vadico morreu na explosão daquela 290. A desgraçada foi cair bem embaixo daquela castanheira que ele estava trepado (Uma nova tragada na guimba que ainda restava. Foi expelindo, vagarosamente, a fumaça dos pulmões, soprando a ponta da guimba, fazendo a brasa avivar e espalhar fagulhas que morriam na neve acamada. Balançou a cabeça, como se reprovasse a maldita granada que levara seu amigo pernambucano e foi falando, devagarzinho, como se tivesse medo que Vadio escutasse)... A miserável da 290 foi cair, justamente, embaixo da castanheira que ele estava trepado, observando os *tedescos*, com o binóculo de alcance.

— É mesmo... (Confirmei, deixando escapar um suspiro gelado. Não sei se gelado de frio ou de indiferença)... Foi um azar desgraçado!... (Depois, virando-se para o Conselheiro, o cabo perguntou, como se caísse na realidade)... E o que é que tem a morte do Vadico, com a filosofia do hindu?

Antes de responder, Conselheiro atirou a ponta de cigarro, com um peteleco, bem na ponta negra da ogiva de uma 105. O bom professor gostava de arremessar as guimbas do cigarro, com um peteleco, na ogiva da granada e dizia, entredentes: "VÁ EXPLODIR BEM NA CABEÇA DE UM TEDESCO".

Depois de arremessada a guimba, Conselheiro respondeu:

— É que Vadico não morreu. Desintegrou-se! Tudo foi pro beleléu!... Corpo, farda, botas, capacete, tudo... (Esparramou um olhar perdido, como se procurasse os restos de Vadico no espaço. Apertou bem os olhos, firmando a vista num ponto imaginário do céu e deu por encerrado o assunto, com esta queixa)... Nem o binóculo encontraram...

***

Janeiro, 13

Nesse front gelado, a situação era caótica. Nossa turma andava num estado nervoso incontrolável. Tudo contribuía para isso. Principalmente, a falta de notícias. Não recebíamos cartas de casa. Filhos, irmãos, mães, esposas, noivas... para nós, só existiam nas vagas lembranças que os combates permitiam, como favor, nas poucas horas de expectativas.

Qualquer coisa, a mais insignificante, explodia de um pracinha, em torrentes nervosas. Eu, então, já ultrapassando pela linha intermediária de uma neurose ativa, descompunha meus comandados a três por dois.

Eu não tinha notado que até o pachorrento Polaco – meu grande amigo e capanga – não era mais o companheiro inseparável.

Eu nada enxergava. Nada podia ver. As imagens só se refletiam pelos olhos da neurose. Da perigosa neurose.

Os alemães andavam calados. Turquinho já havia dito que eles estavam sem munição. Talvez Turquinho tivesse razão. Mas nós não gostávamos quando os tedescos mantinham uma calma prolongada. Logo, muito fogo seria despejado em cima da gente. Era a tática da "inquietação", um golpe que eles usavam com certa maestria, para não dizer com bastante sadismo de eunucos sentimentais.

Foi numa dessas pausas que nossa guarnição mascava o amargo silêncio. Um silêncio que urrava nos nervos da gente.

Meia-Um, encostado no escudo da peça, ruminava um *chiclet* americano. Do seu capacete de aço, pendiam as duas presilhas que balançavam, lembrando barbelas de bailarina oriental.

O morrinhento Turquinho, como sempre, estava deitado na pilha de suas granadas queridas. Ele gostava de ajeitar as "mocinhas" com muito carinho. Graduava as ogivas, com deleite todo especial, sempre fazendo recomendações para cada uma. Turquinho conversava com suas granadas, dando nomes femininos para cada uma delas. Dissera-me, uma vez, que as granadas pareciam demais com as pequenas de Del Castinho. Tinha grandes, baixotas, magrinhas, rechonchudas, espigadas, magricelas... "E ATÉ GRANADA CRIOULA TEM"... dizia, com a cara mais séria do mundo.

Turquinho tinha razão. Nossas granadas tinham a pinta de garotas espalhafatosas, indiscretas, boêmias, mexeriqueiras e maldosas. Às vezes, quando zangavam, elas também sabiam matar.

Da minha turma, sempre o mais caladão era o Polaco. Um gigante bíblico que os pampas enviaram. Um Ursus "de origem" que procurava a sua princesa Lígia, pelos contrafortes dos Apeninos gelados.

Polaco falava sozinho, ruminando palavras esparsas. Lá de seu ponto de observação, Meia-Um sibilara:

— Cabo, hoje o "de origem" está de língua solta. Que será que foi?

— Caluda, Meia-Um. Deixe Rebonskc em paz...

E procurei, com olhos, o gaúcho sem nacionalidade.

Nós gostávamos de comentar, longe dele, que Polaco não tinha nacionalidade. Se o pai era polonês, a mãe era italiana. Nasceu e se criou no Rio Grande. A confusão de tudo isso, é que o Polaco foi criado numa colônia de alemães. Estudou em escola alemã, com professora alemã.

De toda essa confusão a história se resume: Rebonskc falava perfeitamente o italiano que aprendera com a mãe. Havia muitas se-

nhoras italianas. As comadres só falavam italiano. Disse o Polaco que a mãe dele nunca aprendera português. O pai que era polonês, só falava com o filho na sua língua. Também criando o filho num círculo de poloneses. Na escola, completou os anos primários, somente falando alemão. Daí, naturalmente, o poliglota, identificado no caxias, como analfabeto.

E o gaúcho começou a contar uma história mais ou menos assim:

— "Em D. Pedrito, havia uma família tradicional de fazendeiros. Nela, imperava, absolutão, o patriarcado. Somente o homem era lei. Homem macho, tchê! Dessa família antiga e conservadora, aparecera um rapaz na colônia e ficara meu amigo. Ele nos disse que se chamava Mário mas era mais conhecido pela alcunha de Xará... (Polaco fez uma pausa, como se revolvesse a memória em busca das palavras que lhe faltavam. Ele tinha muita dificuldade na pronúncia. Era polaco de corpo, alma, pronúncia e raciocínio. Um verdadeiro "de origem")... Xará contou que em D. Pedrito, orgulho de pobre era ser parente dos patriarcas. Havendo lá, um china paupérrimo e sem eira nem beira, começou a chamar o avô do Xará de "PRIMO". E o pião fiou todo lampeiro, daquele dia em diante... (Parou, vasculhou de novo a cabeça e foi descobrir, lá num canto escuro, os termos que precisava)... O pião pretendia casar com uma china manteúda. Foi pedir licença ao "primo". Aperou bem o seu matungo pampa. Montou e correu as rosetas nos patinhos do bagual e lá se foi, todo agauchado, o negrito chimango. Chegando no pátio da fazenda, apeou. Bateu palmas. Foi entrando, desconfiado, pedindo licença. O chimango conservava o chapéu velho nas mãos, revirando e amassando o sombrero surrado pelo uso. Com olhar de cão humilde, falou numa voz ranheta: "PRIMO VIM PEDIR LICENÇA PRA ME CASAR"... e olhou, acovardado, para o patriarca do sobrolho carregado... (Nova pausa do Polaco, ninguém dava um pio. Lá longe, na outra peça, escapulia o som de gaita que soluçava nos lábios de um

praça mais saudoso. Encontrando o fio da meada, "de origem" continuou a história que nos interessava)... O velho gaúcho pigarreou com força, deu uma lambidela no cigarrão de palha que começara a enrolar. Arrumou uma carranca por cima do pião e trovejou na voz retumbante do peito gaúcho: "BARBARIDADE, TCHÊ! VOCÊ VAI SE CASAR OU CAGAR?"... (Polaco gaguejou na última palavra do patriarca gaúcho. Um ligeiro rubor percorreu suas faces. O gaúcho-polaco não apreciava palavrões. Era um "bíblia" íntegro)... Muito tempo depois, o pião voltou à fazenda do patriarca. Apeou, todo sem jeito, amassando o velho sombrero nas mãos nervosas. O patriarca perguntou: "COMO VAI INDO, NEGRITO CHIMANGO"... E o pião respondeu, numa voz sumida: "EU NÃO ME CASEI, PRIMO! EU ME CAGUEI TODO!... TENHO 14 FILHOS! BARBARIDADE!"

E o polaco forçou um sorriso que não quis dar um pulinho até os lábios do gaúcho das colônias. Balançava a cabeça, para compensar a traição do sorriso ingrato.

Meia-Um perguntou:

— Cabo, por que todo gaúcho tem apelido de chimango ou de maragato?

— Ora, companheiro. Isso é uma história velha, lá dos pampas, do tempo que a gente escrevia homem com "H" maiúsculo... (O cabo coçou o queixo. Aprendera com Zé-Conselheiro, quando necessitava pensar. Procurou o amigo e falou)... Professor, isso é com você.

— Dizem que os chimangos eram do partido liberal, do tempo da Regência. Os chimangos eram inimigos dos caramurus, do partido republicano. E depois veio o maragato. Tudo isso, naturalmente, acabava nas bravatas dos gaúchos guerreiros, valentes e indomáveis. Uma raça brasileira amoldada aos gemidos do minuano e burilada na

imensidão das coxilhas livres. Gaúcho é um produto de uma região aberta, livre e sem fronteiras geográficas. Não conhece a garganta entre montanhas que sufoca um homem na criação... (Conselheiro deu uma tragada, encarou o "de origem" e continuou)... Nem as cercas intransponíveis de uma colônia, conseguiram fechar o sangue gaúcho das estepes onduladas... nem as colônias, nem as fábricas, nem os preconceitos. Quem nasce naquele estado que tem a forma de uma grande mão fechada, como um punho cerrado, jamais será encurralado nas patas dos preconceitos. O gaúcho é, antes de tudo, um homem livre, impetuoso, atrevido e liberal. Homem de sangue quente e arrogante. É por isso que todas as mulheres adoram os gaúchos e suas gauchadas... (Conselheiro parou. Lá do Castelo, *tedescos* vomitavam fogo). A 290 partiu, roncando num gemido, tétrico, em busca do pracinha que tinha seu endereço maldito. A 290 sibilou, roncou, gemeu e achou o endereço. Num soluço abafado pela neve, a explosão retumbou, levando para os ares gelados, mais um corpo brasileiro sacrificado.

— Guerra de merda... (Rosnou, Meia-Um, encostado no escudo).

***

Era uma tarde calma, silenciosa e triste. Os *tedescos* não tinham dado o ar de sua graça. Tudo estava calado. Tudo! Até a morte.

O front era enervante, na madorna do sossego que aniquila. Praça em guerra, não pode ouvir o barulho do silêncio. Ele enerva. Arrasa. Liquida com o praceba.

Zé-Conselheiro já tinha avisado o cabo, por diversas, vezes:

— Cuidado Cabo! Você não anda bem da boda... (E sacudia o indicador no ar, no gesto característico das recriminações)... Tenha mais calma com os seus pracebas. Eles também são de carne e osso.

Eu escutava e nada respondia.

Eram assim mesmo: os dias, as semanas, os meses. Escorriam, arrastados no lençol da neve maldita. No tic-tac das horas geladas, a soma do tempo não admitia lembranças nem vergonha.

A neve caía, tamborilando silêncio e endurecia. Tornava a cair, sempre tamborilando silêncio amargo e tornava a endurecer. A neve cobria tudo, de um gelo granulado, bem branco, escorregadio como sabão.

As medas nas encostas, espalhadas aqui e além, nas prateleiras cultiváveis, formavam equilíbrios geométricos com as pirambeiras nevadas. Os cones de palha de trigo, cobertos de neve, pareciam carapuças imaculadas. Às vezes, num capricho mais apurado da nevada, até sobrancelhas completavam as silhuetas das medas, que só tinham cabeça.

Nossos pracinhas, fungando e praguejando, abriam trincheiras na porta da barraquinha da guarnição.

E Zé-Conselheiro continuava:

— Às vezes, seu Cabo, é perigoso a gente descarregar a bílis em cima dos colegas...

Eu dava de ombros. Nada respondia. A neurose é matreira, rastejante, vil e traiçoeira. Ela prefere atacar sempre por trás.

E o velho amigo continuava falando, aconselhando, prevenindo.

Foi numa tarde pardacenta, massacrada no silêncio da "inquietação" que o fato se deu.

O nosso capitão chamou-me, de longe, com sinais. (O comandante gostava de chamar a gente com sinais).

Aproximei-me, com má vontade, do homem que eu odiava.

Ele era orgulhoso, pedante, metido. Andava empavonado, na farda sempre bem passada. Farda talhada em bom alfaiate (MESMO NA GUERRA).

Nosso comandante falava com palavras estudadas, sempre rebuscando termos apropriados.

Batendo os calcanhares, apresentei-me:

— Pronto, capitão! Cabo 721, Rebuá.

Os nervos do comandante estavam tensos. Seus maxilares remoíam e os músculos retesavam-se na face. Encarou-me com ares de poucos amigos e falou com petulância:

— Cabo, precisamos conversar.

A voz cortou o ar gelado. Uma voz mais gélida que a neve.

Procurando dar uma entonação mais humana, o capitão continuou:

— Você é um bom elemento da 2ª Peça... (Correu os olhos na fisionomia do cabo perfilado e continuou)... Você é o cabo-base de nossa bateria. Tem muita responsabilidade... (E procurou calcar bem essa "responsabilidade". Fez uma pequena pausa, como se aguardasse o próprio eco que descia dos Apeninos gelados. Depois prosseguiu, mudando o tom de voz)... Cabo, o que é que se passa com você?

Em posição de sentido, fuzilando seu capitão nos olhos injetados, o cabo nada respondia. E amarrou a cara, para que seu capitão entendesse que ele não queria conversas "ao pé do fogo".

O capitão reagiu. Viu logo que, com palavrinhas manhosas nada conseguia.

Levantou o braço e, fechando a mão, ergueu o polegar em riste, numa imitação grotesca de Churchill. Era sua maneira toda especial, de falar e impor suas ásperas decisões.

E sempre espetando o ar com o polegar espichado, falou:

— Afinal, o que há com você?... Algum problema no Brasil?... (E o polegar em riste me fascinava. Não podia olhar para a cara do capitão. O jogo cênico do maldito polegar me atraía. E meus olhos dançavam, fuzilando de ódio, no compasso do polegar em riste)... Caso de família? Vamos, moço, responda! É seu comandante quem está falando.

Com uma voz rouca, trêmula na emoção do ódio, respondi:

— Meu comandante não tem o direito de saber meus problemas íntimos!

O homem quase caiu fulminado.

Levou as mãos nos quadris (gesto afeminado que também ele gostava de exibir), e berrou, descontrolado:

— Cale-se! Tome posição de sentido! Perfile-se!

Os olhos do capitão chispavam fagulhas verde-oliva. Em seu miolo de crustáceo, não havia a possibilidade de aceitar uma resposta, à altura de suas imposições, de um reles cabo-base.

E os gelos eternos dos Apeninos, tremeram. O cabo levantou a cabeça para o céu, procurando o porquê. Não ficou sabendo se foi por causa da explosão de uma granada 290 dos *tedescos* ou se foi de revolta com as imposições verde-oliva do capitão. Nunca fiquei sabendo.

***

Janeiro, 18

De conversa em conversa. De combate em combate. De ataque e de recuo, os pracinhas iam arrastando os azares de um inverno polar.

O gelo é tão miserável, no front, que conserva a neurose numa têmpora mediana de explosão inesperada.

Numa dessas pausas que arrasavam com os nervos, Turquinho pulou da tarimba de granadas, deu um grito, arregalou os olhos e saiu correndo...

A turma estava de sobreaviso, iniciado às 0h45 da noite. Preparava-se um ataque de surpresa. A infantaria mandara oficiais, em nosso setor, com instruções especiais. Os resultados favoráveis da missão, dependiam de nosso pronto apoio. "TUDO DEPENDE DE VOCÊS, CABO"... Falara o tenentinho chupado, macilento e nervoso. Era um dos infelizes restos de trincheira, conservado na temperatura mediana do inverno rigoroso. Sua neurose escorria dos olhos embaçados, passava pelo rosto e ia lambuzar a boca rasgada num rictos de sarcasmo. "POBRE ENTE DOS INFANTES! ASSIM MORREM OS HOMENS QUE TÊM AMOR AOS SEUS SOLDADOS!"... Era Conselheiro quem falara, depois que o tenente foi embora, antes, dando um aperto de mão em cada homem de minha peça.

Meia-Um olhou bem para as luvas manchadas de graxa e falou:

— Puxa! Há muito tempo que eu não sentia calor de HOMEM em mãos de oficial. Até parece mentira...

Pois foi, desde às 0h45 da noite anterior, que os homens se mantinham na expectativa do avanço. Nossos ouvidos repetiam, num tic-

-tac desesperador, as recomendações do tenentinho esquálido: "TUDO DEPENDE DE VOCÊS".

A espera, em nosso setor, liquidava mais do que o avanço.

Às vezes, de um ponto qualquer de nossa peça, uma voz cortava o ar gelado. Era um pracinha que pensava alto: "TUDO DEPENDE DE VOCÊS"...

Eu corria os olhos para cada fisionomia transtornada. Eu tinha medo! Um medo bárbaro! Selvagem! Gosmento e rastejante! Minha boca amargava mais que insulto de capitão!

E eu continuava controlando meus camaradas com os olhos. Eu sabia que eles também sofriam, lutavam, fremiam, na mais dura das lutas no front: afogar o medo que aflora.

Perto do cabo, encostado no escudo do canhão, Meia-Um mascava seu inseparável chiclete. Todo chiclete que eu recebia, guardava para ele. O disco translúcido que devia ser o sol, iluminava parcamente o rosto de meu apontador. Meia-Um mascava chiclete, para não deixar transparecer o tremor dos maxilares possantes. Era um carioca de fibra! Orgulho de Bangu!

Mais perto do cabo, estava meu cão-de-fila: Rembosck. Batia as mãos, uma contra a outra, para esquentá-las. Suas manoplas estalavam num som abafado, surdo e compassado. Todo mundo achava que o "de origem" não devia sentir frio: era polaco.

E o polaco, sempre sorrindo no espírito infantil, ia respondendo: "EU SINTASSS MUITASSS FRIASSS"... deixando seu carão rasgado num riso de criança que não conhece maldade. E eu acho que Polaco nunca haveria de conhecer.

Virei-me para a esquerda. Procurava estudar o mais difícil: Turquinho. Ele estava, como sempre, deitado na tarimba das granadas.

Desta vez, porém, numa pilha de granadas "empacotadas" nos cilindros de papelão. Granadas que ainda não tinham sido abertas.

Foi nesse instante que o fato se deu.

Turquinho deu um pulo da tarimba. Do salto brusco, caíram alguns tubos de granadas empacotadas. Um bater seco, fofo, de objeto caído na neve.

Turquinho olhou cada um dos companheiros. Arregalou os olhos, deu um grito (UM GRITO OU UM URRO?), bamboleou o corpinho franzino e saiu correndo... numa disparada dos diabos.

A mesma carga nervosa que mantém o pracinha massacrado na expectativa do avanço, é a mesma carga nervosa que o impele para a frente: uma carga elétrica animalizada, sem meio-termo, em sua maioria assassina!

Foi essa carga que impulsionou Meia-Um.

Ele era o camarada que estava em pé e foi mais rápido na reação. Voou em cima de Turquinho e, num mergulho espetacular, agarrou os cambitos do carioca de Del Castilho e foram estatelar-se, os dois, na neve endurecida.

— Foi umasss tombass sim senhorrr... (Exclamou "de origem", na sua inabalável pachorra).

Corri e ajudei a trazer nosso bom Turquinho. Esperneando e reclamando, numa confusão de gíria carioca, termos árabes, dialeto italiano, nosso municiador resmungava, fungava e babava.

A neurose fora mais forte que sua fibra.

— Quero sair daqui, Cabo velho... (Um safanão nos amigos, novas reclamações)... Quero sair deste inferno gelado. Eu preciso sangrar um *tedesco*...

— Pois vá pros infernos, seu turquinho otário... (Respondeu Meia-Um, fazendo força para conter seu amigo de front).

Depois de acomodarmos o turquinho na pilha de granadas, Meia-Um ainda recriminou o camarada:

— Você, desse jeito, vai dar aos outros a impressão de medo.

Turquinho não ouvia seu colega. Sentou-se, fincou os cotovelos nas pernas, apoiou a cabeça com as mãos e derramou um olhar interrogativo para cada um dos companheiros. Depois, numa convulsão do tronco recurvado, conseguiu reprimir a explosão que ameaçava extravasar. Sempre com as mãos no rosto, começou a falar, não importando mais com os soluços:

— Eu preciso de mulher... (Novos soluços)... Eu tenho que degolar um *tedesco*, como papai fazia na guerra dos bôeres. Ele me contava da guerra deles... (Convulsões maiores, sacudiam seu corpo franzino. Ninguém falava. Não precisava falar. Turquinho falava por nós. Era mais homem! Falava por nós)... Eu preciso de uma pequena e de sangrar um tedesco... (Levantou a cabeça, encarou o cabo. Oh! Aqueles olhos!)... Cabo, quero ir para casa. Preciso contar para papai que não pude sangrar um alemão... (E os soluços jorravam. Fartos, capitosos e sem preconceitos. Soluços de homem macho)... Quero ir para casa. Eu quero a pequena bem bonita que sempre vejo passar naquela garganta... É loira, bem loira, com tranças douradas e botas de verniz... (Balançava a cabeça, como se desenganasse a si próprio)... Eu preciso sangrar um boche, Cabo, senão eu fico louco. Papai pediu. É missão de homem de sangue quente... (E o choro desabou, numa convulsão que a neurose escondia).

Assim, era nossa vida no maldito front do Monte Castello. Uma vida arrastada, massacrada, esmigalhada, triturada, nas moendas das neuroses de inverno.

Qual seria o carrasco mor:

Os Apeninos gelados?

Ou os roncos das explosões?

***

E a minha conversa com o capitão continuava. Meus maxilares estavam retesados. Meu corpo tremia, esquentando no ódio recalcado. Meus olhos queimavam... e o homem teimoso continuava:

— O que há com você? Conte! Estamos aqui, para auxiliar, também, na parte moral.

"POBRE CAPITÃO... (Pensei com os meus botões)... POR QUE ESSE TAMBÉM?"

Deixei escapar um tic nervoso e continuei pensando com meus botões: "NUNCA FEZ NADA POR NÓS E VEM COM ESSE TAMBÉM".

Pobre capitão! Era tarde. Tarde demais, quando você lembrou que, a sua turma do front, TAMBÉM era composta de entes HUMANOS e não formada de máquinas para matar. Seus gritos, capitão suas descomposturas, seus insultos, tão amiúde, descarregados, sobre nós, em formatura, no front, transformaram você – capitãozinho empavonado – no mais odioso elemento de nossa guarnição.

Eu tinha nojo de você, capitão-empavonado! Nojo de sua pessoa, de seus gritinhos histéricos, de seus gestos estudados e falsos, de seu dedo polegar em riste – numa caricatura grotesca de CHURCHILL –, do seu linguajar pobre e brutalizado de prussiano recalcado.

Nós sabíamos, capitão, o porquê de seu recalque. Nós sabíamos dos comentários íntimos que faziam de sua família. Sabíamos tudo! Tudo!

Você não sabia que o praceba necessita de estímulo, conselhos, incentivos e exemplos? Nunca estudei em academia militar. O front me ensinou, capitão! O front me diplomou!

Da pátria distante, das saudades, das neuroses, você também, contribuía para nos massacrar! Para nos eliminar! Para nos enlouquecer!

Às suas palestras, no front, em minha terra chama-se "COICE"! Os seus conselhos, na minha terra mato-grossense, também chamam-se "INSULTOS"!

Vocês falam em exemplos, em moral, em glórias! Tudo mentira! Tudo falso! Tudo militarmente forjado!

Lembram-se de Florença?

Vocês partiam para lá, garbosos, na farda de gabardina. Iam, nos jipes, em bandos arrulhantes, garridos, em busca de mulher! E nós, os pracinhas, ficávamos trancados nos acampamentos dos prados de Pisa, amargando nas barraquinhas imundas, a masturbação dos sonhos abjetos.

Lembram-se de Gaggio Montano? De Porretta Terme?... De tantas outras posições que ocupáramos e que ocuparíamos?

Todas! Vocês se engalanavam, na farda engomada de gabardina cheirosa... e iam, em bandos alegres: janotas, elegantes, almofadinhas da guerra! Eram dândis perfumados, preparados pra conquistas afrodisíacas!

E nós? Ah! Pobre pracinha! Ficávamos sempre, segurando o rabo da guerra nojenta, para que eles, em cartinhas amorosas, descrevessem a "cruel" vida que "arrastavam" no "front" da Itália.

E trechos das cartas eram publicadas. E citações eram copiadas, imprimidas, repetidas, invejadas!

E o cabo continuava em posição de sentido, relembrando tudo.

Poderia eu, afinal, abrir as portas do coração para dar passagem às suas botas de um carrasco que só conhecia o cutelo mordaz e infame de suas recriminações?

Não, capitão! Jamais!

Você só uma atitude digna de ser imitada: "COVARDIA"!

Você já tinha se esquecido que mandou o tenente comandante da linha de fogo, pegar o cabo "Farenaith", por trás e segurá-lo. Então, você usou e abusou, esbofeteando um cabo, no front...

Você, capitão, naquela "fala de amigos", acabara de completar a obra que a neurose iniciara. A sua verborreia, naquele instante, atingira o ponto sensível da neurose que dormitava...

E dessa primeira e única "fala de amigos", foi lançado o alicerce que construiu, para sempre, o monumento neurótico que a guerra devolveu. Você acabou de liquidar o infeliz cabo que tinha brio, que tinha fibra!

E os dias passaram, depois dessa "conversa de amigos". Dias morosos, lânguidos e sem fim. Os *tedescos* continuavam nos massacrando com o maldito tiro de "inquietação". Não havia sossego na tropa.

Eu não me sentia bem. Alguma coisa funcionava errado, no corpo exangue.

Pedi ao sargento Zadir que me substituísse por outro cabo. Eu não aguentava mais. Um tremor corria pelo meu corpo, deixando-me estonteado.

Sargento Zadir, como comandante de peça, telefonou ao comando, comunicando o fato e pedindo substituto para que o cabo fosse recuado.

E o substituto não veio e ninguém tomou conhecimento.

E os dias passavam, massacrando, cada vez mais, o cabo rastejante.

Um dia, perguntei:

— Sargento, quando virá meu substituto? Eu não aguento mais ficar em pé... (Fiz uma pausa. Encarei meu sargento e soltei uma pergunta que me intrigava)... Será que eles pensam que estou com medo?

— Não é isso, Cabo. O comando respondeu que o Depósito da Retaguarda não tem homem para substituir você.

Era o que respondiam para nosso bom sargento Zadir. Tanto no primeiro dia, como no 2º, no 3º, no 4º, no 5º... não sei mais quantos dias. Solicitei! Roguei! Implorei! "ESTOU MAL, NÃO AGUENTO MAIS!'...

Eu era um homem inútil, no front de Porretta Terme. Meu corpo era febril. Minhas pálpebras pesavam, sonolentas. Meus olhos mal distinguiam os milésimos graduados nos instrumentos de pontaria.

Eu era o cabo-base, senhor capitão!

A responsabilidade era muito grande, para um enfermo, senhor capitão!

Por isso, senhor capitão, foi isso que eu errei... Foi por isso que o cabo errou nos cálculos, dando rajadas erradas!

Eu errei o alvo!

"MEA CULPA! MEA MAXIMA CULPA"...

***

Janeiro, 21

Um rugido sacudiu os apeninos gelados, lá para as bandas do Castello. Sentado na conteira do nosso 105, Polaco fumava calmamente. Levantou a cabeça para as bandas do rugido e falou, cismarento, como se fosse a coisa mais natural do mundo:

— Tedêsquesss chá ssstá fffomitando 290... (Deu uma tragada com cara pachorrenta, e continuou, como se reclamasse da impertinência de um colega mais chato)... Os alemonguesss no parrrarrr nuncasss... (Nova chupadela no cigarro, uma longa fumarada que Polaco acompanhou com os olhos gateados e prosseguiu)... Minhasss sangue fervesss quando lembrrrasss tedescasss sanguesss minhasss também...

E o gaúcho "de origem" balançava a cabeça, desconsolado, lembrando que, lá em cima do Monte Castello, poderia ter um parente seu. Ele já havia lembrado essa hipótese. Um parente atirando para matá-lo. Isso, naturalmente, tinha sido ideia do Meia-Um, sempre descobrindo piadas por cima dos colegas.

O rugido que sacudiu os Apeninos foi aumentando, aumentando, até que o urro estremeceu tudo. Lá das geleiras eternas, os contrafortes responderam, com outro rugido mais soturno. Era o eco das cordilheiras centenárias, procurando vingar-se dos pracinhas que não a deixam dormitar no sossego dos séculos.

Novo urro dos boches. Desta vez, a pontaria desceu mais uma trajetória. A granada 290 veio, uivando, aproximando-se de nós... gemendo, assassina.

Quando se aproximou de nossa peça, Polaco levantou a cabeça para o ar gelado. Apertou bem os olhos, como se faz para afirmar alguma coisa no céu. Depois, foi acompanhando com a cabeça, a trajetória invisível da granada. Com o ouvido treinado no sibilar das granadas, ele havia aprendido acompanhá-las no percurso invisível.

O assobio arrepiante passou. Era um silvo bárbaro!

Turquinho, deitado na sua pilha de granadas, levantou-se, fincou o cotovelo na palha e falou:

— Vá procurar seu pai que é mais velho... (E continuava olhando para cima, em busca da trajetória hipotética)... Esses assobios deixam a gente gelado... (E jogou a carcaça na tarimba de granadas).

— É mesmo, cabo... (Confirmou Meia-Um, sempre encostado na couraça do 105, como era de seu costume)... Quando uma granada vem mais baixo, parece uma porção de gente cochichando o nome da gente, em voz estrangulada... (E imitou, fazendo ruídos com a língua e os lábios, o zunido da granada)... Meia-Um, flu-flu-flu...

— Quem sabe é porque ela ainda não encontrou o seu endereço... (Atalhou Turquinho, já aboletado na tarimba das granadas).

— Vire essa boca pra lá, turco de uma figa!... (Fez uma pausa e arrasou seu colega com mais esta)... Camelô da Rua da Alfândega!

— Ora, ora... (Atalhou, Zé-Conselheiro, sentado ao meu lado, na conteira do canhão)... Calma, bugrada!... (E mostrou para as bandas dos *tedescos* que atiravam)... Lá vem outra madame...

E todos jogaram-se na neve. A bicha fazia igualzinho Meia-Um: "glóc, glóc, glóc"... indicando explosão nas proximidades.

Podia ser no nosso setor.

Os fados da sorte, mais uma vez, sobrevoaram nossa posição.

***

Janeiro, 22

O disco translúcido que nós já aprendêramos ser o sol, andava pelos meridianos do dia, com vontade de tirar uma soneca.

Fazia tanto frio que o sol andou procurando umas cobertas lá pelos confins dos Apeninos.

O dia andava sobressaltado. O praça andava sobressaltado.

Tudo andava mal.

Eu, o tempo, o sol, o dia, os camaradas.

A inquietação reinante, indicava um próximo assalto.

Não sei porque, o praceba tinha uma intuição danada, quando se aproximava um ataque dos alemães. Meia-Um já havia falado sobre a assunto e Zé-Conselheiro explicara:

— Deve ser o tal de sexto sentido. Parece que o pracinha recebe dos *tedescos*, por via telepática, os comandos de ataque... (Inclinou a cabeça, como se consultasse os efeitos produzidos no Meia-Um e continuou)... Acho que há tanta semelhança nos sofrimentos dos pracinhas daqui e de lá, que há uma afinidade retransmitida, mentalmente, de front a front... (Uma nova pausa. Revirou o cigarro que trazia nos dedos, admirando-o com ar absorto)... Deve ser a tal parapsicologia. Não sei.

E as descrições prolongaram-se.

Conselheiro sabia quando era necessário prolongar uma conversa. O nervosismo, quando oprimia nossa turma, era tétrico.

Felizmente, minha guarnição ainda podia dispor do luxo de manter vivo um Zé-Conselheiro.

E as horas foram passando, escorrendo, esmagadas num moinho emocional. Um moinho apertado, cada vez mais, pelas geleiras dos Apeninos.

Som de passos eu ouvi por perto.

Passos incertos, medrosos, sem pressa.

Virei-me, intrigado. Eu estava na "escuta", arqueado no peso das conjeturas, aguardando a ordem que não vinha. A febre não me deixava. As tonturas persistiam.

Os passos incertos aproximaram-se tanto que senti o arfar do peito que os trazia. Era Zé-Conselheiro que tinha ido dar umas voltas, para "tomar ares", como era nosso costume.

O velho amigo abaixou-se para sentar na conteira. Fungou, fazendo força para dobrar as dezenas de roupas que vestia. O seu volume de lã era duas vezes o seu corpo.

Olhei, com olhar perdido, para o camarada que eu tanto admirava. Deixei escapar um tic nervoso e pensei com meus botões: "ESTÁ CADA VEZ MAIS VELHO, MAIS ABATIDO"...

Conselheiro encarou-me e começou a falar, pausadamente, com algum esforço, como se viesse de uma longa jornada:

— Cabo, ontem à noite, quando eu estava sozinho de guarda, eu ouvi passos... (Meteu a mão no bolso do capote, tirou cigarro e fósforos. Bateu a carteira na mão enluvada e dois cigarros saltaram, solícitos. Conselheiro me ofereceu. Eu aceitei, senão ele sentia-se ofendido. Sempre dava essa batida, fazendo saltar, infalivelmente, DOIS CIGARROS. Eu muito admirava esse truque do amigo. Acendeu o seu cigarro. Tirou uma tragada gulosa e foi soltando fumaça misturada com palavras)... Som de passos eu ouvi. Som de passos e de vozes abafadas. Eu ouvi mesmo... (E Conselheiro encarou-me, com ares de sonhador)... Eram passos de duas pessoas, sibilando vozes de duas pessoas. Meu corpo arrepiou. No começo, eu pensei que fosse *tedesco*. Mas o luar era bem claro. Procurei e não ouvi ninguém. Quase corri de medo... (Nova tragada, desta vez, com sofreguidão. Ainda conservava o palito de fósforos. Olhou para ele, rodopiou o pauzinho nos dedos enluvados e atirou-o no ar, num peteleco que indicava raiva)... uma das vozes ia sussurrando, ia contando baixinho... baixinho, umas coisas esquisitas...

Eu puxava minhas tragadas, com nervosismo. Sabia muito bem que Conselheiro não era de patacoada. Eu confiava cegamente em meu amigo. Não fora ele, a sombra de minha vida.

Zé-Conselheiro continuava:

— Uma passou bem pertinho de mim... (Deu petelecos na manga do capotão, como se tirasse a poeira da sombra que tinha passado bem perto dele)... Ele passou falando... "GENTE ESTRANHA, FARDADA, VINDO DE LONGE, EU VEJO!"... E uma outra voz, num tom esquisito... (Encarou-me e afirmou)... Acho que é o tal som cavernoso... (Balançou a cabeça, confirmando a si próprio)... Perguntou para a companheira que sussurrava: "O QUE FOI QUE VOCÊ SENTIU DISSO?". E a outra respondeu: "SINTO CHEIRO DE SANGUE. A TERRA TREME!"... (Os olhos que Zé-Conselheiro derramou para o cabo, eram expressões de socorro, solicitação de angústia)... Depois, num gemido

longo, a mesma voz que sussurrava, continuou falando: "SOU VELHA! VIVI TANTO! ESTOU CANSADA... JÁ VIVI MUITO". Saí, como um louco... (E Zé-Conselheiro levou as mãos nos ouvidos, para não tornar a escutar aquelas vozes que o martirizavam)... Saí correndo. Não queria mais ouvir aquelas vozes. Tinha sido além de minhas forças. Quase gritei de horror! Fui para lá... (E apontou para uma pirambeira, numa garganta íngreme, onde a neve vivia provocando avalancha)... Rolei como um fardo, indo estatelar-me lá no fundo. Minha sorte, foi a neve que amorteceu minha queda... (uma pausa e finalizou a história que nunca soubemos compreendê-la)... no rodopio do tombo, ainda ouvi que a voz cavernosa dava gargalhadas.

***

Janeiro, 23

Sentado, todo trêmulo, na conteira de seu canhão amigo, um cabo meditava. Pela primeira vez, não tremia de medo. A febre tomara-o, dominara-o, transformando-o num caniço trêmulo.

O *caporale* das jornadas gloriosas, debatia-se em febre.

Estava deitado no seu próprio busto, com as mãos apertando os fones em expectativa do avanço que não chegava. A voz do tenente ainda martelava em sua cabeça febril. Agora, com mais insistência, ressoando no badalar do coração descompassado: "TUDO DEPENDE DE VOCÊS, CABO!".

A voz estridente, no laringofone, estourou os nervos do cabo que se debatia nos tremores da febre:

— ATENÇÃO, BATERIA!...

Liguei o laringofone e respondi, automaticamente:

— Pronto, segunda peça!

A HORA CHEGARA!

E a voz posto de comando, repetia as ordens, com voz bem clara, bem compassada, para evitar possibilidades de erro:

— PREPAR PARA ATIRAR!.... FUMÍGENA 58!... CARGA 5!...

E eu repetia, como autômato, sem noção do que fazia:

— Fumígena 58... Carga 5... Por 3...

— SÍTIO TANTOS MILÉSIMOS!...

— Sítio tanto... (Repetia o sonâmbulo).

— DERIVA TANTO!... ALÇA TANTO!... (Comandava do posto).

— Deriva tanto. Alça tanto...

E o cabo febril repetia, pelo laringofone, o que as mãos não executavam. Somente Meia-Um, meu apontador cem por cento, executava as ordens à risca, sem saber que o cabo ia executando as maiores barbaridades no aparelho de pontaria.

Calei as bolhas de nível. Não repeti a leitura do aparelho de pontaria, como manda a segurança de uma peça, porque já tinham uma confiança demasiada em mim, sem noção do que fazia, dei o berro característico:

— PEÇA PRONTA!...

— Carregar!... (Veio a ordem).

Fiz o gesto com o braço esquerdo, indicando ao Rembosck a bocarra escancarada que aguardava a granada fumígena. Eu fazia o sinal, enquanto gritava:

— CARREGAR! (Compassadamente, para dar tempo de ser carregada e responder imediatamente)... Peça pronta!

Eu não podia falar com meus comandados, porque o laringofone estava ligado definitivo com o posto de comando. Para não ficar ligando e desligando, o que acarretava inconvenientes.

Polaco, meu carregador insubstituível, era elogiado por toda a frente do Castello. Empurrou, com força de seus possantes 80 kg de músculos, o projétil que nunca pôde alcançar o alvo calculado.

O autômato, agarrado ao cordel detonador, fechou a culatra com raiva e, nem bem o som dos aços se retinindo tinha sumido, já a voz do cabo se fazia ouvir:

— PEÇA PRONTA!

— FOGO!... (Veio a ordem que sacudiu minha febre).

— FOGO!... (Repetiu a voz do cabo que não sabia o que fazia).

E o gigantesco 105 deu um pinote, corcoveou sobre seu próprio eixo e vomitou uma gosmada de fogo. O 105 vomitava morte!

BUM !... UM... UM... UM-M-M-M...

E lá se foi, desgraçadamente, a potente 105, em caminho errado!

Lá do comando, uma gritou, afobada:

— RETIFICAR PONTARIA!...

O homem, esse animal indescritível, retém, na memória, os absurdos cálculos de guerra.

E, sendo eu, um desses animais, repeti, pensando que estava fazendo a leitura dos instrumentos de tiro. Eu lia na memória, o que a memória gravara nos gritos de ordens.

Por que, senhor Deus das Guerras! A minha memória não falhou naquele dia malsinado? Por quê?

Confirmado o cotejo dos cálculos, satisfeitas as exigências do comando, a ordem de novo tiro não se fez demorar. Três peças, na minha linha de tiro, nos acompanhavam, aguardando ordens. Elas só atiravam depois que a minha peça enquadrasse, com as fumígenas, o célebre triângulo de tiro.

— CARREGAR!... (Foi a segunda ordem).

— Peça pronta!... (Gritei, trêmulo de febre).

— FOGO!

BUM!... UM... UM... UM-M-M-M-M...

Pela segunda vez, a 105 tomara direção errada. Tinha explodido em zona errada, produzindo: morte, destruição, desgraça, vergonha!

— CABO!... (Gritou uma voz muito nervosa)... ESTÁ ME OUVINDO?... RETIFICAR PONTARIA!... (Bradou, lá no posto de comando, a voz da angústia).

A granada fumígena provocara, na explosão, um cogumelo azulado. Era para indicar, com precisão onde caíra a granada. O alvo desejado, era calculado numa aproximação triangular.

O nosso posto de observação, num montículo avançado, transmitia as informações do segundo desastre. E eu, pelo laringofone, sensível nas transmissões, escutava, estarrecido, os pedaços de informações que vinham lá de nosso P.O.

Meus colegas, guarnições de outras três peças, escutavam também. Nada compreendiam. Eles sabiam que eu era um dos melhores. Não havia perigo de erro. Jamais pensariam nisso.

Os outros cabos não conheciam meu drama. Nem eu!

Novamente cotejamos os comandos de tiro.

Novamente, por incrível que pareça, a memória traiu o cabo febril. O que meus olhos embaciados pela febre não lia, sua memória miserável transmitia, com sua perfeição de milésimos.

— SEGUNDA PEÇA, CARREGAR!

— Carregar!... (Respondi, acenando, nervosamente, para Polaco, que não entendia mais nada. Eu já começava a desconfiar da situação).

Eu já tinha explicado, enquanto ouvia as informações do segundo tiro, para Turquinho e Polaco, o que se passava. Já havia expedido Turquinho para ir comunicar o sargento. Algo estava errado. O que seria?

Polaco olhava-me assustado, sem compreender nada. Estava acostumado, desde que estreamos no front, a ouvir, apenas, os comandos. Nunca nossa peça tinha sofrido RETIFICAÇÃO DE PONTARIA. Isso era grave!

O gaúcho "de origem" sabia que nossa peça estava passando do limite de tolerância. Duas RETIFICAÇÕES e ainda em fogo?

Mas as misérias nunca são poucas.

O tenente-comandante da linha de fogo, pegou o microfone e falou comigo, com voz nervosa.

— CABO, ESTÁ ME OUVINDO?

— Estou. Tenente.

— VAI SER A ÚLTIMA CHANCE!... (Uma pausa que me gelou)... Última!

— Sim, tenente! Entendo...

E a maldição do comando repetiu a ordem assassina:

— FOGO!... (Foi a ordem maldita, que me marcou para o resto dos tempos).

Minhas mãos crisparam no cordel detonador. Meus músculos não obedeceram à ordem. Uma indecisão, mais forte do que a obediência, manteve o cabo estático, sem ação.

Polaco encarava-me, assustado.

No laringofone, um grito soou. Um grito mais forte do que a minha consciência. E soldado não tem consciência!

— FOGO!...

E eu repeti, já com voz estrangulada:

— Fogo...

BUM... UM... UM... UM-M-M-M-M

E lá sei, pelos céus congelados, a emissária das misérias humanas, mais forte e mais potente do que a própria consciência!

— SEGUNDA PEÇA, FORA DE FEIXO[41]!... (Berrou, descontrolada, a voz que comandava).

— Segunda peça fora de feixo... (Repetiu o cabo que fora homem).

---

[41] Provavelmente trata-se de "feixe": "conjunto dos planos de tiros das peças". Cf. BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Condução do tiro de artilharia pelo combatente de qualquer arma.** Caderno de Instrução CI 6-135/1, p. 02-16. http://www.doutrina.decex.eb.mil.br/images/caderno_ci_pp/CI/CI_6_135_1.pdf. Acesso em: 09 de jul. 2021 [N/O].

E sargento Zadir, que tudo presenciara, calado, começou a fazer as perguntas uma em cima da outra:

— Cabo, nossa peça fora de feixo? O que houve? Foi ordem do comando?

Nisso, apareceu, todo desconfiado, um aspirantezinho, magriça, com um triângulo-de-tiro na mão. Ia falando, enquanto preparava os cálculos:

— Cabo, erramos os três tiros. O que é que há? Vamos fazer a retificação de pontaria, com este triângulo.

Com uma caderneta quadriculada, o aspirante ia fazendo cálculos de tiro, sempre conversando comigo. Dos cálculos, eu ia ajudando a passá-los para o Triângulo de tiro. Preparado o aparelho, foi este colocado na culatra do monstro que calara... e feitas as necessárias verificações.

Estava errado tudo.

O aspirante, nervoso, não atinava onde estava o erro. Era recruta de front e nos respeitava, como veteranos.

Tentou, por diversas vezes, e nada conseguiu. Mais oficiais foram chamados pelo laringofone e nada encontraram.

Sentado, na conteira do canhão, eu estava arrasado. Minha peça fora de feixo, por erro de cálculo? Mas, pensava com meus botões, e os homens que cursaram Agulhas Negras, também não atinavam com o erro?

De discussão em discussão. De cálculos para outros cálculos, chegaram à conclusão que a peça teria que ficar fora de feixo. Não havia razão para os erros.

Eles confiavam demais no cabo velho. Não fiscalizaram meus aparelhos que registravam, ainda, meus cálculos.

Eu, sentado na conteiro do meu velho canhão, pensava, arrasado. Um vulto magro, aproximou-se do cabo e, dando palmadinhas no seu ombro, falou:

— Calma, meu velho. Na guerra, tudo é possível. Você está muito doente. Repare nos comandos... com calma... (E, sempre afagando-me as costas curvadas na depressão, Conselheiro falava)... Vamos seu Pantaneiro rebelde. Repare nos comandos. Foi tudo registrado invertido. Olhe só o tubo-arma... (E mostrou o tubo do canhão. Estava em posição quase horizontal)... Só aí, você já sabe que está tudo errado.

Um frio percorreu meu espinhaço. A febre tremeu mais. Levantando a cabeça, dei com o tubo arma, quase na horizontal. Voltei-me, assombrado, para o velho amigo e balbuciei:

— Não é pos-sí-vel... Não é pos-sí-vel...

Conselheiro não respondia, mas falava com os olhos.

Deu mais algumas palmadinhas nas minhas costas encurvadas. A minha sofreguidão era aumentada pelos espasmos da febre que me roía e, muito mais, massacrada no peso da derrota que sofrera!

Zé-Conselheiro, sempre amigo, animou-se com um olhar de bondade e continuou, falando com voz mansa:

— Agora, pantaneiro, veja os comandos... (E indicou a alça de mira que estava bem visível).... Não se meta mais! Você não é culpado meu velho. Veja... (E o indicador apontou os milésimos do "sítio")... Está bem claro, não é?

Apertei os olhos congestionados pela febre. Os instrumentos de tiro bem na minha frente, dançavam no lusco-fusco da visão embaçada. Pisquei diversas vezes, para melhorar a visão... Nada! Passei a manga do zé-carioca nos olhos. Nada! O lusco-fusco continuava.

Levantei a cabeça e esparramei um olhar canino, humilde, suplicante, ao camarada que me socorria. Eu estava aparvalhado, embasbacado. Um arrepio bandido, gelado e vagaroso (de febre ou de pavor?), ia percorrendo meu espinhaço, espalhando-se pelo corpo todo, provocando tremores. Meu corpo tremia (de medo ou de febre?)

Eu quis falar qualquer coisa, mas as palavras morreram nos lábios ressecados, pálidos e trêmulos.

— Calma, meu Cabo velho! Calma...

Uma saliva seca rasgou minha garganta e provocou um grito:

— SARGENTO!

Nosso bom Zadir estava por perto, atendendo o sargento comandante da primeira peça, que ficava mais perto e que viera em busca de informação. Sabia que nossa peça estava fora de feixo e isso era muito grave. Dava cobertura para seu colega!

Virando-se para o cabo, o sargento respondeu:

— O que é que foi, cabo?

— Está aqui... (E eu mostrava, rindo e chorando, os instrumentos de tiro do canhão silencioso)... Está aqui o erro!

— Não pode ser, cabo!

E o bom sargento abaixando-se, apertou os olhos para ver melhor os registros dos milésimos dos instrumentos. Ia lendo os instrumentos, enquanto resmungava, como se falasse para si mesmo:

— Não pode ser... (E limpava, com o dedo, um sujinho aqui, outro ali, como se quisesse desmentir o que lia)... Não pode ser... (Resmungava)... Os "cobras" não encontraram nada... (Encostou a boca no aço polido dos milésimos, soltou um bafo, esfregou com a manga, para polir bem e resmungava)... Não pode ser... Nem com o Triângulo de Tiro, os "cobras" não encontraram nada! Nenhum erro!... (E balançava a cabeça, sempre abaixado, com a cara grudada dos instrumentos, resmungando)... Não pode ser...

E eu continuava, balbuciando como um demente, de olhos parados nos instrumentos que o sargento limpava, befajava, esfregava, lia e relia.

Eram dois alucinados, pronunciando palavras incoerentes. Um, transpassado pela febre que o liquidava; outro, assombrado pelas realidades da leitura nos milésimos.

E o cabo repetia:

— Tudo registrado inverso... Tudo registrado inverso...

Às vezes, os dois embaralhavam as exclamações, vivendo, cada qual, o seu drama particular: "NÃO É POSSÍVEL!"... (Falava um)... "TUDO REGISTRADO INVERSO"... (Respondia outro).

Houve uma pequena pausa, como se a peça tinha sido coberta pelo grande mando do silêncio.

Uma nova carga elétrica, sobrecarregada na temperatura da febre, fez o corpo desnutrido do cabo apontador, rodopiar na conteira do canhão, onde estava sentado e tombar, desfalecido, no tapete branco que a neve colocara no front.

Zé-Conselheiro que estava perto, caladão e que vivia o nosso drama, abaixou-se, com rapidez e levantou seu amigo que já voltava da ligeira comoção febril.

Na inconsciência do desfalecimento, o cabo gaguejou algumas palavras incompreensíveis. Debateu-se nos braços de Conselheiro e, ainda alucinado pela febre que o liquidava, falou:

— Sargento, chame o tenente... (E debatia-se, com força esvaída)... Chame o tenente... Descobrimos os erros...

Lá dentro do infeliz que a febre escaldava, uma força maior do que a sua vontade, pedia um oficial para comprovar seu erro!

Muitos dias depois, Zé-Conselheiro tinha recriminado:

— Não seria muito mais fácil, para você e para mim, sem que ninguém soubesse... (E encarou-me, procurando ler meus pensamentos)... Sem que ninguém soubesse. Nem mesmo o sargento!... (Uma pausa, esperando que eu concatenasse as recriminações e prosseguiu, sempre me encarando)... Você podia, muito bem, desmanchar os comandos registrados. A culpa?... (E sacudiu um ombro, demonstrando desprezo)... A culpa seria despejada na própria peça. Isso é tão natural... (E, levantando-se, levou o dedo no nariz, para confirmar o que tinha dito)... As máquinas da morte não falam!

E saiu resmungando, na ginga do corpinho magricela, arrastando as galochas desbotadas. O silêncio que abafou suas últimas palavras, foi cortado pelo tilintar das presilhas metálicas, que balançavam na galocha desbocada e lambuzada.

O cabo balançava a cabeça, descontroladamente, sem poder falar. O gosto amargo da derrota, trazia o silêncio da ruína humana...

***

O bondoso sargento, atendendo aos apelos de seu cabo, telefonava, de sua barraquinha gelada, para o posto de comando, comunicando os fatos.

O mesmo aspirante foi mandado para tirar as conclusões.

O "menino" chegou. Trazia o "Triângulo de Tiro", a caderneta quadriculada, lápis, borracha, uma prancheta, etc.

Quando Conselheiro viu o aspirante aproximando com o material de cálculo de tiro, resmungou:

— Lá vem o "menino" com as bugigangas das academias... (Deu uma cusparada. O esguicho borrifou o ar gelado)... Quá! Essas pestes de recrutas "estrelados", estão pensando que guerra é exercício de caxias...

O aspirante chegou, resmungou qualquer coisa. Apoiou a prancheta nas virilhas (COSTUME DA ACADEMIA, falara, mais tarde, o impossível Zé das observações maldosas)... e começou a fazer contas, riscar ângulos, armar equações, traçar cálculos.

As folhas de papel apresentavam arabescos incompreensíveis.

O sargento, curioso, acompanhava todos os movimentos do aspirante.

Por fim, o "menino" deu um suspiro de alívio.

"DESCOBRIU A PÓLVORA"... (Falara, mais tarde, Conselheiro).

O aspirante olhou, um por um, dos componentes: Meia-Um, calado, arrasado com os acontecimentos. Encostado no escudo da peça, mascava, com raiva, o chiclete, devorando o tenentinho com olhos de ódio.

O "menino" parece que não gostou dos olhos de Meia-Um e abaixou, com ar de reprovação, para pegar uma folha de papel que tinha caído. Ao abaixar-se, encarou Polaco que estava sentado na outra conteira do canhão. O "de origem" também engoliu o aspirante com um olhar descortês. O aspirante agarrou a folha de papel e virou-se para Turquinho. O homem parece que estudava um por um, em busca

da reação que esperava, ao dar o seu veredicto. Um ligeiro tremor nas faces do "rapazola", indicara os resultados provocados pelo olhar esgazeado que Turquinho lançara sobre o tenentinho.

O jovem oficial procurou, aflito, o sargento ao seu lado, com um olhar interrogativo, como se dissesse: "E AGORA, SARGENTO!"

— Telefone para o P.C., tenente.... (Sargento Zadir compreendera as súplicas nos olhos do "menino" que a escola despachara para a guerra).

O aspirante tomou do telefone e fez a comunicação que todos já esperavam: "O CABO ERROU OS COMANDOS. ESTÁ TUDO INVERSO!".

Eu escutava, pelo laringofone, a conversa. Era um serviço telefônico em extensão, justamente para que todos ouvissem e falassem na mesma linha.

A ordem, lá do P.C., não se fez esperar:

— LEVE O CABO PRESO!

E o aspirante perguntou, indeciso:

— Para onde, Sr. Tenente?... (Mesmo no front, os oficiais mantinham a prepotência do SENHOR).

No laringofone, ainda ouvi vozes consultando, no posto de comando. Um cabo auxiliar deu o palpite: "AQUELE QUARTO DE FENO, NA PIRAMBEIRA DO CÓRREGO"... (Eu distinguira, perfeitamente, a sua voz. Eu conhecia demasiadamente o meu colega. Era um crápula. A encarnação real do capachildo. Vivia rastejando, lambendo o tacão das botas estreladas).

Uma voz cortou o frio gelado pela neve.

Era uma voz áspera, antipática, de entonação pernóstica! Uma voz que eu conhecia muito bem. De muito longe!

E a voz penetrou no laringofone, fazendo abalar toda a carcaça do cabo arrasado pela febre:

LEVE O CABO PRESO, ATÉ SEGUNDA ORDEM!... PEDE UMA ESCOLTA PARA O SARGENTO ZADIR E PRENDA O CABO NO QUARTO DE FENO!

Era o "grande capitão"! Senhor absoluto de nossas vidas, de nossas almas, de nossos destinos!

— O "grande capitão",.. (Rosnei, na semilucidez do corpo impotente).

E um tlic!... Bem seco e metálico, indicou que o assunto estava encerrado. O homem não admitia perguntas. Tudo o que ele ordenasse, tinha que ser cumprido, à risca, sem contestações! Era o "grande capitão", como gostavam de chamá-lo, dois ou três cabos capadócios, vergonha de nossa classe!

Zé-Conselheiro acompanhou-me.

Com uma pose estudada, bancava um dos soldados da escolta.

Numa das oportunidades, falou baixinho:

— Não se incomode. A turma está com você... (Deu uma piscadela, para confirmar)... Não liga não! Coisa muito pior já passamos. O "empavonado" já nos deixou sem comer,.. (E voltou-se para o cabo e perguntou)... Lembra-se?... Foi um dia todo, lá em Gaggio Montano... (Balançava a cabeça, sorrindo, com ares debochados, como crítica ao "grande capitão")... levamos bombardas de *tedesco* e passamos fome!... (Deixou escapar uma risadinha bem fininha)... Puxa! Nosso pracinha é

duro na virada!... (Nova risadinha, bem fininha, com a mão na boca, para o "menino" não ouvir)... Só porque um praceba quebrou a tampa do caixote de ração "K"... (Balançou a cabeça em silêncio e, pegando na manga do capotão do amigo, perguntou, com ar de admiração)... Cabo, você nunca soube quem foi o crápula que arrombou aquele caixote?

Encarei meu amigo com olhar vago, olhar imbecilizado e balancei a cabeça, com sinal negativo.

— É... (Continuou Zé-Conselheiro)... Só porque o caixote estava depositado em nosso caminhão, nossa guarnição levou a culpa... Todos nós... (E novos maneios na cabeça que não conformava com o absurdo do capitão prussiano)... Foi isso mesmo! Nossa guarnição toda: um sargento, dois cabos e oito pracebas, passaram fome, um dia todo, nos famigerados ataques ao Castello, só porque alguém arrombou a tampa do caixote de ração "K"... (Soltou uma esguichadela de cuspe, com tanta força e com tanta raiva, que o esguicho foi borrifar a muitos metros na frente. Apertou a mão que continuava segurando meu braço e encerrou)... Curtimos uma fome dos diabos! Tudo, por uma ordem do "grande capitão".

Meu andar era trôpego. Ninguém ligava para o cabo febril.

E, para o quarto de pedra (uma geladeira natural, entalhada numa ribanceira), o cabo seria trancafiado.

— Cumpra-se a ordem do "grande capitão", mesmo gemendo!... (Rosnara Zé-Conselheiro, trincando as palavras nos dentes cerrados).

A geladeira de pedra era um cubículo escuro, úmido, piso, paredes e teto de pedra. Uma folha de porta, pesadona, fechava a única abertura do depósito de feno.

Entre os soldados, corria a notícia, há muito tempo, que aquele quarto de pedra tinha sido reservado para prisão, caso viesse precisar. Tinham ouvido dos oficiais, numa das inúmeras conversas "reservadas" que eles mantinham.

O ferrolho enferrujado gemeu, chorando na ferrugem dos anos. A portarra escancarou-se. Um cheiro de mofo, exalou do interior, fazendo nosso Primeirão franzir o nariz.

Cabisbaixo, arrasado, febril e desmoralizado, entrei no cubículo.

Um gemido baixinho, covarde, foi tomando conta do cubículo. Era a porta que se fechava. Num som medroso, seco, a porta foi fechada e a escuridão cobriu tudo, envolvendo o infeliz filho dos pantanais no túmulo mofento. A megera dos gelos eternos, pegou o manto frio dos Apeninos e jogou em cima do cabo que tiritava de febre.

Passei os pés no chão, em busca do monte de feno que havia num canto. O ruído das palhas secas sussurrou no ar. Aproximei-me, fungando hálito quente. Abaixei-me, tateei no escuro. Encontrando o monte de palha, curvei-me e joguei a carcaça na palha úmida e fria.

Quando o cabo espichou as pernas, um ruído metálico rasgou o silêncio da câmara sepulcral. Eu tinha empurrado uma machadinha velha, com as botas. Curvei-me e peguei o objeto. Era uma enferrujada machadinha.

Uma ideia riscou a cabeça do cabo: "O PRIMEIRO QUE ENTRAR, ABRIREI A CABEÇA DO DESGRAÇADO"... (E soltei um palavrão, como desabafo).

Estaria o cabo delirando na febre que aniquilava?

E os minutos arrastavam-se, úmidos e gelados. As horas escorregavam, pelas paredes mofadas, lambuzando o tempo que não passava.

E o mausoléu do "grande capitão" ia congelando, devagarzinho, o cabo jogado no monte de feno.

Os velhos botões, assustados, sussurram para a escuridão que tudo afogava: " NÃO SEI SE ELE TREME DE FRIO OU DE FEBRE"...

E o desgraçado tremia... tremia... tremia...

Novamente o sibilar acovardado de meus botões indiscretos: "SERÁ QUE ELE TREME DE FRIO OU DE MEDO?"

Ainda distingui, perfeitamente, uma voz que ressoou sarcástica: "ELE TEM UM PAVOR DANADO DE ESCURIDÃO"...

O tempo escorregava emperrado na ferrugem do frio e da umidade do sepulcro de pedra.

Lá pelas tantas, pancadas ressoaram na porta.

Era o grande "Primeirão" quem batia e falava:

— Cabo, Cabo... (E uma pausa para esperar a resposta)... Cabo, está me ouvindo?

As palavras misturavam-se com o ressoar das batidas.

O túmulo sem aberturas, entalhado na rocha da pirambeira, provocava um eco interno. Era um eco choco, ecoando cavernoso no cubículo imundo.

— Cabo, você está ouvindo?

O pantaneiro sentiu os lábios ressequidos tremerem e uma voz surda, brotada lá da convulsão, respondeu ao velho amigo Primeirão:

— Estou, sim, Sargento...

O olhar perdido na escuridão, procurava fixar um ponto imaginário no escuro, em busca da fisionomia que o chamava.

— Cabo... (E as pancadinhas continuavam)... Cabo! O capitão vem falar com você.

Nem bem o Primeirão terminou as últimas palavras, e meus botões soltaram, num resmungo debochado: "O COVARDE MANDA SEU SARGENTEANTE ESTUDAR O TERRENO"...

— Está me ouvindo, Cabo?

Alucinado (pela febre ou pelo ódio?), vibrei a machadinha na porta e gritei, babando no ódio que me queimava:

— Eu abro a cabeça de qualquer um que tentar entrar aqui!... (E uma explosão de soluços rasgou a cortina gelada e negra que cobria o cubículo).

Compreendendo a situação, nosso bondoso sargenteante começou a falar de mansinho, dando pancadinhas na porta para acalmar o cabo.

O diálogo prosseguia. E o Primeirão compreensível, calmo e bondoso, foi, pouco a pouco, serenando a fera enjaulada.

Numa pequena pausa o sargento falou:

— Eu tenho ordem de não abrir a porta. Somente o capitão pode abrir. Nem o sargento Zadir pode chegar aqui perto. São ordens rigorosas que recebemos. Eu vou falar com Zadir, para ver o que podemos fazer... (Deu umas pancadinhas. Fez uma pequena pausa para ver se eu

estava escutando. Perguntou se tudo estava bem. Depois que recebeu a resposta satisfatória, continuou)... Não se afobe, cabo. Fique calmo que estamos com você.

E passos afastando-se, com ruídos na neve, indicavam que o bom Primeirão tinha ido.

Somente os olhos do cabo dançavam na escuridão. O corpo massacrado na febre, resfolegava na dispneia de hálitos pestilentos.

Voltou ao monte de feno e deitou.

Uma fungada profunda, e a carcaça foi arremessada na palha.

Meus soldados estavam arrasados.

Na prostração do corpo enfraquecido, o cabo ainda pôde ouvir passos aproximando-se novamente.

Tinha-se a impressão de que eram duas pessoas.

Perto da porta pararam.

Cochichos.

Um ranger de ferro e ferrugem... um ruído de porta gemendo... uma réstia de luz mortiça feriu os olhos do cabo exangue.

Uma sombra esgueirou-se pela fresta da porta.

Parecia um ladrão.

Era uma sombra cautelosa, rastejante, avançando às apalpadelas.

Tocou levemente nas minhas botas geladas e sussurrou num sibilar dos lábios, a ordem de silêncio: "Psss... sssiu"...

Era Zé-Conselheiro.

Baixinho, foi explicando:

— Convenci Polaco para vir comigo... (Uma pausa, para controlar as emoções disparadas nas batidas do coração que pulava no peito esquelético. Sempre em voz baixinha, continuava)... Vim para ficar com você. Nossa peça está fora de feixo e ninguém vai achar a minha falta...

Aproximou-se mais. Bateu a mão nos bolsos, procurando cigarro e fósforo.

Bateu a carteira na mão, no seu jeitão todo especial de tirar dois cigarros para ele e para seu companheiro.

Na escuridão do túmulo gelado, a respiração arquejante do infeliz pantaneiro, cortava, com espasmos descontrolados, o silêncio pesado.

O *caporale* não pensava: ruminava as ideias.

O *caporale* não falava: rosnava num som arquejante.

Zé-Conselheiro apalpou no vácuo.

Sua mão tocou o ombro do amigo. Com voz sibilante, ofereceu o cigarro.

O cabo tateou no escuro e pegou o cigarro.

Conselheiro sacudiu a caixa de fósforos. Tirou um palito. Riscou. A luz indecisa e trêmula riscou a escuridão e morreu, afogada no peso do ar mofado e cheirando sepultura. O fio de luz relampejou num corisco.

O cabo apertou os olhos, para aliviar a dor aguda que lancetou sua retina desprotegida pela escuridão.

Uma praga foi cortar o silêncio do cubículo. Era Zé-Conselheiro.

Novas sacudidelas na caixa de fósforos.

Desta vez, mais cauteloso, Conselheiro riscou o fósforo e protegeu a chama com as mãos em concha.

Aproximou-se do amigo e levou o fósforo no cigarro que tremia nos lábios febris.

O cabo tirou uma tragada e deixou a fumaça voltar livre, esparsa e desfiada, como fumante primário.

Zé-Conselheiro que já tinha dado sua tragada gulosa, encarou o amigo e aproveitou, no fulgor rápido da brasa avivada na tragada, para estudar a fisionomia do amigo que sofria. Inclinou um pouco e sussurrou no ouvido ao camarada:

— Cabo, estão falando em tribunal de guerra... (Chupou, bem perto do rosto do amigo, o cigarro americano e a brasa, avivada, iluminou parcamente a fisionomia do *caporale*. Misturando palavras com fumaça, o Professor continuou, sempre falando baixinho, bem perto do companheiro)... Não tem importância... (Nova pausa)... Tribunal de guerra é dos aliados, na França... Assim dizem...

Nova tragada, bem longa, para estudar a fisionomia do cabo que tostava na temperatura da febre que o devorava.

O amigo fez um gesto vago. Virou para Conselheiro e falou, como se a voz viesse lá das profundezas da terra:

— É o que eu quero... (Deixou escapar um suspiro fundo, como se necessitasse de muito esforço para falar)... É o que eu quero (Repe-

tiu)... Minha vingança é que esse porco de "grande capitão" irá comigo para a tal de parede de execução...

E a voz do *caporale* esvaído, ecoava estranhamente, pelos cantos mofados da pocilga gelada.

Zé-Conselheiro falou, como se pensasse alto:

— Não sei porque, me veio na cabeça aquele trecho dos salmos de David, que o cabo Gura gosta de recitar: "POIS NA MORTE NÃO HÁ RECORDAÇÃO DE TI; NO SEPULCRO, QUEM TE DARÁ LOUVOR?"...

Um arrepio percorreu meu corpo. Foi uma sensação estranha, como se um corpo geladíssimo me desse um abraço.

Dei um estremeção e resmunguei uma praga.

Lá de dentro, a voz dos botões completou os salmos de David: "CAPÍTULO 6, VERSÍCULO 5"...

Não sei se suspiraram ou se foi o eco dos cicios de Conselheiro, que morriam congelados, no ar pestilento do cubículo nauseabundo.

As horas escorriam pela parede imunda. Escorriam, lá fora, em estalactites de cristais, pendurados nas bordas do telhado de pedra.

Quantas horas?

Só o velho relógio do tempo responderá!

A febre maldita, que dominava a carcaça do *caporale*, tirou-lhe a noção das horas e do tempo.

Numa fumaça que o tempo deixou nas sombras do passado, ainda posso ver um cabo, abatido e trêmulo, sentado na conteira de um canhão. Vejo uma ambulância americana se aproximando. Enfermeiros saltando. Grandalhões, loiros, mascando chiclete. Tomaram o cabo pelo braço e conduziram até o veículo pintado com uma grande cruz vermelha. O motor roncou e lá se foi, queimando em febre, o homem que arrasara seus camaradas do front.

O enfermeiro americano que atendia o *caporale* que delirava na febre, não podia compreender o que o infeliz ia recitando:

— Senhor Deus meu! Persiga o inimigo da minha alma doente!... E alcance-a!... E alcance-a!... Alcance-a... (Uma convulsão mais forte e o cabo prosseguia)... Espezinhe no chão, a minha vida...

Deixou escapar um sorriso.

O americano olhou desconfiado.

No front, era comum recuarem os neuróticos. Mas, também, já tinham recuado a neurose que passara do ponto de saturação e tiveram que amarrar o neurótico: estava louco!

O enfermeiro mastigava o chiclete com mais nervosismo. Estava trancado, sozinho, com aquele *caporale* "nativo".

E o cabo continuava recitando suas parábolas:

— Senhor Deus meu! Espezinhe no chão, a minha vida!... (Novo sorriso escapou dos lábios trincados no calor da febre. Sorriso ressequido no hálito pestilento)... Espezinhe no chão a minha vida e arraste, no pó, a minha glória!...

O olhar esgazeado das órbitas encovadas, foi morrendo aos poucos... aos poucos... até se fecharem no peso da sonolência que prenun-

cia desfalecimento. E a carcaça esquálida, foi desmoronando, aos poucos... devagarinho, com vontade de não acordar mais.

Num espasmo último, o cabo ainda recitou as últimas palavras de seu cântico:

—... "No pó a minha glória"...

O gringo que mascava, nervosamente, o seu chiclete, não ouviu uma voz que completava as epístolas do cabo desfalecido: "SALMOS DE DAVID... CAPÍTULO 7, VERSÍCULO 5"...

Eram meus botões chatíssimos!

E numa curva da estrada que levava para Pistoia, mais uma ambulância sumiu, levando em seu bojo, os restos de um cabo que fora homem!

***

Em Pistoia, fui internado no 18° Hospital de Evacuação.

Lá, os médicos americanos (graças a Deus, americanos), remendaram a alma do capo que o front despejara de uma ambulância.

Assim é a guerra! Assim os heróis!

"Senhor!
Senhor Deus meu!
neste sepulcro gelado
quem me dará louvor?"
Estou exangue, perdido
nas trilhas do meu caminho

que das lutas, jamais desertei!
Agora, com febre, frio e pavor,
vou curtindo, amargo destino
numa guerra, bandida, nojenta
levando misérias, genocídios, horror!

"Senhor!
Senhor Deus meu!
Não espezinhas, no chão, minha vida!"
Estou exangue, perdido
um cabo, que era sincero
no front, por todos, querido,
tristonho, queimando, urdido
insone, cansado, ruindo
ferido, magrela, caído
na febre, fervendo, esvaindo
chorando, sozinho, traído!

"Senhor!
Senhor Deus meu!
Arraste, no chão, minha glória!"
Estou exangue, perdido
meu nome seja ungido
no frio, na neve, no gelo.
Recordo, a triste história
do quarto, de pedra, escuro
fui homem, fardado, viril.
Relembro, sepulcro, macabro
prisão dum cabo febril!

"Senhor!
Senhor Deus meu!
Neste gelado sepulcro, quem lembrara de amor?
Estou exangue, perdido
um cabo, na guerra, forjado
arrasta, no inverno, ferido
no gelo, na lama, no barro
medalha de ferro moldado.
Trancado, na tumba gelada

pensando, culpado, tremendo
rosnava, sofria, chorava
lembrando, coitado, gemendo!

As misérias ocultas
nos homúnculos d'escarro!
numa luta inglória
dos Heróis de Barro![42]

[42] No original o autor faz diversas anotações e rasuras manualmente. Uma das anotações indica o número das linhas de cada estrofe (11), noutra tem-se a soma "44 linhas + 6 espaços = 50". Em vista das rasuras, no entanto, não foi possível saber qual linha deveria ser excluída da penúltima estrofe [que ficou com 12 linhas], nem o que o autor considerou como "6 espaços", sendo que a última estrofe aqui aparece com 4 linhas [contando que duas não foram copiadas dado que estão rasuradas]. Em todo caso, a preocupação com a estrutura do poema demonstra a adoção de uma concepção literária pelo autor.

CAPÍTULO XIX

A MENINA DO LEITE

Tudo era silêncio.

A brutalidade da guerra era suavizada, melancolicamente, por um lençol de neve. Mais puro que as lágrimas de uma virgem. Mais puro que os soluços da menina da garrafa de leite.

Os Apeninos estavam imaculados na sua brancura de noiva congelada. O manto virgem, qual véu gigante, escondia as feridas que a guerra miserável ia produzindo no seio da cordilheira.

Como se a natureza renegasse os filhos bandidos que a mutilava, ela ia cobrindo tudo... tudo! Com um cuidado especial, de mãe ferida. E ela ia escondendo as crateras em chagas; os filetes de sangue congelado; os corpos estraçalhados.

E o frio aumentava, gradativamente, a cada segundo contado no compasso do velho relógio do tempo.

Zé-Conselheiro estava sentado na conteira do canhão, batendo as mãos enluvadas, para aquecê-las. O velho guerreiro tremia de frio. Das narinas enregeladas, o hálito era expelido em volumes compactos, dando a impressão que podia ser apalpado. Conselheiro tremia e pensava.

Meia-Um, no seu ponto predileto, sapateava, num ritmo constante, mascando chiclete e praguejando. Sapateava e batia as mãos, num abrir e fechar de braços.

Turquinho, enroladinho na sua tarimba de granadas, ia ruminando na dormência do inverno maldito, os restos de neurose conge-

lada. Às vezes, praguejava em árabe. Quer dizer, não tínhamos certeza. Tanto podia ser em sírio, em armênio, em turco ou em libanês. Mas praguejava numa língua de seus pais! Na guarnição, ficara convencionado que Turquinho praguejava em árabe. Pronto! Era de lei!

Na conteira do canhão, na asa esquerda, Polaco lia uma velha revista médica, publicada em alemão. Seu amigo Campista tinha encontrado a revista numa casamata de tedesco. Trouxera e dera-a ao "De origem". Para Rebomsck era um dos passatempos favoritos.

Conselheiro nos explicara assim:

— Naturalmente, o polaco está matando as saudades de sua colônia.

Bem que havia um certo despeito, na nossa guarnição. Turquinho já havia resmungado: "ESSE INFELIZ DE POLACO, IDENTIFICADO COMO ANALFABETO, FICA COM ESSA CARA DE DOUTOR, LENDO EM ALEMÃO"...

Ao meu lado, sempre ao meu lado, estava Zé-Conselheiro, ruminando os problemas da turma. Ele sofria tanto ou mais, vivendo cada problema de nossos pracinhas da peça. Às vezes, distraidamente, deixava escapar um suspiro profundo. Seria saudade do velho pantanal de Xaraiés?

Não sei. Nunca se queixava.

Assim, nós íamos arrastando o manto gelado dos Apeninos.

Foi nessa mesma tarde, quieta e irritante, que nosso professor começou a sua divagação, pensando alto:

— Nunca, nesta minha vida de andarilho, eu tenho passado tanto frio. Neste inverno miserável, a gente sente espremido pela velhice

destas cordilheiras que cercam a gente, pelos "sete lados". Essa morraria dá uma impressão de coisa velha, mofada, bolorenta... (E balançava a cabeça)... É uma velhice contagiosa. Que afoga a gente. Aos poucos... (Falava com voz mansa, com medo de acordar os séculos que dormitavam nos gelos eternos)... Uma velhice pegajosa, visguenta, como se agarrasse o praceba num abraço de eternidade... (esparramou um olhar sonhador, na cordilheira distante)... É uma terra que só exala séculos... (E deixou fugir outro suspiro).

— O professor está hoje muito dramático... (Falou Del Castilho, aproveitando a pausa do camarada que divagava).

Zé-Conselheiro não respondeu. Trazia, para a vida real, a vida dos seus devaneios. Rodopiou o cigarro nos dedos. Levou-o à boca e tirou mais outra baforada. Sempre com ar absorto, cismarento, esparramado, num ruído, engoliu fumaça e saliva. O gorgomilo de ponta exagerada, subiu e desceu no pescoço magricela, dando a impressão de uma pirueta de trapezista mambembe. O filósofo apertou os lábios, fez uma careta e jorrou, num esguicho azulado, fiapos de saliva, numa combustão de fumaça em espirais. Depois encheu os pulmões de ar, para se refazer da expiração exagerada na volúpia da tragada. Balançou a cabeça e prosseguiu:

— Tudo é tão velho. Tudo é silêncio. Tudo é tão branco. Tudo é tão frio, gelado... A guerra, os homens o inverno, a morte!

Depois, num meneio descontrolado, fez um movimento qualquer e atirou a ponta do cigarro, num peteleco displicente. Olhou em volta, como se procurasse a reação nas fisionomias dos colegas silenciosos. Nada! Somente encontrara cansaço. As fisionomias refletiam apatia, indiferença, inermes na passividade que a vida enlaçara os pracinhas.

Ninguém vivia nas divagações de Conselheiro. Seus colegas, eram sombras vagas, adeptos incondicionais de "SKEPTIKOS", cujo dogma principal é duvidar de tudo. Uma doutrina pregada pelo velho Pirro e que nos bitolava certinho.

Forjados no abandono, hoje nada mais somos do que os "pirronistas" de uma guerra miserável!

Desiludido, Zé-Conselheiro devolveu os olhos cansados para os confins dos Apeninos e perguntou para si mesmo:

— Será que as figuras de gelo, lá nos picos dos montes, não seriam dezenas de mulheres teimosas?

Encarei o amigo e perguntei, meio intrigado:

— O que é que você falou? Mulheres teimosas?

— Bem... (E deixou escapar um sorriso enigmático)... Eu estava lembrando de um versículo do Gênesis... (Levantou os olhos para o cabo e perguntou)... Você não sabe qual?

O cabo fez um cacoete e desculpou-se:

— Não lembro...

Zé-Conselheiro sabia muito bem que eu tinha uma memória péssima. Somente ele tinha memória privilegiada. Uma só leitura, de qualquer texto, e ficava tudo gravado no cérebro, do professor.

Assim, começou a explicar:

— No capítulo 19, do Gênesis, lembro-me de um pedaço do versículo 26, que dizia mais ou menos assim: "... A MULHER DE LÓ OLHOU PARA TRÁS E CONVERTEU-SE NUMA ESTÁTUA DE SAL..."

Aproveitei a pausa e fiz a pergunta:

— E o que é que tem a mulher de Ló, com os Apeninos?

— Muito simples! Acho que algumas mulheres teimosas, também olharam para trás, desobedecendo as fadas dos montes. Mulher, você sabe como é. Teimosa como caracol!... (Uma nova tragada e a fumaça rodopiou o ar gelado)... Teimaram, olharam para trás, e tudo ficou gelado... dezenas de estátuas de geleiras eternas...

— É... até que você achou uma boa comparação.

Seu zé sempre tinha razão. Tudo era silêncio. Tudo era gelado. Até nossa vida, nossa alma.

Lá em cima, onde a vista era engolida por um céu anil deslavado, os picos faziam exposição de estátuas geladas. O vento que chorava, a neve que rolava, os gnomos que brincavam, trabalharam, com arte, nos resplandecentes prismas das cordilheiras eternas.

— Às vezes, seu capo insensível, eu começo a contar as cores daquele pico, lá em cima... (Parecia uma criança fascinada)... Tantas cores. Qual seria a fada que brincou de bater com sua varinha mágica?

O cabo não respondia.

O cabo não podia responder. O pantaneiro das pradarias sem fim, não tinha alma de criança em coração de poeta.

***

Naquele front gelado, o dia morria, tão rápido, como nossos camaradas. Tanto um, como outro, quando exalavam o último suspiro, eram logo tragados pela neve que tudo cobria num manto gelado.

Não sei se a neve cobria tudo de vergonha ou se jogava o lençol gelado num ódio alvacento que cegava!

O velho professor quem nos descreveu as nuances de um entardecer gelado. A rapidez do crepúsculo, daquelas latitudes, era desconcertante. O dia era escondido sem prévio aviso, não respeitando nem as leis trabalhistas do tempo.

Numa dessas tardes, Conselheiro assim começou:

— Quando o dia começa os preparativos do crepúsculo, não tem nem tempo de puxar as cobertas das horas. A noite cai, gelada e negra, rapidamente, sem crepúsculos e sem progressão gradativa... (Deu uma tragada com volúpia de fumante veterano. Soltou a fumaça que anuviou seu rosto e prosseguiu)... Tudo se passa tão rápido, que não dá nem tempo de lembrar que o dia está morrendo. Até parece que um gênio brincalhão tem prazer de escamotear o sol, como num passe de mágica... (E lá ia, pelas trilhas dos devaneios, o velho soldado com alma de criança em coração de poeta)... Tudo se passa de repente. Parece que a noite cai, prostrada pela longa viagem, sem dar um suspiro, sem ocaso. É uma noite que chega visivelmente. Como se fora uma coisa palpável, tangível, material... (Levantou os olhos para o dia que morria sem exalar suspiros de rolas aconchegadas e encerrou suas divagações)... A gente sente na boca, o gosto mofado da noite fria que escorregou dos Apeninos gelados.

E o professor calou.

Lá para as bandas dos boches, a 290 roncou.

O telegrama da morte partira, escandaloso, em busca do pracinha que a mãe-pátria empacotara no gelo dos Apeninos... conservando-o mais, para sofrer mais!

E a granada se aproximava, uivando como lobo faminto, em busca da vítima que se fizera fera.

No instinto de conservação, nossa turma jogou-se no chão, lambuzando a cara com a neve que caía tamborilando o ar com gemidos de morte.

Agarrado em seu capacete de aço, Meia-Um resmungava:

— Guerra miserável!

E a voz mergulhou no gelo, com medo da 290.

***

A noite não tinha lua.

Pudera! Lua é madrinha de namorado. Que iria fazer a lua na guerra?

Tínhamos combinado, nessa folga da guarnição, dar uma "batida" nas pirambeiras, lá da frente.

Depois que a noite cobriu tudo, até a cara sem-vergonha do praceba que só pensava em mulher, saímos em fila indiana.

Eu comandava quatro homens: Meia-Um, Polaco, Turquinho e Conselheiro.

Na frente, com o fuzil em baioneta calada, eu divisei, na inclinação de uma ribanceira, a silhueta de uma casinhola.

Aproximamos. A casinha, num equilíbrio geométrico, estava pendurada na pirambeira dos Apeninos. Não conhecíamos o local. Na porta da casa, ordenei que Meia-Um batesse.

Eu sempre esquecia que o Banguense era folgazão. Não gostava de fazer força. E sem mais aquela, soltou a coronha do "Remingthon" na porta da casinhola, quase derrubando a porta.

Uma voz gritou lá de dentro:

— *Presto!*... (Voz fraca, covarde)... *Presto!*

— *BRASILIANI!*... (Gritei, com voz arrogante).

Passos de chinelas se aproximando. Chinelas arrastadas.

— *Presto! Presto!*

A velha porta gemeu, chorou, devagarinho, medrosa...

Por uma fresta, um rosto murcho espreitou, com olhos pisca-pisca. Via-se muito mal, a cara que os anos tricotara nas rugas.

Com um safanão, um dos pracinhas escancarou a porta, gritando:

— *Brasiliani!* Seu cabra safado!... (E apontou o fuzil, de baioneta calada, continuando nos gritos)... Vamos! Abra essa porcaria, seu gringo nojento com cara de macaco!

Entramos. O velho tremia como vara verde.

Nossas botas de neve, foram emporcalhando o piso da casinhola limpinha, aquecida e acolhedora.

Lá fora, o vento gemia, no inferno do frio que os Apeninos despejavam no corpo do pracinha trouxebas que embarcara sorridente.

Uma lareira, seu Cabo!... (Exclamou Meia-Um, aproximando-se do fogo).

— É... (Confirmou o professor, como se pensasse alto).

Turquinho foi logo entrando de sola:

— Esses gringos miseráveis, têm mais conforto do que a gente!

— Mas eles s'tão no casssasss deles... (Arriscou polaco).

Meia-Um respondeu para o "De origem":

— Deixe de gringadas! Xô! Não sabe que você, aqui, é estrangeiro?... (E levou o indicador na cara do polonês)... Aqui, meu velho, você é gringo!

Pedi aos praças que fizessem silêncio e começassem a revistar a casa.

Era uma desculpa que nós aproveitávamos, para tirar vantagens. Principalmente, na busca de mulheres escondidas e vinhos guardados ou "grappe".

Por uma pequena porta, entrei num cubículo escuro e cheirando a mofo. Corri os olhos na escuridão e não vendo nada, perguntei, indicando um vulto escuro, no chão, como se fosse algo amontoado:

— O que é isso?

— *Castagne*... (E o velho sorriu amarelo, como se pedisse desculpa de só ter castanha para comer)... *Castagne per ministre* (Castanha para sopa).

Voltando à sala-cozinha, fui matutando com meus botões: "ESSES INFELIZES SÓ VIVEM DE SOPA DE CASTANHA"...

O velho me acompanhava, sempre tremendo no sorriso amarelo.

Corri os olhos para uma escada em caracol.

— *Famiglie!*... (Balbuciou, acovardado, o velho enrugado).

— Quantas pessoas?

— *No capire caporale... No capire* (Não compreendo).

— *QUANTE PERSONE?*... (Gritei, com raiva).

Os olhos do velhinho brilharam de satisfação. Compreendera o cabo. Levantou a mão e começou a contar, enquanto explicava:

— *Famiglie cincue...* Um, dois, três, quatro, cinco...

— Cinco o que? Seu italiano burro!

— *No capire* (Não compreendo)...

— *Parla, Babo! Parla...* (Resolvi, falando baixo, para que o velho explicasse melhor e acalmasse mais o pavor que demonstrava).

Enrolando dialeto com italiano, começou a explicar: 1 mulher, 1 *giovanata* de 13 anos (quando ele pronunciou "GIOVANATA", meu coração deu pulos de satisfação. Bem, não sei se foi o coração ou o sexo. Coração, mesmo, para que praceba de front não tinha. Empacotara e remetera, de volta, para sua terra);

Notando meu alheamento nas suas explicações, o velho repetiu:

— *Famiglie cincue persona...*

E começou de novo: 1 mulher, 1 *giovanata* de 13 anos, uma *bambina* com 9, um menino com 7 e outro com 3 anos.

— Sim, compreendo!... (Arrastei num italiano arrevesado).

Os homens já tinham voltado. Revistaram as peças do térreo. Em sua maioria, os italianos dos Apeninos, aproveitavam a parte térrea das casas, para abrigarem os animais do inverno rigoroso. À noite, numa promiscuidade admirável, enroscavam-se porcos, ovelhas, vacas, galinhas, coelhos, tudo, numa imitação grotesca da Arca de Noé.

— É aqui, nesta miséria de inverno, que eu acredito na Arca de Noé... (Dizia-me, certa noite, numa das inúmeras vigílias do front, Dom Zé, comentando a vida dos lavradores italianos, pelas pirambeiras dos Apeninos).

Os praças chegaram, comunicaram que nada havia (Esse "NADA" só tinha dois significados: "VINHO" OU "MULHER")... e foram se aboletando nos banquinhos perto da lareira acolhedora.

No patamar da escada, uma sombra deslizou, sorrateira. Alguém nos espreitava lá de cima. Passos abafados, deslizavam nas tábuas encardidas pelos tempos.

A guerra obrigara o praceba que desconfiasse de tudo!

Encolerizado, gritei, apontando o fuzil, depois de manobrá-lo:

— *DECÊRI!...*

Uma *giovanata* magricela, trêmula, de olhos esbugalhados, apareceu no patamar da escada velha.

Os rapazes voltaram-se para a escada, procurando quem tinha provocado a ira do caporale.

— Nossa!... (Exclamou Meia-Um)... Como está magra...

A meninota estava vestida numa coisa com apelido de vestido. Remendos, buracos, fiapos, formavam um conjunto surrealista. Os trapos trabalhados por mãos cuidadosas, lutavam para encobrir o corpo seco e ossudo que começava a se despontar para a puberdade.

Bem que a natureza tentava dar uns retoques nas curvas descarnadas da *giovanata* esquálida. Tentativa que fracassava. A miséria era mais forte!

Via-se que havia uma luta surda, interna e constante: a natureza lutava, dia e noite, em busca da puberdade: massacrada pelas misérias de uma guerra que exterminava tudo! Até o sexo, mal contornado nas linhas que os trapos não podiam resguardar dos olhos curiosos.

Zé-Conselheiro levantou os olhos. No patamar da escada viu, a menina esquelética, espigada e amarela, tremia toda. Somente os olhos, grandes bolas amendoadas, resplandeciam na descarga dos nervos... viu a menina e deixou escapar os versículos em prece:

— Põe-se de tocaia nas vilas, nos povoados, nas pirambeiras... (Os lábios do professor tremiam, como marulhar de preces abafadas)... Põe-se de tocaia e trucida os inocentes nos lugares ocultos... (Suspiros)... Seus olhos espreitam os desamparados...

Os pracinhas olhavam para o professor e para a menina. A *giovanata* estava paralisada no patamar da escada. Ela conhecia, muito bem, as histórias das meninas estupradas pelos soldados no front. Para ela, naquela idade, qualquer farda era o animal pronto a atacá-la. E tinha razão!

Zé-Conselheiro, que tinha feito uma pequena pausa, continuou a recitar suas parábolas:

— Põe-se de tocaia nas vilas... Abaixe-se! Rasteja! Em seu poder, lhe caem os fracos e os necessitados...

Parece que *Babo* (papai) compreendera Zé-Conselheiro. Refazendo-se do susto, chamou a menina, animando-a com voz carinhosa:

— *Venire*! São brasileiros. São amigos. Venha!

A garota, toda desconfiada, começou a dar os primeiros passos. A escada, com degraus gastos pelo uso e pelo tempo, era equilibrada por esteios velhos, sebosos e carcomidos.

Nossos pracinhas, sentados nos banquinhos da lareira, acompanhavam a descida da *giovanata* coberta de trapos remendados.

— Muita miséria para uma menina... (Exclamou Turquinho, com a cabeça inclinada para um lado, com olhos esgazeados, embebido na sua guerra particular).

Há poucos degraus do chão, a menina parou novamente.

Um pequeno rubor, restos de um sangue aguado, cobria a face da jovem magricela que tremia. Olhava, assustada, para a turma esquentando na lareira e para o caporale, com um enorme fuzil a tiracolo, ao lado de seu *Babo*.

Polaco deixou escapar uma comparação, como se pensasse alto:

— Parrrecesss Choanass Darrrcasss (Parece Joana D'Arc).

Meia-Um que vivia cuidando do colega, atalhou:

— Controle-se, polonês otário! Não fique com essa cara de missionário apalermado, só porque viu uma *giovanata* com cara de fome... (Abaixou-se para os lados do "de origem" e falou, como se não quisesse que a menina escutasse)... Você precisa se convencer que todo mundo, nesta merda de guerra, é nosso inimigo... (Deu uns tapinhas nas costas largas do gaúcho possante e encerrou suas censuras)... Aqui não é colônia polonesa...

Ninguém podia pensar, naquele momento que o *caporale* enfrentava uma luta interna. Dois demoniozinhos, brigavam, lá dentro, revirando os pensamentos do cabo: a gula e o desprezo! A primeira, era uma gula do sexo reprimido nas abstenções do front e a segunda, era o desprezo para com os miseráveis que haviam inventado uma guerra mais imunda do que os trapos que vestiam.

Só quando ela se aproximou mais, é que o *caporale* pôde notar como a *giovanata* estava malvestida. Seu corpinho magricela, pálido, esquelético, mal era coberto pelas vestes em frangalhos. Seu corpo aparecia numa ingenuidade chocante. Dos pequeninos botões dos seios em formação, projetavam-se os biquinhos marrons, atrevidos, arrepiados pelo frio que os tornavam mais rijos e mais coloridos.

Qual bicos de rola virgem, eram pequeninos, redondinhos, atrevidos, petulantes, forçando o tecido ralo, procurando o ar que lhe faltava para desabrochar para a vida... em busca da puberdade que tardava.

O silêncio dominava a sala.

Nossos camaradas tinham pena da *giovanata* em trapos. Da *giovanata* magricela, de olhos tristes, medrosa, esquiva.

Somente a respiração ofegante dos homens, cortava o silêncio da sala afogada no aroma de lenha verde, queimando na lareira suja de picumã.

O velho cortou o silêncio, com voz sumida:

— *Bambina pícolla*... Bambina magra, faminta, seca... (Balbuciava, mais para si, do que para *caporale* que devorava sua filha com olhos de lobo faminto)... Treze anos. Treze anos, somente...

A menina aproximava-se, assustada, sem coragem, olhando para cada soldado, como se procurasse socorro e não pudesse gritar.

Quando a *giovanata* aproximou-se mais, foi que notei que nem calcinhas ela usava. No encontro das pernas magras, bem no vértice do ventre com as coxas, via-se, nitidamente, a sombra da penugem que cobria o contorno da púbis saliente pela magreza.

Tentei dirigir uma palavra ao velho que continuava gaguejando. Impossível. Minha garganta estava seca. O hálito pesado, subia pelo

rosto, indo lambuzar os pensamentos saturados de luxúria, que o front teimava em afogar na gelidez dos Apeninos. O sangue fervia nas têmporas, latejando lúbricas pancadas no corpo que fremia.

O sexo gritava! O sexo urrava!

O sexo é ignorante. Não conhece tamanho, tipo nem cor. Ele nunca foi à escola. Às vezes, a consciência o reprime! Mas, na guerra, não "pagam" consciência aos soldados! Pelo contrário: tiram-na!

E o animal feroz, enjaulado pela sociedade, palpitava na carcaça do cabo que fora homem.

Zé-Conselheiro compreendeu a situação. Abandonou o foguinho gostoso e veio, vagarosamente, calçando as luvas e falando:

— Vamos, seu Cabo! Reaja! O velho está bolando sua gula... (Deu-me umas cutucadas nas costelas)... Seja homem, pelo menos com essa *giovanata* que não tem nem bunda pra sentar!... (E exclamou com nojo)... Puxa! Que você é tarado!

Um sacolejão no corpo febril do *caporale* guloso fez com que ele voltasse a si. Com um grito, dirigiu-se para a menina, esbravejando-se todo:

— *RETORNARE!*

E virei para o pai, como se ele fosse culpado das minhas gulas e gritei, apontando a *giovanata* que tremia:

— *RETORNARE BAMBINA! PRESTO!*

Voltei-me para a bambina, fuzilando no ódio que as verdades do bom Conselheiro me arrasaram e tornei a gritar:

— *VÁ VIA!... VÁ VIA!*

A *giovanata* tremeu. Não podia entender porque o *caporale* gritava. Procurou, com os olhos ansiosos, o pai. O velho já estava sentado num banquinho, perto da lareira coberta de fuligem. Chupava, nervosamente, um cachimbo, de boca toda roída. Era um pito velho e sarrento.

Babo olhou penalizado para a filha e sacudiu a cabeça, confirmando as ordens que o *caporale* dera.

A bambina derramou um olhar de gratidão para o *capo*.

O velho sacudia a cabeça, como se confirmasse um diálogo que mantinha com o subconsciente. Parece que ele comunicava, lá para dentro de si, que sua filha passara, mais uma vez, intacta e pura, pelas garras da soldadesca faminta. Babo sabia muito bem que, nos arredores do front em que vivia com sua família, ainda podia se sentir um dos poucos felizardos que possuía uma *giovanata* de 13 anos, limpinha das patas do praça sem lei.

Babo não era propriamente um velho, nem se podia colocá-lo na escala dos moços. Era um maduro. No rosto carcomido pelos azares da guerra, crescia uma barba maltratada, de cabelos crespos, emaranhados, grisalhos. A cabeça era oblonga, exageradamente grande. Uma guedelha que fora loira, atapetava tudo, tudo, com desmazelo. As frontes estavam ligeiramente brancas, que a desordem dos anos salpicara com fios prateados. No rosto de fisionomia cansada, as expressões mais fortes eram camufladas pela barba. E dois olhos, miúdos e vivos, dançavam sem parar, nas órbitas sombreadas de olheiras. Os olhos eram duas bolitas irrequietas, que emanavam, sorrateiramente, as matreirices de macaco manhoso e expressão astuta de velha raposa acossada. *Babo* tinha o ventre ligeiramente volumoso, forçando as velhas calças num semicírculo de equilíbrio nas virilhas. Os ombros do velho, estavam encurvados pelo trabalho constante da lavra do trigo.

O *caporale* continuou estático. As últimas palavras do professor ainda ressoavam nos ouvidos, latejando!

Babo continuava cachimbando no pito sarrento.

O fumo do cachimbo fazia apostas com a lareira enfulijada, para ver qual dos dois fedia mais.

O velho continuava a dar satisfações para seu íntimo.

Era um homem forte, relativamente. À primeira vista, dava a impressão de ser corcunda, retaco e forte. O velho tinha a pele rugosa, carcomida pelos anos, imitando uma renda de bilro. Um narigão de tonalidade violácea, ligeiramente adunco, traía o gosto do saboroso vinho italiano. A sua roupa, também, era miseravelmente parca. A calça procurava cobrir o que a vergonha da idade ainda exigia que se escondesse.

E *Babo* cachimbava.

Naquele arremedo de homem, a miséria estabelecera posição e formara a cabeça-de-ponte que sitiava sua família.

Babo era mais uma conquista das miseráveis vitórias da guerra. Desta mesma guerra que também era minha!

Zé-Conselheiro falara, pensando alto, quando regressamos:

— Se existisse um império povoado somente de velhos crápulas, sabujos, capachildos... *Babo* seria o seu rei, primeiro e único!

E o silêncio de túmulo, pesado e incômodo, continuava no ambiente saturado de fumaça de lenha verde.

O sexo do *caporale* ainda pinoteava no latejar guloso.

Babo pitava e sacudia a cabeçorra oblonga. O íntimo, naturalmente, fizera os cálculos de um futuro bem próximo para sua bambina. Era o pai que não queria aceitar as verdades dos fatos. Seus olhos, antes estranhos e tristes, brilhavam numa luz estranha.

Apertei os olhos para ver melhor. Então o cabo admirou. O velho do cachimbo sarrento, deixava escapar, despercebidamente, uma lágrima... que foi esconder-se na floresta de barba descuidada.

A *giovanata* viu a gotícula rolando, mansamente, na face enrugada que os anos tricotaram no rosto de seu querido pai. Uma carga elétrica sacudiu seu corpo franzino. Soltou um grito. Levou a mão à boca, com os olhos apavorados, como se tivesse cometido um sacrilégio.

Encarou o cabo com olhar esbugalhado. Depois, girou nos pés descalços e disparou, numa corrida louca, pela escada acima. Sua sombra sumiu no patamar no primeiro lance. Lá de cima, os soluços cortaram os nervos retesados do *caporale* que fora homem.

Envergonhado, precipitei-me pela porta que eu escancarei com uma fúria de vendaval. No batente de pedra, virei-me e gritei pelos soldados. Encarei o velho que pensava. Numa fração de segundo, o íntimo revoltou-se no ódio de guerra!

— *TCHAU!...*

E saí para fora, resmungando blasfêmias aos italianos que foram nossos amigos num passado bem próximo.

Os soldados, calados, me acompanharam.

Lá fora, uma rajada mais forte, remetida pelos Apeninos em guerra, veio cortar meu rosto em fogo. Não sei se era o vento que gemia ou se era o íntimo do cabo que chorava, na brutalidade da cena.

Minhas botas atolavam-se na neve que começara a cair, afofando tudo. Afofando até a consciência da gente. E atolávamos na neve e na consciência. A caminhada era difícil. Ninguém falava.

Respiração ritmada. Hálitos quentes.

Em fila indiana, silenciosos, marchávamos em direção à nossa peça. Tínhamos saído com certeza de uma boa "tocha" e não encontráramos o bicho tão caçado na neve: MULHER!

A guerra gostava de pregar peças no trouxebas.

***

No outro dia, quando entramos de prontidão na peça, já estreamos com as expectativas de um novo ataque. As cordas nervosas dos pracinhas, estavam retesadas até o limite de saturação. Ninguém falava. Todos sabiam o que todos pensavam!

O cabo permanecia curvado, na imobilidade da espera. Estava, como sempre, sentado na conteira do canhão. De vez em quando, ligava o laringofone e falava com um colega de outra peça. Perguntava se não tinha alguma notícia do ataque. Era uma desculpa, mas servia para aliviar a tensão que esmagava seus pracinhas silenciosos.

Sentia-se que uma força elástica, além das possibilidades humanas, expandia-se do sistema nervoso do praça e ia, na vibração que continha os gritos de pavor. E a membrana elástica na saturação, garbosamente, suportava uma carga além de suas possibilidades. O praça continuava parado imóvel, caladão, esperando o ataque ou a morte... esperando... esperando!

Foi Meia-Um quem cortou o fio que mantinha a carga elétrica numa estática desumana. Ele deu umas fungadelas, pigarreou, como quem não quer nada, mas quer mesmo, e começou a falar:

— Estou farto desses miseráveis que sabem tudo a respeito da guerra! (Inclinou o corpo e passou a galocha na neve granulada, procurando relaxar as cordas retesadas da expectativa)... Cabo, eu ouvi falar de um padre bem velhinho... que vivia dando sermões nos "papa-hóstias" de nossa turma. Dizem que ele degolou um soldado... (Praguejou)... O padreco era de batina falsa. O velho era pai de uma *bionda* que os soldados tinham estuprado, numa fila de nove homens... (Resmungou uma blasfêmia e continuou, sempre alisando a neve granulada, como se procurasse acariciar o rosto agoniado da *bambina* estuprada)... Forçada numa fila de nove canalhas fardados de "zé-carioca"!... (Levantou o rosto para o céu e prosseguiu)... Dizem que a garota foi esganada por um deles, na alucinação das lutas. A garota morreu com um pedaço de dedo trincado na boca!... (Meia-Um olhou bem para as mãos enluvadas, como se procurasse o pedaço de dedo que a *giovanata* decepara de seu carrasco. Com os dentes cerrados, soltou mais uma praga. Apertou os lábios e continuou)... Cabo, é verdade que estão encontrando praceba queimado?... (Uma pausa)... Que já encontraram outros com olhos arrancados? Sem saber quem foi?

O gaúcho "de origem" não suportando as descrições cruentas do banguense, reclamou, com gestos nervosos:

— Chegasse! Eu não cossstassss disso.... (Reclamou, forçando a pronúncia carregada, de gringo-brasileiro).

Ouviu-se, por perto, um estalido. Era gelo misgalhado nas solas de galocha de neve. O som era abafado, seco, mais medroso do que a expectativa dos pracebas nervosos. Todos olharam, para a direção do ruído.

Era Turquinho que vinha se aproximando, abotoando as calças, sempre taciturno. Sua figura franzina, bamboleava nas escorregadelas da galocha no gelo granulado. Equilibrava-se nos escorregões, aproveitando a ginga de malandro de Del Castilho. Turquinho era carioca de

berço! Comerciante no sangue! Sambista de coração! E malandro por vocação!

Ele era um espécimen raro de nossa guarnição. Um exemplo notável para estudo socioeconômico.

O caxias laçou Turquinho, lá na "turculância" da rua de Alfândega, no Rio, e aproveitou a mistura: CARIOCA+COMERCIANTE+SAMBISTA+MALANDRO e, empacotando tudo, criou o soldado que, mais tarde, seria o guerreiro neurótico de nossa guarnição. Ele era muito limpo de coração para tomar parte nesse açougue humano.

Turquinho chegou devagarzinho, sentou na tarimba das granadas e fincou os cotovelos nas pernas, apoiando a cabeça nas mãos, com olhares esgazeados, aborrecidos, vagos...

Olhou para o banguense como se não quisesse nada e perguntou:

— O que é que você estava falando?... (E virando-se para o cabo, perguntou também)... O negócio dos olhos arrancados, é verdade?

O cabo ia responder. A boca estacou no movimento, ficando entreaberta. Não seria mais preciso responder. Del Castilho já estava deitado, de olhos parados para o céu desbotado pelo frio. Turquinho entrara para seu mundo particular. O mundo impenetrável da neurose maldita.

Zé-Conselheiro que ainda estava calado, virou-se para o cabo e indicou o Turquinho deitado. Fez um gesto com a cabeça e mostrou, com a beiçola arreganhada, o camarada que conversava consigo mesmo.

O pantaneiro balançou a cabeça, confirmando que entendera.

E os resmungos de Meia-Um, reclamando das selvagerias dos homens que brutalizaram a bionde do padre, iam morrendo, sem ressonância, nas memórias desbotadas dos pracinhas massacrados.

***

Assim, arrastamos mais um dia.

A maldita expectativa do ataque que não veio, levou também, o dia morrinhento que se arrastava nas cordas do nervosismo.

E a bocarra da noite, tudo engoliu.

Somente não conseguiu meter o bedelho, nos nervos retesados dos pracinhas sorumbáticos. Tanto de cá, como de lá, de vez em quando, os tiros de inquietação rosnavam no ar saturado. Quando nosso 105 roncava na escuridão gelada, um fiapo de nervo era descarregado do pracinha, despachado na granada que partira. Quando, porém, a maldita 290 dos tedescos, urrava com fúria, na resposta que não se fazia de rogada, os Apeninos estremeciam na explosão ciclópica. O miserável urro vinha carregar, ainda mais, o sistema nervoso do pracinha superexcitado.

E a noite ia marchando, lentamente, com medo de acordar o relógio caduco e reumático que o tempo marcava na guerra. No céu, de azul-sujo, os anjinhos não acenderam as velas das estrelas. Estavam com medo de zangar Papai Noel. O velho podia acordar para fazer pipi e ver, cá embaixo, os horrores que os homens estavam fazendo com sua estrada de neve.

E a noite escura, ia engolindo tudo, na abocanhada carregada de ódio. Da barraca de nossa guarnição, numa fresta indiscreta, um fiozinho de luz acovardada, fugia, riscando a neve com um traço alaranjado. A luz tinha medo dos sonhos dos pracinhas neuróticos.

Ouvia-se estalidos de carvão queimando. Era o foguinho sem-graça do braseiro, tímido e mal apagado, que ardia na estufa enfer-

rujada que os americanos nos mandara. Também ouvia-se o ressonar pesado dos homens que sofriam no sono mal dormido. Às vezes, gritos de agonia cortavam o espaço diminuto da barraca e saía, espavorido, em busca de liberdade.

Era o pracinha que lutava: na guerra! Na neve! No frio! Na morte!

Olhando para o fiozinho de luz amarela, que riscava a neve numa linha luminosa, pensei no Turquinho que reclamara, quando recebemos o tal aquecedor com uma porção de carvão coque. Del Castilho reclamara:

— Aposto como pagamos o peso dessa espelunca em ouro! Os gringos dos "stêits" não batem prego sem estopa!... (Fez uma pausa, examinou a estufa enferrujada e continuou)... Nós é que somos otários em acreditar nas conversas desses judeus.

— Eita! Turco marreteiro! Só pensa no preço!

E a discussão prolongou-se por muito tempo. Saíram até cálculos dos custos da guerra: alimentação, cigarros, material de higiene, munição, combustível, caminhões e jipes, armamentos, etc.

— Tudo isso, seu turco burro, também tem que ser levado em conta... (E Meia-Um atacava)... Tudo, porque, de brasileiro, nesta merda de guerra, só tem a vergonha.

E banguense tinha razão! Nós éramos americanizados em tudo. Só restava um fiapo de vergonha brasileira, de marca legítima!

E a noite ia arrastando seu manto negro, com muito cuidado para que as horas não passassem muito rápidas. Era uma vingança da natureza, contra seus filhos desnaturados.

O céu estava parado, escuro. Andava dormitando.

Levantei os olhos. Procurava o ruído que ouvira. Um avião, muito alto, rondava nossa posição. Nossos soldados, massacrados pelo frio, dormitavam, enrodilhados na própria sorte. E o avião continuava sua inspeção, roncando longe, em busca das baterias possantes. Tanto podia ser nosso como deles.

O céu estava parado. Mudo, limpo e desbotado pelo inverno.

Zé-Conselheiro já havia me dito que, quando o firmamento estava assim, é porque São Pedro passava o escovão para limpá-lo, já que não conseguia escovar o coração dos homens que se matavam. E recitava: "PARA TODOS OS CORAÇÕES LIMPOS, TODAS AS COISAS SÃO LIMPAS"...

Uma brisa gelada fez nossos pracinhas encolherem-se mais, abraçados no sono em sobressaltos. Era uma brisa suave, fria, muito mais fria do que a morte. Ela soprava de mansinho, balançando as franjas de Meia-Um, que o capacete de aço não cobrira. Estava jogado para trás, como era seu jeitão.

O cabo ia olhando cada um dos homens enrodilhados. A neve cobria parte de seus corpos enrodilhados, formando figuras as mais diversas. E o cabo ia estudando cada um, com um cuidado paternal, que a guerra lhe ensinara. Cada homem sob seu comando, era um pedaço de seu corpo. Conhecia-os, tão bem, como os dedos de sua mão.

E a brisa ia passando de mansinho, sussurrando cantigas de saudades esquecidas. Não sei se o cabo arrepiava do frio que a brisa trazia lá dos picos, ou se arrepiava de medo do silêncio que tudo engolia.

***

Assim passavam os dias... as semanas...

Outro dia espreguiçava, no ramerrão do front gelado.

Meu corpo moído, não suportava ficar muito tempo na tarimba incômoda. Minha "cama" era isolada do gelo, por uma pilha de tubo estojo de granada. Eu construíra a barraquinha, somente para mim e para Conselheiro. Estava localizada atrás da barraca da guarnição.

Numa das "tochas" empreendidas, eu encontrei, numa pilha de material, dois jogos de barraca individual. Não pensara duas vezes. "Requisitei" as lonas e parti com elas, sabendo que não estava agindo bem.

Assim, consegui minha barraquinha particular. A neurose é uma velha muito ranzinza! Não aceita companhia!

E o dia vinha bocejando no ramerrão do front gelado.

Espreguicei, dei uns resmungos e coloquei a cabeça para fora da barraca, estudando o tempo. Em pé, ao lado da barraca, dei com uma figurinha esguia, assustada e trêmula. Na mão sem luvas, roxa de frio, trazia uma garrafa de leite. A menina magricela balbuciou, com medo de assustar o *caporale*:

— *Buono giorno...*

Carreguei no cenho e despejei a carranca em cima da *giovanata* assustada. Meu fígado nunca estava bom. Com má vontade, respondi:

— Bom *giorno...*

Com os lábios trêmulos de frio, a menina conseguiu pronunciar:

— *Babo mandare...* (Gaguejou)... *Per... Man-da-re... Per te...*

— Para mim?... (E arregalei os olhos, assustado).

— Sim, *caporale*, é leite que *Babo* tirou para você, da ovelha que é das crianças... (E como se desculpasse)... da ovelha mais bonita...

— Mas como?...

— Toma, *caporale buóno!*

E a bambina rebuscou, nos cantos dos lábios roxos de frio, um sorriso que me fizesse perdoá-la por ter vindo trazer uma garrafa de leite.

— *Babo* mandou!... (Arregalou os olhos ingênuos e afirmou)... Não tem veneno, *caporale*!... (E mostrava, sem jeito, a garrafa que tinha na mão).

Aquela garota franzina, esquelética, macilenta, sem agasalhos, talvez, estivera muito tempo, curtindo frio, ao lado de minha barraquinha, esperando que o cabo acordasse. O cabo que gritara com ela, naquela noite de patrulha.

Corri os olhos em seu corpo ossudo. Ela trazia um resto de trapo, como lenço na cabeça; muito mal cobria o corpo com um casacão velho, roto, surrado e todo esburacado; nos pés, coitadinha, uns sapatões de soldado italiano, protegiam a *ragazza* do gelo. Enfim, a menina era uma lástima.

Sem saber o que fazer, perguntei, sempre deitado, com a cabeça para fora da barraquinha diminuta para meu tamanho:

— Para mim? (E tentei bater no peito. A mão deu uma pancada seca, na pilha de tubos de granadas que serviam de piso, também).

— *No capisco* (NÃO COMPREENDO).

— Oh! Falei em *brasiliani*! *Scuse-me*!... (E arranhei o italiano que eu sabia, para gastar nas "tochas")... *Per caporale? Ècco*!

— *Ècco! Ècco!...* (Gritou a *bambina*, toda satisfeita)... Compreendi. *Caporale* precisa tomar leite no inverno. É muito perigoso viver aqui fora, sem fogo. Você pode apanhar pneumonia e depois, uma tuberculose...

A menina explicava, descarregando num metralhar sem fôlego, apressada para entregar a garrafa e poder ir embora. O problema dela, era convencer o cabo a receber a garrafa e tomar o leite. Eram ordens de *Babo*.

Fez-se uma pausa, para o fôlego.

A nevada que a noite derramara sobre os Apeninos, cobrira parcialmente minha toca. Ajeitei o corpo na tarimba incômoda, para melhor ver a garotinha da garrafa de leite, que tanto me simpatizava. Nesse movimento, uma tocha de neve caiu-me na cabeça de gorrinho verde.

A *bambina* soltou uma gargalhada cristalina.

Só então é que notei que ainda estava deitado na barraca. Desajeitado, dei um pulo, saltando para fora. Batia as mãos no corpo, procurando tirar a neve que salpicara minha farda.

A menina tapava a boca com as mãos, para afogar o riso que desabrochara tão espontâneo. Ela tinha medo que o *caporale* zangasse, como naquela noite. Depois, recompondo-se, falou com uma voz de criança alegre:

— *Uguale coniglio* (IGUAL COELHO).

Depois, entregou-me a garrafa de leite e saiu numa disparada, sem dizer mais nada. Assustara com a carranca do cabo. Só quando ela levou um tombo na neve escorregadia, é que pude ver que a menina só tinha o capotão desbotado e o vestido esfarrapado daquela noite.

Na precipitação da corrida, a *bambina* não notara, logo ao nosso lado, um montículo de neve endurecida, toda granulada, escorregadia como sabão. Levou um tropeção, escorregou e foi estatelar-se, de todo o comprimento. No tombo, a roupa subiu-lhe na cabeça, deixando seu corpinho esquelético inteiramente nu.

A *giovanata* não usava calcinha.

Era pobre demais para ter uma calcinha. Era um luxo de guerra! O maldito marcado negro não o permitia.

O espetáculo fora muito forte, pela primeira vez, o cabo condoera-se da menina. Uma leve sacudidela passou pelo brutamontes fardado. Fora uma sacudida de piedade.

Não era mais o *caporale* devorando a *giovanata* com olhares lúbricos. Era o jovem que condoía-se com as misérias de uma menina moça.

E o cabo voltou para sua barraquinha, falando sozinho. Remexeu nas muambas de "tochas". Procurava alguma coisa que pudesse minorar as agruras da *bambina.* Afobado, nem lembrou que Zé-Conselheiro ainda dormia. Começou a separar, ali mesmo na cama-barraca, os materiais: sabonete, pasta de dente, pente, camisa, meias, cuecas. Fez uma trouxa e arremessou-a para fora.

Zé-Conselheiro que tinha acordado, estremunhou e rezingou:

— Que diabo! Tão cedo e já vai em "tocha"?

Respondi com má vontade:

— É para a menina do leite... (E mostrei, com raiva, a garrafa que estava encostada num canto)...

— Ahn... (Resmungou Zé-Conselheiro, e deitou, soltando bocejos).

O cabo ia saindo, quando o amigo deu um pulo e gritou:

— MENINA DO LEITE?... (Passou a mão na cara amanhecida, espremeu os lábios para soltar a esguichada de saliva. Não encontrando onde borrifar a cusparada, engoliu com cara feia, a saliva com gosto de cabo de guarda-chuva. E perguntou, assustado)... Que menina do leite é essa?

— É para aquela menina do velho corcunda que não é corcunda. Aquela *bambina* da casinhola da pirambeira... (Falei com raiva da menina).

— Ahn... Primeiro você devorava a *bambina* com os olhos gulosos, despindo-a com uma sem-vergonhice deslavada... (Nova engolida de saliva com gosto de cabo enferrujado)... Ahnn... Agora você é defensor de donzelas magriças e "DESPREVENIDAS"?... Tá!

E o professor balançou a cabeça, desaprovando o que o cabo fazia. Soltou um resmungo e, puxando os cinco cobertores que nos agasalhava, enroscou-se no aconchego da tarimba aquecida.

Pela pequena abertura da barraca, um céu pardacento, com cara amanhecida, também engolia saliva com gosto de cabo-de-guarda-chuva, para completar a paisagem duma imensidão branca de inferno gelado.

Saí da toca e, agarrando a trouxa, parti em direção à casinha esburacada, que se equilibrava na ribanceira dos Apeninos. De longe,

notei um telheiro sumido da camada de neve depositada. Uma chaminé vomitava rolos de fumaça negra, num contraste com a paisagem que abusava do branco que cegava.

Um bando de crianças alegres e barulhentas, corria pelas prateleiras dos eitos atapetados da neve fofa caída a noite. Elas deslizavam de uma prateleira para outra, pelas ribanceiras de neve escorregadia. Elas não sentiam a morte que nós exalávamos em nossa volta. E a ingenuidade não permitia.

Pela primeira vez, eu ouvira o alarido de crianças que cortava o silêncio do front. Eu nem mais conhecia este barulho.

Meus botões, de mansinho, começara a falar comigo:

— Pare um pouco, Cabo velho. Lembra-se?... Há muitos anos... Lá para os lados onde os pantanais maravilhosos estendem-se por léguas e léguas...

O Cabo resmungou para seus botões que remexiam feridas saudosas. Nas sombras do passado, divisava um quintal, um cajueiro, crianças em bando...

Uma lágrima tentou deslizar pela face gelada do *caporale* que fora homem. Tentou, mas não deslizou. Foi estrangulada com um soluço que também tentara brotar... Ambos morreram no nascedouro.

— O que é isso, moço?... (Era Zé-Conselheiro que me alcançara. Ele nunca deixava seu companheiro sozinho)... Bravo não chora, *caporale*! Tá?... (E deu uma cuspidela)... Bravo não chora, MORRE!

E lá se foi o cabo, ouvindo, silencioso, as doutrinas do velho amigo. Encaminhavam-se para a casinha que fora construída num equilíbrio geométrico. A neve escorregava mais que sabão, nos sobe e desce das pirambeiras.

Na soleira da porta, todo remendos e misérias, o velho cachimbava, pensando na vida de sua vida maltratada.

— *Buono Giorno*... (Gritou, quando nos viu chegar).

— Bom dia, *Babo*... (Respondi, todo desajeitado).

— *Entrare*. Aqui fora está muito frio. *Entrare*.

Vasculhando os labirintos da cachola, consegui descobrir, lá num cantinho escuro, a expressão que eu aprendera nas "tochas":

— *Cuesto giorno, trôpo frêdo*... (E sorri satisfeito, convencido do meu italiano castiço).

Depois de acariciar as crianças que vieram ao nosso encontro, fui entrando, dirigindo-me para a salinha de foguinho acolhedor. Cumprimentei a velha magricela e, na mesinha tosca, num canto, fui depositar a trouxa das muambas.

Encarei o velho que nada entendia e fui explicando:

— Trouxe alguma coisa para vocês...

Zé-Conselheiro ficara na porta, sentado na soleira, fazendo festas às crianças. Escamoteava chocolates, chicletes, doces concentrados, e a criançada vibrava. Era um alarido ensurdecedor.

Na mesinha desengonçada, onde eu colocara a trouxa, eu ia colocando as "robbas" que trouxera. Ia explicando, como podia, o porquê dos presentes. Embaralhava italiano com brasileiro, com gestos:

— *Bambina uguale sorella mia*... (Falei, mostrando a *ragazza* que olhava assustada, escondida atrás da mãe).

A *giovanata* estava com vergonha do tombo de que levara há poucas horas. Mostrara seu sexo, numa exibição grotesca.

Comecei a esvaziar a trouxa.

Quando o velho notou que eu levara tanta coisa para a família, não pôde reprimir uma exclamação de assombro:

— *Per Dio! Tanto rôbba*!

A velha chupada, que tudo assistia, benzeu-se com as mãos trêmulas e deixou sibilar algumas palavras, mastigadas nos lábios murchos:

— *Madonna Mia!*... (E fazia o sinal da cruz)... *Santa Madonna mia!*

E a velha continuava a benzer-se, soltando exclamações incompreensíveis. Ela olhava para o velho, para mim e para a "rôbba".

Continuando a tirar os objetos da trouxa, olhei a bambina e chamei-a:

— *Ragazza, venire.*

A garota estava mais assustada que uma corça perseguida.

Procurando um sorriso mais animador, eu insisti:

— *Venire, bambina*... (E mostrei um sabonete)... *Per te.*

E desafivelei, na cara de barba por fazer, o tal sorriso que a guerra fornece por descuido.

Ela tentou um movimento. A coragem falhou. A coragem ou o recato?

O velho chamou, com voz carinhosa:

— *Venire, bambina. Caporale buóno. Venire*...

A menina aproximou-se mais. Esquiva, chupando um dedo murcho.

— Qual o seu nome... (Perguntei, assassinando o idioma de Dante).

Ela compreendeu. Deixou fugir um sorriso amarelo e, buscando socorro, correu os olhos para os pais. Com um esforço, a menina respondeu:

— *Io*?... (E novamente procurou os pais com os olhos aflitos. Depois, voltou para o cabo e gaguejou)... *Io*?... L-I N-A... (E repetiu o nome, destacando as duas sílabas)... LI-NA.

Deixei escapar um sorriso de satisfação. A menina compreendera meu "clássico" italiano. Ela sentiu-se animada com a expressão amigável do cabo e continuou, já mais desembaraçada:

— *Io, Lina. Lui, caporale*... (Espetou meu peito, com o dedinho magriça)... *Lui capo. Lôro, soldati*... (E fazia gestos largos, com os dois braços, em direção de nosso setor)... *Lôro, soldati. Capire*?

— Sim, compreendo... (E repeti)... Eu, Lina. Você, caporale. Eles, soldados... (E, pegando a menina pela mão, puxei-a mais perto da mesa a comecei a explicar)... Agora, venha cá, *bambina pícolla*.

E comecei a fazer a separação das *rôbbas*, explicando as utilidades da cada coisa. Nas pirambeiras da Itália em guerra, muitos objetos de higiene, não eram mais conhecidos.

Na mesa encardida, comecei a esparramar: sabonete, pente, pasta, camisas, meias, cuecas, etc.

Lina olhava admirada, soltando exclamações e batendo palmas, na alegria natural de sua idade. Às vezes, mais afoita, levantava os braços na emoção dos presentes e seu corpinho, a pouco desabrochado nos contornos de menina-moça, aparecia na nudez dos trapos que cobriam.

O velho ia soltando exclamações:

— *Che bello! Capo buóno! Gracias, caporale.*

Também a velha, coitada, no seu espanto, ia balbuciando preces.

Dirigindo-me à Lina, comecei a dar explicações:

— Este, é *sabone*. Esta é a escova de dentes e esta é a pasta... (E fazia movimentos com as mãos, como se estivesse escovando dentes).

Cada presente, uma exclamação de contentamento. Depois de cada explicação, um sorriso de felicidade.

A *ragazza* tomava cada objeto e cheirava, e apalpava, e acariciava.

Quando cheguei nas cuecas – eu trouxera duas – tive que fazer diversas explicações.

Abri uma cueca na mesa e falei:

— *Per te.*

E comecei a explicar, com gestos, que era para ela fazer as calcinhas, recortando as cuecas. Nada. A menina não entendia.

Parei, olhei para os velhos. Nada. Eles também demonstravam não entender coisa alguma. Então, uma ideia luminosa ocorreu-me: puxei a mocinha para perto de mim, passei as mãos em seus quadris, riscando com o indicador a volta de uma calcinha e falei:

— *Mutandíni per te* (Calcinha para você).

Lina não aguentou a carga.

Num puxão, tirou as duas cuecas que estavam em minhas mãos e, com o rosto pegando fogo, deu um grito e precipitou-se pela escada acima.

A vergonha explodira no corpinho frágil, da menina que começava a ficar moça.

No ar esfumaçado pela lareira que ardia em lenha verde, ainda pingava restos de soluços que não puderam subir com Lina. A *giovanata* fora ofendida no seu recato. Ela conseguira abafar o pranto, sufocando o rosto em convulsão, com as duas cuecas que o caporale levara.

O velho, abobalhado com a cena da filha, olhou enviesado para o cabo. Sua figura avançada nos anos e aniquilada nas lutas, sacudiu nas emoções de um corpo debilitado. Apavorado, o velho temia a reação do *caporale*. Era conhecedor das bestialidades dos militares guerreiros que assolavam sua terra infeliz. Numa voz sumida, covarde e trêmula, arriscou, mordiscando sílabas na boca desdentada e sumida numa barba sem trato:

— *Moglie e buoi, dei paese tuói*... (Gaguejou, pigarreou medroso, puxou uma tosse que não apareceu e escapuliu um sorriso amarelo que a covardia ainda deixou escapar, lâmpedo pelo pavor de inesperado).

Encarei o velho, sem nada compreender. Voltei-me para Conselheiro, que se aboletara num tamborete, esquentando no foguinho fumarento. O camarada compreendeu minha agonia e falou com tédio:

— Na minha literatura de front, compreendi que *Babo* disse: "MULHERES E BOIS, DOS LUGARES TEUS"... (Passou a mão na barba ruiva. Um ruído áspero, escapou da barba por fazer. Apertou os lábios e lá veio, num esguicho fininho, a cuspidela que se evaporou no fumo de lenha verde. Puxou um sestro. E, dando um peteleco nos dedos que estalaram, completou)... Compreendeu, Xavante? Mulheres e bois, têm que ser de nossa mesma terra.

— Sim! Compreendi agora... (Enruguei a testa e continuei)... Os italianos falam "paezze" os lugarejos onde moram...

— Isso mesmo, Platão dos pantanais! *Paezzae*, para eles, é o mesmo que vila, aldeia, vilarejo, distrito, povoação, etc... (Fez uma cara de cansaço e perguntou)... Chega de sinônimos?

E deu a discussão por encerrada, voltando a aquecer as mãos na lareira que era mais fumaça do que fogo.

Chamei *Babo* para mais perto e continuei a explicação dos presentes, interrompido com a explosão de Lina. Depois de tudo terminado, fui sentar ao lado de Dom Conselheiro. Tirei as luvas e, como ele fazia, ia esquentando as mãos e esfregando-as, uma com a outra.

Assim, passaram-se as horas, marcadas pelo silêncio do tempo que percorria das geleiras eternas.

***

Da casinhola da pirambeira, dois soldados saíram.

A temperatura caía, aniquilando os nativos dos pantanais de Xaraiés. Zé-Conselheiro pegou na manga do capotão do amigo e falou, com voz baixa, que precisava dar umas voltas. Precisava desabafar um pouco.

E lá fomos nós, escorregando na neve granulada, sem rumo, perambulando pelos contrafortes, como escravos da neurose em vias de saturação.

E o professor começou a falar:

— Eu tenho certeza, Cabo, de que acenderam o rastilho. Tenho certeza. A coisa está me falando aqui... (E bateu no peito magro)... Não sei quem foi que ateou o fogo, mas o rastilho já está aceso e vem lambendo tudo... (Olhou para os picos gelados)... Não me cabe escolher entre morrer nesta geladeira ou voltar para casa mutilado. Você sabe

muito bem. Cabo velho, que o rastilho está aceso. Felizmente, eu ainda posso escolher como vou morrer... (Novamente levantou os olhos para os picos gelados, como se procurasse a coragem que faltava aqui embaixo)... Sei muito bem que não sirvo para lutar. Não nasci com pinta de guerreiro nem com jeito de herói. Mas, de qualquer modo, continuarei nesta porcaria. Não sou nenhum valente e jamais me considerei como valentia, arrastar os asares desta guerra maldita. Não... (Nova pausa e avançou)... Estou errado? Nunca fui um valente nem nunca serei! Já se vê, meu bom Cabo. Já se vê que não é uma coisa muito fácil escolher COMO MORRER... mas, no fim, esta porcaria é sempre a mesma coisa... Atolado na neve ou lambuzado na lama do degelo...

— Eu sei Conselheiro. Eu sei...

Nesse momento, veio de longe, de muito longe, o urro de um vômito nosso conhecido. O eco da explosão reboou pelas geleiras. Rodopiou nos montes e foi rolar nos despenhadeiros de neve imaculada. O tremor do som continuou a vibrar nos maciços gelados, como corda de viola, numa sinfonia de morte e misérias.

A maldita granada 290 veio sibilando... sibilando, à procura do endereço que a megera da foice indicara. Era um silvo agudo, arrepiante.

Zé-Conselheiro ficou tenso por uns instantes e depois, relaxou-se. O instinto de conservação sucumbira, arrasado pela indiferença que a neurose impunha. Um dos mais fortes perigos do front: INDIFERENÇA!

Segundo urro sacudiu a penedia gelada!

Desta vez, a granada veio silvando mais baixo... mais baixo, mais perto, mais nossa. Atirei-me em cima do velho camarada. Dois corpos rolaram na ribanceira, espargindo neve para todos os lados. Numa fração de segundos, uma explosão sacudiu o mundo. Nosso corpo, ro-

lando pela ribanceira, fora sacudido pelo abalo da granada. E o eco medonho, num gargalhar soturno, ficou trovejando nos recôncavos dos contrafortes.

A hora não tinha chegado.

A megera da foice, naturalmente, não tinha ainda nosso nome na sua lista negra, ou bobear nos cálculos da granada.

Zé-Conselheiro tinha pressentido, há poucos minutos. Felizmente, não tinha acertado!

***

E o inverno continua. As horas passam... Os dias passam... Somente a guerra não passava. Nem a guerra, nem o frio, nem a morte!

Na sua brancura cegante, os Apeninos cobriam-se, diariamente, de mais uma camada de neve. Dava impressão que uma fada bondosa, todos os dias, estendia um novo lençol, como se procurasse esconder as chagas que nossa infame geração marcava no berço milenar do gigante violado.

E o inverno continuava. Matando, aleijando, deformado, mutilando!

Nossa posição era uma sepultura gelada. Nossos homens eram sombras geladas que rastejavam, na neve, o amargo de uma guerra inglória.

Minha guarnição, de serviço, aguardava ordens de combate. Como sempre, ninguém falava. O silêncio era mais frio do que os Apeninos embrulhados no lençol de neve. No linguajar arrevesado, Rembosck perguntou:

— Meiasss-Um, por que fffocêsss não uzasss relóchiasss?

O carioca banguense que não estava muito bom do fígado, respondeu:

— Ora, Polaco! Vê lá se tô pra isso!... (Fez umas malemolências e prosseguiu)... Relógios, meu velho, é troço que foi inventado pra pulso do otário. Relógio só serve pra dizer a hora que a gente tem que ter fome.

Rembosck arregalou os olhos que a natureza pincelou de verde. Não era capaz de entender tanta gíria. O gaúcho "de origem" respondeu amuado:

— Não precesasss sssangar...

E calou-se, arrastando no silêncio, os seus 80 quilos de músculos polacos de colono bem nutrido na infância. O "de origem" era um gigante. Um gigante que não sabia ficar zangado. Felizmente!

Turquinho, sempre deitado nas pilhas de granadas, rosnou:

— Um dia, você ainda se estrepa com o gaúcho... (Soltou uma baforada e ia acompanhando a dança do fumo azulado. Continuou, já recolhido no seu mundo particular)... Cuidado, Banguense! O polaco tem uma força dos diabos.

E caiu no mutismo de seus devaneios. A neurose ia chegando, de mansinho, pé ante pé, sorrateira, dominando o corpo raquítico do árabe que não podia degolar um tedesco para seu pai. Depois Del Castilho deu outra tragada, bem longa, preparando-se para o êxtase da expiração do fumo. Espichou as canelas, relaxando os músculos gelados. Não estava mais em nossa companhia. A maldita neurose deitara com ele, enroscando-se no ego do coitado.

Zé-Conselheiro, que tudo ouvira, também meteu a sua colher:

— Você ainda vai se dar, Turquinho folgado. As 290 dos boches têm caído muito perto de nossa peça. Cuidado... (E indicou na direção das últimas explosões)... Veja lá, Del Castilho. Se uma delas cair mais perto dessa pilha é só pena que voa de você e não vai sobrar nem picadinho seu... (Depois, como se arrependesse de matar o amigo antes da hora)... Não sobra nem picadinho para um quibe gostoso.

Turquinho não deu ouvidos.

O praceba não podia dar ouvidos a ninguém. Estava absorto, deglutindo seu êxtase particular, enfrentando uma guerrinha particular: a NEUROSE!

***

E as horas passavam... Os dias passavam...

Só não passava a guerra e nem a neurose!

Todas as manhãs, Lina, a *bambina* magricela, lá estava, na boca de minha "toca de coelho" à espera do *caporale*. Trazia uma garrafa de leite, para não deixar mio capo malato. Um leite quentinho. Tirado na hora.

Seu diálogo era curto.

Quando os seus olhos encontravam-se com os meus, seu rosto rosado pelo frio, tornava-se mais vermelho.

Lina, a *bambina* que desabrochara para a vida, começava a dedicar uma ligeira afeição pelo capo que a protegia. Já se vestia bem. Até um par de luvas, a giovanata já tinha o luxo de usar. Tudo: botinhas torpedo, que o cabo comprou na cantina dos americanos; meias de lã, americanas; calcinhas bem branca, de tricoline (Ah! Estas calcinhas! Como deram trabalho!); capote, que "herdara" de um "falecido" e, de-

pois de recortado e tingido, ficara um agasalho bom; vestido, comprado por "cigarretes" americanos. Enfim, eu já me tornara um comensal na casa de *Babo*. Era "um-de-casa".

Tudo que conseguia, tanto na bateria como na retaguarda; nas cantinas ou no câmbio-negro; era para Lina e sua família. Alimentos (ração "K"), havia com fartura, na casinhola da pirambeira.

Quando eu estava na escala da guarnição, Lina deixava meu leite na portinha da barraca. Ela não gostava de conversar com ninguém. Por isso, me pedira, um dia, com voz lamentosa:

— *Capo*, posso deixar o leite na porta da barraca, quando você está de guarnição?... (E abaixou os olhos, procurando esconder o rubor das faces).

— Pode, Lina... (E puxando a *giovanata* para mais perto, perguntei, dando-lhe um abraço carinhoso)... Por quê?

Ela desviou os olhos e respondeu:

— *Brasiliani* olha muito para mim... (Novo rubor nas faces)... com um jeito que me envergonha... (E alisava a neve granulada com as botinhas).

Depois dando-me um empurrão para se livrar de meus braços, saiu correndo, drapejando as abas do capote, no vento gelado dos Apeninos que era o seu berço e a sua história.

Lina, a menina-moça que eu tomara sob minha guarda e proteção, talvez, no seu instinto feminino, sentia que mais cedo ou mais tarde, seria a presa sacrificada nas mãos do seu "capo ruço".

***

Assim, passavam os dias... as semanas...

Só não passava a guerra e nem a neurose!

No silêncio das vigílias noturnas, às vezes, o cabo acariciava as mãos de uma *giovanata* que aparecia nos devaneios. Conselheiro já notara esses sonhos do amigo. Nada falara. O velho professor era muito reservado.

Foi numa dessas noites.

Noite escura. Mais escura do que boca de negra velha desdentada. Nós conversávamos, baixinho. Bem baixinho, com medo de acordar a noite que ressonava nos braços do gelo maldito.

— Professor, nós conquistamos este país?... (Perguntei, mascando um chiclete que Meia-Um havia me dado).

— Hum... m-m-m?... (Rosnou meu velho companheiro).

— Eu perguntei se nós já conquistamos a península!

— É... Nós conquistamos esta bota gelada e temos medo de calçá-la... (Apertei os olhos na escuridão, como se procurasse ver o medo que massacrava a gente)... Nós temos medo de calçá-la! Tá?...

Era noite fechada, besuntada de piche gelado. Noite indevassável. Fria como mãe de sarampo. A neve, qual megera sorrateira, ia gelando as sombras da escuridão... e as sombras tomavam corpo, avolumavam-se, materializavam-se. Olhos sem órbitas, maldosos, gelados, vingativos, espiavam os pracinhas. Espiavam, sem piscar. Olhos de medo! Vinham de todos os lugares. Das pirambeiras geladas, das pedras frias, até dos buracos que a velha cortina dos tempos emparedava a gente.

Olhos sem órbitas. Olhos vazados na noite. Olhos agourentos.

E o cabo que mascava o chiclete de Meia-Um, repetiu:

— Nós temos medo... muito medo...

Zé-Conselheiro respondeu ao amigo agoniado:

— Conquistas... conquistas e mais conquistas... (Esmagou o cigarro apagado que trazia no dedo. Na noite escura, não se podia fumar)... Pois é isso mesmo, seu cabinho dos pantanais! Conquista, se consegue com muita luta, muita morte, muita miséria! E mais do que tudo isso: muita selvageria!... Disso tudo, naturalmente, é que se provoca o aborto da tal glória... (Levou a mão em rodopio, como quem mexe numa panela. Estava acavalado na conteira do canhão. Virou-se, em busca de uma melhor posição e prosseguiu)... Conquistas... E, cada vez mais, enterrados na neve, na lama, no barro... Seremos atolados na maldição da lama do degelo que se aproxima... (Balançando a cabeça, falou mais baixo)... e na lama das misérias que praticamos...

— Conquista mais besta.

— Nós somos micróbios do novo mundo, matando bacilos do velho mundo.

O cabo olhou para o rumo de seu camarada. O negrume da noite não permitia distinguir fisionomias. Muito mal, os contornos de um vulto se delineavam na escuridão.

Depois de uma pequena pausa, Conselheiro deixou escapar uma risadinha histérica e falou baixinho:

— Foi uma comparação boa! Muito boa!... (E nova risadinha).

Eu pensei com os meus botões: "ATÉ O VELHO JÁ ESTÁ ATACADO"...

E o professor continuou:

— Somos vermes gelados de Porretta, devorando vermes gela-

dos do Castello. Somos excrementos fardados, que o gelo dos Apeninos conserva em tempero de neve imaculada... E quando vier o degelo, seremos merda misturada com lama.

E calou-se na noite silenciosa.

Nem os miseráveis dos *tedescos* atiravam. Os alemães compactuavam com a frigidez da noite negra, que amortalhava os Apeninos. Na escuridão rigorosa, a noite tapava tudo. Nem os pinheiros vergados no peso da neve. Nem a consciência conspurcada do cabo que comprara uma *bambina* por duas cuecas!

Além, botas rangiam na neve.

Bem que podia ser uma sentinela volante, como podia ser um *tedesco*, espionando. Tanto faz. O frio era mortalha tão cruel, que a morte não fazia mais efeito.

***

E arrastávamos os dias longos, naquele maldito inverno.

As horas passavam... Os minutos mancavam... Os segundos coxeavam...

Só a guerra não mancava! Só a neurose não passava!

Minha guarnição continuava no estado nervoso de sempre. Por qualquer motivo, surgia uma briga. E era briga de soco, pra valer. E não se fazia inimigos. Terminada a luta, ninguém tocava no assunto. Era capítulo encerrado.

Havia como que uma necessidade de desabafo. Com soco!

Na barraquinha imunda da guarnição, as discussões, as desavenças, as lutas, era coisa comum. Seria a força máscula do pracinha hibernado nos rigores do inverno?

Vez por outra ouvia-se, lá dentro da barraquinha:

— Se você é homem, saia para fora!

E os dois saíam, com a maior calma do mundo. Travava-se uma ligeira luta, sempre assistida pelo Sargento. Socos, empurrões, bofetadas, capoeiras, etc. Quando um levava vantagem, virava as costas e ia tomar o seu lugar, na barraquinha imunda, como se nada de anormal houvesse acontecido. Estaria tudo encerrado. Não se tocava mais no assunto.

Assim, passavam os segundos, manquitolando... Assim, arrastavam os minutos, capengando... Assim, perambulavam as horas, manquejando...

E o *caporale* recebia, todas as manhãs em que estava de guarnição, a sua garrafa de leite de ovelha. Vinha das mãos de uma *giovanata* das pirambeiras dos Apeninos... das pirambeiras da vida!

Nas noites de folga, dizendo que era para matar o tédio, o *caporale* aparecia lá na casinhola do despenhadeiro. Dizia, também, que ia bater um papo com *Babo*. Gostava de receber lição da *bambina*, para aprender italiano.

Estava selada, a trama do destino.

A puberdade avançava, a passos largos, despertada do sono hibernal da subnutrição. Sem o saber, o *caporale* auxiliava o despertar da natureza, levando alimentos concentrados. Sua *giovanata* ia tomando formas de mulher, em rápidas pinceladas de contornos aflorando.

Estava selada, a trama do destino.

Quem o criminoso?

***

Foi numa noite em que o cabo estava com Lina, na mesinha encardida, soletrando a cartilha velha. Ouvia-se o B-A... BA italiano.

Babo cachimbava. Estava com a vida normalizada. Sua família não tinha mais problemas da guerra: alimentação e roupas.

Tudo, o *caporale* arrumava. Até remédio.

Seu cachimbo, agora, não era mais o pito sarrento. Era de famosa marca americana. O fumo perfumado, era legítimo *Half and Half*.

E no rodopiar do fumo aromático, *Babo* ia meditando os azares da vida, que a guerra impunha em sua vida modesta de lavrador.

Voltou-se para a mesa onde os dois estavam estudando. Era um belo casal, pensara com os seus botões. Um *capo* jovem, ruço e bondoso. Engoliu em seco e arrastou na língua pegajosa, uma ordem:

— Lina, vá dormir. Eu preciso falar com *capo*.

Todas as vezes em que precisava falar sério comigo, *Babo* me tratava de *Capo*, para me distinguir como chefe.

A menina deu boa noite e sumiu, dando ligeiro aceno, lá do patamar da escada velha.

Indicando-me com o cachimbo, um mocho perto da lareira, *Babo* convidou-me para me aproximar dele.

Pegando minha carteira de cigarros e os fósforos, levantei-me e fui sentar ao lado do velho que se refizera das misérias da guerra. Tirei um cigarro, bati na soleira da lareira. Acendi com tição, para matar as saudades de mato-grossense. Deixei escapar uma fumarada com êxtase e fiz a pergunta:

— Quer falar comigo, *Babo*?

Ele cachimbava, absorto. Estudava-me. Fez um gesto nervoso, bateu o cachimbo na borda da lareira, levou-a à boca; deu alguns sopros e guardou-o. Reclinou-se na cadeira de balanço, com ar concentrado e começou:

— Eu estive pensando, *caporale*. Você é um homem bondoso, honesto e está sempre nos auxiliando... (Olhou pelo vidro da janelinha, como se procurasse o infinito para socorrê-lo. Seu olhar era de um homem que sofria)...

Eu tenho pensado muito, *caporale*. Qualquer dia destes, em qualquer ribanceira, um soldado ainda vai forçar Lina...

O nome da menina foi morrendo nos lábios murchos, na última sílaba. Os olhos de *Babo* embaciaram-se. Uma lágrima furtiva, indiscreta, correu pela face macerada e foi sumir, envergonhada, na barba hirsuta e maltratada. Seus lábios tremeram ligeiramente. Fazendo um esforço, *Babo* continuou:

— Antes que forcem minha *bambina*, eu vou entregá-la como seu *esposate*. Já falei com o padre... (E levantou os olhos marejados, encarando o cabo, fulminando com as últimas palavras).

— Mas... (Gaguejou o *caporale*)... Não temos licença para casar...

— Não é casamento oficial que estou falando. Eu também compreendo a sua situação... (Meteu a mão no bolso, tirou o cachimbo e enchendo-o, levou à boca. Um perfume gostoso de fumo especial dominou o ambiente carregado. *Babo* deu umas cachimbadas. Suas mãos tremiam. Encarou o cabo e prosseguiu)... Pode ficar hoje. Mama já arrumou o quarto do sótão, para vocês...

E saiu, cambaleando, sem olhar para o *caporale*.

Seu corpo balançava na contenção dos soluços reprimidos. Era mais um pai vilipendiado nos escaninhos do front. Era mais um pai aviltado nos meandros de uma guerra miserável. Era mais um capítulo das histórias sujas de todas as guerras, que os livros nunca contaram. Era o retrato vivo de homens que foram homens!

E *Babo* subiu as escadas, hirto no aprumo, humilhante consciente de seu drama. Sumiu na obscuridade, engolindo soluços que represara. Era um animal ferido, sem ter a quem socorrer.

E o cabo ficara estático, com os lábios entreabertos, no gesto inacabado de uma palavra que não fora pronunciada. O espanto o sufocara. Levou a mão na cabeça, como se procurasse uma solução.

No silêncio da sala, um murmúrio repetia as últimas palavras de *Babo*. Um murmúrio que nada tinha com a consciência morta de um *caporale* que fora homem: "MAMA JÁ ARRUMOU O QUARTO DO SÓTÃO PARA VOCÊS"...

Uma força fez o *caporale* levantar-se. Empurrando-o pela escada velha e conduziu-o até o patamar que conhecia de longe.

O coração do *caporale* retumbava mais que 290 de tedesco.

Indeciso, percorreu com o olhar esgazeado, o ambiente, sufocado na sensação dos instintos. Uma porta entreaberta. Um fiozinho de luz bruxuleando. Era o quarto de luxúria que já começava a queimar seu sangue jovem.

Um ligeiro tremor fez arrepiar seu corpo. Ouviu soluços abafados.

Onde seria?

E a réstia de luz mortiça, indicava o caminho do crime.

O cabo aproximou-se da porta. Foi empurrando, devagarzinho... devagarzinho. Era um pequeno quarto, com um só móvel: A CAMA. Nela, deitada, estava Lina, a menina do leite. Tinha o rosto coberto com um travesseiro que abafava os soluços.

E o cabo correu os olhos ávidos, no corpinho que tremia.

Virou-se e empurrou a porta, trancando-a. O ferrolho gemeu soluços de vergonha, na ferrugem dos tempos... que a guerra sujava.

O corpo da *bambina* púbere tremeu no chiado do ferrolho. O som cortara sua alma, rasgara sua adolescência...

Estava selada, a trama do destino.

Quem o criminoso?

E lá numa casinhola nas pirambeiras dos Apeninos gelados, mais uma *ragazza* perdia os sonhos encantados de menina-moça. Um patife, fardado, sujara sua carne jovem. Ela caíra nas garras sensuais de um cabo que perdera a alma.

De um homem que fora HOMEM!

CAPÍTULO XX

NO VALE DO PÓ

No avanço do Vale do Pó, a tropa bufava no mais cruel inferno seco que eu já vira: o pó do Vale do Rio Pó.

A poeira cobria nossa visão. Cobria tudo. Não se via nada!

O maldito pó, afogava os pulmões saturados de nicotina; a persistente poeira, enegrecia a alma lambuzada; o polvilho imundo, sujava a consciência carregada de misérias.

Um horrível cosmético de lama, preparado pelo pó e pelo suor, formava uma máscara pegajosa na cara do pracinha empoeirado. Estávamos maquilados para as pantominas de um fabuloso circo: O PICADEIRO DA GUERRA.

— Somos os palhaços nas fantasias das histórias...

E Zé-Conselheiro passou o dedo em arco, pela testa pegajosa e limpou a pasta cosmética, atirando-a longe. Fez uma careta e continuou:

— Nós, os pracebas... trouxebas... de Tebas... trabalhando num circo empoeirado que o generalato indígena montou nas "européicas"...

E soltou uma praga.

As nuvens de pó iam afogando cara, gestos, consciências.

— Não enxergo nada, seu Cabo... (E Meia-Um sacudia uma caixa de fósforos, como quem procura enxergar a caixa pelos ruídos).

Ele estava em pé, apoiado na cabine do QT, procurando ver alguma coisa em nosso itinerário que a cortina do pó encobria.

— Qualquer hora, vamos dar de cara com os *tedescos* e vai ser só pena que voa... (Ia resmungando Meia-Um).

O resto da turma, estava sentada nos bancos laterais do QT, fungando, praguejando, cuspindo, escarrando...

Nossa máscara na cara, tinha quatro buracos úmidos: dois em cima e dois em baixo. Os buracos dos olhos, eram lavados com lágrimas que corriam constantemente. Todos tinham os olhos irritados, porque, no começo, tentaram limpar o pó com a manga do zé-carioca. Depois desistiram. O pó vencera.

As narinas, também reagindo à invasão do pó, segregavam, sem parar, um líquido viscoso, que escorria empanado de poeira.

Se os olhos remelavam... as narinas melavam na coriza.

Morosamente, o comboio afogava-se no dilúvio de poeira que ele mesmo provocava. Meia-Um continuava, irradiando o itinerário:

— Este lugar é tão maldito que, só mesmo na guerra, eu podia conhecer um rio que afoga o praceba no pó de suas águas...

— Meia-Um está doido... (Reclamou alguém).

— Ele tem razão. A macacada está morrendo afogada no pó do Rio Pó.

Nosso caminhão QT, sumido na cortina de poeira indevassável, "apalpava", com o para-choques dianteiro, a traseira do caminhão da frente... e que nós não conseguíamos ver. Nem nossa guarnição e nem o motorista.

— O mundo está envolto numa cortina de pó... (Pensou alto Zé-Conselheiro, tragando cigarro e poeira).

— Que nojeira de pó. Nem cigarro tem gosto nesta porcaria... (Reclamou Turquinho, como se falasse sozinho).

Polaco riscou um fósforo para acender o seu cigarro. Riscou um palito. Riscou dois, três, diversos. Riscava, apagava. Resmungava, riscava, apagava. Praguejava e riscava outro palito, quando Turquinho comentou:

— Não adiante, seu Polaco burro! O pó apaga até vergonha de gringo...

E levou o cigarro aceso para que o colega acendesse o dele.

No caminhão, uns resmungavam, outros queixavam. Por fim, calaram.

A turma quedou-se no silêncio que o pó engolia.

No maldito silêncio que antecipa os grandes momentos.

***

E o inferno da poeira continuava.

Uma, duas, três... quantas horas?... O dia todo?...

O pó era tão denso, tão persistente, que engolia até o tempo.

As poucas árvores que se via na margem da estrada, estavam sufocadas no inferno de pó. Não eram bem árvores: eram arbustos... raquíticos, secos, esqueléticos, retorcidos na luta contra a poeira miserável. E a cada instante, caía uma folha de nervuras ressequidas no ar empolvilhado.

Dava a impressão que Belzebu caprichara ali o seu jardim.

O cenário fazia lembrar que, lá no front, também nas poeiras das lutas, uma folha da árvore humana retornava ao pó de onde viera...

Até a morte, o maldito pó sufocava no front.

E, no percurso de nosso comboio, o pó procurou sufocar consciências.

Foi infeliz!

Não encontrou!

Na marcha cadenciada, nosso corpo era balançado, de quando em quando, na persistência do choque de nosso QT "apalpando" o QT da frente... e ao compasso contínuo do caminhão que vinha atrás, "apalpando" a gente.

Era uma bolina dos infernos.

Apalpávamos e éramos apalpados.

Jundiaí, a bela cidade paulista dos bons vinhos, mandara, para as misérias da guerra, um seu filho querido: MÂNCIO, seu nome de guerra. Depois, ficou mesmo JUNDIAÍ. Era mais eufônico, mais *brasiliani.*

Jundiaí era um motorista com "M" maiúsculo. Fazia das tripas coração e dos olhos raios "X". Dirigia pelo tato na direção e pela intuição de bom profissional nas pirambeiras. Até hoje, não sabemos como é que o Jundiaí não jogou nosso QT pelas ribanceiras do Vale do Pó.

Era a encarnação do incrível pracinha brasileiro, assombrando o mundo, nas suas famosas improvisações de malabarista inveterado.

Como se não bastasse o pó indevassável, margeava aquela estrada maldita, as minas anticarro dos alemães.

E nosso caminhão roncava e apalpava. Bufava e tateava. Rosnava e bolinava... serpenteando pelo terreno, fugindo das minas traiçoeiras.

Foi nesse mundo empoeirado que um sargento, aproveitando um pequeno alto, pulou de seu QT, imprudentemente, para...

Ninguém soube contar para quê!

O sargento foi infeliz, saltou em cima de uma mina.

Foi o último pulo do sargento.

Sua figura sumiu numa explosão. Nuvens de pó e fumaça. Redemoinhos de terra, cascalho e pó... temperado com sangue e pedaços de corpo.

A explosão tingiu o ar pardacento, numa pincelada vermelha.

Nunca ficamos sabendo qual foi a cor que mais dominou.

— Mais um infeliz sacrificado nos escaninhos do front... (Sussurrou Zé-Conselheiro, como se rezasse para o infeliz).

— Mais um aviso lacônico: "SEU FILHO NÃO VOLTARÁ! TOMBOU, LUTANDO NOS CAMPOS DE HONRA!"... (Completou Turquinho, com voz embargada de emoção).

— Seu cabo, como é que a gente comunica uma família, quando um dos nossos morrer assim?... (Perguntou, Meia-Um, com cara de criança assustada).

— Cale-se, Banguense de uma figa!... Vá perguntar pra *tedescos*!...

O cabo gritara com raiva, expelindo pó e medo da garganta ressecada.

— Ora, pessoal... Respeitem ao menos o defunto... (Reclamou alguém).

Diversos se benzeram, com ar contrito, como se fossem os homens mais puros do mundo, em piquenique de congregação religiosa.

Zé-Conselheiro não deixou de dar a sua puada:

— Que defunto? Isso aí não é mais defunto... Carne picadinha com osso quebrado, na minha terra é "locro"...

Sem querer, liguei a comparação do professor e pensei alto:

— Guerra desgraçada! Retalhando brasileiro em "locro"...

***

E nosso comboio seguia indiferente.

Deixara, para trás, sem nome e sem número, mais um corpo com uma cruz imaginária, nos escaninhos do front.

E o nosso caminhão roncava e apalpava. Bufava e tateava... ajudando a dar pinceladas num céu pardo, com uma nuvem de pó toda nossa.

Era a guerra.

Eram os heróis em marcha! Sempre em marcha!

Heróis de Barro!

Heróis de Pó... de pó infame, pardacento!... Em nuvem de sangue!...

***

Foi depois que ficamos sabendo que nós tínhamos sido escolhidos como "voluntários", numa missão suicida. Nunca nos perguntaram se topávamos a parada. Zé-Conselheiro quem deu a melhor explicação:

— O "grande capitão" topou, pronto!

— Não pedi opinião, seu advogado de causas perdidas...

— Ora. Seu Cabo! Use a cabeça. A valentia é dele, e o murro é nosso. Ele fica com o doce das honrarias e nós ficamos com o amargo da missão...

E Conselheiro recitou uns versinhos, com cara debochada:

— Mascarado pracebas,
da guerra: trouxebas!
São vermes ou amebas,
guerreiros ensebas!

Rezando nos Vedas,
são filhos de pebas!
Servindo de sebas,
nas terras de Tebas!

Ao terminar, fez uma careta e conseguiu dar uma cuspidela, numa mistura de saliva, fumaça e poeira.

E o comboio continuava roncando e apalpando; gemendo e tateando; fungando e bolinando.

Comentava-se que avançávamos numa ponta de lança, perseguindo a célebre Divisão Negra, uma unidade elite.

Um boato espalhou: "Marchamos para Milano".

Sempre em pé, fiscalizando a marcha do QT, Meia-Um comentou:

— Milano... Uma cidade e tanto, bugrada! Mulheres... mulheres...

E deu grito de índio atacando maloca de inimigo: HIP!...

***

Tínhamos deixado para trás, o inferno de pó.

Agora a velocidade aumentava.

Nosso caminhão não precisava mais apalpar as nádegas do QT da frente. Nem o caminhão de trás não precisava mais bolinar a popa do nosso.

Entramos numa cidadezinha calçada, arborizada, já em velocidade bastante alta. Enveredamos por uma praça fechada com grades de ferro. Ao passar pelo portão, mergulhamos no fundo do caminhão. Evitamos um arco das colunas do portão.

Meia-Um quis gritar que o caminhão ia se chocar nas colunas de pedra do portão antigo. Não teve tempo. Seu grito foi sufocado no mergulho.

Jundiaí, o malabarista do volante, tinha conseguido mais um milagre na guerra dos gringos.

Atravessamos ilesos.

— Puxa!... (Reclamou Meia-Um, sem fôlego).

— Até parece que foi meu aluno... (Concluiu Campista).

Entrávamos na cidade. Lá, a tropa faria um grande alto. Na sua marcha desenfreada, nosso comboio foi dar com as caras nas portas de umas destilarias. Era um enorme prédio, abandonado pela guerra.

— Vou encher a cara, macacada!...

— Cale a boca, Conselheiro. Nem o maldito pó conseguiu fazer você calar? Arre! Que você cansa.

— Ora, seu Cabo. A guerra tem suas compensações. Primeiro, afoguei-me no pó do Rio Pó... Agora, vou afogar-me no vinho e nas mulheres...

Uma ordem acabou com as nossas discussões.

— SALTAR!

E a macacada pulou dos caminhões, esparramando pó pra todos os lados. E a mesma ordem continuou:

— EM FORMA!... POR GUARNIÇÃO!...

Era o "grande capitão" que só aparecia para gritar.

A turma foi recolhida no edifício, passando por um gigantesco portão de ferro. Sua única entrada e única saída.

Começou o corre-corre de acomodação de material de guerra: armamento, munição, víveres, etc.

Nem bem terminamos, os apitos acompanhados de gritos, começaram a reboar pelas paredes esburacadas da velha destilaria;

— BATERIA EM FORMA!

E lá vinha o "grande capitão".

Não interessava que a nossa sujeira lambuzasse até a nossa alma, nem que o nosso cansaço nos exaurisse até as últimas forças.

Eu não suportava o sujeito. Para mim, era a antipatia que se fizera um arremedo de homem para se fardar!

Quando o "grande capitão" apareceu, o velho filósofo cutucou-me e falou baixinho:

— Veja, Pantaneiro! O homem já está todo engomado. Onde, diabo, ele conseguiu farda tão bacana num ataque suicida?

Era verdade.

Infelizmente era a pura verdade.

Engolindo revolta empoeirada, pensei com os meus botões: "ASSIM DEVIA SER A GUERRA DO PARAGUAI... ENQUANTO O NEGRO CORNETA JESUS APODRECIA NA LAMA DA TRINCHEIRA, OS PEITOS DOS GENERAIS ENCHARCAVAM-SE DE MEDALHAS"...

Meia-Um cutucou-me e perguntou:

— Cabo, onde é que eles arranjam farda tão bacana?

Olhei para meu apontador e a vergonha não permitiu que eu respondesse a sua pergunta. A vergonha ou o ódio?

— Nós somos os soldados mais feios da guerra... (Continuava Meia-Um).

Quando encontro com preto americano tenho até vergonha de ser brasileiro.

Zé-Conselheiro ralhou com ele:

— Preste atenção, cabra da peste! Tá pensando que é pelada em Bangu? Faz meia hora que o "cobra" está falando. É a tal "hora do pato"...

E o "grande capitão" falava, recomendava, avisava, chateava. As ordens eram severas. Ninguém podia sair. Fazíamos um grande alto,

para que a tropa se refizesse do avanço forçado no Vale do Pó... (Levá-ramos dias).

"Estamos fazendo um grande alto, para tomar contato com o inimigo que foge desembalado".

E Meia-Um tornou a queixar:

— Descansar! Dormir! Prosseguir! Avançar! Recuar! Matar! Morrer!... É só o que esse infeliz sabe falar. Será que ele não sabe conjugar o verbo PASSEAR?...

— Fale baixo, Meia-Um...

— Ora, seu Cabo! Nós só queremos uma etapa de *bambina* viva. Já chega de babaca em pó que o caxias paga...

Zé-Conselheiro rosnou:

— Dois instintos primários acompanham o homem, durante toda a sua vida. O instinto de conservação e o instinto sexual...

— Caluda, seu matraca de semana santa!

E corri um rabo de olho no gorila empavonado, encarapitado num caixote, todo compenetrado no papel de tribuno romano. Ele continuava a matraquear, num êxtase budista.

Na nossa frente, estava o tenentinho pipote, de braços para trás, pernas abertas, com o cinto cortando a pança numa ridícula figura em oito.

E por azar do homem, em sua testa, uma impertinente mosca começou a passear. Toda a bateria concentrou-se no inseto inoportuno. O tenente corote em oito, da cara mongólica, começou a se irritar. Perfilado na compenetração de gorila-robô, o homenzinho sofria. De

vez em quando, num ligeiro repuxar da beiçola, furtivamente mandava uma sopradela no bichinho teimoso. A mosca batia palmas, esfregando as patinhas imundas, na satisfação do tato "moscal".

E o "grande capitão" continuava na lenga-lenga.

A turma vibrava, na emoção da torcida silenciosa. A maldade humana, em formatura geral, gozava na luta silenciosa do tenentinho "carretel".

Só depois de muito sofrer, o homem ficou livre da mosca. Ela resolvera dar o fora. Não gostara da cara mongólica, depois de uma demorada inspeção "moscal".

E o "grande capitão" prosseguia no lero-lero das recomendações.

Zé-Conselheiro apertou os olhos. Lá vinha, como era de seu costume, pedaços de versículos bíblicos:

—... "porque a boca fala do que o coração está cheio"...

— Já vem você com citações do Cabo Ghura... (Reclamou Turquinho).

— O professor agora tem razão,.. (Defendeu Meia-Um).

Eu dei umas cutucadas em Conselheiro e Meia-Um. Tinha um de cada lado, para meu controle. Eram perigosíssimos.

Passado o suspense da mosca, Meia-Um voltou à carga:

— Praça de folga, no quartel, ou quer serviço ou cadeia...

Amarrei a carranca e não respondi. Não adiantava. Ninguém convencia o Banguense, quando ele tinha uma ideia...

Felizmente, o "grande capitão" terminara sua arenga.

Turquinho suspirou e resmungou:

— O homem fala mais que caravana de beduíno...

E o nosso bom Primeirão deu a ordem:

— BA-TE-RIA... FO-RA DE FOR-MA... MARCHA!

E o grito alegre, num só pulo, reboou nas paredes da velha destilaria. Era a ordem de comando mais querida em todo o mundo militar.

***

O dia tinha escorregado moroso, pesadão e chato. Um calor sufocante fazia o pracinha lembrar com saudades da neve dos Apeninos. Até dava vontade de voltar para o inferno gelado. A velha destilaria, com pouca ventilação era uma fornalha. Nela, acampara uma bateria com mais de 150 homens. Era um formigueiro fardado.

Em passo marcial, rufando um tambor imaginário, lá vinha o incrível professor:

— Uma subunidade marcha, garbosamente, numa perigosa missão de "VOLUNTÁRIOS"...

***

Nesse dia, o sol andara risonho, convidando o praça para uma boa "tocha" na cidade. O calor era visguento, embriagando o pracinha numa madorna embotada pelo pó do Vale do Pó.

Longe, muito longe, ainda podia-se escutar a hidra de muitas cabeças, vomitando destruição e morte.

No chão de cimento, onde armaram suas tarimbas, os soldados

escutavam os urros do monstro que não descansava. Eles sabiam que um dali, não voltaria. Era a guerra que não descansava.

Eu já começava a descansar, quando apareceu Zé-Conselheiro, todo afobado, falando, gesticulando:

— Venha ver, seu Cabo... Venha ver para crer...

Levantei com má vontade e acompanhei o velho professor.

No pátio do "parlatório" (como os praças apelidaram o lugar da "ordem do dia"), Zé-Conselheiro parou e, levantando o braço, mostrou no segundo andar do prédio principal da destilaria:

— Olha, quem está na janela.

— *Mama mia!*... (Exclamei, não contendo a admiração)... É o "grande capitão" com uma *giovanata*...

— Sim, é ele mesmo!

— É o cúmulo!

E saí rosnando, louco de raiva, soltando palavrões por todos os lados.

A cena aniquilara o cabo que tinha vontade de obedecer ordens.

***

No outro dia, Conselheiro chamou-me num canto e perguntou:

— Você ainda é caxias ou já se convenceu de que o "grande capitão" baixa uma "ordem do dia" e ele, que é bom de bico, não cumpre?...

— É... você tem razão. Você sempre tem razão!

O cabo coçou a cabeça, derramou um olhar vago e continuou:

— Ele é dos tais que emprega o lema: "FAÇA O QUE EU MANDO E NÃO O QUE EU FAÇO"... (Depois, mudando de tom, perguntei)... Afinal, o que é que você quer?

— Ora, seu Bororo. Muito simples... (Passou a mão no queixo e falou com ar gaiato)... A moral da história, é muito simples. O exemplo dos maiores deve ser imitado. Garotas, seu Cabo pongó. Garotas...

— Garotas? Como?

— Muito simples... (E mostrou o primeiro andar, nos fundos)... Lá, no primeiro andar, a turma arrombou uma janela que dá para a rua. Estão pulando para fora e fazendo "tocha" de arrasar...

Nem me lembrei de perguntar ao professor, como era a volta.

Enojado com a cena do "parlatório", voltei à minha tarimba.

Numa pilha de cunhetes, estava deitado Del Castilho, pitando e divagando. Naturalmente, comprazia-se nos trambolhões da neurose que lhe proporcionava uma guerrinha particular. Turquinho ainda não tinha encontrado o *tedesco* que devia ser degolado. Discutia o assunto com a Dona Neurose, empapados no pó e lambuzados na lama dos neuróticos.

Derramei um olhar amigo no bom companheiro Turquinho e pensei com os meus botões: "COITADO! SEMPRE CUIDANDO DE SUAS GRANADAS E DE SUA NEUROSE".

Num cantinho frio mais sossegado, escarrapachado na tarimba ajeitada no chão frio, Polaco esquecera da guerra. Indiferente a tudo e a todos, lia o seu "MEMENTUS MEDICAL", em vernáculo germano. Talvez matasse as saudades de sua querida colônia, que ficara tão longe... tão longe.

Encarapitado no batente de uma janela gradeada, Meia-Um, o cara de criança, balançava as pernas grossas. Com o capacete de aço jogado para trás num jeito displicente de carioca malandro, o banguense exalava malícia por todos os poros. Meia-Um cortava um pedaço de pau, com o seu inseparável canivete. As lascas, iam caindo, em estrias de fantasias geométricas, num capricho de talho firme e constante. Eram desfiados na madeira, os pensamentos do carioca que sonhava acordado.

Um alarido cortou o silêncio de nosso alojamento:

Virei-me para a direita. Era o Sargento Metralha, enfurecido, que discutia com o seu colega, Sargento Paulista:

— Basta, tchê!... Quanta barbaridade nesta guerra tchê!...

E sargento Metralha carregou na pronúncia do guasca de voz atrevida. Em suas veias, corria o sangue quente puro e abagualado, do pião intrépido. Era o guasca que só tremia nos pampas, quando o minuano chorava, desesperado, procurando o negrinho do pastoreio.

O enfurecido Metralha estava discutindo com seu colega Paulista, as possibilidades de uma "tocha". Um queria e outro estava com receio do "grande capitão" descobrir.

Não dei importância à discussão dos sargentos. Ninguém dava a mínima importância nas discussões. Era tão comum...

Abaixei-me, para sentar na tarimba arrumada no chão de cimento, dando umas fungadelas e resmungando palavrões.

Zé-Conselheiro aproximou-se e jogou a carcaça na tarimba. Cruzou as mãos embaixo da cabeça, procurando melhorar o "travesseiro" que ele ajeitara com alguns tijolos. Derramou um olhar cismarento pelo teto encardido e resmungou, mascando um palito:

— ... "FAÇA O QUE EU MANDO E NÃO O QUE EU FAÇO"...

Olhei, desconfiado, para meu camarada.

Conselheiro deu umas fungadelas e, virando-se para meu lado, fincou o cotovelo na tarimba e falou com uma alegria de criança peralta:

— Cabo, vamos fazer uma "tocha" amanhã?...

Voltou-se de costas, levou outra vez as mãos cruzadas embaixo da cabeça e fechou-se em copas. Estava vivendo as prováveis delícias de sua TOCHA.

Conselheiro não existia mais. Sonhava!

Não dei ouvidos ao bom companheiro. Não podia dar. Eu ruminava mil e uma escapulidas pela janela arrombada, em busca da rua da liberdade.

Na pilha de cunhetes, Del Castilho pensava, resmungava, gesticulava. Turquinho brigava com a sua neurose resmunguenta. Ele estava na sua guerrinha particular, discutindo com o beduíno que queria degolar um *tedesco*.

Encarapitado no peitoril da janela, Meia-Um continuava a lascar o pauzinho, desfiando seus pensamentos em estrias geométricas. O cara de criança ruminava as possibilidades de uma "tocha".

E o silêncio foi chegando, foi olhando desconfiado, foi chegando. De mansinho e agachado, pé ante pé... acovardado.

O silêncio tinha medo de atacar o alojamento dos pracinhas cansados.

Mas o silêncio criou coragem, deitou na tarimba de um praça que tinha pulado a janela arrombada. E o silêncio dormiu na tarimba desocupada.

O silêncio dormiu, roncou.

A canseira dos pracinhas também dormiu, também roncou.

Só o remorso rondava... espionava... rondava.

Aqui e além, o remorso dava uma sacudidela num e noutro, provocando gritos arrepiantes, que lembravam o "poço das víboras".

Somente o remorso rondava, espionava, rondava!

O remorso era amante da neurose.

Encontravam-se, às escondidas, de preferência quando os pracinhas estavam dormindo, porque o silêncio – que era padrasto da neurose – não gostava do remorso asqueroso.

O padrasto alegava que o remorso era muito barulhento. Queixava que o remorso não dormia e vivia espionando os outros, sorrateiramente.

E o remorso rondava, espionava, rondava...

***

Foi no dia seguinte que ficamos sabendo, ao certo, o lugar em que estávamos aquartelados. Era Scandiano, uma bela cidadezinha que ficava na Província de Reggio Emilia, na famosa região dos piemontês – orgulho dos italianos da alta Itália.

Terra dos bons vinhos e das belas mulheres!

O dia amanhecera radioso. Um sol alegre, de cara gorducha e bem corada, convidava para um passeio.

Levantamos cedo e fizemos o pequeno almoço.

Quando eu lavava minha marmita, Trovão perguntou-me qual era meu plano para o dia tão bonito.

Trovão, o carioca de peito largo, musculoso e de sorriso aberto, encarnava o carioca de alma limpa e de coração generoso.

Era um filho da Cidade Maravilhosa, orgulho de "Marechal Hermes".

Sem muita convicção, disse ao Cabo Trovão que toparia uma "tocha".

Cabo Trovão tinha mais dois apelidos. O primeiro, por causa de voz retumbante, que abalava até o chão que a gente pisava, quando ele dava um dó de peito... Mais dois: de "Marechal", por ser carioca de subúrbio de Marechal Hermes e, o terceiro apelido, por ser o da firma que trabalha, há mais de 10 anos: Aymorés.

Assim, lá se foi o "marechal", todo contente, preparar a sua *rôbba* para nossa "tocha".

Encontramo-nos, na janela arrombada, cada qual com o seu bornal a tiracolo... em busca de romance e amor.

Foi em Scandiano que rodopiamos, nos poucos dias que passamos lá, no triângulo boêmio: vinho, mulher e orgia.

E Trovão, acompanhado de seu colega que não era boa bisca, enterrara no triunvirato que a guerra nos proporcionava, de tempo em tempo.

O que nós não conseguíamos comprar, dominava! Abusando da força que a guerra nos oferecia... da própria força que a guerra estraçalhava.

A guerra matava?... Eu vivia!

A *bambina* tinha fome?... Eu tinha sexo!

Quanto menor a idade?... Maior nosso preço!

Tudo era guerra! Tudo era heroísmo!

Heroísmo bárbaro! Cantado! Louvado! Rimado! Entronizado!

E lá fomos nós.

A janela do primeiro andar, escancarada, arrombada, violada... nos convidava para arrombar, violar! Ela dava para a rua da liberdade. Pulamos. A ruazinha estava deserta. Um silêncio dominava tudo.

Escorreguei pelo peitoril da janela. Os músculos esticaram o máximo que podia, para que diminuísse a altura para o salto.

Em cima, Trovão ia irradiando meus movimentos. Eu nada enxergava, com o rosto colado na parede.

Eu tinha a impressão que meu corpo espichava mais do que sucuri quando luta com anta. Meus músculos iam espichando... espichando, mais do que esperança de pobre em véspera de Natal.

— SALTA!... (Berrou Trovão).

Soltei as mãos do peitoril da janela e meu corpo projetou-se. Um baque surdo. Um trambolhão e o *caporale* estatelou-se no chão, deixando o corpo esparramar-se na calçada, para amortecer o choque.

Ainda deitado, levantei os olhos, em busca da janela.

Lá já estava Aymorés, espichando como sucuri, fazendo sua musculatura de Hércules retesar no bíceps que sustentava seus 80 quilos atléticos.

E foi espichando... espichando. A sucuri era muito musculosa.

Levantei e procurei sustentar, pelas botas do Marechal, o seu peso.

E dei um grito:

— SALTA!...

Foi a maior besteira que eu podia fazer. Minha esquelética carcaça de 65 quilos para 1,75m de altura, estatelou-se, novamente na calçada, esmagada nos 80 quilos de 1,80m do Marechal.

Soltei um gemido, acompanhado de um palavrão.

Trovão estourou numa gargalhada que sacudiu os alicerces da destilaria. Levantou e num puxão, colocou-me em pé, com a maior facilidade.

O bicho tinha tutano!

Apanhei o embornal que havia atirado pela janela. Ajeitei o fardo no ombro e convidei, com um sinal de cabeça, o cabo Aymorés, companheiro de velhas "tochas" e parceiro de "arrasamentos" famosos.

A ruazinha terminava numa praça, com um coreto no centro.

Lembrava as nossas cidadezinhas do interior, nos domingos de retreta.

Num banco de cimento, um velho dormitava ao sol.

Até o banco, pensei com meus botões, são parecidos com os de minha cidadezinha: de cimento, com anúncios berrantes de casas comerciais.

O velho cochilava.

Aproximamos do homem e perguntei:

— Onde fica o cabaré?

O velho levantou a cabeça, com cara de poucos amigos. Encarou os dois caporales e, sem responder nossa pergunta, também perguntou:

— São *brasiliani*?

— Somos *caporales brasiliani*!... (Trovejou Marechal)... Onde é que fica o bordel?

Vovô fez uma careta e respondeu:

— Lá... depois de um mictório na parede...

E deixou a cabeça pender no peito, em busca do silêncio que precisava. Vovô tinha dado por terminada nossa conversa.

Eu demonstrei sinais de impaciência. Trovão me conhecia muito bem. Sabia que, quando seu colega não gostava de certas atitudes de quem pedia informação o cabo pantaneiro descarregava a bílis em cima do infeliz.

— Não liga ao velho besta, Castanha Seca... Ele não pode gostar de nossa cara... Somos invasores de sua terra... (Arrastou-me pelo braço e continuou)... Aqui é o célebre Piemonte. Dizem que é região de povo indomável e que vem da história dos bárbaros, numa mistura de sangue e raça que ninguém entende mais...

— É... você tem razão...

E partimos em busca do mictório na parede, ponto de referência dado pelo vovô de cara de poucos amigos.

Nosso colega, o cabo Barriga-Verde, já tinha nos dado informações do cabaré que procurávamos.

Na Itália, os mictórios públicos são na parede, em plena via pública. Num muro, numa parede, em qualquer calçada de qualquer rua, a gente encontra um mictório. Nada mais simples para o italiano. É uma enorme louça abaciada, em pé, encaixada no muro ou na parede, sem proteção alguma para o homem que a usa. E é a coisa mais natural do mundo. Ninguém liga... e lá vai passando mulher, criança, velha e o italiano, com a maior naturalidade, tira o pinto e vai urinando no mictório de parede.

De longe, Trovão apontou para o ponto de referência:

— Olha lá o mictório. Estamos pertos.

E avançamos, apressados, em direção da "bacia louçada".

Um *partizani* ia saindo, abotoando a braguilha.

Chamei o "voluntário" e perguntei onde era o cabaré. O *razola* encarou-nos com ar admirado e falou, arrastando o sibilar francês:

— Ali... na primeira esquina à esquerda.

Agradecemos, depois de lhe oferecer um cigarro.

O *giovanato* tirou um. Insisti e mandei que ele tirasse mais um. Nós sabíamos que o cigarro era uma das moedas mais valorizadas na guerra.

Demos tchau e partimos, satisfeitos da vida.

Lá adianta, o *partizani* parou, voltou-se e deu um grito:

— Hei!... (E fazia gestos com as mãos, como quem rouba)... Cuidado!... (E repetia os sinais de roubo)... Cuidado! "Madama" é ladra...

Levou a mão na pala do quepe ordinário, bateu os calcanhares em continência e falou, todo sorridente:

— TCHAU!...

Deu meia volta e sumiu na esquina próxima.

Trovão deu uma piscadela e comentou:

— Aonde foi que nós não fomos roubados pelas "madamas" das "meninas"?...

E soltou uma gostosa gargalhada, dando-me um "tapinha" que me desmontou o esqueleto.

Seguimos. A casa estava bem em frente. Na esquina.

O prédio era comprido, pintado de oca. A porta estava entreaberta. Entramos. Demos numa saleta, de poucos móveis. Em frente, o conhecido corredor que dá para os quartos das "meninas".

Quando entramos, a porta chorou na ferrugem das dobradiças.

A cafetina escutou e veio, requebrando nas chinelas espalhafatosas. Pediu desculpas, porque as suas "meninas" estavam dormindo. Era muito cedo.

E a gorducha "madama" com cara lambuzada de cosméticos e com papelotes no cabelo de pintura grotesca, ia explicando, com cara de santa, que a hora não permitia visitas...

Eu resmunguei qualquer coisa.

A velha perguntou se podíamos voltar mais tarde, se não ficaríamos zangados, é claro!

Trovão olhou-me com rabo de olho.

A cafifa desmanchava-se em mesuras, gaguejando mil e uma desculpas. Ela sabia muito bem que éramos soldados *brasialiani,* há pouco aquartelados.

Virei nos calcanhares e convidei Trovão:

— Vamos dar o fora. Não adianta...

O bom Marechal, sempre satisfeito com tudo, respondeu:

— O mulherio está de ressaca. Naturalmente, a baderna deve ter sido de arromba com nossos pracebas...

Bati a mão no capacete de aço e falei, em tom de desprezo:

— Tchau! *Mama*...

Na calçada, ainda escutei quando o ferrolho correu na porta. A cafetina trancava sua "pensão" para não ser mais incomodada.

Cabo Aymorés resmungou. Não dei atenção. Eu estava mais chateado do que o bom companheiro das "tochas".

Já no meio da pracinha, Trovão agarrou-me no braço e falou:

— Escuta! Nós estamos bancando recruta... (Jogou o capacete de aço pra trás e perguntou)... Quem é o vencedor nesta guerra... nós ou eles?...

Pisquei. Fiz um gesto e não respondi. Não sabia onde Trovão queria chegar. O colega vendo minha admiração, soltou uma gargalhada e falou:

— Vamos voltar naquela espelunca. Vamos passar revista. Quarto por quarto. A "menina" que estiver dormindo sozinha, é nossa... (E nova gargalhada reboou no pracinha que dormitava com o velho).

Quando chegamos na "pensão", o carioca deu uns murros na porta... quase a bichinha veio abaixo. Parou, encarou-me com ar gaiato e comentou:

— Com essa gente é assim, na marra!... (E sua dentadura alva, graúda e perfeita, explodiu na bocarra que foi rasgada até as orelhas).

Trovão era assim mesmo. Não sabia economizar sorriso. Rasgava...

E novas pancadas sacudiram a porta. O conjunto estremeceu nos murros pancadas do carioca possante.

Lá dentro, a voz fanhosa de cafetina:

— Já vai... Um momento...

E os chiados das chinelinhas descaradas, atravessavam pelas frestas da porta que nunca estava fechada.

A "madama" correu o ferrolho, conservando a porta entreaberta, esperando encontrar a polícia sanitária. Suas "meninas" eram submetidas, constantemente, aos exames profiláticos, dos aliados. O nosso serviço de saúde era rigoroso. Até cartão de saúde forneciam para as "meninas" de todas as "pensões" em que havia soldado aliado por dentro.

A gorducha "madama" ficou admirada com a nossa presença.

Trovão não esperou. Deu um safanão na porta e avançou, na passagem quase derrubara "madama". Seu corpanzil esbarrara na velha.

Eu acompanhei o amigo.

A velha resmungou em dialeto. Quis impedir nossa entrada, mas o gesto morreu no ar. A coragem faltara.

Com as mãos na cintura, numa atitude atrevida, Trovão perguntou:

— Por onde vamos fazer a inspeção?...

O Cabo carioca, naquela atitude, dava a impressão de Colosso esculpido em Gibraltar. Só faltava o mediterrâneo aos seus pés.

A velha correu e foi atender o *caporale* gigante.

Bateu na primeira porta, devagarzinho, como se temesse acordar os ocupantes. Batia e olhava para Trovão com os olhos de cachorro assustado.

Uma voz grossa, respondeu lá de dentro. Era um praceba nordestino. Sua pronúncia característica não enganava ninguém.

Trovão pediu desculpas num italiano "macarrônico" e avançou para a segunda porta. Deu umas pancadelas e uma voz feminina respondeu:

— Já vou!... (Uma pausa)... Meu *bambino* dorme...

A califa nos encarava com cara de vítima. Deu também algumas pancadas e falou

— São *brasialiani*... (Parou, correu os olhos de cima a baixo no Trovão e continuou)... Fiscalização...

A velha não queria encrencas com soldados. Tanto podia ser da saúde, como da polícia militar. Era o diabo. Podiam fechar na pensão.

A velha de cara lambuzada não queria encrencas no seu prostíbulo. Podia ficar com a licença cassada... e ia explicando, enquanto esperava, quem era o casal no segundo quarto:

— Aqui está uma "menina" e um *caporale brasiliani*... (E revirava os olhos canalhas, num trejeito coquete, na cara com máscara de cosméticos).

Bateu, novamente, com cuidado, sussurrando o nome da "menina".

A *giovanata* abriu, protegendo seu corpo nu na falha que entreabrira. Correu os olhos sonolentos nos dois cabos e mostrou, com displicência, a túnica do zé-carioca, com a "lagartixa" de cabo na manga.

— Certo!... (Trovejou cabo Aymorés, compenetrado na função de fiscal improvisado).

A bambina agradeceu e fechou, com cuidado, a porta de seu quarto.

— Vamos para a frente!... (Intimou Trovão)... Precisamos ver todas as "meninas"... (Fez uma pausa para dar mais suspense nas intimações e falou, olhando para seu colega, com cara de inquisidor-mor)... Nós temos que encontrar essa *bambina*!

E eu respondi, com a cara mais lavada do mundo:

— É rodeio da bagualada... para aparte de novilha "porã"...

Falei e gozei no íntimo. Conseguira uma vitória. A velha da cara besuntada de cosméticos, não podia compreender minha gíria fronteiriça.

Trovão olhou de soslaio para seu colega, não entendendo patavina do que dissera o mato-grossense indígena.

Com a cara safada, mostrei a porta que tinha se fechado e comentei:

— É novilha, é bagual... mas não é porã...

Marechal balançou a cabeça, confirmando que entendia o significado. Olhou para a madame rebocada e falou autoritário:

— Vamos, *mama*!

Assim, a velha foi mostrando quarto por quarto. Da direita e da esquerda. Seu bordel era bem sortido: tipos, caras, peles, cabelos, etc., num desfile de nudismo a escolher.

E a velha ia batendo, suavemente, para não assustar suas "meninas", como ia explicando, forçando um sorriso cafajeste, na cara canalha que o batume da graxa cosmética não conseguia esconder.

Ia citando a companhia e nome de "guerra" de cada "menina". A cafifa tinha uma memória incrível. Num dos últimos quartos, ela parou e encarando-nos desconfiada, mostrou a porta. Não bateu e disse:

— Aqui estão dormindo duas *bambinas*...

Não falou, pela primeira vez, nem minhas "filhas" e nem as "meninas". Na pausa que surgira, a velha fez um gesto de seguir adiante. Trovão pegou-lhe pelo braço e mandou que ela chamasse as *bambinas*.

— *Niente maschio*...

— Não faz mal... (Insistiu Marechal)... Bata!

— As *bambinas* não são daqui. São de *Milano*. Não tem homem no quarto...

E tentou nova arrancada para outra porta.

— BATA!... (Gritou Marechal)... VAMOS!

A velha deixou escapar um sorriso nos lábios crápulas. Encostou na porta e bateu, de leve. Seu rosto não deu um sinal de emoção, quando Trovão intimou que batesse.

Naturalmente, a pasta dos cosméticos tinha sido mais forte que os sentimentos lassos da cafetina.

Lá dentro, uma voz sonolenta respondeu:

— Quem é?

— Sou eu, *bambina... mama*... (fez uma pausa. Encostou o ouvido na porta. Aproveitou o intervalo e correu os olhos de "praça-velha" na profissão, pela figura imponente do *caporale* carioca.

Trovão estava na sua postura costumeira. Mãos na cintura, pernas abertas, carranca interrogativa, musculatura retesada. Era o Colosso de Gibraltar, inspecionando os bordéis que a guerra ia montando aqui e além... embaixo de suas pernas, o mediterrâneo rastejava, submisso.

Era o pracinha vingando dos cemitérios de nossa saúde!

E a velha besuntada, batia, devagarzinho, adocicando a voz:

— Vamos, Rizza... São *brasiliani*...

Lá dentro, resmungaram. Depois, ouviu-se uma cadeira arrastando. Estava calçada no trinco da porta. Barulho de ferrolho... e a porta abriu, um pouquinho, deixando aparecer o rosto de uma *bambina* loira, assustada.

"Madama" de cara barroteada de creme e lambuzada de unguento nos olhos, falou em dialeto piemontês. Virou-se para nosso lado,

espichou uma beiçola acafajestada, explicando nossa presença, agora, em italiano:

— Fiscalização dos *brasiliani*.

Rizza reclamou. Não estava acostumada em bordéis.

Virando-se pra nós, "madama" explicou:

— As *giovanati* não são daqui. Chegaram ontem, de *accue* e vão para *Milano*. Estão esperando condução.

Eu não fui muito na conversa da cafetina e perguntei:

— Não são da pensão? Como estão dormindo aqui?

— Na cidade não tem pensão... só um hotel... muito caro... (E num gesto de desgraça desculpou-se)... *Tedêschi tutti portare via*...

Lá vinha a desculpa. Tudo era culpa dos alemães.

— Então elas não são suas "meninas"... (Perguntou Trovão).

Assustada, Rizza continuava com meia cara para fora, não compreendendo muito a nossa discussão.

A cafifa levou as mãos em prece. Revirou os olhos canalhas, murmurando contrita:

— *Mama mia*... Não são "meninas" da pensão... *Mama mia*... São *ragazza* decente... (E benzeu-se)... *Famiglie. Pio purê*...

E a velha crápula, de profissão crápula, achou que o assunto estava encerrado. Correu os olhos, novamente, de cima a baixo nos *caporale* mal-enjambrados e saiu convencida nas suas explicações.

Saiu requebrando no equilíbrio senil, toda dengosa nas muxibas dos anos, arrastando as chinelinhas de pompom escarlate.

Voltei para ver a *bambina* que nos atendera. Era loira, de olhos verdes. Cabelos claros, encaracolados, caíam em tufos no ombro seminu. Um nariz com ligeira curva aquilina, sobressaía, numa graça que logo cativava.

Depois de acompanhar com olhar enojado, a velha canalha, Trovão fez sinal para que a loira sonolenta abrisse a porta.

Entramos. Rizza estava vestida com um chambre transparente, que muito mal cobria seu corpo. O chambre era de tecido ordinário e demonstrava longo uso. Os pés estavam descalços. Não calçavam as chinelas padronizadas com pompom colorido, que a "madama" fornecia às suas pupilas.

— Um momento... (Falou, sem jeito, a loira do roupão desbotado).

Arremessei o embornal numa mesinha, depois de jogar no chão, com displicência, as roupas íntimas das bambinas. Era uma exibição de poderio! De posse! De "homem macho"!...

Trovão, sempre mais modesto, atirou seu bornal no chão. Correu os olhos pelo quarto, numa inspeção cautelosa, e reclamou:

— Só tem uma janela. E muito alta...

O carioca passou a mão no queixo, coçando a barba por fazer, fazendo rilhar num som áspero, os pelos de dois dias.

Na cama, toda enroscada, a companheira de Rizza choramingou:

— Quem é que está aí, Rizza?...

— São *brasiliani*... Vieram fazer inspeção...

E a loira correu os olhos, de cima a baixo, nos *caporales*, inspecionando-os com a curiosidade feminina, continuando a falar como se não acreditasse muito:

— Estão inspecionando a pensão...

— INSPEÇÃO?...

E a bambina que estava enroscada no lençol amarfanhado, sentou-se num pulo, jogando cobertas pra todos os lados. Os olhos arregalados, mostravam o choque que levara.

Rizza indicou a companheira assustada e falou:

— Esta é Gihuta... (Sorriu e completou)... Uma gatinha...

A gatinha espreguiçou, abriu os braços em asas, como se projetasse num voo longo. Bocejou com ruído e falou, com voz sonolenta:

— Muito prazer... (E suspirou).

Mostrando a única cadeira do quarto, Rizza falou descontrolada:

— Vamos sentar...

Olhou para Gihuta, fez um sinal conveniente e continuou:

— Estamos prontas, num momento... (E começou a despir-se).

Eu sentei na cadeira e Marechal, depois de dar umas voltinhas no mesmo lugar, escarrapachou-se no chão de ladrilhos amarelos. Encostou-se na parede, cruzou os braços e ficou esperando, com a maior folga do mundo.

O dia amanhecera muito quente, brilhando num sol claro e de raios escandalosos. O ladrilho amarelo, convidava até para se deitar na sua friagem gostosa.

Foi o que Trovão fez.

Espichou-se, "confortavelmente" e fincou o cotovelo no piso, apoiando a cabeça com uma das mãos.

Gihuta já tinha se levantado e, acompanhando sua companheira, começou a despir-se.

As duas ficaram limpinhas. Duas Evas num prostíbulo.

Rizza dirigiu-se para Marechal, com a maior naturalidade, como se fosse ele, o senhor de sua pessoa.

A loira escolhera o carioca como sua propriedade.

As moças estavam acostumadas às inspeções periódicas. Os aliados faziam tudo para evitar que seus homens pegassem doenças venéreas ou muquiranas.

Havia casos de inspeções sanitárias, até nas ruas. A população civil já estava acostumada.

Daí, a naturalidade com que as duas pequenas nos defrontavam.

Com meus botões, reclamei a sorte de Trovão. Rizza era uma garota que se podia chamar de espetacular. Não havia defeito nas linhas bem torneadas. Tudo sob medida. A natureza fora pródiga com Rizza. Caramba!

E a nudez da loira o confirmava!

Para meus lados, veio a gatinha Gihuta.

Um tipo "mignon", ligeiramente comum, nada de extraordinário na morena de Milão. Demonstrava, muito por alto, uma leve negaça de recato.

Uma vez na nossa frente, as *bambinas* começaram a se voltar, lentamente, exibindo todas as partes do corpo, com enervante precisão.

Era o animal caçado, escravo de seu amo e senhor.

Com cara de besta, voltei-me para Trovão, em busca de socorro. O carioca compreendeu minha aflição e falou:

— Te aguenta, Bororo. Agora estou muito ocupado... (E derramou um olhar guloso nos contornos de Rizza)... Vá inspecionando a sua gatinha...

Depois, meteu a mão no "seio" do zé-carioca e tirou de lá, uma caderneta, começando a desfolhar, como quem procura alguma anotação.

Sem levantar os olhos, Trovão começou a falar:

— Estou inspecionando a bichinha. Finjo que procuro na caderneta uma anotação, para dar mais realidade na nossa missão... (Deu uma lambidela no dedo e folheou mais uma página)... Te aguenta, Bororo.

Rizza tinha parado. Estava olhando, satisfeita da vida, seu Tarzan inspetor. Ela começava a demonstrar que simpatizava com o Marechal.

Trovão olhou para ela e deixou escapar um sorriso na bocarra de dentadura invejável. Quase mordeu as orelhas. Com um gesto matreiro, fez um sinal com a mão, para que a loira continuasse a dar as voltinhas.

De fato. Trovão era um apreciador do belo!

Também pudera! Com aquele modelo, até eu!...

Assim, íamos representando uma fiscalização espúria, sem sexo. E as bambinas pareciam gostar da brincadeira.

Lá pelas tantas, Rizza perguntou:

— *Capo*, e as suas faixas com cruz vermelha?... (Havia mais carga de malícia feminina, na pergunta da loira, do que propriamente interrogação).

— Na cidade não é preciso faixa no braço... (Responde, com a cara lavada, o adônis fardado)... Nossas faixas estão lavando no batalhão saúde.

E as explicações pararam aí. Tudo, na guerra, é segredo militar.

Nessa "moita", levávamos vantagens, explorando a população civil, a maior vítima de uma guerra.

***

Depois da "inspeção", as bambinas vestiram-se e nos convidaram para um almocinho, que "madama" havia preparado.

— É uma cortesia da casa... (Explicou Rizza).

Como Trovão era mais "parlador" e muito mais comunicativo do que seu colega, logo houve uma afinidade entre ele e a loira, também comunicativa e risonha... e que não deixou de dar umas cutucadelas no despeito do *caporale* preterido.

A menina Gihuta, era mais retraída, mais caladona. Era a medida certa para os "calos" do *caporale* de cenho carregado.

Fomos levados para uma pequena peça, nos fundos, que servia de copa e sala de estar. E, à noite, era o barzinho das "meninas" de "madama".

No centro, uma pequena mesa. Muitas cadeiras, espalhadas sem ordem, de todos os tipos e feitios.

Na mesa envernizada, sem forro, "madama" colocou quatro tigelas fumegantes. Era mingau de fubá de castanhas. Logo depois, a velha trouxe uma cesta com fatias de pão preto: centeio e massa de castanhas.

Sentamos. O mingau estava quentinho, delicioso.

Na sala, o seu aroma já recendia, convidativo.

Eu já era apreciador de mingau de castanha. Aprendera com Lina, a menina das pirambeiras dos Apeninos gelados.

O aroma. O sabor. A lembrança... um nome: LINA!

Um arrepio de mansinho, paulatinamente, foi percorrendo meu corpo e foi bulir com meu sangue latejando nas têmporas. No desequilíbrio da pulsação, o sangue latejou.

Uma pergunta pairou dentro do cabo: "ONDE ANDARIA LINA?"...

A fronte latejou mais forte. Resmunguei em voz alta. Eu lembrava da *bambina* feliz, risonha, satisfeita e orgulhosa, passando a mão na barriga, falando: "É BRASILIANINHO QUE ESTÁ MEXENDO"...

Minha Lina ia ser mãe de guerra!

Resmunguei, novamente. Espetei, com a faca, uma fatia de pão negro, num gesto de raiva.

Levei um beliscão, de leve, na coxa, por baixo da mesa.

O susto chamou-me à realidade.

Era Gihuta.

Toda sem graça, falou baixinho:

— Desculpe, *Capo*... Você estava sonhando?

Passou a mão na minha cabeça, acariciando, com quem procura acalmar um menino assustado, com medo de bicho-papão.

Enruguei a testa e não pude responder.

Os olhos buliçosos de Gihuta, procuravam estudar a fisionomia cansada de caporale que resmungava sempre.

Trovão e Rizza viviam os momentos que a guerra nos facultava por esmola. A mocidade não tinha direito a nada.

Sempre com a voz suave, Gihuta continuou:

— É perigoso falar sozinho, *Capo*...

E foi, pela primeira vez, que eu vi seus lábios tentarem um sorriso. Os dentes miúdos, carregados de nicotina, formavam um contraste com o vermelho berrante de sua boca de lábios finíssimos. Depois, dando-me palmadinhas na mão que eu tinha na mesa, repetiu com meiguice:

— É perigoso... Principalmente para *caporale* que vive no front...

Olhou para Rizza, encarou Trovão, como que estudando a atitude dos dois. Voltou-se para seu cabo e continuou:

— Não fale sozinho, sim?...

— Tá, gatinha! Seu *caporale* não fala mais sozinho.

Gihuta levou a mão no meu rosto, apontou um revólver imaginário e detonou com a boca, numa careta:

— PUM!... PUM!...

Jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada franca, sacudindo seu corpinho de menina. Sua risada cristalina ressoou pela peça encardida e sem graça. A boca escancarara-se, quase rasgando os lábios finíssimos. Os maxilares imitavam espigas de milho, exibindo grãozinhos amarelos.

Trovão estava muito ocupado com Rizza para tomar conhecimento com o que se passava com a gatinha do Bororo.

Rizza estava encantada com o seu adônis fardado. A voz retumbante de Tarzan dominava a loira de nariz ligeiramente aquilino.

E a guerra maldita não tomava conhecimento do que se passava nos bordéis, por estar muito ocupada em estraçalhar os meninos do Brasil.

A guerra e os generais. Os generais e os cálculos. Os cálculos e os combates. Os combates e as explosões...

E os meninos do Brasil iam caindo! Iam caindo! Iam caindo!

***

E assim, passavam as horas.

Horas que os dois *caporales* não sentiam passar.

Não podiam sentir. Eles eram dois bonecos que a poeira do "VALE" jogara nos braços daquelas *giovanati* hospedadas no bordel dos Piemontes. Eram dois bonecos empoeirados no corpo e na alma.

As horas passavam... e iam deixando que a Dona Simpatia ficasse.

E o dia ia passando, com as horas camaradas auxiliando D. Simpatia que ia ficando de mansinho... de mansinho, para não acordar o velho Remorso.

Rizza e Trovão, aceitavam D. Simpatia. Pantaneiro e Gihuta, também recebiam D. Simpatia, com certa alegria.

E D. Simpatia ia se aproximando, cautelosa, para não mexer com os nervos do Coronel Remorso. Eita! Bicho bagual, esse Coronel Remorso! O miserável era amante da neurose.

Bem que o padrasto da neurose tinha razão.

O Cel. Remorso tinha sido noivo de D. Simpatia. Abandonou-a, sem mais nem menos, depois de embarrigá-la... E, desde então, vive se jogando nos braços da regateira Neurose, numa bacanal romano, infernal.

***

Já era noite, quando os dois voltaram para a destilaria. Abraçados, num bamboleio de leve embriaguez, vinham cantando.

Os bonecos empoeirados, desafogaram o espirito, o corpo e o sexo... nas "meninas" que hospedaram no bordel, esperando condução para Milão.

Estavam mais leves... mais soldados... menos HOMEM!

Embaixo da janela arrombada, os dois ficaram horas, cambaleando e cantando baixinho, aconselhados por D. Simpatia, para que não acordassem o Cel. Remorso, que andava sempre nervoso.

Parece que o Cel. Remorso estava dormindo no segundo andar da destilaria, rondando a *giovanata* do "grande capitão"...

Companheiros que chegaram depois, auxiliaram os dois *caporales* no salto ao presídio.

Quando chegaram no alojamento, jogaram a carcaça na tarimba e dormiram... nos braços de D. Simpatia.

Dormiram o sonho dos aliviados, que só a guerra sabe preparar.

Mas o desgraçado do Cel. Remorso, impertinente, começava a rondar a tarimba do cabo pantaneiro... Cel. Remorso tinha desistido do "grande capitão". Ele não tinha consciência.

***

O velho relógio da matriz de Scandiano badalava, preguiçoso, às onze horas. Era uma noite calma, de luar preguiçoso.

Zé-Conselheiro sacudiu seu amigo pantaneiro que roncava e falou:

— Acorde, Bororo dorminhoco... Vamos fazer uma "tocha"... (E novas sacudidelas)... Um praceba me contou que descobriu um cabaré escondido num sobrado. Já me ensinou onde é...

O cabo sonolento esfregava os olhos, sem entender bem o que é que o professor falava. Estremunhou, bocejou num ruído espalhafatoso e, mastigando o gosto de cabo de guarda-chuva, perguntou:

— Do que é que você está falando?

— Vamos "arrasar" num cabaré...

E o professor repetiu tudo, contando com minúcias, o que sabia a respeito do novo bordel dos Piemontes.

Resmungando, com má vontade, o cabo levantou-se. Soltou um: "ÓÓÓ...óóó..", abrindo os braços, espreguiçando com bocejos.

Passou a mão no embornal das *rôbbas* e ajeitou o resto que ainda sobrava. Conseguiu mais alguma coisa emprestada e lá se foi, todo morrinhento, o *caporale* dos pantanais, em busca de novas aventuras.

Sua Gihuta tinha ido a Milão e voltaria no outro dia.

Pularam a janela arrombada.

Lá fora, a noite andava preguiçosa, perambulando num céu de cor incerta. Uma lua desbotada, sem maquilagem poética, era perseguida por uma nuvem barriguda e mal-encarada.

São Jorge não podia defender o seu reduto, porque estava batalhando na parte escura... e a nuvem barriguda e mal-encarada, corria atrás da Lua.

O cabo olhou para o céu e pensou com seus botões: "ACHO QUE AQUELA NUVEM PANÇUDA NÃO QUER DEIXAR A LUA VER AS MISÉRIAS DA GUERRA".

E a noite silenciosa, encobria o sono da população sobressaltada. Nas ruas asfaltadas, os passos ressoavam abafados, chocos, na borracha do solado. Parece que tinham medo de acordar Cel. Remorso, dormitando no banco de cimento do velho mal-encarado.

Duas sombras avançavam...

Um som de jazz vagabundo, rasgou o silêncio da noite preguiçosa.

Era o fuzuê no cabaré do sobrado.

— Aperta o ponto, sapateiro... (Falou Conselheiro, com ar gaiato).

O cabo tinha deixado escapar um ruído suspeito.

Entraram por um beco escuro, mal-assombrado. Lá no fundo, uma porta escancarava sua bocarra desdentada. Uma língua de luz

amarela, de lampião vagabundo, dava a impressão que convidava: "VENHA, ENTRE! A CASA É NOSSA".

A orquestra tinha parado, quando os dois entraram.

— Chi... Cabo! Se o pau comer lá em cima, a escada é muito estreita pra gente despencar de lá... É o diabo...

— Tem razão, Professor. Vamos localizar outra saída, antes de entrar na "tocha" das *bambinas*...

E assim fizeram. Quando entraram no salão, primeiro, estudaram a saída de emergência. Depois, as *giovanati* e as garrafas.

Nesses lugares, farreavam praças de todas as nações. Era um perigo. Ninguém respeitava ninguém! Não havia lei.

— Também pudera!... (Explicara Conselheiro).... Com a morte dando gargalhada na cara da gente, quem é que vai respeitar lei?...

Corremos os olhos no curral humano. O gado feminino não era dos piores. Zé-Conselheiro passou em revista o rebanho e comentou:

— Já fiz o meu aparte. A potranca não é muito manteúda mas serve. É melhor do que égua velha e machorra...

E no aparte, o professor escolheu uma potranca para mim.

Geralmente era assim. Velho é quem mandava. Até na escolha. Eu, na indiferença da vida, ia aceitando tudo.

Com as duas *bambinas* nos braços, sentamos num canto, perto da janela de "emergência".

Conversamos, brincamos, bebemos e dançamos.

As horas avançavam. A orquestra vagabunda avançava no ritmo desafinado, assinando sambas, tangos e batuques.

A música não tinha compasso, nem ritmo, nem melodia.

O maestro não conhecia a cadência da música sul-americana. Eu não sabia acompanhar a cadência do maestro. A *giovanata* não sabia os passos do *caporale*. Mas, todos dançavam, satisfeitos da vida, embalados nos vapores do saboroso vinho espumante do Piemonte.

Pela madrugada, a farra era grossa.

Deus Baco tomara conta do ambiente. Reinava, com absoluto poder.

O maestro, também de cara cheia, regia uma orquestra que misturava pedaços de óperas com tango, samba, valsa e batucada... e as *giovanati* mais atrevidas, vinham no centro do salão, dançar o número dos sete véus.

E no *striptease* total, a soldadesca ululava de luxúria.

O mundo não existia mais com sua guerrinha miserável. A mocidade vingava de sua própria geração que se destruía sem saber por quê.

Era uma bacanal de representação universal, naquela revolta frenética, uivante, canalha, abjeta!

E o velho professor, com a cara cheia, ia correndo as mãos ávidas, no corpo da *bambina* que tinha no colo. E dava gargalhadas. E apertava sua *giovanata*, com sofreguidão, afundando-se no vinho e no amor libertino.

Numa louca bacanal, todos procuravam o esquecimento que não vinha. O chatíssimo Cel. Remorso já tinha chegado, sem ser convidado. Trazia nos braços, todo convencido, a sua amante Neurose. Vinham dançar. Era o senhor casal, dono da situação.

Besteira dos pracebas procurar o velho esquecimento nos bordéis. O maldito tinha se engajado na Legião Estrangeira.

Era uma história triste, essa do irmão da Simpatia. Quando o velho Esquecimento soube que a menina tinha sido violada e abandonada pelo noivo Remorso, partira, desesperado, alistando-se na Legião Estrangeira.

Bobagem do pracinha, querer encontrar Esquecimento nas bacanais. Ele é puritano, não topa farra! Nunca topou!

D. Farra é companheira velha da Neurose. Quando as duas se encontram, fazem misérias com o pracinha.

Bem que dizem que a Neurose é uma noiva devassa.

E Dom Conselheiro ia devaneando, agarrado nos braços da *giovanata*, convencido que ela podia dar o endereço do intrépido Esquecimento. E o velho ia esfregando, fuçando, resmungando:

— Apertei minha *giovanata* no curral das invernadas da guerra...

E com sofreguidão, beijava, acariciava, apalpava... e resmungava.

— Cabo, veja só que potranquinha cutuba!... É uma pena que os monumentos de guerra não dedicam um pedacinho para nossas *giovanati*... (E dava mordidelas)... São elas que alimentam os restos de fibras dos soldados no front. Minhas *giovanati* são as ferramentas com que retempera os futuros heróis das histórias guerreiras... (E dava gostosas gargalhadas).

Minha *bambina* perguntava o que é que o professor falava tanto e eu, num italiano macarrônico, procurava explicar.

A orquestra chorava uma cançoneta napolitana. Os músicos embriagados, babavam no bocal dos instrumentos. E o professor ia deixando escorrer pelos lábios embriagados pedaços de amarguras com respingos de vinho. Era a baba do remorso que a guerra ia lacrando no peito magriça.

E os músicos insistiam na cançoneta napolitana, chorada no bocal empanado de baba. O som embriagado fazia soluçar um pracinha neurótico, afogado nos seios fartos de uma pachorrenta matrona de olhos engraxados e cara barroteada de cosméticos.

Zé-Conselheiro pegou a cena no ar e falou, debochado:

— ... "e a matrona dos bordéis acariciava o vulto do filho que não voltará mais"... (Deu uma gargalhada e continuou)... E os monumentos não gravarão os nomes das matronas dos bordéis de guerra, que acariciavam filhos alheios, chorando o filho que não voltará mais...

Quando terminou, levantou o copo no ar e gritou:

— SAÚDE!... (Cerrou os dentes e rosnou)... Bando de hienas!...

Um brilho perpassou seus olhos. Um brilho úmido.

Encarei assustado meu velho amigo. Impossível! Conselheiro deixara escapar uma lágrima, em homenagem à matrona da cara lambuzada e safada!

Voltou-se para sua *giovanata* e cobriu-a de beijos. E acariciava, e apalpava, enlouquecido, revoltado com a sua própria fraqueza.

Não era mais o velho sentimental. Era o fauno lascivo que se fardara.

Por curiosidade, olhei a *giovanata* que Conselheiro trazia no colo. Era uma pequena simpática, delicada, muito jovem. Sorria na embriaguez do vinho espumante. Não compreendia o seu *brasiliani* magricela e "parlador". Não tinha importância. Ele também não compreendia os motivos que levara aquela *bambina* até aquele bordel. Estavam quites!

E o professor continuava:

— Os bronzes não são esculpidos para as *bambinas* que foram sacrificadas no matadouro da guerra, para saciarem soldados que foram homens...

Novos goles e novas gargalhadas, como se procurasse afogar no vinho, todos os horrores de todas as guerras.

Eram gargalhadas de deboche? De vergonha? De arrependimento?

— NÃO!... Mil vezes NÃO!...

Era a alma de um puro, transbordando revolta. De um puro que fora homem e agora era pracinha! Pracinha que estava sempre escutando:

— NÃO MATARÁS!...

Era o menino que estudara catecismo. O garoto que ensinara que devíamos amar e respeitar três coisas: DEUS, PÁTRIA e FAMÍLIA!

No primeiro, ensinavam: ..."não matarás"...

No segundo, ensinavam: ..."matarás, para defender"...

No terceiro, ensinaram: ..."honrarão pai e mãe"...

Onde encontrar a verdade? Onde?... Onde?...

Penalizado com tanta luta interna do meu bom companheiro, pedi:

— Chega, Professor. Vamos embora...

— Deixe disso, Cabo. A vida é curta. A morte nos chama... Ninguém vive. Rasteja na lama da guerra... (E começou a apontar cada um de nós)... Eu, a *bambina*, você, os pracinhas, até o "grande capitão"... Todos nós lutamos, sofremos, morremos, deixando um rastro de lama... (Levantou o copo em saudação)... Um rastro de lama e sangue, sujando as páginas da história... (Fez uma pausa. Encarou o cabo com firmeza e terminou)... Rastejamos na lama do chão e na lama da alma...

— Mas Professor, nós viemos aqui, para esquecer...

— Esquecer?... (Uma gargalhada estrondou de sua boca manchada de vinho)... Esquecer! Bá!... E as coitadinhas *de las bambinas*? O que é que você diz? Elas também lutam para esquecer esta guerra miserável que arrasou com a terra delas... Esquecer... Ah!... Quem me dera.

E conselheiro debruçou na mesa, massacrado pelo vinho espumante.

A orquestra atacou um tango.

O tango estava mais embriagado do que os músicos.

Zé-Conselheiro levantou a cabeça, com dificuldade, empurrou a *giovanata* de seu colo e saiu, cambaleando, em busca do mictório. Ia jogar o vinho ao mar...

Tempos depois, retornou, pálido, passando a manga do zé-carioca na boca escorrendo baba e vômito.

Sentou, esgazeou os olhos em volta e começou a falar:

— Cabo, dizem que a primeira prostituta do mundo, não foi uma rampeira mercenária... (Engoliu um resto de baba e continuou)... Eu também acho que ela se prostituíra honestamente, pelo desejo feminino de ser possuída...

— Você tem cada besteira...

Zé-Conselheiro levantou as sobrancelhas em vírgulas e continuou:

— Não é besteira, não! A primeira mulher se prostituíra, impulsionada pelo dom feminino de ser amada e possuída por muitos homens. Era uma psicose feminina do amor coletivo. Do amor que prostitui em capítulos de personagens variados...

E o bom professor deixou escapar um sorriso melancólico, molhado no vinho e no vômito do mictório.

Eu pensei um pouco no que o amigo dissera. Não estava lá com a lucidez normal, tamponado pelo vinho gostoso. Refleti e concluí:

— É isso mesmo. Um amor coletivo, que levou a primeira mulher a se prostituir... arrastando as outras, nessa doce ilusão de coletividade amorosa...

Dom Conselheiro fez outra careta. Olhou para o fundo do copo vazio. Mordiscou uma broa de castanha e deu piparotes no farelo que caíra na mesa. Alisou o cabelo crespo da bambina e falou:

— Essa é a mais antiga instituição feminina. Quando a mulher não se prostitui de corpo, ela vinga da sociedade, prostituindo-se no pensamento.

E arrastou sua *ragazza* para o salão, procurando aos compassos do tango embriagado, o que a bebida não lhe dava.

No compassado bárbaro, do tango assassinado, Zé-Conselheiro ia desfiando as cenas degradantes que vivia nos escaninhos do front.

E saracoteou no bailado louco, beijando a *bambina*, na gula insaciável do jejum do front.

E o *caporale*, num último esforço de lucidez, ainda pôde ouvir, na confusão do tango assassinado, uma voz cantando.

Era uma *giovanata*, embriagada, seminua, cantando, encharcada de vinho, as saudades que a sufocavam... saudades perdidas naquele bordel sufocado de vinho, fumaça e imundície humana.

Assim são as guerras!

Todas as guerras do mundo!

Guerra suja, imunda, bestial, canalha!

Forjando heróis!

Heróis de Barro!... De barro sujo, emporcalhado!

***

No Vale do Pó
...dura missão
Velho pracinha
...flor em botão
Se canto em rimas
...do coração
Tenho vergonha
...desta canção.

No Vale do Pó
...também lutei
Mulher vinha só?
...eu dominei
Abusava da força
...que a guerra me dava
E que a mesma guerra
...me estraçalhava.

Se a guerra matava
...eu sobrava
Se o sexo gritava
...eu pagava
Menor os gemidos
...maior a quantia
Vivíamos ungidos
...na vilania.

Nem tudo na guerra
...é bem louvado
Homúnculos na terra
...entronizados
Um pobre pracebas
...foi destroçado
Um velho trouxeba
...bem embrulhado

No Vale do Pó
...pracinha tombou
Às puras mãezinhas
...ninguém contou
Pobres soldados
...empoeirados
Nas trilhas sujas
... abandonados.

Do Vale do Pó
...telegrama chegou
Seu filho pongó
...na terra tombou
Um monumento
... foi levantado
Os que restaram
...abandonados.

HERÓIS TARADOS!
...vivendo só
HERÓIS CANTADOS!
...num vil rondó
HERÓI DE BARRO!
... No Vale do Pó
HERÓIS DO ESCARRO!
... ninguém tem dó.

CAPÍTULO XXI

ZORRO, O SEGREDO DE GUERRA

Um *caporale* caminhava, absorto e taciturno, pelas ruas solarentas da velha Scandiano – um jardinzinho perdido nos Piemontes.

A tarde era triste, embriagada nas saudades de uma vida esfumaçada em sonhos. O tempo, muito velho nas colinas seculares, arrastava o reumatismo das horas. E o *caporale* não tinha notado sua passagem.

No mormaço da tarde sonolenta, o pantaneiro passeava por uma estrada silenciosa. Era uma reta negra de asfalto, que o infinito engolia na gulodice dos confins de um horizonte azulado.

O negrume do asfalto, o verde repousante da arborização lateral e o azul limpo de um céu na mormaceira, completavam o colorido que levou o *caporale* à lassidão da madorna que o embriagava.

No cansaço da tarde sonolenta, a sombra da saudade tocou, de leve, a alma adormecida do soldado que fora homem.

Um arrepio do passado longínquo tocou o corpo do cabo solitário. E, num montículo de gramado bem verde, o *capo* sentiu o convite de uma sesta pachorrenta. Deu umas passadas preguiçosas e jogou-se no gramado fresco que rescendia natureza e vida. Atirou o capacete para um lado, colocou as mãos cruzadas embaixo da cabeça e derramou os olhos cismarentos para o céu que estava bordado com caprichosas nuvens.

Era uma exibição acintosa de esplendor e beleza, na terra que a miséria imperava absoluta.

Mais para baixo, uma pequena pincelada de ouro pálido, enfeitava o horizonte longínquo.

E o *caporale* embriagado na madorna do dia quente, ia acompanhando as nuvens passageiras. Tinha-se a impressão que as nuvens – eternas caravanas do espaço – arrastavam fragmentos em flocos, para os quatro cantos da terra que o luto da guerra enegrecera.

O cabo pensava, ruminava, sonhava...

Com um filete de grama na boca, o pantaneiro mascava os pensamentos mornos, relaxados na madorna da tarde aquecida que tudo sufocava.

E na prolongada agonia do dia que morria, uma saudade teimosa ia engolindo o *caporale* que expirava suas últimas resistências humanas...

Eram devaneios que fugiam, sorrateiramente, na medonha solidão dos homens que matam! Dos homens que MATAM e são pagos para MATAR!

Ao longo, rodopiando no azul mormacento, vozes saudosas e amigas, abafam os soluços do combatente que não sabia chorar. Soluços sufocados nos grilhões da vergonha do homem que sofria.

Era o homem que voltava à terra?... ou era o grito desesperado dos que matam e têm medo de matar?... ou eram soluços das horas incertas, afogando o soldado que fora homem?

***

E o solitário *caporale* sonhava...

No montículo atapetado de grama cheirosa, sua figura desfalecida na madorra da tarde quente, contrastava com a quietude do lugar.

Logo mais, uma sombra desenhou-se na perspectiva da estrada sem fim.

Era um rapazola, armado e muito apressado, que avançava, em passos largos, em direção do *caporale* cismarento.

O moço era um *partigiano*, com uma metralhadora 45 em posição de ataque, com o dedo colocado no gatilho. O rapaz não esperava pelo cabo deitado. Deu um salto para trás, quando se aproximou dele.

Os olhos do *partigiano* fuzilarem no ódio. O corpo jovem tremia, na descarga nervosa do susto que passara.

Num instinto de defesa, levei a mão ao sabre, minha única arma. Fiquei imobilizado, estarrecido, aguardando a descarga da metralhadora 45. Eu estava, sem ação. Um zumbido no ouvido telegrafara o gargalhar da morte.

O jovem *partigiano*, gaguejando, começou a falar:

— *Scu... Scu... Scu-se-me... Scuseme! Voi... voi... bra-si-lia-ni?*

Eu olhava para o *partigiano*, sem reação.

E o *giovanato* piscou, num tic nervoso, continuando:

— *Voi ugualle tedêschi...*

Era verdade. Nós, brasileiros nazificados, éramos, em tudo, parecidos com os alemães. Nossa farda verde-oliva era do tipo e da cor da farda dos boches. Só existia uma pequena diferença no fardamento: os alemães tinham a farda de um verde mais escuro e um cadarço branco na gola. Uma coleira.

O cabo era tipo alto, aloirado, cabelo cortado à *junkers*, encarnava a figura inconfundível do ariano que descansava naquela tarde mormacenta. Dava para enganar qualquer um menos prevenido.

E o assustado *partigiano* continuava, desculpando-se:

— *Mama mia!...* (Levou a mão a boca, com assombro e soltou uma blasfêmia)... *Per la Madona! Bruta bestia...*

Refazendo-se, o *caporale* quis falar qualquer coisa e a voz morreu na garganta que queimava no susto que levara.

O giovanato continuava, exclamando e blasfemando:

— *Io, bruta bestia!... Scuse-me... Porca miséria!...*

E o *partigiano*, apavorado, bateu os calcanhares, com exagero nos movimentos, perfilou-se, levou a mão à pala e fez uma continência.

Sempre em posição de sentido, repetiu:

— *Brasiliani, scuse-me!... Io, bruta bestia!...*

Sem me levantar, fiz um gesto para que ficasse à vontade e comecei a reparar no *partigiano* que quase me despachara para Belzebu.

Me impressionou muito, o porte e o tipo do rapaz.

Era um rosto belo. Incrivelmente belo e másculo. Uma figura desenhada nos fascículos de capa e espada. Seu bibico encarapitado na cabeça não podia esconder uma cabeleira negra, luzidia, caindo encaracolado, em melenas fartas pelo pescoço de touro selvagem.

De físico possante, o *partigiano* era um adônis.

Olhos negros e brilhantes, dentadura de pérolas, alva e perfeita.

Agora mais calmo, com um leve sorriso, o partigiano continuava:

— *Secuse-me caporale... Io bruta bestia...*

— Oh!... (Exclamei, sorrindo amarelo)... Assim é a vida...

E mostrei o tapete gostoso do gramado cheiroso, convidando-o para que sentasse no montículo acolchoado pela grama.

O *partigiano* jogou sua 45 com displicência ao nosso lado e sentou-se, dando um estalido de lábios, como se saboreasse a vida tão curta...

Meti a mão no "seio" do zé-carioca e tirei cigarros com fósforos. Ofereci um ao *giovanato*. Ele agradeceu com um sorriso que engoliu até o bocejo do dia que morria com preguiça morna.

Acendemos o cigarro e, depois de estudar o *partigiano* com o rabo dos olhos, resolvi quebrar o embaraço ainda existente, puxando uma conversa:

— Sabe?... Você parece com alguém que eu conheço muito... (Uma pausa, para admirar o brilho das bolas negras que buliçavam, sem parar, nas órbitas encovadas e pinceladas de olheiras. Levei o cigarro na boca, dei uma tragada gulosa e continuei, misturando fumaça com palavras)... Você parece muito com alguém... com alguém que conheço bastante... bastante...

E a voz foi morrendo com a memória que falhava.

Carreguei o cenho, procurando estudar melhor a fisionomia do *giovanato* risonho com bolotas brincalhonas a coriscar nas órbitas encovadas. Eu firmava a vista no *giovanato* encabulado. Num gesto brusco, levei as mãos no ar e deixei escapar uma exclamação:

— *Èccole!...*

O rapaz esbugalhou os olhos e as bolotas coriscaram no ar mormacento.

— *Èccole*!... (Repeti, satisfeito com o achado)... Já sei...

— *Non capire*... (E o partigiano balançava a cabeça, repetindo)... *Non capire... Parla italiano...*

E o *caporale* respondeu:

— *Aspetta un poco! No parla!...*

Uma coisa mexia no meu íntimo, dando-me a impressão que ele era uma persona irreal, que se corporificara naquela tarde mormacenta, para me pregar uma boa peça...

Agora, era o jovem *partigiano* que me encarava, procurando estudar-me com os olhos inquisidores. Deu uma tragada com sofreguidão nervosa, foi soltando com volúpia a fumaceira, estudando-me através da cortina de fumo azulado que rodopiava no ar quente.

— Ah!... (Soltei, satisfeito com a descoberta)... É incrível a semelhança... não posso acreditar... como você parece com Zorro...

O *giovanato* ia falando, como se pensasse alto:

— *Non capire... Non capire, brasiliani...*

Então, no meu italiano macarrônico, fui descrevendo a semelhança do *giovanato* com o famoso Zorro das histórias homéricas.

— Já sei... Já sei... (Exclamava, satisfeito, o *giovanato* das bolotas que reviram nas faces em fogo. E um sorriso satisfeito, esparramou na boca enriquecida de pérolas graúdas e brilhantes).

Depois, num pulo ágil, ficou de pé. Abriu as pernas, colocou as mãos na cintura e falou, num convite amistoso:

— Vamos, *caporale*... (Como se fosse a coisa mais natural do mundo)...

Encarei o *partigiano*, com ares de incompreensão.

— *Venire con me*... (Falava, como se já tivesse combinado comigo, um passeio em algum lugar pré-escolhido)... Eu já visitei a tumba de *Mama* e de *Babo*... (Seus olhos levantaram-se, como se procurasse reunir as nuvens espalhadas no céu carregado de um exagero azulado. Soltou um suspiro de satisfação e continuou, sempre sorrindo)... *Io, tanti tempo a lontano*... Eu vim das montanhas, quando soube que os brasileiros retomaram Scandiano. Aqui é minha terra natal... (E bateu com as botas alemãs arrancadas de cadáver *tedesco* – bateu no capim fofo)... Eu tenho ódio dos nazis... (E cerrou os punhos fortes)... Os boches mataram minha família...

Eu quis falar mas a voz morreu na garganta.

Um raio coriscou nas bolotas enormes. Notei que as bolotas não estavam tão grandes... ou estariam embaçadas num brilho úmido?

Inclinei a cabeça, num gesto de cismar... intrigado com o brilho úmido que nadava nas bolotas do *partigiano*. Seria uma lagrima?...

Nessas conjeturas, não notara que o *partigiano* continuava falando. Foi somente as últimas palavras que ainda pude ouvir:

— ... até minha noiva!... Uma *bambina* de 16 anos. Mataram a coitadinha, como refém. Ela não quis revelar aos boches, onde era nosso esconderijo nas montanhas... Eu sou culpado... culpado...

Sussurrei qualquer coisa que o *partigiano* não ouviu. Não podia ouvir. Estava sufocado, nas lembranças amargas de um passado muito recente.

O jovem passou a bota *tedesca* na grama, como se acariciasse os cabelos do passado e continuou a desafogar as suas mágoas:

— Mataram como refém... (Balançava a cabeça)... Nosso esconderijo nas montanhas... minha *fidanzata* de 16 anos...

Levantou a cabeça e encarou-me. Eu tive medo do brilho das bolotas de seus olhos. Era ódio! Um ódio cavernoso. Ódio tumular, cavo, fundo, rouco! Um ódio que cegava suas bolotas coriscantes. Um ódio que destruía. Que matava.

Umas palavras de consolo, começaram a se formar nos lábios do *caporale*.

Começaram e morreram no nascedouro, liquidadas pelo espírito ressequido do soldado que fora homem...

E o *partigiano* continuou:

— Mataram meus pais como reféns... e minha noiva, coitadinha! Primeiro a seviciaram... brutalizaram... forçada por nove soldados da patrulha de fuzilamentos... (As bolotas tinham apagado o brilho coriscante, afogadas pela umidade das órbitas)... violaram minha *fidanzata* na frente de meus pais...

Agora sim, as bolotas negras coriscaram num raio brilhante, transmitido pela umidade do pranto. Uma gota cristalina rolou pela face queimada do jovem *partigiano*. As emoções foram mais fortes do que a vergonha do homem chorando na frente de um estrangeiro que invadira sua pátria...

E o *partigiano* descrevia as cenas barbaras do estupro, com tanta clareza e com tantos pormenores que, com o passar dos tempos, não sei se ele relatava indignado com o sadismo das minúcias. Também não posso mais afirmar se ele descrevia as cenas em italiano ou em português...

Porém, sua figura impressionou-me tanto que, nem nos entreveros dos combates ela não me abandonou. Gravou-se na minha memória, com ferro e fogo.

Sempre falando, o *partigiano* convidou-me para acompanhá-lo.

Quando eu levantei e segui ao seu lado, não era mais senhor de minha vontade. Era uma sombra da guerra, que acompanhava um espectro que sobrara de um jovem, vagando na alucinação provocada pelos canalhas fardados que também foram homens...

E o *giovanato* continuava nas descrições, tão realísticas, que nem notei que já havíamos saído da zona urbana. Agora, caminhávamos numa estrada de chão batido, limpa e fresca com arbustos floridos em suas margens.

Não havia mais o mormaço pegajoso, pachorrento e preguiçoso.

Uma brisa leve, gostosa, embalava um magnífico tapete de trigal dourado que sumia no horizonte desbotado.

O cabo estava embriagado com tanta beleza.

Zorro pegou no braço do companheiro, com delicadeza e falou:

— Veja. *Capo*... (Não era mais o *giovanato* revoltado. Seus olhos coriscavam bolotas alegres, vivas e brincalhonas)... Deste lado, *caporale*, são as terras de propriedade do castelo de minha *ragazza*... (Ajeitou uma tocha de cabelo que caía, teimosa, nos olhos e continuou na descrição)... Você devia conhecer o castelo...

Eu estava tão embevecido com as descrições que não tomava conhecimento dos absurdos que iam surgindo na descrição de Zorro.

Eu estava embevecido ou estava hipnotizado?

Zorro fez uma pequena pausa nas descrições, apertou mais um pouco o meu braço que segurava com firmeza. Deixou escapar suspiro com cheiro de morte. Um suspiro que veio lá dos confins tumular e continuou:

— Você vai conhecer o castelo e também minha *bambina*...

Eu olhava encantado os campos da *giovanata* de Zorro. A brisa ia brincando de esconder com os raios de sol que sumia nos cumes dos montes. E a cabeleira dourada do trigal, ia ondulando na brincadeira da brisa. O chiado das espigas douradas, sussurravam como velhas cantigas do além...

— Que belo!... (Exclamei, extasiado, sem dar importância ao que meu companheiro ia falando).

Zorro deixou escapulir um sorriso manso, enigmático.

Sem olhar para meu companheiro, perguntei:

— Para onde vamos?...

— Vamos para o castelo de minha *giovanata*... a mais bela moça dos Piemontes... Você vai ver como tenho razão... (E deixou escapar, novamente, o sorriso enigmático).

Não prestando atenção ao que meu companheiro falava, continuei:

— Interessante, Zorro. Parece que andamos muito tempo e eu não estou cansado... Até parece que estou andando sobre um colchão de nuvens...

Deixei escapar um suspiro de satisfação. Levantei os olhos e encarei meu companheiro. Notei qualquer coisa esquisita em sua expressão. Não levei muito a sério. Zorro deixava escapar um sorriso enigmático, conduzindo-me pelo braço, como se temesse que eu fugisse...

Seus olhos brilhavam na satisfação das bolotas coriscantes. Tive a impressão que havia gozo antecipado e que, dos cantos da boca do *partigiano*, escapara um rictos de zombaria. Não dei maior importância ou não podia dar?

Como se fosse uma criança levada pelo braço, perguntei com inocência:

— Zorro, onde estamos?

Novamente, como resposta, o sorriso enigmático e o rictos no canto da boca de lábios macerados... num riso sarcástico.

Nosso caminhar era rápido e cadenciado. Próprio dos soldados, em marcha forçada. E Zorro me impelia para frente, sempre com a mão no meu braço, tirando-me a sensação de cansaço.

O dia morria lentamente, afagando a cabeleira loira do trigal ondulante. As espigas farfalhavam na brisa, os sussurros das Ave-Marias...

Aos poucos, o rumorejar do trigal foi se perdendo no ar, levado pela aragem dolente que embalava o murmúrio do nada.

E o dia fugia, fugia... acovardado pelas sombras da noite.

Encobertas pela penumbra, duas sombras seguiam, silenciosas, pela estrada de chão batido.

O céu dos Piemontes, todo encabulado, teimava em manter os derradeiros restos de um sol esmaecido, ainda faiscando pingentes de ouro.

... e o sol esmaecido, imitava pegadas de combatente covarde.

O mormacento dia dos Piemontes, agonizavam seus últimos minutos.

Nascia a noite!

Num coro soturno, a velha natureza anunciava o parto monstruoso do anoitecer. Não houve choro de criança mas, no cocuruto de um toco, ouviu-se o piar de um mocho pachorrento.

E o *caporale*, todo feliz, caminhava ao lado da figura legendária, sem saber para onde ia... quando e como.

— Veja, *Capo*! Como é bela a MORTE do dia... (Apertou outra vez o braço do *caporale* e prosseguiu)... Que diferença, da MORTE de um homem... de um homem estraçalhado no front...

Olhei assustado para Zorro. Meus lábios tremeram, na tentativa da resposta. Uma golfada de saliva seca e amarga, queimou-me a garganta. Era a saliva do medo. Um arrepio deu um passeio de contrabando pelo meu corpo.

Notando minha reação, Zorro largou meu braço e deu-me umas palmadinhas nas minhas costas.

Pela primeira vez, lembrei do velho Conselheiro. Onde estaria?

As palmadinhas nas costas. Ah! Essas tão conhecidas palmadinhas nas minhas costas... quem gostava disso era o professor.

Zorro deu mais algumas palmadinhas e falou:

— Calma, *giovanato* guerreiro... (E novamente o sorriso enigmático, provocando, nos cantos da boca, o rictos debochado)... Ninguém morre na véspera...

Lembrei-me de um ditado popular e completei:

— Ninguém vírgula... (E deixei escapar um sorriso de triunfo)... O peru morre na véspera de Natal...

Zorro não deu importância a minha comparação e, mudando a entonação da voz, levantou o braço e mostrou-me, lá na frente, uma sombra enorme, esfumaçada na penumbra da noite:

— Veja, *caporale*... Lá, onde parece que a estrada é engolida pelo

céu, a bruxa da noite abriu uma bocarra e soltou um bocejo cobrindo nossa estrada...

Olhei para a bocarra da noite.

Lá estava, nos contornos indistintos, o castelo da *giovanata*.

Intrigado, virei-me para Zorro. Eu não estava bem ao par do que ia se passando. Tudo era tão repentino, tão confuso...

— Veja, *Capo*... (Repetia Zorro)... Nós vamos sendo engolidos pela boca da noite. Não é bonito? Ou será que o *giovanato* tem medo da bocarra da noite?

Eu não respondia. Estava hipnotizado com as descrições de Zorro.

— *Caporale*, veja!... (E apontou o infinito)... A velha bruxa colocou o capuz das sombras. É a noite, minha eterna companheira de jornada... (Deixou escapar um suspiro soturno, melancólico, funéreo)... Ela é a minha querida noite... Minha madrasta! Minha mãe!...

No suspiro de zorro, havia uma leve sensação de que sua alma exalava, suavemente, na noite que tudo engolia.

À direita, uma réstia de luz rasgava a noite sem estrelas.

— *Ècco*!... (Exclamou Zorro)... Lá está o castelo de minha bela adormecida... (E deu-me um leve empurrão)... Vamos, *giovanato*! Chegamos!

No manto negro da noite sem estrelas, ainda pude notar os contornos da silhueta do castelo medieval.

Na porta, Zorro pegou da aldrava e fez soar o metal. O som retumbou no escuro, reboando pelo espaço adormecido.

A velha portarra rangeu. Um gemido de ferragens velhas. Escancarou-se numa gargalhada de velha desdentada.

Estaria alguém nos esperando?

Onde a resposta?

Na gargalhada da velha porta acafajestada, uma saraivada de luz rasgou a escuridão. A navalhada luminosa cegou momentaneamente o *caporale*.

Zorro pegou novamente o cabo pelo braço e conduziu-o para dentro do castelo de sua *giovanata*.

Com a visão refeita, o cabo passou uma ligeira inspeção no local. A sala era espaçosa, com piso de pedras esverdeadas, carcomidas pelo tempo e limosas. No centro, uma enorme escada de pedras escuras.

Ao nosso lado, uma figura impotente, de mordomo encasado, era a pessoa que abrira a portarra de carvalho em gonzos de bronze.

Uma coincidência me martelava a cachola: "TÃO LOGO ZORRO BATEU NA PORTARRA, ELA SE ABRIU, COMO SE O MORDOMO NOS AGUARDASSE"...

Intrigado, corri os olhos no velho. Ele era baixote, de pernas cambadas, com meias roxas. Nos pés, sapatos de entrada, salto alto, fivelas de prata.

Admirado, continuei a estudar o mordomo: estava vestido a caráter. Sua cabeçorra calva, brilhava no bruxulear das velas do candelabro que tinha na mão esquerda. Seu rosto era de lua cheia, enfeitado por castas suíças, em flocos de algodão. Na face macilenta, os olhos eram mortos e a boca rasgava num rictos cadavérico...

E sua figura tornava-se mais fantástica, no bruxulear das velas que o mordomo trazia no candelabro de prata.

Um candelabro que era uma riqueza de arte e gosto...

Iluminando as escadarias de pedra, o mordomo encasacado convidou-nos, com a cabeça, para segui-lo.

Tudo era tão rápido, tão irreal, tão misterioso.

Seguimos o velho das suíças brancas.

Os degraus eram escorregadiços no limo esverdeado das pedras. Tudo era único, cheirando a mofo e com pinceladas carregadas de séculos.

No primeiro andar, o velho parou no patamar e esperou que Zorro passasse na sua frente. Seguimos por um corredor gelado, até a última porta. Zorro parou e olhou para o mordomo. O velho, sempre silencioso, aproximou-se e bateu de leve na porta, com a ponta dos dedos nodosos.

Uma voz sumida respondeu lá de dentro. Uma voz sumida... uma voz sem som. Era mais um sopro do que uma resposta.

O mordomo das suíças em flocos de algodão meteu a mão no trinco e abriu a pesada porta de carvalho envelhecido, toda trabalhada em arabescos de vinhedos.

Abriu a porta, deu uns passos, todo empertigado e fez uma curvatura de reverência, para a pessoa que estava na sala, como se aguardasse ordens.

A ordem veio. O mordomo encarou-nos, fez nova curvatura, convidando-nos para entrar.

A sala era ricamente mobiliada.

Num canto, sentado confortavelmente numa poltrona de veludo roxo (também de suíças em flocos de algodão), um velho lia um grosso livro. Num console, ao lado do velho, um candelabro de ouro resplandecia nas velas enormes.

O velho levantou os olhos da leitura, encarou-nos e sorriu.

Um sorriso que não tinha calor humano.

Era um sorriso aéreo, gasoso, volátil...

Zorro olhou para mim, virou-se para o velho e falou:

— Com licença, Sr. Conde... Boa noite... (E inclinou-se, numa reverência exagerada)... "Scuse-me. Prego!"...

O velho não respondeu mas inclinou, ligeiramente, a cabeça prateada. Olhava, com insistência, para o cabo todo desajeitado no ambiente requintado. Zorro notando a agitação do *caporale*, tornou a falar com conde:

— Oh! Sr. Conde. Este é um velho amigo meu... (E agarrou-me pelo braço, apertando com força como se exigisse que eu concordasse)... É um *capo brasiliani*... (E curvou-se novamente).

Depois, dando palmadinhas amistosas nas minhas costas, como que faz para encorajar uma criança assustada, Zorro encaminhou-me à presença do velho conde, que permanecia caladão. Somente o sorriso apagado, chocho, volátil, continuava aflorado nos lábios de cera.

Zorro postou-se em frente ao conde, em posição de sentido e falou:

— *Caporale*, este é o Sr. Conde... (E sua voz pendeu para a emoção, deixando escapar um leve tremor nos lábios)... é o pai de Yhá...

(Conteve-se e lançou um olhar carinhoso no velho que sorria gasoso e continuou)... o Sr. Conde é o pai de Yhá... a minha bela adormecida...

— Muito prazer, senhor *caporale*... (Falou o velho conde).

Falou com a voz sem som.

Esperou o suficiente para que eu me refizesse e estendeu-me a mão que apertei, com força, dominado pelo ambiente que me deixava nervoso.

Senti um gelo percorrer meu sangue, ao tocar a mão do velho conde.

Não era bem uma mão. Era uma coisa seca, áspera e gelada que eu apertara com tanta fúria... descontrolado pela voz esquisita, que não havia som e que escutava perfeitamente. Como?...

O velho conde encarou-me, sorriu com sorriso volátil e falou na voz sem som:

— Sempre tive vontade de conhecer um soldado *brasiliani*... (E a voz sem som ia explicando)... de um *brasiliani* do front, para poder apertar a sua mão...

Como num transe, levei a mão ao convite do conde.

Pela segunda vez senti o gelo percorrendo meu sangue, arrepiando todo meu corpo. O velho conde apertara, pela segunda vez, a minha mão... como se eu levasse uma pressão de uma tenaz de ossos desconjuntados.

Num instinto de defesa, puxei bruscamente minha mão, esfregando-a na barra da túnica do zé-carioca... como se procurasse limpá-la.

Não dando a menor atenção ao meu gesto tão brusco, o conde encarou Zorro e perguntou com voz sem som:

— Desejam alguma coisa?

E lá veio o sorriso gasoso, etéreo, fabricado nos lábios de cera.

Encorajado com a pergunta do conde, arrisquei algumas palavras, gaguejando no meu italiano macarrônico:

— Senhor Conde, eu sempre tive muita vontade de conhecer um castelo de verdade... um castelo medieval...

Ele sorriu novamente. O sorriso volátil.

Depois, erguendo uma das mãos secas, puxou uma faixa de veludo azul-turquesa, com franjas de ouro e falou, calmamente... na voz sem som:

— Chamei o mordomo. Ele vai mostrar os seus aposentos e, amanhã, meu ilustre hóspede *brasiliani* conhecerá o castelo...

Nem bem terminara de falar, já o solícito e calado mordomo se apresentou, conduzindo-nos pela porta de carvalho.

Num gesto de flexão exagerada, Zorro curvou-se na minha frente e, como se tirasse um enorme chapéu de plumas, dobrou o corpo numa reverência de cavalheiro de capa e espada, falando sorridente:

— *Capo*... (E nova curvatura exagerada)... Um seu escudeiro às ordens. Vou mostrar-lhe todos os segredos do castelo.

Sua voz também, sem que eu notasse começava a perder o som... E nos cantos da boca, começava a brotar um rictos desdenhoso.

O mordomo caladão continuava imperturbável, com a cabeça calva luzindo no bruxulear das velas. Mantinha uma ligeira inclinação, aguardando nossa passagem na soleira da porta.

Zorro empertigou-se e, mudando a entonação da voz, falou:

— Amanhã *caporale*, será muito tarde... Amanhã será outro dia... (E, indicando o mordomo que nos aguardava, continuou com a voz que ia perdendo o som)... Vamos ler na umidade do castelo, a história de suas paredes...

Um sorriso debochado completava o rictos dos cantos da boca.

Saímos da sala nobre e penetramos no corredor escuro. Logo à direita, um novo lance de escadas para o segundo pavimento. Os degraus também eram de pedras enormes, esverdeadas a limo, úmidas e escorregadias. Tudo cheirava mofo. De lá, foi que avistamos o primeiro plano do castelo, uma fileira de enormes vasos, numa sacada fronteira. Eram bojudos, lembrando matronas grávidas, escarrapachadas no chão de pedra.

Zorro cutucou-me e falou:

— São os potes que serviam para ferver azeite.

— Ferver azeite? Tão grandes? Por quê?...

— Ora *caporale*... Azeite fervendo para jogar nas costas do invasor que passava por baixo, no corredor de entrada.

— E aqueles buracos enormes, no piso, bem na frente. Serviam para atirar flechas?

— Não *caporale*... Por ele atiravam azeite fervendo, quando os invasores conseguiam dominar o fosso do castelo.

Uma pontada no estômago tirou-me todo o interesse nas descrições. "MORRER QUEIMADO NO AZEITE FERVENDO... (Suspirei fundo)... QUE GLÓRIA MAIS BESTA DOS ANTIGOS"...

Como se eu tivesse pensado alto ou, como se Zorro adivinhasse meus pensamentos, ele falou, em tom debochado, deixando aparecer, sem reserva nenhuma, o rictos acanalhados dos cantos da boca.

Encarei o *partigiano* de cabeleira homérica e pensei, com meus botões:

"SERÁ QUE ELE TAMBÉM ESTÁ FALANDO SEM SOM?"

Zorro ainda se comprazia na tétrica descrição, quando saímos do corredor donde se avistava os potes bojudos, numa imitação de budas concentrados.

Sempre silencioso, o empertigado mordomo das suíças de algodão, nos acompanhava, trazendo na mão encarquilhada, o candelabro de velas trêmulas... todo escorrido em lágrimas de cera.

A figura irreal do mordomo, projetava sombras que bamboleavam nas paredes úmidas. Quando o velho levantava o candelabro, em busca de maior claridade, a sombra do velho era projetada nas paredes, deformada e desmedida...

Os passos silenciosos do criado, deslizavam nas pedras escorregadias do piso limoso, como se abafados por pantufas de lã. Sua fisionomia, impassível, era mais fria do que o lajedo úmido e viscoso.

Enfim, tudo no mordomo, compartilhava com o ambiente silencioso que tornava a noite mais tétrica.

Depois que percorremos muitas salas, quartos, salões, corredores intermináveis... Tudo cheirando mofo, descemos para os porões do castelo.

— Agora, *Capo*... (E lá voltou o sorriso enigmático)... Agora vamos fazer a última visita desta noite... (Parou, chamou o mordomo

com gestos exagerados e apontou as escadas, com um dedo em riste, num gesto impotente de militar pernóstico)... Estas escadas nos leva à capelinha da família, onde estão enterrados os antepassados do Conde... (Fez outra pausa, como se estudasse os efeitos da revelação e continuou, como se gozasse com a minha reação)... Também leva para a sala dos suplícios...

Não deixei Zorro continuar, perguntando agoniado:

— CEMITÉRIO?...

— Sim!... (E o sorriso enigmático rasgou seus lábios sem vida).

Voltei a perguntar:

— Sala de suplícios?... Ainda existe isso na Itália?...

Um arrepio percorreu meu corpo e um sacolejão estacou-me nos últimos degraus, como se lutasse pela minha integridade. Os cabelos eriçaram e as pernas enfraqueceram na sensação do pavor. Um gosto amargo de saliva quente, queimou-me a garganta ressequida.

Era o gosto ferruginoso do medo amargo.

Engoli em seco, fazendo um ruído exagerado.

E o ruído foi tão forte que repercutiu nas paredes bolorentas dos subterrâneos do castelo embolorado.

O som chamou a atenção de Zorro que falou com ar debochado:

— NIENTE PAURA, BRASILIANI...

Falou sem se voltar, descendo os últimos degraus da escada. Sempre na frente. Entre nós dois, descia o imponente e silencioso mordomo das suíças de algodão em floco.

Como se pensasse alto, Zorro prosseguia falando, sem se voltar para trás. Eu começava a perceber que, também ele, falava sem som:

— Dr. Paúra ficou... *Caporale* é calejado no front... Já viu muita gente morta de perto e já matou muito... (Deixou escapar uma risadinha cretina, bem fininha, como risada de velho crápula. Eu não vi, mas senti que, nos cantos da sua boca, o rictos aflorava vitorioso)... *Caporale* não tem medo... já matou, arrasou, destruiu...

Falava compassadamente, como se quisesse marcar bem claro, o sentido das palavras. Ia martelando suas comparações, no ritmo da descida compassada.

À proporção que afundávamos no subterrâneo do castelo, a escadaria tornava-se mais limosa, mais úmida... e, o ar pestilento, era mais mofado.

Zorro parou numa porta de ferro. Encostou o ouvido, como se procurasse distinguir algum som. Notei que seus olhos brilhavam com avidez diabólica.

Fez sinal para que o mordomo se aproximasse com o candelabro. Apertou os lábios descorados, ruminando alguma arte. Levou a mão, com cuidado, no ferrolho e seus músculos retesaram na força provocada.

O trinco era uma peça de bronze, artisticamente trabalhada, preso na portarra de ferro, por enormes cabeçorras de cravos entalhados.

Zorro fazia uma força descomunal. Seu bíceps, entumecido na resistência da ferrugem, retesara em lingotes de músculos possantes.

Olhei para a cara do mordomo. O velho nem piscava. Era uma verdadeira múmia que só sabia obedecer. Envelhecera, ouvindo e atendendo ordens, sem nunca ter aprendido a pensar.

Um ruído rascante cortou o silêncio mofado do subterrâneo.

O ferrolho que os anos enferrujara nas cavilhas entalhadas, gemeu, arranhando a ferrugem dos séculos.

Com o possante ombro, Zorro empurrou a portarra de ferro.

A boca da escuridão invadiu tudo, trazendo um cheiro de sepulcro que nos afogou.

Meus nervos abalados coriscaram no corpo que tremia.

O instinto animal que vegetava no *caporale*, arrepiou-se nas patas do passado e armou o bote felino da defesa hibernada.

Zorro encarou-me com os olhos esbugalhados. Suas bolotas dançavam nas órbitas encovadas, coriscando no gozo que tinha da cena que provocava babas nos cantos da boca... e a gosma escorria, num sádico prazer.

Depois, virando-se para o mordomo, fez um gesto com a cabeça e o velho aproximou-se da porta.

Zorro chamou-me, com o indicador apontando a portarra, num gesto de potência que não admite indecisão.

Avancei, tremendo nos nervos abalados.

Quando me aproximei da porta, o mordomo levantou bem o candelabro de prata, todo escorrido de lágrimas de cera, para que eu pudesse ver o que se passava lá dentro.

Antes de entrar, ainda olhei para Zorro, como se pedisse socorro. Seus olhos brilhavam nas bolotas esbugalhadas. Tive a impressão de que as órbitas eram vazias...

Eu quis dar um grito mas a voz morreu na garganta ressequida.

Zorro carregou no cenho e indicou, com o dedo em riste, a portarra que gargalhava na minha cara. Seus lábios tremeram e a voz sem som ressoou na antecâmara, como se viesse de além-túmulo:

— Vamos! Entre!...

A luz bruxuleante das velas que pediam oxigênio, tremia em agonia, sacudida no bafo pestilento que o mofo do sepulcro empuxava pela bocarra escancarada.

As velas muito mal iluminavam a impressionante pousada dos mortos.

Como último recurso de socorro, implorei, silenciosamente, para o mordomo silencioso... Mas, sua cara macilenta, antes petrificada na imobilidade das indiferenças, agora ia se transformando, pouco a pouco, rasgando os lábios secos, num sorriso canalha de sádico medieval.

Zorro continuava com o dedo indicando a entrada, num gesto prepotente.

Não tive outra solução. Avancei, hipnotizado, pela bocarra escancarada. Um bafo de bolor secular afogou meus pulmões envenenados de nicotina. Como um alucinado, avançava, com passos incertos, pela capelinha saturada de ar pestilento.

Dei, somente, alguns passos.

Numa ala de túmulos trabalhados em granito, uma tampa de um sepulcro foi se levantando, devagarinho... lentamente... sem ruído... esparramando pó e mofo para o piso encharcado de lodo nadando na pestilência dos séculos...

Quando a tampa de granito escorreu para o piso, um vulto indescritível levantou-se do ataúde, sacudindo-se no pó mofado dos anos...

Meus cabelos eriçaram-se. Uma descarga nervosa percorreu meu ser e foi rasgar minha garganta ressequida pelo pavor.

Dei um grito!...

O peito que arfava nas contrações do medo, expelira, para fora, num jato de horror, um urro animal!...

As velas do candelabro de prata tremeram, bruxuleando na capelinha carregada de mofo e pavor... As velas tremeluziram e apagaram-se, deixando um halo que permaneceu por alguns segundos na retina do *caporale* apavorado.

E a escuridão fez-se total.

O cabo deu meia volta e, como um doido, precipitou-se pela escada escorregadia, em busca de ar e de socorro.

Na capelinha, uma esdrúxula gargalhada explodiu, reboando pelas paredes musguentas do castelo silencioso.

Seria Zorro, o *partigiano* de olhos em bolotas, debochando do herói que fora homem?... Ou seria o imperturbável mordomo dos lábios de cera e das suíças em flocos de algodão?...

Talvez, seria um gargalhar debochado dos séculos das pedras limosas, vingando do monstro fardado que fora homem e que vivia sujando a carne das *giovanati* com sua mão imunda... ou, talvez, seria o gargalhar do remorso, vingando do assassino-oficial de uma geração que se dizia civilizada...

Somente o silêncio do castelo poderia contar...

O silêncio e a morte, quem sabe?....

***

E a escada ia engolindo, mascando nos dentes limosos dos degraus, a sombra do *caporale* que subia como louco.

Ofegante, estanquei no patamar escuro. Ouvi passos apressados na escadaria limosa. Logo a seguir, a luz das velas começou a rastejar pelos degraus, em busca do *caporale* assustado.... e a luz difusa das velas com chamas pálidas, ia subindo, sorrateiramente, como serpente abjeta, acompanhada pelas sombras de monstros na parede esverdeada.

Zorro subia na frente do mordomo, pulando os degraus de dois em dois.

Como se não houvesse acontecido nada, encarou-me com olhar brejeiro e falou na voz sem som:

— Ainda falta a sala dos suplícios, *Caporale*... (Seus olhos coriscavam na chama das velas)... *VENIRE, PRESTO!*...

— *GRAZIE*... (Consegui balbuciar, sibilando nos lábios trêmulos, ainda dominado pelo pavor da cena na capelinha).

Ao passar por nós, o impassível mordomo iluminou bem o rosto de Zorro. Só então notei que ainda existia, no olhar enigmático do *partigiano*, uma luz gulosa... lúbrica de sensualismo endemoniado. E as duas bolotas dos olhos encovados, brilhavam nas órbitas de olheiras carregadas num exagero tumular.

Zorro derramou em cima do *caporale*, um olhar mordiscado na gula da sensação funérea. Um olhar esquisito, cadavérico, irradiando sepulcro.

O cabo não ligava fatos com as pessoas irreais que ia se interpondo em seu caminho de sonhos do além-túmulo. Ele estava hipnotizado por Zorro.

O *caporale* sofria, mas não podia sentir a profundidade de seu sofrimento. Tinha medo, mas não podia sentir que tinha medo.

Estaria louco?... Ou seria isso tudo, a tal neurose?

Uma força além da vontade, fez o cabo seguir o candelabro de velas que bruxuleava no corredor úmido. Atravessaram, com passos largos, o vestíbulo e subiram a escada que dava para o primeiro pavimento.

Como sempre, Zorro ia na frente.

O imperturbável mordomo, como recheio de sanduíche, entre nós dois, avançava, altaneiro, com o candelabro de prata, empurrando orgulhoso o castiçal, como se fora um troféu guerreiro.

O cabo arrastava sua carcaça trêmula, impelindo na voragem dos acontecimentos que Zorro preparava com sadismo.

Atravessamos o corredor do primeiro andar e, na penúltima porta, Zorro parou, esperando por nós.

Mais aliviado da tensão nervosa que me aniquilava, perguntei:

— Aqui é a sala do conde?

— Não, meu amigo *caporale*... (E o rictos dos cantos da boca beliscou as bolotas que coriscaram nas órbitas encovadas).

Voltei-me para o impassível mordomo, como se procurasse a resposta com o velho de lábios de cerosos. O candelabro tremeluzia na sua mão seca, chorando lágrimas de cera...

— Este é o quarto de hóspedes...

Assustado, virei-me para Zorro. Ele inclinou-se, tirando o imaginário chapéu de plumas. Numa inclinação exagerada, varreu o piso de pedra com as plumas coloridas da imaginação e solicitou que eu seguisse o velho na sua atitude imponente de impávido porta-bandeira que avança.

Nossos passos eram amortecidos na compacta massa verde que o musgo atapetava o piso de pedras úmidas.

O mordomo parou na porta.

Zorro meteu a mão no trinco de metal amarelo, cinzelado em serpentes. O ferrolho rangeu e a porta abriu, devagar, soluçando nas dobradiças enferrujadas.

Em nova curvatura, Zorro convidou o *caporale* para entrar:

— Vamos, guerreiro indômito! Esta é a sua alcova e é o rancho... (As bolotas coriscaram na chama das velas)... Que os bons fados o acompanhem no leito e nos sonhos...

O *partigiano* de bolotas buliçosas, endireitou-se com gestos exagerados e, levando a mão no meu ombro, deu-me um empurrão, projetando-me para dentro da alcova dos sonhos encantados.

Avancei uns passos em tropeções e um baque surdo retumbou no quarto.

O som buliu com meus nervos, descarregando-os num salto instintivo de defesa. Dei meia-volta, com a mão crispada no punho do sabre.

A porta tinha sido fechada. Avancei e levei a mão no trinco. Torci a maçaneta de metal amarelo, com tanta força que minha mão escapuliu. Ao soltar-se, meu dedo arranhou numa saliência contundente.

Levei um choque e bati os dedos, num estalo nervoso.

Abaixei e firmei a vista, procurando, na penumbra da alcova, o que é que me havia cortado. A maçaneta era uma peça de metal amarelo, esculpida por artesão medieval, representando uma fera com a dentuça arreganhada.

Recuei assustado. A agulhada dera a impressão de um estilete cravado no meu dedo que sangrava um pouco.

Apertando o dedo que ardia, olhei com mais atenção a maçaneta da porta. A fera dentuça arreganhada ameaçava-me. Os olhos piscaram? A dentuça mais se arreganhara? Houve um gesto de um felino retesado nos músculos do salto?... Houve ou foi nuanças de uma penumbra?...

Na luta interna, o *caporale* ainda encontrou um pouco de força para avançar até a porta. Precisava sair dali. Novamente meti a mão no trinco. Desta vez, com mais cuidado. Peguei a maçaneta de bocarra escancarada e torci o trinco. Nada. Tentei mais uma vez, com mais força. Nada. A porta estava trancada por fora.

Novamente a indiferença do *caporale* tomou conta de seu ânimo.

Uma onda letárgica ia invadindo, de mansinho, seu corpo, como se emaranhasse o infeliz num abraço de sono apático e sem vontade própria...

E o cabo aceitou, passivamente, a porta trancada, como vinha aceitando, inerme, as peripécias de Zorro.

Indiferente, voltei-me e corri os olhos pelo quarto. Os objetos muito mal se distinguiam no lusco-fusco da obscuridade. Vinda não sei de onde, uma luz esmaecida mantinha a alcova numa penumbra... sem que se notasse sombras.

No centro do quarto, uma cama enorme, projetava-se no dossel que lembrava um monumento.

Apertei os olhos, procurando ver melhor.

E distingui, na penumbra do quarto, o leito imponente.

Não era bem uma cama. Era mais uma relíquia de mármore e púrpura.

Avancei, indeciso e cauteloso...

Minhas botas sujas de musgo esverdeado, rangeram nos primeiros passos. Estaquei, assustado. Eram os primeiros sons de passos, naquela noite etérea, do castelo silencioso, afogado no mofo dos séculos que se decompunham na umidade.

Ainda indeciso, fiquei olhando, estatelado, para o leito imperial.

Mármore, cortinados, púrpuras, franjas douradas, rendas e brocados.

Um sonho de mil e uma noites!

O maravilhoso dossel era sustentado por quatro colunetas de mármore negro, caprichosamente torneados em espiral.

E o cabo ia se aproximando devagar, cauteloso, como se invadisse um recinto sagrado. Suas botas enlameadas de musgo, ia marcando o tapete macio de pelúcia que se desmanchava nas solas de borracha.

Em cada coluneta da frente, uma águia estava empoleirada no capitel. Estavam de asas abertas, numa atitude de ataque, como se defendesse o tesouro abandonado pelos tempos.

E o cabo ia avançando... avançando, cautelosamente, com medo

de acordar os séculos que se ressonavam no monumento protegido por um cortinado. E suas botas iam afundando no tapete fofo de cor desmaiada, lambuzando a pelúcia com a lama do musgo. E o solado, queimando na passagem, ia desfazendo a tapeçaria, empolvilhada no pó.

Sempre devagar, ia me aproximando do monumento suntuoso.

A leve sombra que encobria o leito, era um cortinado todo bordado com filigranas de ouro.

Vagarosamente, levantei o braço e abri o cortinado. O filó bordado se desfez em pó dourado... E o cabo anestesiado, olhou para o leito forrado com cetim azul. Ele convidava ao sono dos que não mais precisam acordar.

Na letargia da cena, o *caporale* jogou-se na cama e deixou escapar um suspiro de alívio. A natureza fora mais forte do que a mente.

O cetim macio, ligeiramente gelado, levou o cabo a regurgitar-se num fremir de gozo insatisfeito... Um torpor tomou conta de seu ser.

Quanto tempo teria ficado o *caporale*, naquela madorna de felicidade?

Novamente uma carga elétrica percorreu o *caporale*, estremecendo-o. De um pulo, sentou-se na cama. Saíra da letargia em que se entregara.

Uma força atraiu sua vista para a porta.

Na penumbra do quarto, o cabo distinguiu um halo de luz emergindo da porta trancada. Afirmou a vista. Uma figura de mulher, olhava para ele, sorridente e meiga.

Como se recebesse nova descarga, o cabo deu um salto da cama, ficando em pé, imobilizado na carga que o projetara.

A jovem trajava um costume antigo. Belo, tão belo, que somente as fadas sabem vestir. Da cabeça que resplandecia levemente, duas longas tranças negras... NEGRAS COMO A NOITE DO CASTELO... caíam-lhe pelos ombros, indo acariciar seu colo de jambo. E o arfar ritmado do busto maravilhoso, era exibido, provocadamente, pelo decote ousado do vestido de fadas.

A jovem encaminhou-se em direção do *caporale* estarrecido. Começou a falar... na voz que não tinha som:

— Boa noite, *caporale*... (E deixou escapar um sorriso deslumbrante)... *TUTI BENE?*...

Sorrindo, estendeu a mão. O cabo ficou petrificado com a beleza da *giovanata*. E ela tornava a falar... com a voz que não tinha som:

— *PARLA, BRASILIANI*... Perdeu a voz?

Apertou a mão do *caporale* que se mantinha estático com tanta beleza.

O contato fez o *caporale* voltar a si. A mão era tão gelada que esfriou até o sangue do infeliz.

O *caporale* quis responder. Seus lábios tremeram na tentativa, mas as palavras morreram sem nascer...

A *giovanata* sentou-se no leito suntuoso e convidou, batendo na cama com a mão, para que o *caporale* sentasse ao seu lado.

Quando o cabo sentou ao lado da fada maravilhosa, ela foi se aproximando... se aproximando... afogando-o num perfume excêntrico. Levou a mão na cabeça do cabo acariciando seus cabelos desgrenhados. Depois, abraçou-o, puxando o *caporale* para seu regaço.

O infeliz esvaiu-se na penumbra do quarto e da mente.

Dois braços morenos enlaçaram-no, vagarosamente, qual duas serpentes amorosas que o afogassem no êxtase do perfume excêntrico...

Um torpor apoderou-se do *caporale*.

Na languidez que tudo envolve, o cabo ainda pode vislumbrar um rosto maravilhoso, pleno de amor e carinho, aproximar-se, vagarosamente, queimando sua face no hálito do desejo. E dois lábios, carnudos e sensuais, procuraram, com sofreguidão, a boca do *caporale* embriagado. Do *caporale* inerme, que não podia pensar, dominado na lassidão da penumbra que conspirava.

O corpo do cabo desfaleceu em ânsias.

Ao sentir o sabor dos lábios tocando sua boca, os olhos do cabo cerraram-se, sentindo uma ligeira agulhada de gelo. E o estilete gelado provocou no *caporale* um suspiro profundo, como se evolasse a própria alma de meu corpo febril.

E o cabo caíra num torpor infinito que evola do nada na penumbra...

O mundo não mais existia. O mundo sumira a seus pés....

***

Lá de cima, na abóboda celeste, os fados enfeitavam o azulão com um enorme tapete anilado, onde ruminava, tranquilamente, pequeninas ovelhas de nuvens felpudas.

O dia nascera num parto radioso de luz e cores.

Um silêncio envolvente convidava ao repouso.

Deslizando sem direção, os carneirinhos felpudos procuravam fugir da solidão que tudo narcotizava.

E ao longe, lá na terra dos loucos, numa cratera de granada, com água estagnada das últimas chuvas, o rouquenho coaxar de rãs era transmitido pela brisa que passava. E o coaxar das rãs satisfeitas, ia se tornando o dia mais enfadonho, num monótono ritmo de relógio enferrujado.

Um grito cortou o espaço, fazendo calar o coro da saparia de voz enferrujada: "CAAA-BOOOooo... CAAA-BOOOoooo!...".

E o eco indiscreto, só pra chatear a saparia, respondeu, também com voz enferrujada: ... "BOOOooo... BOOOoooo...".

Mais uns gritos e mais uns ecos de percussão enferrujada.

A saparia, não sabendo mais de onde vinha tanta gritaria, mergulhou na cratera de água estagnada.

Os gritos eram de Zé-Conselheiro, afobadíssimo, à procura do amigo que sumira e ninguém dava notícias.

E o professor continuava gritando: "CAAA-BOOOooo... CAA-A-BOOOooo..." com as mãos em concha, procurando com ansiedade.

Informado por pessoas das redondezas, o professor encaminhara-se para a estrada que serpenteava para os limites da cidade. Aproximara da pequena elevação onde o *caporale* dormia, num sono de pedra.

De longe, conheceu seu velho amigo. Aproximou-se e, bem de perto, colocando as mãos na cintura, falou reclamando:

— Oxente!... Veja só... (E balançava a cabeça, reprovando a folga do cabo)... Vejam, o velho pantaneiro, matando as saudades de seu rincão, brincando de dormir nos relentos dos Piemontes... (Deu uma cuspidela e continuou, sempre de mãos na cintura)... Quá, seu Pascuá!... Esse bicho é doido ou falta um parafuso...

O cabo estremunhou, rosnou qualquer coisa madorna aquecida.

Zé-Conselheiro fez o gesto de quem empunha uma metralhadora e descarregou, com a boca, a rajada mortífera:

— PUM... PRRrrr... PUM... PRRrrr... rrr...

O infeliz que ainda estremunhava na soneira gostosa, deu um salto, levando um susto dos diabos.

Quem, depois de tantas escaramuças no front, não teria levado um susto?

Zé-Conselheiro soltou gostosas gargalhadas. Gostara do susto que o *caporale* folgado levara.

— Puxa! Que susto, seu Zé!... (E carregou no cenho, recriminando o velho amigo)... Não brinca assim, seu coisa... Isso também mata...

— Ah! Mata, não é?... Você está doido? Já esqueceu que somos voluntários em marcha forçada?... (Meteu o dedo na cara do companheiro e recriminou)... Tedesco anda por perto. Não temos garantia na retaguarda. Não facilite, seu pantaneiro besta!

E o bom Conselheiro continuava numa infinidade de conselhos. Eu não escutava mais o meu amigo. Pensava: "ONDE, MEU DEUS, TERIA EU DEIXADO O CASTELO DO CONDE?... COMO TERIA EU PARADO AQUI?... QUEM ME TROUXERA?... POR QUÊ? QUANDO? COMO?"...

— Ué, seu moço! Desde quando você fala sozinho? Cuidado... (E Conselheiro repetiu, separando bem as sílabas)... CUI-DA-DO...

O cabo, com ares absortos, ruminava pedaços de frases que o bom professor não podia entender. Depois, virando-se para o amigo, como se tivesse acordado naquele instante, falou:

— Não entendo... (Levou a mão à boca, como se procurasse a resposta)... Não entendo mesmo. Será que sonhei ou estou louco?

Zé-Conselheiro notando a luta do amigo, bateu-lhe nas costas e convidou para que voltassem, falando de mansinho:

— Vamos, Cabo. No caminho você vai contando o que se passou...

— É... você tem razão. Vamos embora...

E os dois amigos voltaram para a destilaria, no passo cadenciado dos militares com pressa.

Dias depois, num banco afastado da pracinha de Scandiano, o cabo teve coragem de relatar ao amigo o que se passara com ele:

— É isso mesmo, meu amigo. Vou lhe contar o que houve comigo. Assim, você me ajudará melhor...

E narrei ao velho camarada, o que se tinha passado na noite anterior.

Comecei a contar, desde o encontro com Zorro, naquele montículo atapetado de grama, quando o *partigiano* aparecera com uma metralhadora 45.

À princípio, Zé-Conselheiro não demonstrou muito interesse na minha história. Quando terminei, ele ficou calado por alguns momentos, concentrado no mutismo enervante. Depois, balançando a cabeça disse:

— Só acredito nessa história, porque foi você quem me contou... Espere, não diga nada! É um caso incrível! Deixe o velho pensar um pouco...

E voltou a quedar-se no mutismo enervante.

Fez um sinal com a cabeça, para que eu seguisse, sempre compenetrado na solução de minha história.

Depois que andamos um bom pedaço, Zé-Conselheiro pegou-me no braço e começou a falar baixinho, como se temesse que alguém nos ouvisse:

— Cabo, seja realista!... (E virou-se para todos os lados, procurando ter a certeza de que ninguém nos ouvia)... Seja realista e não conte isso para ninguém!... Tá?... (Meteu o indicador no meu nariz e falou com imposição)... Veja bem o que vai fazer! No mínimo, dirão que você é mentiroso... Porém, se levarem a sua história a sério, você poderá ser recuado do front, por estar fraco da bola... Tá?...

— Mas professor!... Eu não...

— Caluda! Não tem "MAS" nem "MENOS"... Não discuta! Sua história, meu amigo, é fantástica, como nossa volta vivo para o Brasil... Só besta pode acreditar numa ou noutra...

— Professor...

— Ora, não teime, por favor! Sua história terá que morrer onde foi vivida... (E com olhar zombeteiro)... Morrer sem choro nem vela... e nem fita amarela, gravada com nome dela...

Não falei mais nada. Um nó trancou minha garganta.

Zé-Conselheiro passou o braço pelo ombro do velho amigo, num gesto carinhoso, convidando-o para seguirem de volta ao prédio da destilaria.

Em volta do *caporale*, um mar revolto bramia de encontro aos penedos do inacreditável. Sua história diluía-se nas espumas das ondas agitadas... e foram explodir-se em vagalhões de revolta.

No gemido do mar, o *caporale* distinguia a voz da "fada" ir morrendo aos poucos, tragada pelos vagalhões agitados.

Não suportando as realidades dos fatos, o cabo deixou escapar as exclamações de revolta:

— Não! Não é possível!...

O professor não disse nada. Compreendia, muito bem, as lutas que o caporale travava no seu íntimo.

E os dois pracebas, na marcha cadenciada dos militares, iam sumindo na perspectiva da estrada reta, engolidos no ângulo traçado pelo infinito...

Arrastando, penosamente, o dilema de uma interrogação, o infeliz cabo levou consigo, para o front, a história fantástica de "ZORRO, UM SEGREDO DE GUERRA"...

Assim, são minhas histórias de guerra!

Assim, são caldeados os heróis que mata!

Heróis de Barro!... Loucos! Desvairados! Patéticos!

Heróis de Barro!... Heróis neuróticos! Restos de homem!...

***

-1-
Uma praça neném
na guerra também
num campo sonhou.
Viveu com alguém
não era ninguém
deitou e amou.

Mosteiro gelado
castelo mofado
a sombra levou.
Mordomo pelado
mordomo calado
com velas mostrou.

-2-
Na sala gelada
de seda rendada
um conde falaz.
Usava batom
falava sem som
num riso fugaz.

Com uma careta
puxou a sineta
chamando mordomo.
Jeitão militar
mandou visitar
castelo redomo.

-3-
Com Zorro, o ledo
descendo com medo
a chama cedeu.
No trinco da porta
na sombra da morta
o gonzo rangeu.

Num mofo pacova
na tumba da cova
defunto gemeu.
Um grito escapou
da boca rolou
O cabo tremeu.

-4-
Subiu a escada
na disparada
que o susto levara.
Não quis mais conversa
na vida anverso
que a luta deixara.

Voltou o mordomo
com cara de dono
calado, bestunto.
A chama da vela
lembrava capela
velando defunto.

-5-
O cabo airoso
no quarto cheiroso
da jovem entrou.
No leito rosado
perfume, brocado
o cabo deitou.

Tristonho, pensando
saudoso, rolando
num sonho rosado.
Menino dengoso
um cabo manhoso
gozou lambuzado.

-6-
No leito de nobre
que tudo encobre
deitou a donzela.
Jorrou, emulando
o pus jaculado
na vil passarela.

Menina forçada
garota violada
com ele dormira.
À noite sonhou
e quando acordou
a fada sumira!

RIO, 2 JUNHO = 967 – CASTELO DE ZENDA, MARACANÃ[43]

[43] "Castelo de Zenda" parece ser referência ao romance *O prisioneiro de Zenda* (1894), de autoria de Anthony Hope – deu origem ao gênero "romance ruritano" devido ao país fictício da Europa, Rirutânia, criado pelo autor. A localização e a data, Rio de Janeiro 1967, pode indicar o local em que fora escrito o capítulo ou o poema final do capítulo [N/O].

CAPÍTULO XXII

YÉLIS, A BELA NORMALISTA

1º de maio!

Scandiano era uma pérola engastada na famosa Lombardia. A cidade regurgitava nas comemorações do dia do trabalho.

O tenente, comandante da linha de fogo, nos recomendava cuidado. Os carcamanos estavam exaltados. Bebiam muito, naquele 1º de Maio.

Nosso tenente era chato e não deixava minha turma sossegada.

— Bem mostra que é um cabra da peste... (Rosnava, entre golfadas de café solúvel e uma tragada, o rezingueiro Meia-Um).

Nosso tenente era filho do velho nordeste. Tinha o tipo do homem de família: apaixonado por cães, galinhas e crianças. Era de fala mansa, carregado no sotaque regional.

Turquinho já tinha dado as suas pinicadas:

— Cuidado, cabo... (E fazia gestos com um dedo no ar, todo esparramado no ladrilho da destilaria)... Cuidado! Eu não confio em homem de voz mansa. É gato de unha escondida.

E as qualidades de nosso tenente iam sendo retalhadas. Cada qual, tirando o seu naco, com lancetadas sardônicas.

Em contraste, o capitão era militar até a raiz do cabelo. Pernóstico, arrogante, empavonado e prussiano de corpo e alma. Vivia e respirava capitãozadas!

Nosso gozador Meia-Um, soltara, um dia, uma comparação batuta:

— Cabo... (E coçou a cabeça, com olhar intrigado)... Eu acho que, nem para tomar banho, a alma do capitão não tira farda! É caxias por fora e por dentro... (Deu uma gingada, tão a seu gosto e continuou a martelar nosso comandante)... Eu acho que ele come capim porque é verde...

Foi só gargalhada.

Também, nessas comparações, o dia ia passando. A roda estava formada em torno de um café esquentado na pólvora. Cada qual, acocorado, esperava a sua vez de ser servido e de dar a sua lancetada. E era só pena que voava do capitão empertigado.

Na verdade, nosso capitão era movido por uma doutrina férrea, de militarismo tacanho. Uma força verde-oliva o impelia para uma irresistível ambição de patente para patente. Era um homem que se julgava intocável. O bicho não admitia contestação.

Foi aí, que me lembrei do velho professor.

Corri os olhos no círculo, procurando meu velho amigo.

Passos aproximando, com ranger de botas ferradas, obrigou-me a voltar-me. Era Dom Conselheiro. Vinha carrancudo. Abaixou-se, fungando e começou a falar:

— Escutei o que vocês estavam comentando de nossos cobras. É tudo isso e mais alguma coisa... (Apanhou um palito sujo que estava perto. Começou a traçar arabescos, indiferente aos colegas que o encaravam. Deu uma fungadela, encarou um por um, convencido do sus-

pense que caíra sobre a roda. Com voz calma, começou as explanações que era do seu agrado)... Somente os veteranos da guerra de 18, conheciam as misérias da guerra e as mentiras dos generais... (Nova pausa. Meteu a mão no cigarro e, tirando um, começou a batê-lo na unha do polegar. Acendeu o palito com o qual estava riscando, na fogueira que esquentava o café. Levou a lavareda no cigarro, deu uma chupada com volúpia. Zé-Conselheiro era senhor da situação. Estava preparando o caldo para a cultura. Expeliu a fumaça, com requintes de fumante e avançou nas descrições, com sensualismo de narrador, e indicou)... Só os veteranos de 18!... (Confirmou ainda)... Essas verdades, os livros não contam, porque os generais não deixam. Assim são as mentalidades deles... (Uma pequena pausa para continuar)... E tem que ser assim, senão, o militarismo seria extinto da face da terra.

E Conselheiro avançou, nas descrições, por um caminho interminável. Citou exemplos sem fim. Era o senhor da roda. Quando começava, não parava mais. E como seus colegas gostavam.

***

Estávamos de folga. Resolvemos dar umas voltas pela cidade.

Scandiano era uma gracinha de cidade. Ruas calçadas, muitas delas, arborizadas. Um aglomerado aqui, outro ali, maior número aparecendo além, formavam os aglomerados nas discussões do *Dopo Lavore*[44] (Depois do Trabalho – organizações criadas pelo fascismo).

[44] Espaços de *Dopolavoro* foram criados pela *Opera Nazionale Dopolavoro* (Obra Nacional Dopolavoro) com objetivo de formar na população trabalhadora italiana a disciplina e a cultura fascista de obediência às determinações do Estado. A política do Estado fascista, implementada pela OND, se apresentava em três dimensões: educação cultural, educação física e assistência social. Com a expressão *dopolavoro* (depois do trabalho) se compreende a intencionalidade do Estado fascista em estar presente em todo o tempo dos trabalhadores, inclusive nos momentos de descanso e de lazer [N/O].

— Veja só, Dom Conselheiro! O povo ainda conserva, em plena queda do Duce, a demagogia fascista do *dopolavore*...

— É isso mesmo, Cabo. O grande César ainda domina essa massa amorfa e ignara que o vulgo chama de povo... (Deu uma cuspidela e continuou)... A carneirada ainda conserva um cheirinho do aprisco fascista.

E os dois avançavam, em passos cadenciados, pelas ruas de Sacandiano. Estavam contentes da vida e de si mesmos... como se a guerra fosse uma versão hipotética.

Adiante, Zé-Conselheiro agarrou o amigo pelo braço e falou:

— Cabo, tenho notado, pelos lugarejos que passamos, que sempre há uma tabuleta com esses dizeres: *DOPOLAVORE*.

— São restos de um reinado... (Respondi, com um sorriso feliz).

Não completei o pensamento. Conselheiro avançou o sinal:

— Saudades de um passado de fantasias, que hoje está sendo desmantelado na guerra que eles inventaram e não foram homens para mantê-la... (Percorreu os grupos com um olhar feroz e continuou, falando com dentes cerrados)... Uma guerra nojenta, fermentada no caldeirão de um nacionalismo azedo e cabotino.

— Isso mesmo, professor. A sua filosofia é tranchã.

Conselheiro balançou a cabeça e, depois de um longo suspiro, falou, como se reclamasse de um castigo sem culpa:

— E nós não temos nada com essa guerra de merda!

***

Atravessamos uma rua mais larga, em busca de uma *Trattorie* (Restaurante) para matar a sede com um bom vinho.

Encontramos um bar, limpo e alegre, com poucas pessoas. Entramos e tomamos uma das mesas, bem num cantinho, fugindo das incômodas crianças que pediam *rôbbas*.

Zé-Conselheiro fez um sinal e o taberneiro, rechonchudo e corado, correu para nos atender, trazendo-nos dois *bicchiere* de vinho *cavalle*. Era rosado, espumante e saboroso. Mais leve que passo de anjo.

O professor que já se tornara um excelente conhecedor de vinhos, deu uma provadela, estalou a boca e opinou:

— Espumante e dos bons... (Novo gole. Uma pausa e novo estalo explodiu da boca experiente. Os olhos saltitaram de contentamento)... Hum... deve ser safra bem antiga.

E os copos foram se sucedendo. O vinho era saboroso e leve. Entre um copo e outro, nossas discussões prosseguiam. Um assunto pulava para outro, como um copo pulava para outro. Lá pelas tantas, achei na obrigação de fazer alguma defesa da população civil, que rastejava nas misérias das cidades arrasadas.

Zé-Conselheiro não gostou. Levou o copo na boca e, de um gole, foi bebendo... bebendo... até a última gota. Sorvera, com volúpia, o delicioso *cavalle* espumante.

Depois, levantou o copo no ar, inclinou-o e, fechando um olho, examinou o seu fundo.

Deu um estalo exagerado na boca e falou:

— Ah! Está vazio...

Pousou o copo na mesa, com todo cuidado. Encarou o cabo e

balançando a cabeça em sinal de recriminação, foi falando compassadamente:

— Você é burro! Que dói! Ainda não convenceu-se de que não há povo pacífico?... (Passou a mão pelo queixo, limpando restos de vinho que perambulavam, impertinentes, pela barba ruiva por fazer. Aproveitou a umidade dos dedos e começou a riscar desenhos na mesa bem cuidada. Como se falasse consigo mesmo, Conselheiro continuou)... Afinal, quando é que você vai se convencer de que estamos em guerra? Não existe povo pacífico. Jamais!... (E deu uma espetadela, com o indicador, no centro do desenho que rabiscara na mesa).

Eu fiz menção de que ia falar alguma coisa. Abri a boca e articulei a primeira sílaba:

— Foi...

Zé-Conselheiro levantou a mão que riscava a mesa e, sem levantar os olhos, fez sinal para que eu calasse. Deu nova espetada no centro do desenho e continuou as explanações que eu tentara interromper:

— Você tem que se convencer de uma coisa... (E meteu o indicador bem no centro do desenho, um ponto já bem marcado por sua imaginação)... Você tem que convencer, que nós invadimos a terra deles... (E batia, com força, no ponto marcado, na intenção de confirmar o que falava)... Lembre-se que nós invadimos a terra dos carcamanos! E você, seu burroide dos pantanais, não passa de um "invasor" odiado! Tá?... (Novas ferretoadas no ponto invisível e continuou)... Você não quer se convencer que estamos em guerra com os carcamanos fascistas?... Lembre-se que é uma canalha de fanáticos... (E, desta vez, levantando os olhos para o amigo, sentenciou)... Fascista não tem estrela na testa! Cuidado com a pele!

Virou-se para o balcão. Bateu palmas. Gritou pragas em dialeto. Fez sinal para o taberneiro, com dois dedos espichados e, virando-se para o camarada, continuou:

— *Caporale*, isto me faz lembrar uma história da revolução de 32, lá em São Paulo... (Passou a mão ossuda pelo queixo. Ajeitou uma tocha de cabelos rebeldes, teimosos que perambulava pela testa do professor. Inclinou o corpo, em busca de um ângulo para ver melhor o que é que o taberneiro andava fazendo com o vinho pedido. Voltou os olhos para seu amigo e prosseguiu fazendo uma pergunta)... Aonde foi que parei?... (Uma pausa)... Ah! Sim, achei!... Foi na revolução paulista. Um caipira de Itu estava descansando na sua redinha, quando bateram na porta. Era uma patrulha do governo. Um soldado nortista que fazia parte do pelotão e que não gostava de paulista, foi logo perguntando: "DE QUE LADO VANCE ESTÁ, SEU CABRA DA PESTE?" Como todo bom tabaréu de sua região, o coitado respondeu, com a maior simplicidade: "SÔ DA RIVULUÇÃO, XÔ!". Por causa desse atrevimento, o infeliz levou uma surra dos diabos... (Conselheiro fez uma pausa para atender o taberneiro que trouxera o vinho. Encheu os copos. Levantou o dele, passou pelo nariz, com gestos teatrais, procurando o aroma característico de vinho velho. Sentindo-se satisfeito, deu um gole, depositou o copo na mesa. Estalou a boca. Levou o indicador em riste e deu espetadelas no ponto que ele teimava em cutucar. Passou a língua nos lábios e prosseguiu na história)... Dias depois, a região de Itu foi tomada pelos revoltosos paulistas. Uma segunda patrulha bateu na mesma porta. Um praça, também perguntou ao mesmo arigó de que lado ele estava. E o caipira, mais que depressa, respondeu, todo serelepe: "SÔ DO GOVÊRNO, XÔ!" Azar do tabaréu. Lá se foi escoltado, por ser "inimigo" e "traidor" de sua terra. Apanhou como um boi fujão... (Zé-Conselheiro fez uma pausa para dar outro gole no vinho. Parou. Passou a manga do zé-carioca pela boca escorrida do *cavalle* e continuou)... O caipira foi solto, dias depois. Sua carcaça estava fofa de

tanto apanhar de sabre. Dizia, um soldadinho atarracado, que ele era "PÓLISTA TRAIDÔ"... (Novo gole de vinho)... Houve uma carga das forças governistas. A posição fora tomada. A farda cáqui era a mesma. Outra patrulha bate na porta do mesmo rancho, do mesmo caboclo. Quando ouviu a mesma pergunta, o caipirão matreiro não se fez de rogado e gritou, todo contente: "EU SOU D'OCÊS"... (Zé-Conselheiro deu uma gostosa gargalhada. Se sacudiu nos espasmos do riso. Depois, tornando-se sério, como se levasse um choque, levantou o indicador e cutucou o narigão do cabo, dando estas afirmações)... Aqui não tem tabaréu matreiro! Tem carcamanos ladinos, astutos, manhosos... para cada tropa que ocupa a sua zona, o carcamano vai repetindo, sem ninguém perguntar: "SOU DE VOCÊS"... com o sorriso mais cachorro do mundo.

Zé-Conselheiro levantou-se com esforço. Espreguiçou-se, com ruídos de bocejos acumulados. Abusara um pouco do vinho espumante. Mas o bicharedo era duro na parada.

Deu-me uns tapas nas costas e foi saindo.

Eu ainda estava sentado, pensando na sua história.

Conselheiro aproximou-se do balcão limpíssimo. Virou para seu amigo e gritou:

— Eu já paguei, cabo velho... (Discutiu o preço. Voltou novamente para a mesa, falando alto e com voz arrastada)... Pago, porque, quem sabe, você ainda terá oportunidade de pagar outro *cavalle*... (Passou as costas da mão na boca tinta de vinho escorrido. Soltou uma gargalhada e terminou)... Se você não encontrar um carcamano desocupado com uma faca...

E saiu, com passos incertos, pela porta da rua.

Levantei e acompanhei o companheiro.

Na calçada, duas figuras gingavam, nos vapores do espumante delicioso. Não mais andavam com passos cadenciados.

***

Chegamos na praça da matriz.

O povo aglomerava-se, num burburinho de comemorações. Ainda estavam narcotizados pelo nacionalismo fascista.

Zé-Conselheiro, eufórico, ia discorrendo sobre todos os assuntos que o "espumante" avivava na sua cachola. Até poesia já tinha recitado.

O cabo, sempre carrancudo, ia ouvindo seu camarada, sem nada falar. Depois de uma risadinha esganiçada, Conselheiro virou-se para o cabo e falou:

— Sabe? Estou me lembrando daquela conversa da guerra de 18... (Fez um gesto com o indicador apontado para meu rosto, com ares de reprimenda. Levou a mão na boca, para abafar um... HIP!... de soluço indiscreto. Depois empertigou-se e continuou)... Dos veteranos que conheciam as vergonhas da guerra... (Hip!)... da guerra que os generais teimam em fabricar e não deixam os livros publicarem as verdades.... (Agarrou-me pela manga. Deu-me umas sacudidelas no seu desequilíbrio. Levou o indicador no ar e rodopiou o dedo no vazio. Endireitou-se e prosseguiu)... Eu tenho bem aqui, onde estou mostrando, um livro preparado para ser publicado quando nós voltarmos... (Hip!)... Já escrevi, de memória, diversos capítulos... (Hip! E um balanço acompanhou o resto das descrições do livro)... Este livro, os generais não vão proibir... (E balançava o dedinho magriça)... Ah! Isso é que não....

— É isso mesmo, Dom Conselheiro nós precisamos escrever alguma coisa sobre essa porcaria de guerra... (Encarei o companheiro,

esperando sua reação que não veio. Prossegui, mais animado)... Precisamos derrubar, de uma vez por todas, essa xaropada de falsos heróis que rolam por aí...

— Isso mesmo!... (E sacudiu a cabeça e continuou)... A guerra significa a mais vil das empresas humanas... (Conselheiro voltara a ser o que era)... A guerra é um artifício, rancor, mentira e repulsa! É um massacre de mocidade enganada pelas clarinadas fabricadas nas quarteladas... (Sua voz tremia)... A guerra, *caporale*, é miséria nas burrices de generais boçalizados! Dos mesmos generais que se intitulam estrategistas... (Deu uma cuspidela com raiva)... Um estrategista de araque!... (Parou, para tomar fôlego. Tinha dito as últimas palavras, com tanta raiva, que o fôlego se esgotara. Arrancou, com raiva, um fiapo de linha verde que o incomodava, balançando no punho do zé-carioca. Levou-o na boca e começou a mascar. Pousou a mão no ombro do amigo e falou mais compassado)... Steinbeck[45] tinha razão, quando afirmou: "A GUERRA É ASTÚCIA E ÓDIO. GAFES DE GENERAIS INCOMPETENTES! A GUERRA É TORTURA E MATANÇA, CANSAÇO E NOJO!"... (Zé-Conselheiro soltou um suspiro e comentou)... Um homem de coragem, esse meu amigo Steinbeck! Tinha que ser tachado e perseguido como "comuna"... (E balançava a cabeça, no desconsolo de sua exaltação).

Os dois prosseguiram, calados, ruminando as pesadas expressões de escritor atrevido que teve coragem de falar tanta verdade.

Seus passos, agora cadenciados novamente, ressoavam no asfalto. Lá longe, um grito cortou o ar mormacento. Era um participante, mais exaltado, que fora agarrado pelos *partigiani*.

Chamado à realidade, Conselheiro esbravejou, revoltado:

[45] John Steinbeck, escritor estadunidense [N/O].

— Que gente mais canalha! Com tanta morte, com tanta fome, com tanta miséria... e ainda vêm com essa comemoração de *Dopolavore*... (Deu uma cuspidela, com raiva e prosseguiu)... Quá, seu Pascuá! Eita! Carneirada fascista dos quintos.

— Cuidado, seu Zé, eles podem entender...

— Quá! Seu moço. Gringo não entende língua de gente.... (E bamboleava a carcaça, na ginga do corpo magricela)... Eu falo na gíria brasileira e carcamano não entende. Tá?...

— Conselheiro, mudando de assunto, você tem notado a quantidade incrível de *partigiani* que andam por aqui?... (E, pegando meu amigo pela manga da camisa, puxei para que ele moderasse as passadas. Encostando mais, perguntei, sibilando as palavras)... Eles estão de nosso lado?

— Não sei não, Cabo!... (Respondeu-me, com certo ar de incerteza, o amigo que tudo sabia e que não deixava pergunta sem respostas)... Hoje, eles estão deste lado, porque nós fornecemos comida e munição.

— Só por isso?... (E as rugas da interrogação, sulcaram minha testa, deixando mais acidentado do que boca de velha desdentada).

— Sim senhor! Principalmente, por causa da fome!... (E Conselheiro encostou a boca no meu ouvido e gritou)... DE FOME!

Limpei o ouvido e exclamei:

— Poxa vida! Não precisava tanta força!... (Depois, mudando o tom de voz, interroguei)... Então, os *partigiani* lutam de acordo com o vento?...

— Quá!... Você é burro, que dói! Os miseráveis são verdadeiros cata-ventos da guerra. Não sabia? É uma tropa formada das escórias dos restos de guerra... (Fez uma pausa, para acender o cigarro. Tirou

uma tragada e continuou, misturando fumaça com palavras)... São homens perigosíssimos. Perderam tudo. Família, haveres e, o pior, até a honra!... (E, acompanhando com a cabeça os mergulhos de um pássaro que passava assustado, sentenciou)... Eles não são homens. São joguetes da situação. Lutam contra todos e estão contra todos.

— E como é que os aliados vão se arranjar com essa trempe, depois que a guerra terminar?

— É um problema difícil de responder... (Passou a mão no queixo. MMM... Procurou no ar aquele passarinho que fuzilava o vento. Não encontrou o pássaro mas achou o fio da meada)... Não se pode conceber, meu bom cabo, um sistema em linhas de liberdade, neste país que o desenho geográfico imitou uma bota velha.

— Ora, professor! O que é que tem o tutu com as calças?

— Tem muito, xô! Você ainda não entendeu o carcamano... (Encarou seu colega com ar de superioridade e continuou)... Parece que um gênio brincalhão calçou esta península na bota de um gigante, só pra ver seu povo bodejar em centenas de dialetos incompreensíveis. Um povo amante do tacão da prepotência, desde os velhos Césares da Roma pagã.

Dei uma alfinetada sarcástica no professor:

— Ora viva! Os soldados mercenários do dólar, fantasiaram-se de impolutos defensores da democracia!... (E rasguei o ar, num gesto exagerado de cortesia, trazendo os braços lá de cima até se arrastarem no chão, como se fora um cavalheiro de chapéu em plumas).

— Mercenário do dólar?... Por quê?...

Levei a mão à boca, procurando conter o riso de mofa. Conselheiro tinha feito uma cara gozada. Com medo que o velho zangasse,

respondi logo:

— Você não notou ainda, Conselheiro, que somos impulsionados por uma metódica propaganda de liberdade?... (Uma pausa, aguardando o efeito, como se espera nas bombas de retardamento. Achando o momento propício, avancei nas acusações)... De liberdade fingida. Crápula e mentirosa.

— Liberdade fingida, mentirosa?

— Lógico!... (E o cabo destacou bem, as sílabas)... FIN GI DA!... (Encarou bem o professor, estudando as reações de cada sílaba que destacara. E repetiu)... Fingida e bem fingida.

— Ah!... (Exclamou Conselheiro)... Você quer dizer o governo que deixamos no Brasil?

— Claro!

— Agora entendi onde você queria chegar. Na verdade, você tem razão. Nós somos um bando vergonhoso de mercenários, a soldo de dólares. De fato... (deu uma gargalhada gostosa e encerrou nossa discussão com estas palavras)... Lá no Brasil, deixamos um nacional-socialismo-indígena, nas garras de um caudilho risonho, paternal e gozador.

E novas gargalhadas explodiram, ecoando no ar mormacento.

***

As ruas ensolaradas cortavam a cidade, num traçado de grosseira assimetria.

Passava por nós, nesse momento, um grupo de *partigiani*.

Zé-Conselheiro falou:

— Veja a exibição do armamento. São máquinas de defuntos.

Um deles trazia os pentes de balas, cruzados em "X", com arrogante exibicionismo. Outros, portavam metralhadora americana 45.

— Eles matam por causa da menor desculpa... (E cuspinhou, com cara de nojo, deixando escapar uma risadinha de escárnio, quando afirmou)... Basta desconfiar de que é FACISTA...

E continuávamos o passeio, com o passo cadenciado, ressoando nas paredes centenárias do casario carcomido.

Logo adiante, uma voz aflita chamava:

— *Caporale! Caporale!*

Voltamos, procurando o dono da voz ranhenta.

Resmungando alto, deixei escapar meus pensamentos: "COMO SABEM QUE SOU CABO, SE NÃO TRAGO DIVISA NO BRAÇO?".

— Quá! Seu pantaneiro burro! Já esqueceu que o seu capacete tem duas lagartixas, bem visíveis?... (E deu um peteleco no capacete de aço, para confirmar o que falava).

— Hummmm... (Rezinguei, sem responder).

E a mesma voz, antipática de um falsete desafinado, continuava:

— *Caporale! Brasialiani! Aspeta un po!...*

Foi então que notamos a figura magricela, abrindo passagem num magote de crianças. Era um velhinho nervoso, magriça careca e seco. Avançava para nossos lados, gritando e praguejando para os seus.

— Oxente!... Lá vem pedinte... (E virando-se para os lados do velho que se aproximava, gritou)... Vá pros quintos dos infernos, seu velho carcomido duma figa!

— Calma! Professor! Ainda não sabemos o que é que ele quer...

Conselheiro encarou-me com enfado e respondeu, com voz cavernosa, como se viesse de além-túmulo:

— DAI DE COMER A QUEM TEM FOME...

E eu respondi, no mesmo tom de voz:

— DAI DE BEBER A QUEM TEM SEDE!

Os dois soltaram gargalhadas estrondosas. Não esperavam por essa. Depois, refazendo-se, Zé-Conselheiro falou, já mais calmo:

— Também, meu bom cabo, essa gente miserável só pensa com o estômago... (Depois, com olhos matreiros, largou a desculpa esfarrapada)... até Jota Cristo perderia a calma com essa praga de pedintes, não é?

E Conselheiro escorregou um rabo de olho para o amigo, deixando escapar um muxoxo entre dentes.

O velhinho já se aproximava. Vinha resfolegando na respiração difícil de velho asmático. Gesticulava e matraqueava.

— *Permissa, Paisá*... Um fôlego e o peito sibilou na respiração de um apito de locomotiva cansada)... *Ho bisogno di parlare con te*...

E o velho contou uma história de apreensão de sua motocicleta, pelos famigerados partigiani. Tinha sido denunciado como sendo um dos "Capo-Facista" da zona.

Quando Zé-Conselheiro compreendeu as queixas do velho, não conteve a raiva e perguntou, com voz áspera:

— Afinal de contas, seu cretino apitador, quem não foi fascista nesta maldita bota de Garibaldi? Quem?

O velho fingiu que não entendeu e continuou a desfiar um rosário de lamúrias, tão nossas conhecidas.

— Escuta aqui, seu carcamano asmático! Afinal, quem é fascista nesta merda? Já rodei a Itália desde a Calábria até os Piemontes e ainda não encontrei, até hoje, um só fascista... (E levou o indicador no peito do velho, dando-lhe cutucadas na carcaça que assobiava)... Nem um, ouviu?...

Depois, colocando as mãos nos quadris, encarou o infeliz, fuzilando-o com os olhos em fogo.

— Calma, Professor! Assim, você liquida o velho...

Refazendo-se dos impropérios do Conselheiro, o velho esqueceu (ou fingiu que esqueceu) as reprimendas e continuou nos lero-leros da moto.

Naquele inferno de lutas pela sobrevivência, uma das mais poderosas armas era o cinismo.

Cínico, era o homem que comprava cigarros, chocolate, etc. Cínico, era o nojento "cáften" que vendia mocinhas a troco de *robbas*. Cínica, de um cinismo abjeto, era a menina que se oferecia para bater uma "bronha" no brutamontes fardado. Cínico, muito mais cínico, era o praça que aceitava as propostas da menina!

Bem escudado no cinismo, o vovô descambou para as falecias da vida que a guerra lhe impureza, como taxa de sobrevivência.

Lá veio vovô asmático, com choradeiras de famílias, sabendo que os brasileiros eram sensíveis nesse ponto. Queixou-se que tinha em casa, para sustentar, sua velha esposa: a *Nonna* e uma neta *giovanata*.

— Eita, velho desgraçado! Já sei que esse miserável quer vender a neta, para salvar a motocicleta. Mundo miserável!... (Passou a mão pela cara, deu umas fungadelas e prosseguiu)... Essa pestinha encarquilhada não vende a mulher, porque babaca de velha não tem valor...

— Calma, Conselheiro! O diabo não é tão feio quanto pintam...

Vovô asmático, fazendo ouvidos moucos, continuava pedindo, rogando, suplicando. Insistia, para que fôssemos até a sua casa:

— *Nonna* prepara uma *ministra* (sopa) para vocês... Venha, é pertinho...

Eu quis fugir do velho ranheta, mas não pude. Ele agarrara-se na manga do meu zé-carioca, rogando desesperado. Não tive outra alternativa. O velho seco, morrinhento e asmático, conseguira convencer-me.

Com o rabo de olho, procurei socorro com o amigo. Depois, suplicando, pedi:

— Vamos, professor. Nós não demoramos...

Zé-Conselheiro, sabido e matreiro como ele só, não caiu na esparrela. Conhecedor emérito daquelas situações, encontrou uma desculpazinha e escapuliu da enrascada, deixando o cabo sem outra alternativa: acompanhar o velho-asmático de olhos vivos e miúdos.

Fazendo continência e batendo os calcanhares, Conselheiro curvou-se, deu um "TCHAU"... e escapuliu, como enguia, no burburinho de um grupo que passava.

Quando inclinei o corpo para agarrar meu amigo pela manga da farda, já era tarde. Conselheiro tinha escapulido.

Curtindo minha desdita, tive que acompanhar o velho que fungava, que resfolegava como locomotiva velha. Do peito murcho, encharcado de asma e nicotina, deixava escapar chiados, apitos, fungadas.

Na caminhada, ao lado do velho sequinho, fui reparando melhor meu companheiro saltitante.

O vovô matraqueava e gesticulava. Era magro, pequeno, feio. Ligeiramente simpático – pensei. Olhando para ele, eu recordava os tempos que não mais existiam: meus passeios com papai.

O perfil do velho era bem feito. Tinha restos de nobreza e um ligeiro semblante de altivez perpassava pelas frontes encanecidas.

"RESTOS DE UM PASSADO MORTO"... (Sibilou, meus botões chatíssimos).

E os dois avançavam, calados, na cadência dos chiados que o peito asmático ia resfolegando. Entre uma e outra fungadela, o velho tossia seco. Uma tosse cavernosa, roufenha e cheirando à sepultura.

***

Ao longe, bem longe mesmo, um horizonte estremecia no fragor das bombas que arrasavam Parma. "ERA O OITAVO INGLÊS".... (Pensara alto, o cabo que cismava).

Levantei a cabeça para o céu, como se procurasse a fé que não existia. O entardecer era tristonho e umas nuvens negras, silenciosas e agourentas, cobriam de luto uma faixa do céu desbotado.

Os repiques dos sinos plangendo, choravam as Ave-Marias que não tinham mais valor carismático. A centenária capelinha, compenetrada na sua missão de marcar encontro com os fiéis, fingia que ignorava a guerra que tudo liquidava.

E os sinos plangiam, dolentes, sonoros...

Era um badalar melancólico, chamando à vida os que já não tinham alma para se salvarem.

Na tarde morna e vazia, folhas bailavam no ar, devagarinho, com receio de assustar a noite que chegava dos montes.

Como contagiados pelo som dolente dos sinos, os dois homens também moderaram os passos. O velho persignou-se. Fez o sinal da cruz e sibilou orações que o cabo não entendeu.

O cabo levantou os olhos para o céu. Não buscava Deus. Procurava o homem que tinha ficado no Brasil...

Ali, era um matador oficial! Um pistoleiro fardado!

***

Lá longe, a igrejinha teimosa continuava a repicar os sinos, chorando pelo homem que não tinha remissão.

Olhei para vovô asmático, com o canto dos olhos. Meus restos de sentimento ainda buliram comigo. Pensei, desconsolado: "COITADO: TÃO VELHO, TÃO MAGRO, TÃO TRISTE".

Meus botões aproveitaram a deixa e, numa sarcástica comparação, completaram meus pensamentos: "NINGUÉM PODE ADORAR A DEUS E, MUITO MENOS, AMAR A SEU PRÓXIMO, TENDO A BARRIGA VAZIA"... (E soltaram uma risadinha, satisfeitos com a própria citação).

Soltei uma praga, na surdinha, com receio que vovô asmático ouvisse.

***

Lá nos montes azulados, a velha natureza recolhia os trapos do tempo. Preparava o leito para a noite que se aproximava. Num bocejo enorme, a tarde procurava engolir o dia que um soldado não vivera mais.

O trôpego relógio dos tempos, enferrujado e caduco, sacudiu a cortina remendada dos séculos. O tic-tac procurava encobrir o cenário doloroso das saudades que sufoca, das saudades que soluçam.

No ambiente calmo e vazio, o velho asmático não era mais o mesmo. Quem falava comigo, agora, era um homem de maneiras finas, olhar penetrante, senhor de suas palavras e de seus gestos. Não estava mais descontrolado. Não mais representava o papel asqueroso do paisá impertinente.

Vovô passara a falar um italiano limpo, claro, com ligeiro sotaque francês. O italiano que tanto embelezava sua rica região.

Distraído com as explicações do velho, não reparei que, em nossa companhia, a sombra de silêncio aproximava-se, cautelosa, envolvendo tudo.

A sombra envolvia tudo, num domínio absoluto.

A cidade sofrera combates de rua em rua. Exibia, numa cruel nudez, os efeitos das rajadas. As poucas árvores que sobraram, desfolhadas, espetavam galhos retorcidos, que alfinetavam o ar pesado. Era um complemento na paisagem triste.

E a capelinha, teimosamente, ia badalando tristonhos gemidos, num replicar dolente, compassado, de soluços seculares.

Chorava a cidade que agonizava com o dia.

Uma força fez o cabo levantar os olhos para o céu.

Não era bem uma força. Era uma voz.

O cabo inclinou a cabeça para ouvir melhor. "INCRÍVEL"... (Pensou com os seus botões)... "É A VOZ DO CONSELHEIRO!"...

E o mato-grossense escutou, perfeitamente, o sibilar de salmos que o bom amigo gostava de citar: "SE ALGUÉM DERRAMAR O SANGUE DO HOMEM, PELO HOMEM SE DERRAMARÁ O SEU; PORQUE DEUS FEZ O HOMEM SEGUNDO A SUA IMAGEM"...

Sem querer, o cabo repetiu: "GÊNESIS, CAPÍTULO 9, VERSÍCULO 6"... Depois, todo assustado, virou-se para vovô asmático, com receio de que o velho tivesse escutado. Deixou escapar um suspiro de alívio. Você ruminava seus próprios pensamentos, mascando na boca chupada por falta de dentes.

E o cabo, sorridente, tocou de leve no ombro do vovô, satisfeito porque o velho não atinara com suas citações bíblicas. O cabo era um "famoso guerreiro", não podia ser confundido por um "papa hóstia" qualquer.

Num sussurro de aragem vadia que a tarde empurrara, lá dos montes azulados, uma voz cantava, acariciando os cabelos brancos do velho raquítico e cismarento.

E a brisa cantava:

Se não houvesse mais poderosos

numa guerra de extermínio
poderia encontrar, por ventura:
— "Uma força sem domínio"?

Há muitas mãos esqueléticas
e muitas mãos são famintas,
que rastejam, sem oração.
Imploram: "POR PIEDADE"
ao praça: "POR CARIDADE"
imploram, migalhas de pão...

***

Assustado, parei. Corri os olhos em volta e perguntei, alvoroçado, aos meus botões chatíssimos: "SERIA A VOZ DA GUERRA?"...

Naquele primeiro de maio, em Scandiano, duas figuras eram tragadas nas sombras do dia que morria. Ouvia-se, aqui e ali, o burburinho esfarrapado da ralé que fervilhava na praça. Eram pedaços de palavras, trazidos pela brisa da tarde morna.

Muitos, mais exaltados, vestiam farda à "Garibaldi".

"VESTÍGIOS COMUNISTAS"... (Explicara-me, mais tarde, Conselheiro).

Os tais garibaldinos, em arroubos de valentia, davam vivas, gritos, urros, acalentados pelos bafos dos vinhos *cavalle*, misturados com a fortíssima *grappa*.

Dentro do peito comichando de calor, meus botões rezingavam sem parar. Numa das vezes, pude ouvir: "ESSES PORCOS CHORAM COMO MULHER DESPREZÍVEL, O FACISMO QUE NÃO SOUBERAM DEFENDER COMO HOMENS"...

Foi mais tarde, num dia quente, na mesma *tratorie* de sempre, que meu amigo professor me explicara o fenômeno "garibaldino":

— Cabo, isso tudo é uma pantomina. Há interesse dos aliados, por baixo disso... (Uma pequena pausa, um gole do *cavalle* e terminou suas explicações, dando uma piscadela matreira)... Para, com mais facilidade, liquidarmos o tal fascismo.

— Eu não tinha pensado nisso.

— Você nunca pensa em nada!

— Tem razão, Dom Conselheiro.

— Essa boçalidade "garibaldina", nada mais é do que valentia retardada... (E deu uma cuspidela, com cara de nojo).

— O que é isso?

— É o substituto animal, dos fracos. Ela é muito mais abjeta do que a covardia do momento...

E nada mais disse, porque nada mais havia para dizer.

***

Pelas ruelas tortuosos de Scandiano, dois vultos caminhavam, silenciosos e sem pressa. Iam de passos lentos, como se procurassem, propositadamente, retardar os segundos inexoráveis. Os miseráveis segundos dos destinos da guerra.

O cabo escorreu a vista para o chão. A rua era calçada com pedras desiguais, encardidas, lembrando uma colcha de retalhos.

Nas casas, desmanteladas pelos bombardeios, aqui ou além, os horrores das lutas exibiam-se, com doses carregadas de sadismo.

Como se tivesse medo de acordar o velhinho que fungava nos pensamentos, o cabo tocou, de leve, no ombro do vovô asmático e falou:

— *Ma come! Tutto distrutto?* (Mas como? Tudo destruído?).

— *Si! Cannoni brasiliani!* (Sim! Canhões brasileiros)... (E o velho forçou um riso amarelo, como se procurasse pedir desculpas por ter sido arrasado por nós).

Engoli em seco. Não esperava aquela resposta: seca, intrínseca, pornográfica de verdade.

O sangue não subiu na cara deslavada do bororo porque ele não mais conhecia o bicho vergonha no front. Era objeto de luxo. De muito luxo.

Logo adiante, paramos. Era a casa do vovô asmático.

Por um desses milagres que se compreende, a casa estava em pé. Somente os buracos na parede, lembravam as rajadas das metralhas.

Na porta encardida, havia um pequeno orifício, de onde pendia um cordel seboso. Vovô asmático puxou pelo cordel e a porta abriu, rangendo nas dobradiças carcomidas.

Tive a impressão que a porta deu uma gargalhada e escancarou-se.

Admirado, perguntei:

— Como, não tem chave?

— Não! Não tem ... (E, novamente, o sorriso amarelo, pedindo desculpas por ser inimigo e eu o invasor. Piscou repetidas vezes, deixou escapar um cacoete nervoso e prosseguiu)... É proibido pelos *partigiani*... (E abaixou a cabeça, como se estivesse acanhado pela revelação).

Entramos.

Uma sala de estar, pobre, mas confortável, nos acolheu. Cadeiras aqui e ali, com seu estofamento surrado pelo uso, estavam dispostas, num desleixo proposital, arranjadas por mãos femininas. Estavam quietas, caladonas, compenetradas no silêncio dos segredos caseiros. Elas sabiam ser caladas, guardando no brilho do uso, o que a curiosidade não pode saber.

Um leve arrepio percorreu o corpo do *caporale*. Foi sacudir sua farda empoeirada e estatelou-se no âmago do bicho que fora homem.

Eram recordações da casa que deixara na terra distante.

Fora apenas uma fração de segundos.

Vovô asmático tocou no braço do xavante fardado, como se tivesse medo de acordar as sombras das saudades que dormitavam no peito guerreiro. O velho tinha receio de acordar, repentinamente, o *caporale* que só sabia matar.

Admirado, encarei o velhinho que me puxava. Enruguei a testa, num gesto interrogativo e pensei alto: "SERÁ QUE ELE COMPREENDEU MEUS PENSAMENTOS?"

Nunca se soube.

Acompanhando-o, entrei na sala de jantar. O mesmo ambiente modesto, sóbrio e acolhedor. Tudo cheirava família!

Móveis simples, respirando idade avançada, tomavam conta dos espaços, como senhores de seus domínios. Sobre um console de lareira, ladeado por duas jarras barrigudas, estava um relógio. Era pesadão, baixote e de voz grossa. Marcava os minutos com preguiça. Seu mostrador de porcelana trincada, embaralhava os números romanos,

em rodopios de querubins rechonchudos, rosados e moleques. Era um exagero de adornos, desenhos e flores.

Paredes nuas, desbotadas, mostravam os anos de abandono.

No silêncio da casa, a sombra da sobrevivência ressonava em cada canto, dormitando em guarda, pronta para o bote de defesa.

Sentia-se no ar centenário, o arfar de uma respiração despida de sentimentos, emporcalhando o ambiente que fora um lar. Era o comércio da guerra, exalando podridão pelas garras imundas.

Na porta que dava para um quarto, um cortinado encardido balançava na aragem que vinha da janela. Pela cortina transparente, via-se, como sombra, a indecisa figura de uma *giovanata*. Estava lendo, deitada numa cama.

Voltei-me para o vovô e pedi, sem muita convicção, um copo d'água. Eu tinha que falar qualquer coisa.

A pequena sala de jantar, modesta e limpa, logo me cativou. O ambiente era acolhedor. Um cheiro gostoso de família, fez amolecer os nervos do *caporale*. Lentamente, foi relaxando-se, como se entregasse aos efeitos de um anestésico a tanto aguardado.

— Sente-se, *caporale*... (Pediu o velho, puxando uma cadeira).

Derramei um suspiro. Deixei o corpo cair na cadeira encardida pelo uso e pelo tempo. Um arrepio gostoso, molenga, comichando a pele, fazia cosquinhas nos pelos, como se mãos habilidosas de um massagista ia amaciando os nervos do *caporale*.

O velho puxou outra cadeira e sentou-se, deixando escapar um profundo suspiro, como se viesse de uma longa viagem. Um ruído característico de juntas enferrujadas e um "Opa!" de alívio, completaram

as felicidades do velho cansado. Depois, batendo as mãos nos joelhos ossudos, encarou o cabo e, pedindo licença, gritou:

— *Nonna! Venire, Nonna!* (Vovó, venha Vovó)... (Uma pausa para tomar fôlego no peito que arfava no chiar da dispneia que o sufocava. Pigarreou, procurando esconder os ruídos dos pulmões e prosseguiu, sempre gritando, porém com voz adocicada)... *Venire, Nonna! Presto*!

Uma voz de mulher, respondeu lá de dentro. Voz de mulher cansada:

— *Ecole!...*

Passos aproximando. Chinelas arrastadas.

Na porta que dava para uma área, apareceu uma velha. Com fisionomia assustada, enxugando nervosamente as mãos num avental desbotado. Aproximou-se, trêmula. Mascava as gengivas sem parar. Seu corpo franzino, seco e ossudo, transparecia na falta de roupas que a guerra lhe tirara.

O cabo olhou, indiferente. Eram cenas por demais repetidas.

"A MISÉRIA MUITO REPETIDA, CANSA! CHATEIA! ENOJA!" ... (Resmungaram meus botões, abafados no peito que não conhecia muito o asseio. Ainda ouvi as últimas reprovações)... "DEIXA DE SER HUMANA, PARA SER ASQUEROSA".

Sacudi a cabeça, como se procurasse expulsar as últimas palavras de meus chatíssimos botões.

Com olhar vago, indiferente, encarei a vovozinha que tremia.

"SIM!" ... (Pensei)... "TINHA QUE TREMER! EU SOU O INVASOR!"

Um chiado mais forte do peito esquelético de vovô asmático chamou o cabo à realidade.

Apertei os olhos e procurei dar um ar amistoso à vovó que se retorcia nos trejeitos do medo, esfregando as mãos no avental como se procurasse esconder seu nervosismo.

Seu vestido esgazeado pelo tempo e pelo uso constante, procurava encobrir, dentro dos limites dos remendos, o que o pudor da velhice mais exigia. Sua cabeça estava amarrada com um pano que fora lenço. Seus cabelos de um branco embaciado, emblema dos maus tratos, escorriam em fios de prata ordinária. Estavam enrodilhados, no cocuruto, em um coque desbotado. Seu rosto. Seu rosto murcho, como jenipapo, ficava mais chocho, na boca franzida de gengivas desdentadas.

Procurando animar sua companheira, o velho falou:

— *Nonna, caporale buono giovanato*... (E novo sorriso amarelo, para meus lados, desculpando-se da nudez velhaca que os trapos não encobriam. Puxou um pigarro, tossiu, deu uma chiadela de locomotiva que vai partir para o desconhecido e continuou)... É um *capo* amigo que vai nos ajudar a reaver nossa motocicleta.

Encabulada, a velha aproximou-se. Estendeu a mão gelada e apertou a minha. O cabo recebeu um choque. A mão era fria, magriça, áspera e cadavérica. A velha mastigou nas gengivas sanguinolentas de antiga piorreia, as palavras corriqueiras das apresentações.

Virou-se para o marido e disse qualquer coisa em dialeto. O velho não gostou. Dialeto não se falava com forasteiro perto. Era falta de educação.

Vovô amarrou a carranca, respondeu em italiano que não compreendia dialeto e que só se falasse italiano em minha presença. Depois,

virando-se para o cabo, todo maneiroso, explicou que a velha tinha falado em dialeto, receosa da neta. Havia perguntado se a moça deveria permanecer no quarto ou se devia esconder-se.

— Minha neta, cabo... (Explicava vovô asmático)... É a única sobrevivente de uma família de cinco filhos... (Sempre forçando um sorriso que não havia de encontrar nos cantos da boca murcha, vovô prosseguiu)... minha *giovanata* é a única *ragazza* de *Nonna*... (balançou a cabeça)... Só temos essa *bambina* no mundo... (Uma lágrima deslizou pela face enrugada. O velho passou a manga da camisa nos olhos. Deu umas piscadelas para expulsar as outras gotículas que teimavam em brotar nos olhos opacos. Aprumou-se nuns trejeitos desengonçados e continuou)... Para não entregar minha neta ao *capo* dos *partigiani*, é que deixei levar minha motocicleta. Compreendeu? ... (Inclinou a cabeça, deu uma espiadela no quarto de cortina encardida e rala. Lambuzou o ar com um olhar de veneração e continuou, com voz trêmula pelas revelações)... Minha neta tem 18 anos. É normalista. Estuda com professora particular. Não sai para lugar nenhum. Não deixamos. Ela é virgem!... (E levou a mão na boca, com assombro. Vovô asmático tinha pronunciado a palavra tabu do mercado-negro: VIRGEM! Derrubava-se barreiras. Enfrentava-se a morte. Destruía-se tudo. Tudo! Para se conseguir uma virgem! Ela valia ouro. Ela abria todas as portas! E vovô asmático sabia disso. E tinha medo disso).

— *Mama mia*!... (Balbuciou vovó)... *Dio, tantti grazzia!*...

E com mãos postas, vovozinha ia desfiando um rosário de exclamações! Seu homem havia cometido uma indiscrição. Suas vidas perigavam. Não haveria mais sossego. Haviam descoberto seu segredo, guardado com sete chaves.

— *Vergine*!... (Exclamou o velho, levando as duas mãos no rosto e deixando os soluções explodirem)... *Santo Dio*!... Até quando?

A cena fora rápida. Muito rápida. A guerra não parava. Não podia parar. Quem fosse mais vil, mais infame, mais amoral, teria mais chance de sobreviver. E vovô sabia disso!

O velho se refez. Levantou a cabeça. Seus lábios murchos, tremiam. Derramou um olhar desesperado para o *caporale*, como se ele fosse o único homem, no mundo, capaz de salvar sua neta.

Voltou a encarar a mulher, estatelada nas revelações. A vovozinha também tinha os olhos marejados, saltitando nas órbitas encovadas. As lágrimas banhavam os sentimentos a tanto contidos.

Depois de um suspiro reprimido à custo, vovô chamou:

— Yélis, venha cá. Quero que você conheça nosso amigo *capo*.

Era o avô, no desespero de reaver sua motocicleta. Tinha somente um trunfo nas mãos murchas de velhice que se acanalhava. A sua motocicleta, era *o* único meio de alimentar a família, já bastante desnutrida.

— Venha, Yélis... (Chamava o avô, numa voz mansinha, como quem chama um cachorrinho querido, para o sacrifício de uma hidrofobia sem esperança).

Também sem esperança, sua neta contraíra a hidrofobia da guerra e de seu mercado negro: VIRGINDADE.

— Venha Yélis, venha conhecer o nosso amigo, cabo brasileiro...

Era o homem necessitado que falava. Era o chefe de família, lançando sua última cartada, para uma causa inadiável: sobrevivência!

O ambiente era pesado, na expectativa do encontro.

Procurei a velha com os olhos. Trêmula, submissa, esfregava as mãos no avental encardido, mastigando gengivas de lábios murchos.

Um tic-tac vagaroso, rabugento e nervoso, escapava do relógio. E o pêndulo enforcado na caixa encardida, badalava no ritmo dos minutos eternos. Havia uma cadência combinada no tic-tac e no resfolegar asmático do velho que tremia.

Na porta que dava para o quarto, uma *giovanata* puxou a cortina sebosa. Estacou, sem ação nem reação. A guerra tirara tudo. Por uns tempos, permaneceu com o cortinado encardido na mão crispada. Seus olhos perambulavam, na curiosidade própria da idade.

Yélis estava calada.

Corria os olhos no *caporale*, devorando-o nos cálculos da virgindade ameaçada. A carne falava mais forte do que o cérebro.

Yélis não pensava. Yélis lutava para viver.

Todas as Yélis da Itália. Todas as Yélis do mundo. Todas!

— *Venire, bambina*... (Como se rogasse, o velho chamava a neta. Convidava sua alma para se jogar na lama das imundices).

A moça continuava agarrada na cortina encardida, como uma estátua. Somente os olhos tinham movimentos.

Parece que a moça pensava: "O MALDITO *CAPO* INVADIU MEU LAR. MEU DIA CHEGOU!"...

Será que Yélis pensava? Não! Não pensava! Não podia pensar. As Yélis da guerra não podiam pensar. Tinham que sobreviver!

O cabo tentou um movimento qualquer. Não conseguiu. Estava estatelado, admirando a *giovanata* que os miseráveis dos *partigiani* lhe jogaram nos braços.

O chiado nervoso do peito esquelético cortava o ar, numa respiração de peito canalha. Era a velhice prostituída nos espasmos da sobrevivência, sacrificando jovens por uma migalha de pão. Velhice desprezível, murcha e acanalhada. A velhice que mantinha prostíbulos e vendiam suas netas em troca de um pedaço de pão. A velhice que não teve a coragem de aceitar a morte que já era a sua companheira de jornada.

E o ritmo do relógio lambuzado de misérias, marcava as cadências que o velho expelia na dispneia de um peito que não teria mais coragem de bater pela sua neta querida.

E, as lágrimas que a velha não deixara escapar, se não as vi, foram muito mais amargas, porque caíram sobre a alma que chorava.

Pobre vovozinha de Scandiano.

Choram, até hoje, as vovozinhas do mundo.

Novamente o cabo recordou das parábolas do velho Conselheiro. Repetia, num sibilar de lábios: "JÁ ERA SOL POSTO; E JACOB TOMOU DAS PEDRAS, FÊ-LA SEU TRAVESSEIRO; DORMIU E SONHOU: EIS POSTA NA TERRA UMA ESCADA, CUJO TOPO ATINGIU O CÉU; E OS ANJOS DE DEUS SUBIAM E DESCIAM POR ELA"...

Meus botões deram saltinhos diabólicos, no peito que fingia ser humano. Depois, falaram com voz cavernosa: "CAPÍTULO 28, VERSÍCULO 12, DO GÊNESIS"... (Deixaram escapar mais risadinhas satânicas e avançaram na contestação que massacrou o cabo)... "SÓ QUE NÃO SÃO ANJOS QUE SOBEM NAS ESCADAS DO SONHO DE JACOB"... (Outras risadinhas como se antegozassem a vitória)... "SÃO

DEMÔNIOS QUE FORAM VOVOZINHOS ASMÁTICOS E CABOS GUERREIROS"...

Rasguei o silêncio que se fizera, com um pigarro, procurando evitar que os outros também escutassem meus botões chatíssimos.

***

Como o vovô asmático havia explicado, no trajeto para a sua casa, a tal motocicleta era o seu único ganha-pão.

— E a gasolina?... (Eu perguntara, procurando não aparentar minha admiração).

Ora, a gasolina. Que pergunta ingênua eu fizera.

E o mercado negro? Para que servia?

Aos trambolhões da garganta sufocada pelo pavor das revelações, vovô ia contando, como podia, as perícias da gasolina. As dificuldades das explicações eram provocadas, também, pela asma que aumentava nas lancetadas das emoções.

E, às vezes, deixava escapar uma expressão regionalista, com termos incompreensíveis, para embaralhar o *caporale* abelhudo.

***

Na sala se fizera um silêncio pesado.

Escorria do teto, um espectro das sabujices humanas.

Era um silêncio vil, asqueroso, que compactuava com o velho que vendia sua neta por uma motocicleta. Um silêncio asqueroso, balançado nos lances do comércio dominado pela luxúria da guerra.

Eu ia dizer qualquer coisa, quando a voz acanalhada de meus botões fizera-me calar. Agucei o ouvido. Lá vinha, derramado num linguajar baboso, escamoteado na safadeza, mais um salmo que tanto Zé-Conselheiro gosta de recitar: "E OLHOU PARA SODOMA E GOMORRA E PARA TODA TERRA DA CAMPINA, E VIU QUE DA TERRA SUBIU FUMAÇA, COMO A FUMARADA DE UMA FORNALHA"... (Novas risadinhas acanhadas).

Sem querer, eu repeti alto:

— Gênesis, capítulo 19, versículo 28... (E deixei escapar um sorriso de vitória, como acontecia quando eu respondia para Conselheiro).

— O que foi que você disse, *capo*?... (Perguntou, com voz sumida, o velho que me encarava com assombro).

Dei um estremeção. Ele me pegara com a boca na botija. Sacudi-me na cadeira e pigarreei desenxabido, sem saber o que responder. Eu tinha cometido uma gafe tremenda.

— Falou alguma coisa, *Caporale*?... (Tornou a perguntar vovô asmático, esparramando uma cara murcha, o riso amarelo que mais o acanalhava).

Eu desculpei qualquer coisa e vovô fingiu que acreditara.

A situação era embaraçosa para todos.

O velho levantou os olhos como se procurasse forças e falou, com voz compassada, para a neta calada. Contou que já havia explicado tudo ao *caporale*, sobre o romance da motocicleta.

Yélis continuava calada. No silêncio dos lábios os olhos falavam e o cabo compreendia. O bandido fardado também sabia ler olhos.

A moça não podia compreender, por que, seu avô que tanto a poupara, entregava-a, agora, com tanta insistência, para os braços de um cabo brasileiro.

Com voz sumida, um tanto acovardada (de remorso tardio?), o velho chamou sua neta:

— *Venire, bambina, caporale buóno*... (E deixou escapar um tic nervoso, que foi morrer nas pontas dos dedos cadavéricos).

Lá no fundo, bem pertinho do coração que não tinha mais sentimentos humanos, os meus botões voltaram à carga: "É O RESTO DE GUERRA: O VELHO CARCOMIDO QUE CHAMA SUA NETA... ENFRENTANDO A FORÇA DA MESMA GUERRA: O CABO SUJO QUE COMPRA A MOÇA POR UM FAVOR!".

Apertei os lábios, cerrei os dentes e xinguei, com ódio, os botões que gargalhavam, protegidos pelo capote empoeirado.

***

À noite, nos braços da normalista ultrajada, o cabo saciava seus instintos que a linha de fogo teimava em sufocá-los.

Já madrugada alta, com o silêncio afogando sentimentos e paixões, o cabo ia sibilando pensamentos esparsos:

— Talvez eu precise de seu amor. Não sei... (Passava a mão nos cabelos da *giovanata* violada na barganha de uma motocicleta. E continuava falando, com voz macia, como tivesse medo de assustá-la)... Um homem precisa de amor, de carinho, de mulher... (E deu um aperto mais forte na cintura que abraça)... Um homem morre de tédio como da falta de amor... de mulher... (Novos carinhos. E a mesma voz, melosa e sibilante, prosseguia)... Até parece que as entranhas da gente vão se contraindo, vão se acabando, vão se desfazendo, quando não temos

mulher... quando não sentimos esse cheiro... quando não abraçamos mulher... (Uma pausa. Um fôlego)... O peito vai ficando seco... (E novamente apertou a menina, trazendo-a mais perto do peito, com medo que lhe escapasse dos braços sôfregos de carinhos).

A penumbra da noite tudo engolia.

Não se via nem a fisionomia canalha do cabo que violava donzelas, nem se notava a estagnação no semblante da moça que não podia entender seu avô.

A noite tudo engole. Até a cama que sacrifica virgens!

Somente os corações palpitando forte, deixavam rastos de vida na escuridão silenciosa.

E o cabo continuava, embevecido nos perfumes que só a mocidade exalam:

— Sem amor, o peito vai ficando seco, seco, cada vez mais seco... O coração mais parece uma pedra de pilão, ressoando, lá dentro, com pancadas surdas... (uma pausa, um beijo na cabeleira negra da *giovanata* que fora sacrificada. E as queixas continuavam, não importando que a garota entendesse)... eu me sinto tão só, tão abandonado, tão esquecido...

Uma dormência tomou conta do cabo.

Esgotado, seus olhos fecharam. Na respiração descompassada dos que se entregam na derrota da luta, o cabo embaralhou as últimas palavras no ressoar que iniciava. Dormia.

Pela janela, um luar pálido, covarde e silencioso, começava a iluminar as ruas antiquadas da velha Scandiano. O vento cantava, de leve, nas esquinas da vida. Não sabia que daquela janela exalava a catinga do macho saciado.

E o vento continuava a cantar. Era um vento calmo, leve e saudoso. Ele também, tinha saudades do tempo em que inebriava homens. Hoje, coitado, só lambuzava caras de soldados imundos.

O vento suave, enfrentando os desvãos da guerra, era de muita coragem. Muito mais corajoso do que a lua.

Também, pudera! O vento é homem e a lua é mulher.

Só que a lua não tem avô asmático!

***

No outro dia, na *trattorie* dos bons espumantes, contei o caso da normalista para Zé-Conselheiro. Contei, com minúcias de sadismo.

O professor olhava-me pensativo. Deu um gole no vinho gostoso, descansou o copo na mesa, apertou os olhos e começou a falar:

— Para um vovozinho asmático, seco e fininho, é muita coisa. Muita coragem!... (Uma pausa. Uma tragada. Um gole em cima e prosseguiu)... É muita coisa para um velho como aquele treme-treme... (Passou a mão no queixo. Um barulho de lixa cortou o silêncio. Sua barba era de dois dias. Encarou-me bem nos olhos e falou)... Onde você encontra tanta indignidade para aceitar uma proposta dessa?

O cabo articulou uma resposta. As palavras morreram nos lábios. Abaixou a cabeça, encarou um ponto escuro no piso bem limpo. Passou a bota no chão, como se limpasse um escarro.

Estremeceu, quando ouviu seus botões chatérrimos falando, uns com os outros, como se não quisessem que o cabo escutasse: "SIMPLES, MUITO SIMPLES MESMO!... (E uns chiados de risadinhas safadas)... UMA VELHA MOTOCICLETA VALE MUITO MAIS DO QUE VINTE DONZELAS DE VELHOS ASMÁTICOS!".

O cabo olhou escorrido para seu amigo, com medo que ele escutasse. Zé-Conselheiro estava dando um último gole no seu *cavalle*. Nada escutara. Depois começou a falar, como se não tivesse interrompido:

— Não, não, não!... (E balançava, em sinal negativo, a cabeça bem feita e sempre altiva)... Não é cinismo, meu amigo *caporale*. É a realidade. A dura realidade da guerra... (Novo gole, um estalido na boca e voltou)... O velho pensou muito, antes de jogar a neta em seus braços...

— Não entendo aonde você quer chegar.

— Não entende porque não quer, xô! Então você banca o caipira sabido: CORTA O PAU, FAZ A GAMELA, COMPRA MOÇA, DORME COM ELA... e ainda vem me dizer que não entende nada?... (Levou o indicador na minha cara e falou)... Ele pensou muito, muito mesmo, antes de jogar a neta para você. O velho sabia, muito bem, que a neta era o último trunfo que dispunha para viver.

— Mas o vovô asmático lutou tanto para conservar sua neta pura. A opinião dele era irremovível.

— Cabo, fique sabendo que somente os tolos e os mortos, nunca mudam de opinião... (Deu uma nova tragada. Soltou, bem devagar a fumaceira azulada e continuou)... Entre você e um *partigiani*, ele preferiu o cabo brasileiro, porque você é estrangeiro... (Outra pequena pausa. Apertou mais uma vez os olhos, procurando, lá fora, o futuro que fugia apressado)... Nunca mais você aparecerá na vida deles. Entendeu?... (Pegou o copo, deu um gole bem grande. Seu gorgomilo de magricela rodopiou nos goles ávidos. Parou, passou as costas da mão na boca que escorria vinho e continuou)... Um *partigiani* daqui, sempre presente, depois da guerra, seria, para o velho asmático, um estigma maldito, ao recordar a barganha imunda que desgraçou sua neta *giovanata*...

— Mas conselheiro...

— É isso mesmo! Com vovô asmático, a *LA BELLA GIOVANATA HA FATTO UN MIRACOLO*... (Um balancear de cabeça. Um gesto descontrolado. Um trejeito nervoso e Conselheiro continuou com voz pausada)... com cinco anos de guerra, não há cristão que aguente! O velho já havia conseguido muito milagre, conservando sua neta *giovanata* com 18 anos de virgindade... (Encarou-me, levantou o copo num gesto de saudar e falou)... Saúde, pelo cabaço de uma normalista trocada por uma motocicleta! Saúde... (Repetiu)... Nem meninas de nove anos, nesta merda de guerra, conseguem viver virgem... (Ainda deixou escapar um sorriso amargo, antes de levar o copo à boca e esvaziá-lo até o fim).

No sorriso amargo de meu velho companheiro, estava estampado todas as misérias que levaram as famílias honestas a prostituírem suas filhas por motivos honestos!

Antes de levar meu copo à boca, ainda pude ver o sorriso amargo que Conselheiro deixara escapar. "DEVE SER O SORRISO ÁCIDO, DAS LUTAS DO FRONT", pensei, amargurado. Era um sorriso que tinha consumido a pouca reserva de bom humor do meu velho Conselheiro. Eu balançava a cabeça, penalizado e continuava a estudar meu camarada, enquanto ia virando o copo de vinho espumante. E ia pensando e ia bebendo. E bebia e pensava: "O TEMPO VAI COMENDO TUDO... DEIXANDO-LHE, APENAS, RESÍDUOS AMARGOS DE UM ESPÍRITO QUE TEIMA EM NÃO MORRER DE TÉDIO, DE NOJO, DE REVOLTA!".

Zé-Conselheiro tinha esvaziado o copo.

Bateu o fundo do copázio na mesa bem limpa e praguejou qualquer coisa que não entendi.

Tirou a carteira de cigarros do blusão-gravidez. Apalpou, com

ânsias, em volta da cintura. Procurava fósforos. Ele sempre esquecia os fósforos.

Eu gostava de ver meu velho camarada resmungando, em busca de um fósforo que não trouxera. Estendi a mão e passei a caixa que estava comigo.

Agradeceu num resmungo. Tirou um palito, acendeu, e jogou a caixa de fósforos na mesa. A chama tremulava no palito. Com calma estudada, Conselheiro batia o cigarro na mesa. Levou-o à boca e acendeu-o. Balançou o palito e atirou-o, num peteleco, num canto do salão. Chupou o fumo com sofreguidão. Engoliu uma tragada gulosa e fez a fumarada retornar, num esguicho que lembrava uma seringada de água de anil. Encarou-me com descuidado interesse e falou:

— É duro?... Ora, não seja puritano. Sua normalista vale muito mais do que uma moto de velho asmático. Mas é a verdade desta guerra que arrasa nossos nervos. Eu sei, também você sabe... (Mudando o tom de voz, saiu com esta explicação)... Cabo, no Brasil, isto cheira a romance de mau gosto. Ninguém acredita. É conto da carochinha, dirão com sorriso de mofa. Isso não existe, nem nunca existiu... (nova tragada no "americano" gostoso. Um tamborilar na mesa bem limpa. Um olhar perdido, buscando os minutos que a guerra aniquilava. Um cismar e um suspiro)... Isso nunca existiu...

Eu estava calado, massacrado com tanta verdade.

Minha normalista Yélis não saía de meu pensamento: meiga, mansa, servil... Ingênua, pura, limpa.

— Limpa de corpo e alma... (Exclamei, pensando alto).

— O que foi que você falou?

— Nada, Conselheiro, nada!

— Han... n... n...

Na lombardia, mais uma donzela fora vendida no leilão da guerra.

Zé-Conselheiro bateu palmas, soltou pragas, pedindo novas doses.

Levei um choque. Estremeci. Meus sonhos esbroaram-se. Eu já tinha começado a despir, no pensamento, a pequena que eu despira na véspera.

O canalha não estava satisfeito. Continuava, com sadismo, a violar a bela normalista que caíra em suas garras de pistoleiro fardado.

Zé-Conselheiro continuou, como se nada houvesse interrompido suas explanações:

— Você foi apenas o agente. A motocicleta foi a mercadoria que mantém a bolsa da guerra... (Uma tragada, um olhar perdido e as comparações continuaram)... e Yélis, coitadinha, foi apenas a moeda na transação... (Um esguicho que foi borrifar lá na calçada)... A desgraça toda desta história, seu pantaneiro carcomido, é que a moeda era virgem.

Deu um soco na mesa. Emudeceu, como se chocasse com as últimas palavras. Um silêncio caiu sobre os dois.

Um silêncio que a própria guerra respeitou.

***

E nós pagamos hoje, o silêncio amargo das recordações, o preço que a glória não cansa de cobrar:

"Um grito de nojo, um brado de revolta!"

Sufocamos, na garganta, um grito de nojo, aos falsos ídolos dos exércitos assassinos.

Asfixiamos no íntimo o brado de revolta contra os heróis fabricados e que a história não conta.

Heróis de Barro! De barro humano:

... que faziam filas, saciando-se nas mocinhas púberes.

Heróis de Barro! De barro imundo:

... aos magotes, satisfazendo-se nas vaginas estraçalhadas, das meninas que foram puras.

Heróis de Barro! De barro podre:

... molambos fardados que chafurdavam no sangue de donzelas puras, a sua gama de virulência libertina.

Pobre herói.
Herói do escarro!

Uma bela normalista
foi comprada por soldado.
Era pura, sem malícia
resguardada com cuidado.

Vovozinho carcomido
escondia sua neta.
Procurou o *caporale*
numa troca abjeta.

Sua pobre vovozinha
gaguejava, soluçava.
Era toda chupadinha
sem vontade, concordava.

E a bela normalista
seu corpinho traficou.
Cabo velho, por vindita
a menina deflorou.

Um herói foi aplaudido
num desfile militar.
Mil donzelas, num gemido
estupradas num altar.

É assim, a vil história
que os livros não contaram.
Meninas, moças e velhas
os bandidos seviciaram!

CAPÍTULO XXIII

FILHOS VALENTES DE TRIBOS TUPIS

Com o passar dos tempos, vai nos apagando da memória o incrível equipamento de guerra que o caxias nos pagou. Mas o soldado brasileiro, matreiro de natureza, malabarizou o seu jegue de guerra, adaptando-o com as necessidades do guerreiro indígena.

Foi numa das pausas dos combates que Zé-Conselheiro começou a falar, indiferente aos demais, como se pensasse alto:

— Nem sei mesmo, onde o praceba encontra tanta resignação para suportar as barbaridades da guerra e de seu equipamento. Esta miserável guerra está modelando nossos pracebas na encarnação das bestas do apocalipse: arrasando, destruindo numa carnificina sem precedentes.... em nome de uma causa que nós não temos moral para afirmar!... (Fez uma careta. Cuspiu com cara de nojo e prosseguiu resmungando)... Tudo destruindo na potência de nosso armamento, auxiliados pela fome e pela peste, nossos dedicados aliados que o inferno engajou nas nossas fileiras... (Fez outra pausa como se procurasse seus aliados do inferno. Deu outra cuspidela com cara de nojo. Passou a mão ossuda no queixo pontudo e continuou numa voz rouca e sem emoção)... E as três megeras andam sempre juntas: a guerra! A peste! E a fome!

E Zé-Conselheiro quedou-se num mutismo, concentrando-se no seu íntimo de filósofo fardado.

Nosso camarada Lombriga, um carioca risonho, está hoje inutilizado, arrastando uma vida sem horizontes, tropeçando nas pancadas de um coração estropiado, em consequência do excesso de peso do seu equipamento bélico, quando atacava Monte Castelo.

Ainda me lembro de sua figura magriça, em nossa posição de tiro, em Porretta Terme, quando Lombriga veio abraçar seu amigo Trovão, pelo apoio aos ataques da infantaria:

— Menino!... (E sorriso rasgava sua boca de lábios finos)... Menino, quando a cobra está fumando lá em cima do Castelo, nós ficamos mais animados, quando vocês vomitam brasa em cima dos *tedescos*...

E Lombriga apertava seu amigo Trovão, num abraço guloso, elogiando seu companheiro da velha guarda dos bons tempos de Marechal (o saudoso subúrbio da Central).

O infante abraçava e elogiava seu amigo artilheiro:

— Eu devo minha vida a você, Menino...

Comovido, Cabo Trovão nada dizia. Retorcia-se embaraçado em seu modesto jeitão de garotão carioca. Era um rapagão simples, humilde e simpático.

E Lombriga continuava nas explicações:

— Até que já conhecemos o fogo de barragem que vocês descarregam nos gringos de Castelo... (Novo sorriso na boca de lábios finos)... Nossa turma já apelidou sua bateria de "LURDINHA 105"...

E abraçava o Cabo Trovão, como se quisesse devolver ao velho amigo a vida que o cabo lhe dera em rajadas de fogo sobre o inimigo. Lombriga não notara, na alegria do encontro, que sua farda estava toda suja de lama, sujando, no abraço, a farda de Trovão. O esquálido Lombriga (o apelido bem o diz) era o que se podia chamar de combatente do Castelo: estava barbado, sujo, rosto chupado, olhos turvos, lambuzado de lama e sangue... Ele era o célebre RESTO DE COMBATE que a LURDINHA poupara no Castelo.

E Trovão continuava caladão, teso, como pica-pau em cerne de peroba. A simplicidade do carioca não permitia expansões de agradecimentos.

Zé-Conselheiro, que tudo assistia, soltou a queixa do soldado que nunca recebeu incentivos dos comandantes:

— É verdade! Somente os cobras não nos incentivam. Quando por aqui eles aparecem, é para esculhambar com o praceba. Para os cobras, infelizmente nada mais somos do que carne para canhão... (Deixou escapar um suspiro bem soturno e comparou)... E carne bem ordinária!

E o Professor lançou um olhar de socorro pelo céu borrado de canalhice humana. A solidão estava carregada nas pinceladas do azulão celeste. Conselheiro apertou os maxilares e os músculos retesaram na face pálida. Engoliu em seco e continuou:

— O homem é muito orgulhoso e convencido... (Virou-se para o cabo e perguntou)... Conhece aquele ditado holandês: "DEUS FEZ O MUNDO EM SETE DIAS E OS HOLANDESES FIZERAM A HOLANDA EM DIQUES"...

— Não, não ouvi falar disso...

Como se não houvesse recebido a resposta de seu companheiro, Zé-Conselheiro prosseguiu:

— É igualzinho aos nossos oficiais... Só porque os holandeses conquistaram um pedaço de mar, com enormes diques, e na terra que ganharam do mar, plantam trigo, se julgam com o direito de gritar as barbaridades desse rifão...

Zé-Conselheiro deu uma tragada no toco do "americano" que ainda fumegava e soltou a fumarada com êxtase, como se sonhasse de olhos abertos. O cabo nada respondeu. Não adiantava.

Zé-Conselheiro quis soltar uma praga e a expressão morreu nos lábios trêmulos. Conteve-se e continuou nas queixas amargas:

— Isso tudo, meu Cabo, até obriga a gente ser filósofo de taberna zurrapa... (Passou a mão pelo rosto, como se procurasse tirar um emaranhado de teias invisíveis e saiu com esta, como se desculpasse das maldades dos cobras)... Lembro-me da comparação que li não sei onde: "A VIDA É BELA E COROADA DE LINHAS LÓGICAS, NUMA EQUAÇÃO MAIS OU MENOS RAZOÁVEL"... (Deixou escapar um longo suspiro, para terminar suas comparações com ares desolados)... A morte também...

Encarei, assombrado, meu velho camarada e perguntei:

— Onde, diabo, você consegue arranjar tanta comparação?

— Nas linhas das desilusões, meu velho *Capo*... (E repetiu, balançando a cabeça)... Nas linhas das desilusões, aqui no coração...

E o Professor batia no peito, com o polegar, como se procurasse furar o peito para arrancar, lá de dentro, as amargas desilusões que tanto o consumiam.

E lá longe, numa floresta de cruzes, os pracinhas também haviam batido no peito, com o polegar do patriotismo, antes de serem adormecidos no sono da eternidade...

E o Velho Conselheiro, como se preparasse para a longa caminhada do além, quedou-se abatido, escutando um fantasma que ao seu lado arrastava os fios das amarguras...

***

Mais tarde, em Scandiano, o destino nos pegaria numa emboscada. Quando avançamos para Milão, um desastre havia de arrastar dois filhos das Tribos Tupis: Ageyés e Morubixaba. Nosso comboio sofrera um dos piores desastres que eu já presenciara em marcha, tendo como vítimas três soldados nosso, sendo incluído os dois únicos índios de nossa bateria,

— Destino ingrato, seu Cabo. Coincidência miserável!... (Exclamou Zé-Conselheiro, quando retiramos os feridos... esmagados, embaixo do caminhão QT).

O desastre deu-se numa curva em "S", lembro-me ainda.

Em pé, debruçado na cabine do QT, eu ia esquadrinhando as vizinhanças da estrada, enquanto meus soldados descansavam, deitados nas caixas de munição que serviam de lastro para o enorme QT. Numa curva da estrada asfaltada, toda esburacada pelos bombardeios, eu vi, horrorizado, quando o gigantesco QT que ia na frente, mergulhou numa cratera de granada 290 que os tedescos martelavam em cima de nosso comboio.

Na fúria da velocidade que desenvolvia e no impacto do mergulho, o caminhão focinhou no buraco... deu algumas cambalhotas e foi estatelar-se, de rodas para cima, na ribanceira que margeava a estrada.

Nosso motorista pisou nos freios!

Ranger de pneus...

Soldados arremessados para frente...

Caixotes de munição, perigosamente, arremessados em turbilhão, pela força da inércia.

Chiados! Ruídos! Estrondos!... Numa sinfonia bárbara, com o contracanto e dos gemidos escapados dos soldados massacrados.

Saltamos do QT e corremos para o caminhão debruçado, lá embaixo, na ribanceira da estrada.

Um pracinha deu um grito!

Zé-Conselheiro balbuciou, como se desfiasse pedaços de oração:

— É o retrato de um herói que se apavora... à simples lembrança de ser herói...

Fui puxado por um cabo metralhador que me mostrava:

— Veja, Pantaneiro...

Antes de atender o que me mostrava, olhei para quem me puxava. O pracinha estava branco. Seu rosto não tinha uma gota de sangue. Sua mão estava tão fria que o gelo atravessava a manga do meu Zé-Carioca e arrepiava pelos eriçados pelo susto.

— Veja, Pantaneiro... (Repetiu o metralhador, com voz sufocada)... O sargento e o motorista ainda estão dentro da cabine do QT...

Abaixei para ver.

A cabine do enorme caminhão estava amarfanhada, numa sanfona de ferragens retorcidas. O para-brisas estava estilhaçado em milhares de cristais refulgentes, sem cair um pedacinho.

Os dois infelizes: o sargento e motorista, de pernas para o ar, gemiam e fungavam na respiração difícil do corpo em forma de "S" de cabeça para baixo.

O enfermeiro apareceu. Era um janota moreninho, mais inútil

do que noz em boca de velha desdentada. O infeliz estava cinzento de susto... bem cinzento!

Encarei "Dr. Paúra"[46] e falei:

— No mínimo, estão com a espinha quebrada...

Nesse momento, vinha se aproximando nosso Primeirão. A turma de seu jipão que vinha logo na frente do QT sinistrado, havia assistido o mergulho do caminhão.

Nosso bom Primeirão começou a dar ordens:

— Rápido, vamos tirar os dois da cabine e ver se conseguimos tombar o caminhão... (Fez sinal para mim e continuou)... Vamos! Temos que tirar dois índios que estão amassados embaixo da carroceria...

Quando ouvi a palavra "índios", não atendi mais nada. Saí correndo, para o outro lado, em busca dos meus irmãos. Parei estatelado! Só então, reparei nos dois índios, esbagaçados, embaixo do enorme QT, que ainda conservava suas gigantescas rodas rodopiando no ar.

A figura do enorme caminhão, de papo pro ar, era grotesca.

Um suor frio percorreu meu corpo.

Morubixaba estava preso, pelas pernas, até as virilhas, gemendo e urrando... (Zé-Conselheiro sussurrou em meus ouvidos)... Interessante que, somente agora é que estamos escutando os urros deles...

O outro índio, o bondoso e caladão Ageyés, com metade do tronco para fora, espumava pela boca, desfalecido, com os olhos esbulhados, saltados das órbitas roxas...

[46] Provavelmente apelido em referência à palavra "medo" em italiano [paura = medo] [N/O].

No arfar desencontrado da respiração sôfrega, as borbulhas das espumas estouravam na boca, respingando gotículas nas faces arroxeadas.

Depois de arrebentar a porta da cabine, arrastaram o motorista e o sargento, deixando-os deitados no chão, mais branco do que cera.

Nosso Primeirão deu um grito, convocando todos para levantar o monstro debruçado em cima de nossos camaradas.

Quando encostei o ombro e retesei os músculos no início da força, Conselheiro bateu-me no ombro e falou baixinho:

— Cabo, estou escutando gemidos abafados, dentro da carroceria...

Encostei o ouvido na tábua e meu coração disparou na revelação: lá dentro, sufocado no pó do tombo, uma respiração arfava em agonia...

Alguém gritou aflito:

— Fechem a torneira do tanque!

E o Primeirão completou:

— O caminhão pode explodir!... (E deu um safanão num pracinha que estava ao seu lado, incentivando-o)... Vamos, rápido! Feche a torneira do tanque, antes que o caminhão exploda!

Com gestos nervosos, Primeirão voltou-se para a turma que o acompanhava e gritou:

— Vamos, companheiros! Vamos fazer força para virar o caminhão. Lá embaixo ainda tem soldado preso, sem contar esses dois índios...

A turma encostou no monstro emborcado e começou a fazer força, em conjunto, sob os comandos de Primeirão:

— Vou contar até três... (Explicou nosso Sargenteante)... Quando eu contar: UM! Vocês empurram com vontade. Quando eu contar: DOIS! Todos puxam, para balançar o caminhão. Quando eu contar: TRÊS! Todos empurram pra valer, até arrebentar as veias do pescoço: Entenderam?

A tarefa seria sobre-humana!

Não passávamos de uns oito pracebas, contando com o Sargenteante, empregando uma força de toneladas, para levantar o enorme QT emborcado na agonia de nossos camaradas.

Zé-Conselheiro olhou para mim, com cara desconsolada e falou:

— Não morri nem venci...

E gemeu no esforço além de suas possibilidades. Seu rosto carregou numa tonalidade violácea, no acúmulo do sangue provocado pela força titânica.

E nosso Primeirão continuava nos comandos!

— Vamos, companheiros!... UM!... DOIS!... TRÊS!...

E o monstro emborcado balançava, no esforço titânico dos pracinhas.

— Outra vez!... UM!... DOIS!... TRÊS!...

Os pracinhas fungavam, gemiam, resfolegavam, na agonia de tombar o QT, o monstro que massacrava nossos companheiros.

Sentindo-se esgotado, nosso Primeirão deu ordens para que tomássemos um fôlego. Colocando as mãos na cintura, encarou o "Dr. Paúra" que estava estatelado de medo, cinzento de pavor, paralisado na frente do QT, sem nada fazer.

O infeliz não prestava nem para nos ajudar.

"Dr. Paúra" trazia na mão sua maletinha de enfermeiro. Tremia mais do que vara verde. Seus olhos estavam arregalados e tinha a boca escancarada, imobilizado pela cena.

Levantei os olhos, procurando alguma coisa que me aliviasse da tensão que me aniquilava. Naquele quadro tão horroroso, o sol era um disco afogueado, suspenso num céu desbotado e triste. Era um céu mal-encarado, sombreado por nuvens plúmbeas e pesadonas que se arrastavam num horizonte carregado de sinais agourentos.

O velho Professor, aniquilado no excesso de força empregada, não deixou de notar os vaticínios do firmamento revoltado e falou:

— A tempestade agourenta das bestialidades humanas, que tudo vai destruindo, atrai sua coirmã: a tormenta da mãe natureza... (Fez uma pausa para acender um cigarro. Depois de uma longa tragada, apontou o sol com o dedo encardido de nicotina e continuou)... Veja! Pantaneiro. Até parece que o sol, envergonhado de tanta cachorrada, convocou as nuvens para empanar este quadro miserável... (Soltou uma cuspidela em esguichos, encerrando suas comparações)... E assim, o sol não quer assistir o medonho espetáculo desta guerra que suja as próprias imundícies da humanidade que chora...

Levei a mão nos olhos, em busca do sol.

Conselheiro tinha razão!

O sol escondera-se de vergonha.

E o infeliz "Dr. Paúra" continuava estático, sem noção do mundo e do tempo. Era um monumento de terror!

A cena dolorosa do QT, fora mais forte do que sua resistência.

Um pracinha que amassava um cotoco de cigarro nos dedos, dirigiu-se ao Primeirão, como se procurasse desculpar o enfermeiro:

— Esse infeliz... (E mostrou com a beiçola arreganhada)... Esse aí, meu Primeirão, já está fora de combate.

Nosso bom sargenteante aproximou-se do enfermeiro e deu um grito:

— CORRA!... VAMOS!....

E completou o "calmante", dando uns safanões no cinzento moreninho.

O homem levou um choque.

Seu corpo estremeceu, como se levasse uma descarga elétrica.

"Dr. Paúra" tremeu os lábios como se fosse pronunciar alguma coisa. Não conseguiu. Levantou a maletinha de "socorro-urgente" e disparou pelo barranco, em busca de nosso caminhão estacionado embaixo de uma castanheira enorme.

Zé-Conselheiro balançou a cabeça e resmungou:

— São esses infelizes, os enfermeiros "escolhidos" pelo caxias para nos socorrer na hora "H"...

— Vocês viram como ele ficou cinzento de susto?... (Perguntou o cabo metralhador).

Um nordestino completou:

— Oxente!... O bicho ficou tifu que é só fufu...

— Essa praga tem medo de tudo... (Afirmou Conselheiro)... Ele nunca saiu de noite, com medo de assombração. Nem para atender de-

funto...

E a tesoura parou de cortar a casaca do pobre "Dr. Paúra", quando nosso Primeirão ordenou nova tentativa:

— Vamos, macacada! Desta vez conseguiremos:

E os homens, num só esforço, retesaram os músculos, lutando contra o monstro emborcado.

Nem Ageyés, nem Morubixada, nem os demais, deixavam escapar qualquer som que denunciasse vida. Somente um leve ressonar podia-se notar, nas pequenas bolhas que formavam nos cantos das bocas dos infelizes.

O sargento que havíamos retirado dos escombros da cabine amassada, em vez e vir fazer força com a turma, teve o infeliz palpite de repórter fotográfico: colocava-se em posições estratégicas, em busca de melhores ângulos, enquanto sua turma fazia força! Gemia! Suava! Esbravejava! Rugia e mugia!... No esforço de virar o QT emborcado.

E o ritmo do Primeirão que comandava a turma, continuava:

— Vamos!... UM!... DOIS!... TRÊS!... (E o peito hercúleo do carioca com sangue dos BRAGANÇA E CINTRA, estufava-se no esforço sobre-humano. As veias da jugular saltavam, entumecidas, ameaçadas de estourar na força de gigante)... Vamos!... UM!... DOIS!... TRÊS!... JÁ... ÁÁÁ...

E o bicho quase virou.

Um pracinha, vermelho como pimentão, reclamou:

— Não foi à toa que esse infeliz salvou-se do mergulho do QT...

— Também pudera!... (Completou Conselheiro, que gemia no

esforço)... Essa pestinha é franzino e afeminado. Não pode fazer força... (E soltou um chuvisqueiro no vão dos dentes, com cara de nojo)... Não pode fazer força, porque prejudica o útero...

O cabo metralhador completou:

— É um *finocchio* bem nojento...

O Sargenteante que não estava para gracejos, deu um berro:

— VAMOS!... Deixem de bancar as comadres. Façam força...

Parece que o nome de "COMADRES" mexeu com os brios dos pracebas. O caminhão balançou com mais esperança e o Primeirão aproveitou para renovar os comandos, desta vez, com toda a força que seus pulmões podiam suportar:

— VAMOS!... UM!... DOIS!... TRÊS... ÊS-ÊS-ÊS-ês- ês- ês...

E o bicho virou de lado, balançou no desequilíbrio da posição, tentando voltar de borco, sua posição mais cômoda.

Em baixo, numa poça de sangue, Dió repuxava-se nos espasmos de uma agonia esmagada...

Uma pilha de caixotes de munição, cobria-lhe quase todo o corpo.

Entre minhas pernas retesadas no esforço de conter o QT, Morubixaba estremecia na lama de sangue e terra.

Ao lado dos pés do Primeirão, Ageyés permanecia imóvel, arfando levemente o peito amassado...

O quadro chocou a turma.

Nosso Sargenteante reagiu do choque e berrou:

— EMPURRAR!...

E a turma, como um só homem, retesou os músculos, empurrando o monstro emborcado. O caminhão gemeu nas ferragens, indo cair inclinado, contra a ribanceira.

Nós tínhamos vencido!

Tínhamos vencido o peso descomunal do QT e a inclinação desfavorável do terreno. Como os dois índios haviam ficado apertados pela carroceria, na parte baixa da inclinação, tivemos que fazer força pra que o caminhão desemborcasse, empurrando de cima para baixo.

Contra todas as probabilidades, vencemos, ainda que se apresentasse impossível... como de fato o era!

Fizemos um rápido exame nos três soldados acidentados.

Dos três, Dió, o que ficara por dentro do caminhão, era o mais esbagaçado. Já que o caladão do Ageyés tinha a caixa do peito afundada, regurgitando sangue espumoso pelos cantos da boca.

Morubixaba tinha a coxa esquerda esmagada.

Quando abaixei para atendê-lo, fiquei horrorizado.

Conselheiro falou baixinho, com medo que ele ouvisse:

— Cabo, a coxa do coitado não tem nem um palmo das virilhas até o joelho...

Nosso sargenteante bateu no meu ombro e chamou-me:

— Cabo, você vai comandar a viatura que vai recuar os três pracinhas. Vou ceder meu jipão... (Virando-se para um soldado de sua viatura, ordenou)... Meia-Nove! Diga ao motorista do jipão que passe

o material de transmissão para o último QT. Nossa viatura vai voltar para Scandiano, com os feridos...

— Ora, Primeirão... Logo eu?... (Reclamei, desconsolado).

— São ordens, Cabo! Obedeça!

Eu não quis mais contrariar o nobre filho dos Bragança.

Abaixei-me e gritei para o cabo metralhador:

— Quebre um caixote, cabo! Tire umas ripas e venha me ajudar a encamar a perna de Morubixaba...

E assim foi feito.

Remendamos, com tiras de farda rasgada e tábuas de caixotes, a coxa esmigalhada do índio de minha querência.

Quanto ao coitado do Dió, nada podíamos fazer.

Também Ageyés foi remendado pelo tórax, com ripas de caixote de munição. Rasgamos sua farda, para servir de faixa no amarrilho.

Muito mais tarde, nos entreveros dos combates, Zé-Conselheiro me contou que Morubixaba tinha sido recuado para Casa Blanca... terminado as explicações:

— A Cruz Vermelha se encarregara de remendar os infelizes...

Somente Dió, encontrei, mais tarde, ainda no front, não me lembro onde. Estava todo fantasiado, com farda de americano. Era tão homem, que estava irreconhecível...

Fiz tudo para saber notícias de meu irmão índio. Até para sua aldeia do Ipeg[47], eu escrevi, narrando o acontecimento.

Eu temia que Morubixaba ficasse aleijado... Inutilizado!

Foi Zé-Conselheiro quem me consolava, naqueles dias de lutas, com a sua filosofia improvisada:

— Cumprimos as ordens, meu bom Cabo! Fizemos tudo que estava em nosso alcance... (E batia nas minhas costas curvadas no peso das amarguras)... Lembre-se que a maioria de nossos camaradas estão vivos. É muito mais valioso, no front, do que uma múmia apodrecida de um herói empacado no bronze das futilidades humanas...

Lembro-me ainda, quando arrastamos Morubixaba para fora, depois que desemborcamos o QT. Alguém notou que seu pé bamboleava, na terra ensanguentada.

O pobre Morubixaba gritava... urrava... chorava...

Senti umas cutucadas nas costelas.

Virei a cabeça, procurando quem me chamava. Era Zé-Conselheiro, falando baixinho:

— Veja, seu Cabo!... (E espichou a beiçola, na direção do pé do infeliz índio)... Veja, o pé dele está sem rumo...

Assustado olhei para a perna do coitado, percorrendo os olhos pela perna, até a coxa do pequeno índio.

[47] Talvez seja Aldeia Ipegue (Terra Indígena Taunay), da etnia Terena, no município de Aquidauana-MS [N/O].

Estava esmagada.

— VEJA!... (Gritei, sem poder conter o pavor)... VEJA... Primeirão! O joelho dele está quase nas virilhas...

E assim, fiz tudo que me foi possível, para salvar meu pobre protegido... meu irmão de querência.

Parece que falhei.

Maldito deus das guerras!

Nunca mais tive notícias de Morubixaba.

Um dia, quando a refrega nos dera umas horas de folga, Zé-Conselheiro lembrou do bugrinho caladão. Com olhar vago, o professor foi soltando comparações:

— Cabo, será que o nosso Pajé ficou sem a perna?... Curtindo as mágoas de um aleijado... nas tabas Tupis de nossa querência...

Eu não respondia. Eu também divagava.

Soltando uma longa baforada, o professor continuou:

— Talvez, tenha sido condecorado com a medalha de "FERRO VELHO"... (Carregou na carranca, soltou uma cuspidela com cara de nojo e prosseguiu)... Coitado! Talvez esteja comendo o pão que o diabo amassou... um pão embebido no fel do esquecimento que a PÁTRIA-MADRASTA dos caras-pálidas premiou o soldado de pele bronzeada...

— É bem provável, Conselheiro...

Sem dar importância ao companheiro, o velho camarada continuou:

— Mundo desgraçado e miserável. Tanta luta... tanta morte... tanta desgraça... Pra quê? Tanto peso nesta roupagem e tanta miséria nesta bagagem... (Virou-se para o cabo, assustado e exclamou)... Rimou, seu Cabo! Rimou...

Puxou um lápis que trazia sempre consigo, falando, como se eu não mais existisse por perto:

— Vou tomar nota. Vai dar uns versinhos pro jornalzinho "O TOCHA". Acho que o cabo Silvestre vai ficar contente...

E como se lembrasse, repentinamente, que eu existia, dirigiu-se para mim, falando compassadamente:

— É isso mesmo, cabo velho... Mundo desgraçado e miserável... (Derramou um olhar vago para os confins do front e continuou)... Bem dizia meu finado avô: "AS BATALHAS SÃO CONQUISTADAS PELOS PAISANOS, PARA A GLÓRIA DOS MILITARES"...

— Você tem razão, Professor! Você sempre tem razão...

O velho camarada soltou uma cusparada que foi borrifar meu rosto. Apertou os olhos, como se procurasse os fantasmas dos remorsos e continuou:

— Os paisanos, seu Cabo, depois de terminada a inana, voltam para casa... estropiados, aleijados, neuróticos, abandonados!... (Levantou os olhos em fogo, fulminando-me no ódio da revolta, como se fora eu o culpado das misérias humanas)... Mas o milico, não! JAMAIS!... Eles continuam sempre HERÓIS, exibindo, nas formaturas que eles mesmos preparam, dezenas de condecorações que o besta do paisano conquistou!...

E deixou escapar um suspiro profundo, não sei se de mágoa ou de nojo.

Assim, são caldeados no front, os dois tipos de heróis que a velha HISTÓRIA DA HUMANIDADE não registra:

ELES: os heróis que são perpetuados nas estátuas das praças públicas, como paradigmas de uma geração viril!

São os nomes das placas de ruas, de avenidas, de praças...

Nós!

Ora! Nós os pracebas da guerra!...

O apelido já foi taxado muito certo! PRACEBAS!

Quem somos?... Nós somos os HERÓIS DE BARRO!... Rastejando no pó do esquecimento, a mutilação moral que os "PAI DA PÁTRIA" nos legou!

Aqueles, são os Heróis famosos e festejados!
Estes, são os heróis pequenos e esquecidos!
São os Heróis de Barro!... De barro humano!...

Das velhas histórias, na cruz dos altares3
Dos cantos dolentes, nos velhos solares
Soluços saudosos, cantigas de outrora
São filhos valentes, de Tribos Tupis
São nobres guerreiros, de Terras Brasis
Heróis de cocares...
Heróis de Palmares...

São filhos forjados, nas Tabas Ypeg
Lanceiros valentes, não há quem os negue
Queixumes saudosos, cantigas de outrora
São índios de pena, que lutam além
São nobres gentios, que amam também
Heróis das trincheiras...
Heróis das "Bandeiras"...

Nos velhos monjolos, cantando moendas
Um índio soluça, saudoso das tendas
Repete, chorando, cantigas de outrora
A pátria convoca, um índio Tereno
Guerreiro famoso, guerreiro sereno
Heróis dos poemas...
Herói das Moemas...

É filho selvagem, de cor bronzeada
É índio valente, não teme geada
Soluça, saudoso, cantigas de outrora:
E tinha um irmão, que vem de além-mar
Malandro, sabido, relé militar
Herói matizado...
Herói Batizado...

São filhos valentes, de Tribos Tupis
São nobres guerreiros, de Terra Brasis
Heróis de cocares...
Heróis de Palmares...
São índios de pena, que lutam além
São nobres gentios, que amam também
Heróis das trincheiras...
Heróis das Bandeiras...
A pátria convoca, um índio Tereno
Guerreiro famoso, guerreiro sereno
Herói dos poemas...
Herói das Moemas...
É filho selvagem, de cor bronzeada
É índio valente, não teme geada
Deixou sua maça
Deixou sua raça
Y JUCA PIRAMA...

Que leva fuzil
Que morre na lama
Que ama o Brasil!

CAPÍTULO XXIV

FRANCOLISE[49], A MALDIÇÃO HUMANA

A velha natureza concedeu ao pracinha, em recompensa aos meses de sofrimento, uma pequena golfada de vida.

Uma aragem gostosa, farfalhava nos pinheirais ensolarados que margeavam a estrada.

E o comboio que marchava para Nápoles, formava uma sucuri de rodas, serpenteando por montes e vales.

A brisa farfalhava nos pinheirais e vinha acariciar o praceba, ritmada no murmúrio das rodas que chiavam no asfalto negro, convidando o praça aos devaneios...

As geleiras eternas dos Apeninos, ficara para trás.

O bravo *giovanato* dos Brasis distantes, regressava em busca do caminho de sua querência.

Acalentado pela canícula, o dia preguiçoso e mormacento cochilava com os pracebas, a sua preguiça morrinhenta, descabelada pelos rodopios do comboio que passava.

— Cabo, quando eu chegar no Brasil, vou jogar na cobra, todo o dinheiro que receber... (Dizia-me, Zé-Conselheiro, soltando fumarada no ar, com gestos vagos e olhar distante).

— Não seja burro! Seu filósofo de botequim... Você...

[49] Francolise [escrito Francolize pelo autor] é uma comuna próxima a Nápoles, região de Campania, província de Caserna [N/O].

— Ora, então veja! Desde que embarcamos, no Brasil, uma sucuri nos persegue... (E apontou para o leito da estrada, mostrando o comboio que se perdia nos contornos do asfalto)... É uma sucuri compriii...iii...da como esperança de pobre... (E foi espichando a beiçola, reforçando sua comparação).

— E o que é que tem a ver tudo isso?

— Ou você é muito burro, seu Pantaneiro! Ou não quer ver o palpite que tenho... Veja: sucuri não é cobra?

— É!... E daí?

— Lógico que eu vou no palpite certo: COBRA!...

— Hummm... ummm... mmm... Entendi.

E o bom camarada começou a gastar o dinheiro que GANHARA no jogo do bicho, ACERTANDO no milhar da cobra... devaneando o resto da viagem.

Depois de uma penosa marcha de regresso, nosso comboio fez um alto, nas proximidades de Pisa.

Como sempre, a soldadesca ficou mal acomodada.

— Uma especialidade de nosso exército... (Explicara Conselheiro).

Fomos encaminhados para um campo de prisioneiros alemães.

— Nossa! Seu Cabo!... Veja! Tem até negro americano com metralhadora nas guaritas... (Passou a mão pelo queixo e resmungou)... Será que somos tão perigosos assim?

— Nada disso, Conselheiro. São os guardas do campo de concentração. Repare como o campo está todo cercado com arame farpado... (E mostrando uma das guaritas equilibradas no cocuruto dos jiraus, continuei)... Lá em cima, nos cantos das cercas, os guardas dispõem de sirene, holofotes possantes, telefones... enfim, como a gente vê no cinema, seu Zé... A diferença, é que, agora, a coisa é de verdade...

— Mas, seu Cabo!... (E derramou em cima do cabo, um olhar espantado, brilhando ingenuidade, assombro, incompreensão)... Nós não somos heróis?...

— Dizem, Conselheiro... Não sei, não!

— Miserenóbis!... Nunca vi HERÓI "guardado" em campo de concentração... Que glória mais besta. Até parece anedota de papagaio...

— Brasileiro é assim mesmo, Professor! Somente os cobras têm direito e só eles são os DONOS das GLÓRIAS...

— Será?

— Lógico! Leia as descrições da Guerra do Paraguai. Só encontramos: condes, duques, generais... e uma carrada de nobres de segunda instância...

— É mesmo, Cabo! Até da ESTRANJA temos heróis da Guerra do Paraguai. Nunca tinha notado isso, meu "nobre" camarada...

— Tudo isso, está certo. Na Guerra do Paraguai, não havia soldado brigando. Somente os nobres e os generais...

— Ah! Seu moço! Isso não!... Bem que tinha milhares de pracebas...

— Ora, Professor! O praceba dá baixa, quando termina a guerra.

Não pode usar medalha em terno de paisano... nem títulos pomposos... nem de amparo...

— Então, seu Cabo, a tal de "MÃE PÁTRIA", para nós, os ENTEADOS DO DIABO, nada mais é do que uma desentranhada MADRASTA?...

— É, Conselheiro... Talvez seja essa a resposta de tudo...

— Por que, Pantaneiro, toda essa desigualdade de tratamento?

— Porque as paradas, por eles preparadas, com pompas e fanfarras, não ficariam tão fantasiadas, se não apresentassem os generais barrigudinhos, carecas, arquejantes no peso das medalhas reluzentes...

— É isso mesmo!... Só os tais PAIS DA PÁTRIA é que desfilam nos carros... (Arregalou os olhos e perguntou)... Será que desfilam nos carros por causa do peso das medalhas?

— Você já viu soldado condecorado desfilando em parada?

— Eu sei...

Conselheiro não pôde continuar. Uma voz autoritária nos chamou:

— EI!...

Procuramos quem nos chamava.

— VOCÊS AÍ!... Seus batráquios! Vamos, anda!...

Como sempre, os apelidos humilhantes, eram doce de coco na boca dos cobras, martelando os ouvidos do infeliz praça de Pindorama.

Era um oficial, todo empertigado, recolhendo o "GADO" no curral de arame farpado.

— Manja, Pantaneiro! Até parece que um vaqueiro está recolhendo a boiada para o curral... (Deu uma cuspidela e resmungou)... Quá, seu Pascuá!... Soldado só tem direito a serviço e cadeia...

E foi remoendo, com palavrões em italiano, as amarguras de seu fígado azedo.

Em fila indiana, entramos pelo enorme portão, guarnecido por guarda.

Para cada barraca do enorme campo de prisioneiros, a soldadesca era distribuída em 10 em 10.

— Veja, Cabo! Até parece uma cidade de lona verde-oliva... Será que na Itália existe favela?... Ainda não vi...

Tentei responder ao companheiro, mas uma voz autoritária gritou:

— Você aí, seu grandalhão!... (E um dedo espetou minha testa)... Você será o comandante desta barraca... (E o dedo continuava a dar espetadelas na minha testa)... Você será o responsável por tudo que se passar nesta barraca...

Bati os calcanhares, levei a mão no capacete de aço (em continência) e respondi, todo empertigado:

— SIM SENHOR!...

Zé-Conselheiro me cutucou, murmurando no meu ouvido, com o canto da boca:

— O bicho tem gemadas...

O cobra continuou a dar ordens:

— Entrem... tirem a farda! O uniforme, neste campo será: calção, borzeguins e cobertura!... (Correu os olhos nos dez praças e continuou)... Qualquer coisa, cabo, procure-me na barraca-comando!

E saiu, apressado, para alojar outros que já passavam.

— Bicho mal-encarado!... Puxa!... (Reclamou Conselheiro).

Não dei ouvidos. Ordenei aos soldados que entrassem.

Na primeira tarimba, joguei meu saco "A". Na cama não havia forro. Um amontoado de capim, fingia de colchão.

Forramos a tarimba de madeira, com os cinco cobertores que trazíamos do medonho inverno dos Apeninos. Travesseiro, eram os borzeguins.

— Eita! Cabra da peste!... (Blasfemou Zé-Conselheiro)... Nem como veterano de guerra, a gente tem direito de descansar a carcaça... Quá, seu Pascuá!... Mundo desgraçado...

E a turma, esfalfada na grande viagem de volta, jogou-se nas tarimbas, deixando que a vida corresse ao Deus dará...

***

A noite era abafada, morta, afogada no silêncio da prisão de arame farpado. E o sono da macacada, era sufocado nas convulsões dos pesadelos, entrecortado aqui e ali, pelos gritos, gemidos, exclamações, resmungos...

Esquecido por Morfeu, o deus inimigo dos pracinhas, resolvi levantar e dar umas voltas...

A noite, fora do barracão sufocante, era maravilhosa.

Lá em cima, brincando de faz de conta, a lua passeava em seu reinado encantado de nuvens fofas...

Altiva e orgulhosa, comandando seu império de ilusões gostosas, a lua inspecionava os bastidores da guerra.

De tempo em tempo, um foco de luz possante cortava o espaço. Eram os possantes holofotes, em busca de um imaginário fugitivo.

O cabo insone, cansado e triste, perambulava pelos arredores, ruminando pedaços de vida que lhe sobravam...

Encontrando, algum tempo depois, com uma sentinela, foi obrigado a voltar para o seu forno de lona, conforme ordens do acampamento. Jogou-se na tarimba, misturando seu insuportável cheiro de homem, com os colegas que resfolegavam nos roncos e pesadelos. Os olhos do cabo cerraram as pálpebras pesadas, fugindo da penumbra carregada de hálito masculino.

Dormiu, lambuzado na salada dos sonhos de guerra...

Lá fora, um céu mal-encarado escondera a fada dos sonhos no bojo de rechonchudas nuvens negras.

A barraca fora assaltada por espectros que dançavam e ululavam no ritmo de um passado tão próximo. Eram as sombras dos combates, assustando o sono da soldadesca que resfolegava no caminho dos pesadelos.

Era o estrondo horripilante do silêncio noturno que tudo encobria!

***

No dia seguinte, apresentou-se em nossa barraca um prisioneiro alemão, para fazer a limpeza da barraca. Estava munido de vassoura, pá e um carrinho de mão.

Era um loiro filho da Germânia, pagando, na humilhação da faxina, seu orgulho de raça superior.

Zé-Conselheiro olhou assustado e falou:

— Cabo, você tinha pensado que, alguma vez na vida, teria por faxineiro um orgulhoso filho do KAISER?...

— A vida tem dessas meu amigo.

— Veja! O gringo está catando as guimbas do chão... (Mostrou um dos pracebas que se alojara na nossa barraca).

Chamei o prisioneiro:

— Ei!... (E fiz um sinal com o dedo)... Ei!... *Parla* Italiano?...

O jovem loiro que tinha abaixado para pegar a guimba de cigarro, levantou-se, todo trêmulo e respondeu:

— Sim, falo italiano!... (E seus olhos de conta verde desbotaram-se na vergonha do ato).

— Por quê?... (Perguntei, mostrando os tocos de cigarro que ele havia separado com tanto cuidado)... Por que está separando os cigarros do lixo que varre?

— Não temos cigarro, *brasiliani.* Somos prisioneiros... Às vezes, a Cruz Vermelha nos manda um pouco... custa chegar...

Zé-Conselheiro tirou uma carteira de "KAMEL" e deu ao loiro nazista, dizendo:

— Toma! Seu gringo dos quintos...

E mudando o tom de voz, perguntou-me, com olhares desconfiados para as bandas do prisioneiro:

— Será que esta peste entende gíria?...

— Cuidado, Professor.... (Aconselhou Meia-Um)... nossa língua é muito parecida com a língua dos italianos... (Mostrou o jovem com a beiçola arreganhada e continuou)... E ele fala muito bem italiano.

— *Giovanato*... (Chamou Zé-Conselheiro)... De hoje em diante, enquanto nós estivermos acampados nesta birosca, você não precisa mais fumar guimba. Tá?...

— *Grazie... grazie, brasiliani*... Não! Não recebo!...

— Por quê? Tem medo de veneno? Não é cigarro da gestapo... (E o velho Professor soltou uma gostosa gargalhada).

— Não, *brasiliani*, não estou desconfiado... (Correu os olhos, desconfiado, em volta, como se procurasse um possível fiscal e continuou)... É proibido... (E abaixou os olhos, corando-se todo).

— Como?... (Indagou Turquinho, admirado)... Proibido?...

O cabo explicou:

— Sim, é proibido! Soldado aliado não pode fornecer nada para os prisioneiros de guerra... Eles têm de tudo!

— Mas isso é uma ordem absurda, seu Cabo... (Gritou o velho professor, levando o dedo no meu nariz).

— Que é que posso fazer? Ordens, são ordens, não se comenta!

E deixei escapar um sorriso debochado, que mais irritava meu amigo. Ele muito bem sabia que eu não tinha culpa, mas era obrigado a fazer cumprir as ordens, como comandante do barraco.

— Mas eu quero dar o que é meu!... Seu pantaneiro de meia-tigela! Estamos lutando por esse direito, tá?... (E levou, novamente, o dedo no meu nariz)... Estamos lutando pelo direito de ter direito! Não sabia?...

Pulou da tarimba e, com raiva, colocou, na mão do ariano estupefato, a carteira de cigarro americano, que recebera como etapa daquele dia.

O jovem loiro, com voz covarde, gaguejou:

— Não... não pos... sss... so... Vão pensar que eu roubei o cigarro. Serei punido. É material de guerra...

Zé-Conselheiro olhou-me assustado, também gaguejando de espanto:

— Caaa... bo... (E as sílabas morreram nos lábios).

— É isso mesmo, Professor! Tudo é uma farsa! Esta guerra miserável, esta farda que vestimos... o mundo! As glórias que conquistamos... (O cabo meteu a mão no "seio" do zé-carioca e, tirando uma carteira de dinheiro, puxou uma nota que mostrou ao amigo)... Até as quatro liberdades gravadas neste dinheiro, é mentira!... Tudo é mentira... tapeação!... E não podemos falar...

— Mas, cabo... eu não quero que o gringo continue a fumar guimbas que cata do chão! É humilhante... desumano...

— Ora, seu humanitário! Seja mais um pouco prático. Coloque a carteira de cigarros naquela ripa, ali na parede... (E mostre o local)... Está vendo?

— Pra que?...

— Quando o nazi-loiro quiser fumar, é só entrar e tirar um cigarro. Não fica resolvido?... (Deixei escapar um riso de mofa e prossegui)... Assim, nem você e nem ele estão infringindo o regulamento do campo... (E soltei uma baforada no rosto do velho professor, atônito com tantas ordens de guerra).

E o infeliz prisioneiro encarava-nos, assustado, sem nada compreender. Ele sabia, por instinto, que estávamos falando dele.

Zé-Conselheiro, arranhando seu italiano de guerra, foi explicando ao *tedesco* como ficava resolvido o caso do cigarro.

O loiro germano, numa demonstração de gratidão, abraçou meu amigo e pregou-lhe um beijo no rosto.

Dom Conselheiro corou até as medulas. Deu um safanão no jovem ariano, soltando exclamações desajeitadas:

— Chi, seu Cabo! Será que o bicho é *finocchio*?... Nossa! Onde é que foram meter o filho mais velho de minha mãe... (Deu um empurrão no *tedesco* e reclamou)... Homem não! Barbado, só camarão!

— Nada disso, seu Professor do Arraial do Mocó! Ele não é o que você está pensando. Isso é um velho costume dos europeus. Um homem beijando outro homem, em reconhecimento e respeito...

E assim, resolvemos o caso dos cigarros, com o faxineiro alemão de nossa barraca fedorenta.

***

Numa tarde mormacenta, quando descansávamos a carcaça moída, o prisioneiro entrou. A barraca fedorenta, sufocava como forno em dia de sol.

O prisioneiro entrou depois de pedir licença. Ficou teso, em posição de sentido, todo aprumado, esperando a ordem para entrar.

Zé-Conselheiro chamou-o e disse:

— Escute aqui, seu gringo loiro!... (E balançou o dedo no nariz do hércules ariano)... Em nossa turma, ser "caxias" é proibido. Largue dessas besteiras para seu exército, tá?... (Deu um pulo da cama, imitou um nazista marchando em passo-de-ganso e continuou)... Nada de se perfilar... Você mais parece um boneco engomado que perdeu a farda. Entendeu?... (E, perdendo o controle, gritou no ouvido do infeliz ariano, perfilado como estátua)... PRUS...SI...A...NO!

Destacou bem as sílabas, para que o *tedesco* ouvisse bem.

Resmungou qualquer coisa e deu um mergulho na tarimba.

— Calma, Professor...

Dom Conselheiro voltou-se, fincou o cotovelo na cama, apoiou a cabeça na mão e continuou:

— Prussiano é coisa que já passou! Vocês perderam a guerra e não há mais razão de tudo isso... FI...NI...TO!...

Parou, tomou a respiração cortada nos descontroles. Olhou para cada um dos presentes, como se pedisse auxílio e prosseguiu, desta vez mais calmo:

— São ordens de *brasiliani*! De hoje em diante, você tem que obedecer, ouviu?...

O gigante loiro, batendo com os calcanhares descalços, num aprumo de continência, respondeu com firmeza:

— *Yá!... Sir!...*

— Não sou gringo, seu moço! Nada de "ya-yá" que não sou baiano! E nem tão pouco "siri" que não sou pescador... (Voltando-se para mim, todo desconsolado, reclamou)... Quá, seu Cabo! Dê um jeito nesse bicho loiro! Ou esse gringo não me entende... ou é burro de pai e mãe!

— Não adianta, Conselheiro! Eles vivem amedrontados! Quem sabe, ainda não acreditam naquela propaganda do front, que mostrava soldado brasileiro comendo gente, lembra-se?... Para os arianos, nós somos raça de antropófagos... de bororos... de índios...

— Oh! Cabra da peste mais burro é esse *tedesco*...

Parece que o alemão tinha compreendido nossa discussão. Todo atrapalhado, pediu licença e começou a explicar, num italiano macarrônico, a sua vida de civil: tinha 22 anos; era estudante de química; tinha pai; mãe; irmãos. Era filho de uma aldeia das montanhas... Balbuciou, com dificuldade, as últimas palavras. Um brilho úmido perpassou pelas bolinhas verdes de seus olhos de conta. Como se uma descarga elétrica o houvesse sacudido, deu um safanão no corpanzil atlético, retesou-se na posição de sentido, perfilou-se, pediu licença em alemão (um pedido arrogante), fez meia-volta e sumiu da barraca, como se fora projetado por uma mola invisível.

Os soldados da barraca nada diziam. Espantados, um olhava para outro, sem saber o que dizer.

Conselheiro pigarreou, resmungou qualquer coisa, deu uma cuspidela entredentes e o borrifo foi pintalgar as tábuas do piso da barraca fedorenta e abafada. Depois encarou-me e falou como se pensasse alto:

— Nunca pensei que o ariano tivesse coração... (Remexeu a carcaça como se alguma coisa o incomodasse e perguntou)... Cabo, você viu os olhos dele?... Estavam úmidos, brilhavam esquisito...

— É, professor! O homem estava emocionado...

— O que é que ele queria? Não entendi bem.

— Ele queria nos revelar qualquer coisa... (Fiz força para levantar-me. Gemi e resmunguei, sentado na beira da tarimba. Apertei o cigarro na travessa da cama, esmagando-o, antes de arremessá-lo num canto e continuei)... Será que o ariano queria nos revelar um segredo?

— Quá, seu Cabo! Esta guerra é mesmo uma velha pantomina que ninguém entende...

E jogamos a carcaça moída na tarimba, esperando que o dia escorregasse na modorra do calor sufocante e sem recurso.

O ar era pesado. Nossos pulmões rasgavam as narinas em busca do oxigênio que não existia, sufocado no cheiro de homem e envenenado na fumaça dos cigarros americanos...

Mais um segredo que a guerra guardava...

Qual seria?... Que procurava explicar o loiro jovem daquele maldito campo de concentração?

E os massacrados pracinhas de Pindorama, resfolegavam no arfar gotejante, daquela maldita caldeira do diabo. Um caldeirão de tábua e lona, fervendo na fogueira dos escaninhos do front...

***

Depois de massacrar nossa vida e nossa alma naquele maldito campo de prisioneiros, preparamos a trouxa para tomar o comboio que

nos levaria para Francolise: "A MALDIÇÃO HUMANA".

Amaldiçoarei até o fim dos tempos, os dias que passamos em Francolise!

Era localizada nas proximidades de Nápoles, arrasada pela guerra.

Por que não ficamos acampados em Nápoles? Nunca soubemos.

Devia fazer parte dos tais "segredos de guerra" que tanto martirizavam o infeliz pracinha de minha terra.

Francolise – a maldita – seria o símbolo das minhas excomunhões!

Foi na maldita Francolise que, em formatura geral, assistimos às condecorações desvirtuadas de nossa unidade. Nela, também, fomos enfrentar as maiores atrocidades cometidas por soldados aliados.

Da formatura geral, em Francolise, ainda conservo bem viva a figura imponente de nosso Primeirão, sufocando os gritos de revolta, no seu possante peito de jovem atlético, nos 22 anos de mocidade.

Os anos passaram... mas os desgostos ficaram... amargurando, cada vez mais, os abandonados pracinhas de nossa pátria. E os anos jamais conseguirão secar, das faces do velho Primeirão, as lágrimas que deslizaram pelas suas faces, revoltadas, com o crime que se praticava em Francolise, em nome da Pátria distante!

Dessa famosa formatura geral, para condecorações, uma das medalhas de citação de combate, eu me lembro!

Oh! Se me lembro!...

Ela fora entregue ao tenente OITO, o barrigudinho que o cinto militar repartia seu abdômen volumoso, formando um caricato OITO.

— Eita! Figura nojenta... (Sibilou o Professor, no momento da condecoração)... Nem canhão de *tedesco* quis pra churrasco...

— Cale! Conselheiro, a cobra fuma em cima de você!

— Cabo, dizem que ele correu como os diabos... em Gaggio Montano, e deixou Cabo Varginha sozinho, no Posto de Observação...

— É isso mesmo, Professor. Dizem isso por aí... Foi um dos "peixes" dos pracebas, no célebre recuo do Castelo, naquela burrada do Zenóbio...

— Essa medalha, seu cabo não seria para o Cabo Varginha?... (E o bom camarada mostrou o cabo mineiro com a beiçola arreganhada, que estava logo ao nosso lado)... Não foi o Varginha quem ficou comandando, sozinho, nosso contra-ataque?

— Dizem, Professor, que o cabo Varginha ficou sozinho, debaixo de uma chuva de granadas e morteiros...

Houve um pequeno ato nas comparações, para acompanhar as cerimônias de entrega de medalhas, tão mal distribuídas, quanto a primeira medalha.

Quanto às promoções, a coisa foi assim:

Um soldado-cozinheiro, promovido a cabo, na glória histórica de fazer comida!

— Que vergonha, seu Cabo!... (E Conselheiro soltou um palavrão maior do que a "Maldição de Francolise")... Um praceba promovido pela glória de nunca ter dado um tiro! Pela glória de nunca saber o que é correr de medo! De nunca saber o que é chorar de medo! Pela glória de não conhecer o que é o medo que apavora e enlouquece!...

— Quieto, Professor! Cuidado...

Um soldado bagageiro, foi promovido a cabo.

— Sua glória?... (Perguntou Zé-Conselheiro).

— Ser bagageiro!... (Respondi, soprando bílis pelo vão dos dentes).

Um cabo, motorista do comando, foi promovido a Sargento.

— E qual foi o ato de bravura deste infeliz?... (Perguntou o velho Professor, depois de me dar um pontapé nas canelas).

— Ai!... (Gritei, esfregando com outro pé, a canela dolorida, soltando pragas para todos os cantos)... Eu não tenho culpa dessas barbaridades!... Naturalmente, promoveram o bicho, porque dirigia um jipe do comando, e daí?...

As minhas últimas explicações foram envolvidas num murmúrio de indagação dos pracinhas em formatura. Era uma vergonha!

De nossa subunidade, com perto de 150 homens, nossa linha de fogo era formada por 4 sargentos e 8 cabos.

Ninguém foi promovido!... NINGUÉM! . . .

Zé-Conselheiro expressou, com a cara mais cínica do mundo:

— Naturalmente, das condecorações e promoções, não podemos deixar de chegar a uma triste conclusão: NOSSA BATERIA POSSUÍA UMA LINHA DE TIRO COMPOSTA SOMENTE DE CANALHAS, COVARDES E PULHAS!...

— É isso mesmo, Dom Conselheiro! Ninguém foi promovido! Ninguém!... (E uma lágrima rolou pela face do cabo)... Somos um bando de covardes, comandados por sargentos incapazes!

Tempos depois, no Brasil, Zé-Conselheiro comentava:

— Foi assim, de cabeça baixa, humilhados, que sua turma de cabos embarcou para o Brasil... arrasados naquela infame formatura de Francolise. Uma turma que "LUTOU COMO CABO"... que "DEU BAIXA COMO CABO"... foi para a "RESERVA COMO CABO"...

— A reserva dos envergonhados!... (Completei).

Reserva dos Heróis de Barro! De barro imundo! De barro covarde!

***

A segunda maldição de Francolise, a mais forte! A mais incrível! Porque é de ordem humana!

Foi assim:

Acamparam a soldadesca numa zona despovoada, esquecendo que ainda éramos homens, tínhamos sexo e estávamos em plena força da mocidade!

Um robô fardado, sufoca seus instintos, até um limite permitido pela natureza ou limitado pelas circunstâncias do próprio front.

Esqueceram essas regras comezinhas, os responsáveis pela nossa tropa?... Ou fingiram que não sabiam?

Esqueceram ou fingiram que não viram as necessidades de uma mocidade que passara meses e meses sem carinho, sem afeto... atolados no barro, lambuzados no corpo e na lama?

Esqueceram ou fingiram que não conheciam a força que arrasta a mocidade latino-americana?

Desse esquecimento, desse fingimento, desse descaso, dessa indiferença, o pracinha foi transformado de guerreiro para vítima!... E transformou Francolise, o lugarejo pacato, num caldeirão do inferno!

Milhares de homens, de todos os matizes, extravasando desejos sufocados no front: sem princípios; outros, tarados-latentes; a maioria, talvez, neuróticos que a guerra fabricava em série e os soltara, sem os devidos cuidados, pelas vizinhanças de Nápoles... em busca do bicho MULHER!

Mulher!... Mulher!... Mulher!...

Estavam saturados do cheiro de Homem! Saturadíssimos!

"Basta de homem!"... gritavam.

Quais seriam as consequências?

Os mais estúpidos dos homens responderia!

Lógico que, onde não há o "BICHO-DE-SAIA"... e o "BICHO-HOMEM" predomina assustadoramente, a tara acaba dominando!

Que neguem, os que possam!

Os presídios que os digam!

Foi assim, num presídio maldito, a maldição de Francolise!

Transformaram Francolise numa pira que caldeou os Heróis de Barro!... De barro humano!... De barro vil e neurótico!...

***

Uma tarde, cansado de fazer NADA, andei perambulando pelas redondezas. Ao sair de um pequeno bosque de pinheiros, na represa onde costumávamos nadar, um panorama deslumbrou-me: era um trigal, que balançava seus cachos loiros, na aragem aquecida por um sol que torrava.

Passando a vista pelo trigal, notei uma fila de soldados, serpenteando pelo tapete loiro, qual uma gigantesca sucuri.

Zé-Conselheiro, sempre ao meu lado, soltou umas pragas e comentou, com azedume, mostrando a cobra-humana:

— Cabo... parece uma sucuri... (Apertou os lábios e esguichou pelos dentes, uma saraivada de cuspe que borrifou pelo ar mormacento e tostado de sol africano)... Lembra-se da sucuri no nosso embarque? Será que nem nos trigais dourados ela não nos deixa?... Ah! Cobra miserável! Embarcou, no Brasil, com a gente... Vai ver que ela também vai dar baixa com os pracinhas...

— Lembro-me dela, Conselheiro! Essa infeliz sempre nos persegue... (E deixei escapar um suspiro de saudade),

— Vamos ver que fila é aquela?... (Puxou-me pelo braço e falou galhofeiro)... Quem sabe, os americanos estão "pagando" relógio de pulso para os pracinhas?

Sem muita vontade, acompanhei o velho camarada, em busca de cabeça da sucuri-gigante.

Andamos para mais de um quilômetro.

— O negócio, seu Pantaneiro... deve ser mulher... (E Conselheiro mostrou alguns soldados com a calça de braguilhas abertas)... Veja! Os praças já estão com o "MASTRO" em forma... (E deu uma cusparada, com cara de nojo).

Eu não respondi nada. Uma saliva ressequida queimava minha garganta. O sol abrasador com um ventinho mais quente que as caldeiras de Pedro Botelho, sapecava tudo: natureza e soldado!

— Chiiii... Dom Cabo! Tem gente gozando na Maricota... Quá seu Pascuá! Soldado é mesmo enteado do demo!... enquanto espera a sua vez, sassarica pra não perder tempo... Ah! raça desgraçada...

Por nós, passou um *giovanato* do lugar, requebrando-se todo em dengos, convidando, com gestos obscenos, a soldadesca "preparada".

— Esta praga é um *FINOCCHIO* e dos legítimos... (Resmunguei).

— E já pegou um praceba. Eita! Gente nojenta!... Quá, seu Pascuá! Eu morria virgem... Barbado? Só camarão!...

E nova cusparada, com cara de nojo, foi arremessada pelo velho professor, acompanhada de pragas.

Quando chegamos no fim da fila, o mistério foi desvendado com brutalidade indescritível.

Emoldurado pelo trigal em flor, eu assistira, horrorizado, o mais nojento quadro que a boçalidade humana poderia criar:

Um pracinha mal-encarado, de físico atarracado e musculoso às pampas, controlava a fila selvagem... que se saciava numa menina de 13 anos.

O pracinha, um monstro suarento, sem camisa, ia recolhendo a féria do dia.

Ao lado da barraquinha de lona, uma tabuleta de papelão anunciava o preço: 500 Liras.

Mais embaixo, noutro papelão, numa garatuja de semianalfabeto exigia-se: "FAIS LIJERU"...

Aproximei-me do prostíbulo improvisado.

Só então é que pude ver que a tenda, escondida quase por completo pelo viçoso trigal, era constituída apenas de uma lona de barraca. Na frente, a tenda era sustentada por estaca de cada lado. Atrás, a lona era estaqueada no chão.

Estava estrategicamente escondida pelo maravilhoso trigal...

A barraca, pequenina, era apenas um para sol improvisado, abrigando a infeliz criatura contra a canícula napolitana.

Senti umas cutucadas nas costelas. Era o velho conselheiro, estatelado na cena degradante. Balbuciou qualquer coisa e mostrou uma infeliz criatura, gaguejando:

— Veja, Cabo!... É uma menina...

Horrorizado, eu vi, no chão forrado com palha de trigo, uma pequerrucha nua... de pernas abertas, quase desfalecida.

O sol causticante do dia, projetou nossa sombra na tenda diminuta. Coleando sinuosamente, a sombra foi subindo pelo corpinho nu, como se fosse uma cobra invadindo os domínios da luxúria dos animais fardados.

A menina levantou os olhos mortiços, encarando-nos com um olhar de animal ferido pedindo socorro.

Numa inspeção bárbara, corri os olhos em cima do corpo recém-desabrochado para a vida.

Oh! Maldição dos tempos!...

Entre suas coxas bem torneadas, escorria um líquido viscoso, num espaçamento dos pelos ralos de sua púbis de menina-moça. Espermas lambuzavam tudo, indo confundir-se no sangue de seus órgãos genitais dilacerados pelos monstros fardados.

O velho professor deixou escapar uma exclamação:

— Nossa!... Que barbaridade!...

Eu não respondi. Não poderia responder. Estava hipnotizado pela cena, dominado pelo sadismo que dormitava no íntimo libidinoso.

Com olhar sádico, comecei a percorrer o corpo da menina exangue, aproveitando a pausa do "comércio".

Seu "proprietário" fizera um pequeno alto, para comer um sanduíche. De boca cheia, discutia com um pracinha:

— Oxente!... Não aceito liras italiana, não!... (E o desgraçado espirrava perdigotos na cara do colega)... Só aceito lira aliada...

E a minha inspeção de sadismo mórbido continuava:

O ventre da menina estava entumecido, de coloração arroxeada, todo lambuzado de sangue em nojentas pinceladas de espermas...

Zé-Conselheiro inclinou-se um pouco e sussurrou no meu ouvido:

— Cabo, que barbaridade!... Isso é crime... Nossa!

Engoli em seco. A saliva lixou os gorgomilos que queimavam na avidez da cena mórbida. Lá em cima, o sol queimava o tapete dourado, como se procurasse vingar o trigal ondulante.

Dominado pelo sadismo, continuei na inspeção, sem dar maior atenção ao velho camarada. Meus olhos, ávidos de luxúria, chocou-se nos contornos maravilhosos de seus seios diminutos... dois pequeninos pombos, salpicados de sangue e lambuzados de gosmas espermáticas da soldadesca desvairada.

E o bom professor continuava nas exclamações:

— Meu Deus! Quanta barbaridade!...

Sem camisa, meu corpo torrava nos raios do sol ardente. Uma aragem aquecida percorria o trigal que ondulava em revoltas e gemidos. Do chão, um bafo quente e úmido completava a temperatura do inferno.

Francolise, a maldição humana, debatia-se contra os elementos e os homens!

Era a guerra!

A guerra dos homens, dos elementos e dos instintos!

O cabo fez um movimento de repulsa. Quis abandonar o lugar mas uma força superior o reteve.

A desgraçada menina o fascinava.

O infeliz pantaneiro era atraído pelo olhar suplicante de animal ferido, acuado e sem defesa.

Os olhos da menina procuravam, ansiosamente, os olhos do cabo como se se agarrasse na última esperança de salvação.

O cabo quis desviar a vista daqueles olhos suplicantes, mas foi infeliz. Viu, nas axilas de penugem aloirada, gosmas de espermas escorrendo pelo braço abandonado e inerme.

A menina brutalizada arfava num ritmo cadenciado de vida esmaecida que não luta mais pela existência.

E a mocidade de minha terra, que a maldita guerra transforma-

ra em monstros fardados, continuava na fila interminável, massacrada pelo sol causticante, aguardando a sua vez de gozar, com preço especial, nos pequeninos seios da jovem desgraçada.

O ar era pestilento.

O ar, a terra, o trigal, o dia, os soldados... a humanidade!

Tudo, naquele momento, era pestilento!

E Zé-Conselheiro repetiu a sua famosa expressão:

— Deus está morto!... (Balançou a cabeça, com desilusão)... Nós matamos o Pai dos Céus...

Engoli em seco.

O sol causticante, batendo em cheio sobre a lona da tenda diminuta, fazia exalar um odor acre lá dentro daquele forno imundo e asqueroso.

Era um bafo pestilento de sangue e espermas...

Senti a cabeça rodopiar. O estômago revoltou-se.

A garotinha era bonita. Linda!

Nem o sadismo bárbaro da macacada que a beijava e a mordiscara no rosto corado, conseguira desfigurá-la.

A beleza juvenil fora mais forte, suportando tanta canalhice da tropa bestializada.

A *giovanata* era bonita!.

De seus lábios carnudos, entreabertos, escorriam filetes de sangue... sangravam nas marcas das dentadas selvagens.

O brutamontes atarracado terminara o sanduíche.

Mastigando os últimos restos do pequeno almoço. Esparramando migalhas para todos os lados, gritou:

— Vamos, macacada!... (E fazia gestos obscenos, mostrando como se fazia para manter o membro retesado, para não demorar no coito selvagem)... Vamos, e não demorem...

Um soldado foi chegando, já com o membro para fora (exigência do cafetão) e se jogou em cima da menina semidesfalecida.

Ela era um infeliz cabo-terra que a vida jogara no caminho dos Heróis de Barro, que a nossa mocidade descarregasse sua carga virulenta, antes de voltar para a pátria engalanada.

E o pracinha fuçava na menina indefesa, num ritmo sôfrego, acompanhado de fungadelas, uivinhos... numa miscelânea de babas, mordidelas e gemidos da infeliz.

O ato era praticado na frente de todos.

Era uma cena indescritível.

Não havia tempo a perder. O sol era muito quente e a fila muito grande. O brutamontes das caatingas exigia rapidez no ato:

— Vamos, ligeiro!... Oxente! Tem muito batráquio esperando...

Virei para trás, acompanhando o indicador do cafetão fardado. Assombrado, corri os olhos na fila descomunal que serpenteava no trigal dourado... cada vez aumentado mais!

O brutamontes pegou um outro papelão que estava no chão e o colocou embaixo do primeiro. Nas garatujas de analfabeto, o aviso dizia: "MARICOTA 200 LIRA".

Um pracinha aproximou-se, deu o dinheiro e deu início à cena degradante.

Com a cara de canalha e olhares lúbricos, aproveitava a cena do colega resfolegando em cima da menina e ia saciando-se nos movimentos rápidos da fricção ignóbil.

O desgraçado neurótico gozava, na fila, para "não perder tempo", como ia dizendo, com a cara mais boçal que um tarado podia pintar.

Num repelão, puxei Zé-Conselheiro pelo braço e saí, vomitando em busca de ar, fugindo da cena que eu não fora capaz de suportar. Ainda pude ouvir do velho camarada que praguejava:

— Se me contassem, eu não acreditaria...

E sumimos no trigal dourado, em busca do acampamento.

Assim, chafurdavam no sangue de meninas que foram virgens, os famosos Heróis que a pátria lançara no lodo da vida.

Heróis de Barro!

... De barro imundo! De barro podre! De barro infame!

Heróis de Barro!

O pior dos barros: DE BARRO HUMANO!

FIM[50]

[50] Após esta palavra tem a seguinte anotação no original: "Vide -> verso" e "DEPENDE ->". No verso da folha tem o poema "Nhô-Branco". Tudo indica que o autor tinha dúvidas se o poema entraria na versão final para publicação [N/O].

Vide -> verso
DEPENDE ->

Nhô-Branco, se não existisse:
mãos armadas e bem poderosas
mãos bandidas e bem cancerosas
Numa guerra que é genocida
Numa guerra que é fratricida!....
Nhô-Branco, se não se pudesse:
encontrar, aqui, por ventura
encontrar, ali, n'amargura
Uma raça infeliz no domínio
Uma raça infeliz sem carinho!...

Nhô-Branco, se não existisse:
muitas mãos, esqueléticas, estendidas
muitas mãos proféticas, sucumbidas
Nem crianças roubando sem remissão
Nem crianças tombando, sem oração!...
Nhô-Branco, se não se andasse:
suplicando migalhas da vida
suplicando migalhas, comida
Anjinhos que mãe-preta criou
Anjinhos que a guerra matou!...

Nhô-Branco, se não existisse:
sombras de guerra... que no homem rebuça
sombras de guerra... que na jovem soluça
E rastejam, coitadas sem direção
E rastejam, imundas sem remissão!...
Nhô-Branco, se não se rogasse:
aos céus, tremendo: "POR PIEDADE:"
aos céus, gemendo: "POR CARIDADE!"
Implorando, pedindo com mansidão
Implorando famintos, migalhas de pão...

Nhô-Branco, se não existisse:
soldados de instintos canalhas
soldados que abraçam mortalhas

Saciando faminto reflexo
Saciando a fome do sexo!...
Nhô-Branco, se não se adorasse:
soldados bandidos, crianças matando
soldados bandidos, mocinhas violando
São bestas criadas na terra
São bestas fardadas para guerra!...

Nhô-Branco, se só existisse:
bombarda, canhão e metralha
O mundo seria uma mortalha!...
Nhô-Branco, se não existisse:
general, capitão e tenente
O mundo seria, risonho pra gente!...
Nhô-Branco, se não existisse:
soldado treinado pra guerra
O mundo seria, o éden na terra!...
Nhô-Branco, se só existisse:
soldado, pracinha exaltado
O mundo seria, um globo fardado!...

AVULSOS[51]

Primeiro manuscrito avulso

No verso de um "telex" [feito de rascunho] que tem como destinatário o "Jornal do Tempo" e como remetente a "Secretaria de Comunicação/MS", há notas da Secretaria sob títulos "SAÚDE ANTECIPA VACINAÇÃO ANTI-PÓLIO" e "SISTEMA ATINGIRÁ TODO O ESTADO".

O manuscrito:

"Zé Cons., na filosofia de seus devaneios, discutia c/ os seus botões:

— É impossível narrar as emoções do pracebas, c/ fidelidade. E sem patriotadas verde-amarelas. Estamos rastejando no lodo da imundície humana, regado nos choros, fritos, medos, pavor, soluços, devaneios amalucados... preparados no barro dos bombardeios de combate no front. A cabeça do infeliz pracinha fica desmantelada, tanto pelo urro apavorante dos canhões, quanto no gargalhar satânico da terrível metralhadora "lurdinha". O cérebro perde o controle e o raciocínio se

[51] Cinco Folhas manuscritas e datilografadas encontradas no acervo, separadas do bloco de folhas datilografadas e dos jornais em que foram publicados os capítulos iniciais. Essas folhas avulsas têm a ver com as memórias e ajudam a entender as motivações da escrita do "diário".

esvai... Quando o inferno faz uma pausa, o pracebas grava, no subconsciente abalado, os gritos de dor, o gargalhar da metralha, o rugir do canhão, o choro abafado do medo... E a casca muito fina do verniz da civilização, se desfaz, revivendo o brucutu da caverna, castrado na lei da sobrevivência. E o monstro sente ânsias de matar (PARA SOBREVIVER?). O pracinha perde tudo que aprendeu como cidadão. Fica nu de sentimentos humanos.

O maldito FRONT é um laboratório de "heróis", de covardes, de piratas, de loucos, de passivos... caldeando humanoides com medalhas, nada mais que ASSASSINOS OFICIALIZADOS.

E o pracebas, desesperado, era um tresloucado, lutando p/ sobreviver, num esgar de ânsias afogadas, sacudindo até os alicerces dos séculos de falsa cultura, no ciclo indescritível de vida e morte!"

Segundo manuscrito avulso

Em pedaços de folhas rascunho, coladas, formando uma tira. No verso de um dos pedaços de formulário de comunicação oficial do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, tem-se o relato da visita do governador [provavelmente Pedro Pedrossian] à região do Estado [possivelmente região de Aquidauana].

O manuscrito [Folha numerada como 1, o que indica que teria ao menos mais uma]:

"— Na adolescência, eu não compreendia CONFÚCIO. Hoje, com amargura e desiludido, cheguei à triste conclusão: "A GRATIDÃO GERA O ÓDIO"...

— Não! Eu não concordo. Você anda mto. amargo.

— Eu achava essa filosofia sensacional. Mto. bacana, sob medida. Somente o tempo – amargo, como diz você – me deu a compreensão, por tabela, através das pessoas que dependem da gente.

— Não entendi, Conselheiro.

— Êta! Cabinho burro... As pessoas que procuram a gente e sentem aguilhoadas na obrigação de serem gratas, podem nos apunhalar pelas costas, a qualquer momento...

O amargurado filósofo não pode continuar. O velho pantaneiro retrucou:

— Não concordo. Você anda mto. desiludido.

— Cabo, a incômoda posição de dependência (por gratidão) passa a fomentar um rancor interno, um ódio surdo, por normas de reconhecimento e por tudo que você tem que demonstrar gratidão.

— Alas-pinta! Seu Zé...

— É isso aí. Não cuspo na cara de ninguém... (Minha velha sombra deixou escapar um suspiro doído. Chutou uma pedra com raiva e continuou) — Nunca amarrei tochas de fogo em rabo de gatinho e nem esquartejei passarinho vivo... (Novo suspiro, como que recordasse a sua infância distante) — Não carrego a tara de estuprar meninas e nem a vergonha de "currar" velhinhas... (Com raiva, deu uma cuspidela entredentes, borrifando minha cara) — Diabo! Não devo bulhufas a ninguém...".

Terceiro manuscrito avulso

Folha [rascunho] A-4 cortada ao meio. No verso, formulário de comunicação oficial do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, sobre manifestações universitárias [não explicita de que universidade] pelas "diretas já", na recepção aos calouros, com concentração na "Praça da Bandeira" [o que indica ser um relato referente a cidade de Três Lagoas].

O manuscrito:

"Ainda podíamos encontrar restos de religião no cordão encardido pendurado no pescoço taurino de [N/L] gaúcho, tilintando na briga do bate-bate dos santos, das medalhinhas encardidas de alumínio vagabundo. Ele tinha sido católico"..."

Folha avulsa datilografada

Colado em uma folha A-4, formulário oficial da Coordenadoria Geral de Comunicação Social do Governo do Mato Grosso do Sul. Neste rascunho, a comunicação do governo diz do aumento da oferta de energia elétrica em Campo Grande com a instalação de mais um gerador.

O texto datilografado parece ser um poema de Coryna Ferreira Rebuá dedicado ao sobrinho soldado. Coryna Rebuá era poetisa no Rio de Janeiro e teve obras publicadas na primeira metade do século XX:

"Coryna Rebuá

Cabo Rebuá
Hoje o teu coração é bipartido,
Porque duas mães soluçam no teu peito:
Uma – é o ventre onde foste concebido;
outra – é a Pátria a exigir-te um nobre feito.

Ambas te amparam desde que és nascido
E sempre em seu regaço houveste um leito;
Qualquer uma das duas tem sofrido
Ante o destino a que te vês sujeito.

Enxuga-lhe o pranto da incerteza;
Dize-lhes tu que hás de vencer a morte
E do inimigo nunca serás presa.

Combate com denodo – sê guerreiro!
Empresta ao corpo forte uma alma forte,
Para orgulho do sangue brasileiro.

Rio, 15.1.45".

Este livro foi editorado com as fontes Crimson Text e Montserrat.
Publicado on-line em: https://repositorio.ufms.br

ISBN 978-65-89995-21-0

editora UFMS